O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Allan Kardec

TRADUÇÃO: **Ery Lopes**

LUZ ESPÍRITA

O Livro dos Espíritos

Allan Kardec (1804-1869)

Título da obra original em francês:
Le Livre des Esprits

Originalmente publicada em 18 de abril, 1857
Paris, França

Tradução: Ery Lopes
Com base na 10ª edição francesa, 1863 – E-book

Revisão e colaboração:
José Nunes P. Sobrinho
Luciana Farias

Versão digital: 4.7
Atualizado em 8 de junho, 2025
São Paulo, Brasil

Não nos importamos com os direitos autorais.
Esta tradução pode ser copiada e reproduzida, impressa e até comercializada,
sem prévia autorização ou mesmo sem citar a fonte.
Apenas pedimos que seja mantida a fidelidade do texto.

Distribuição gratuita:
Portal Luz Espírita

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Allan Kardec

Tradução:

Ery Lopes

Não nos importamos com os direitos autorais.
Esta tradução pode ser copiada e reproduzida, impressa e até comercializada,
sem prévia autorização ou mesmo sem citar a fonte.
Apenas pedimos que seja mantida a fidelidade do texto.

Nota do tradutor

A necessidade de estudar constantemente a obra de Allan Kardec, para aprender e fortalecer nossos aprendizados doutrinários espíritas — o que, aliás, constitui uma satisfação para nós — serviu de ensejo para cuidarmos desta tradução, que também é motivada pelo desejo de ofertarmos mais uma opção aos nossos confrades e demais estudiosos do Espiritismo, especialmente aqueles que não disponham da fluência na leitura em francês, cumprindo assim o papel essencial do tradutor, qual seja o de ser um facilitador.

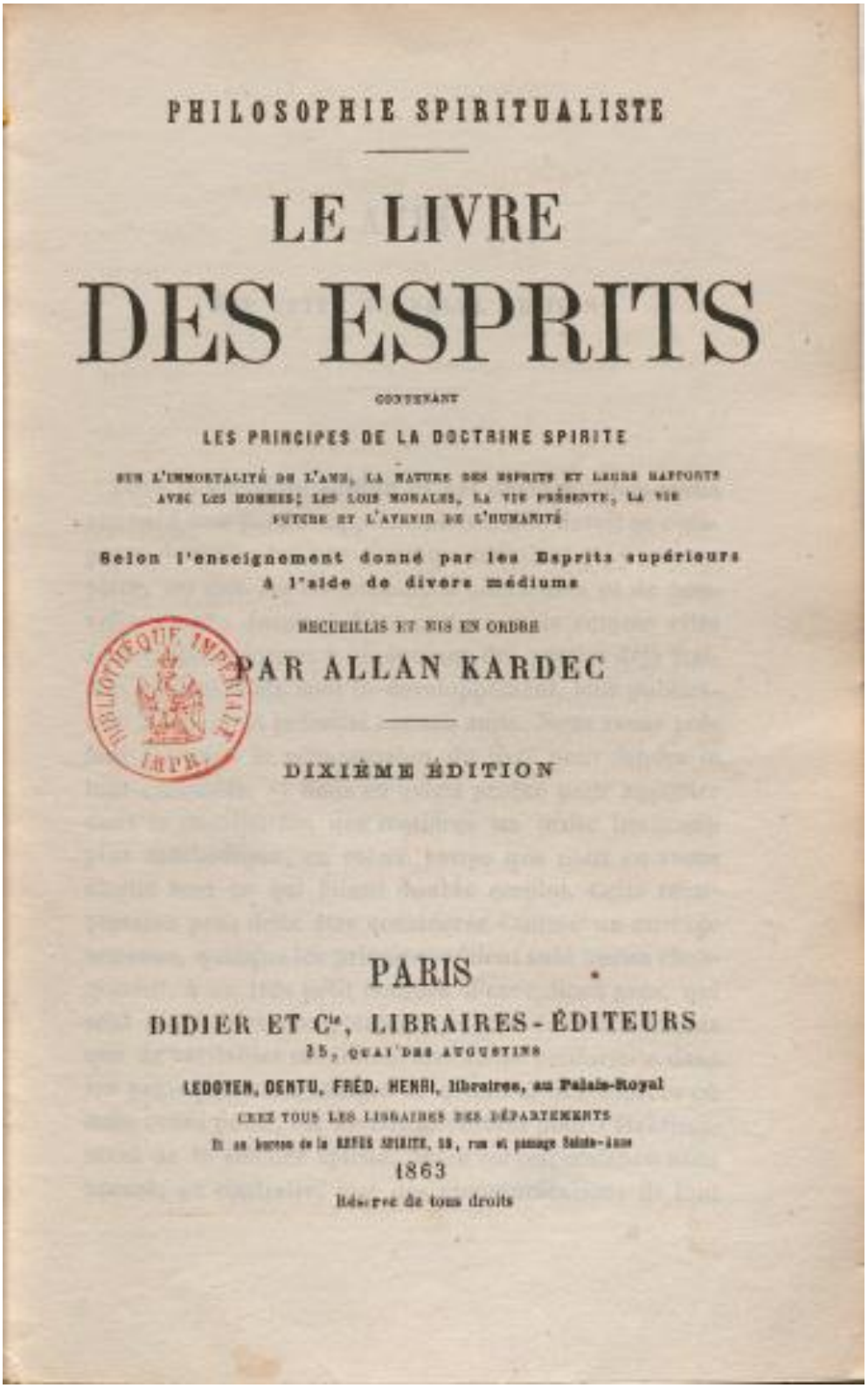
Não se ignora a dificuldade natural no trabalho de verter para outro idioma qualquer uma obra de fôlego, tal como esta; acrescente-se aí a gravidade das implicações de uma tradução de ***O Livro dos Espíritos***, posto que se trata de um livro que contém fundamentos de uma doutrina de cunho científico, filosófico e religioso, doutrina essa tão complexa quanto importante para toda a humanidade. Em face disso, não ousaríamos propor uma tradução perfeita, mas tratamos tanto quanto nos é possível de buscar a máxima fidelidade da mensagem iluminadora e consoladora contida nesta obra monumental.

A revisão desta tradução é contínua, portanto, correções e sugestões de melhorias são bem-vindas. Por conseguinte, solicitamos que o leitor consulte periodicamente a existência de uma edição mais atualizada.

É então ciente desta responsabilidade que este trabalho vem para contribuir com a propagação desta doutrina que abraçamos com amor.

Ery Lopes

Observação: as notas de rodapé de autoria do tradutor estão sinalizadas no final com a inscrição “N. T.”; as demais, sem sinalização, correspondem à tradução das notas de Allan Kardec contidas na obra original.



PHILOSOPHIE SPIRITUALISTE

LE LIVRE DES ESPRITS

CONTENANT

LES PRINCIPES DE LA DOCTRINE SPIRITE

SUR L'IMMORTALITÉ DE L'AME, LA NATURE DES ESPRITS ET LEURS RAPPORTS AVEC LES HOMMES; LES LOIS MORALES, LA VIE PRÉSENTE, LA VIE FUTURE ET L'AVENIR DE L'HUMANITÉ

Selon l'enseignement donné par les Esprits supérieurs à l'aide de divers médiums

RECUEILLIS ET MIS EN ORDRE

PAR ALLAN KARDEC

BIBLIOTHÈQUE IMPÉRIALE IMPR.

DIXIÈME ÉDITION

PARIS

DIDIER ET Cie, LIBRAIRES-ÉDITEURS

35, QUAI DES AUGUSTINS

LEDOYEN, DENTU, FRÉD. HENRI, libraires, au Palais-Royal

CHEZ TOUS LES LIBRAIRES DES DÉPARTEMENTS

Et au bureau de la REVUE SPIRITE, 59, rue et passage Sainte-Anne

1863

Réserve de tous droits

Folha de rosto da 10ª edição francesa, obra-base desta tradução
E-book disponível no portal Gallica

Allan Kardec
(1804-1869)

FILOSOFIA ESPIRITUALISTA

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

CONTENDO

OS PRINCÍPIOS DA DOUTRINA ESPÍRITA

SOBRE A IMORTALIDADE DA ALMA, A NATUREZA DOS ESPÍRITOS E SUAS RELAÇÕES COM OS HOMENS; AS LEIS MORAIS, A VIDA PRESENTE, A VIDA FUTURA E O FUTURO DA HUMANIDADE

Segundo o ensinamento dado pelos Espíritos superiores
com o auxílio de diversos médiuns

RECOLHIDOS E ORDENADOS

POR **ALLAN KARDEC**

DÉCIMA EDIÇÃO

PARIS, 1863

Sumário

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA DOUTRINA ESPÍRITA – pág. 15

PROLEGÔMENOS – pág. 54

LIVRO PRIMEIRO
CAUSAS PRIMÁRIAS

I - DEUS – pág. 59
- Deus e o Infinito
- Provas da existência de Deus
- Atributos da Divindade
- Panteísmo

II – ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO – pág. 65
- Conhecimento do princípio das coisas
- Espírito e matéria
- Propriedades da matéria
- Espaço universal

III – CRIAÇÃO – pág. 72
- Formação dos mundos
- Formação dos seres vivos
- Povoamento da Terra – Adão
- Diversidade das raças humanas
- Pluralidade dos mundos
- Considerações e concordâncias bíblicas referentes à criação

IV – PRINCÍPIO VITAL – pág. 82
- Seres orgânicos e inorgânicos
- A vida e a morte
- Inteligência e instinto

LIVRO SEGUNDO

MUNDO ESPÍRITA OU MUNDO DOS ESPÍRITOS

I - OS ESPÍRITOS – pág. 89
Origem e natureza dos Espíritos
Mundo normal primitivo
Forma e ubiquidade dos Espíritos
Perispírito
Diferentes ordens de Espíritos
Escala espírita
Progressão dos Espíritos
Anjos e demônios

II – ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS – pág. 110
Objetivo da encarnação
Da alma
Materialismo

III – RETORNO DA VIDA CORPORAL À VIDA ESPIRITUAL – pág. 119
A alma após a morte; sua individualidade – Vida eterna
Separação da alma e do corpo
Perturbação espiritual

IV – PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS – pág. 127
A reencarnação
Justiça da reencarnação
Encarnação nos diferentes mundos
Transmigrações progressivas
Destino das crianças após a morte
Sexo nos Espíritos
Parentesco, filiação
Semelhanças físicas e morais
Ideias inatas

V – CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS – pág. 147

VI – VIDA ESPÍRITA – pág. 157
Espíritos errantes
Mundos transitórios
Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos
Ensaio teórico sobre a sensação nos Espíritos
Escolha das provas
Relacionamentos no além-túmulo
Relações simpáticas e antipáticas entre os Espíritos – Metades eternas
Recordação da existência corpórea
Comemoração dos mortos – Funerais

VII – RETORNO À VIDA CORPORAL – pág. 194
Prelúdio do retorno
União da alma e do corpo
Faculdades morais e intelectuais
Influência do organismo
Deficiência mental, loucura
A infância
Simpatia e antipatia terrenas
Esquecimento do passado

VIII – EMANCIPAÇÃO DA ALMA – pág. 218
O sono e os sonhos
Visitas espíritas entre pessoas vivas
Transmissão oculta do pensamento
Letargia, catalepsia. Mortes aparentes
Sonambulismo
Êxtase
Segunda vista
Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da segunda vista

IX - INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL – pág. 241
Penetração de nosso pensamento pelos Espíritos
Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e ações
Possessos
Convulsionários
Afeição dos Espíritos por certas pessoas
Anjos guardiões – Espíritos protetores, familiares ou simpáticos
Pressentimentos
Influência dos Espíritos sobre os acontecimentos da vida

Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da natureza
Os Espíritos durante os combates
Pactos
Poder oculto – Talismãs – Feiticeiros
Bênçãos e maldições

X - OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS – pág. 275

XI - OS TRÊS REINOS – pág. 284
Os minerais e as plantas
Os animais e o homem
Metempsicose

LIVRO TERCEIRO

LEIS MORAIS

I – LEI DIVINA OU NATURAL – pág. 298
Características da lei natural
Fonte e conhecimento da lei natural
O bem e o mal
Divisão da lei natural

II – LEI DE ADORAÇÃO – pág. 308
Objetivo da adoração
Adoração exterior
Vida contemplativa
A prece
Politeísmo
Sacrifícios

III - LEI DO TRABALHO – pág. 319
Necessidade do trabalho
Limite do trabalho – Repouso

IV - LEI DE REPRODUÇÃO – pág. 323
População do Globo
Sucessão e aperfeiçoamento das raças
Obstáculos à reprodução
Casamento e celibato
Poligamia

V - LEI DE CONSERVAÇÃO – pág. 328
Instinto de conservação
Meios de conservação
Gozo dos bens terrestres
O necessário e o supérfluo
Privações voluntárias – Mortificações

VI - LEI DE DESTRUIÇÃO – pág. 336
Destruição necessária e destruição abusiva
Flagelos destruidores
Guerras
Assassinato
Crueldade
Duelo
Pena de morte

VII - LEI DE SOCIEDADE – pág. 347
Necessidade da vida social
Vida de insulamento – Voto de silêncio
Laços de família

VIII - LEI DO PROGRESSO – pág. 350
Estado de natureza
Marcha do progresso
Povos degenerados
Civilização
Progresso da legislação humana
Influência do Espiritismo sobre o progresso

IX - LEI DE IGUALDADE – pág. 362
Igualdade natural
Desigualdade das aptidões
Desigualdades sociais
Desigualdade das riquezas
Provas da riqueza e da miséria
Igualdade dos direitos do homem e da mulher
Igualdade perante o túmulo

X - LEI DE LIBERDADE – pág. 370
Liberdade natural
Escravidão
Liberdade de pensamento
Liberdade de consciência
Livre-arbítrio
Fatalidade
Conhecimento do futuro
Resumo teórico da motivação das ações humanas

XI - LEI DE JUSTIÇA, DE AMOR E DE CARIDADE – pág. 388
Justiça e direitos naturais
Direito de propriedade – Roubo
Caridade e amor ao próximo
Amor materno e filial

XII - PERFEIÇÃO MORAL – pág. 396
As virtudes e os vícios
Paixões
O egoísmo
Características do homem de bem
Conhecimento de si mesmo

LIVRO QUARTO

ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

I - SOFRIMENTOS E PRAZERES TERRENOS – pág. 411
Felicidade e infelicidade relativas
Perda de pessoas amadas

Decepções – Ingratidão – Afeições rompidas
Uniões antipáticas
Temor da morte
Desgosto da vida – Suicídio

II - SOFRIMENTOS E PRAZERES FUTUROS – pág. 428
O Nada – A vida futura
Intuição das penas e recompensas futuras
Intervenção de Deus nas penas e recompensas
Natureza dos sofrimentos e prazeres futuros
Sofrimentos temporários
Expiação e arrependimento
Duração das penas futuras
Ressurreição da carne
Paraíso, inferno e purgatório

CONCLUSÃO – pág. 458

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA DOUTRINA ESPÍRITA

I

Para coisas novas é preciso palavras novas, como a clareza da linguagem assim o exige, para evitar a confusão inseparável dos múltiplos significados dos mesmos termos. As palavras: ***espiritual, espiritualista*** e ***espiritualismo*** têm uma acepção bem definida; dar a eles uma nova significação para aplicá-los à doutrina dos Espíritos seria multiplicar os casos já tão numerosos de anfibologia[1]. De fato, o espiritualismo é o oposto do materialismo; quem acredita haver em si alguma coisa além da matéria é espiritualista; mas isso não quer dizer que ele creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em lugar das palavras ESPIRITUAL e ESPIRITUALISMO, nós usamos, para designar esta crença, os termos ***espírita*** e ***espiritismo***, cuja forma lembra a origem e o sentido da raiz da palavra, e que por isso mesmo tem a vantagem de serem perfeitamente compreensíveis, reservando ao vocábulo ***espiritualismo*** a significação que lhe é própria. Diremos, pois, que a doutrina ***espírita*** ou o ***espiritismo*** tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos, ou seres do mundo invisível. Os adeptos do espiritismo serão ***os espíritas***, ou, se quiserem, ***os espiritistas***.

Como especialidade, o ***Livro dos Espíritos*** contém a doutrina ***espírita***; como generalidade, ele se liga à doutrina ***espiritualista*** da qual ele representa uma das fases. Tal é a razão pela qual traz no cabeçalho do seu título as palavras: ***Filosofia espiritualista***.

---

[1] Anfibologia: ambiguidade, duplo sentido das palavras. — Nota do Tradutor (N. T.).

II

Há outra palavra que é igualmente importante entendermos, porque é uma das chaves fundamentais de toda doutrina moral e que é objeto de numerosas controvérsias, por falta de uma acepção bem determinada: é a palavra ***alma***. A divergência de opiniões sobre a natureza da alma vem da aplicação particular que cada um faz dessa palavra. Uma língua perfeita, em que cada ideia tivesse sua representação por um termo próprio, bem evitaria discussões; com um vocábulo para cada coisa, todo o mundo se entenderia.

Segundo uns, a alma é o princípio da vida material orgânica; ela não tem existência própria e cessa com a vida: é o materialismo puro. Neste sentido, e por comparação, eles dizem de um instrumento rachado que não emite mais nenhum som: que não tem alma. De acordo com essa opinião, a alma seria um efeito e não uma causa.

Outros pensam que a alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve uma porção. Segundo estes, haveria para todo o Universo apenas uma única alma que distribui centelhas entre os diversos seres inteligentes durante sua vida; após a morte, cada centelha retorna à fonte comum, onde ela se mistura com o todo, como os riachos e os rios retornam para o mar de onde saíram. Esta opinião difere da anterior em que, nesta hipótese, há algo em nós além da matéria, e que alguma coisa sobrevive após a morte; contudo, é quase como se não restasse nada, pois, não havendo mais individualidade, não teríamos mais consciência de nós mesmos. Dentro desta opinião a alma universal seria Deus e cada ser uma porção da Divindade; esta é uma variedade do ***panteísmo***.

De acordo com outros, finalmente, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte. Sem dúvidas, esta definição é a mais comum, porque, sob um nome ou outro, a ideia de esse ser que sobrevive ao corpo se encontra no estado de crença instintiva, e independe de qualquer ensinamento, entre todos os povos, qualquer que seja o grau de sua civilização. Esta doutrina, segundo a qual a alma é ***a causa e não o efeito***, é a dos ***espiritualistas***.

Sem discutir o mérito dessas opiniões e considerando somente o lado

linguístico da questão, diremos que estas três aplicações do termo ***alma*** constituem três ideias distintas que demandariam um vocábulo diferente para cada uma. Portanto, essa palavra tem um tríplice significado e cada um tem razão em seu ponto de vista na definição que lhe dá; o erro está em a língua possuir uma palavra só para três ideias. Para evitar todo equívoco, seria necessário restringir a acepção do vocábulo ***alma*** a uma daquelas ideias; a escolha é indiferente, a questão toda é se entender, é um caso de convenção. Julgamos mais lógico tomá-lo na sua acepção mais comum; por isso chamamos ALMA ***o ser imaterial e individual que reside em nós e que sobrevive ao corpo***. Mesmo que esse ser não existisse, e não passasse de um produto da imaginação, ainda assim seria preciso um termo para designá-lo.

Na ausência de um vocábulo especial para cada uma das outras duas ideias, nós designamos:

Princípio vital, o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja sua origem, e que é comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. Já que a vida pode existir sem a faculdade de pensar, o princípio vital é uma coisa distinta e independente. A palavra ***vitalidade*** não daria a mesma ideia. Para uns, o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz quando a matéria se encontra em certas circunstâncias; segundo outros — e esta é a ideia mais comum —, ele reside em um fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parcela durante a vida, tal como vemos os corpos inertes absorverem a luz; esse seria então ***o fluido vital*** que, na opinião de alguns, não seria outro que o fluido elétrico animalizado, assim designado pelos nomes de ***fluido magnético***, ***fluido nervoso*** etc.

Seja como for, há um fato que ninguém poderia contestar, pois é um resultado da observação: é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que produz o fenômeno da vida, enquanto essa força exista; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e que ela é independente da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; enfim, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento há uma dotada de um senso moral especial que lhe dá uma incontestável superioridade sobre as

outras: está é a espécie humana.

Concebe-se que, com uma significação múltipla, a alma não exclui nem o materialismo nem o panteísmo. O próprio espiritualista pode bem entender a alma de acordo com uma ou outra das duas primeiras definições, sem prejuízo do ser imaterial distinto ao qual dará então um nome qualquer. Assim, essa palavra não é a representante de uma única opinião: é um proteu[2] que cada qual acomoda ao seu gosto; daí tantas disputas intermináveis.

A confusão seria evitada, mesmo se usássemos a palavra ***alma*** nos três casos, desde que acrescentássemos a ela um qualificativo que especificasse o ponto de vista sob o qual a consideramos, ou a aplicação que fazemos dela. Seria então um termo genérico, representando ao mesmo tempo o princípio da vida material, da inteligência e do senso moral, e que se distinguiriam por um atributo, como os ***gases***, por exemplo, que distinguimos acrescentando-lhes as palavras ***hidrogênio***, ***oxigênio*** ou ***azoto***. Assim, poderíamos dizer, e talvez fosse o melhor, a ***alma vital*** para o princípio da vida material; a ***alma intelectual*** para o princípio da inteligência, e a ***alma espírita*** para o princípio da nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo isto é uma questão de palavras, mas uma questão muito importante para o entendimento. Com isso, a ***alma vital*** seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a ***alma intelectual*** seria própria dos animais e dos homens; e a ***alma espírita*** pertenceria somente ao homem.

Julgamos necessário insistir ainda mais nestas explicações, porque a doutrina espírita fundamenta-se naturalmente sobre a existência em nós de um ser independente da matéria e sobrevivente ao corpo. Como a palavra ***alma*** deve aparecer frequentemente no decorrer desta obra, era importante definir o significado que lhe atribuímos para evitar qualquer mal-entendido.

Vamos agora ao objeto principal desta instrução preliminar.

III

Como toda novidade, a doutrina espírita tem seus adeptos e seus

[2] Alusão ao deus Proteu da mitologia grega, caracterizado pelo dom da metamorfose, pelo qual assume várias formas; representa o indivíduo que muda facilmente de opinião. — N. T.

contraditores. Vamos tentar responder a algumas das objeções destes últimos, examinando o valor dos motivos sobre os quais eles se apoiam, todavia, sem alimentarmos a pretensão de convencer todo mundo, pois há pessoas que creem que a luz foi feita exclusivamente para elas. Vamos nos dirigir aos indivíduos de boa-fé, sem ideias preconcebidas ou mesmo intransigentes, mas sinceramente desejosos de se instruir, e nós lhes demonstraremos que a maior parte das objeções que se opõem à doutrina vem de uma observação incompleta dos fatos e de um julgamento formado com muita ligeireza e precipitação.

Lembremos primeiramente, em poucas palavras, a série progressiva dos fenômenos que deram origem a esta doutrina.

O primeiro fato observado foi o de objetos diversos postos em movimento; eles foram vulgarmente designados pela expressão ***mesas girantes*** ou ***dança das mesas***. Esse fenômeno, que parece ter sido observado primeiramente na América — ou melhor, que se renovou naquele país, pois a história prova que ele remonta à mais alta Antiguidade — se produziu acompanhado de circunstâncias estranhas, tais como barulhos insólitos, pancadas sem causa evidente conhecida. De lá, foi rapidamente propagado na Europa e em outras partes do mundo; ele a princípio suscitou muita incredulidade, porém a multiplicidade das experiências logo impossibilitou de se duvidar da realidade.

Se tal fenômeno tivesse se limitado ao movimento de objetos materiais, poderia ser explicado por uma causa puramente física. Estamos longe de conhecer todos os agentes ocultos da natureza e todas as propriedades daquilo que conhecemos; a eletricidade, por exemplo, diariamente multiplica ao infinito os recursos que ela proporciona ao homem e parece destinada a esclarecer a ciência com uma luz nova. Portanto, não havia nada de impossível em que eletricidade, modificada por certas circunstâncias, ou qualquer outro agente desconhecido, fosse a causa desses movimentos. A reunião de várias pessoas aumentando a potencialidade da ação parecia apoiar essa teoria, pois podia-se considerar esse conjunto como uma pilha múltipla cuja potência seja proporcional ao número dos elementos.

O movimento circular não tinha nada de extraordinário: faz parte da

natureza; todos os astros se movem circularmente; poderíamos ter então, em pequena escala, um reflexo do movimento geral do Universo, ou, melhor dizendo, uma causa até então desconhecida poderia produzir acidentalmente, com pequenos objetos e em determinadas condições, uma corrente semelhante àquela que move os mundos.

Ocorre que o movimento nem sempre era circular; muitas vezes era brusco e desordenado, sendo o objeto violentamente sacudido, derrubado, levado numa direção qualquer e, contrariamente a todas as leis da estática, levantado do chão e mantido no espaço. Ainda aqui nada havia que não pudesse ser explicado pela força de um agente físico invisível. Não vemos a eletricidade derrubar edifícios, arrancar árvores, atirar longe os mais pesados corpos, atraí-los ou repulsá-los?

Os ruídos estranhos, as batidas — supondo que não fossem um dos efeitos comuns da dilatação da madeira ou de qualquer outra causa acidental — podiam muito bem ser produzidos pela acumulação de um fluido oculto: a eletricidade não produz ruídos dos mais violentos?

Até aí, como se vê, tudo pode estar dentro dos fatos puramente físicos e fisiológicos. Sem sair desse campo de ideias, já havia ali assunto para estudos sérios e dignos de prender a atenção dos sábios. Por que não aconteceu assim? É penoso dizê-lo, mas o fato decorre de causas que provam, entre mil fatos semelhantes, a leviandade do espírito humano. Talvez, de início, isso tem a ver com a vulgaridade do objeto principal que serviu de base às primeiras experiências. Que influência muitas vezes uma palavra teve sobre as coisas mais graves! Sem considerar que o movimento podia ser aplicado a um objeto qualquer, a ideia das mesas prevaleceu, sem dúvida porque foi o objeto mais conveniente, e porque as pessoas se sentavam muito mais naturalmente em torno de uma mesa do que em torno de qualquer outro móvel. Ora, os homens importantes às vezes são tão infantis que nada teria aí de impossível que certos espíritos de elite tivessem considerado vergonhoso se ocupar com o que se convencionara chamar ***a dança das mesas***. É mesmo provável que se o fenômeno observado por Galvani tivesse sido por homens vulgares e ficasse caracterizado por um nome burlesco, ainda estaria relegado ao lado da varinha mágica. De fato, qual é o sábio que não teria pensado

derrogar em se ocupar com a ***dança das rãs***?[3]

Alguns sábios, entretanto, bastante modestos para admitir que a natureza poderia ainda não lhes ter dito a última palavra, quiseram ver para tranquilizar suas consciências; mas aconteceu que o fenômeno nem sempre correspondia às suas expectativas, e como não era produzido constantemente à vontade deles e segundo o seu modo de experimentação, eles concluíram pela negação; apesar da censura deles, as mesas — já que há mesas — continuam a girar, e podemos dizer como Galileu: ***e no entanto elas se movem!*** [4] Nós diremos mais: que os fatos se multiplicaram tanto que eles desfrutam hoje do direito à cidadania, e não se pensa em mais nada senão encontrar uma explicação racional. Pode-se deduzir algo contra a realidade do fenômeno pelo fato de ele não se produzir de uma maneira sempre idêntica conforme a vontade e as exigências do observador? Os fenômenos de eletricidade e de química não estão subordinados a certas condições? Devemos negá-los pelo fato de eles não se produzem fora dessas condições? É então de se admirar que o fenômeno do movimento dos objetos pelo fluido humano também tenha suas condições de ser e deixe de se produzir quando o observador, colocando-se no seu próprio ponto de vista, pretenda fazê-lo seguir segundo seu capricho, ou o sujeite às leis dos fenômenos conhecidos, sem considerar que para fatos novos pode e deve haver novas leis? Ora, para se conhecer essas leis, é preciso estudar as circunstâncias pelas quais os fatos se produzem, e esse estudo não pode deixar de ser o fruto de uma observação perseverante, atenta e às vezes muito demorada.

Porém, certas pessoas contestam: há frequentemente fraudes evidentes. Em primeiro lugar, perguntaremos se elas estão bem certas de que haja

---

[3] Foi observando o que ele mesmo chamou de "dança das rãs" que o médico e físico italiano Luigi Galvani (1737-1798) desenvolveu o estudo que resultou na descoberta do fluido elétrico conduzido aos músculos através dos nervos, que mais tarde resultaria também na invenção da pilha elétrica por Alessandro Volta. Aqui, Kardec faz um paralelo entre dois eventos aparentemente grotescos e os importantes resultados deles extraídos. — N. T.

[4] Kardec aqui parafraseia o célebre astrônomo italiano Galileu Galilei (1564-1642) que, segundo a tradição, ironizou a sentença condenatória que a Igreja lhe impôs por ele defender a ideia de que a Terra girava em torno do Sol (enquanto o clero pregava que o centro do Universo era a Terra, em torno da qual tudo o mais girava); apesar da sentença eclesiástica, Galileu teria dito: "E no entanto ela (a Terra) gira!" — N. T.

fraudes e se não tomaram por falsos os efeitos que elas não podiam explicar, mais ou menos como o camponês que tenha confundido um sábio professor de física fazendo suas experiências por um astuto enganador. Admitindo-se mesmo que algumas vezes haja fraudes, isso seria razão para negarmos o fato? Devemos negar a física por haver ilusionistas que dão a si mesmo o título de físicos? Ao demais, devemos levar em conta o caráter das pessoas e o interesse que possam ter em iludir. Então, seria tudo mera brincadeira? Pode-se muito bem se divertir por algum tempo, mas uma brincadeira prolongada indefinidamente seria tão enfadonha para o mistificador quanto para o mistificado. Além do mais, numa mistificação que se propaga de um canto a outro do mundo e entre as pessoas mais sérias, honradas e esclarecidas, haveria uma coisa pelo menos tão extraordinária quanto o próprio fenômeno.

IV

Se os fenômenos de que estamos tratando ficassem restritos ao movimento dos objetos, eles teriam permanecido — como já afirmamos — no domínio das ciências físicas; contudo, não foi assim que aconteceu: estavam destinados a nos colocar no caminho de fatos de uma estranha ordem. Acreditou-se haver descoberto — não sabemos por qual iniciativa — que a impulsão dada aos objetos não era simplesmente o produto de uma força mecânica cega, mas que havia nesse movimento a intervenção de uma causa inteligente. Uma vez aberto, esse caminho constituía um campo totalmente novo de observações; era o véu sobre muitos mistérios que se levantava. Haverá realmente nesse caso uma força inteligente? Eis a questão. Se essa força existe, qual é ela, qual a sua natureza e a sua origem? Encontra-se ela acima da humanidade? Aqui estão outras questões que decorrem da primeira.

As primeiras manifestações inteligentes ocorreram por meio de mesas que se levantavam e davam com um pé um determinado número de batidas, e desse modo respondendo com ***sim*** ou ***não***, segundo a convenção, a uma pergunta feita. Até aí, nada de convincente para os céticos, pois bem podiam crer que tudo fosse um efeito do acaso. Obteve-se depois respostas mais

desenvolvidas pelas letras do alfabeto: o objeto móvel dava certo número de pancadas correspondendo ao número da ordem de cada letra, chegando assim a formar palavras e frases, respondendo às questões propostas. A exatidão das respostas e a sua correlação com as questões causaram espanto. O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que era ***Espírito*** ou ***gênio***, se deu um nome e forneceu diversas informações a seu respeito. Esta é uma circunstância muito importante a assinalar: ninguém então tinha imaginado ***Espíritos*** como um meio de explicar o fenômeno; foi o próprio fenômeno que revelou a palavra. Com frequência, nas ciências exatas, criam-se hipóteses para se ter uma base de raciocínio, o que não é o caso aqui.

Esse meio de correspondência era demorado e incômodo. O Espírito — e isto ainda é uma circunstância digna de nota — indicou outro. Foi um desses seres invisíveis quem deu o conselho de se adaptar um lápis a uma cesta ou a outro objeto. Essa cesta, colocada em cima de uma folha de papel, é posta em movimento pela mesma potência oculta que faz mover as mesas; mas, em vez de um simples movimento regular, o lápis traça por si mesmo caracteres formando palavras, frases, dissertações inteiras de várias páginas, tratando das mais altas questões de filosofia, de moral, de metafísica, de psicologia etc., e com tanta rapidez como se fosse escrito à mão.

O conselho foi dado simultaneamente na América, na França e em diversos países. Eis os termos nos quais ele foi dado em Paris, no dia 10 de junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da doutrina e que, havia muitos anos, desde 1849, se ocupava com a evocação dos Espíritos: “Vá buscar, no aposento ao lado, a cestinha; amarre um lápis a ela; coloque-a sobre o papel; ponha os dedos sobre a borda.” Então, alguns instantes após, a cesta colocou-se em movimento e o lápis escreveu muito legivelmente esta frase: “O que lhes digo aqui, eu os proíbo expressamente de dizer a quem quer que seja; a primeira vez que escrever, escreverei melhor.”

Como o objeto ao qual se adapta o lápis não passa de um instrumento, sua natureza e sua forma são completamente indiferentes; procurou-se a maneira mais cômoda; é por isso que muita gente faz uso de uma pequena prancheta.

A cesta, ou a prancheta, não pode ser posta em movimento senão sob a

influência de certas pessoas dotadas, para isso, de um poder especial, a quem designamos pelo nome de ***médiuns***, quer dizer um meio, ou intermediários entre os Espíritos e os homens. As condições que dão esse poder resultam de causas ao mesmo tempo físicas e morais — causas ainda não conhecidas perfeitamente, pois há médiuns de todas as idades, de todos os sexos e em todos os graus de desenvolvimento intelectual. Além disso, essa faculdade se desenvolve pelo exercício.

V

Mais tarde se reconheceu que a cesta e a prancheta não formavam realmente mais do que um acessório da mão e o médium, segurando o lápis diretamente, se pôs a escrever por um impulso involuntário e quase febril. Por esse meio as comunicações se tornaram mais rápidas, mais fáceis e mais completas; hoje esse é o modo mais empregado e por isso o número de pessoas dotadas dessa aptidão é muito considerável e se multiplica todos os dias. A experiência enfim deu a conhecer diversas outras variedades na faculdade mediatriz, vindo-se a saber que as comunicações igualmente podiam ocorrer pela palavra, pela audição, pela visão, pelo tato etc., e até pela escrita direta dos Espíritos, isto é, sem a ajuda da mão do médium nem do lápis.

Obtido o fato, restava constatar um ponto essencial: o papel do médium nas respostas e a parte que ele pode ter nelas — seja mecanicamente, seja moralmente. Duas circunstâncias capitais, que não escapariam a um observador atento, podem resolver a questão. A primeira é a maneira pela qual a cesta se move sob a sua influência, apenas pela imposição dos dedos sobre a borda; o exame do fato demonstra a impossibilidade de uma direção qualquer. Essa impossibilidade, sobretudo, torna-se evidente quando duas ou três pessoas colocam juntamente as mãos sobre a mesma cesta; seria preciso entre elas uma concordância de movimento verdadeiramente fenomenal; seria preciso ainda a concordância dos pensamentos para que elas pudessem se entenderem quanto à resposta a dar para a questão formulada. Outro fato,

não menos singular, ainda vem aumentar esta dificuldade: é a mudança radical da grafia conforme o Espírito que se manifesta, e a cada vez que o mesmo Espírito retorna, reproduzindo sua escrita. Então seria necessário que o médium praticasse mudar sua própria escrita de várias maneiras diferentes e principalmente que pudesse se lembrar de qual corresponde a esse ou àquele Espírito.

A segunda circunstância resulta da natureza mesma das respostas que muitas das vezes — especialmente quando se trata de questões abstratas ou científicas — estão notoriamente fora dos conhecimentos e certas vezes fora do alcance intelectual do médium, que, além disso, como normalmente sucede, não tem consciência do que se escreve sob sua influência; que muito frequentemente não entende ou não compreende a questão proposta, pois ela pode ser num idioma que lhe seja estranho, ou até mentalmente, e que a resposta possa ser feita nessa língua. Enfim, acontece muito que a cesta escreva espontaneamente, sem questão prévia, sobre um assunto qualquer e inteiramente improvisado.

Em certos casos, essas respostas têm um toque de sabedoria, de profundidade e de propósito; elas revelam pensamentos tão elevados, tão sublimes, que não podem vir senão de uma inteligência superior, impregnada da mais pura moralidade; de outras vezes, são tão levianas, tão fúteis, e até tão vulgares que a razão se recusa crer que possam proceder da mesma fonte. Tal diversidade de linguagem não pode ser explicada a não ser pela diversidade das inteligências que se manifestam. Essas inteligências estão na humanidade ou fora da humanidade? Eis o ponto a ser esclarecido e cuja explicação completa se encontrará nesta obra tal como foram fornecidas pelos próprios Espíritos.

Aqui estão os efeitos patentes que se produzem fora do círculo habitual de nossas observações, que não se passam misteriosamente, mas à luz do dia, que todo mundo pode ver e comprovar, que não constituem privilégio de um único indivíduo e que milhares de pessoas repetem todos os dias à vontade. Esses efeitos têm necessariamente uma causa, e a partir do momento que mostram a ação de uma inteligência e de uma vontade, eles saem do domínio puramente físico.

Várias teorias têm sido emitidas sobre esse assunto; vamos examiná-las agora e veremos se elas podem dar conta de todos os fatos que se produzem. Por enquanto, vamos admitir a existência de seres distintos da humanidade, pois esta é a explicação fornecida pelas inteligências que se revelam, e vejamos o que eles nos dizem.

VI

Como temos dito, os próprios seres que se comunicam assim se designam pelo nome de Espíritos ou gênios, dos quais alguns declaram terem pertencido aos homens que viveram na Terra. Eles compõem o mundo espiritual, como nós — durante nossa vida terrena — constituímos o mundo corporal.

Vamos resumir aqui os pontos principais da doutrina que eles nos transmitiram a fim de responder mais facilmente a certas objeções.

- "Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom.
- "Ele criou o Universo, que abrange todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.
- "Os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, compõem o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos.
- "O mundo espírita é o mundo normal, primordial, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo.
- "O mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir ou não ter jamais existido sem alterar a essência do mundo espírita.
- "Os Espíritos revestem temporariamente um envoltório material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade.
- "Entre as diferentes espécies de seres corporais, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a certo grau de desenvolvimento, o que lhe dá a superioridade moral e intelectual sobre as

outras espécies.

- "A alma é um Espírito[5] encarnado cujo corpo não passa de envoltório.
- "Há no homem três coisas: 1º o corpo, ou ser material idêntico ao dos animais, e animado pelo mesmo princípio vital; 2º a alma, ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º o liame que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.
- "O homem tem então duas naturezas: pelo seu corpo, ele participa da natureza dos animais, da qual ele tem os instintos; pela sua alma, participa da natureza dos Espíritos.
- "O liame, ou ***perispírito***, que une o corpo e o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro, porém o Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que pode se tornar acidentalmente visível, e até palpável, como acontece no fenômeno das aparições.
- "O Espírito, portanto, não é um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber; ele é um ser real, definido, que em certos casos torna-se apreciável pelo sentido ***da visão, da audição e do tato***.
- "Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais nem em poder, nem em inteligência, nem em sabedoria e nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se diferenciam dos outros pela sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade com Deus, pela pureza de seus sentimentos e por seu amor ao bem: são os anjos ou Espíritos puros. Os das outras classes se distanciam cada vez mais dessa perfeição; aqueles das categorias inferiores são na sua maioria inclinados às nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho etc.; eles se divertem com o mal. Nesse número há também os que não são nem muito bons nem

---

[5] No original, esta palavra consta toda em minúsculo (*esprit*) provavelmente por descuido da tipografia, já que Kardec sempre utiliza a primeira letra em maiúsculo quando este vocábulo se refere a uma individualidade, tal a razão de aqui a grafarmos "Espírito". O mesmo equívoco se verifica em outras partes da obra, e em todas elas esta tradução faz a devida correção. — N. T.

muito malvados; mais bagunceiros e travessos do que perversos, a malícia e a irresponsabilidade parecem fazer parte deles: são os Espíritos desajuizados ou levianos.

- "Os Espíritos não pertencem perpetuamente a uma só classe. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esse melhoramento se efetua por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação e a outros como missão. A vida material é uma prova pela qual eles devem passar repetidas vezes até que tenham alcançado a perfeição absoluta; é um tipo de peneira ou de depurador do qual eles saem mais ou menos purificados.
- "Deixando o corpo, a alma volta ao mundo dos Espíritos, de onde tinha saído para experimentar uma nova existência material após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece em estado de Espírito errante.[6]
- "Como o Espírito deve passar por muitas encarnações, resulta que todos nós temos tido várias existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, seja na Terra ou em outros mundos.
- "A encarnação dos Espíritos sempre se realiza na espécie humana; seria um erro acreditar que a alma ou Espírito possa encarnar no corpo de um animal.
- "As diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas; todavia, a rapidez do seu progresso depende dos esforços que fazemos para chegarmos à perfeição.
- "As qualidades da alma são as do Espírito que está encarnado em nós; assim, o homem de bem é a encarnação do bom Espírito, e o homem perverso é a de um Espírito impuro.
- "A alma tem sua individualidade antes da sua encarnação e a conserva após sua separação do corpo.

---

[6] Entre esta doutrina da reencarnação e aquela da metempsicose, tal como certas seitas admitem, há uma diferença característica que será explicada no decorrer desta obra.

[**Nota do tradutor:** Sobre metempsicose, veja as questões 222, 611, 612 e 613.]

- “No seu retorno ao mundo dos Espíritos, a alma encontra lá todos aqueles que conheceu na Terra, e todas as suas existências anteriores se refazem na sua memória, com a lembrança de todo bem e de todo mal que tenha feito.
- “O Espírito encarnado está sob a influência da matéria; o homem que supera esta influência pela elevação e depuração de sua alma se aproxima dos bons Espíritos, com os quais estará um dia. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões e põe todas as suas alegrias na satisfação dos desejos grosseiros se aproxima dos Espíritos impuros, dando preponderância à natureza animal.
- “Os Espíritos encarnados habitam os diferentes planetas do Universo.
- “Os Espíritos não encarnados, ou errantes, não ocupam uma região determinada e circunscrita; eles estão por toda parte no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e nos acotovelando sem cessar; é toda uma população invisível que se movimenta ao nosso redor.
- “Os Espíritos exercem uma ação incessante sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico; eles atuam sobre a matéria e sobre o pensamento, constituindo uma das potências da natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então inexplicados ou mal explicados, e que não encontram uma solução racional senão no Espiritismo.
- “As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação; os maus nos atraem para o mal: para eles é um prazer nos ver cair e nos misturar a eles.
- “As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas acontecem pela influência boa ou má que eles exercem sobre nós, sem o sabermos; cabe ao nosso julgamento discernir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, mais frequentemente através dos médiuns que lhes servem de instrumentos.
- “Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou mediante evocação.

Podemos evocar todos os Espíritos: tanto os que animaram homens desconhecidos, como aqueles das personagens mais ilustres, seja qual for a época em que tenham vivido; evocar também os de nossos parentes, amigos ou inimigos, e obter deles — por comunicações escritas ou verbais — conselhos, informações sobre a situação em que se encontram no Além, sobre o que pensam a nosso respeito, assim como revelações que lhes sejam permitidas nos fazer.

- "Os Espíritos são atraídos na razão da simpatia deles pela natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se alegram com as reuniões sérias onde predominam o amor ao bem e o desejo sincero de se instruir e se melhorar. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, ao contrário, encontram livre acesso e podem agir com toda a liberdade entre as pessoas frívolas ou guiadas somente pela curiosidade, e onde quer que se encontrem maus instintos. Longe de se obter bons conselhos ou informações úteis, deles só se deve esperar futilidades, mentiras, brincadeiras de mau gosto ou mistificações, pois muitas vezes eles tomam nomes venerados para melhor induzirem ao erro.
- "A distinção dos bons e dos maus Espíritos é extremamente fácil; a linguagem dos Espíritos superiores é constantemente digna, nobre, repleta da mais alta moralidade, livre de qualquer paixão grosseira; seus conselhos exaltam a mais pura sabedoria e sempre tem por objetivo o nosso melhoramento e o bem da humanidade. A linguagem dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconsequente, às vezes vulgar e até grosseira; se às vezes eles dizem alguma coisa boa e verdadeira, muito mais vezes dizem falsidades e absurdos, por malícia ou ignorância; eles zombam da credulidade dos homens e se divertem às custas dos que os interrogam, lisonjeando sua vaidade, alimentando seus desejos com falsas esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, em toda a acepção da palavra, só são dadas nos centros sérios, naqueles onde os membros estão reunidos por uma íntima comunhão de pensamentos em favor do bem.
- "A moral dos Espíritos superiores se resume como aquela do Cristo nesta máxima evangélica: fazer aos outros aquilo que gostaríamos que os outros

nos fizessem, isto é, fazer o bem e nunca fazer o mal. Neste princípio o homem encontra a regra universal de conduta até para as suas menores ações.

- "Eles nos ensinam que o egoísmo, o orgulho e a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria; que já neste mundo, o homem que se desliga da matéria pelo desprezo das futilidades mundanas e pelo amor ao próximo, se aproxima da natureza espiritual; que cada um deve tornar-se útil de acordo com as faculdades e os meios que Deus lhe pôs nas mãos para experimentá-lo; que o Forte e o Poderoso devem amparo e proteção ao Fraco, pois aquele que abusa da força e do seu poder para oprimir seu semelhante viola a lei de Deus. Finalmente, eles ensinam que no mundo dos Espíritos — nada podendo ser escondido — o hipócrita será desmascarado e todas as suas perversidades são reveladas; que a presença inevitável e constante daqueles contra quem procedemos mal é um dos castigos que estão para nós reservados; que ao estado de inferioridade e superioridade dos Espíritos estão ligados os sofrimentos e as satisfações que desconhecemos na Terra.
- "Mas eles também nos ensinam que não há faltas imperdoáveis que não possam ser apagadas pela expiação. O homem encontra o meio nas diferentes existências que lhe permite avançar, conforme seu desejo e seus esforços, na via do progresso à perfeição, que é o seu objetivo final."

Este é o resumo da doutrina espírita, assim como ela resulta do ensinamento dado pelos Espíritos superiores. Vejamos agora as oposições que lhe fazem.

VII

Para muita gente, a oposição das sociedades eruditas é, se não uma prova, pelo menos uma forte opinião contrária. Não somos daqueles que se

revoltam contra os sábios, pois não queremos que digam que nós os afrontamos; ao contrário, nós os temos em grande estima e ficaríamos muito honrados em nos contar entre eles; não obstante, a opinião deles não pode, em todas as circunstâncias, representar um julgamento irrevogável.

Desde que a ciência saia da observação material dos fatos e que deixe de analisar e explicar esses fatos, o campo fica aberto para as suposições; cada uma traz seu pequeno sistema que quer fazer prevalecer, sustentando-o de maneira implacável. Não vemos diariamente as opiniões mais divergentes alternadamente aceitas e rejeitadas, ora rebatidas como erros absurdos e depois proclamadas como verdades incontestáveis? Fatos, eis o verdadeiro critério de nosso julgamento, o argumento sem contestação; na ausência de fatos, a dúvida é a opinião do homem sábio.

Para as coisas evidentes, a opinião dos sábios é fidedigna e com toda a razão, pois eles sabem mais e melhor do que o homem comum; mas na questão de princípios novos, de coisas desconhecidas, sua maneira de ver não é mais do que hipotética, porque eles não estão mais isentos de preconceitos do que os outros; direi até mesmo que o sábio talvez tenha mais preconceitos que qualquer outro, dado que uma inclinação natural o leva a subordinar tudo sob o ponto de vista que ele tenha aprofundado: o matemático não vê a prova senão em uma demonstração algébrica, o químico relaciona tudo à ação dos elementos, etc. Todo homem que tem uma especialidade prende a ela todas as suas ideias; tire-o de sua especialidade e geralmente ele se perde, por querer submeter tudo ao seu modo de ver as coisas: esta é uma consequência da fraqueza humana. Assim pois, de boa vontade e com toda confiança, consultarei um químico sobre uma questão de composição de uma substância, um físico sobre a potência elétrica, um mecânico sobre uma força motora; porém eles deverão me permitir — sem que isto afete a admiração que o seu saber especial merece — que eu não leve muito em conta sua opinião negativa acerca do espiritismo, não mais do que o parecer de um arquiteto sobre uma questão de música.

As ciências comuns se fundamentam nas propriedades da matéria que se pode experimentar e manipular ao seu gosto; os fenômenos espíritas se repousam sobre a ação de inteligências que têm sua vontade própria e nos

provam a cada instante que elas não estão subordinadas ao nosso capricho. Portanto, as observações não podem ser feitas da mesma forma; elas requerem condições especiais e outro ponto de partida; querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A ciência propriamente dita, como ciência, é então incompetente para se pronunciar na questão do espiritismo: ela não tem que se ocupar com isso, e qualquer que seja o seu julgamento — favorável ou não — não poderá ter nenhum peso. O espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal que os sábios podem ter como indivíduos, independentemente de sua qualidade de sábios; mas querer deferir a questão à ciência equivaleria a condicionar a existência da alma pela decisão de uma assembleia de físicos ou de astrônomos; efetivamente, o espiritismo fundamenta-se inteiramente na existência da alma e no seu estado após a morte; ora, é absolutamente ilógico pensar que um homem deva ser grande psicólogo por ser um ilustre matemático ou um notável anatomista. Dissecando o corpo humano, o anatomista procura a alma, e como não a encontra pelo seu bisturi, encontrando ali um nervo, ou porque não a vê se evolar como um gás, ele conclui que ela não existe, porque ele se coloca sob um ponto de vista exclusivamente material; segue-se que ele tenha razão contra a opinião universal? Não! Vejam, portanto, que o espiritismo não é da alçada da ciência. Quando as crenças espíritas tiverem se popularizado, quando forem aceitas pelos povos — e a julgar pela rapidez com que elas se propagam, esse tempo não está longe — com elas se dará o que tem acontecido com todas as ideias novas que encontraram oposição e os sábios se renderão à evidência; eles aí chegarão individualmente pela força das coisas; até então será inoportuno desviá-los de seus trabalhos especiais para obrigá-los a se ocuparem com um assunto estranho que não está nem nas suas atribuições, nem no seu programa. Enquanto isso, aqueles que, sem estudo prévio e aprofundado da matéria, se pronunciarem pela negação e zombarem de quem não lhes é a favor, esquecem que aconteceu o mesmo com a maior parte das grandes descobertas que honram a humanidade; eles se expõem a ver seus nomes aumentando a lista dos ilustres contestadores das ideias novas, e inscritos ao lado dos membros da assembleia culta que em 1752 recebeu com estrondosa

gargalhada o relatório de Franklin[7] sobre os para-raios, julgando-o indigno de figurar entre as comunicações que lhe foram dirigidas; e daquele outro que fez a França perder as vantagens da iniciativa da marinha a vapor, declarando que a teoria de Fulton[8] era um sonho impossível; e, entretanto, essas eram questões da alçada daquelas reuniões. Ora, se tais assembleias — que contavam no seu seio com a elite dos sábios do mundo — só tiveram a zombaria e o sarcasmo para com ideias que elas não compenetraram, ideias que alguns anos mais tarde revolucionaram a ciência, os costumes e a indústria, como esperar que uma questão estranha aos seus trabalhos obtenha mais favor?

Esses erros de alguns — deploráveis para a memória deles — não tiraram os seus méritos quanto a outros assuntos, pelos quais conquistaram nossa estima; mas será preciso ter um diploma oficial para se ter bom senso? Será que fora das cátedras acadêmicas não haverá mais do que tolos e imbecis? Lancemos bem um olhar sobre os adeptos da doutrina espírita e veremos se só encontramos neles ignorantes, e se o número imenso de homens de mérito que a abraçaram nos permite relegar à categoria das crendices populares. O caráter e o saber desses homens fazem valer a pena que se diga: já que tais homens afirmam, é preciso pelo menos reconhecer que haja aí alguma coisa.

Repetimos ainda que se os eventos a que nos referimos estivessem contidos no movimento mecânico dos corpos, a pesquisa da causa física desse fenômeno estaria no domínio da ciência; mas desde que se trate de uma manifestação fora das leis da humanidade, ela sai da competência da ciência material, pois não pode ser explicada nem por algarismos nem por uma força mecânica. Quando surge um fato novo que não tem relação com nenhuma ciência conhecida, para estudá-lo o sábio deve fazer abstração da sua ciência e dizer a si mesmo que é para ele um novo estudo, que não pode ser feito com

---

[7] Referência ao polímata americano Benjamin Franklin (1706-1790) de notáveis contribuições à ciência, inclusive com pesquisas no campo da eletricidade, de que a princípio muitos riram, tal como Kardec aqui destaca. – N. T.

[8] Robert Fulton (1765-1815), engenheiro e inventor americano que desenvolveu o motor a vapor e deu grande impulso à marinha britânica. – N. T.

ideias preconcebidas.

O homem que considera sua razão infalível está bem perto do erro; mesmo aqueles cujas ideias são as mais falsas se apoiam na própria razão e é por isso que rejeitam tudo o que lhes parece impossível. Aqueles que outrora rejeitaram as admiráveis descobertas de que a humanidade agora se orgulha faziam todo apelo a essa razão para rejeitá-las; o que se chama razão muitas vezes não passa de orgulho disfarçado, e quem quer que se considere infalível apresenta-se como igual a Deus. Então, nós nos endereçamos àqueles que são sábios o bastante para duvidar do que não viram, mas que, julgando o futuro pelo passado, não acreditam que o homem tenha chegado ao auge, nem que a natureza lhes tenha mostrado a última página do seu livro.

VIII

Acrescentemos que o estudo de uma doutrina tal como o Espiritismo, que de repente nos lança numa ordem de coisas tão novas e tão grandiosas, só pode ser feito proveitosamente por homens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de uma firme e sincera vontade de chegar a um resultado. Não podemos dar essa qualificação àqueles que julgam antecipadamente, levianamente, sem ter visto tudo; àqueles que não trazem em seus estudos nem a continuamente, nem a regularidade e nem o recolhimento indispensáveis; muito menos nós damos essa qualificação a certas pessoas que, para não perder a sua reputação de homens de espírito, se esforçam para achar um lado ridículo nas coisas mais verdadeiras, ou tidas como tais por pessoas cujo conhecimento, caráter e convicções têm a consideração de quem se orgulha de boas maneiras. Que se abstenham então aqueles que acham que os fatos não são dignos deles e de sua atenção; ninguém deseja violentar sua crença, mas queiram também respeitar a dos outros.

O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se dá a ele. Devemos nos admirar de muitas vezes não conseguirmos nenhuma resposta sensata a questões, sérias em si mesmas, quando são feitas ao acaso e à

queima-roupa no meio de um monte de outras perguntas absurdas? Ademais, muitas vezes uma questão é complexa e, para ser esclarecida, requer questões preliminares ou complementares. Quem quer aprender uma ciência deve fazer um estudo metódico, começando pelo princípio e acompanhando a sequência e o desenvolvimento das ideias. Terá mais proveito aquele que por acaso dirige a um sábio uma pergunta sobre uma ciência da qual ele não conhece nem a primeira palavra? Poderá o próprio sábio, com a maior boa vontade, lhe dar uma resposta satisfatória? Essa resposta isolada ficará necessariamente incompleta e, por isso mesmo, com frequência incompreensível, ou poderá parecer absurda e contraditória. É exatamente o mesmo que ocorre nas relações que estabelecemos com os Espíritos. Se quisermos nos instruir pela escola deles, precisamos fazer um curso com eles; mas, como entre nós, é preciso escolher seus professores e trabalhar com assiduidade.

Temos dito que os Espíritos superiores só comparecem às reuniões sérias, sobretudo àquelas onde reina uma perfeita comunhão de pensamentos e de sentimentos pelo bem. A leviandade e as questões inúteis os afastam, como, entre os homens, afastam as pessoas criteriosas; então, o campo fica livre para a turba dos Espíritos mentirosos e frívolos, sempre à espreita das ocasiões para zombarem e se divertirem às nossas custas. Numa reunião dessas, o que acontece com uma questão séria? Ela será respondida; mas por quem? É como se no meio de um bando de gaiatos vocês indagassem: O que é a alma? O que é a morte? E outras coisas assim divertidas. Se quiserem respostas sérias, sejam sérios vocês mesmos em toda a acepção do termo, e se mantenham em todas as condições requeridas: somente assim vocês obterão grandes coisas; sejam laboriosos e perseverantes nos estudos, sem o que os Espíritos superiores lhes abandonarão, como faz um professor com os alunos negligentes.

IX

O movimento dos objetos é um fato comprovado; a questão é saber se nesse movimento há ou não uma manifestação inteligente e, em caso

afirmativo, qual é a origem dessa manifestação.

Não falamos do movimento inteligente de certos objetos, nem das comunicações verbais, nem mesmo daquelas que são escritas diretamente pelo médium; este gênero de manifestação — evidente para os que viram e aprofundaram o assunto — não é, à primeira vista, independente da vontade o suficiente para a convicção de um observador novato. Falaremos, pois, somente da escrita obtida com o auxílio de um objeto qualquer munido de um lápis, tal como cesta, prancheta etc. Como já dissemos, a maneira pela qual os dedos do médium são colocados sobre o objeto desafia a mais desenvolvida habilidade de manipular seja como for o traçado das letras. Mas, vamos admitir ainda que, por uma maravilhosa habilidade, alguém consiga iludir o olha mais perscrutador: como explicar a natureza das respostas, quando elas estão fora de todas as ideias e acima de todos os conhecimentos do médium? E notemos bem que não se trata de respostas monossilábicas, mas com frequência de várias páginas escritas com a mais admirável rapidez — seja espontaneamente, seja sobre um determinado assunto. Pelas mãos do médium que menos sabe de literatura, de vez em quando surgem poesias de impecáveis sublimidade e pureza, que os melhores poetas humanos não reprovariam. O que também torna esses fatos mais estranhos é que eles se produzem por toda parte e que os médiuns se multiplicam ao infinito. Esses fatos são reais ou não? Sobre isso, não temos mais do que uma coisa a responder: vejam e observem; ocasiões não lhes faltarão; mas sobretudo, observem várias vezes, demoradamente e de acordo com as condições exigidas.

O que os antagonistas dizem dessa evidência? Eles dizem — “Vocês são vítimas do charlatanismo ou joguete de uma ilusão!”. Diremos primeiramente que é preciso afastar a palavra ***charlatanismo*** de onde não há proveito; os charlatães não fazem serviço grátis. Seria então, no máximo, uma mistificação. Entretanto, por qual estranha coincidência esses mistificadores teriam concordado de um extremo a outro do mundo em agir do mesmo modo, produzir os mesmos efeitos e sobre os mesmos assuntos e em línguas diversas dar respostas idênticas, senão quanto à forma, pelo menos quanto ao sentido? Como é que pessoas austeras, sérias, honradas e instruídas se

prestam a semelhantes manipulações? E com qual propósito? Como teriam encontrado em crianças a paciência e a habilidade necessárias? Pois, já que os médiuns não são instrumentos passivos, faltam-lhes uma habilidade e conhecimentos incompatíveis com uma certa idade e com certas posições sociais.

Dizem então que, se não há fraude, ambos os lados podem estar enganados por uma ilusão. Pela boa lógica, a qualidade das testemunhas tem um certo peso; ora, aqui é o caso de se perguntar: a doutrina espírita — que hoje já conta com milhões de adeptos — só recruta ignorantes? Os fenômenos sobre os quais ela se apoia são tão extraordinários que nós concebemos a existência da dúvida; todavia, o que não podemos admitir é a pretensão de alguns incrédulos ao monopólio do bom senso e que, sem o devido respeito pelas disposições e o valor moral de seus adversários, tachem de idiotas todos aqueles que não seguem o ponto de vista. Aos olhos de qualquer pessoa ajuizada, a opinião das pessoas esclarecidas que por muito tempo observaram, estudaram e meditaram sobre uma coisa será sempre, se não uma prova, no mínimo uma presunção a seu favor, visto ter conseguido prender a atenção de homens sérios, não tendo nem um interesse em propagar um erro, nem tempo a perder com futilidades.

X

Entre as objeções há algumas mais interessantes, ao menos na aparência, pois são extraídas da observação e feitas por pessoas sérias.

Uma dessas objeções é tirada da linguagem de certos Espíritos que não parece digna da elevação que atribuímos a seres sobrenaturais. Quem bem quiser recorrer ao resumo da doutrina que lá atrás apresentamos verá que os próprios Espíritos nos ensinam que eles não são iguais nem em conhecimentos nem em qualidades morais, e que não se deve tomar ao pé da letra tudo o quanto dizem. Cabe às pessoas sensatas separarem o bom do mau. Seguramente, aqueles que tiram desse fato a consequência que nós só lidamos com seres maldosos, cuja única ocupação é a de nos mistificar, não

conhecem as comunicações que se efetuam nas reuniões em que só se manifestam Espíritos superiores, pois do contrário não pensariam assim. É lamentável que o acaso os tenha servido tão mal para não lhes mostrar senão o lado mau do mundo espírita, pois não queremos supor que uma tendência simpática atraia para eles, em vez dos bons Espíritos, só os maus, os mentirosos ou aqueles cuja linguagem é de uma revoltante grosseria. Poderíamos, quando muito, deduzir daí que a solidez dos princípios dessas pessoas não é bastante forte para preservá-las do mal e que, encontrando certo prazer em lhes satisfazer a curiosidade a esse respeito, os maus Espíritos disso se aproveitam para se aproximar delas, enquanto os bons se afastam.

Julgar a questão dos Espíritos por esses fatos seria tão pouco lógico quanto julgar o caráter de um povo pelo que se diz e faz numa reunião de alguns irresponsáveis ou de gente de má reputação, reunião às quais não frequentam nem as pessoas sábias nem as sensatas. Essas pessoas se colocam na situação de um estrangeiro que, chegando numa grande capital pelo lado mais pobre do subúrbio, julgaria todos os habitantes pelos costumes e a linguagem desse pequeno bairro. No mundo dos Espíritos também há uma sociedade boa e má; que essas pessoas bem queiram estudar o que se passa entre os Espíritos de elite e ficarão convencidos de que a cidade celeste contém outra coisa além da ralé popular. Mas — dizem elas — os Espíritos de elite vêm até nós? A isso nós lhes responderemos: Não se detenham na periferia; vejam, observem e julguem; os fatos estão aí para todo o mundo ver; a menos que não sejam a elas que se apliquem aquelas palavras de Jesus: ***Eles têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem***.

Uma variante dessa opinião consiste em ver nas comunicações espíritas, e em todos os fatos materiais em que elas ocorrem, apenas a intervenção de uma força diabólica, novo Proteu que se cobre de todas as formas para melhor nos enganar. Não consideramos isso merecedor de um exame sério e por isso não nos prenderemos aqui; essa ideia já está refutada pelo que acabamos de dizer; acrescentaremos somente que, se assim fosse, seria preciso admitir que o diabo seja às vezes bastante inteligente, bem criterioso e sobretudo muito bem-comportado, ou então que também haja bons diabos.

Com efeito, como acreditar que Deus permita somente que o Espírito do mal possa se manifestar, para nos levar à perdição, sem nos dar em contrapartida os conselhos dos bons Espíritos? Se ele não pode fazer isso, é uma impotência; se pode e não o faz, é incompatível com sua bondade — e qualquer uma dessas suposições seria uma blasfêmia. Notemos que admitir a comunicação dos maus Espíritos é reconhecer o princípio das manifestações; ora, desde que elas sejam verdadeiras, não pode ser senão com a permissão de Deus; como então podemos acreditar, sem impiedade, que ele só permita o mal, com exclusão do bem? Semelhante doutrina é contrária às mais simples noções do bom senso e da religião.

XI

Uma coisa bizarra, dizem, é que só se fale dos Espíritos de personagens conhecidas, e perguntam por que só eles se manifestam. Este, como tantos outros, é um erro vindo de uma observação superficial. Entre os Espíritos que vêm espontaneamente, há ainda mais desconhecidos do que ilustres, que se designam por um nome qualquer e muitas vezes por um nome simbólico ou característico. Quanto aos que são evocados, a menos que não se trate de um parente ou um amigo, é bem natural nos dirigirmos àqueles que conhecemos, em vez daqueles que não conhecemos; o nome das personagens ilustres impressiona mais, por isso é que eles são mais notados.

Também acham estranho que os Espíritos de homens famosos atendam familiarmente ao nosso chamado e às vezes se ocupem com coisas insignificantes em comparação com aquelas com que se ocupavam durante a vida. Nada há de espantoso nisso para aqueles que sabem que a autoridade ou a reputação de que tais homens tinham neste mundo não lhes dão nenhuma supremacia no mundo espírita; nisto, os Espíritos confirmam aquelas palavras do Evangelho: “Os grandes serão rebaixados e os pequenos serão elevados”, o que deve se referir à ordem em que cada um de nós ocupará entre eles; é assim que aquele que foi o primeiro na Terra poderá ser um dos últimos lá; aquele diante de quem curvávamos a cabeça durante sua vida, portanto, pode aparecer entre nós como o mais humilde operário, pois ao

deixar a vida ele perde toda a sua grandeza, e o monarca mais poderoso talvez se encontre lá muito abaixo do último dos seus soldados.

XII

Um fato demonstrado pela observação e confirmado pelos próprios Espíritos é o de que muitas vezes os Espíritos inferiores se apropriam de nomes conhecidos e respeitados. Quem pode então nos assegurar que os que dizem ter sido, por exemplo, Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fénelon, Napoleão, Washington ou outro qualquer tenham realmente sido esses personagens? Esta dúvida existe até entre alguns adeptos fervorosos da doutrina espírita; eles admitem a intervenção e a manifestação dos Espíritos, mas perguntam que controle podemos ter da identidade deles. De fato, esse controle é muito difícil de se estabelecer; se não pode ser de uma maneira bem autêntica, como por uma certidão de estado civil, pode ser pelo menos por suposição, a partir de certos indícios.

Quando se manifesta o Espírito de alguém que nós conhecemos pessoalmente — por exemplo, de um parente ou de um amigo, sobretudo se ele morreu há pouco tempo — acontece normalmente que sua linguagem se apresenta em perfeita correspondência com o caráter que conhecíamos dele; só isso já é um indício da identidade; mas a dúvida quase já não é mais permitida quando esse Espírito fala de coisas particulares, quando recorda circunstâncias de família que ninguém além do interlocutor sabe. Certamente, um filho não se enganará com a linguagem de seu pai ou de sua mãe, nem os pais se enganam quanto à linguagem do seu filho. Nesses casos de evocações íntimas, algumas vezes se passam coisas impressionantes, de natureza a convencer o maior incrédulo. O cético mais endurecido fica frequentemente abismado com as inesperadas revelações que lhe são feitas.

Outra circunstância bem característica vem ao apoio da identidade dos Espíritos: dissemos que a grafia do médium geralmente muda com o Espírito evocado e que a sua escrita se produz exatamente da mesma forma cada vez que o mesmo Espírito se apresenta; inúmeras vezes, sobretudo com pessoas

mortas recentemente, temos constatado que a escrita tem uma marcante semelhança com a dessa pessoa enquanto em vida; vimos assinaturas de uma perfeita exatidão. De resto, estamos longe de dar esse fato como uma regra e menos ainda constante; nós a mencionamos apenas como algo digno de nota.

Só os Espíritos que chegaram a certo grau de purificação se acham livres de toda influência corporal; mas enquanto ainda não estejam completamente desmaterializados (essa é a expressão que eles usam) eles conservam a maior parte das ideias, das inclinações e até das ***manias*** que tinham na Terra, o que também é um meio de reconhecimento; porém encontramos esse reconhecimento ainda mais em uma imensidade de fatos minuciosos, que só uma observação cuidadosa e contínua pode revelar. Vemos escritores discutirem suas próprias obras ou suas doutrinas, aprovarem ou condenarem certas partes delas; vemos outros Espíritos lembrarem circunstâncias ignoradas ou quase desconhecidas de sua vida ou de sua morte, enfim, de todas as coisas que são ao menos provas morais da identidade, as únicas que se pode invocar em se tratando de coisas abstratas.

Se então a identidade do Espírito evocado pode, até certo ponto, ser estabelecida em alguns casos, não há razão para que não seja em outros, e se, com relação a pessoas cuja morte data de muito tempo, não se têm os mesmos meios de verificação, temos o da linguagem e do caráter, porque seguramente o Espírito de um homem de bem não falará como o de um perverso ou de um depravado. Quanto aos Espíritos que se apropriam de nomes respeitáveis, estes se desmentem logo pela sua linguagem e suas máximas; aquele que, por exemplo, dissesse ser Fénelon e ofendesse o bom senso e a moral — nem que fosse acidentalmente — por esse simples fato mostraria sua farsa. Se, ao contrário, os pensamentos que exprimem forem sempre puros, sem contradições e constantemente à altura do caráter de Fénelon, não há motivo para que se duvide de sua identidade; de outra forma, teríamos de supor que um Espírito que só prega o bem possa conscientemente empregar a mentira, e isso sem nenhuma utilidade. A experiência nos ensina que os Espíritos da mesma categoria, do mesmo caráter e imbuídos dos mesmos sentimentos se reúnem em grupos e em famílias; ora, o número de Espíritos é incalculável e estamos longe de conhecer todos eles; a maior parte nem mesmo tem nomes

para nós. Um Espírito da ordem de Fénelon pode então vir no lugar dele, muitas vezes até enviado por ele, como seu mandatário; apresenta-se com o nome daquele, porque é idêntico a ele e pode substituí-lo, e ainda porque nós precisamos de um nome para fixar as nossas ideias; contudo, que importa, afinal, que um Espírito seja realmente ou não o de Fénelon? Desde que não diga senão coisas boas e que fale como falaria o próprio Fénelon, este é um bom Espírito; o nome sob o qual ele se faz conhecer é indiferente, não passa muitas vezes de um meio de fixar as ideias. Não seria o mesmo caso nas evocações íntimas; mas aqui, como dissemos há pouco, a identidade pode ser estabelecida mediante provas de algum modo evidentes.

Além disso, é certo que a substituição dos Espíritos pode gerar uma série de equívocos, que pode resultar em erros e muitas vezes mistificações; esta é uma dificuldade do ***espiritismo prático***. No entanto, jamais dissemos que essa ciência fosse uma coisa fácil, nem que, mais do que qualquer outra ciência, se possa aprendê-la brincando. Nunca será demais repetir que ela exige um estudo assíduo e por vezes muito prolongado; como não podemos provocar os fatos, temos que esperar que eles se apresentem por si mesmos, e frequentemente eles são provocados por circunstâncias pelas quais menos imaginamos. Para o observador atento e paciente, os fatos são abundantes, pois ele descobre milhares de detalhes característicos que são para ele verdadeiros raios de luz, assim como acontece nas ciências comuns; enquanto o homem superficial não vê numa flor mais do que uma forma elegante, o sábio descobre nela tesouros para o pensamento.

XIII

As referidas observações nos levam a dizer algumas palavras acerca de outra dificuldade: a da divergência que existe na linguagem dos Espíritos.

Por que os Espíritos são muito diferentes uns dos outros em sabedoria e em moralidade, é evidente que uma mesma questão pode ser resolvida por eles em sentidos opostos, conforme a categoria que ocupem, exatamente como aconteceria entre os homens se elas fossem propostas ora a um sábio,

ora a um ignorante e ora a um gaiato. Como temos dito, o ponto essencial é sabermos a quem nos dirigirmos.

Contudo, acrescentam, como é que os Espíritos reconhecidos por serem superiores nem sempre estejam de acordo? Diremos em primeiro lugar que, independentemente da causa que já salientamos, há outras que podem exercer certa influência sobre a natureza das respostas, abstração feita da qualidade dos Espíritos; este é um ponto capital cujo estudo dará a explicação; é por isso que dizemos que estes estudos requerem uma atenção demorada, uma observação profunda e sobretudo — como aliás o exigem todas as ciências humanas — continuidade e perseverança. É preciso anos para formar-se um médico medíocre e três quartos da vida para se fazer um sábio; e querem em poucas horas aprender a ciência do infinito! Que ninguém então se iluda: o estudo do espiritismo é imenso; ele toca em todas as questões da metafísica e da ordem social; constitui todo um mundo novo que se abre para nós. Será de admirar que seja preciso tempo, e muito tempo mesmo, para realizar esse estudo?

Aliás, a contradição nem sempre é tão real assim quanto parece. Não vemos todos os dias homens professando a mesma ciência divergirem na definição que eles dão de uma mesma coisa, seja porque empregam termos diferentes, seja porque encaram sob outro ponto de vista, embora a ideia fundamental seja sempre a mesma? Quem puder, que conte o número das definições que se têm dado da gramática! Acrescentamos ainda que a forma da resposta depende muitas vezes da forma da questão. Portanto, seria uma infantilidade apontar uma contradição onde frequentemente não há mais do que uma diferença de termos. Os Espíritos superiores não se preocupam absolutamente com a forma; para eles, a essência do pensamento é tudo.

Peguemos, por exemplo, a definição de alma. Como esse vocábulo não tem acepção fixa, então os Espíritos devem — assim como nós — diferir na definição que lhe dão: um poderá dizer que ela é o princípio da vida, outro lhe chamar centelha anímica, um terceiro afirmar que ela é interna, um quarto dirá que é externa etc., e todos tendo razão no seu ponto de vista. Poderemos até crer que alguns deles professem teorias materialistas e, todavia, não ser assim. Do mesmo modo acontece em relação a ***Deus****;* ele será: o princípio de

todas as coisas, o Criador do Universo, a soberana inteligência, o infinito, o grande Espírito, e assim por diante, mas em definitivo será sempre Deus. Finalmente, citemos a classificação dos Espíritos: eles formam uma escala contínua, desde o grau inferior até o grau superior. Com efeito, a classificação é subjetiva, pois alguém a dividirá em três classes, outro alguém em cinco, dez ou vinte, à vontade, sem que aí estejam em erro. Todas as ciências humanas nos oferecem o exemplo disso; cada sábio com o seu sistema; os sistemas mudam, mas a ciência não muda. Aprenda-se a botânica pelo sistema de Linneu, de Jussieu ou pelo de Tournefort, e nem por isso se saberá menos botânica. Então, deixemos de emprestar às coisas de pura convenção mais importância do que elas merecem, para nos ligarmos apenas àquilo que é verdadeiramente importante e com frequência a reflexão fará descobrir no que pareça mais contraditório uma similitude que tenha escapado a um primeiro exame.

XIV

Passaríamos ligeiramente pela objeção de certos críticos a respeito dos erros de ortografia cometidos por alguns Espíritos, se ela não oferecesse oportunidade para uma observação essencial. A ortografia deles — é preciso que se diga — nem sempre é impecável; mas isso não é razão para se fazer dessa questão objeto de uma crítica severa, alegando que, como os Espíritos sabem tudo, eles devem dominar a ortografia. Poderíamos lhes opor os inúmeros erros desse tipo cometidos por mais de um erudito da Terra, o que nada tira do seu mérito. Mas nesse fato há uma questão mais grave: para os Espíritos, principalmente para os superiores, a ideia é tudo e a forma nada vale. Desprendidos da matéria, a linguagem que usam entre si é rápida como o pensamento, pois são os próprios pensamentos que se comunicam sem intermediário; então eles se sentem muito pouco à vontade quando são forçados a se comunicar conosco e a utilizar formas longas e embaraçadas da linguagem humana, sobretudo pela insuficiência e imperfeição dessa linguagem para transmitir todas as ideias. É o que eles próprios declaram.

Também é curioso ver os meios que eles costumam empregar para atenuar a esse inconveniente. Assim se daria conosco se precisássemos nos exprimir num idioma mais longo em suas palavras e frases, e mais pobre de expressões do que o idioma do qual fazemos uso. Esse é o embaraço que o gênio experimenta, impacientando-se com a lentidão do seu lápis, que está atrasado em relação ao seu pensar. Diante disto, compreende-se que os Espíritos prestem pouca importância à puerilidade da ortografia, mormente quando se trata de um ensinamento profundo e sério; já não é espantoso que eles se expressem indiferentemente em todas as línguas e que compreendam todas elas? Todavia, que não se conclua daí que a correção convencional da linguagem lhes seja desconhecida; eles a obedecem quando é necessário. Assim é, por exemplo, que a poesia ditada por eles desafiaria quase sempre a crítica do mais meticuloso purista, e isso ***apesar da ignorância do médium***.

XV

Há ainda pessoas que encontram perigo por toda parte e em tudo que não conhecem; também não deixam de tirar uma consequência desfavorável do fato de que certas pessoas perderam o juízo ao se entregarem a esses estudos. Como é que homens sensatos podem enxergar neste fato uma contradição séria? Não se dá o mesmo com todas as preocupações intelectuais sobre um cérebro fraco? Quem sabe o número de loucos e de maníacos produzidos pelos estudos da matemática, da medicina, da música, da filosofia e outras disciplinas? Deveríamos por isso banir esses estudos? O que isso prova? Pelos trabalhos corporais se deformam os braços e as pernas, que são os instrumentos da ação material; pelos trabalhos da inteligência se deforma o cérebro, que é o instrumento do pensamento. Mas, se o instrumento se quebrar, o mesmo não se dá com o Espírito: este permanece intacto, e desde que este se liberte da matéria, não desfrutará menos da plenitude das suas faculdades. No seu gênero, como homem, ele é um mártir do trabalho.

Todas as grandes preocupações do espírito podem ocasionar a loucura: as ciências, as artes e até a religião nos fornecem seus exemplos. A demência

tem como causa primária uma predisposição orgânica do cérebro que o torna mais ou menos acessível a certas impressões. Havendo uma tendência natural para a loucura, esta tomará o caráter da preocupação principal que então se torna uma ideia fixa. Essa ideia fixa poderá ser a dos Espíritos, naquele que se ocupado com ela, assim como poderá ser a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. É provável que o louco religioso se torne um louco espírita, se o Espiritismo tivesse sido sua preocupação dominante, do mesmo modo que o louco espírita o seria sob outra forma qualquer, conforme as circunstâncias.

Digo, pois, que o espiritismo não tem privilégio algum a esse respeito; e vou mais longe: digo que, bem compreendido, ele é uma prevenção contra a loucura.

Entre as causas mais numerosas da superexcitação cerebral, devemos contar as decepções, os infortúnios e as afeições contrariadas, que ao mesmo tempo são as causas mais frequentes de suicídio. Ora, o verdadeiro espírita vê as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado; essas coisas lhe parecem tão pequenas, tão mesquinhas ante o futuro que o aguarda; a vida para ele é tão curta, tão passageira, que aos seus olhos as tribulações não passam de incidentes desagradáveis de uma viagem. O que em outro produziria uma violenta emoção, quase nada o afeta. Além do mais, ele sabe que as amarguras da vida são provas que servem para o seu adiantamento se as sofrer sem murmurar, porque será recompensado na medida da coragem com que as tiver suportado. Suas convicções lhe dão assim uma resignação que o preserva do desespero e, por conseguinte, de uma causa permanente de loucura e de suicídio. E também, pelo espetáculo que as comunicações dos Espíritos lhe proporcionam, ele sabe qual o destino daqueles que voluntariamente abreviam seus dias, e esse quadro é bem sério a ponto de fazê-lo refletir; tanto assim que já é considerável a quantidade daqueles que foram detidos em meio dessa inclinação funesta. Este é um dos resultados do espiritismo. Riam tanto quanto queiram os incrédulos; desejo-lhes as consolações que ele proporciona a todos aqueles que se deram ao trabalho de sondar as suas misteriosas profundezas.

Convém também colocar entre as causas da loucura o pavor, e o pavor do diabo já desequilibrou mais de um cérebro. Sabe-se lá o número de vítimas que se têm feito golpeando as imaginações fracas com esse quadro que se esforça para se tornar ainda mais assustador através de medonhos detalhes? O diabo, dizem, só assusta criancinhas; ele é um freio lhes dar juízo. Sim, do mesmo modo que o bicho-papão e o lobisomem, e quando elas deixam de ter medo estão piores do que antes; mas para alcançar tão belo resultado não se levam em conta o número de epilepsias causadas pelo abalo de um cérebro delicado. A religião seria muito fraca se, por falta do terror, seu poder pudesse ficar comprometido. Felizmente, não é assim; ela tem outros meios para agir sobre as almas. O espiritismo lhe fornece os mais eficazes e os mais sérios, desde que ela saiba aproveitá-los; ele mostra a realidade das coisas, e com isso neutraliza os funestos efeitos de um temor exagerado.

XVI

Resta-nos examinar duas objeções, as únicas que realmente merecem esse nome, porque elas são baseadas em teorias racionais. Ambas admitem a realidade de todos os fenômenos materiais e morais, embora excluam a intervenção dos Espíritos.

Segundo a primeira dessas teorias, todas as manifestações atribuídas aos Espíritos não seriam outra coisa que efeitos magnéticos. Os médiuns estariam em um estado que poderíamos chamar sonambulismo desperto, de cujo fenômeno toda pessoa que tem estudado o magnetismo pôde ser testemunha. Nesse estado, as capacidades intelectuais adquirem um desenvolvimento anormal; o círculo de percepções intuitivas se estende para além dos limites da nossa concepção normal. Desde então o médium tiraria de si mesmo e por efeito de sua lucidez tudo o que ele diz e todas as noções que transmite, até mesmo sobre as coisas que lhe sejam mais estranhas no seu estado habitual.

Não seremos nós a contestar o poder do sonambulismo, do qual temos visto prodígios e estudado todas as fases durante mais de trinta e cinco anos; concordamos em que, efetivamente, muitas manifestações espíritas podem

ser explicadas por esse meio; entretanto, uma observação apurada e atenta mostra uma série de fatos em que a intervenção do médium — a não ser como instrumento passivo — é materialmente impossível. Aos que partilham dessa opinião, como aos outros, nós diremos: "Vejam e observem, porque certamente vocês ainda não viram tudo". Em seguida lhes propomos duas considerações extraídas da sua própria doutrina: de onde veio a teoria espírita? É um sistema imaginado por alguns homens para explicar os fatos? De modo algum. Quem então a revelou? Precisamente esses mesmos médiuns cuja lucidez vocês exaltam. Ora, se essa lucidez é tal como supõem, por que teriam eles atribuído aos Espíritos o que possuiriam em si mesmos? Como eles teriam dado essas informações tão exatas, tão lógicas e tão sublimes sobre a natureza dessas inteligências extra-humanas? De duas coisas uma: ou eles são lúcidos ou não são; caso sejam lúcidos e se temos confiança na sua veracidade, não poderíamos admitir sem contradição que eles não estejam com a verdade. Em segundo lugar, se todos os fenômenos tivessem sua origem no médium, eles seriam idênticos no mesmo indivíduo, e jamais veríamos a mesma pessoa tomar uma linguagem diferente, nem exprimir uma vez ou outra as coisas mais contraditórias. Esta falta de unidade nas manifestações obtidas pelo médium prova a diversidade das fontes; então, se não podemos encontrar todas elas no médium, é preciso mesmo que as procuremos fora dele.

De acordo com outra opinião, o médium é exatamente a fonte das manifestações, mas em vez de extraí-las de si mesmo, assim como pretendem os partidários da teoria sonambúlica, ele as tira do seu meio ambiente. O médium será então uma espécie de espelho refletindo todas as ideias, todos os pensamentos e todos os conhecimentos das pessoas que o cercam; nada diria que não seja conhecido ao menos de algumas destas. Não poderíamos negar — e isso é até um princípio da doutrina — a influência exercida pelos assistentes sobre a natureza das manifestações; mas essa influência é totalmente diferente daquela que se supõe existir, e daí que o médium seja um eco dos pensamentos daqueles que o assistem, há uma grande distância, porque milhares de fatos demonstram concretamente o contrário. Portanto, aí está um grave erro que prova mais uma vez o perigo das conclusões

prematuras. Essas pessoas, não podendo negar a existência de um fenômeno que a ciência comum não pode explicar e não querendo admitir a presença dos Espíritos, o explicam à sua maneira. Sua teoria seria atraente se pudesse abranger todos os fatos; mas não é assim. Quando lhes demonstramos até à evidência que certas comunicações do médium são completamente estranhas aos pensamentos, conhecimentos, e até opiniões de todos os assistentes, que essas comunicações frequentemente são espontâneas e contradizem todas as ideias preconcebidas, essas pessoas não se entregam por tão pouca coisa. Respondem que a irradiação se estende muito além do círculo imediato que nos envolve; o médium é o reflexo da humanidade inteira, de tal sorte que se não tira as suas inspirações do seu lado, ele vai buscar fora, na cidade, no país, em todo o globo e até nas outras esferas.

Eu não creio que se encontra nessa teoria uma explicação mais simples e mais provável do que a do espiritismo, visto que ela supõe uma causa bem mais maravilhosa. A ideia de que seres que povoam os espaços e que, em contato permanente conosco, nos comunicam seus pensamentos, nada tem que choque mais a razão do que a suposição dessa irradiação universal vindo de todos os pontos do Universo se concentrar no cérebro de um indivíduo.

Mais uma vez, e este é um ponto importante sobre o qual nunca insistiremos o bastante: a teoria sonambúlica e aquela que poderíamos chamar ***refletiva*** foram imaginadas por alguns homens; são opiniões individuais, criadas para explicar um fato, ao passo que a doutrina dos Espíritos não é de concepção humana; ela foi ditada pelas próprias inteligências que se manifestam, quando ninguém o esperava, quando até a opinião geral a repulsava. Ora, perguntamos onde os médiuns foram achar uma doutrina que não passava no pensamento de ninguém na Terra; perguntamos ainda mais: por que estranha coincidência milhares de médiuns disseminados por todos os pontos do globo, e que jamais se viram, concordaram em dizer a mesma coisa? Se o primeiro médium que apareceu na França sofreu a influência de opiniões já aceitas na América, por qual estranheza ele foi buscá-las a 2 mil léguas além-mar, e no seio de um povo tão diferente pelos costumes e pela linguagem, em vez de tirá-las do seu redor?

Ainda há outra circunstância sobre qual não se tem refletido o bastante.

As primeiras manifestações na França, como na América, não ocorreram nem pela escrita nem pela palavra, e sim por pancadas concordantes com as letras do alfabeto, formando palavras e frases. Foi por esse meio que as inteligências que se revelaram declararam ser Espíritos. Se então pudéssemos supor a intervenção do pensamento dos médiuns nas comunicações verbais ou escritas, assim não poderia ser com relação às pancadas, cuja significação não podia ser conhecida de antemão.

Poderíamos citar inúmeros fatos que demonstram, na inteligência que se manifesta, uma individualidade evidente e uma absoluta independência de vontade. Portanto, recomendamos aos divergentes uma observação mais atenta e, se bem quiserem estudar sem prevenções e concluir antes de terem visto tudo, reconhecerão a impotência de sua teoria para dar sentido a tudo. Vamos nos limitar a colocar as questões seguintes: por que a inteligência que se manifesta, qualquer que seja ela, recusa responder a certas perguntas sobre assuntos perfeitamente conhecidos como, por exemplo, sobre o nome ou a idade do interlocutor, sobre o que ele tem na mão, o que fez na véspera, o que planeja para o dia seguinte etc.? Se o médium fosse o espelho do pensamento dos assistentes, nada lhe seria mais fácil do que responder.

Os adversários retrucam a esse argumento perguntando, por sua vez, por que os Espíritos — que deveriam saber de tudo — não podem dizer coisas tão simples, segundo o ditado: ***Quem pode o mais pode o menos***, de que concluem que esses não são Espíritos. Se, por exemplo, um ignorante ou um brincalhão de mau gosto, apresentando-se diante de uma assembleia de doutores, perguntasse por que o dia está claro às doze horas, alguém acreditará que essa assembleia se daria ao trabalho de responder seriamente, e seria lógico concluir que, do seu silêncio ou das zombarias com que pagasse ao interrogante, seus membros não passam de tolos? Ora, é exatamente por serem Espíritos superiores que eles não respondem a questões fúteis e ridículas, nem consentem serem colocados à prova; é por isso que se calam ou declaram que só se ocupam com coisas mais sérias.

Indagaremos, finalmente, por que é os Espíritos muitas vezes vêm e vão em dado momento e, passado esse momento, não há nem preces nem súplicas que os façam voltar? Se o médium agisse unicamente pela impulsão mental

dos assistentes, é claro que, em tal circunstância, o concurso de todas as vontades reunidas haveria de estimular sua clarividência. Portanto, se ele não cede ao desejo da assembleia, corroborado pela sua própria vontade, é que o médium obedece a uma influência que é estranha a ele e aos que o cercam, e que por isso essa influência aponta sua independência e sua individualidade.

XVII

O cepticismo no tocante à doutrina espírita, quando não resulta de uma oposição sistemática por interesse, quase sempre nasce de um conhecimento incompleto dos fatos, o que não impede que certas pessoas decidam a questão como se a conhecessem perfeitamente. Podemos ter muita esperteza, muita instrução mesmo, e carecermos de bom senso. Ora, o primeiro indício de uma falta de bom senso é o de se crer na própria infalibilidade. Muita gente também não vê nas manifestações espíritas nada mais do que um objeto de curiosidade; esperamos que, pela leitura deste livro, elas encontrem nos fenômenos extraordinários alguma coisa mais do que simples passatempo.

A ciência espírita contém duas partes: uma experimental, sobre as manifestações em geral; e a outra filosófica, sobre as manifestações inteligentes. Aquele que tenha observado somente a primeira está na posição de quem só conhecesse a física por experiências recreativas, sem ter penetrado no âmago da ciência. A verdadeira doutrina espírita está no ensino dado pelos Espíritos, e os conhecimentos que esse ensinamento traz são importantes demais para serem adquiridos de qualquer modo que não seja por um estudo sério e perseverante, feito no silêncio e no recolhimento; pois só nesta condição se pode observar um número infinito de fatos e detalhes que escapam ao observador superficial, e permitem firmar uma opinião. Se este livro não tivesse outro resultado além de mostrar o lado sério da questão e de provocar estudos neste sentido, isso já seria muito e nós aplaudiríamos por termos sido escolhido para executar uma obra na qual, aliás, não pretendemos ter nenhum mérito pessoal, porque os princípios que ela traz não são nossa criação; o seu mérito, em suma, é inteiramente dos Espíritos que a ditaram. Esperamos que ela tenha outro resultado, o de guiar os

homens desejosos de se esclarecer, mostrando-lhes nestes estudos um objetivo grande e sublime: o do progresso individual e social, além de lhes indicar o caminho a seguir para alcançar esse objetivo.

Vamos concluir com uma última consideração. Os astrônomos, sondando o espaço, encontraram na distribuição dos corpos celestes lacunas não justificadas e em desacordo com as leis do conjunto; eles suspeitaram que essas lacunas deviam estar repletas de globos que escapavam de suas observações. De outro lado, observaram certos efeitos cuja causa lhes era desconhecida, e disseram entre si: deve haver ali um mundo, pois esta lacuna não pode existir, e estes efeitos devem ter uma causa. Então julgando a causa pelo efeito eles puderam calcular os seus elementos e mais tarde os fatos vieram confirmar as suas previsões. Apliquemos este raciocínio a outra ordem de ideias. Se observarmos a sequência dos seres, descobriremos que eles formam uma cadeia sem solução de continuidade a partir da matéria bruta até o homem mais inteligente. Todavia, entre o homem e Deus, que é o alfa e o ômega de todas as coisas, que imensa lacuna! Será racional pensarmos que terminam no homem os anéis dessa cadeia? E que ele transponha sem transição a distância que o separa do infinito? A razão nos diz que entre o homem e Deus deve haver outros níveis, como ela diz aos astrônomos que entre os mundos conhecidos deva haver mundos desconhecidos. Qual é a filosofia que preencheu essa lacuna? O espiritismo mostra a lacuna preenchida pelos seres de todas as classes do mundo invisível, e estes seres não são mais do que os Espíritos dos homens que chegaram aos diferentes graus que conduzem à perfeição. Então, tudo se liga, tudo se encadeia, desde o alfa até o ômega. Vocês que negam a existência dos Espíritos, preencham então o vácuo que eles ocupam; e vocês que riem deles, ousem rir das obras de Deus e da sua onipotência!

ALLAN KARDEC

PROLEGÔMENOS

Fenômenos que estão fora das leis da ciência comum se manifestam por toda parte e revelam em sua causa a ação de uma vontade livre e inteligente.

A razão diz que um efeito inteligente há de ter como causa uma força inteligente, e os fatos têm provado que essa força pode entrar em comunicação com os homens por meio de sinais materiais.

Interrogada acerca da sua natureza, essa força declarou pertencer ao mundo dos seres espirituais que se despojaram do invólucro corporal do homem. Assim é que foi revelada a doutrina dos Espíritos.

As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corpóreo estão na ordem natural das coisas e não constituem nenhum fato sobrenatural; é por isso que encontramos vestígio delas em todos os povos e em todas as épocas; hoje elas se generalizaram e se tornaram evidentes para todo o mundo.

Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, sua missão é a de instruir e de esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da humanidade.

Este livro é a coletânea dos seus ensinamentos; ele foi escrito por ordem e sob o ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, livre dos preconceitos da ideia sistemática. Ele não contém nada que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha passado pelo seu controle. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem obra daquele que recebeu a missão de publicá-lo.

Dentre os Espíritos que colaboraram para a execução desta obra, muitos viveram em épocas diversas na Terra, onde pregaram e praticaram a virtude e a sabedoria; outros, pelos seus nomes, não pertencem a nenhum personagem de que a História guarde a lembrança, mas cuja elevação é verificada pela pureza de sua doutrina e sua união com os que trazem nomes venerados.

Eis os termos nos quais eles nos deram por escrito, através de vários médiuns, a missão de escrever este livro:

> "Ocupa-te com zelo e perseverança do trabalho que empreendeste com o nosso auxílio, pois esse trabalho é nosso. Nele pusemos as bases do novo edifício que se ergue e que um dia deve reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade. Contudo, antes de o divulgar, vamos revê-lo juntos, a fim de verificarmos todos os seus detalhes.
>
> "Estaremos contigo todas as vezes que o pedires e para te ajudarmos nos teus outros trabalhos, porque esta é apenas uma parte da missão que a ti foi confiada, o que já te foi revelada por um de nós.
>
> "Dentre os ensinamentos que te foram dados, alguns há que deves guardar para ti somente, até nova ordem; nós te indicaremos quando chegar o momento de os publicar: enquanto esperas, medita sobre eles, a fim de estar pronto quando te dissermos o momento certo.
>
> "Colocarás no cabeçalho do livro a cepa de vinha que te desenhamos[9], porque ela é o emblema do trabalho do Criador; todos os

[9] A cepa aqui colocada é o fac-símile daquela que foi desenhada pelos Espíritos.

[**Nota do Tradutor –** Aqui reproduzimos a cópia exata da imagem que consta na edição original francesa que serviu de base para esta tradução (16ª ed.), anotando que esta figura foi

princípios materiais que melhor podem representar o corpo e o espírito encontram-se nela reunidos: o corpo é a cepa e o espírito é o licor; a alma — ou seja, o espírito unido à matéria — é o bago. O homem purifica o espírito pelo trabalho, e tu sabes que é somente pelo trabalho do corpo que o espírito adquire conhecimentos.

"Não te deixes desanimar pela crítica. Tu encontrarás contraditores encarniçados, sobretudo entre as pessoas interessadas nos abusos. Tu os encontrarás até mesmo entre os Espíritos, pois aqueles que ainda não estão completamente desmaterializados procuram frequentemente semear a dúvida por malícia ou por ignorância. Então, prossegue sempre; crê em Deus e caminha com confiança: estaremos aqui para te amparar, e está próximo o tempo em que a verdade brilhará por toda parte.

"A vaidade de certos homens que creem saber tudo e querem explicar tudo à sua maneira fará nascer opiniões dissidentes; mas todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se juntarão num só sentimento de amor do bem, e se unirão por um laço fraterno que vai envolver o mundo inteiro; estes deixarão de lado as mesquinhas disputas de palavras, para só se ocuparem com as coisas essenciais, e a doutrina será sempre a mesma, quanto aos fundamentos, para todos os que receberem comunicações de Espíritos superiores.

"É com a perseverança que chegarás a colher os frutos de teus trabalhos. O prazer que experimentarás em ver a doutrina se propagar e ser bem compreendida será para ti uma recompensa, cujo valor integral conhecerás, talvez mais no futuro do que no presente. Portanto, não te

---

utilizada a partir da 2ª edição, sendo ela um recorte do desenho original da 1ª edição, que então reproduzimos fielmente na figura abaixo:]

inquietes com os espinhos e as pedras que os incrédulos ou os maus semearão no teu caminho; conserva a confiança: com a confiança tu alcançarás o objetivo e merecerás ser sempre ajudado.

"Lembra-te de que os Bons Espíritos não auxiliam senão aos que servem a Deus com humildade e desinteresse, e que repudiam todo aquele que busca na senda do céu um degrau para conquistar as coisas da Terra; eles se afastam do orgulhoso e do ambicioso. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira erguida entre o homem e Deus; este é um véu lançado sobre as claridades celestes, e Deus não pode servir-se do cego para fazer a luz compreensível."

SÃO JOÃO EVANGELISTA, SANTO AGOSTINHO, SÃO VICENTE DE PAULO, SÃO LUÍS,
O ESPÍRITO DE VERDADE, SÓCRATES, PLATÃO, FÉNELON,
FRANKLIN, SWEDENBORG etc.

LIVRO PRIMEIRO

CAUSAS PRIMÁRIAS

I - DEUS
II - ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO
III - CRIAÇÃO
IV - PRINCÍPIO VITAL

CAPÍTULO PRIMEIRO

DEUS

Deus e o infinito – Provas da existência de Deus – Atributos da Divindade – Panteísmo

Deus e o infinito

1. O que é Deus?

"Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas." [10]

2. O que devemos entender por infinito?

"O que não tem começo nem fim: o desconhecido; tudo o que é desconhecido é infinito."

3. Poderíamos dizer que Deus é o infinito?

"Definição incompleta. Pobreza da linguagem humana, que é insuficiente para definir as coisas que estão acima da sua inteligência."

Deus é infinito em suas perfeições, mas o infinito é uma abstração; dizer que Deus é o ***infinito*** é tomar o atributo pela coisa em si mesma, é definir uma coisa que não é conhecida por uma coisa menos definida ainda.

---

[10] O texto colocado entre aspas e em seguida às perguntas é a própria resposta dada pelos Espíritos. Os comentários e desenvolvimentos feitos pelo autor estão diferenciados por outra fonte de letra, quando aí poderia haver possibilidade de confundi-los com os textos da resposta. Quando formam capítulos inteiros, não sendo possível a confusão, conservamos a fonte comum.

[**Nota do Tradutor** – Nesta edição, as respostas dos Espíritos também são destacadas pela cor azulada e os comentários e desenvolvimentos feitos por Allan Kardec estão em fonte de letra em tamanho menor em relação ao texto comum, além de uma tonalidade mais clara que a cor das perguntas.]

Provas da existência de Deus

4. Onde podemos encontrar a prova da existência de Deus?

"Num axioma que vocês aplicam em suas ciências: Não há efeito sem causa. Procurem a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá."

Para crermos em Deus, basta lançar o olhar sobre as obras da criação. O Universo existe, logo tem uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa e sugerir que o nada pudesse fazer alguma coisa.

5. Que consequência podemos tirar do sentimento intuitivo que todos os homens trazem em si da existência de Deus?

"Que Deus existe; pois, de onde lhes viria esse sentimento se não se apoiasse sobre nada? É também uma consequência daquele princípio que não há efeito sem causa."

6. O sentimento íntimo que temos em nós mesmos da existência de Deus não seria fruto da educação e o resultado de ideias adquiridas?

"Se assim fosse, por que vossos selvagens teriam esse sentimento?"

Se o sentimento da existência de um ser supremo não passasse do produto de um ensinamento, ele não seria universal, nem existiria — como as noções das ciências — senão nos que pudessem receber esse ensino.

7. Poderíamos encontrar a causa primária da formação das coisas nas propriedades íntimas da matéria?

"Mas então qual seria a causa dessas propriedades? Sempre é necessária uma causa primária."

Atribuir a formação primária das coisas às propriedades íntimas da matéria seria tomar o efeito pela causa, pois essas mesmas propriedades são um efeito que há de ter uma causa.

8. Que pensar da opinião que atribui a formação primária a uma combinação fortuita da matéria, ou, dita de outra forma, ao acaso?

"Outro absurdo! Que homem de bom senso pode considerar o acaso

como um ser inteligente? E ademais, o que é o acaso? Nada.”

A harmonia que rege os mecanismos do Universo detecta combinações e desígnios determinados e, por isso mesmo, revela um poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso seria um contrassenso, pois o acaso é cego e não pode produzir os efeitos da inteligência. Um acaso inteligente já não seria acaso.

9. Onde é que se vê na causa primária uma inteligência suprema e superior a todas as inteligências?

“Vocês têm um provérbio que diz isso: Pela obra se reconhece o autor. Pois bem! Vejam a obra e procurem o autor. É o orgulho que gera a incredulidade. O homem orgulhoso não quer nada acima de si, por isso é que ele se denomina espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater!”

Julga-se a força de uma inteligência pelas suas obras; como nenhum ser humano pode criar o que a natureza produz, a causa primária é, conseguintemente, uma inteligência superior à Humanidade.

Quaisquer que sejam os prodígios realizados pela inteligência humana, essa mesma inteligência tem uma causa e, quanto maior for o que realize, tanto maior a causa primária há de ser. É esta inteligência que é a causa primária de todas as coisas, qualquer que seja o nome sob o qual o homem lhe denomine.

Atributos da Divindade

10. O homem pode compreender a natureza íntima de Deus?

“Não; esse é um sentido que lhe falta.”

11. Algum dia será permitido ao homem compreender o mistério da Divindade?

“Quando seu espírito não estiver mais obscurecido pela matéria e, por sua perfeição, estiver se aproximado de Deus, então ele o verá e o compreenderá.”

A inferioridade das capacidades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus. Na infância da humanidade muitas vezes o homem o

confunde com a criatura, da qual lhe atribui as imperfeições; mas, à medida que o senso moral se desenvolve nele, seu pensamento penetra melhor no fundo das coisas e faz da Divindade uma ideia mais justa e mais conforme com a boa razão — ainda que sempre incompleta.

12. Já que não podemos compreender a natureza íntima de Deus, podemos ter uma ideia de algumas de suas perfeições?

"Sim, de algumas. O homem as compreende melhor na proporção em que se eleva acima da matéria; ele as vê pelo pensamento."

13. Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom, fazemos uma ideia completa de seus atributos?

"Do vosso ponto de vista, sim, porque vocês creem abranger tudo. Todavia, saibam que há coisas acima da inteligência do homem mais inteligente, e para as quais a vossa linguagem — limitada às vossas ideias e sensações — não tem expressões. Com efeito, a razão lhes diz que Deus deve ter essas perfeições no grau supremo, pois se ele tiver uma só de menos, ou que não fosse em um grau infinito, ele já não seria superior a tudo e, por conseguinte, não seria mais Deus. Para estar acima de todas as coisas Deus não deve estar sujeito a qualquer vicissitude nem ter nenhuma das imperfeições que a imaginação possa conceber."

Deus é ***eterno***; se tivesse tido um princípio, ele teria saído do nada ou então teria sido criado por um ser anterior. É assim que passo a passo nos dirigimos ao infinito e à eternidade.

É ***imutável***; se fosse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

É ***imaterial***; quer dizer que a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria, do contrário ele não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.

É ***único***; se houvesse muitos Deuses, não haveria unidade de pensamento nem unidade de poder na ordenação do Universo.

É ***onipotente***; porque é único. Se não tivesse a força soberana, haveria algo mais poderoso ou tão poderoso quanto ele; não teria feito todas as coisas e aquilo

que ele não tivesse feito seria a obra de outro Deus.

É ***soberanamente justo e bom***. A sabedoria providencial das leis divinas se revela tanto nas coisas mais pequeninas como nas maiores, e essa sabedoria não permite duvidar nem da sua justiça nem da sua bondade.

Panteísmo

14. Deus é um ser distinto, ou, segundo a opinião de alguns, seria o resultado de todas as forças e de todas as inteligências do Universo reunidas?

"Se fosse assim, Deus não existiria, porque seria o efeito e não a causa; ele não pode ser ao mesmo tempo uma e outra coisa.

"Deus existe, disso vocês não podem duvidar, isso é o essencial. Acreditem em mim e não queiram ir além; não se percam num labirinto de onde não poderiam sair. Isso não lhes tornaria melhores, mas talvez um pouco mais orgulhosos, pois vocês acreditariam saber, quando na realidade nada saberiam. Então, deixem de lado todos esses sistemas; vocês têm bastantes coisas que lhes interessam mais diretamente, a começar por vocês mesmos; estudem as suas próprias imperfeições a fim de se libertarem delas, o que lhes será mais útil do que pretender penetrar no que é impenetrável."

15. Que pensar da opinião segundo a qual todos os corpos da natureza, todos os seres, todos os globos do Universo seriam partes da Divindade e em seu conjunto constituem a própria Divindade; noutras palavras, o que pensar da doutrina panteísta?

"Não podendo fazer-se Deus, o homem quer pelo menos ser uma parte de Deus."

16. Aqueles que professam essa doutrina pretendem encontrar nela a demonstração de alguns dos atributos de Deus. Os mundos sendo infinitos, Deus é, por isso mesmo, infinito; o vazio ou o nada não existindo em parte alguma, Deus está por toda parte; estando Deus em toda parte, pois tudo é parte integrante de Deus, ele dá a todos os fenômenos da natureza uma razão de ser inteligente. O que podemos opor a este raciocínio?

“A razão; reflitam seriamente e não lhes será difícil reconhecerem aí o absurdo.”

Essa doutrina faz de Deus um ser material que, conquanto dotado de uma suprema inteligência, seria em grande escala o que somos em pequena escala. Ora, como a matéria se transforma constantemente, se Deus fosse assim, ele não teria nenhuma estabilidade; ele estaria sujeito a todas as vicissitudes e até todas as necessidades da humanidade; faltaria a ele uma das qualidades essenciais da Divindade: a imutabilidade. As propriedades da matéria não podem se aliar à ideia de Deus sem o rebaixar ante nosso pensamento, e todas as sutilezas do sofisma não chegariam a resolver o problema da sua natureza íntima. Não sabemos tudo o que ele é, mas sabemos o que ele não pode deixar de ser, e essa teoria do Panteísmo está em contradição com suas mais essenciais propriedades; ela confunde o criador com a criatura, exatamente como se quisessem que uma máquina engenhosa fosse parte integrante do mecânico que a concebeu.

A inteligência de Deus se revela em suas obras como a de um pintor no seu quadro; no entanto, as obras de Deus não são o próprio Deus, assim como o quadro não é o pintor que o imaginou e o executou.

CAPÍTULO II

ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO

Conhecimento do princípio das coisas – Espírito e matéria – Propriedades da matéria – Espaço universal

Conhecimento do princípio das coisas

17. É permitido ao homem conhecer o princípio das coisas?

"Não, Deus não permite que tudo seja revelado ao homem neste mundo."

18. O homem penetrará algum dia o mistério das coisas que lhe estão ocultas?

"O véu se levanta para ele à medida que ele se purifica; mas, para compreender certas coisas, é preciso faculdades que ele ainda não tem."

19. Pelas investigações da ciência, o homem não poderia penetrar alguns dos segredos da natureza?

"A ciência lhe foi dada para seu adiantamento em todas as coisas, mas ele não pode ultrapassar os limites fixados por Deus."

Quanto mais é dado ao homem penetrar nesses mistérios, maior deve ser sua admiração pelo poder e sabedoria do Criador. Entretanto, seja por orgulho, seja por fraqueza, sua própria inteligência muitas vezes o torna joguete da ilusão; ele junta teorias sobre teorias e cada dia lhe mostra quantos erros tomou por verdades e quantas verdades ele rejeitou como erros. São outras tantas decepções para o seu orgulho.

20. Fora das investigações da ciência, é permitido ao homem receber comunicações de uma ordem mais elevada acerca do que escapa da percepção

dos seus sentidos?

"Sim, se Deus assim julgar útil ele pode revelar o que a ciência não pode apreender."

É por essas comunicações que o homem adquire, dentro de certos limites, o conhecimento do seu passado e do seu futuro.

Espírito e matéria

21. A matéria existe desde toda a eternidade assim como Deus, ou ela foi criada por ele em algum momento?

"Só Deus o sabe. Entretanto, há uma coisa que a vossa razão deve indicar: é que Deus, modelo de amor e caridade, nunca esteve inativo. Por mais distante que vocês possam imaginar o início de ação dele, poderiam imaginá-lo um segundo na ociosidade?"

22. Geralmente, define-se matéria assim: o que tem extensão, o que é capaz de impressionar os nossos sentidos e o que é impenetrável. Estas definições são exatas?

"Do vosso ponto de vista elas são exatas, porque vocês falam somente do que conhecem; mas a matéria existe em estados que são desconhecidos por vocês; ela pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que não cause nenhuma sensação aos sentidos humanos; contudo, é sempre matéria, embora para vocês ela não o seria."

22-a. –– Que definição podemos dar da matéria?

"A matéria é o laço que prende o espírito; é o instrumento que lhe serve e sobre o qual ao mesmo tempo ele exerce sua ação."

Desse ponto de vista, podemos dizer que a matéria é o agente, o intermediário, com o auxílio do qual e sobre o qual o espírito atua.

23. O que é o espírito?

"É o princípio inteligente do Universo."

23-a. — Qual é a natureza íntima do espírito?

"Não é fácil analisar o espírito na vossa linguagem. Para vocês ele não é nada, porque o espírito não é uma coisa palpável; para nós, no entanto, é alguma coisa. Saibam bem disso: nenhuma coisa é o nada, e o nada não existe."

24. O espírito é sinônimo de inteligência?

"A inteligência é uma qualidade essencial do espírito; uma e outra se confundem num princípio comum, de maneira que para vocês isso é a mesma coisa."

25. O espírito é independente da matéria ou é apenas uma propriedade desta, como as cores são propriedades da luz e o som é uma propriedade do ar?

"São distintos, mas é necessária a união do espírito e da matéria para intelectualizar a matéria."

25-a. — Essa união é igualmente necessária para a manifestação do espírito? (Entendemos aqui por espírito o princípio da inteligência, exceção feita das individualidades designadas por esse nome.)

"Ela vos é necessária, porque vocês não estão organicamente preparados para perceber o espírito sem a matéria; vossos sentidos não foram feitos para isso."

26. Poderíamos conceber o espírito sem a matéria e a matéria sem o espírito?

"Podem sim, sem dúvida, pelo pensamento."

27. Haveria então dois elementos gerais do Universo: matéria e espírito?

"Sim, e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas; essas três coisas constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Contudo, ao elemento material é preciso acrescentar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, que é bastante grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, em um certo ponto de vista possamos classificá-lo como elemento material, o fluido universal se distingue por propriedades

especiais; se ele fosse concretamente matéria, não haveria razão para que também o espírito não o fosse. Ele está colocado entre o espírito e a matéria; é um fluido, como a matéria é matéria, e — pelas suas inumeráveis combinações com esta última, e sob a ação do espírito — é suscetível de produzir a infinita variedade das coisas de que vocês não conhecem senão uma mínima parte. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e jamais adquiriria as propriedades que a força da gravidade lhe dá."

27-a. — Esse fluido seria o que chamamos de eletricidade?

"Dissemos que ele é suscetível de inúmeras combinações; o que chamam fluido elétrico e fluido magnético são modificações do fluido universal, que não é, propriamente falando, senão uma matéria mais perfeita, mais sutil, e que se pode considerar como independente."

28. Como o espírito é propriamente alguma coisa, não seria mais exato e menos sujeito a confusão designar esses dois elementos gerais pelas palavras: ***matéria inerte*** e ***matéria inteligente***?

"As palavras pouco importam para nós; cabe a vocês formularem a linguagem da maneira que bem entendam. Vossas disputas quase sempre vêm de não se entenderem acerca das palavras, porque a vossa linguagem é incompleta para as coisas imperceptíveis aos vossos sentidos."

Um fato evidente domina todas as hipóteses: vemos matéria que não é inteligente e vemos um princípio inteligente independente da matéria. A origem e a conexão dessas duas coisas nos são desconhecidas. Que elas tenham ou não uma fonte comum, pontos de contato necessários; que a inteligência tenha sua existência própria, ou que ela seja uma propriedade, um efeito; que ela seja até mesmo — conforme à opinião de alguns — uma emanação da Divindade, essas coisas nós ignoramos. Elas aparecem distintas para nós, e é por isso que as considerarmos como formando dois princípios constitutivos do Universo. Vemos acima de tudo isso uma inteligência que domina todas as outras, que governa tudo, que se distingue delas por atributos essenciais: é esta inteligência suprema que chamamos Deus.

Propriedades da matéria

29. A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria?

"Da matéria tal como vocês a entendem, sim; mas não da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil que forma esse fluido é imponderável para vocês, e não deixa de ser o princípio da vossa matéria pesada."

A ponderabilidade é uma propriedade relativa; fora das esferas de atração dos mundos, não há peso, do mesmo modo que não há alto nem baixo.

30. A matéria é formada de um só elemento ou de muitos elementos?

"De um só elemento primitivo. Os corpos que vocês consideram como corpos simples não são verdadeiros elementos, mas transformações da matéria primitiva."

31. De onde vêm as diferentes propriedades da matéria?

"São modificações que as moléculas elementares sofrem por efeito da sua união e em certas circunstâncias."

32. De acordo com isso, os sabores, os odores, as cores, o som e as qualidades venenosas ou saudáveis dos corpos não seriam mais do que modificações de uma única substância primitiva?

"Sim, sem dúvida, e que não existem senão pela disposição dos órgãos destinados a percebê-las."

Este princípio está demonstrado pelo fato de que nem todo mundo percebe as qualidades dos corpos da mesma maneira: alguém acha uma coisa agradável ao seu gosto, enquanto outra a acha desagradável; o que uns veem azul, outros veem vermelho; o que para uns é veneno para outros é inofensivo ou benéfico.

33. A mesma matéria elementar é suscetível de receber todas as modificações e de adquirir todas as propriedades?

"Sim, e é isso o que se deve entender quando dizemos que ***tudo está em***

tudo [11]***.”***

O oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e todos os corpos que consideramos como simples são meras modificações de uma substância primitiva. Na impossibilidade em que nos encontramos até hoje de remontar — a não ser pelo pensamento — a esta matéria primária, esses corpos são para nós verdadeiros elementos, e podemos, sem que isso tenha consequências, considerá-los como tais até nova ordem.

33-a. — Não parece que essa teoria dá razão à opinião daqueles que não admitem na matéria mais do que duas propriedades essenciais: a força e o movimento, e que pensam que todas as demais propriedades não passam de efeitos secundários variando conforme a intensidade da força e a direção do movimento?

“Essa opinião está certa. Falta somente acrescentar: segundo a disposição das moléculas, como se vê, por exemplo, num corpo opaco que pode tornar-se transparente e vice-versa.”

34. As moléculas têm uma forma determinada?

“Certamente as moléculas têm uma forma, mas que não é apreciável para vocês.”

34-a. — Essa forma é constante ou variável?

“Constante para as moléculas elementares primitivas, mas variável para as moléculas secundárias que não são mais do que aglomerações das primeiras, pois o que chamam de molécula ainda está longe da molécula elementar.”

---

[11] Esse princípio explica o fenômeno conhecido de todos os magnetizadores e que consiste, através da vontade, em dar a uma substância qualquer (a água, por exemplo) propriedades bem diversas: um determinado gosto, e até as qualidades ativas de outras substâncias. Já que não há mais de um elemento primitivo, e que as propriedades dos diversos corpos não são mais do que modificações desse elemento, resulta daí que a substância mais inofensiva tem o mesmo princípio que a mais prejudicial. Assim, a água (que é formada de uma parte de oxigênio e de duas de hidrogênio) se torna corrosiva se duplicarmos a proporção do oxigênio. Transformação semelhante pode ser produzida pela ação magnética dirigida pela vontade.

Espaço universal

35. O espaço universal é infinito ou limitado?

"Infinito. Suponha que ele fosse limitado: o que haverá além de seus limites? Isso confunde a razão, bem o sabemos, no entanto, a tua razão te diz que não pode ser de outro modo. Ocorre o mesmo com o infinito em todas as coisas; não é na vossa pequena esfera que vocês podem compreendê-lo."

Se imaginarmos um limite ao espaço, por mais distante que o pensamento possa conceber, a razão diz que além desse limite há alguma coisa, e assim gradativamente até o infinito, pois essa coisa qualquer — mesmo que fosse o vazio absoluto — ainda assim seria espaço.

36. O vazio absoluto existe em alguma parte no espaço universal?

"Não, não há o vazio; o que é vazio para ti está ocupado por uma matéria que escapa aos teus sentidos e aos teus instrumentos."

CAPÍTULO III

CRIAÇÃO

Formação dos mundos – Formação dos seres vivos – Povoamento da Terra. Adão – Diversidade das raças humanas – Pluralidade dos mundos – Considerações e concordâncias bíblicas referentes à criação

Formação dos mundos

O Universo abrange a infinidade dos mundos que vemos e dos que não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço, assim como os fluidos que o preenchem.

37. O Universo foi criado ou existe de toda a eternidade, como Deus?

"Sem dúvidas que o Universo não pôde se fazer sozinho, e se ele fosse de toda a eternidade como Deus, ele não poderia ser obra de Deus."

A razão nos diz que o Universo não pôde se fazer por si mesmo e que, não podendo ser obra do acaso, há de ser obra de Deus.

38. Como Deus criou o Universo?

"Para me servir de uma expressão: por sua Vontade. Nada caracteriza melhor essa vontade onipotente do que estas belas palavras da Gênesis: 'Deus disse: Que a luz se faça, e a luz foi feita'.[12]"

39. Poderemos conhecer o modo da formação dos mundos?

"Tudo o que se pode dizer e o que vocês podem compreender é que os

[12] Passagem bíblica presente no livro Gênesis, 1: 3, também muito recorrente através da expressão em latim *fiat lux*: "faça-se a luz". — N. T.

mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no espaço.”

40. Seriam os cometas, como agora se pensa, um começo de condensação da matéria e dos mundos em via de formação?

“Isso é exato; mas o que é absurdo é acreditar na influência deles. Refiro-me àquela influência que vulgarmente lhes atribuem, porque todos os corpos celestes têm sua parte de influência em certos fenômenos físicos.”

41. Um mundo completamente formado pode desaparecer e a matéria que o compõe ser disseminada novamente no espaço?

“Sim, Deus renova os mundos como renova os seres vivos.”

42. Podemos conhecer a duração da formação dos mundos — da Terra, por exemplo?

“Não posso te dizer nada a respeito, pois só o Criador o sabe, e bem louco seria quem pretendesse saber disso, ou conhecer o número dos séculos dessa formação.”

Formação dos seres vivos

43. Quando a Terra começou a ser povoada?

“No princípio tudo era caos; os elementos estavam misturados. Pouco a pouco cada coisa tomou o seu lugar; então apareceram os seres vivos apropriados ao estado do globo.”

44. De onde os seres vivos vieram para a Terra?

“A Terra continha os germens deles, que aguardavam o momento favorável para se desenvolverem. Os princípios orgânicos se reuniram desde quando cessou a força que os mantinha afastados e formaram os germens de todos os seres viventes. Esses germens permaneceram em estado latente e inerte, como a crisálida e as sementes das plantas, até o momento propício para a eclosão de cada espécie; então os seres de cada espécie se reuniram e se multiplicaram.”

45. Onde estavam os elementos orgânicos antes da formação da Terra?

"Achavam-se, por assim dizer, em estado de fluido no espaço, no meio dos Espíritos, ou em outros planetas, esperando a criação da Terra para começarem uma nova existência num novo globo."

A química nos mostra as moléculas dos corpos inorgânicos se unindo para formar cristais de uma regularidade constante, conforme cada espécie, desde que eles estejam nas condições requeridas. Basta a menor perturbação nestas condições para impedir a reunião dos elementos, ou pelo menos a disposição regular que constitui o cristal. Por que não se daria o mesmo com os elementos orgânicos? Conservamos durante anos as sementes de plantas e de animais, que não se desenvolvem senão numa certa temperatura e num meio propício; temos visto grãos de trigo germinarem passados vários séculos. Portanto, há nesses germens um princípio ***latente*** de vitalidade que só espera por uma circunstância favorável para se desenvolver. O que acontece diariamente debaixo das nossas vistas não poderia ter ocorrido desde a origem do globo? Essa formação dos seres vivos saindo do caos pela força mesma da natureza diminui alguma coisa da grandeza de Deus? Longe disso: ela corresponde melhor à ideia que fazemos do seu poder se exercendo sobre os mundos infinitos por meio de leis eternas. É verdade que essa teoria não resolve a questão da origem dos elementos vitais, mas Deus tem seus mistérios e pôs limites às nossas investigações.

46. Ainda há seres que nasçam espontaneamente?

"Sim, mas o gérmen primordial já existia em estado latente. Vocês são testemunhas desse fenômeno todos os dias. Os tecidos do corpo humano e o dos animais não contêm os germens de uma multidão de vermes que esperam para eclodir a fermentação pútrida necessária para a existência deles? É um pequeno mundo que dormita e que se cria."

47. A espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos contidos no globo terrestre?

"Sim, e veio a seu tempo. É por isso que se diz que o homem tinha sido formado do barro da terra."

48. Poderemos conhecer a época do aparecimento do homem e dos outros

seres vivos na Terra?

"Não; todos os vossos cálculos são quiméricos."

49. Se o gérmen da espécie humana se achava entre os elementos orgânicos do globo, por que não se formam espontaneamente homens como na sua origem?

"O princípio das coisas está nos segredos de Deus. Entretanto, podemos dizer que, uma vez espalhados pela Terra, os homens absorveram em si mesmos os elementos necessários à sua própria formação para transmiti-los conforme as leis da reprodução. O mesmo ocorre com as diferentes espécies de seres vivos."

Povoamento da terra – Adão

50. A espécie humana começou por um único homem?

"Não; aquele a quem vocês chamam Adão não foi o primeiro nem o único a povoar a Terra."

51. Poderemos saber em que época viveu Adão?

"Mais ou menos a que vocês assinalam: aproximadamente 4 mil anos antes do Cristo."

O homem cuja tradição conservou sob o nome de Adão foi um dos que sobreviveram numa certa região, após alguns dos grandes cataclismos que em diversas épocas reboliram a superfície do planeta e se tornou o tronco de uma das raças que o povoam atualmente. As leis da natureza se opõem a que os progressos da humanidade — comprovados muito tempo antes do Cristo — pudessem ser realizados em alguns séculos, se o homem só existisse na Terra a partir da época assinalada para a existência de Adão. Alguns — e com mais razão — consideram Adão como um mito, ou uma alegoria que personifica as primeiras eras do mundo.

Diversidade das raças humanas

52. De onde vêm as diferenças físicas e morais que distinguem as raças

humanas na Terra?

"Do clima, da vida e dos costumes. Ocorre aí o mesmo que se dá com dois filhos de uma mesma mãe que, educados longe um do outro e de modos diferentes, não se assemelharão em nada quanto ao moral."

53. O homem surgiu em muitos pontos do planeta?

"Sim, em diversas épocas, e essa é uma das causas da diversidade das raças. Depois, dispersando-se por variados climas e se aliando a outras raças, formaram novos tipos."

53-a. — Essas diferenças constituem espécies distintas?

"Certamente que não, pois todos são da mesma família. As muitas variedades de um mesmo fruto por acaso impedem que elas pertençam à mesma espécie?"

54. Pelo fato de a espécie humana não proceder de um só indivíduo, os homens devem deixar de se considerarem como irmãos?

"Todos os homens são irmãos em Deus, porque eles são animados pelo espírito e tendem para o mesmo propósito. Vocês querem sempre tomar as palavras ao pé da letra."

Pluralidade dos mundos

55. Todos os globos que circulam no espaço são habitados?

"Sim, e o homem da Terra está longe de ser — como ele acredita — o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição. Há, pois, homens que se creem bem fortes e que imaginam que este pequenino globo tem o privilégio exclusivo de conter seres racionais. Orgulho e vaidade! Julgam que Deus criou o Universo só para eles."

Deus povoou os mundos de seres vivos e todos colaboram para o objetivo final da Providência. Acreditar que os seres viventes estejam circunscritos ao único ponto que habitamos seria colocar em dúvida a sabedoria de Deus, que nada faz de inútil. Ele há de ter atribuído a esses mundos um objetivo mais sério do que o de

enfeitar nossa vista. Aliás, nada há — nem na posição, nem no volume e nem na constituição física da Terra — que possa fazer supor racionalmente que só ela tenha o privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de mundos semelhantes.

56. A constituição física dos diversos globos é a mesma?

"Não; eles não se assemelham em nada."

57. Como a constituição física dos mundos não é mesma para todos, segue daí que os seres que lá habitam tenham uma organização diferente?

"Sem dúvidas, como no vosso mundo os peixes são feitos para viver na água e os pássaros no ar."

58. Os mundos que estão mais afastados do Sol estariam privados de luz e de calor, já que o Sol não se mostra para eles senão com a aparência de uma estrela?

"Então vocês pensam que não há outras fontes de luz e calor além do Sol, nem levam em conta a eletricidade, que em certos mundos desempenha um papel que é desconhecido por vocês, e bem mais importante do que na Terra? Aliás, não dissemos que todos os seres sejam da mesma forma que vocês e com os órgãos iguais aos vossos."

As condições de existência dos seres que habitam os diferentes mundos devem ser apropriadas ao meio nos quais eles vivem. Se jamais tivéssemos visto peixes, nós não compreenderíamos que seres vivos pudessem viver dentro d'água. Assim é nos outros mundos que, sem dúvida, contêm elementos que desconhecemos. Não vemos na Terra as longas noites polares iluminadas pela eletricidade das auroras boreais? O que há de impossível que em alguns mundos a eletricidade seja mais abundante do que na Terra e lá desempenhem uma função geral cujos efeitos não podemos compreender? Portanto, esses mundos podem trazer em si mesmos as fontes de calor e de luz necessárias a seus habitantes.

Considerações e concordâncias bíblicas referentes à criação

59. Os povos têm formado ideias muito divergentes acerca da criação, de

acordo com o grau dos seus conhecimentos. Apoiada na ciência, a razão reconheceu a inverossimilhança de certas teorias. Aquela que é oferecida pelos Espíritos confirma a opinião aceita desde há muito pelos homens mais esclarecidos.

A objeção que se pode fazer a esta teoria é a de que ela esteja em contradição com o texto dos livros sagrados, mas um exame sério mostrará que essa contradição é mais aparente do que real, e que ela decorre da interpretação dada em um sentido muitas vezes alegórico.

A questão do primeiro homem na pessoa de Adão, como único tronco da humanidade, não é a única sobre a qual as crenças religiosas tiveram que se modificar. Em determinada época, o movimento da Terra pareceu tão em oposição ao texto sagrado que não houve tipo de perseguições a que essa teoria não tivesse servido de pretexto, e, no entanto, a Terra gira, malgrado os anátemas[13], e ninguém hoje poderia contestá-lo sem ferir a sua própria razão.

A Bíblia diz igualmente que o mundo foi criado em seis dias e estabelece a época da sua criação há mais ou menos 4 mil anos antes da Era Cristã. Anteriormente a esta data, a Terra não existia; ela foi tirada do nada: o texto é formal; e eis que a ciência positiva — a ciência inexorável — vem provar o contrário. A formação do globo está escrita em caracteres irrecusáveis no mundo fóssil, e está provado que os seis dias da criação representam outros tantos períodos, cada um talvez de muitas centenas de milhares de anos. Isto não é um sistema, uma doutrina, uma opinião isolada: é um fato tão certo como aquele do movimento da Terra e que a teologia não pode se recusar a admitir — prova evidente do erro no qual se pode cair quando se toma ao pé da letra expressões de uma linguagem frequentemente figurada. Devemos concluir daí que a Bíblia é um erro? Não, mas que os homens se equivocaram ao interpretá-la.

Vasculhando os arquivos da Terra, a ciência reconheceu a ordem na qual os diferentes seres viventes apareceram na sua superfície, e essa ordem está de acordo com o que está indicado na Gênesis, com a diferença que essa obra,

---

[13] Anátema: sentença de reprovação e maldição lançada pela igreja contra os hereges (aqueles que atentam contra os princípios da religião); excomunhão; por extensão, qualquer condenação contra uma ideia. — N. T.

em vez de sair milagrosamente das mãos de Deus em algumas horas, se realizou, sempre por sua vontade, mas segundo a lei das forças da natureza, em alguns milhões de anos. Por conta disso, Deus fica menor e menos poderoso? Sua obra fica menos sublime por não ter o prestígio da instantaneidade? Evidentemente que não! Seria preciso fazer uma ideia bem mesquinha da Divindade para não reconhecer sua onipotência nas leis eternas que estabeleceu para reger os mundos. A ciência, longe de menosprezar a obra divina, mostra-nos essa obra sob um aspecto mais grandioso e mais concorde com as noções que temos do poder e da majestade de Deus, pela razão mesma de ela se realizar sem derrogar as leis da Natureza.

De acordo com Moisés nesse ponto, a ciência coloca o homem em último lugar na ordem da criação dos seres viventes. Mas Moisés coloca o dilúvio universal no ano 1.654 do mundo, ao passo que a geologia nos mostra o grande cataclismo como sendo anterior ao aparecimento do homem, tendo em vista que, até hoje, não se encontrou nas camadas primitivas nenhum traço de sua presença, nem da presença dos animais da mesma categoria, do ponto de vista físico. Contudo, nada prova que isso seja impossível; muitas descobertas já lançaram dúvidas a esse respeito. Pode ocorrer então que de um momento para outro se adquira a certeza material dessa anterioridade da raça humana e logo se reconhecerá que, sobre esse ponto, assim como sobre outros, o texto bíblico seja uma simbologia. A questão é saber se o cataclismo geológico é o mesmo que aquele de Noé; ora, a duração necessária à formação das camadas fósseis não permite confundi-los e, desde que se encontrem vestígios da existência do homem antes da grande catástrofe, ficaria provado que ou Adão não foi o primeiro homem ou que a sua criação se perde na noite dos tempos. Contra a evidência não há raciocínios possíveis e é preciso aceitar esse fato, como foi aceito aquele do movimento da Terra e os seis períodos da criação.

É verdade que a existência do homem antes do dilúvio geológico ainda é uma hipótese, mas eis aqui algo que é menos hipotético. Admitindo que o homem tenha aparecido pela primeira vez na Terra 4 mil anos antes do Cristo, se 1.650 anos mais tarde toda a raça humana tivesse sido destruída com

exceção de uma única família, implica que o povoamento da Terra data justamente de Noé, ou seja: de 2.350 anos antes da nossa era. Ora, quando os hebreus emigraram para o Egito no décimo oitavo século, eles encontraram esse país muito povoado e já bastante adiantado em civilização. A História prova que a essa época as Índias e outros países igualmente estavam florescentes, sem mesmo se ter em conta a cronologia de certos povos que remontam a uma época muito mais longínqua. Nesse caso, seria preciso que do vigésimo quarto ao décimo oitavo século, quer dizer, num espaço de 600 anos, não somente a descendência de um único homem tivesse podido povoar todos os imensos países então conhecidos, suposto que os outros não o fossem, mas também que nesse curto espaço de tempo a espécie humana houvesse podido elevar-se da ignorância absoluta do estado primitivo ao mais alto grau de desenvolvimento intelectual — o que é contrário a todas as leis antropológicas.

A diversidade das raças também vem dar apoio a essa opinião. O clima e os hábitos sem dúvidas produzem modificações no caráter físico, contudo, sabemos até onde pode ir a influência dessas causas e o exame fisiológico comprova que há entre certas raças diferenças constitucionais mais profundas do que as que o clima é capaz de produzir. O cruzamento das raças dá origem aos tipos intermediários; ele tende a apagar as características extremas, mas não os produz; apenas cria variedades. Ora, para que tenha havido cruzamento de raças, seria preciso que houvesse raças distintas, e como explicar a existência delas atribuindo-lhes uma linhagem comum e, sobretudo, tão pouco afastada? Como admitir que em poucos séculos alguns descendentes de Noé tenham se transformado ao ponto de produzirem a raça etíope, por exemplo? Uma metamorfose como essa não é mais admissível do que a hipótese de uma linhagem comum entre o lobo e o cordeiro, entre o elefante e o pulgão, o pássaro e o peixe. Ainda uma vez: nada pode prevalecer contra a evidência dos fatos. Ao contrário, tudo se explica em se admitindo a existência do homem anteriormente à época em que lhe é vulgarmente assinalada; admitindo a diversidade das linhagens; Adão vivendo há 6 mil anos, como tendo povoado uma região ainda desabitada; admitindo o dilúvio de Noé como uma catástrofe parcial, confundida com o cataclismo geológico; e

atentando-se, finalmente, na forma alegórica própria do estilo oriental e que se encontramos nos livros sagrados de todos os povos. É por isso que é prudente não contestar muito ligeiramente as doutrinas que cedo ou tarde podem, como tantas outras, desmentir aqueles que as combatem. As ideias religiosas, longe de perderem alguma coisa, se engrandecem em caminhar ao lado da ciência; esse é o único meio de não mostrar ao ceticismo um lado vulnerável.

CAPÍTULO IV

PRINCÍPIO VITAL

Seres orgânicos e inorgânicos – A vida e a morte – Inteligência e instinto

Seres orgânicos e inorgânicos

Os seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida; eles nascem, crescem, reproduzem-se e morrem; são providos de órgãos especiais para a execução dos diferentes atos da vida, e que são apropriados às necessidades da sua própria conservação. Essa classe abrange os homens, os animais e as plantas. Os seres inorgânicos são todos aqueles que não têm nem vitalidade nem movimentos próprios, e que só são formados pela agregação da matéria, tais como os minerais, a água, o ar etc.

60. É a mesma força que une os elementos da matéria nos corpos orgânicos e nos corpos inorgânicos?

"Sim, a lei de atração é a mesma para todos."

61. Há alguma diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e a dos corpos inorgânicos?

"É sempre a mesma matéria, todavia nos corpos orgânicos ela é animalizada."

62. Qual é a causa da animalização da matéria?

"Sua união com o princípio vital."

63. O princípio vital reside em algum agente particular ou não é mais do que uma propriedade da matéria organizada? Numa palavra, é efeito, ou causa?

"Uma e outra coisa. A vida é um efeito produzido pela ação de um agente

sobre a matéria. Esse agente, sem a matéria, não é a vida, do mesmo modo que a matéria não pode viver sem esse agente. Ele dá a vida a todos os seres que o absorvem e o assimilam."

64. Vimos que o espírito e a matéria são dois elementos constitutivos do Universo. O princípio vital formaria um terceiro?

"Sem dúvida é um dos elementos necessários para a constituição do Universo, mas que também tem sua origem na matéria universal modificada; para vocês, é um elemento, como o oxigênio e o hidrogênio que, entretanto, não são elementos primitivos, pois tudo isso parte de um mesmo princípio."

64-a. — Parece resultar daí que a vitalidade não tem seu princípio num agente primitivo distinto, e sim numa propriedade especial da matéria universal, devido a certas modificações.

"Isto é a consequência do que dissemos."

65. O princípio vital reside em algum dos corpos que conhecemos?

"Sua fonte está no fluido universal; é o que chamam de fluido magnético ou fluido elétrico animalizado. Ele é o intermediário, o elo entre o espírito e a matéria."

66. O princípio vital é o mesmo para todos os seres orgânicos?

"Sim, modificado segundo as espécies. É o que lhes dá movimento e atividade, e os distingue da matéria inerte, pois o movimento da matéria não é a vida. Ela recebe esse movimento, ela não o dá."

67. A vitalidade é uma propriedade permanente do agente vital, ou essa vitalidade se desenvolve apenas pelo funcionamento dos órgãos?

"Ela só se desenvolve com o corpo. Não dissemos que esse agente sem a matéria não é a vida? É preciso a união das duas coisas para produzir a vida."

67-a. — Poderíamos dizer que a vitalidade está em estado latente, quando o agente vital não está unido ao corpo?

"Sim, é isso."

O conjunto dos órgãos constitui um tipo de mecanismo que recebe sua

impulsão da atividade íntima ou princípio vital que existe entre eles. O princípio vital é a força motora dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo em que o agente vital dá impulsão aos órgãos, a ação dos órgãos mantém e desenvolve a atividade do agente vital, quase como o atrito desenvolve o calor.

A vida e a morte

68. Qual é a causa da morte dos seres orgânicos?

"Esgotamento dos órgãos."

68-a. — Poderíamos comparar a morte à suspensão do movimento numa máquina desorganizada?

"Sim; se a máquina estiver mal montada, o mecanismo se quebra. Se o corpo estiver enfermo, a vida se esvai."

69. Por que uma lesão do coração, antes que uma lesão de outros órgãos, causa a morte?

"O coração é uma máquina de vida. Porém, o coração não é o único órgão cuja lesão ocasiona a morte; ele não é mais do que uma das peças essenciais."

70. Em que se torna a matéria e o princípio vital dos seres orgânicos depois da sua morte?

"A matéria inerte se decompõe e forma novos corpos; o princípio vital retorna à massa."

Estando morto o ser orgânico, os elementos de que é formado passam por novas combinações que constituem novos seres; estes haurem da fonte universal o princípio da vida e da atividade, absorvem-no e o assimilam, para novamente o devolverem a essa fonte quando deixarem de existir.

Por assim dizer, os órgãos estão impregnados desse fluido vital. Esse fluido dá a todas as partes do organismo uma atividade que opera a aproximação deles em certas lesões, e restabelece as funções momentaneamente suspensas. Contudo, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos estão destruídos, ou muito profundamente alterados, o fluido vital fica impotente para lhes transmitir o movimento da vida, e o ser morre.

Os órgãos reagem mais ou menos necessariamente uns sobre os outros; é a harmonia do seu conjunto que resulta sua ação recíproca. Quando uma causa qualquer destrói essa harmonia, suas funções cessam como o movimento de um mecanismo cujas peças essenciais ficam desarranjadas. Tal um relógio gasto pelo uso ou que se quebrou por acidente, e que a força motriz fica impotente para fazê-lo funcionar.

Temos uma imagem mais exata da vida e da morte num aparelho elétrico. Como todos os corpos da natureza, esse aparelho, oculta a eletricidade em estado latente. Os fenômenos elétricos só se manifestam quando o fluido é posto em atividade por uma causa especial: podemos dizer então que o aparelho está vivo. A causa da atividade vindo a cessar, o fenômeno cessa: o aparelho volta ao estado de inércia. Os corpos orgânicos seriam, assim, uma espécie de pilhas ou aparelhos elétricos nos quais a atividade do fluido determina o fenômeno da vida: a extinção dessa atividade produz a morte.

A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos; ela varia conforme as espécies e não é constante — seja no mesmo indivíduo, seja nos indivíduos da mesma espécie. Há alguns que estão, por assim dizer, carregados desse fluido, enquanto outros o possuem em quantidade apenas suficiente. Com isso, para alguns a vida é mais ativa, mais resistente e de certo modo superabundante.

A quantidade de fluido vital se esgota; ela pode se tornar insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm.

O fluido vital se transmite de um indivíduo para outro indivíduo. Aquele que tiver mais fluido pode dá-lo a um que o tenha menos e em certos casos prolongar a vida prestes a se extinguir.

Inteligência e instinto

71. A inteligência é um atributo do princípio vital?

"Não, pois as plantas vivem e não pensam: elas não têm mais do que a vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, porque um corpo pode viver sem a inteligência; mas a inteligência só pode se manifestar por meio dos órgãos materiais; é necessária a união do espírito para

intelectualizar a matéria animalizada.”

A inteligência é uma capacidade especial típica de certas classes de seres orgânicos e que, com o pensamento, lhes dá a vontade de agir, a consciência da sua existência e de sua individualidade, assim como os meios de estabelecerem relações com o mundo exterior e de proverem às suas necessidades.

Podemos distingui-la assim: 1°) os seres inanimados, formados só de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos brutos; 2°) os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, mas desprovidos de inteligência; 3°) os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo a mais um princípio inteligente que lhes concede a capacidade de pensar.

72. Qual é a fonte da inteligência?

“Já o dissemos; a inteligência universal.”

72-a. — Poderíamos dizer que cada ser tira uma porção de inteligência da fonte universal e a assimila, como tira e assimila o princípio da vida material?

“Isto não é mais do que uma comparação, conquanto não seja exata, porque a inteligência é uma faculdade própria de cada ser e constitui a sua individualidade moral. Além do mais, como vocês sabem, há coisas que não é permitido ao homem penetrar e esta é uma delas, por enquanto.”

73. O instinto é independente da inteligência?

“Absolutamente não, pois o instinto é uma espécie de inteligência. É uma inteligência não raciocinada; é por ele que todos os seres proveem suas necessidades.” [14]

---

[14] Posteriormente, no livro ***A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*** (cap. III, desde o item 11), Allan Kardec irá considerar outras teorias sobre a natureza do instinto, sem fechar a questão; uma dessas hipóteses — a qual ele considerou concordante com o Espiritismo no tocante às relações do mundo espiritual com o mundo corpóreo — traz a ideia de que o instinto não seria um atributo da alma individualizada; ou seja, não pertenceria propriamente ao ser vivo, mas seria um efeito de uma ação externa, outra inteligência (Espíritos protetores) a zelar pelo indivíduo ora incapacitado de se governar. A partir disso, evidencia-se

74. Podemos determinar um limite entre o instinto e a inteligência, isto é, especificar onde acaba um e começa a outra?

"Não, pois muitas vezes eles se confundem. Mas, pode-se muito bem distinguir os atos que pertencem ao instinto e aqueles que pertencem à inteligência."

75. É exato se dizer que as faculdades instintivas diminuem à medida que crescem as faculdades intelectuais?

"Não, o instinto existe sempre, mas o homem o despreza. O instinto também pode conduzir ao bem; ele quase sempre nos guia e algumas vezes mais seguramente do que a razão. Ele jamais se transvia."

75-a. — Por que a razão nem sempre é um guia infalível?

"Ela seria infalível se não fosse falseada pela má-educação, pelo orgulho e pelo egoísmo. O instinto não raciocina; a razão permite a escolha e dá ao homem o livre-arbítrio."

O instinto é uma inteligência rudimentar que difere da inteligência propriamente dita, em que suas manifestações são quase sempre espontâneas, ao passo que as da inteligência resultam de uma combinação e de um ato deliberado.

O instinto varia em suas manifestações segundo as espécies e as suas necessidades. Nos seres que têm a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, quer dizer, à vontade e à liberdade.

---

que essa inteligência seja antes de tudo a providência divina cuidando de suas criaturas através do trabalho dos seus ministros, os Espíritos protetores, anjos guardiões e até os familiares e amigos encarnados, pelo que ele vai dizer, por exemplo: "Por intermédio da mãe, o próprio Deus vela pelas suas criaturas que nascem." — N. T.

LIVRO SEGUNDO

MUNDO ESPÍRITA
OU DOS ESPÍRITOS

I - OS ESPÍRITOS
II - ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS
III - RETORNO DA VIDA CORPÓREA À VIDA ESPIRITUAL
IV - PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS
V - CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS
VI - VIDA ESPÍRITA
VII - RETORNO À VIDA CORPORAL
VIII - EMANCIPAÇÃO DA ALMA
IX - INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL
X - OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS
XI - OS TRÊS REINOS

CAPÍTULO PRIMEIRO

OS ESPÍRITOS

Origem e natureza dos Espíritos – Mundo normal primitivo – Forma e ubiquidade dos Espíritos – Perispírito – Diferentes ordens dos Espíritos – Escala espírita – Progressão dos Espíritos – Anjos e demônios

Origem e natureza dos Espíritos

76. Que definição podemos dar dos Espíritos?

"Pode-se dizer que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Eles povoam o Universo fora do mundo material."

Nota — A palavra ***Espírito*** é empregada aqui para designar as individualidades dos seres extracorpóreos, e não mais o elemento inteligente universal.

77. Os Espíritos são seres distintos da Divindade, ou não seriam mais do que simples emanações ou porções da Divindade e, por essa razão, denominados criaturas ou filhos de Deus?

"Meu Deus! Eles são obra de Deus, exatamente como um homem que faz uma máquina: essa máquina é obra do homem e não o próprio homem. Sabe-se que quando o homem faz algo belo e útil, ele o chama seu filho, sua criação. Pois bem! Acontece o mesmo com relação a Deus: nós somos seus filhos, pois somos obra dele."

78. Os Espíritos tiveram um princípio ou, assim como Deus, existem desde toda a eternidade?

"Se os Espíritos não tivessem tido um princípio, eles seriam iguais a Deus, quando, ao contrário, eles são sua criação e se submetem à vontade

dele. Deus existe desde toda a eternidade, isso é incontestável; porém, saber quando e como ele nos criou, nós nada sabemos. Pode-se dizer que nós somos sem começo, se com isso se entende que Deus, sendo eterno, há de ter criado sem descanso; mas, quando e como cada um de nós foi feito, eu repito, ninguém o sabe: aí é que está o mistério."

79. Já que há dois elementos gerais no Universo — o elemento inteligente e o elemento material —, poderíamos dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente assim como os corpos inertes são formados do elemento material?

"Isso é evidente. Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo dessa formação é que são desconhecidos."

80. A criação dos Espíritos é permanente ou só ocorreu no princípio dos tempos?

"Ela é permanente, quer dizer que Deus jamais deixou de criar."

81. Os Espíritos se formam espontaneamente ou nascem uns dos outros?

"Deus os cria, como cria todas as outras criaturas, por sua vontade; contudo, mais uma vez dizemos: a origem deles é mistério."

82. Será exato dizermos que os Espíritos são imateriais?

"Como se pode definir uma coisa quando faltam termos de comparação e com uma linguagem insuficiente? Um cego de nascença poderia definir a luz? Imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato, pois deve-se compreender bem que, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa; é uma matéria quintessenciada[15], mas sem analogia para vocês, e tão etérea que não pode ser percebida pelos vossos sentidos."

---

[15] Quintessenciado: aquilo que é do maior grau de pureza física, dito essência espiritual; relativo à quintessência (quinta-essência) também chamada éter ou elemento etéreo (sublime, elevado, divino), de uma natureza material especial que o diferencia dos demais elementos físicos; dito de *quinta essência* em sequência aos quatro elementos (terra, ar, fogo e água) que antigos pensadores supunham como sendo as formas primitivas da matéria de que então todos os demais elementos físicos seriam formados. – N. T.

Dizemos que os Espíritos são imateriais porque, pela sua essência eles são diferentes de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria. Um bando de cegos não teria termos para exprimir a luz e seus efeitos. O cego de nascença acredita ter todas as percepções pelo ouvido, olfato, paladar e tato; ele não compreende as ideias que só lhe poderiam ser dadas pelo sentido que lhe falta. Da mesma maneira, com relação à essência dos seres sobre-humanos, nós somos verdadeiros cegos. Não os podemos definir senão por meio de comparações sempre imperfeitas, ou por um esforço da nossa imaginação.

83. Os Espíritos têm um fim? Compreendemos que o princípio de onde eles emanam seja eterno, mas o que perguntamos é se sua individualidade têm um término, e se, em dado tempo, mais ou menos longo, o elemento de que eles são formados não se desmancha e retorna à massa, como ocorre com os corpos materiais. É difícil compreender que uma coisa que teve começo possa não ter fim.

"Há muitas coisas que vocês não compreendem, porque vossa inteligência é limitada, mas isso não é uma razão para rejeitá-las. O filho não compreende tudo o que seu pai sabe, nem o ignorante sabe tudo o que o mestre compreende. Dizemos que a existência dos Espíritos não se acaba; isso é tudo o que podemos dizer por agora."

Mundo normal primitivo

84. Os Espíritos formam um mundo à parte, fora daquele que nós vemos?

"Sim, o mundo dos Espíritos, ou das inteligências incorpóreas."

85. Qual dos dois — o mundo espírita ou o mundo corpóreo — é o principal, na ordem das coisas?

"O mundo espírita; ele preexiste e sobrevive a tudo."

86. O mundo corporal poderia deixar de existir ou nunca ter existido, sem alterar a essência do mundo espírita?

"Certamente. Eles são independentes, entretanto, a correlação entre eles é incessante, pois um reage sobre o outro constantemente."

87. Os Espíritos ocupam uma região determinada e circunscrita no espaço?

"Os Espíritos estão em toda parte; os espaços infinitos são habitados por eles infinitamente. Há muitos deles continuamente ao redor de vocês lhes observando e lhes influenciando sem que vocês percebam, pois os Espíritos são uma das potências da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para a execução de seus desígnios providenciais. No entanto, nem todos vão a toda parte, pois há regiões interditadas aos menos adiantados."

Forma e ubiquidade dos Espíritos

88. Os Espíritos têm uma forma determinada, limitada e constante?

"Aos vossos olhos, não; aos nossos, sim. O Espírito é, digamos, uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea."

88-a. — Essa chama ou centelha tem alguma cor?

"Para vocês, ela varia do escuro a uma cor brilhante do rubi, conforme o Espírito é mais ou menos puro."

Normalmente, representamos os gênios com uma chama ou estrela na fronte. É uma alegoria que lembra a natureza essencial dos Espíritos. Colocam-na no alto da cabeça porque aí está a sede da inteligência.

89. Os Espíritos gastam algum tempo para percorrer o espaço?

"Sim, mas rápido como o pensamento."

89-a. — O pensamento não é a própria alma que se transporta?

"Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, porque é a alma quem pensa. O pensamento é um atributo."

90. O Espírito que se transporta de um lugar para outro tem consciência da distância que percorre e dos espaços que atravessa, ou bem seria subitamente transportado ao lugar para onde ele quer ir?

"As duas coisas. Se assim quiser, o Espírito pode se dar conta da distância que ele percorre, mas essa distância também pode desaparecer

completamente; isso dependendo da sua vontade e ainda da sua natureza mais ou menos depurada.”

91. A matéria opõe obstáculo aos Espíritos?

“Não; eles penetram tudo: o ar, a terra, as águas e até mesmo o fogo lhes são igualmente acessíveis.”

92. Os Espíritos têm o dom da ubiquidade? Por outras palavras: o Espírito pode se dividir, ou existir em vários pontos ao mesmo tempo?

“Não pode haver divisão do um mesmo Espírito; mas cada qual é um centro que irradia para diversos lados e é por isso que ele parece estar em muitos lugares ao mesmo tempo. Vejam o Sol: ele é somente um, mas se irradia em todo o seu entorno e leva seus raios para muito longe. Contudo, ele não se divide.”

92-a. — Todos os Espíritos irradiam com a mesma força?

“Longe disso; essa força depende do grau de pureza dos Espíritos.”

Cada Espírito é uma unidade indivisível, mas cada qual pode irradiar seus pensamentos para diversos lados sem por isso se dividir. Nesse sentido unicamente é que devemos entender o dom da ubiquidade atribuído aos Espíritos. Tal como uma centelha que projeta longe a sua claridade e pode ser percebida de todos os pontos do horizonte, ou ainda como um homem que, sem mudar de lugar e sem se fracionar, pode transmitir ordens, sinais e movimento a diferentes pontos.

Perispírito

93. O Espírito, propriamente dito, vive a descoberto ou é, como alguns supõem, envolvido por uma substância qualquer?

“O Espírito é envolvido por uma substância vaporosa para vocês, mas ainda bem densa para nós; portanto, bastante vaporosa para poder se elevar na atmosfera e se transportar para onde queira.”

Como o gérmen de um fruto é coberto pelo perisperma, do mesmo modo o

Espírito propriamente dito é coberto de um envoltório que, por comparação, podemos chamar ***perispírito***.

94. De onde o Espírito tira o seu envoltório semimaterial?

"Do fluido universal de cada globo. É por isso que ele não é o mesmo em todos os mundos; passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como vocês mudam de roupa."

94-a. — Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, eles tomam um perispírito mais grosseiro?

"É necessário que eles se revistam da vossa matéria, já o dissemos."

95. O invólucro semimaterial do Espírito toma formas determinadas e pode ser perceptível?

"Sim, uma forma ao gosto do Espírito, e é assim que ele aparece algumas vezes a vocês, seja nos sonhos, seja no estado de vigília, podendo tomar uma forma visível e até mesmo palpável."

Diferentes ordens de Espíritos

96. Os Espíritos são iguais ou existe entre eles uma hierarquia qualquer?

"Eles são de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição ao qual eles tenham alcançado."

97. Há um número determinado de ordens ou graus de perfeição entre os Espíritos?

"O número de ordens é ilimitado, porque não existe entre elas uma linha de demarcação traçada como uma barreira, e assim podemos multiplicar ou restringir as divisões livremente. No entanto, se considerarmos as características gerais, podemos simplificá-las em três ordens principais.

"Podemos colocar na primeira classe os que alcançaram a perfeição: os puros Espíritos. Os da segunda ordem são aqueles que chegaram no meio da escala: o desejo do bem é a preocupação deles. Os do último grau são aqueles que ainda se encontram na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos.

Eles são caracterizados pela ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más que lhes retardam o seu adiantamento.”

98. Os Espíritos de segunda ordem tem o desejo só do bem; teriam eles também o poder de praticá-lo?

“Eles dispõem desse poder segundo o grau de sua perfeição; uns têm ciência, outros têm sabedoria e bondade, mas todos têm ainda provas a se submeter.”

99. Os Espíritos da terceira classe são todos essencialmente maus?

“Não, uns não fazem nem o mal nem o bem; outros, ao contrário, se divertem com o mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião para praticá-lo. Há também os Espíritos levianos ou ***tolos***, mais desordeiro do que malignos, que se deleitam mais com a malícia do que com a malvadez, e que encontram seu prazer em mistificar e causar pequenas contrariedades das quais eles riem.”

Escala espírita

100. ***Observações preliminares*** — A classificação dos Espíritos é baseada no grau de adiantamento deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que eles ainda têm a depurar. Essa classificação, aliás, não tem nada de absoluta; nenhuma categoria apresenta um caráter particular a não ser no seu conjunto geral, mas de um grau a outro a transição é insensível e, nos seus limites, as nuances se apagam como nos reinos da natureza, como nas cores do arco-íris, ou ainda como nos diferentes períodos da vida do homem. Portanto, podemos formar maior ou menor número de classes, de acordo com o ponto de vista sob o qual se considere a questão. Acontece aqui como se dá com todos os sistemas de classificações científicas; esses sistemas podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência. Porém, sejam quais forem, em nada alteram as bases da ciência. Os Espíritos, interrogados sobre essa questão, puderam então divergir quanto ao número de categorias, sem que isso tivesse qualquer consequência. Algumas pessoas se armaram dessa aparente

contradição, sem refletir que os Espíritos não dão nenhuma importância ao que é puramente convencional; para eles, o pensamento é tudo: eles deixam por nossa conta a forma, a escolha dos termos e as classificações, em suma, as teorias.

Acrescentemos ainda essa consideração, que não se deve jamais perder de vista: é que entre os Espíritos — assim como entre os homens — há os que são bastante ignorantes, e que nunca seria demais se pôr em guarda contra a tendência a crer que todos devam saber tudo por serem Espíritos. Toda classificação exige método, análise e conhecimento aprofundado do assunto. Ora, no mundo dos Espíritos, os que têm conhecimentos limitados são — como os ignorantes deste mundo — inaptos a apreender um conjunto e a formular uma teoria; eles não conhecem nem compreendem senão imperfeitamente uma classificação qualquer; para eles, todos os Espíritos que lhes são superiores são da primeira ordem, sem que possam apreciar as gradações de saber, de capacidade e de moralidade que os distinguem, como entre nós um homem rude com relação aos homens civilizados. Mesmo os que sejam capazes de tal apreciação podem divergir quanto aos detalhes, segundo seu ponto de vista, sobretudo quando uma divisão não tem nada de absoluta. Lineu, Jussieu e Tournefort tiveram cada um o seu método, e a botânica não se modificou por causa disso, pois nenhum deles inventou nem as plantas nem suas características: eles apenas observaram as semelhanças das quais formaram os grupos ou classes. Foi assim que nós procedemos; nós não inventamos nem os Espíritos nem suas características: vimos e observamos, julgamo-los pelas suas palavras e seus atos, depois os classificamos pelas similaridades, baseando-nos em dados que eles próprios nos forneceram.

Os Espíritos admitem geralmente três categorias principais, ou três grandes divisões. Na última, a que fica na parte inferior da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o espírito e pela propensão para o mal. Aqueles da segunda categoria são caracterizados pela predominância do espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os bons Espíritos. A primeira, finalmente, abrange os Espíritos puros, aqueles que atingiram o grau supremo da perfeição.

Essa divisão nos pareceu perfeitamente racional e apresenta os

caracteres bem definidos; só nos restava destacar, por um número suficiente de subdivisões, as principais nuances do conjunto; é o que temos feito, com a colaboração dos Espíritos, cujas benévolas instruções jamais nos faltaram.

Com o auxílio desse quadro, será fácil determinar a faixa e o grau de superioridade ou de inferioridade dos Espíritos com os quais podemos entrar em contato e, por conseguinte, o grau de confiança e de estima que mereçam. De certo modo, essa é a chave da ciência espírita, pois só isso pode explicar as anomalias que as comunicações apresentam, esclarecendo-nos acerca das desigualdades intelectuais e morais dos Espíritos. Todavia, observaremos que os Espíritos não pertencem exclusivamente sempre a essa ou aquela classe; o progresso deles não se realiza senão gradualmente, e muitas vezes mais num sentido do que em outro eles podem reunir as características de várias categorias — o que é fácil de se observar pela sua linguagem e seus atos.

TERCEIRA ORDEM **– ESPÍRITOS IMPERFEITOS**

101. ***Características gerais*** — Predominância da matéria sobre o espírito. Propensão ao mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as más paixões que delas são consequentes.

Eles têm a intuição de Deus, mas não o compreendem.

Nem todos são essencialmente maus; em alguns há mais leviandade, inconsequência e malícia do que verdadeira maldade. Uns não fazem o bem nem o mal, mas pelo simples fato de não fazerem o bem, já mostram a sua inferioridade. Outros, ao contrário, se deleitam com o mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião para praticar o mal.

Eles podem aliar a inteligência à maldade ou à malícia, porém, seja qual for o seu grau de desenvolvimento intelectual, suas ideias são pouco elevadas e seus sentimentos mais ou menos ignóbeis.

Seus conhecimentos sobre as coisas do mundo espírita são limitados e o pouco que eles sabem se confunde com as ideias e os preconceitos da vida corporal. Não nos podem dar mais do que noções falsas e incompletas, mas o observador atento frequentemente encontra nas suas comunicações — ainda

que imperfeitas — a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores.

Seu caráter se revela pela sua linguagem. Todo Espírito que em suas comunicações denota um pensamento mau pode ser colocado na terceira ordem; consequentemente, todo pensamento mau que nos é sugerido vem de um Espírito desta ordem.

Eles observam a felicidade dos bons, e esse espetáculo para eles é um tormento incessante, porque eles experimentam todas as angústias que a inveja e o ciúme podem causar.

Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corpórea e essa impressão é muitas vezes mais penosa do que a realidade. Então eles sofrem verdadeiramente, dos males de que padeceram e daqueles que acarretaram aos outros. E como sofrem por longo tempo, acreditam que sofrerão para sempre; Deus, para puni-los, quer que assim acreditem.

Podemos dividi-los em cinco classes principais:

102. ***Décima classe***. ESPÍRITOS IMPUROS — São inclinados ao mal, de que fazem o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, eles dão conselhos traiçoeiros, sopram a discórdia e a desconfiança, e se mascaram de todas as maneiras para melhor enganar. Ligam-se aos homens de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões a fim de levá-los à perdição, satisfeitos de poderem retardar o seu adiantamento, fazendo-os cair nas provas a que se submetem.

Nas manifestações, nós os reconhecemos pela sua linguagem; a banalidade e a grosseria das expressões — tanto nos Espíritos quanto nos homens — é sempre um indício de inferioridade moral, quando não intelectual. Suas comunicações denotam a baixeza de suas inclinações e, se tentam iludir, falando de uma maneira sensata, não conseguem sustentar por muito tempo o seu papel e acabam sempre traindo sua origem.

Alguns povos fizeram deles divindades maléficas, outros os designam pelos nomes de demônios, maus gênios e Espíritos do mal.

Quando estão encarnados, os seres viventes que eles animam são propensos a todos os vícios que geram as paixões vis e degradantes:

sensualidade, crueldade, falsidade, hipocrisia, ganância, avareza desprezível. Eles fazem o mal por prazer, muitas das vezes sem motivo, e por ódio ao bem quase sempre escolhem suas vítimas entre as pessoas honestas. São flagelos para a humanidade, qualquer que seja a faixa social a que pertençam, e o verniz da civilização não os livra da vergonha e da desonra.

103. ***Nona classe***. ESPÍRITOS LEVIANOS — São ignorantes, maliciosos, inconsequentes e zombeteiros; se metem em tudo e respondem a tudo sem se importarem com a verdade. Deleitam-se em causar pequenos males e pequenos gozos, em causar aborrecimentos, em induzir maliciosamente ao erro por meio de mistificações e de travessuras. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente designados pelos nomes de *duendes*, *trasgos*, *gnomos*, *diabretes*. Eles estão sob a dependência de Espíritos superiores, que muitas vezes se servem deles, como fazemos com os nossos empregados.

Em suas comunicações com os homens, a linguagem deles é muitas vezes espirituosa e jocosa, mas quase sempre sem profundidade; aproveitam-se das esquisitices e das tolices que eles expressam em traços mordazes e satíricos. Quando usam supostos nomes, é mais por malícia do que por maldade.

104. ***Oitava classe***. ESPÍRITOS PSEUDOSSÁBIOS — Seus conhecimentos são bastante amplos, porém creem saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos de vista, a linguagem deles aparenta um caráter sério que pode iludir quanto às suas capacidades e luzes; mas na maioria das vezes isso não passa de um reflexo dos preconceitos e ideias sistemáticas da vida terrestre; é uma mistura de algumas verdades com os erros mais absurdos, no meio dos quais penetram a presunção, o orgulho, o ciúme e a obstinação de que ainda não puderam se livrar.

105. ***Sétima classe***. ESPÍRITOS NEUTROS — Estes não são nem bastante bons para fazer o bem, nem bastante maus para fazer o mal; pendem tanto para um como para o outro e não ultrapassam a condição comum da humanidade, seja para a moral, seja para a inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, dentre as quais eles sentem falta das grosseiras alegrias.

106. ***Sexta classe***. ESPÍRITOS BATEDORES E PERTURBADORES — Propriamente falando, estes Espíritos não formam uma classe separada quanto às suas qualidades pessoais; eles podem pertencer a todas as classes da terceira ordem. Geralmente manifestam sua presença por efeitos sensíveis e físicos, tais como pancadas, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos, agitação do ar etc. Mais do que outros, parecem apegados à matéria; parecem ser os agentes principais das alterações dos elementos do globo — seja agindo sobre o ar, a água, o fogo e os corpos duros, ou nas entranhas da Terra. Reconhece-se que esses fenômenos não surgem de uma causa fortuita ou física, ao passo que eles têm um caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir tais fenômenos, mas os Espíritos elevados normalmente deixam esses fenômenos entre as atribuições dos Espíritos subordinados, que são mais aptos para as coisas materiais do que para as coisas inteligentes. Quando julgam as manifestações desse gênero são uteis, eles se servem desses Espíritos como auxiliares.

SEGUNDA ORDEM **— BONS ESPÍRITOS**

107. ***Características gerais*** — Predominância do espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e seu poder de fazer o bem são proporcionais ao grau de adiantamento que tenham alcançado; uns têm a ciência, outros a sabedoria e a bondade; os mais avançados reúnem o saber às qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conforme sua categoria, eles conservam mais ou menos os traços da existência corporal, assim na forma da linguagem como nos seus hábitos, entre os quais se encontram mesmo algumas de suas manias; de outro modo, eles seriam Espíritos perfeitos.

Compreendem Deus e o infinito e já gozam da felicidade dos bons. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. O amor que os une é para eles a fonte de uma indescritível felicidade que não é alterada nem pela inveja, nem pelos remorsos, nem por nenhuma das más paixões que são o tormento dos Espíritos imperfeitos. Mas todos ainda têm que passar por

provas, até que atinjam a perfeição absoluta.

Como Espíritos, eles inspiram bons pensamentos, desviam os homens da senda do mal, protegem na vida aqueles que se mostram dignos dessa proteção e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos naqueles que não se comprazem em se submeterem a ela.

Dentre estes, os que estão encarnados são bondosos e benevolentes para com os seus semelhantes; não são movidos nem pelo orgulho, nem pelo egoísmo, nem pela ambição; não experimentam nem o ódio, nem o rancor, nem a inveja e nem o ciúme; eles fazem o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os Espíritos designados nas crenças comuns pelos nomes de ***bons gênios***, ***gênios protetores***, ***Espíritos do bem***. Em épocas de superstições e de ignorância, eles são tomados como divindades benfeitoras.

Podemos dividi-los em quatro grupos principais:

108. ***Quinta classe***. ESPÍRITOS BENEVOLENTES — Sua qualidade dominante é a bondade; eles se alegram em prestar serviço aos homens e lhes proteger, porém seu saber é limitado: seu progresso é mais desenvolvido no sentido moral do que no sentido intelectual.

109. ***Quarta classe***. ESPÍRITOS INSTRUÍDOS — O que principalmente os distingue é a amplitude de seus conhecimentos. Estes se preocupam menos com as questões morais do que com as questões científicas, para as quais eles têm maior aptidão; entretanto, só encaram a ciência do ponto de vista da sua utilidade e jamais dominados por quaisquer paixões que são próprias dos Espíritos imperfeitos.

110. ***Terceira classe***. ESPÍRITOS SÁBIOS — As qualidades morais da ordem mais elevada formam seu caráter distintivo. Sem possuírem conhecimentos ilimitados, eles são dotados de uma capacidade intelectual que lhes permite um julgamento correto a respeito dos homens e das coisas.

111. ***Segunda classe***. ESPÍRITOS SUPERIORES — Eles reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Sua linguagem só exala benevolência; é uma

linguagem constantemente digna, elevada e por vezes sublime. Sua superioridade lhes torna mais aptos do que os outros a nos dar noções mais justas sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem saber. Comunicam-se voluntariamente com aqueles que procuram a verdade de boa-fé e cuja alma já está bastante desprendida das ligações terrenas para compreendê-la; porém, afastam-se daqueles que são animados apenas pela curiosidade ou que, por influência da matéria, transviam-se da prática do bem.

Quando excepcionalmente se encarnam na Terra, é para nela cumprir uma missão de progresso e então nos oferecem o tipo da perfeição a qual a humanidade pode aspirar neste mundo.

PRIMEIRA ORDEM — **ESPÍRITOS PUROS**

112. ***Características gerais*** — Nenhuma influência da matéria. Absoluta superioridade intelectual e moral em relação aos Espíritos das outras ordens.

113. ***Primeira classe. Classe única*** — Eles já percorreram todos os graus da escala e se depuraram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que a criatura é capaz, estes não têm mais que sofrer nem provas nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus.

Desfrutam de uma felicidade inalterável, porque não estão sujeitos nem às necessidades nem às vicissitudes da vida material; contudo, essa felicidade não é aquela de uma ***ociosidade monótona passada em uma perpétua contemplação***. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens eles executam para manutenção da harmonia universal. Comandam a todos os Espíritos que lhes são inferiores, ajudam-lhes a se aperfeiçoarem e lhes designam suas missões. Auxiliar os homens nas suas aflições, incentivá-los ao bem ou à expiação das faltas que os distanciam da suprema felicidade: eis para eles uma grata ocupação. São chamados às vezes pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins.

Os homens podem entrar em comunicação com eles, mas seria muito presunçoso aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.

Progressão dos Espíritos

114. Os Espíritos são bons ou maus por natureza, ou são eles mesmos que se melhoram?

"São os próprios Espíritos que se melhoram: em se melhorando, eles passam de uma ordem inferior para outra mais elevada."

115. Entre os Espíritos, uns terão sido criados bons e outros maus?

"Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem conhecimento. A cada qual ele deu uma missão com a finalidade de lhes esclarecer e de lhes fazer chegar progressivamente à perfeição pelo conhecimento da verdade e para lhes aproximar dele. A felicidade eterna e sem perturbação para eles está nesta perfeição. Os Espíritos adquirem esses conhecimentos passando pelas provas que Deus lhes impõe. Uns aceitam essas provas com submissão e chegam mais rapidamente à meta que de sua destinação; outros, só não se submetem a elas senão com lamentação e, por causa dessa falta, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade."

115-a. — De acordo com isso, os Espíritos seriam, em sua origem, semelhantes às crianças, ignorantes e inexperientes, mas adquirindo pouco a pouco os conhecimentos que lhes faltam, percorrendo as diferentes fases da vida?

"Sim, a comparação é boa. A criança rebelde se conserva ignorante e imperfeita; ela se desenvolve mais ou menos conforme sua docilidade; mas a vida do homem tem um fim, enquanto a dos Espíritos se prolonga ao infinito."

116. Há Espíritos que permanecem perpetuamente nas faixas inferiores?

"Não; todos se tornam perfeitos; eles mudam de ordem, mas é devagar, pois, como já dissemos de uma outra vez, um pai justo e misericordioso não pode banir seus filhos eternamente. Vocês, porventura, querem que Deus — tão grande, tão bom, tão justo — fosse pior do que vocês mesmos?"

117. Depende dos Espíritos acelerar seu progresso rumo à perfeição?

"Certamente. Eles alcançam a perfeição mais ou menos depressa conforme seu desejo e sua obediência à vontade de Deus. Uma criança dócil não se instrui mais velozmente do que uma criança rebelde?"

118. Os Espíritos podem se degenerar?

"Não; à medida que avançam eles compreendem o que os distanciava da perfeição. Quando o Espírito termina uma prova, ele guarda o aprendizado e não o esquece mais. Pode permanecer estacionário, mas ele não retrocede."

119. Deus não poderia desobrigar os Espíritos das provas que precisam sofrer para chegar à primeira ordem?

"Se eles tivessem sido criados perfeitos, ficariam sem mérito para usufruir dos benefícios dessa perfeição. Onde estaria o merecimento sem a luta? Ademais, a desigualdade que existe entre eles é necessária à sua personalidade; e tem mais: a missão que desempenham nesses diferentes graus está nos desígnios da Providência para a harmonia do Universo."

Como na vida social todos os homens podem chegar às funções mais elevadas, seria o caso de se perguntar por que o soberano de um país não promove a general cada um de seus soldados; por que todos os empregados subalternos não são empregados superiores; por que todos os colegiais não são mestres. Ora, entre a vida social e a espiritual há essa diferença: a primeira é limitada e nem sempre permite subir todos os graus, enquanto a segunda é indefinida e a todos oferece a possibilidade de se elevarem ao grau supremo.

120. Todos os Espíritos passam pela fileira do mal para chegar ao bem?

"Não pela fileira do mal, mas pela da ignorância."

121. Por que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal?

"Eles não têm o livre-arbítrio deles? Deus não criou Espíritos maus; criou-os simples e ignorantes, quer dizer, tendo aptidão tanto para o bem quanto para o mal; os que são maus, assim se tornaram por vontade própria."

122. Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm consciência de si mesmos, ter a liberdade de escolha entre o bem e o mal? Há

neles algum princípio, uma tendência qualquer que os encaminhe mais para uma via do que para outra?

"O livre-arbítrio se desenvolve na medida em que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria mais liberdade se a escolha fosse determinada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências às quais ele cede em virtude da sua livre vontade. Essa é a grande metáfora da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram."

122-a. — De onde vêm as influências que se exercem sobre ele?

"Dos Espíritos imperfeitos, que procuram apoderar-se dele, dominá-lo, e que se alegram em fazê-lo cair. Foi isso o que se quis simbolizar na figura de Satanás."

122-b. — Essa influência só se exerce sobre o Espírito na sua origem?

"Ela o segue na sua vida de Espírito até que ele adquira tanto domínio sobre si mesmo que os maus desistem de obsediá-lo."

123. Por que Deus tem permitido que os Espíritos possam seguir a via do mal?

"Como vocês ousam pedir contas dos atos de Deus? Acreditam que podem penetrar nos desígnios dele? Portanto, podem dizer o seguinte: A sabedoria de Deus está na liberdade que ele dá a cada um de escolher, pois cada qual tem o mérito de suas obras."

124. Já que há Espíritos que desde o princípio seguem o caminho do bem absoluto e outros o do mal absoluto, há graus entre esses dois extremos?

"Sim, certamente, e é a grande maioria."

125. Os Espíritos que seguiram pela rota do mal poderão chegar ao mesmo grau de superioridade que os outros?

"Sim; mas **as eternidades** serão mais longas para eles."

Por esta palavra ***eternidades*** devemos entender a ideia que os Espíritos inferiores fazem da perpetuidade de seus sofrimentos, porque não lhes é permitido

ver o fim desses sofrimentos, e que essa ideia se renova a cada prova na qual eles falharam.

126. Os Espíritos que chegaram ao grau supremo depois de terem passado pelo mal têm, aos olhos de Deus, menos mérito do que os outros?

"Deus contempla os transviados pelo mesmo olhar e ama a todos com o mesmo coração. Eles são chamados maus porque caíram, mas no princípio, eles não eram mais que simples Espíritos."

127. Os Espíritos são criados iguais em faculdades intelectuais?

"Eles são criados iguais, mas como não sabem de onde vêm, é preciso que o livre-arbítrio siga seu curso. Eles progridem mais ou menos depressa tanto em inteligência quanto em moralidade."

Os Espíritos que desde o princípio seguem a rota do bem nem por isso são Espíritos perfeitos; se eles não têm más tendências, não estão menos obrigados a adquirir delas a experiência e os conhecimentos necessários para alcançar a perfeição. Podemos compará-los a crianças que, seja qual for a bondade de seus instintos naturais, carecem se desenvolver e se esclarecer, e que não passam da infância à fase adulta sem transição; simplesmente, como há homens que são bons e outros que são maus desde a infância, também há Espíritos que são bons ou maus desde sua origem, com a diferença capital que a criança tem instintos já inteiramente formados, enquanto o Espírito, em sua formação, não é nem bom nem mau; tem todas as tendências e toma uma ou outra direção por efeito do seu livre-arbítrio.

Anjos e demônios

128. Os seres que chamamos de anjos, arcanjos e serafins formam uma categoria especial, de natureza diferente dos outros Espíritos?

"Não; são os Espíritos puros: aqueles que estão no mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições."

A palavra ***anjo*** geralmente desperta a ideia da perfeição moral. Entretanto, ela se aplica muitas vezes a todos os seres — bons e maus — que estão fora da

humanidade. Dizemos: o anjo bom e o anjo mau; o anjo de luz e o anjo das trevas. Neste caso, é sinônimo de ***Espírito*** ou de ***gênio***. Nós a tomamos aqui no seu bom sentido.

129. Os anjos percorreram todos os graus?

"Percorreram todos os graus, mas como já dissemos: uns aceitaram sua missão sem murmúrio e chegaram mais rapidamente; outros levaram um tempo mais ou menos longo para chegar à perfeição."

130. Se está errada a opinião dos que admitem a existência de seres criados perfeitos e superiores a todas as outras criaturas, como se explica que essa crença esteja na tradição de quase todos os povos?

"Saiba bem que o teu mundo não existe desde toda a eternidade e que, muito tempo antes que ele existisse, alguns Espíritos já tinham atingido o grau supremo; os homens então puderam crer que eles eram sempre assim."

131. Há demônios, no sentido atribuído a esta palavra?

"Se houvesse demônios eles seriam obra de Deus. E Deus seria justo e bom se tivesse criado seres eternamente devotados ao mal e desgraçados? Se há demônios, é no teu mundo inferior e em outros semelhantes que eles residem; são esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo, e que se julgam lhe ser agradáveis por meio das abominações que cometem no nome dele."

A palavra ***demônio*** só implica a ideia de Espíritos maus na sua acepção moderna, pois o termo grego ***daimôn***, donde ela nasceu, significa ***gênio***, ***inteligência***, e se diziam dos seres incorpóreos — bons ou maus — sem distinção.

Os demônios, segundo a acepção vulgar da palavra, supõem seres essencialmente malignos; eles, como todas as coisas, seriam criação de Deus; ora, Deus, que é soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres prepostos ao mal por sua natureza e condenados para a eternidade. Se eles não fossem obra de Deus, existiriam, como ele, desde toda a eternidade, ou então haveria várias potências soberanas.

A primeira condição de toda doutrina é ser lógica. Ora, essa dos demônios, no sentido absoluto, peca por aquela base essencial. Compreendemos que na crença

dos povos atrasados, não conhecendo os atributos de Deus e admitindo divindades malfazejas, admita-se também os demônios; mas, para qualquer um que faça da bondade de Deus um atributo por excelência, é ilógico e contraditório supor que ele poderia ter criado seres devotados ao mal e destinados a praticar esse mal pela eternidade, porque isso é negar a bondade de Deus. Os partidários dos demônios se apoiam nas palavras do Cristo; não seremos nós a contestar a autoridade do seu ensinamento, que desejamos ver mais no coração do que na boca dos homens; porém, estamos bem certos do sentido que ele dava à palavra demônio? Não sabemos que a forma simbólica é uma das características distintivas da sua linguagem? Tudo o que o Evangelho contém deve ser tomado ao pé da letra? Não queremos outra prova disso além desta passagem:

"Logo após esses dias de aflição, o Sol escurecerá e a Lua não mais dará sua luz, as estrelas cairão do céu e as potências do céu serão abaladas. Eu vos digo em verdade que esta raça não passará sem que todas estas coisas tenham se cumprido." Não temos visto a ***forma*** do texto bíblico ser contradita pela ciência no que toca à criação e ao movimento da Terra? Não se dará o mesmo com algumas figuras empregadas pelo Cristo, que devia falar de acordo com os tempos e os lugares? O Cristo não poderia dizer conscientemente uma coisa falsa; assim, pois, se nessas suas palavras há coisas que parecem chocar a razão, é que não as compreendemos bem ou que as interpretamos mal.

Os homens fizeram com os demônios o que fizeram com os anjos; já que acreditaram em seres perfeitos desde toda a eternidade, eles tomaram os Espíritos inferiores por seres perpetuamente maus. A palavra demônio deve então ser aplicada aos Espíritos impuros, que muitas vezes não valem mais do que aquelas entidades designadas por esse nome, mas com a diferença de seu estado ser transitório. São Espíritos imperfeitos que se murmuram contra as provas que sofrem e que, por isso, sofrem mais longamente, porém que, por sua vez, chegarão a sair daquele estado, quando o quiserem. Portanto, poderíamos aceitar o termo ***demônio*** com esta restrição; mas como o entendem atualmente, dando-lhe um sentido exclusivo, ele poderia induzir ao erro, fazendo crer na existência de seres especiais criados para o mal.

Com relação a Satanás, é evidentemente a personificação do mal sob uma forma alegórica, visto não ser admissível um ser mau lutando de igual para igual contra a Divindade, e cuja única preocupação seria contrariar seus desígnios. Como falta ao homem figuras e imagens que impressionem sua imaginação, ele pintou os

seres incorpóreos sob uma forma material com atributos que lembram suas qualidades ou seus defeitos. É assim que os antigos, querendo personificar o tempo, pintaram-no sob a figura de um velho munido com uma foice e uma ampulheta; uma figura de um rapaz teria sido um contrassenso. O mesmo se verifica com as alegorias da fortuna, da verdade etc. Os modernos representaram os anjos, os puros Espíritos, sob uma figura radiosa, com asas brancas, emblema da pureza; Satanás com chifres, garras e os atributos da bestialidade, emblema das paixões baixas. O homem vulgar, que toma as coisas literalmente, viu nesses emblemas um indivíduo real, como outrora viram Saturno na alegoria do tempo.

CAPÍTULO II

ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Objetivo da encarnação – Da alma – Materialismo

Objetivo da encarnação

132. Qual é o objetivo da encarnação dos Espíritos?

"Deus lhes impõe a encarnação com o propósito de fazê-los chegar à perfeição: para uns, ela é uma expiação; para outros, é uma missão. Contudo, para alcançar essa perfeição, ***os Espíritos devem passar por todas as vicissitudes da existência corporal***: é nisso que consiste a expiação. A encarnação tem ainda outro objetivo, que é o de pôr o Espírito em condições de cumprir sua parte na obra da criação; é para executá-la que, em cada mundo, ele toma um instrumento compatível com a matéria essencial desse mundo para nele cumprir, desse ponto de vista, as ordens de Deus; de tal modo que, contribuindo para a obra geral, ele desenvolve a si mesmo."

A ação dos seres corpóreos é necessária para a marcha do Universo; Deus, porém, na sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar dele. É assim que, por uma admirável lei da sua providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na natureza.

133. Os Espíritos que desde o princípio seguiram o caminho do bem têm necessidade de encarnação?

"Todos são criados simples e ignorantes; os Espíritos se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não poderia fazer uns felizes, sem cansaços e trabalhos e, por conseguinte, sem mérito."

133-a. — Mas, então, de que serve aos Espíritos terem seguido o caminho do bem, se isso não os livra dos sofrimentos da vida corporal?

"Eles chegam mais depressa ao objetivo; além do mais, as aflições da vida são muitas vezes por consequência da imperfeição do Espírito; quanto menos imperfeições, menos tormentos; aquele que não é invejoso, nem ciumento, nem avarento e nem ambicioso não sofrerá os tormentos que nascem desses defeitos."

Da alma

134. O que é a alma?

"Um Espírito encarnado."

134-a. — O que era a alma antes de se unir ao corpo?

"Espírito."

134-b. — Então as almas e os Espíritos são exatamente a mesma coisa?

"Sim, as almas não são mais do que Espíritos. Antes de se unir ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível e que revestem temporariamente uma envoltura carnal para se purificarem e se esclarecerem."

135. Há no homem alguma outra coisa além da alma e do corpo?

"Há o liame que liga a alma ao corpo."

135-a. — Qual é a natureza desse liame?

"Semimaterial, quer dizer, de natureza intermediária entre o Espírito e o corpo. É preciso mesmo que seja assim para que eles possam se comunicar um com o outro. É por meio desse laço que o Espírito age sobre a matéria e vice-versa."

Portanto, o homem é formado de três partes essenciais:

1ª) O corpo, ou ser material, semelhante ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital;

2ª) A alma, Espírito encarnado cujo corpo é a habitação;

3ª) O princípio intermediário, ou ***perispírito***, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma e o corpo. Tais como são, numa fruta, o gérmen, o perisperma[16] e a casca.

136. A alma é independente do princípio vital?

"O corpo é apenas o envoltório, como repetimos sem cessar."

136-a. — O corpo pode existir sem a alma?

"Sim, entretanto, desde que o corpo deixa de viver, a alma o abandona. Antes do nascimento, ainda não há união definitiva entre a alma e o corpo, ao passo que, depois dessa união ser estabelecida, a morte do corpo rompe os laços que o unem à alma, e a alma deixa o corpo. A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado de vida orgânica."

136-b. — Que seria do nosso corpo se ele não tivesse alma?

"Uma simples massa de carne sem inteligência, tudo o que quiserem, exceto um homem."

137. Um Espírito pode encarnar ao mesmo tempo em dois corpos diferentes?

"Não; o Espírito é indivisível e não pode animar simultaneamente dois seres distintos." (Ver, em ***O Livro dos Médiuns***, 2ª parte, cap. VII, *Bicorporeidade e transfiguração*.)

138. Que se deve pensar da opinião dos que consideram a alma como o princípio da vida material?

"É uma questão de palavras; não nos importamos com isso. Comecem por se entenderem mutuamente."

139. Alguns Espíritos, e antes deles alguns filósofos, definiram a alma como:

---

[16] Perisperma: uma camada de tecido nutritivo derivada da nucela que rodeia o embrião da semente de algumas angiospermas; na analogia kardequiana, ela representa a polpa da fruta no conjunto formando com a semente e a casca. — N. T.

uma centelha anímica emanada do grande Todo; por que essa contradição?

"Não há contradição; tudo depende do sentido das palavras. Por que não utilizam uma palavra para cada coisa?"

A palavra ***alma*** é empregada para exprimir coisas muito diferentes. Uns chamam assim o princípio da vida, e nesta acepção é exato dizer, ***no sentido figurado***, que: a alma é uma centelha anímica emanada do grande Todo. Estas últimas palavras indicam a fonte universal do princípio vital de que cada ser absorve uma porção e que retorna à massa após a morte. Essa ideia de nenhum modo exclui aquela de um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade. É a esse ser que igualmente chamamos ***alma***, e é nessa acepção que se pode dizer que a alma é um Espírito encarnado. Ao dar à alma definições diversas, os Espíritos falaram seguindo a utilização que fazem da palavra, e seguindo as ideias terrestres de que ainda estavam mais ou menos imbuídos. Isso tem a ver com a insuficiência da linguagem humana, que não dispõe de uma palavra para cada ideia, donde resulta uma imensidade de equívocos e discussões: eis por que os Espíritos superiores nos dizem para primeiramente nos entendermos acerca das palavras.[17]

140. Que se deve pensar da teoria da alma subdividida em tantas partes quanto haja músculos, e presidindo assim a cada uma das funções do corpo?

"Também isso depende do sentido que se atribua à palavra ***alma***; caso se entenda alma como o fluido vital, essa teoria tem razão; caso se entenda alma como o Espírito encarnado, é errônea. Já dissemos que o Espírito é indivisível; ele transmite o movimento aos órgãos pelo fluido intermediário sem por isso se dividir."

140-a. — No entanto, há Espíritos que deram essa definição.

"Os Espíritos ignorantes podem tomar o efeito pela causa."

A alma age por intermédio dos órgãos e os órgãos são animados pelo fluido vital, que se reparte entre eles, e mais abundantemente nos que são centros ou focos do movimento. Porém, essa explicação não pode ser aplicada à alma quando

[17] Ver na Introdução, a explicação sobre a palavra ***alma***, item II.

considerada como sendo o Espírito que habita o corpo durante a vida e o deixa por ocasião da morte.

141. Há alguma coisa de verdadeiro na opinião daqueles que pensam que a alma é exterior e envolve o corpo?

"A alma não fica contida no corpo tal como um pássaro numa gaiola; ela irradia e se manifesta exteriormente como a luz através de um globo de vidro, ou como o som em torno de um centro sonoro; é assim que se pode dizer que ela é exterior, sem que por isso seja o envoltório do corpo. A alma tem dois envoltórios: um sutil e leve, este é o primeiro, o que chamam ***perispírito***; o outro, grosseiro, material e pesado: este é o corpo. A alma é o centro de todos os envoltórios, como a semente em um núcleo, bem como já dissemos."

142. Que dizer dessa outra teoria segundo a qual a alma, numa criança, vai se completando a cada período da vida?

"O Espírito não deixa de ser uno; ele está integralmente na criança assim como no adulto; são os órgãos, ou instrumentos das manifestações da alma que se desenvolvem e se completam. Também isso é tomar o efeito pela causa."

143. Por que todos os Espíritos não definem a alma da mesma maneira?

"Os Espíritos não são todos igualmente esclarecidos sobre esses assuntos; há Espíritos ainda limitados que não compreendem as coisas abstratas; são como as crianças entre vocês. Também há Espíritos pseudossábios, que fazem alarde com palavras para se imporem: como ainda acontece no vosso meio. E depois, os próprios Espíritos esclarecidos podem se apresentar em termos diferentes, cuja essência tem o mesmo valor, sobretudo quando se trata de coisas que vossa linguagem é impotente para se traduzir claramente; é preciso figuras e comparações que tomam como realidade."

144. Que devemos entender por alma do mundo?

"É o princípio universal da vida e da inteligência, do qual brotam os indivíduos. Mas aqueles que se servem dessa expressão normalmente não se

compreendem entre eles. A palavra ***alma*** é tão elástica que cada um a interpreta conforme o grau de seus devaneios. Por vezes também já atribuíram uma alma à Terra; devemos entendê-la como o conjunto dos Espíritos devotados que dirigem vossas ações para o bem, quando vocês os escutam, e que de certo modo são os prepostos de Deus ao vosso planeta."

145. Como tantos filósofos antigos e modernos têm discutido durante tão longo tempo sobre a ciência psicológica sem terem alcançado à verdade?

"Esses homens eram os precursores da eterna doutrina espírita; eles prepararam os caminhos. Eram homens, e como tais se enganaram porque tomaram suas próprias ideias pela luz; não obstante, mesmo os seus erros servem para realçar a verdade ao mostrar o pró e o contra. Aliás, entre esses erros se encontram grandes verdades que um estudo comparativo vos faz compreender."

146. A alma tem um ponto determinado e circunscrito no corpo?

"Não, porém ela fica mais particularmente na cabeça dos grandes sábios e em todos aqueles que pensam bastante, e no coração daqueles que sentem mais e consagram todas as suas ações à humanidade."

146-a. — Que pensar da opinião dos que situam a alma num centro vital?

"Isso quer dizer que o Espírito habita mais essa parte do vosso organismo, por ser aí o ponto de encontro de todas as sensações. Aqueles que situam a alma no que consideram como o centro da vitalidade a confundem com o fluido ou princípio vital. Podemos então dizer que a sede da alma fica mais particularmente nos órgãos que servem às manifestações intelectuais e morais."

Materialismo

147. Por que os anatomistas, os fisiologistas e em geral aqueles que estudam profundamente as ciências da natureza frequentemente são levados ao

materialismo?

"O fisiologista refere tudo ao que vê. Orgulho dos homens, que creem saber tudo e não admitem que qualquer coisa possa transpor o seu entendimento. A própria ciência deles enche-lhes de presunção; eles pensam que a natureza não pode ter nada de oculto para eles."

148. Não é lamentável que o materialismo seja uma consequência de estudos que, ao contrário, deveriam mostrar ao homem a superioridade da inteligência que governa o mundo? Devemos concluir que os estudos são perigosos?

"Não é verdade que o materialismo seja uma consequência desses estudos; é o homem quem tira deles uma falsa consequência, pois ele pode abusar de tudo, até mesmo das melhores coisas. Aliás, o nada os amedronta mais do que eles quereriam que parecesse, e os espíritos fortes são quase sempre mais fanfarrões do que bravos. Na sua maioria, só são materialistas porque eles não têm nada com o que preencher esse vazio frente ao abismo que se abre diante deles. Mostram-lhes uma âncora de salvação e eles a agarrarão bem depressa."

Por uma aberração da inteligência, há pessoas que não veem nos seres orgânicos senão a ação da matéria e atribuem a esta todos os nossos atos. Eles enxergam no corpo humano apenas a máquina elétrica; não estudaram o mecanismo da vida mais do que o funcionamento dos órgãos; viram muitas vezes a vida se extinguir pela ruptura de um fio, e nada mais enxergaram além desse fio; procuraram se restava qualquer coisa e como nada encontraram exceto a matéria, que se tornara inerte, e como não viram a alma sair e não a puderam apanhar, eles concluíram disso que tudo estava nas propriedades da matéria, e que assim, depois da morte, não resta nada do pensamento. Triste consequência, se fosse assim, pois então o bem e o mal ficariam sem sentido; o homem teria razão em pensar só em si e em colocar acima de tudo a satisfação de seus desejos materiais; os laços sociais ficariam rompidos e as mais santas afeições seriam aniquiladas sem volta. Felizmente, essas ideias estão longe de serem generalizadas; podemos até dizer que elas são muito circunscritas e não são mais do que opiniões individuais, pois em parte alguma elas se tornaram uma doutrina. Uma associação fundada sobre

essas bases traria em si a semente da sua dissolução e seus membros se entredevorariam como bestas ferozes.

O homem tem instintivamente o pensamento que nem tudo para ele acaba com a vida; ele tem horror ao nada; é em vão teimar contra a ideia do futuro e quando vem o momento supremo são poucos os que não se importam com o que vai ser deles, porque a ideia de deixar a vida sem retorno tem qualquer coisa de lastimável. Quem realmente poderia encarar com indiferença uma separação absoluta, eterna, de tudo o que tem amado? Quem poderia ver sem terror abrir-se diante si o imensurável abismo do nada, onde viessem a ser engolidas para sempre todas as nossas faculdades, todas as nossas esperanças, e dizer a si mesmo: Ora, pois! Depois de mim, nada, nada mais senão o vácuo, tudo definitivamente acabado; mais alguns dias e a minha lembrança será apagada da memória dos que viverem depois de mim; em breve, nenhum vestígio restará da minha passagem pela Terra; até mesmo o bem que fiz será esquecido pelos ingratos a quem beneficiei; nada para compensar tudo isto, nenhuma outra perspectiva além daquela do meu corpo comido pelos vermes!

Este quadro não é mesmo horrível e frio? A religião nos ensina que não pode ser assim e a razão o confirma. Mas tal existência futura, vaga e indefinida, não apresenta nada que satisfaça nosso amor ao que é concreto; é isso que, para muitos, gera a dúvida. Nós temos uma alma, que seja; mas o que é a nossa alma? Ela tem forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado ou indefinido? Dizem alguns que é um sopro de Deus, outros uma centelha, outros mais dizem que é uma parcela do grande Todo, o princípio da vida e da inteligência; contudo, o que tudo isso nos ensina? Que nos importa ter uma alma se depois da nossa morte ela se mistura à imensidade, como as gotas d'água no Oceano? A perda da nossa individualidade não equivale ao nada? Dizem também que a alma é imaterial; ora, uma coisa imaterial não poderia ter proporções determinadas; para nós isso não é nada. A religião nos ensina ainda que seremos felizes ou desgraçados conforme o bem ou ao mal que tivermos feito; mas o que é essa felicidade que nos aguarda no seio de Deus? Será uma beatitude, uma contemplação eterna, sem outra ocupação exceto cantar louvores ao Criador? As chamas do inferno serão uma realidade ou um símbolo? A própria Igreja lhes dá esta última significação, mas quais são esses sofrimentos? Onde é esse lugar de suplício? Numa palavra, o que se faz, o que é que se vê nesse outro mundo que espera por todos nós? Dizem que ninguém jamais voltou de lá para nos dar informações. Isso é um erro, e a missão do Espiritismo é

precisamente nos esclarecer acerca desse futuro, e até certo ponto nos fazer tocá-lo com o dedo e com a vista, não só pelo raciocínio, mas pelos fatos. Graças às comunicações espíritas, isso não é mais uma simples presunção, uma possibilidade sobre a qual cada um cria conforme sua vontade, que os poetas embelezem com suas ficções, ou enfeitem de imagens alegóricas que nos enganam: é a realidade que nos aparece, pois que são os próprios seres de além-túmulo que vêm nos descrever sua situação, relatar o que fazem, permitindo-nos assistir, por assim dizer, a todas as peripécias da sua nova vida, e nos mostrando, por esse meio, a sorte inevitável que está reservada para nós, na medida dos nossos méritos e deméritos. Haverá nisso alguma coisa de antirreligioso? Muito ao contrário, pois os incrédulos encontram aí a fé e os mornos encontram a renovação do fervor e da confiança. Portanto, o Espiritismo é o mais potente auxiliar da religião. Se é assim, é porque Deus o permite, e o permite para reanimar nossas vacilantes esperanças, e para nos reconduzir à senda do bem pela perspectiva do futuro.

CAPÍTULO III

RETORNO DA VIDA CORPORAL À VIDA ESPIRITUAL

A alma após a morte; sua individualidade. Vida eterna – Separação da alma e do corpo – Perturbação espiritual

A alma após a morte; sua individualidade. Vida eterna

149. O que acontece com a alma no instante da morte?

"A alma volta a ser Espírito, isto é, retorna ao mundo dos Espíritos que ela tinha deixado momentaneamente."

150. Após a morte, a alma conserva sua individualidade?

"Sim, ela jamais a perde. Que seria a alma, se não conservasse sua individualidade?"

150-a. — Como a alma constata sua individualidade, já que ela não tem mais seu corpo material?

"Ela continua a ter um fluido que lhe é próprio, que ela extrai na atmosfera do seu planeta e que representa a aparência de sua encarnação anterior: seu perispírito."

150-b. — A alma não leva nada consigo deste mundo?

"Nada, a não ser a lembrança e o desejo de ir para um mundo melhor. Essa lembrança é cheia de doçura ou de amargor, conforme o uso que a alma fez da vida; quanto mais pura ela for, melhor a alma compreenderá a futilidade do que deixa na Terra."

151. O que pensar dessa opinião que depois da morte a alma regressa ao todo universal?

"Será que o conjunto dos Espíritos não forma um todo? Não constitui um mundo completo? Quando você está numa assembleia, você é parte integrante dessa assembleia e, no entanto, sempre conserva tua individualidade."

152. Que prova podemos ter da individualidade da alma após a morte?

"Vocês não têm essa prova nas comunicações que recebem? Se não fossem cegos, vocês veriam; se não fossem surdos, ouviriam, pois muitas vezes uma voz lhes fala e lhes revela a existência de um ser exterior a vocês."

Aqueles que pensam que com a morte a alma reingressa no todo universal estão num erro se supõem que assim, semelhante a uma gota d'água que cai no Oceano, ela então perde a sua individualidade; estão certos se entendem o ***todo universal*** como o conjunto dos seres incorpóreos em que cada alma ou Espírito é um elemento.

Se as almas se misturassem na massa, elas só teriam as qualidades do conjunto e nada as distinguiria umas das outras; elas não teriam nem inteligência nem qualidades pessoais; ao passo que, em todas as comunicações, elas denotam a consciência do seu ***eu*** e uma vontade particular; a diversidade infinita que elas apresentam sob todos os aspectos é a própria consequência das individualidades. Se, após a morte, só houvesse o que se chama o grande Todo, absorvendo todas as individualidades, esse Todo seria uniforme e, desde então, todas as comunicações que recebêssemos do mundo invisível seriam idênticas. Porém, como nos deparamos com seres bons e outros maus, sábios e ignorantes, felizes e desgraçados, e que há seres lá de todas as características: alegres e tristes, levianos e compenetrados etc., é que evidentemente estes são seres distintos. A individualização se torna ainda mais patente quando esses seres provam a sua identidade por sinais incontestáveis, detalhes pessoais referentes à sua vida terrestre e que nós os podemos verificar; ela não pode ser posta em dúvida quando esses seres se manifestam de forma visível nas aparições. A individualidade da alma nos era ensinada em teoria, como um artigo de fé; o espiritismo a torna clara e, de certo modo, material.

153. Em que sentido devemos entender a vida eterna?

"É a vida do Espírito que é eterna; a do corpo é transitória e passageira.

Quando o corpo morre, a alma retorna à vida eterna.”

153-a. — Não seria mais exato chamar ***vida eterna*** a dos Espíritos puros, daqueles que, tendo alcançado o grau de perfeição, não têm mais provas a enfrentar?

“Essa é antes a felicidade eterna. Mas isso é uma questão de palavras; chamem as coisas como quiserem, contanto que se entendam.”

Separação da alma e do corpo

154. A separação da alma e do corpo é dolorosa?

“Não, o corpo muitas vezes sofre mais durante a vida do que no momento da morte: a alma não tem nada a ver com isso. Os sofrimentos que algumas vezes se experimenta no instante da morte são ***um deleite para o Espírito***, que vê chegar o término do seu exílio.”

Na morte natural, aquela que chega pelo esgotamento dos órgãos em consequência da idade, o homem deixa a vida sem se aperceber disso: é uma lâmpada que se apaga por falta de alimentação.

155. Como se opera a separação da alma e do corpo?

“Quando os liames que prendiam a alma se rompem, ela se desprende.”

155-a. — A separação se dá instantaneamente e por uma brusca transição? Haveria alguma linha de demarcação nitidamente traçada entre a vida e a morte?

“Não, a alma se desprende gradativamente e não se escapa como um pássaro cativo subitamente restituído à liberdade. Esses dois estados se tocam e se confundem; assim o Espírito se liberta pouco a pouco de suas amarras: ***esses laços se desatam, e não é que eles se quebram***.”

Durante a vida, o Espírito fica preso ao corpo pelo seu envoltório semimaterial — o perispírito. A morte é somente a destruição do corpo, e não a desse outro invólucro, que se separa do corpo quando cessa neste a vida orgânica. A observação prova que o desprendimento do perispírito no instante da morte não

é completo subitamente; opera-se gradualmente e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos; para alguns, é bastante rápido, e podemos dizer que o momento da morte é o da libertação, em poucas horas; mas para outros, principalmente naqueles cuja vida tenha sido ***toda material e sensual***, o desprendimento é muito menos rápido e algumas vezes demora dias, semanas e até meses, o que não implica ter no corpo a menor vitalidade, nem a possibilidade de voltar à vida, mas uma simples afinidade entre o corpo e o Espírito, afinidade que sempre está em proporção com a preponderância que o Espírito — durante a vida — tenha dado à matéria. Com efeito, é racional conceber que, quanto mais o Espírito se identificou com a matéria, tanto mais penoso lhe seja se separar dela; ao passo que a atividade intelectual e moral, assim como a elevação dos pensamentos operam um começo de desprendimento, mesmo durante a vida do corpo, e quando chega a morte, esse desprendimento é quase instantâneo. Tal é o resultado dos estudos feitos em todos os indivíduos observados no momento da morte. Essas observações ainda provam que, em certos indivíduos, a afinidade persistente entre a alma e o corpo é frequentemente muito penosa, pois o Espírito pode experimentar o horror da decomposição. Este caso, porém, é excepcional e típico de certos gêneros de vida e a certos gêneros de morte; ele se apresenta em alguns suicidas.

156. A separação definitiva da alma e do corpo pode ocorrer antes da completa extinção da vida orgânica?

"Na agonia, algumas vezes a alma já terá deixado o corpo: nada mais há que a vida orgânica. O homem já não tem consciência de si mesmo e, no entanto, ainda lhe resta um sopro de vida. O corpo é uma máquina que o coração faz mover; ele existe enquanto o coração fizer o sangue circular nas veias, para o que não necessita da alma."

157. No momento da morte, a alma alguma vez sente uma aspiração ou êxtase que lhe faça avistar o mundo onde vai entrar de novo?

"Muitas vezes a alma sente se desfazerem os laços que a prendem ao corpo; ***ela então faz todos os seus esforços para rompê-los inteiramente***. Já em parte desprendida da matéria, vê o futuro desdobrar-se diante de si e, por antecipação, goza do estado de espírito."

158. O exemplo da lagarta — que, primeiro, rasteja pela terra, depois se recolhe na sua crisálida, sob uma morte aparente, para renascer em uma existência brilhante — pode nos dar uma ideia da vida terrestre, depois o túmulo e finalmente da nossa nova existência?

"Uma ideia singela. A comparação é boa, todavia, não deve ser tomada ao pé da letra, como frequentemente vocês fazem."

159. Que sensação a alma experimenta no momento em que reconhece estar no mundo dos Espíritos?

"Depende: se tiver feito o mal com o desejo de praticá-lo, sentirá no primeiro momento vergonha do que praticou. Com a alma do justo, é bem diferente: ela fica como que aliviada de um grande peso, pois não teme nenhum olhar perscrutador."

160. O Espírito se encontra imediatamente com aqueles que conheceu na Terra e que morreram antes dele?

"Sim, de acordo com a afeição mútua entre eles; com frequência eles vêm recebê-lo na entrada no mundo dos Espíritos e ***o ajudam a se desligar das faixas da matéria***; como também há muitos que ele redescobre e perdeu de vista durante a sua estadia na Terra. Vê os que estão na erraticidade; os que estão encarnados, ele vai visitá-los."

161. Na morte violenta e acidental, quando os órgãos ainda não estiverem debilitados pela idade ou pelas doenças, a separação da alma e a extinção da vida ocorrem simultaneamente?

"Geralmente é assim; mas em todos os casos o instante que os separa é muito curto."

162. Após a decapitação, por exemplo, o homem conserva por alguns instantes a consciência de si mesmo?

"Frequentemente a conserva durante alguns minutos, até que a vida orgânica seja extinta completamente. Mas também quase sempre a apreensão da morte lhe faz perder essa consciência antes do instante do suplício."

Trata-se aqui somente da consciência que o supliciado pode ter de si mesmo,

como homem e por intermédio dos órgãos, e não como Espírito. Se ele não perdeu essa consciência antes do suplício, pode então conservá-la por alguns instantes, mas que são de uma duração muito curta e ela cessa necessariamente com a vida orgânica do cérebro, o que não quer dizer que o perispírito esteja inteiramente separado do corpo; ao contrário, em todos os casos de morte violenta, quando ela não resulta da extinção gradual das forças vitais, os liames que unem o corpo ao perispírito são mais ***resistentes*** e o desprendimento completo é mais lento.

Perturbação espiritual

163. A alma tem consciência de si mesma imediatamente depois de deixar o corpo?

"Consciência imediata não é bem o termo; a alma fica algum tempo em perturbação."

164. Todos os Espíritos experimentam num mesmo grau e pela mesma duração a perturbação que segue a separação da alma e do corpo?

"Não, isso depende da elevação de cada Espírito. Aquele que já está purificado, reconhece-se quase imediatamente, pois já se libertou da matéria durante a vida do corpo, enquanto o homem carnal — aquele cuja consciência ainda não está pura — conserva por muito mais tempo a influência dessa matéria."

165. O conhecimento do espiritismo exerce uma influência sobre a duração mais ou menos longa da perturbação?

"Exerce uma influência muito grande, uma vez que o Espírito já compreendia antecipadamente sua situação; mas são a prática do bem e a consciência pura o que mais têm influência."

No momento da morte, tudo a princípio é confuso; a alma precisa de algum tempo para se reconhecer; ela fica atordoada e no estado de uma pessoa despertada de um profundo sono e que procura se dar conta de sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam à medida que se apaga a

influência da matéria da qual ela acaba de se desligar, e à medida que se dissipa a espécie de névoa que obscurece seus pensamentos.

A duração da perturbação que segue a morte é bastante variável; pode ser de algumas horas, como também de vários meses e até mesmo de muitos anos. Aqueles em que essa duração é menos longa são os que, em vida, se identificaram com o estado futuro, porque eles então compreendem imediatamente sua posição.

Essa perturbação apresenta circunstâncias particulares, segundo as características dos indivíduos e principalmente dependendo do gênero da morte. Nas mortes violentas, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia[18], ferimentos etc., o Espírito fica surpreendido, espantado e não acredita estar morto; sustenta isso com obstinação, contudo ele vê seu próprio corpo, sabe que esse corpo é seu, mas não compreende como esteja separado dele; dirige-se às pessoas por quem tem afeição, fala com elas e não entende por que não o escutam. Essa ilusão dura até o completo desprendimento do perispírito; só então o Espírito se reconhece e compreende que não mais faz parte dos vivos. Esse fenômeno se explica facilmente. Surpreendido de improviso pela morte, o Espírito fica aturdido com a brusca mudança que nele se operou; para ele a morte ainda é sinônimo de destruição, de aniquilamento; ora, como ele pensa, vê e escuta, no seu sentido ele não está morto; o que aumenta sua ilusão é o fato de ele se ver com um corpo semelhante ao precedente pela sua forma, da qual ainda não teve tempo de estudar a natureza etérea; ele crer que seja sólido e compacto como o primeiro corpo, e quando chamam sua atenção para esse ponto, ele se admira de não poder se apalpar. Esse fenômeno é análogo ao que ocorre com sonâmbulos iniciantes, que não acreditam estarem dormindo. Para estes, o sono é sinônimo de suspensão das faculdades; ora, como pensam livremente e como veem, julgam que não estejam dormindo. Certos Espíritos apresentam essa particularidade conquanto a morte não lhes tenha chegado repentinamente; todavia, é mais comum que ela se apresente entre aqueles que, embora doentes, não pensavam em morrer. Observa-se então o curioso espetáculo de um Espírito assistir ao seu próprio enterro como se fosse o de um estranho, e falando desse ato como de coisa que lhe não diz respeito, até o momento em que compreenda a verdade.

A perturbação que se segue depois da morte nada tem de penosa para o homem pessoa de bem; ele fica calmo e semelhante em tudo àquele que

---

18 Apoplexia: típico caso de acidente vascular cerebral, também conhecido como derrame cerebral. — N. T.

acompanha um tranquilo despertar. Para aquele cuja consciência não está pura, a perturbação é cheia de ansiedade e de angústias, que aumentam na proporção que ele se reconhece.

Nos casos de morte coletiva, tem sido observado que todos os que perecem ao mesmo tempo nem sempre tornam a se ver imediatamente. Nessa perturbação que segue a morte, cada um vai para seu lado ou só se preocupa com aqueles que lhe interessam.

CAPÍTULO IV

PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

A reencarnação – Justiça da reencarnação – Encarnação nos diferentes mundos – Transmigrações progressivas – Destino das crianças após a morte – Sexo nos Espíritos – Parentesco, filiação – Semelhanças físicas e morais – Ideias inatas

A reencarnação

166. Como a alma que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea pode acabar de se depurar?

"Passando pela prova de uma nova existência."

166-a. — Como a alma realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito?

"Em se depurando, a alma sem dúvida passa por uma transformação, mas para isso ela necessita da prova da vida corporal."

166-b. — Então a alma passa por várias existências corporais?

"Sim, todos nós temos diversas existências. Aqueles que dizem o contrário querem lhes manter na ignorância em que eles próprios se encontram; esse é o desejo deles."

166-c. — Parece resultar desse princípio que, depois de ter deixado um corpo, a alma toma outro; dito de outra forma, que ela reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender?

"É evidente."

167. Qual o objetivo da reencarnação?

"Expiação, melhoramento progressivo da humanidade; sem isto, onde estaria a justiça?"

168. O número de existências corporais é limitado ou será que o Espírito reencarna perpetuamente?

"A cada existência nova, o Espírito dá um passo adiante na senda do progresso; quando estiver depurado de todas as suas impurezas, ele não tem mais necessidade das provas da vida corporal."

169. O número de encarnações é o mesmo para todos os Espíritos?

"Não; aquele que caminha depressa se poupa das provações. Todavia, essas encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, pois o progresso é quase infinito."

170. No que se torna o Espírito após sua última encarnação?

"Espírito bem-aventurado; um puro Espírito."

Justiça da reencarnação

171. Sobre o que se fundamenta o dogma da reencarnação?

"Sobre a justiça de Deus e a revelação, pois repetimos sem cessar: o bom pai sempre deixa a seus filhos uma porta aberta ao arrependimento. A razão não te diz que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependia o próprio melhoramento? Será que todos os homens não são filhos de Deus? Só entre as pessoas egoístas é que encontramos a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão."

Todos os Espíritos tendem à perfeição e Deus lhes fornece os meios de alcançá-la através das provações da vida corporal; mas, na sua justiça, ele lhes concede realizar em novas existências ***o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova***.

Não estaria em acordo nem com a equidade nem com a bondade de Deus castigar para sempre aqueles que tiverem encontrado obstáculos para o seu

aperfeiçoamento, além da sua vontade e no próprio ambiente em que se acharam. Se o destino da pessoa fosse irrevogavelmente determinado depois da sua morte, Deus não teria pesado as ações de todos numa mesma balança e não as teria tratado com imparcialidade.

A doutrina da reencarnação — quer dizer, aquela que consiste em admitir para o indivíduo várias existências sucessivas — é a única que corresponde à ideia que fazemos da justiça de Deus para com os indivíduos colocados em uma condição moral inferior; a única doutrina que pode nos explicar o futuro e firmar nossas esperanças, pois ela nos oferece os meios de repararmos nossos erros por novas provações. A razão nos indica isso e os Espíritos nos ensinam essa doutrina.

O homem que tem consciência da sua inferioridade põe na doutrina da reencarnação uma esperança consoladora. Se acredita na justiça de Deus, não pode esperar ficar pela eternidade em pé de igualdade com aqueles que agiram melhor do que ele. A ideia de que essa inferioridade não o deserdará para todo o sempre do bem supremo e que poderá conquistar esse bem por novos esforços lhe sustenta e reanima sua coragem. Qual é aquele que, ao fim da sua carreira, não lastima ter adquirido tão tarde uma experiência de que já não pode mais tirar proveito? Essa experiência tardia não fica perdida; ele a aproveitará em uma nova existência.

Encarnação nos diferentes mundos

172. Nossas diversas existências corporais se realizam todas na Terra?

"Não todas, mas em diferentes mundos; as que se passam aqui não são as primeiras nem as derradeiras, e estas são das mais materiais e das mais distantes da perfeição."

173. A cada nova existência corporal a alma passa de um mundo para outro ou bem pode passar muitas dessas existências no mesmo globo?

"Pode reviver várias vezes no mesmo globo, se não avançou o bastante para passar a um mundo superior."

173-a. — Podemos então reaparecer muitas vezes na Terra?

"Certamente."

173-b. — Podemos voltar aqui depois de termos vivido em outros mundos?

"Seguramente. Vocês podem já ter vivido em outros lugares, bem como na Terra."

174. Voltar a viver na Terra é uma necessidade?

"Não, mas se não avançarem vocês poderão ir para outro mundo que não seja melhor, e que pode ser até pior."

175. Haveria alguma vantagem em voltar a habitar a Terra?

"Nenhuma vantagem particular, a menos que seja em missão; progride-se então tanto aí como em qualquer lugar."

175-a. — Não seria melhor permanecer Espírito?

"Não, não! Ficaríamos estacionados, e o que queremos é avançar em direção a Deus."

176. Depois de terem encarnado noutros mundos, os Espíritos podem encarnar neste, sem jamais terem aparecido aqui?

"Sim, como vocês podem encarnar em outros mundos. ***Todos os mundos são solidários***: o que não se realiza num se realiza em outro."

176-a. — Assim, há indivíduos que estão na Terra pela primeira vez?

"Há muitos, e em diversos graus."

176-b. — Podemos reconhecer, por um indício qualquer, quando um Espírito está na sua primeira aparição na Terra?

"Isso não teria nenhuma utilidade."

177. Para chegar à perfeição e à suprema felicidade — que é o propósito final de todos os indivíduos — o Espírito deve passar pela fieira de todos os mundos existentes no Universo?

"Não, porque há muitos mundos que estão no mesmo grau, e onde o Espírito não aprenderia nada de novo."

177-a. — Como explicar então a pluralidade de suas existências em um mesmo globo?

"Cada vez que estiver num mesmo globo, o indivíduo poderá ocupar posições bem diferentes que, para ele, são outras tantas ocasiões de adquirir experiência."

178. Os Espíritos podem reviver corporalmente em um mundo relativamente inferior àquele onde eles já viveram?

"Sim, quando eles têm uma missão a cumprir para ajudar o progresso, e então eles aceitam com alegria as tribulações daquela existência, porque elas lhes proporcionam uma forma de avançarem."

178-a. — Isso não poderia ser também ocasião para expiação? Deus não poderia enviar Espíritos rebeldes para mundos inferiores?

"Os Espíritos podem permanecer estacionários, mas não retrogradam, e então a punição deles consiste em não avançarem e recomeçarem as existências mal-empregadas no meio que convém à sua natureza."

178-b. — Quais são aqueles que têm de recomeçar a mesma existência?

"Aqueles que faliram em sua missão ou em suas provas."

179. Todos os seres que habitam cada mundo alcançaram o mesmo nível de perfeição?

"Não, é como na Terra: há seres aí que são mais ou menos avançados."

180. Passando deste mundo para outro, o Espírito conserva a inteligência que aqui ele tinha?

"Sem dúvida, a inteligência não se perde. Contudo, pode ser que ele não disponha dos mesmos meios para manifestá-la; isso depende da sua superioridade e das condições do corpo que ele tomar." (Veja: '*Influência do organismo*', cap. VII, Livro 2°.)

181. Os seres que habitam os diferentes mundos têm corpos semelhantes aos

nossos?

"Sem dúvida eles têm corpos, porque é preciso que o Espírito seja revestido de matéria para agir sobre a matéria. Porém, esse envoltório é mais ou menos material conforme o grau de pureza a que chegaram os Espíritos, e é isso o que faz a diferença entre os mundos que temos de percorrer, pois há muitas moradas na casa de nosso Pai, e em diversos graus. Alguns sabem e têm consciência disso nesta Terra; enquanto com outros não se dá o mesmo."

182. Podemos conhecer exatamente o estado físico e moral dos diferentes mundos?

"Nós, Espíritos, não podemos responder senão de acordo com o grau no qual que vocês se encontram. Isso quer dizer que não devemos revelar essas coisas a todos, porque nem todos estão em condições de compreendê-las, ***e essas revelações os perturbariam***."

À medida que o Espírito se purifica, o corpo que o reveste se aproxima igualmente da natureza espírita. A matéria fica menos densa, deixa de rastejar penosamente pela superfície do solo, as necessidades físicas se tornam menos grosseiras, não mais sendo preciso que os seres vivos se destruam para se nutrirem. O Espírito se acha mais livre e tem mais percepções das coisas longínquas que nos são desconhecidas; ele vê com os olhos do corpo o que só avistamos pelo pensamento.

A depuração do Espírito, nos seres que estão encarnados, conduz ao aperfeiçoamento moral. As paixões animais se enfraquecem e o egoísmo dá lugar ao sentimento da fraternidade. É assim que, nos mundos superiores à Terra, não se conhece guerras; ódios e discórdias ali não têm vez, porque ninguém pensa em prejudicar o seu semelhante. A intuição que eles têm do futuro e a segurança que lhes dá uma consciência isenta de remorsos fazem com que a morte não lhes cause nenhuma apreensão; eles a veem chegar sem temor e como uma simples transformação.

A duração da vida, nos diferentes mundos, parece ser proporcional ao grau de superioridade física e moral desses mundos, e isso é perfeitamente racional. Quanto menos material for o corpo, menos fica sujeito às vicissitudes que o desorganizam; quanto mais puro o Espírito, menos paixões tem a miná-lo. Essa é ainda uma graça da Providência, que quer assim abreviar os sofrimentos.

183. Indo de um mundo para outro, o Espírito passa por nova infância?

"Em toda parte a infância é uma transição necessária, mas ela não é tão boba em todo lugar como é entre vocês."

184. O Espírito tem o direito de escolher o novo mundo onde deva habitar?

"Nem sempre, mas ele pode pedir e pode obter seu desejo, se assim o merecer, pois os mundos são acessíveis aos Espíritos dependendo do grau da sua elevação."

184-a. — Se o Espírito não pedir nada, o que é que determina o mundo em que ele reencarnará?

"O grau de sua elevação."

185. O estado físico e moral dos seres viventes é perpetuamente o mesmo em cada mundo?

"Não, os mundos também estão submetidos à lei do progresso. Todos começaram como o vosso, por um estado inferior, e a própria Terra passará por uma semelhante transformação; ela se tornará um paraíso terrestre quando os indivíduos se tornarem bons."

É assim que as raças que hoje povoam a Terra desaparecerão um dia e serão substituídas por seres cada vez mais perfeitos; essas raças transformadas sucederão à raça atual, como esta sucedeu a outras ainda mais grosseiras.

186. Haverá mundos onde o Espírito, deixando de habitar um corpo material, não tenha nenhum envoltório além do perispírito?

"Sim, e mesmo esse envoltório se torna tão etéreo que para vocês é como se ele não existisse; esse é então o estado dos Espíritos puros."

186-a. — Parece resultar daí que não há uma demarcação traçada entre o estado das últimas encarnações e o de Espírito puro, não?

"Essa demarcação não existe; a diferença vai se apagando pouco a pouco e se torna imperceptível como a noite desaparece diante das primeiras claridades do dia."

187. A substância do perispírito é a mesma em todos os mundos?

"Não; ela é mais ou menos etérea. Passando de um mundo para outro, o Espírito se reveste da matéria própria de cada qual; isso se dá tão rápido quanto o relâmpago."

188. Os Espíritos puros habitam mundos especiais, ou se acham no espaço universal, sem estarem ligados mais a um mundo do que a outros?

"Os Espíritos puros habitam certos mundos, mas não ficam confinados neles como os homens ficam na Terra; eles, melhor do que os outros, podem estar em toda parte."[19]

---

[19] Segundo os Espíritos, de todos os globos que compõem nosso sistema planetário, a ***Terra*** é um dos quais os habitantes são os menos avançados fisicamente e moralmente; ***Marte*** ainda seria inferior a ela e ***Júpiter*** muito superior em todos os sentidos. O ***Sol*** não seria um mundo habitado por seres corporais, mas um ponto de encontro de Espíritos superiores, que de lá se irradiam pelo pensamento em direção aos outros mundos, que eles dirigem por intermédio de Espíritos menos elevados, aos quais eles se comunicam através do fluido universal. Como constituição física, o Sol seria um foco de eletricidade. Todos os sóis parecem estar em uma posição idêntica.

O volume e o distanciamento do Sol não têm nenhuma relação necessária com o grau de adiantamento dos mundos, enquanto parece que Vênus seria mais avançada do que a Terra, e Saturno menos do que Júpiter.

Muitos Espíritos que animaram pessoas conhecidas na Terra disseram estar reencarnados em Júpiter, um dos mundos mais próximos da perfeição, e há quem pôde se espantar ao ver naquele globo, tão avançado, homens que a opinião pública não colocava aqui na Terra no mesmo nível. Isso nada tem de surpreendente se considerarmos que certos Espíritos que habitam aquele planeta poderiam ter sido enviados à Terra para aqui cumprir uma missão que, aos nossos olhos, não os colocaria no primeiro plano; em segundo lugar, que entre a sua existência terrestre e a daquela em Júpiter eles podiam ter tido outras intermediárias, nas quais eles tivessem se melhorado; em terceiro lugar, enfim, que naquele mundo, como no nosso, há diferentes graus de desenvolvimento, e que entre esses graus pode haver a distância que em nosso mundo separa o selvagem do homem civilizado. Assim, pelo fato de alguém habitar Júpiter não se segue que esteja no nível dos seres lá mais avançados, assim como ninguém está no nível de um sábio do Instituto só porque habite em Paris.

As condições de longevidade não são, em toda parte, as mesmas que as da Terra, e as idades não podem ser comparadas. Certa pessoa falecida há alguns anos, quando evocada, disse estar encarnada há seis meses num mundo cujo nome nos é desconhecido. interrogada sobre a idade que tinha nesse mundo, ela respondeu: "Não posso calcular, porque não contamos o tempo como vocês, além disso, o modo de existência não é mais o mesmo: desenvolvemo-nos aqui bem mais rapidamente; portanto, embora só haja apenas seis dos meses de vocês que aqui eu esteja, posso dizer que, quanto à inteligência, tenho trinta anos da idade que eu teria na Terra."

Transmigrações progressivas

189. Desde o início de sua formação, o Espírito desfruta da plenitude de suas faculdades?

"Não, pois o Espírito — assim como o homem — também tem sua infância. Em sua origem, os Espíritos têm apenas uma existência instintiva e mal têm consciência de si mesmo e de seus atos; somente pouco a pouco é que a sua inteligência se desenvolve."

190. Qual é o estado da alma na sua primeira encarnação?

"O estado da infância na vida corporal; sua inteligência mal se desabrocha: ***a alma se ensaia para a vida***."

191. As almas dos nossos selvagens estão no estado de infância?

"De infância relativa, pois são almas já desenvolvidas e já nutrem paixões."

191-a. — Então as paixões são um sinal de desenvolvimento?

"De desenvolvimento sim, porém não de perfeição; as paixões são um sinal de atividade e de consciência do ***eu***, ao passo que na alma primitiva a inteligência e a vida se acham no estado de gérmen."

De modo geral, a vida do Espírito percorre as mesmas fases que observamos na vida corporal. Ele passa gradualmente do estado de embrião ao de infância, para chegar, por uma sucessão de períodos, ao estado de adulto, que é o da perfeição, com a diferença que ele não tem declínio e decrepitude como na vida corporal; que a sua vida, tendo tido um começo, não terá fim; que é preciso um tempo imenso — do nosso ponto de vista — para ele passar da infância espírita a um completo

---

Muitas respostas semelhantes foram dadas por outros Espíritos e isso nada tem de inverossímil. Não vemos na Terra tantos animais adquirirem em poucos meses um desenvolvimento normal? Por que não ocorreria o mesmo com o homem em outras esferas? Notemos, por outro lado, que o desenvolvimento alcançado pelo homem na Terra, na idade de trinta anos, talvez não seja mais que uma espécie de infância, comparada àquela que ele deve alcançar. É ter a visão bem curta nos considerarmos em tudo como os protótipos da criação, e seria rebaixar muito a Divindade acreditar que, além de nós, não seria possível para Deus criar nada mais.

desenvolvimento, e seu progresso se realiza, não numa única esfera, mas passando por mundos diversos. Portanto, a vida do Espírito compõe-se de uma série de existências corpóreas e cada uma das quais representa para ele uma ocasião de progresso, como cada existência corporal se compõe de uma série de dias, dos quais o homem adquire um acréscimo de experiência e de instrução. Mas, assim como há dias na vida do homem que não produzem nenhum fruto, na vida do Espírito há existências corporais que ficam sem resultado, porque ele não soube aproveitá-las.

192. Alguém, por uma conduta perfeita nesta vida, pode transpor todos os graus e se tornar um Espírito puro sem passar por outros graus intermédios?

"Não, pois aquilo que o homem julga como perfeito está longe da perfeição. Há qualidades que lhe são desconhecidas e que ele não pode compreender. Ele pode ser tão perfeito quanto a sua natureza terrena o permite, mas isso não é a perfeição absoluta. Do mesmo modo uma criança, por mais precoce que seja, deve passar pela juventude antes de chegar à idade madura; do mesmo modo também o enfermo passa pela convalescença antes de recobrar toda a sua saúde. Além disso, o Espírito deve avançar em ciência e em moralidade. Se ele progrediu somente num sentido, carece progredir no outro para atingir o topo da escala. Não obstante, quanto mais o homem avança na sua atual vida, menos longas e penosas são as provas seguintes."

192-a. — O homem pode, a partir desta vida, pelo menos assegurar para si uma existência futura menos carregada de amarguras?

"Sim, sem dúvida. Pode abreviar a extensão e as dificuldades do caminho. ***Só o desleixado permanece sempre no mesmo ponto***."

193. Nas suas novas existências, um indivíduo pode se rebaixar em relação ao que era?

"Com relação à ***posição social***, sim; como Espírito, não."

194. É possível que, em nova encarnação, a alma de um indivíduo de bem anime o corpo de um malfeitor?

"Não, pois ele não pode degenerar."

194-a. — A alma de um indivíduo perverso pode se tornar a de um indivíduo de bem?

"Sim, caso se arrependa e isso é então uma recompensa."

A marcha dos Espíritos é progressiva e jamais retrograda. Eles se elevam gradualmente na hierarquia e não descem da posição a que alcançaram. Em suas diferentes existências corporais eles podem descer como homens, mas não como Espíritos. Assim, a alma de um poderoso da Terra pode mais tarde animar o mais humilde operário e ***vice-versa***; por isso, entre os homens, as categorias estão frequentemente na razão inversa da elevação dos sentimentos morais. Herodes era rei e Jesus era carpinteiro.

195. A possibilidade de se melhorarem numa outra existência não pode levar certas pessoas a perseverarem num mau caminho pela ideia de que elas sempre poderão se corrigir mais tarde?

"Aquele que pensa assim não acredita em nada, e a ideia de um castigo eterno não o refrearia mais, porque sua razão o rejeita, e semelhante ideia conduz à incredulidade a respeito de todas as coisas. Se somente se empregassem meios racionais para conduzir os homens, não haveria tantos céticos. De fato, durante a sua vida corporal, um Espírito imperfeito pode pensar como você está dizendo, mas, uma vez desprendido da matéria, ele passa a pensar de outro modo, pois logo se apercebe que fez um cálculo errado, ***e é então que carrega um sentimento oposto numa nova existência.*** É assim que se efetua o progresso e essa é a razão pela qual vocês na Terra têm uns indivíduos mais avançados do que outros; uns já dispõem de uma experiência que outros ainda não têm, mas que eles adquirirão pouco a pouco. Depende deles acelerar seu progresso ou retardá-lo indefinidamente."

O homem que ocupa uma má posição deseja trocá-la o mais depressa possível. Aquele que está convencido de que as tribulações desta vida terrena são a consequência de suas imperfeições procurará assegurar para si uma nova existência menos penosa, e esse pensamento o desviará da senda do mal mais depressa do que aquela ideia do fogo eterno, na qual ele não acredita.

196. Como os Espíritos não podem se melhorar senão passando pelas

tribulações da existência corporal, segue-se que a vida material seria uma espécie de ***filtro***, ou ***depurador***, por onde todos os seres do mundo espírita deve passar para chegarem à perfeição?

"Sim, é exatamente isso. Eles se melhoram nessas provas evitando o mal e praticando o bem. Porém, somente depois de várias reencarnações ou depurações sucessivas é que eles atingem — num tempo mais ou menos longo, ***conforme seus esforços*** — a finalidade para a qual eles tendem."

196-a. — É o corpo que influencia sobre o Espírito para melhorá-lo ou o Espírito que influencia sobre o corpo?

"Teu Espírito é tudo; teu corpo é uma roupa que se gasta: eis tudo."

Encontramos um exemplo material dos diferentes graus da depuração da alma no suco da vinha. Ele contém o licor chamado espírito ou álcool, mas enfraquecido por uma imensidade de matérias estranhas que alteram a sua essência; esse licor só chega à pureza absoluta depois de várias destilações, em cada uma das quais ele se despoja de algumas impurezas. O alambique é o corpo no qual a alma deve entrar para se depurar; as matérias estranhas são como o perispírito que também se depura à medida que o Espírito se aproxima da perfeição.

Destino das crianças após a morte

197. O Espírito de uma criança morta com pouca idade seria tão avançada quanto o de um adulto?

"Às vezes muito mais, porque ele pode ter vivido muito mais e adquirido mais experiência, se acima de tudo ele progrediu."

197-a. Sendo assim, o Espírito de uma criança pode ser mais avançado do que o Espírito de seu pai?

"Isso é muito frequente. Você mesmos não veem isso tantas vezes na Terra?"

198. Não tendo podido praticar o mal, o Espírito da criança que morre em

tenra idade pertence às categorias superiores?

"Se não fez o mal, também não fez o bem, e Deus não o isenta das provas pelas quais deva passar. Se ele for puro, não será pelo fato de que era criança, mas porque ele era mais avançado."

199. Por que tão frequentemente a vida se interrompe na infância?

"A duração da vida da criança pode representar para o Espírito que nela está encarnado o complemento de uma existência interrompida antes do devido término, e sua morte frequentemente constitui ***uma provação ou expiação para os seus pais***."

199-a. — O que acontece com o Espírito de uma criança que morre com pouca idade?

"Recomeça uma nova existência."

Se o homem não tivesse mais do que uma existência e se, após essa existência, sua sorte futura fosse decidida para toda a eternidade, qual seria o mérito de metade da espécie humana que morre na infância, para gozar da felicidade eterna sem esforços e com que direito se acharia isenta das condições, às vezes tão duras, impostas à outra metade? Semelhante ordem de coisas não estaria em acordo com a justiça de Deus. Pela reencarnação, a igualdade é para todos; o futuro pertence a todos sem exceção e sem favor para quem quer que seja; aqueles que chegam por último só podem queixar de si mesmos. O homem deve ter o mérito de seus atos, como tem a responsabilidade deles.

Aliás, não é racional considerarmos a infância como um estado normal de inocência. Não se veem crianças dotadas dos piores instintos numa idade em que a educação ainda não pode exercer nenhuma influência? Não há algumas que parecem trazer de nascença a astúcia, a crueldade, a falsidade, até mesmo o pendor para o roubo e para o assassínio, e isso apesar dos bons exemplos de que eles estão cercados? A lei civil absolve seus crimes, porque — diz ela — agiram sem discernimento. Tem razão a lei, porque, de fato, elas agem mais instintivamente do que por propósito deliberado, mas de onde podem vir esses instintos tão diferentes em crianças da mesma idade, educadas nas mesmas condições e sujeitas às mesmas influências? Donde vem essa perversidade precoce senão da inferioridade do Espírito, já que a educação não tem nada a ver com isso? Aquelas que são

viciosas, é que seu Espírito tem progredido menos e então sofre as suas consequências, não pelos seus atos da infância, mas pelos de suas existências anteriores, e é assim que a lei é a mesma para todos e que a justiça de Deus abrange a todo o mundo.

Sexos nos Espíritos

200. Os Espíritos têm sexos?

"Não como vocês entendem, pois os sexos dependem da organização. Há entre eles amor e simpatia, mas fundados na similaridade dos sentimentos."

201. O Espírito que animou o corpo de um homem pode, em uma nova existência, animar o corpo de uma mulher, e vice-versa?

"Sim, são os mesmos Espíritos que animam os homens e as mulheres."

202. Enquanto Espírito, prefere-se estar encarnado no corpo de um homem ou no de uma mulher?

"Isso pouco importa ao Espírito; vai de acordo com as provas pelas quais ele deva passar."

Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque eles não têm sexo; como eles devem progredir em tudo, cada sexo, assim como cada posição social lhes oferece provas e deveres especiais e ocasião de adquirir experiência. Aquele que sempre fosse homem só saberia o que os homens sabem.

Parentesco, filiação

203. Os pais transmitem aos seus filhos uma porção de sua alma, ou só se limitam a lhes dar a vida animal à qual uma alma nova vem mais tarde juntar a vida moral?

"Apenas a vida animal, pois a alma é indivisível. Um pai ignorante pode ter filhos inteligentes e ***vice-versa***."

204. Como nós já tivemos várias existências, o parentesco vai além da nossa

existência atual?

"Não poderia ser de outra maneira. A sucessão das existências corporais estabelece ligações entre os Espíritos que vêm desde suas existências anteriores; daí decorre frequentemente as causas de simpatia entre vocês e certos Espíritos que lhes parecem estranhos."

205. Para algumas pessoas, a doutrina da reencarnação parece destruir os laços familiares aos lhe estender para além da existência atual.

"Ela estende os laços, mas não os destrói. O parentesco está fundado sobre afeições anteriores, os laços que unem os membros de uma mesma família são menos precários. Essa doutrina amplia os deveres da fraternidade, porque, no vosso vizinho, ou no vosso servo, pode se encontrar um Espírito que tenha tido ligação com vocês pelos laços de sangue."

205-a. — Ela, no entanto, diminui a importância que alguns dão à sua filiação, porque qualquer um pode ter tido como seu pai um Espírito que tenha pertencido a outra raça ou que tenha vivido em uma condição completamente diferente.

"É verdade, mas essa importância é baseada no orgulho; o que a maioria honra nos seus antepassados são os títulos, a posição social e a riqueza. Quem pensa assim se envergonharia de ter tido como avô um sapateiro honesto, mas se gabaria de ser descendente de um nobre devasso. Porém, não importa o que digam ou façam, não modificarão as coisas como elas são, pois Deus não formulou as leis da natureza de acordo com a vaidade deles."

206. Do fato de não haver filiação entre os Espíritos dos descendentes de uma mesma família, segue-se que o culto dos ancestrais seja uma coisa ridícula?

"Seguramente que não, pois é preciso considerar-se feliz por pertencer a uma família na qual encarnaram Espíritos elevados. Conquanto os Espíritos não procedam uns dos outros, nem por isso têm menos afeição por aqueles que estão ligados a eles pelos laços de família, dado que esses Espíritos tantas vezes são atraídos para essa ou aquela família por causa da simpatia ou pelos

vínculos anteriores. Mas creiam bem que os Espíritos de vossos ancestrais não ficam nada honrados com o culto que lhes prestam por orgulho; o mérito deles não se reflete em vocês a não ser na medida em que vocês se esforçam para seguir os bons exemplos que eles vos deram, e só então é que a vossa lembrança pode ser não apenas agradável a eles, como também lhes ser útil."

Semelhanças físicas e morais

207. Os pais muitas vezes transmitem aos seus filhos uma semelhança física. Transmitem também alguma semelhança moral?

"Não, pois eles têm almas ou Espíritos diferentes. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças nada mais há de que consanguinidade."

207-a. — De onde vêm as semelhanças morais que costuma haver entre pais e filhos?

"São Espíritos simpáticos atraídos pela afinidade de suas tendências."

208. Os Espíritos dos pais não exercem nenhuma influência sobre o do filho depois do nascimento deste?

"Exercem sim, e uma influência muito grande. Conforme temos dito, os Espíritos devem contribuir para o progresso uns dos outros. Pois bem! O Espírito dos pais tem por missão desenvolver o de seus filhos pela educação; isso é uma tarefa para os pais: ***se falharem nesta tarefa, serão culpados***."

209. Por que nascem de pais bons e virtuosos filhos de uma natureza perversa? Noutras palavras: por que as boas qualidades dos pais nem sempre atraem, por simpatia, um Espírito bom para ser seu filho?

"Um Espírito malvado pode pedir bons pais, na esperança de que seus conselhos o guiem numa estrada melhor, e muitas vezes Deus lhe concede esse pedido."

210. Pelos seus pensamentos e suas preces, os pais podem atrair para o corpo

do filho um Espírito bom, de preferência a um Espírito inferior?

"Não, mas podem melhorar o Espírito do filho a que deram vida e que a eles está confiado: esse é o dever deles. Os filhos malvados são uma provação para os pais."

211. De onde vem a semelhança de caráter que tantas vezes existe entre dois irmãos, principalmente entre os gêmeos?

"São Espíritos simpáticos que se aproximam pela similaridade de seus sentimentos ***e que se sentem felizes por estarem juntos***."

212. Nos filhos cujos corpos estão colados e que têm certos órgãos comuns,[20] haveria aí dois Espíritos, ou seja, duas almas?

"Sim, mas a semelhança entre eles muitas vezes faz com que pareçam um só aos vossos olhos."

213. Desde que os Espíritos encarnam nos gêmeos por simpatia, de onde vem a aversão que vemos algumas vezes entre estes?

"Não é uma regra que os gêmeos tenham Espíritos simpáticos; Espíritos malvados podem querer lutar juntos no teatro da vida."

214. Que pensar das histórias de crianças brigando entre si no ventre da mãe?

"Lendas! Para figurar que o ódio entre elas era demasiado antigo, faz-se remontá-lo antes do nascimento delas. Geralmente vocês não levam muito em conta as figuras poéticas."

215. De onde vem a característica particular que se nota em cada povo?

"Também os Espíritos se grupam em famílias formandas pela afinidade de suas tendências mais ou menos apuradas conforme sua elevação. Pois bem! Um povo é uma grande família onde se reúnem Espíritos afins. A tendência que os membros dessas famílias têm para se unirem é a fonte da

---

[20] Estes são os casos que a ciência médica intitula de gêmeos siameses. Ocorre quando um embrião precoce se separa parcialmente para formar dois indivíduos. Os bebês costumam ser ligados pelo tórax, pela pélvis ou pelas nádegas, e algumas vezes compartilham órgãos. Na maioria dos casos, eles são natimortos ou morrem logo após o nascimento. Os gêmeos que sobrevivem podem ser separados por cirurgia, cujo sucesso depende do local por onde eles estão unidos e dos órgãos compartilhados. — N. T.

semelhança que existe no caráter distintivo de cada povo. Tu pensas que Espíritos bons e humanitários procuram um povo rude e grosseiro? Não; os Espíritos se simpatizam com as coletividades como se simpatizam com os indivíduos; lá eles estão no seu próprio meio."

216. Em suas novas existências, o indivíduo conserva os traços do caráter moral de suas existências anteriores?

"Isso pode acontecer sim, mas em se melhorando, ele muda. Sua posição social também pode não ser mais a mesma; se de senhor ele passa a escravo, os seus gostos serão inteiramente diferentes e vocês dificilmente poderiam reconhecê-lo. O Espírito sendo o mesmo nas diversas encarnações, suas manifestações podem ter, de uma para outra, certas semelhanças, por vezes modificadas pelos hábitos da sua nova posição, até que um aperfeiçoamento notável venha a mudar completamente o seu caráter, porque, de orgulhoso e mau, ele pode se tornar humilde e humanista, caso se arrependa."

217. O indivíduo, nas suas diferentes encarnações, conserva traços físicos das existências posteriores?

"O corpo é destruído e o novo não tem nenhuma relação com o anterior. Entretanto, o Espírito se reflete no corpo. Decerto que o corpo não é mais do que matéria, mas apesar disso ele é modelado pelas qualidades do Espírito que lhe imprime uma certa característica, sobretudo no semblante, e é com razão que se designa os olhos como o espelho da alma, isto é, que mais particularmente o semblante reflete a alma, pois uma pessoa excessivamente feia tem porém qualquer coisa que agrada quando está revestida de um Espírito bom, sábio, humanitário, ao passo que há fisionomias belíssimas que não te agradam em nada, pelas quais tu tens até mesmo repulsão. Tu poderias supor que não haja mais do que corpos bem moldados que sejam o envoltório aos Espíritos mais perfeitos, ao passo que todos os dias tu encontras homens de bem sob um exterior deformado. Sem ter nenhuma parecença destacada, a semelhança dos gostos e das inclinações pode então dar aquilo que chamamos um ar familiar."

Como o corpo que reveste a alma numa nova encarnação não tem nenhuma

relação ***necessária*** com aquele corpo que ela deixou, já que a alma pode obtê-lo de uma fonte totalmente diferente, seria absurdo concluir uma série de existências de uma semelhança que é só fortuita. Todavia, as qualidades do Espírito frequentemente modificam os órgãos que lhe servem para suas manifestações e lhe imprimem no semblante e até no conjunto de suas maneiras um cunho particular. É assim que, sob um envoltório dos mais humildes podemos encontrar a expressão da grandeza e da dignidade, enquanto sob uma vestimenta de grande nobreza se vê algumas vezes a da baixeza e da ignomínia. Certas pessoas saem da posição mais insignificante adquirindo sem esforços os hábitos e as maneiras da alta sociedade; parece que elas aí ***reencontram*** seu elemento, enquanto outros, apesar do seu nascimento e da sua educação, sempre se mostram deslocadas em tal meio. Como explicar esse fato senão como um reflexo daquilo que o Espírito era?

Ideias inatas

218. O Espírito encarnado não conserva nenhum traço das percepções que ele teve e dos conhecimentos que adquiriu nas existências anteriores?

"Ele conserva uma vaga lembrança que lhe dá o que chamamos de ideias inatas."

218-a. — A teoria das ideias inatas então não é ilusória?

"Não, os conhecimentos adquiridos em cada existência não se perdem mais; ao se libertar da matéria, o Espírito sempre recobra essas lembranças. Durante a encarnação, ele pode esquecê-las em parte, momentaneamente, porém a intuição que conserva delas auxilia o seu adiantamento. Sem isso, seria continuamente recomeçar. Em cada nova existência o Espírito toma seu ponto de partida de onde estava na existência precedente."

218-b. — Assim sendo, há uma grande conexão entre duas existências sucessivas?

"Nem sempre tão grande quanto talvez tu suponhas, dado que muitas vezes as posições são bem diferentes e no intervalo entre essas existências o Espírito pode ter progredido." (Ver questão 216.)

219. Qual é a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, como idiomas, cálculo etc.?

"Recordação do passado; progresso anterior da alma, mas do qual ela não tem consciência. De onde querem que venham tais conhecimentos? O corpo muda, porém o Espírito não, embora troque de roupagem."

220. Mudando de corpo, o Espírito pode perder algumas faculdades intelectuais, por exemplo, deixar de ter o gosto pelas artes?

"Sim, se tiver corrompido essa inteligência ou se a utilizou mal. Ademais, certa faculdade pode permanecer adormecida durante uma existência, porque o Espírito pode querer exercitar outra que não tenha nenhuma relação com aquela; então esta capacidade fica em estado latente para reaparecer mais tarde."

221. Deve-se a uma lembrança do passado o sentimento instintivo que, mesmo no estado de selvagem, o homem possui da existência de Deus e o pressentimento da vida futura?

"É uma lembrança que ele conserva do que sabia como Espírito antes de estar encarnado, mas o orgulho às vezes abafa esse sentimento."

221-a. — É a essa mesma lembrança que se devem certas crenças referentes à doutrina espírita, e que se observam entre todos os povos?

"Esta doutrina é tão antiga quanto o mundo; tal é o motivo pelo qual a encontramos em toda parte, e o que é uma prova de que ela é verdadeira. Conservando a intuição do seu estado espiritual, o Espírito encarnado tem consciência instintiva do mundo invisível, contudo, não raro ela é falseada pelos preconceitos, e a ignorância mistura a ela a superstição."

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

222. Certas pessoas dizem que o dogma da reencarnação não é novo, que foi ressuscitada de Pitágoras[21]. Nunca dissemos que a doutrina espírita fosse uma invenção moderna; sendo uma lei da natureza, o espiritismo deve ter existido desde a origem dos tempos e nós sempre nos esforçamos para provar que encontramos traços dele na mais alta antiguidade. Pitágoras, como se sabe, não foi o autor do sistema da metempsicose[22]; ele o colheu dos filósofos indianos e egípcios, entre os quais ela existia desde tempos imemoriais. Portanto, a ideia da transmigração das almas era uma crença popular, admitida pelos homens mais eminentes. De que modo eles a adquiriram? Por revelação ou por intuição? — Não sabemos. Contudo, seja como for, uma ideia não atravessa os tempos nem é aceita pelas inteligências da elite se não contiver algo de sério. Assim, a antiguidade desta doutrina seria mais uma prova do que uma objeção. Todavia, como se sabe também, entre a metempsicose dos antigos e a moderna doutrina da reencarnação há essa profunda diferença que os Espíritos rejeitam da maneira mais absoluta: a transmigração do homem nos animais e reciprocamente.

---

[21] Pitágoras de Samos (570 a.C. – 495 a.C.) foi um filósofo e matemático grego que também originou uma espécie de seita chamada pitagorismo que, segundo a tradição, continha elementos religiosos, esotéricos e ocultistas baseados nos supostos aprendizados que ele colhera em suas alegadas viagens ao estrangeiro (especialmente Egito, Pérsia, Babilônia e Índia) dentre esses aprendizados o da reencarnação e metempsicose. — N. T.

[22] Metempsicose: ideia de que, no ciclo das reencarnações, a alma (ou Espírito) que outrora animava um corpo humano pode encarnar num corpo animal (neste caso, por um carma negativo, expiação) e vice-versa. — N. T.

Ao ensinar o dogma da pluralidade das existências corporais, os Espíritos renovam então uma doutrina que teve origem nas primeiras idades do mundo e que se conservou até os nossos dias no pensamento íntimo de muitas pessoas. Eles simplesmente a apresentam de um ponto de vista mais racional, mais de acordo com as leis progressivas da natureza e mais em harmonia com a sabedoria do Criador, depurando-a de todos os acessórios da superstição. Uma circunstância digna de nota é que não é apenas neste livro que os Espíritos a ensinaram nesses últimos tempos: já antes da sua publicação, numerosas comunicações da mesma natureza foram obtidas em diversos países e depois se multiplicaram consideravelmente. Talvez fosse aqui o caso de examinarmos por que nem todos os Espíritos parecem de acordo sobre esta questão, mas voltaremos a este assunto mais tarde.

Examinemos a coisa por outro ponto de vista e fazendo abstração de toda a intervenção dos Espíritos; deixemos isso de lado por um instante: suponhamos que essa teoria não tenha sido deles; vamos supor até mesmo que jamais tenha havido questão de Espíritos. Vamos então nos colocar momentaneamente num terreno neutro, admitindo no mesmo grau de probabilidade ambas as hipóteses, a saber: a pluralidade e a unicidade das existências corpóreas, e vejamos para que lado nos levará a razão e o nosso próprio interesse.

Certas pessoas repulsam a ideia da reencarnação pelo único motivo que ela não lhes convém, dizendo que já lhes basta uma existência e que elas não desejariam recomeçar outra parecida. Sabemos de alguns que só a ideia de voltar à Terra já os faz saltar de fúria. Nós não temos mais do que uma coisa a lhes perguntar: se elas acham que Deus lhes pediu conselhos e consultou seus gostos para regular o Universo. Ora, das duas, uma: ou a reencarnação existe ou não ela existe; se existe, é inútil contrariarem; terão que se submeterem a ela e Deus não lhes pedirá permissão para isso. Parece-nos ouvirmos um doente a dizer: “Já sofri bastante hoje, não quero sofrer mais amanhã”. Por pior que seja o seu humor, não terá que sofrer menos no dia seguinte nem nos que se sucederem, até que esteja curado. Por isso, se eles devem viver corporalmente de novo, tornarão a viver, eles reencarnarão. Não adiantará nada se revoltarem como uma criança que não quer ir para a escola, ou como

um condenado para a prisão; terão que passar por isso. Tais objeções são demasiado pueris para merecerem um exame mais sério. Entretanto, diremos para os tranquilizar que, no tocante à reencarnação, a doutrina espírita não é tão terrível como a julgam, e se a tivessem estudado profundamente eles não ficariam tão aterrorizados com ela; saberiam que a condição da nova existência depende deles: ela será feliz ou desgraçada conforme aquilo que fizeram neste mundo, ***e que eles poderão já desde esta vida se elevar tão alto que não tenham mais que temer recair no lamaçal***.

Supomos que estamos falando com pessoas que acreditam em um futuro qualquer depois da morte, e não aos que tenham o nada como perspectiva ou pretendam afogar suas almas num todo universal, sem individualidade, como os pingos de chuva no oceano — o que vem a ser quase o mesmo. Então se vocês creem num porvir qualquer, sem dúvidas não admitiriam que ele seja idêntico para todos, ou de outro modo, onde estaria a utilidade do bem? Por que se reprimir? Por que não satisfazer todas as suas paixões, todos os seus desejos, ainda que à custa dos outros, já que isso não valeria nem mais nem menos? Vocês acreditam que esse futuro será mais ou menos feliz ou desditoso de acordo com o que tivermos feito durante a vida; então vocês têm o desejo de ser tão feliz quanto possível, visto que isso há de ser pela eternidade, não? Mas, porventura, teriam a pretensão de ser um dos homens mais perfeitos que tenha existido na Terra e de ter assim o direito imediato à felicidade suprema dos eleitos? Não. Admitem assim haver homens que valem mais do que vocês e que eles têm o direito a um lugar melhor, sem por isso que vocês estejam entre os réprobos. Pois bem! Coloquem-se mentalmente por um instante nessa situação intermédia que será a vossa, pois acabaram de reconhecer isso, e imaginem que alguém venha lhes dizer: Vocês sofrem, não são tão felizes quanto poderiam ser, ao passo que têm diante de vocês seres que gozam de uma completa prosperidade; querem trocar vossa posição com a deles? — Certamente, dirão; o que devemos fazer? — Quase nada; recomeçar o que fizeram malfeito e tratar de fazer melhor. — Vocês hesitariam em aceitar, ainda que ao preço de muitas existências de provas? Façamos uma comparação mais comum: se a um homem que, sem estar na pior das misérias, ainda assim experimenta privações decorrentes da falta de

seus recursos, viesse alguém a dizer: “Aqui está uma riqueza imensa, tu podes aproveitá-la e para isso é necessário trabalhar arduamente durante um minuto”. Mesmo que ele fosse o mais preguiçoso da Terra, diria sem hesitar: “Trabalhemos um minuto, dois minutos, uma hora, um dia, se for preciso. O que importa isso, se for para findar meus dias na fartura?” Ora, o que é a duração da vida corpórea em relação à eternidade? Menos que um minuto, menos que um segundo.

Temos escutado fazerem esse raciocínio: Deus, que é soberanamente bom, não pode impor ao homem recomeçar uma série de misérias e de tribulações. Por acaso essas pessoas acharão que há mais bondade em condenar o homem a um sofrimento perpetuamente por alguns instantes de erro, do que em lhe propiciar os meios de reparar suas faltas? “Dois fabricantes tinham cada qual um operário que podia aspirar a se tornar sócio do patrão. Ora, aconteceu que esses dois operários certa vez empregaram muito mal sua jornada de trabalho e mereceram ser demitidos. Um dos dois fabricantes despede seu empregado, malgrado suas súplicas, e este, não tendo encontrado mais trabalho, morreu de miséria. O outro patrão disse ao seu operário: “Tu perdeste um dia; deves-me uma compensação por isso; executaste mal o teu trabalho e me deves a reparação. Permito-te que o recomece; trata de executá-lo bem e te conservarei, e poderás continuar a aspirar à posição superior que te prometi.” Será preciso perguntarmos qual dos dois fabricantes foi o mais humanitário? Deus — a própria misericórdia — seria mais insensível do que um homem? A ideia de que o nosso destino fique para sempre determinado por alguns anos de provações, ainda mesmo quando não tenha dependido de nós alcançarmos a perfeição na Terra, tem qualquer coisa de lamentável, enquanto a ideia oposta é visivelmente consoladora: ela nos dá esperança. Assim, sem nos pronunciarmos pró ou contra a pluralidade das existências, sem admitirmos uma hipótese mais que a outra, declaramos que, se tivéssemos escolha, não há ninguém que preferiria um julgamento sem apelação. Disse um filósofo que se Deus não existisse seria preciso inventá-lo para a felicidade do gênero humano[23]; outro

[23] Célebre frase atribuída ao filósofo francês Voltaire (1694-1778). — N. T.

tanto se poderia dizer da pluralidade das existências. Mas, como temos dito, Deus não nos pede permissão para isso; ele não consulta nosso gosto; ou a pluralidade das existências existe ou não existe. Vejamos de que lado estão as probabilidades e tomemos a coisa de outro ponto de vista, ainda fazendo abstração do ensinamento dos Espíritos e unicamente como estudo filosófico.

Se não há reencarnação, então só há uma existência corporal, evidentemente. Se a nossa atual existência corpórea for a única, a alma de cada indivíduo terá sido criada no seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma — caso em que caberia perguntar o que era a alma antes do nascimento e se esse estado não constituía uma existência sob uma forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia ou ela não existia antes do corpo; se existia, qual a sua situação? Tinha ou não consciência de si mesma? Se não tinha, é quase como se não existisse; se tinha individualidade, ela era progressiva ou estacionária; num e noutro caso, a que grau ela teria chegado ao tomar o corpo? Admitindo — de acordo com a crença vulgar — que a alma nasce com o corpo, ou — o que vem a ser o mesmo — que anteriormente à sua encarnação ela não tem senão faculdades nulas, nós colocamos as seguintes questões:

1. Por que a alma mostra aptidões tão diversas e independentes das ideias adquiridas pela educação?
2. De onde vem a aptidão anormal de certas crianças de pouco idade para tal arte ou tal ciência, enquanto outras permanecem inferiores ou medíocres durante toda a sua vida?
3. De onde vêm em alguns as ideias inatas ou intuitivas que não existem noutros?
4. De onde vêm em certas crianças esses instintos precoces para os vícios ou para as virtudes, esses sentimentos inatos de dignidade ou de baixeza que contrastam com o ambiente no qual elas nasceram?
5. Por que, sem considerar a educação, certos indivíduos são mais adiantados do que outros?
6. Por que há selvagens e indivíduos civilizados? Se vocês tomarem um

menino hotentote[24] recém-nascido e o educarem nos nossos liceus mais renomados, algum dia farão dele um Laplace[25] ou um Newton[26]?

Indagamos qual é a filosofia ou a teosofia[27] que pode resolver esses problemas? Ou as almas no seu nascimento são iguais ou elas são desiguais — disso não resta dúvidas. Se elas são iguais, por que essas aptidões tão diversas? Dirão que isso depende do organismo? Mas então essa seria a doutrina mais monstruosa e a mais imoral. O homem não seria mais do que uma máquina, o joguete da matéria; ele deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, já que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se as almas são desiguais, é que Deus as criou assim; nesse caso, porém, por que essa superioridade inata concedida a algumas delas? Essa parcialidade estaria conforme a justiça de Deus e ao igual amor que ele traz para todas as suas criaturas?

Vamos admitir, ao contrário, uma série de existências anteriores progressivas e tudo fica explicado. Ao nascerem, os indivíduos trazem a intuição do que adquiriram; eles são mais ou menos adiantados mediante o número de existências que percorreram, mediante estejam mais ou menos afastados do ponto de partida: exatamente como numa reunião de pessoas de todas as idades, cada um terá desenvolvimento proporcionado ao número de anos que tenha vivido; para a vida da alma, as existências sucessivas serão o que os anos representam para a vida do corpo. Reúnam um dia mil indivíduos, de um a oitenta anos; suponham que um véu encubra todos os dias precedentes e que, na vossa ignorância, vocês acreditem então que todos nasceram no mesmo dia: naturalmente, vocês se perguntarão como é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e outros jovens, alguns instruídos

---

[24] Hotentote: relativo a um povo do Sudoeste da África, frequentemente tomado como exemplo de uma raça muito primitiva em comparação com os europeus da época (século XIX). — N. T.

[25] Pierre Simon Laplace (1749-1827): astrônomo, físico e matemático francês. — N. T.

[26] Isaac Newton (1642-1727): reconhecido cientista inglês. — N. T.

[27] Teosofia (do grego: *theos* = "deus" + *sophia* = "sabedoria") significa aqui, tal como essa palavra era usada até então, qualquer doutrina que, de uma maneira geral, se proponha a entender a natureza divina, e, portanto, não é uma referência direta ao movimento ocultista criado em 1875 (duas décadas depois do lançamento de ***O Livro dos Espíritos***) em torno da Sociedade Teosófica de Helena Blavatsky. — N. T.

e outros ainda ignorantes. Se, porém, dissipando-se a nuvem que lhes oculta o passado, vocês vierem a saber que todos têm vivido por um tempo mais ou menos longo, tudo vos ficará explicado. Deus, na sua justiça, não poderia ter criado certas almas mais perfeitas e outras menos perfeitas. Sem embargo, com a pluralidade das existências, a desigualdade que vemos não tem nada de contrário à mais rigorosa equidade: é que nós só vemos o presente e não o passado. Esse raciocínio baseia-se sobre algum sistema, uma suposição gratuita? Não, nós partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral, e verificamos que esse fato não pode ser explicado por nenhuma das teorias que temos em curso, ao passo que a sua explicação é simples, natural e lógica por uma outra teoria. Seria racional preferirmos aquela que não explica nada a esta que explica?

Com respeito à sexta interrogação, alguns dirão sem dúvidas que o hotentote é de uma raça inferior: então perguntaremos então se o hotentote é ou não um homem. Se ele é um homem, por que Deus privou a ele e à sua raça dos privilégios concedidos à raça caucasiana? Se não for um homem, por que tentar fazê-lo cristão? A doutrina espírita tem mais amplitude do que tudo isso; segundo ela, não há espécies diversas de homens, há tão somente homens cujos espírito está mais ou menos atrasado, porém suscetível de progredir: este princípio não está mais em harmonia com a justiça de Deus?

Acabamos de ver a alma no seu passado e no seu presente; se a considerarmos quanto ao seu futuro, encontraremos as mesmas dificuldades.

1. Se a nossa existência atual, unicamente, deve decidir a nossa sorte posterior, qual será a respectiva posição do selvagem e do homem civilizado na vida futura? Ficarão no mesmo patamar ou estarão distanciados na soma da felicidade eterna?
2. O homem que tem trabalhado por toda a sua vida a fim de se melhorar ocupará a mesma categoria daquele que permaneceu inferior, não por culpa própria, mas porque não teve tempo e nem possibilidade de se melhorar?
3. O indivíduo que praticou o mal, por não ter podido se esclarecer, será passível de um estado de coisas que não dependeu dele?

4. Trabalha-se para esclarecer, moralizar e civilizar os homens, mas para cada um que se esclarece há milhões que morrem diariamente antes que a luz tenha chegado até eles: qual é o destino destes últimos? Serão tratados como infames? No caso contrário, o que eles teriam feito para merecer estar na mesma faixa que os outros?
5. Qual é a destinação das crianças que morrem em tenra idade, antes de terem podido fazer o bem e o mal? Se elas ficarem entre os eleitos, por que esse favor, sem terem feito nada para merecê-lo? Por qual privilégio ficariam isentas das tribulações da vida?

Haverá alguma doutrina capaz de resolver essas questões? Admitamos as existências consecutivas e tudo se explicará conformemente a justiça de Deus. O que se não pôde fazer numa existência faz-se em outra. Assim é que ninguém escapa à lei do progresso, que cada um será recompensado segundo o seu merecimento ***real*** e que ninguém fica excluído da felicidade suprema, à qual se pode pretender, quaisquer que sejam os obstáculos encontrados no seu caminho.

Essas questões poderiam ser multiplicadas ao infinito, pois os problemas psicológicos e morais que não encontram solução exceto na pluralidade das existências são inúmeros; nós nos limitamos às questões mais comuns. Seja como for — alegarão talvez —, a doutrina da reencarnação não é admitida pela Igreja, portanto isso seria a subversão da religião. Nosso intuito não é o de tratar dessa questão neste momento; para nós, basta termos demonstrado que aquela doutrina é eminentemente moral e racional. Ora, o que é moral e racional não pode ser contrário a uma religião que proclama Deus como a bondade e a razão por excelência. O que teria sido da religião se, contra a opinião universal e o testemunho da ciência, ela tivesse se endurecido contra a evidência e tivesse rejeitado de seu seio todos os que não tivessem acreditado no movimento do Sol ou acreditado nos seis dias da criação? Que crédito teria merecido e que autoridade teria tido entre as pessoas cultas uma religião fundada em erros manifestos dados como artigos de fé? Quando a evidência foi demonstrada, a Igreja sabiamente se colocou ao lado da evidência. Se está provado que certas coisas existentes seriam impossíveis

sem a reencarnação, se certos pontos do dogma não podem ser explicados a não ser por esse meio, é preciso mesmo admiti-lo e reconhecer que o antagonismo dessa doutrina e desses dogmas é apenas aparente. Mais adiante nós mostraremos que a religião talvez esteja menos distante dessa doutrina do que se pensa, e que ela não sofreria mais com isso do que sofreu com a descoberta do movimento da Terra e dos períodos geológicos, que, à primeira vista, pareciam desmentir os textos sagrados. Aliás, o princípio da reencarnação ressalta de várias passagens das Escrituras e se encontra particularmente formulado de uma maneira explícita no Evangelho:

> "Quando eles desciam da montanha (depois da transfiguração), Jesus fez esta recomendação e lhes disse: Não falem a ninguém do que acabaram de ver, até que o filho do homem tenha ressuscitado dentre os mortos. Seus discípulos então o interrogaram: Por que os escribas dizem ser preciso que Elias venha primeiro? E Jesus lhes respondeu: É verdade que Elias há de vir e que restabelecerá todas as coisas. Mas eu vos declaro que Elias já veio, e eles não o reconheceram e o fizeram sofrer como bem entenderam. É assim que eles farão morrer o filho do homem. Então seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes falava." (São Mateus, cap. 17)

Já que João Batista era Elias, então houve reencarnação do Espírito ou da alma de Elias no corpo de João Batista.

De resto, qualquer que seja a opinião que se faça acerca da reencarnação — que a aceitem ou não a aceitem —, se ela existe, não será menos necessário se submeter a ela, apesar de toda a crença contrária. O ponto essencial é que o ensinamento dos Espíritos é eminentemente cristão; ele se apoia na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem e na moral do Cristo. Logo, ele não é antirreligioso.

Como dissemos, temos raciocinado fazendo abstração de qualquer ensinamento espírita que, para certas pessoas, não é uma autoridade. Se nós, e tantos outros, adotamos a opinião da pluralidade das existências, não é somente porque ela veio dos Espíritos para nós, é porque essa doutrina nos pareceu a mais lógica e porque só ela resolve questões até então insolúveis. Ainda que ela tivesse vindo de um mero mortal, nós a teríamos adotado da

mesma forma, e não teríamos hesitado mais em renunciar às nossas próprias ideias; a partir do momento em que o erro esteja demonstrado, o orgulho tem mais a perder do que a ganhar em persistir numa ideia falsa. Assim também, nós a teríamos repelido — embora viesse dos Espíritos — se ela nos parecesse contrária à razão, como temos repelido tantas outras; pois, sabemos por experiência que não se deve aceitar cegamente tudo o que venha da parte deles, e menos ainda o que venha da parte dos homens. Portanto, seu primeiro título aos nossos olhos é, antes de tudo, o de ser lógica; ela tem um outro, que é o de ser confirmada pelos fatos, fatos patentes e por assim dizer materiais, que um estudo atento e criterioso pode revelar a qualquer um que se dê ao trabalho de observar com paciência e perseverança, e diante dos quais a dúvida não é mais permitida. Quando esses fatos forem popularizados — como os da formação e do movimento da Terra —, será preciso se render à evidência, e os seus opositores ficarão com os custos da contradição.

Portanto, em resumo, reconheçamos que unicamente a doutrina da pluralidade das existências explica o que, sem ela, é inexplicável; que ela é altamente consoladora e conforme a mais rigorosa justiça, e que constitui para o homem a âncora de salvação que Deus lhe concedeu em sua misericórdia.

As próprias palavras de Jesus não deixam dúvida a tal respeito. Eis o que se lê no Evangelho segundo são João, capítulo 3:

> 3. Jesus, respondendo a Nicodemos, disse: Em verdade, em verdade te digo que se um homem ***não nascer de novo***, ele não poderá ver o reino de Deus.
>
> 4. Nicodemos lhe disse: Como pode um homem nascer se já está velho? Poderia ele voltar ao ventre de sua mãe para nascer uma segunda vez?
>
> 5. Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que se um homem não renascer da água e do Espírito, ele não poderá entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do espírito é espírito. Não se admire por eu lhe haver dito: ***é necessário que vocês nasçam de novo***. (Ver adiante o artigo *Ressurreição da carne*, item nº 1010).

CAPÍTULO VI

VIDA ESPÍRITA

Espíritos errantes – Mundos transitórios – Percepções, sensações e sofrimento dos Espíritos – Ensaio teórico sobre a sensação nos Espíritos – Escolha das provas – Relacionamentos no além-túmulo – Relações simpáticas e antipáticas entre os Espíritos. Metades eternas – Recordação da existência corpórea – Comemorações dos mortos. Funerais

Espíritos errantes

223. A alma reencarna imediatamente após sua separação do corpo?

"Algumas vezes reencarna imediatamente, porém mais frequentemente só depois de intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores a reencarnação é quase sempre imediata; a matéria corporal sendo menos grosseira, o Espírito encarnado ali goza de quase todas as suas faculdades espirituais; o estado normal deles é como aquele dos sonâmbulos lúcidos entre vocês."

224. O que acontece com a alma no intervalo das encarnações?

"Torna-se um Espírito errante que aspira para sua nova destinação, que espera."

224-a. — Qual pode ser a duração desses intervalos?

"Desde algumas horas até alguns milhares de séculos. Aliás, propriamente falando, não há limite extremo estabelecido para o estado errante, que pode se prolongar muitíssimo, e que, entretanto, nunca é perpétuo; cedo ou tarde o Espírito tem que recomeçar uma existência que serva para a purificação das suas existências precedentes."

224-b. — Essa duração depende da vontade do Espírito ou ela pode ser imposta como expiação?

"É uma consequência do livre-arbítrio; os Espíritos sabem perfeitamente o que fazem. Mas também há aqueles para quem essa duração é uma punição infligida por Deus. Outros pedem para que ela seja prolongada, a fim de continuarem os estudos que só podem ser feitos com proveito na condição de Espírito."

225. A erraticidade é, por si só, um sinal de inferioridade dos Espíritos?

"Não, pois há Espíritos errantes de todos os níveis. A encarnação é um estado transitório, já o dissemos: no seu estado normal o Espírito está desgarrado da matéria."

226. Poderemos dizer que todos os Espíritos que não estão encarnados são errantes?

"Com relação aos que devam reencarnar, sim; porém os Espíritos puros que já chegaram à perfeição não são errantes: o estado deles é definitivo."

No tocante às qualidades íntimas, os Espíritos são de diferentes ordens ou graus, que eles percorrem sucessivamente à medida que se purificam. Sobre o estado, eles podem ser: ***encarnados***, isto é, unidos a um corpo; ***errantes***, isto é, livre do corpo material e aguardando uma nova encarnação para se melhorarem; ***Espíritos puros***, isto é, perfeitos, e não precisando mais de encarnação.

227. De que maneira os Espíritos errantes se instruem? Sem dúvidas que não é do mesmo modo que o nosso, correto?

"Eles estudam o seu próprio passado e procuram meios de se elevar. Veem, observam o que se passa nos lugares por onde percorrem; escutam os discursos dos homens esclarecidos e os conselhos dos Espíritos mais elevados que eles, e tudo isso lhes incute ideias que eles antes não tinham."

228. Os Espíritos conservam algumas das paixões humanas?

"Ao perderem seu invólucro, os Espíritos elevados deixam as paixões más e só guardam as do bem; já os Espíritos inferiores, estes as conservam, pois do contrário, eles seriam de primeira ordem."

229. Por que ao deixarem a Terra os Espíritos não deixam nela todas as suas más paixões, uma vez que reconhecem as inconveniências delas?

"Vocês têm nesse mundo pessoas que são excessivamente invejosas. Acreditam que elas perdem esse defeito ao partirem daí? Após saírem da Terra, permanece — sobretudo naquelas que tiveram paixões bem acentuadas — um tipo de atmosfera que as envolve, conservando nessas pessoas todas essas coisas más, pois o Espírito não está inteiramente desprendido; apenas por alguns momentos é que ele entrevê a verdade, como que para lhe mostrar o bom caminho."

230. O Espírito progride no estado errante?

"Ele pode se melhorar bastante, sempre conforme sua vontade e seu desejo, mas é na existência corporal que ele põe em prática as ideias que tenha adquirido."

231. Os Espíritos errantes são felizes ou infelizes?

"Mais ou menos, conforme seus méritos. Os Espíritos sofrem de suas paixões das quais eles tenham conservado a essência, ou são felizes conforme estejam mais ou menos desmaterializados. No estado errático, o Espírito percebe o que lhe falta para ser mais feliz; é desde então que ele procura os meios de alcançar sua felicidade. Porém, nem sempre lhe é permitido reencarnar ao seu agrado, e isso representa uma punição."

232. Na condição de erráticos, os Espíritos podem ir a todos os mundos?

"Isso depende: quando o Espírito deixa o corpo, nem por isso ele fica completamente desprendido da matéria, e continua pertencendo ao mundo onde acabou de viver, ou a outro do mesmo grau, a menos que, durante a sua vida ele tenha se elevado. Aliás, esse é o objetivo para o qual ele deve tender, pois do contrário ele jamais se aperfeiçoaria. No entanto, ele pode ir a alguns mundos superiores, mas desde que lá esteja como estrangeiro; por assim dizer, ele não faz mais do que vislumbrá-los, e isso lhe dá o desejo de melhorar-se para ser digno da felicidade que ali se desfruta, e de poder habitá-los mais tarde."

233. Os Espíritos já purificados vêm aos mundos inferiores?

"Vêm, frequentemente, com a finalidade de lhes auxiliar a progredir, sem o que, esses mundos ficariam entregues a si mesmos sem guias para lhes dirigir."

Mundos transitórios

234. Existem, como já foi dito, mundos que servem aos Espíritos errantes como estações ou pontos de repouso?

"Sim, há mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos nos quais eles podem habitar temporariamente, espécies de acampamentos, de campos para se repousar de uma longa erraticidade, situação essa sempre um tanto penosa. São de posições intermediárias entre os outros mundos, graduadas de acordo com a natureza dos Espíritos que ali podem ter acesso e neles desfrutam de um bem-estar mais ou menos grande."

234-a. — Os Espíritos que habitam esses mundos podem deixá-los livremente?

"Sim, os Espíritos que se encontram nesses mundos podem se desprender deles para ir aonde devam se encaminhar. Imaginem que eles sejam como aves de passagem pousando numa ilha, à espera de renovar as forças para seguirem seu destino."

235. Os Espíritos progridem durante suas estadias nos mundos transitórios?

"Certamente. Os que assim se reúnem o fazem com o propósito de aprender e de poder mais facilmente obter a permissão para ir a lugares melhores, e alcançar a posição que os eleitos já obtêm."

236. Pela sua natureza especial, os mundos transitórios são perpetuamente destinados aos Espíritos errantes?

"Não, a condição deles não passa de temporária."

236-a. — Eles são habitados ao mesmo tempo por seres corpóreos?

"Não, sua superfície é estéril. Aqueles que lá habitam não têm necessidade de nada."

236-b. — Essa esterilidade é permanente e está relacionada com a sua natureza especial?

"Não, eles são estéreis por transição."

236-c. — Então esses mundos são desprovidos de belezas naturais?

"A natureza se traduz pelas belezas da imensidade, que não são menos admiráveis do que aquilo a que vocês chamam belezas naturais."

236-d. — Sendo transitório o estado desses mundos, nossa Terra algum dia será um deles?

"Ela já foi."

236-e. — Em que época?

"Durante a sua formação."

Nada é inútil na natureza; cada coisa tem o seu propósito, sua destinação; em lugar algum há o vazio, tudo é habitado, a vida está em toda parte. Assim, durante a longa série dos séculos que se passaram antes do aparecimento do homem na Terra, durante esses lentos períodos de transição atestados pelas camadas geológicas, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos, naquela massa informe, naquele árido caos onde os elementos estavam misturados, não havia ausência de vida; seres que não tinham nem nossas necessidades nem nossas sensações físicas lá encontravam um refúgio. Deus quis que — mesmo nesse estado imperfeito — ela servisse para alguma coisa. Quem ousaria afirmar que, entre esses milhares de mundos que giram na imensidade, um só, um dos menores, perdido na multidão, tivesse o privilégio exclusivo de ser povoado? Qual então a utilidade dos demais? Deus os teria feito unicamente para enfeitar a nossa vista? Suposição absurda, incompatível com a sabedoria que esplende em todas as suas obras, e inadmissível desde que se pondere sobre a existência de todos aqueles que não podemos apreciar. Ninguém contestará que, nessa ideia de mundos ainda impróprios para a vida material e, portanto, já povoados de seres vivos apropriados a tal meio, há qualquer coisa de grande e sublime, em que talvez se encontre a solução de mais de um problema.

Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos

237. Uma vez no mundo dos Espíritos, a alma ainda tem as percepções que ela tinha de sua vida?

"Sim, e de outras percepções que ela não tinha, porque seu corpo era como um véu que as obscurecia. A inteligência é um atributo do Espírito, mas que se manifesta mais livremente quando não tem entraves."

238. As percepções e os conhecimentos dos Espíritos são indefinidos? Numa palavra, eles sabem todas as coisas?

"Quanto mais se aproximam da perfeição, mais eles sabem; se são Espíritos superiores, sabem muito. Os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes acerca de tudo."

239. Os Espíritos conhecem o princípio das coisas?

"Depende da sua elevação e sua pureza. Os Espíritos inferiores não sabem mais do que os homens."

240. Os Espíritos compreendem o tempo como nós?

"Não, e é isso que faz com que vocês nem sempre nos compreendam quando se trata de fixar datas ou épocas."

Os Espíritos vivem fora do tempo tal como nós o compreendemos. Por assim dizer, a duração para eles anula-se, e os séculos — tão longos para nós — não passam de instantes aos olhos deles, e se perdem na eternidade, do mesmo modo que os relevos do solo se perdem e desaparecem para quem se eleva no espaço.

241. Os Espíritos fazem do presente uma ideia mais precisa e mais justa do que nós?

"Do mesmo modo como aquele que enxerga bem faz uma ideia mais justa das coisas do que o cego. Os Espíritos veem o que vocês não veem; então eles julgam diferente de vocês. Porém, novamente, isso depende da elevação de cada um."

242. Como é que os Espíritos têm conhecimento do passado? Esse

conhecimento é ilimitado para eles?

"Quando nos ocupamos com ele, o passado é um presente, precisamente como tu te recordas uma coisa que te impressionou ao longo do teu exílio. Simplesmente, como nós não temos mais o véu material que obscurece tua inteligência, nós nos lembramos das coisas que desapareceram para ti. Mas, nem tudo é conhecido dos Espíritos: sua própria criação, para começar."

243. Os Espíritos conhecem o futuro?

"Isto também depende da perfeição deles. Às vezes, eles não fazem mais do que vislumbrar o futuro, ***mas nem sempre lhes é permitido revelá-lo***. Quando o veem, parece o presente para eles. O Espírito vê o porvir mais claramente à medida que se aproxima de Deus. Depois da morte, a alma vê e capta num golpe de vista ***suas emigrações passadas***, mas não pode ver o que Deus lhe reserva; para isso, é preciso que a alma esteja toda integrada nele após muitas existências."

243-a. — Os Espíritos que alcançaram a perfeição absoluta têm um conhecimento completo do futuro?

"Completo não é o termo, pois só Deus é soberano Senhor, e ninguém pode se igualar a ele."

244. Os Espíritos enxergam a Deus?

"Somente os Espíritos superiores o veem e o compreendem; os Espíritos inferiores o sentem e o pressentem."

244-a. — Quando um Espírito inferior diz que Deus lhe proíbe ou permite uma coisa, como ele sabe que isso lhe vem de Deus?

"Ele não vê Deus, mas sente a sua soberania, e quando alguma coisa não deva ser feita ou uma palavra não deva ser dita, ele percebe como uma intuição, uma advertência invisível que lhe impede de o fazer. Vocês mesmos não têm pressentimentos que lhes parecem avisos secretos para fazer ou não fazer isto ou aquilo? O mesmo vale para nós, se bem que em um grau superior, pois tu compreendes que a essência espiritual sendo mais sutil do que a de vocês, os Espíritos podem receber melhor as advertências divinas."

244-b. — A ordem lhes é transmitida diretamente por Deus ou por intermédio de outros Espíritos?

"Ela não lhe vem diretamente de Deus. Para se comunicar com ele, é necessário ser digno disso. Deus lhe transmite suas ordens pelos Espíritos que acham mais elevados em perfeição e em instrução."

245. A visão nos Espíritos fica circunscrita, como nos seres corporais?

"Não, ela reside nele."

246. Os Espíritos carecem da luz para enxergar?

"Eles veem por si mesmos e não carecem de luz exterior. Para eles não há trevas, salvo aquelas nas quais eles podem se encontrar por expiação."

247. Os Espíritos têm precisão de se transportar para verem em dois pontos diferentes? Podem eles, por exemplo, ver simultaneamente nos dois hemisférios do globo?

"Como o Espírito se transporta com a rapidez do pensamento, pode-se dizer que ele vê por toda parte de uma vez só; seu pensamento pode se irradiar e se colocar ao mesmo tempo em vários pontos diferentes, mas essa capacidade depende da sua pureza: quanto menos puro, mais sua visão é limitada; só os Espíritos superiores podem enxergar todo um conjunto."

A faculdade da enxergar, entre os Espíritos, é uma propriedade inerente à sua natureza e que reside em todo o seu ser, como a luz reside em todas as partes de um corpo luminoso; é uma espécie de lucidez universal que se estende a tudo, que abrange simultaneamente o espaço, os tempos e as coisas, e para a qual não há nem trevas nem obstáculos materiais. Compreendemos que isso deva ser assim. No homem, a visão se dá pelo funcionamento de um órgão impressionado pela luz, sem a qual o homem fica na escuridão. No Espírito, como a visão constitui um atributo de si mesmo, exceção feita de qualquer agente exterior, a visão é independente da luz (Ver *Ubiquidade*, questão 92).

248. O Espírito vê as coisas tão distintamente como nós?

"Mais distintamente, pois sua visão penetra o que vocês não podem penetrar. Nada a encobre."

249. O Espírito percebe os sons?

"Sim, e percebe aqueles que os vossos sentidos obtusos não conseguem."

249-a. — A capacidade de ouvir está em todo o seu ser, como a de ver?

"Todas as percepções são atributos do Espírito e fazem parte do seu próprio ser; quando ele é revestido de um corpo material, essas percepções só chegam a ele pelo canal dos órgãos. Porém, na condição de liberdade elas não ficam mais localizadas."

250. Como as percepções são atributos do próprio Espírito, seria possível ele se subtrair delas?

"O Espírito só vê e ouve o que ele queira. Isso dito de um modo em geral e sobretudo quanto aos Espíritos elevados, pois para aqueles que são imperfeitos, estes ouvem e veem, às vezes a contragosto, o que lhes possa ser útil ao seu aperfeiçoamento."

251. Os Espíritos são sensíveis à música?

"Refere-se à vossa música? Que é ela comparada à música celeste? A essa harmonia de que nada na Terra pode lhes dar ideia? Uma está para a outra como o canto do selvagem para uma suave melodia. Todavia, Espíritos vulgares podem experimentar certo prazer em ouvir a música de vocês, porque ainda não lhes é concedido compreender uma música mais sublime. Para os Espíritos, a música possui encantos infinitos, em razão de suas qualidades sensitivas muito desenvolvidas; refiro-me à música celeste, que é tudo o que a imaginação espiritual pode conceber de mais belo e mais suave."

252. Os Espíritos são sensíveis às belezas da natureza?

"As belezas da natureza dos globos são tão diferentes que nós estamos longe de conhecê-las. Sim, os Espíritos são sensíveis a essas belezas, segundo suas aptidões para apreciar e compreendê-las. Para os Espíritos elevados, há belezas de conjunto diante das quais, por assim dizer, apagam-se as belezas dos detalhes."

253. Os Espíritos experimentam nossas necessidades e sofrimentos físicos?

"Eles as ***conhecem***, porque sofreram delas, porém eles não

experimentam materialmente, como vocês, pois eles são Espíritos."

254. Os Espíritos sentem fadiga e necessidade de repouso?

"Eles não podem sentir a fadiga tal como vocês a entendem, e por consequência disso, não precisam de vosso repouso corporal, já que eles não possuem órgãos dos quais as forças devam ser reparadas. No entanto, o Espírito repousa no sentido de não permanecer numa atividade constante; ele não age de maneira material; sua ação é toda intelectual e seu repouso é totalmente moral. Isto quer dizer que há momentos em que o seu pensamento deixa de estar tão ativo e não se entrega a um objeto determinado; é um verdadeiro descanso, mas que não é comparável ao do corpo. O tipo de fadiga que os Espíritos podem sentir está na proporção da inferioridade deles, quanto mais eles sejam elevados, tanto menos repouso é necessário."

255. Quando um Espírito diz que sofre, que natureza de sofrimento ele sente?

"Angústias morais, que o torturam mais dolorosamente do que os sofrimentos físicos."

256. De onde surgiu então que alguns Espíritos se queixam de sentir frio ou calor?

"Reminiscência do que tenham padecido durante a vida, às vezes tão penosa quanto a realidade; muitas vezes é uma comparação mediante a qual, na falta de coisa melhor, eles exprimem a sua própria situação. Quando se recordam do seu corpo, eles experimentam uma espécie de impressão como quando se tira um casaco e que ainda se crê vesti-lo por mais algum tempo."

Ensaio teórico sobre a sensação nos Espíritos

257. O corpo é o instrumento da dor; se não é a causa primeira, pelo menos é a causa imediata. A alma tem a percepção dessa dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que a alma conserva da dor pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. Na realidade, nem o frio nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma; a alma não pode congelar nem se queimar.

Não vemos diariamente a lembrança ou a apreensão de um mal físico produzir o efeito da realidade? Até mesmo causar a morte? Todo mundo sabe que as pessoas amputadas sentem a dor no membro que não existe mais. Seguramente que não é aquele membro nem a sede nem o ponto de partida da dor; o cérebro conserva a sua impressão, e isso é tudo. Portanto, podemos crer que ocorra nisso algo de semelhante nos sofrimentos do Espírito após a morte. Um estudo mais aprofundado do perispírito — que desempenha um papel tão importante em todos os fenômenos espíritas, nas aparições vaporosas ou tangíveis, no estado do Espírito no momento da morte, na ideia tão frequente naquele que ainda está vivo, no quadro tão impactante dos suicidas, dos supliciados, das pessoas que foram absorvidas pelos prazeres materiais, e tantos outros fatos — veio lançar luz sobre essa questão, dando lugar a explicações das quais aqui nós oferecemos o resumo.

O perispírito é o laço que une o Espírito à matéria do corpo; ele é tirado do meio ambiente, do fluido universal; contém ao mesmo tempo eletricidade, fluido magnético e, até certo ponto, matéria inerte. Poderíamos dizer que é a quintessência[28] da matéria; é o princípio da vida orgânica, porém não o princípio da vida intelectual: a vida intelectual está no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores. No corpo, essas sensações se localizam nos órgãos que lhes servem como canais. Com o corpo destruído, as sensações são generalizadas. Daí porque o Espírito não diz que sofre mais da cabeça do que dos pés. Aliás, é preciso cuidar para não confundir as sensações do perispírito — que se tornou independente — com as do corpo: só podemos pegar estas últimas como termo de comparação e não como exatidão. Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é aquele do corpo: mas também não é um sofrimento exclusivamente moral, como o remorso — pois ele se queixa do frio e do calor; ele não sofre mais no inverno do que no verão: temos visto Espíritos atravessarem chamas sem experimentarem qualquer dor; conseguintemente a temperatura não lhes causa nenhuma impressão. Então a dor que eles sentem não é uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo de que o próprio Espírito nem sempre tem perfeita

[28] Ver nota relacionada com a questão 82. — N. T.

noção, precisamente porque a dor não está localizada e porque ela não é produzida por agentes exteriores: é mais uma reminiscência do que uma realidade, mas uma reminiscência igualmente penosa. Algumas vezes, entretanto, há mais do que isso, como vamos ver.

A experiência nos ensina que no momento da morte o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo; durante os primeiros instantes o Espírito não entende a sua situação: ele não acredita estar morto e se sente vivo; vê seu corpo ao lado, sabe que este lhe pertence, mas não compreende que esteja separado dele. Essa situação dura enquanto haja uma ligação entre o corpo e o perispírito. Um suicida nos disse: "Não, não estou morto." E acrescentou: "***no entanto, sinto os vermes a me roerem***". Ora, certamente os vermes não roíam o perispírito e menos ainda o Espírito; roíam apenas o corpo. Porém, como a separação do corpo e do perispírito não estava completa, disso se produzia uma espécie de repercussão moral que lhe transmitia a sensação do que estava acontecendo com o corpo. Repercussão talvez não seja bem a palavra, porque pode induzir à suposição de um efeito muito material; era antes a visão do que se passava com o corpo ao qual ainda se ligava o seu perispírito, que lhe causava uma ilusão que ele tomava como uma realidade. Assim, não era uma reminiscência, porque, durante sua vida, ele não havia sido roído pelos vermes: era o sentimento da atualidade. Vemos por aí as deduções que podemos tirar dos fatos, quando eles são observados atentamente. Durante a vida, o corpo recebe impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito, que é provavelmente o que chamamos fluido nervoso. Uma vez morto, o corpo não sente mais nada, por já não haver nele nem Espírito nem perispírito. O perispírito, desprendido do corpo, experimenta a sensação, mas, como ela já não lhe chega por um canal limitado, é uma sensação geral. Ora, como o perispírito não é realmente mais do que um simples agente de transmissão — porque é o Espírito que tem consciência —, daí resulta que se pudesse existir um perispírito sem Espírito, este não sentiria mais do que o corpo que está morto. Do mesmo modo, se o Espírito não tivesse perispírito, ele seria inacessível a qualquer sensação dolorosa. É o que ocorre com os Espíritos completamente depurados. Sabemos que quanto mais eles se purificam, mais a essência do

perispírito se torna etérea, donde se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos denso.

Mas, dirão: as sensações agradáveis são transmitidas ao Espírito pelo perispírito, bem como as sensações desagradáveis; ora, se o Espírito puro é inacessível a algumas delas, deve ser igualmente inacessível às outras sensações. Sim, sem dúvida, com relação às que vêm unicamente da influência da matéria que nós conhecemos. O som dos nossos instrumentos e o perfume das nossas flores não lhe causam nenhuma impressão, e, entretanto, há nele sensações íntimas, de um charme indefinível, de que não podemos formar nenhuma ideia, porque a esse respeito nós somos iguais a cegos de nascença diante da luz. Sabemos que isso existe; mas de que modo? Aí a nossa ciência se detém. Sabemos que há percepção, sensação, audição, visão; que essas faculdades são atributos de todo o ser, e não como no homem, de uma parte do ser; mas, novamente, de que modo? É o que não sabemos. Os próprios Espíritos nada podem nos informar sobre isso, porque a nossa linguagem não é capaz de exprimir ideias que não possuímos, como na língua dos selvagens não há palavras para exprimir as nossas artes, ciências e doutrinas filosóficas.

Dizendo que os Espíritos são inacessíveis às impressões da nossa matéria, queremos nos referir aos Espíritos muito elevados — cujo envoltório etéreo não encontra nada parecido neste mundo. O mesmo não acontece com aqueles cujo perispírito é mais denso; estes percebem os nossos sons e odores, não, porém, apenas por uma parte limitada do seu organismo, enquanto vivo. Podemos dizer que as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o ser e assim chegam ao seu *sensorium commune*[29] — que é o próprio Espírito —, embora de uma maneira diferente e, talvez, também com uma impressão diferente, o que produz uma modificação na percepção. Eles escutam o som da nossa voz, porém nos compreendem sem o auxílio da palavra, somente pela transmissão do pensamento. E o que vem apoiar o que dizemos é que essa penetração é mais fácil quanto mais desmaterializado for o Espírito. Quanto à visão, ela é independente da nossa luz. A capacidade de

[29] *Sensorium commune*: expressão latina, usada em medicina e em anatomia, referente à sede da sensação, da sensibilidade (por exemplo, o nariz é a sede do olfato). — N. T.

ver é um atributo essencial da alma: para ela não existe obscuridade, contudo a visão é mais extensa e mais penetrante naqueles que estão mais depurados. Então, a alma, ou o Espírito, tem em si próprio a faculdade de todas as percepções. Na vida corpórea, estas são obliteradas pela grosseria dos nossos órgãos; na vida extracorpórea elas são cada vez menos obstruídas, na medida em que o invólucro semimaterial se sutiliza.

Extraído do meio ambiente, esse invólucro varia conforme a natureza dos mundos. Ao passar de um mundo para outro, os Espíritos mudam de envoltório como nós mudamos de roupa quando passamos do inverno para o verão, ou do polo ao Equador. Os Espíritos mais elevados, quando vêm nos visitar, revestem-se então com o perispírito terrestre e a partir daí suas percepções se operam como nos Espíritos comuns; todos, porém — tanto os inferiores como os superiores — só escutam e só sentem o que queiram ouvir ou sentir. Não tendo os órgãos sensitivos, eles podem tornar suas percepções ativas ou nulas segundo a vontade deles; só há uma só coisa que eles são forçados a escutar: os conselhos dos Espíritos bons. A visão é sempre ativa, mas eles podem reciprocamente se tornar invisíveis uns aos outros. Conforme a categoria que ocupem, eles podem se ocultar dos que são inferiores a eles, mas não dos que lhes são superiores. Nos primeiros instantes após a morte, a visão do Espírito é sempre turbada e confusa, mas se aclara à medida que ele se desprende, e pode adquirir a mesma nitidez que tinha durante a vida, independentemente da sua penetração através dos corpos que são opacos para nós. Com relação à sua extensão através do espaço indefinito, no futuro e no passado, depende do grau de pureza e de elevação do Espírito.

Toda esta teoria — dirão — não é nada tranquilizadora. Pensávamos que, uma vez desembaraçados do nosso grosseiro envoltório, instrumento de nossas dores, nós não sofreríamos mais, e eis que vocês nos ensinam que ainda sofreremos; que seja de uma maneira ou de outra, esse sofrimento não será menor. Ah, sim, nós podemos sofrer ainda — e muito, e por um longo tempo —, mas nós também podemos deixar de sofrer, até mesmo desde o instante em que deixamos essa vida corporal.

Os sofrimentos deste mundo algumas vezes são independentes de nós, mas muitas vezes são as consequências da nossa vontade. Cada um se volte

para a origem deles e verá que a maior parte deles resulta de causas que nós poderíamos evitar. Quantos males, quantas enfermidades o homem não deve aos seus excessos, à sua ambição, numa palavra, às suas paixões? O indivíduo que sempre vivesse com moderação, que não abusasse de nada, que fosse sempre simples nos gostos e modesto nos desejos, este se pouparia de muitas tribulações. O mesmo se dá com o Espírito: os sofrimentos pelos quais ele passa são sempre o resultado da maneira como viveu na Terra; é certo que já não terá mais nem gota nem reumatismo, mas terá outros sofrimentos que não são menores. Temos visto que seu sofrer resulta de ainda existirem os liames entre ele e a matéria; que quanto mais livre estiver da influência desta, noutras palavras, quanto mais for desmaterializado, menos sensações penosas ele terá. Ora, depende dele emancipar-se dessa influência já desde essa vida; ele tem seu livre-arbítrio e consequentemente tem como escolher entre o fazer ou não. Que ele domine suas paixões animais, que não alimente nem ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; que não deixe ser dominado pelo egoísmo; que purifique sua alma para os bons sentimentos; que pratique a bondade; que não dê importância às coisas deste mundo além do que elas merecem; e então, mesmo sob seu invólucro corporal, ele já estará depurado, já estará desgarrado da matéria e, quando deixar esse corpo, não mais sofrerá sua influência. Os sofrimentos físicos que tenha sofrido não deixarão nele nenhuma recordação penosa; não restará nenhuma impressão desagradável, porque essas sensações só afetam o corpo e não a alma. Irá sentir-se feliz por estar livre deles e a paz da sua consciência o isentará de todo sofrimento moral. Nós temos interrogado sobre isso milhares de Espíritos que pertenceram na Terra a todas as faixas da sociedade e ocuparam todas as posições sociais; nós os estudamos em todos os períodos da sua vida espírita, a partir do instante em que eles abandonaram o corpo; acompanhamos passo a passo na vida de além-túmulo para observar as mudanças que se operavam neles, nas suas ideias, nas suas sensações e, sob esse aspecto, não foram os homens mais comuns aqueles que nos forneceram os elementos de estudos menos preciosos. Ora, sempre notamos que os sofrimentos estão relacionados com a conduta das quais eles sofrem as consequências, e que essa nova existência é a fonte de uma inefável felicidade para os que seguiram o bom

caminho. Daí segue que aqueles que sofrem, é porque assim o quiseram, e que eles não devem se queixar senão a si mesmos — tanto no outro mundo, como neste.

Escolha das provas

258. No estado errante e antes de começar uma nova existência corporal, o Espírito tem a consciência e a previsão das coisas que lhe sucederão durante a vida?

"Ele próprio escolhe o gênero de provas a que queira se submeter, e é nisso que consiste o seu livre-arbítrio."

258-a. — Então não é Deus quem lhe impõe as tribulações da vida como castigo?

"Nada ocorre sem a permissão de Deus, pois é ele quem estabelece todas as leis que regem o Universo. Agora, vão perguntar por que ele decretou esta lei e não aquela. Ao dar ao Espírito a liberdade de escolha, Deus lhe deixa toda a responsabilidade dos seus atos e de suas consequências; nada atrapalha o seu futuro; existe para ele o caminho do bem, assim como o do mal. Se ele sucumbir, restará uma consolação, que é a de que nem tudo acabou para ele, e que Deus, na sua bondade, lhe deixa livre para recomeçar o que ele tenha feito de mal. Além disso, devemos distinguir o que é obra da vontade de Deus e o que é da vontade do homem. Se um perigo lhes ameaça, não foram vocês quem criou esse perigo; foi Deus. Mas vocês têm o desejo de se exporem a esse perigo, por terem visto nele um meio de progredirem, e Deus o permitiu."

259. Se o Espírito pode escolher o gênero de provas a que deva se submeter, será que todas as tribulações que experimentamos na vida foram previstas e escolhidas por nós?

"Todas não é o termo, porque não é o caso de se dizer que vocês escolheram e previram tudo o que lhes sucede no mundo, até às mínimas coisas; vocês escolheram apenas o gênero das provações, e os detalhes são a

consequência da posição, e frequentemente a consequência de vossas próprias ações. Por exemplo, se o Espírito quis nascer entre malfeitores, ele sabia a quais arrastamentos ficaria exposto, mas não cada um dos atos que ele praticaria; esses atos são o efeito da sua vontade, ou do seu livre-arbítrio. O Espírito sabe que escolhendo tal caminho ele terá tal gênero de desafio a enfrentar; portanto, sabe de que natureza serão as vicissitudes que encontrará, mas ele desconhece se será esse ou aquele outro evento. Os acontecimentos secundários nascem das circunstâncias e da força das coisas. Somente são previstos os eventos principais, aqueles que influenciam no seu destino. Se tu tomas uma rota repleta de percalços, tu sabes que precisarás ter grandes precauções, por haver chance de cair, mas tu ignoras em que ponto cairás, e bem pode acontecer que tu nem caias, se fores prudente o bastante. Se, ao passar numa rua, uma telha cair na tua cabeça, não creia que isso estava escrito, como vulgarmente se diz."

260. Como pode o Espírito desejar nascer entre gente de má vida?

"É necessário que ele seja enviado a um meio onde possa passar pela prova que pediu. Pois bem, deve haver aí então uma analogia; para lutar contra o instinto da criminalidade, é preciso que se encontre em contato com gente desse tipo."

260-a. — Se não existisse gente de má vida na Terra, então o Espírito não encontraria nela o meio necessário para certas provas?

"E isso seria de se lastimar? É o que acontece nos mundos superiores, onde o mal não tem acesso; é por isso que nesses mundos só há Espíritos bons. Façam com que em breve o mesmo se dê na Terra."

261. Nas provações pelas quais o Espírito deve passar para chegar à perfeição, ele precisa sofrer todos os tipos de tentações? Ele deve passar por todas as circunstâncias que possam excitar nele o orgulho, a inveja, a avareza, a sensualidade etc.?

"Absolutamente não, pois vocês bem sabem que há Espíritos que desde o começo tomam um caminho que os livra de muitas provas. Mas aquele que se deixa arrastar para o mau caminho corre todos os perigos dessa rota. Por

exemplo, um Espírito pode pedir a riqueza, e ela pode lhe ser concedida; então, conforme o seu caráter, ele poderá tornar-se avarento ou esbanjador, egoísta ou generoso, ou ainda se lançar a todos os gozos da sensualidade; mas não é de se dizer que ele obrigatoriamente deverá passar pela fileira de todas estas predisposições."

262. Como o Espírito que em sua origem é simples, ignorante e sem experiência, pode escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha?

"Deus supre a inexperiência deste Espírito, traçando o caminho que ele deva seguir, como se faz com uma criancinha desde o berço. Porém, pouco a pouco ele o deixa livre para escolher na medida em que o seu livre-arbítrio se desenvolve, e só então é que frequentemente ele se transvia ao tomar o mau caminho, se não ouvir os conselhos dos bons Espíritos. A isso é que se pode chamar a queda do homem."

262-a. — Quando o Espírito desfruta do seu livre-arbítrio, a escolha da existência corporal dependerá sempre exclusivamente de sua vontade, ou essa existência bem pode lhe ser imposta pela vontade de Deus, como expiação?

"Deus sabe esperar, não apressa a expiação. Todavia, Deus pode impor uma existência a um Espírito, quando este — pela sua inferioridade ou má vontade — não está apto a compreender o que poderia lhe ser mais proveitoso, e quando vê que tal existência pode servir para a purificação e o avanço do Espírito, ao mesmo tempo em que ele encontre nela uma expiação."

263. O Espírito faz a sua escolha imediatamente após a morte?

"Não, muitos acreditam na eternidade das penas; nós já lhes dissemos: isso é uma punição."

264. O que orienta o Espírito na escolha das provações que ele queira sofrer?

"Ele escolhe aquelas que podem ser para ele uma expiação, pela natureza das suas faltas, e o faz avançar mais depressa. Uns podem, portanto, impor a si mesmos uma vida de misérias e privações para tentar suportá-las

com coragem; outros preferem experimentar as tentações da fortuna e da autoridade, muito mais perigosas, pelos abusos e má aplicação a que se pode fazer delas, e pelas más paixões que essas tentações desenvolvem; outros, enfim, querem ser testados pelas lutas que terão de sustentar em contato com o vício."

265. Se determinados Espíritos escolhem o contato com o vício como provação, haveria outros que o escolham por simpatia e pelo desejo de viverem num meio conforme aos seus gostos, ou para se entregarem materialmente às inclinações materiais?

"Há sim, isso é certo, mas somente entre aqueles cujo senso moral ainda está pouco desenvolvido. ***A provação vem por si mesma e eles a sofrem por mais tempo***. Cedo ou tarde eles compreendem que a satisfação das paixões brutais lhes impõe consequências deploráveis, que eles sofrerão durante um tempo que lhes parecerá eterno, e Deus os deixará nessa situação, até que tenham consciência de seu erro e que eles próprios peçam para resgatá-lo mediante provas úteis."

266. Não parece natural que se escolha as provas menos penosas?

"Para vocês, sim; para o Espírito, não. Quando ele se desliga da matéria, a ilusão acaba e ele pensa de outra forma."

O homem na Terra, e colocado sob a influência das ideias carnais, nada vê nessas provas exceto o lado penoso. Tal a razão de lhe parecer natural escolher aquelas que, do seu ponto de vista, podem aliar-se aos seus gozos materiais. Contudo, na vida espiritual, ele compara esses gozos passageiros e grosseiros com a inalterável felicidade que ele vislumbra, e desde então, que lhe importam alguns sofrimentos passageiros? Assim, pois, o Espírito pode escolher a prova mais rude e, conseguintemente, a mais angustiada existência, na esperança de chegar mais depressa a uma situação melhor, como o doente escolhe frequentemente o remédio mais desagradável para se curar mais rapidamente. Aquele que tenta ligar seu nome à descoberta de um país desconhecido não procura uma trilha florida, pois sabe dos perigos que corre, mas também conhece a glória que o espera, se for bem-sucedido.

A doutrina da liberdade na escolha das nossas existências e das provas que

devamos sofrer deixa de parecer extraordinária se considerarmos que os Espíritos, desprendidos da matéria, apreciam as coisas de um modo diverso da maneira que fazemos. Eles definem a meta, que é muito mais importante para eles dos que os gozos fugitivos do mundo. Após cada existência ele veem o passo que deram e compreendem o que ainda lhes falta em pureza para atingirem aquela meta: eis por que se submeterem voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corpórea, solicitando pessoalmente aquelas que possam lhes fazer chegar mais rapidamente. Portanto, não há motivo para se espantar em ver o Espírito não dar preferência à existência mais suave. Tal vida isenta de amarguras, ele não pode usufruir no seu estado de imperfeição; ele a vislumbra, e é para alcançá-la que ele procura se melhorar.

Aliás, nós não vemos todos os dias exemplos de tais escolhas? O homem que trabalha uma parte de sua vida, sem trégua nem descanso, para ajuntar o que lhe assegura o bem-estar, faz o que com isso, senão cumprir uma tarefa que impôs a si mesmo em vista de um melhor futuro? O militar que se oferece para uma perigosa missão, o aventureiro que afronta perigos não menores, no interesse da ciência ou da sua fortuna, o que fazem também estes, senão se sujeitarem a provas voluntárias que devem lhes proporcionar honras e benefícios, se foram bem-sucedidos? Ao que o homem não se submete ou se expõe pelo seu interesse ou pela sua glória? Todos os concursos não são também provas voluntárias às quais os concorrentes se subordinam em vista de se elevar na carreira que escolheram? Ninguém chega a qualquer posição social transcendente nas ciências, nas artes ou na indústria senão passando pela fileira das posições inferiores, que são outras tantas provas. A vida humana é então a cópia da vida espiritual; nela nós nos deparamos em menor escala todas as mesmas peripécias. Ora, se na vida terrena muitas vezes escolhemos provas das mais rudes, visando um objetivo mais elevado, por que o Espírito — que enxerga mais longe que o corpo, e para quem a vida corporal não é mais do que um incidente passageiro — não faria a escolha de uma existência sofrível e laboriosa, já que ela deve conduzi-lo a uma felicidade eterna? Aqueles que dizem que, se o homem tem como escolher sua existência, eles pedirão para serem príncipes ou milionários, estes são como os míopes que apenas veem aquilo em que tocam, ou como crianças gulosas a quem perguntamos o que elas querem ser e então respondem que querem ser pasteleiros ou confeiteiros.

Tal é o viageiro que, nas profundezas do vale escurecido pelo nevoeiro, não vê nem a extensão nem os pontos extremos da sua rota; chegando ao cume da

montanha, ele toma vista do caminho que já percorreu e o quanto lhe resta a percorrer; vê o ponto final de sua jornada, vê os obstáculos que ainda terá de transpor e pode então traçar os meios mais seguros de chegar ao seu objetivo. O Espírito encarnado é como este viajante na ladeira da montanha; desprendido dos laços terrenos, ele se comporta como aquele que já está no topo. Para o viajante, o objetivo é o repouso após o cansaço; para o Espírito, é a felicidade suprema após as tribulações e as provações.

Todos os Espíritos dizem que na erraticidade eles pesquisam, estudam e observam, a fim de fazerem suas escolhas. Não dispomos de um exemplo disso na vida corporal? Nós muitas vezes não levamos anos procurando a carreira pela qual nos decidimos livremente, pois acreditamos que esta seja a mais apropriada para facilitar o nosso caminho? Quando fracassamos numa carreira, procuramos outra. Cada carreira que abraçamos representa uma fase, um período da vida. Não empregamos a cada dia em procurar o que faremos no dia seguinte? Ora, o que significam as diversas existências corporais para o Espírito, senão fases, períodos e dias da sua vida espírita? Pois esta vida espírita, como nós sabemos, que é a sua vida normal, visto que sua vida corpórea é transitória e passageira.

267. O Espírito pode fazer suas escolhas durante sua vida corpórea?

"Seu desejo pode ter influência, dependendo da intenção. Contudo, enquanto Espírito ele frequentemente vê as coisas de modo bem diferente. É o Espírito quem faz essa escolha, mas ainda assim ele pode fazê-la nesta vida material, pois o Espírito sempre tem desses momentos em que ele fica independente da matéria que ele habita."

267-a. — Muita gente deseja grandezas e riquezas, e isso seguramente não como expiação nem como prova, não é?

"Sem dúvida. É a matéria que deseja essa grandeza para gozar dela, e é o Espírito que a deseja para conhecer suas vicissitudes."

268. Até que chegue ao estado de perfeita pureza, o Espírito tem que passar constantemente por provas?

"Sim, mas elas não são como vocês as entendem, pois só consideram provas as tribulações materiais. Ora, o Espírito tendo chegado a um certo

grau, embora não seja ainda perfeito, já não tem que sofrer provas, mas continua com os deveres que o ajudam no seu aperfeiçoamento — o que não é nada penoso para ele, a não ser os de auxiliar os outros a se aperfeiçoarem.”

269. O Espírito pode se enganar quanto à eficácia da prova que escolheu?

“Ele pode escolher uma que esteja acima de suas forças, e então ele fracassa. Pode também escolher alguma que não lhe beneficie em nada, tal como acontece quando ele procura um tipo de vida ociosa e inútil. Mas, então, uma vez de volta ao mundo dos Espíritos, ele se apercebe que não ganhou nada e pede outra para recuperar o tempo perdido.”

270. A que se devem atribuir as vocações de certas pessoas e a vontade de seguir uma determinada carreira em vez de outra?

“Parece-me que vocês mesmos podem responder a essa pergunta. Isso não é a consequência de tudo o que temos dito sobre a escolha das provas e sobre o progresso realizado numa existência anterior?”

271. No estado errante, o Espírito estudando as diversas condições nas quais poderá progredir, como ele pensa conseguir isso, por exemplo, nascendo entre canibais?

“Não são os Espíritos adiantados aqueles que nascem entre os canibais, mas os Espíritos da mesma natureza dos canibais, ou os que são inferiores a estes.”

Nós sabemos que os antropófagos[30] do nosso mundo não estão no último degrau da escala e que há mundos onde a brutalidade e a ferocidade não têm analogia com a Terra. Portanto, esses Espíritos são ainda mais inferiores aos mais inferiores do nosso mundo, e nascer entre os nossos selvagens representa para eles um progresso, como seria um progresso para os antropófagos do nosso mundo exercerem entre nós uma profissão que lhes obrigasse a derramar sangue. Se não visam mais alto, é porque sua inferioridade moral não lhes permite compreender um progresso mais completo. O Espírito não pode avançar senão gradativamente;

[30] Antropófago: canibal, aquele (diz-se especialmente do ser humano) que se alimenta de carne humana. — N. T.

ele não pode transpor de um salto a distância que separa a barbárie da civilização, e nós vemos nisso uma das necessidades da reencarnação, que verdadeiramente corresponde à justiça de Deus. De outro modo, que seria desses milhões de seres que morrem todos os dias no último estágio de degradação, se eles não tivessem os meios de alcançar a superioridade? Por que Deus os privaria dos favores concedidos aos outros homens?

272. Será que os Espíritos vindos de um mundo inferior à Terra, ou de um povo muito atrasado — como os canibais, por exemplo — poderiam nascer entre povos civilizados?

"Sim, e há alguns deles que se desviam, por quererem subir alto demais; mas então eles ficam deslocados entre vós, porque eles têm costumes e instintos que se chocam com os vossos."

Tais seres nos oferecem o triste espetáculo da ferocidade no seio da civilização. Em retornando entre os canibais, isso não será uma degradação, mas apenas retornam ao seu próprio lugar e talvez até ganhem com isso.

273. Um homem pertencente a uma raça civilizada poderia, por expiação, estar reencarnado numa raça selvagem?

"Poderia sim, mas isso depende do gênero da expiação. Um senhor que tenha sido duro para seus escravos poderá, por sua vez, tornar-se escravo e sofrer os maus tratos que ele tenha infligido. Aquele que em certa época exerceu o comando pode, numa nova existência, ter que obedecer àqueles mesmos que curvaram sob a sua vontade. Isso será uma expiação, que Deus pode lhe impor, se aquele senhor tiver abusado do seu poder. Um bom Espírito também pode escolher uma existência influente entre essas raças, para fazê-las progredir, e isso então seria uma missão."

Relacionamentos no além-túmulo

274. As diferentes classes de Espíritos estabelecem entre eles alguma hierarquia de poderes? Há entre eles subordinação e autoridade?

"Sim, e bem grande. Os Espíritos têm autoridade uns sobre os outros relativa à sua superioridade, autoridade essa que eles exercem por uma preponderância moral irresistível."

274-a. — Os Espíritos inferiores podem se subtrair da autoridade daqueles que são seus superiores?

"Eu disse: irresistível."

275. O poder e a consideração de que um homem gozou na Terra lhe dão uma supremacia no mundo dos Espíritos?

"Não, porque lá os pequenos serão elevados e os grandes rebaixados. Leia os salmos."[31]

275-a. — Como devemos entender essa elevação e esse rebaixamento?

"Não sabem que os Espíritos são de diferentes ordens, conforme seus méritos? Pois bem! O maior da Terra pode pertencer à derradeira categoria entre os Espíritos, enquanto o seu servo pode estar na primeira. Compreendem isto? Jesus disse: 'aquele que se humilha será elevado e aquele que se eleva será humilhado', não disse?" [32]

276. Aquele que foi grande na Terra e que se encontra inferior entre os Espíritos, por conta disso, experimenta humilhação?

"Às vezes uma humilhação bem grande, sobretudo se era orgulhoso e invejoso."

277. O soldado que reencontra seu general depois da batalha, no mundo dos Espíritos, ainda o reconhece como seu superior?

"O título não vale nada; a verdadeira superioridade é tudo."

---

[31] Esta é uma das célebres máximas de Jesus, narrada em Lucas, 14:11; 18:9-14 e em Mateus, 23:12, em sintonia com outras tantas passagens do Antigo Testamento, por exemplo: Isaias, 2:12; Provérbios, 3:34; Ezequiel, 21:26. No livro dos Salmos, encontramos já no primeiro cântico, no último versículo, a seguinte síntese: "Pois o Senhor aprova o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios leva à destruição!"; no Salmo 18:27 também diz: "Salvas os que são humildes, mas humilhas os de olhos altivos." — N. T.

[32] Ver nota de rodapé relacionada com a questão anterior (276). — N. T.

278. Os Espíritos das diferentes categorias se misturam?

"Sim e não, quer dizer: eles se veem, mas se distinguem uns dos outros. Evitam-se ou se aproximam segundo a semelhança ou a antipatia de seus sentimentos, tal ocorre entre vocês. ***É todo um mundo do qual o vosso mundo é um obscuro reflexo***. Os Espíritos da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias, unidos pela simpatia e pelo objetivo a que se propõem: os bons, pelo desejo de fazer o bem; os maus, pelo desejo de fazer o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de ficar entre os seres semelhantes a eles."

Assim como numa grande cidade onde os homens de todas as faixas e de todas as condições se veem e se encontram, sem se confundirem; onde as sociedades se formam pela analogia dos gostos; onde o vício e a virtude se convivem, mas sem se falarem.

279. Todos os Espíritos têm reciprocamente acesso, uns entre os outros?

"Os Espíritos bons vão a toda parte e é preciso que seja assim para que eles possam exercer sua influência sobre os maus. Porém, as regiões habitadas pelos bons ficam interditadas aos Espíritos imperfeitos, a fim de que estes não possam trazer até ali a perturbação das más paixões."

280. Qual é o tipo de relacionamentos entre os bons e os maus Espíritos?

"Os bons se ocupam em combater as más inclinações dos outros, ***a fim de ajudá-los a subir*** — o que é uma missão."

281. Por que os Espíritos inferiores se comprazem em nos induzir ao mal?

"Por inveja de não terem merecido estar entre os bons. O desejo deles é o de impedir, tanto quanto possam, os Espíritos ainda inexperientes de chegarem ao bem supremo; eles querem que os outros experimentem o que eles próprios experimentam. Isto não acontece também entre vocês?"

282. Como os Espíritos se comunicam entre si?

"Eles se veem e se compreendem. A palavra é material: é o reflexo do espírito. O fluido universal estabelece entre eles uma comunicação constante;

é o veículo da transmissão do pensamento, como para vocês o ar é o transmissor do som; é um tipo de telégrafo universal que liga todos os mundos e permite aos Espíritos se corresponderem de um mundo a outro."

283. Os Espíritos podem dissimular entre si seus pensamentos? Podem se esconder uns dos outros?

"Não; para os Espíritos tudo está à mostra, sobretudo quando eles são perfeitos. Eles podem se afastar, mas sempre se veem. Isto, porém, não constitui uma regra absoluta, porque certos Espíritos podem muito bem se tornar invisíveis para outros Espíritos, se julgarem útil fazê-lo."

284. Como os Espíritos, não tendo mais corpo, podem comprovar sua individualidade e se diferenciar dos outros seres espirituais que os rodeiam?

"Eles comprovam sua individualidade pelo perispírito, que os torna seres distintos uns dos outros, como o corpo humano diferencia os homens."

285. Os Espíritos se reconhecem por terem coabitado a Terra? O filho reconhece o pai e o amigo reconhece o seu amigo?

"Certamente, e assim, de geração em geração."

285-a. — Como é que os homens que se conheceram na Terra se reconhecem no mundo dos Espíritos?

"Vemos a nossa vida passada e a lemos como num livro; vendo o passado dos nossos amigos e dos nossos inimigos, nós vemos sua passagem da vida à morte."

286. Deixando seus despojos mortais, a alma vê imediatamente seus parentes amigos que a precederam no mundo dos Espíritos?

"Imediatamente nem sempre é a palavra, pois como já dissemos, é necessário algum tempo para a alma se reconhecer e sacudir o véu material."

287. Como a alma é acolhida no seu regresso ao mundo dos Espíritos?

"A alma do justo é recebida como irmão bem-amado, aguardado desde muito tempo; a do mau, como um ser desprezível."

288. Que sentimento os Espíritos impuros experimentam à vista de outro Espírito mau que chega até eles?

"Os maus ficam satisfeitos de verem os seres que se assemelham a eles e que, como eles próprios, estão privados da infinita felicidade, tal qual na Terra um canalha entre seus colegas."

289. Nossos parentes e amigos alguma vez vêm ao nosso encontro quando deixamos a Terra?

"Perfeitamente, eles vêm ao encontro da alma que estimam e a felicitam como se fosse o retorno de uma viagem, por ela ter escapado dos perigos da estrada, ***e a ajudam a se desprender dos laços corporais***. É um favor para os bons Espíritos quando aqueles que lhes amam vêm ao seu encontro, enquanto aquele que está manchado permanece em isolamento, ou só está rodeado de Espíritos semelhantes a ele — o que é uma punição."

290. Os parentes e amigos estão sempre reunidos depois da morte?

"Isso depende da elevação deles e do caminho que eles seguem para seu adiantamento. Se um deles está mais adiantado e marcha mais depressa do que outro, eles não podem permanecer juntos; podem se ver algumas vezes, mas não estarão sempre reunidos até que possam caminhar lado a lado, ou quando tiverem se igualado na perfeição. Além disso, a privação de ver os parentes e amigos às vezes é uma punição."

Relações simpáticas e antipáticas entre os Espíritos. Metades eternas

291. Além da simpatia geral, da afinidade, os Espíritos têm entre eles afeições particulares?

"Sim, assim como os homens, porém o laço que une os Espíritos é mais forte quando o corpo está ausente, porque ele não fica mais exposto às vicissitudes das paixões."

292. Os Espíritos sentem aversão entre si?

"Não há aversão exceto entre os Espíritos impuros, e são esses os que

incitam entre vocês as inimizades e as desavenças.”

293. Dois seres que foram inimigos na Terra conservarão ressentimento um contra o outro no mundo dos Espíritos?

“Não; eles compreenderão que seu ódio era estúpido e o motivo era infantil. Apenas os Espíritos imperfeitos conservam uma espécie de animosidade, até que eles sejam purificados. Se foi unicamente um interesse material o que os dividiu, eles não pensarão mais nisso, por menos desmaterializados que estejam. Se não existe mais antipatia entre eles, nem o motivo da desavença, então eles podem se rever com prazer.”

É como dois colegas de escola que chegam à idade da razão reconhecem a infantilidade das querelas que tinham na infância e deixam de se malquerer.

294. A lembrança das más ações que dois homens cometeram um contra o outro constitui um obstáculo à simpatia entre eles?

“Sim, essa lembrança os leva a se distanciarem.”

295. Depois da morte, que sentimento inspira aqueles contra quem nós fizemos mal neste mundo?

“Se forem bons, eles perdoam conforme o vosso arrependimento. Se forem maus, eles podem alimentar ressentimento e algumas vezes lhes perseguir até numa outra existência. Deus pode permiti-lo como castigo.”

296. As afeições individuais dos Espíritos são suscetíveis de alteração?

“Não, porque eles não podem se enganar; ***eles não têm mais a máscara sob a qual se escondem os hipócritas***, e é por isso que suas afeições são inalteráveis, quando eles são puros. O amor que os enlaça é para eles a fonte de uma suprema felicidade.”

297. A afeição mútua que dois seres conservaram na Terra permanece no mundo dos Espíritos?

“Claro, sem dúvida, desde que ela seja fundada numa verdadeira simpatia. Entretanto, se aí as causas físicas têm mais lugar do que a simpatia,

essa afeição desaparece com a causa. As afeições entre os Espíritos são mais sólidas e duráveis do que na Terra porque não se acham subordinadas aos caprichos dos interesses materiais e do orgulho.”

298. As almas que devam se unir estão predestinadas a essa união desde a sua origem? E cada um de nós tem, em algum lugar do Universo, ***sua metade*** à qual fatalmente estará unida algum dia?

“Não; não existe união particular e fatal entre duas almas. A união que há é aquela de todos os Espíritos, mas em graus diversos segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido: quanto mais eles sejam perfeitos, mais eles estão unidos. Da discórdia nascem todos os males dos humanos; da concórdia resulta a completa felicidade.”

299. Em que sentido devemos entender a palavra ***metade*** [33] que alguns Espíritos utilizam para designar os Espíritos simpáticos?

“A expressão é inexata, pois se um Espírito fosse a metade de outro, separado de si mesmo, ele estaria incompleto.”

300. Dois Espíritos perfeitamente simpáticos, uma vez reunidos, ficarão assim para todo o sempre, ou podem se separar e se unir a outros Espíritos?

“Todos os Espíritos estão unidos entre si; falo dos que já chegaram à perfeição. Nas esferas inferiores, quando um Espírito se eleva, ele já não tem a mesma simpatia por aqueles que deixou.”

301. Dois Espíritos simpáticos são complemento um do outro, ou essa simpatia existente entre eles é resultado de identidade perfeita?

“A simpatia que atrai um Espírito para outro é o resultado da perfeita concordância de seus desejos e seus instintos; se um tivesse que completar o outro, então perderia a sua individualidade.”

302. A identidade necessária para a simpatia perfeita só consiste na similaridade dos pensamentos e sentimentos, ou também na uniformidade

[33] No imaginário popular, também referida como “cara-metade”, “alma gêmea”. — N. T.

dos conhecimentos adquiridos?

"Na igualdade dos graus de elevação."

303. Espíritos que hoje não são simpáticos podem se tornar assim mais tarde?

"Todos se tornarão simpáticos. Até mesmo o Espírito que hoje está numa esfera inferior, em se aperfeiçoando, subirá à esfera onde resida o outro. O encontro dos dois ocorrerá mais rapidamente se o Espírito mais elevado — suportando mal as provas às quais se submeter — demorar-se no mesmo estado."

303-a. — Dois Espíritos podem deixar de serem simpáticos?

"Com certeza, se um deles for preguiçoso."

A teoria das metades eternas é uma simbologia que representa a união de dois Espíritos simpáticos; trata-se de uma expressão usada até na linguagem comum e que não deve ser tomada ao pé da letra. Os Espíritos que a empregaram seguramente não pertencem a uma ordem mais elevada; a esfera de suas ideias é necessariamente limitada e então eles exprimiram seus pensamentos com os termos dos quais utilizavam na vida corporal. É preciso, pois, rejeitar essa ideia de que dois Espíritos criados um para o outro fatalmente devam um dia se reunir na eternidade, depois de estarem separadas durante um tempo mais ou menos longo.

Recordação da existência corpórea

304. O Espírito se recorda da sua existência corporal?

"Sim, isto é, tendo vivido muitas vezes como humano, ele se recorda do que foi e eu te asseguro que frequentemente ele ri com pena de si mesmo."

Tal como o indivíduo que, chegando à maturidade, ri das tolices de sua mocidade ou das bobagens de sua infância.

305. A lembrança da existência corporal se apresenta ao Espírito de uma maneira completa e imediata após a morte?

"Não; ela retorna pouco a pouco, como qualquer coisa que se destaca do nevoeiro e à medida que o Espírito fixa sua atenção nessa lembrança."

306. O Espírito se lembra detalhadamente de todos os acontecimentos de sua vida, abrangendo todo o conjunto dos fatos num golpe de vista retrospectivo?

"Ele se lembra das coisas de acordo com as consequências que elas têm sobre o seu estado de Espírito, mas tu bem compreendes que existem circunstâncias da vida às quais ele não dá importância e nem sequer procura se recordar."

306-a. — Ele poderia se lembrar delas, se o quisesse?

"Pode se lembrar minuciosamente dos detalhes e dos incidentes — seja dos fatos, seja até dos seus pensamentos. Contudo, quando não tem utilidade, ele não o faz."

306-b. — O Espírito entrevê o objetivo da vida terrestre com relação à vida futura?

"Seguramente ele o vê e compreende muito melhor do que quando vivo no seu corpo; compreende a necessidade da purificação para chegar ao infinito e percebe que em cada existência ele larga algumas impurezas."

307. Como a vida passada é retratada na memória do Espírito? Será por um esforço de sua própria imaginação, ou como um quadro que se apresenta diante dos seus olhos?

"Das duas formas; todos os atos de que ele tenha interesse em se lembrar são para ele como se fossem no presente; os outros ficam mais ou menos vagos no seu pensamento, ou ficaram totalmente esquecidos. Quanto mais desmaterializado, menos ele dá importância às coisas materiais. Com frequência, você faz a evocação de um Espírito errante que acabou de deixar a Terra e que não se lembra dos nomes das pessoas que amava, nem dos detalhes que, para ti, parecem importantes; ele pouco se importa com esses detalhes e isso cai no esquecimento. Ele só se recorda perfeitamente bem dos fatos principais que o ajudam a se melhorar."

308. O Espírito tem recordação de todas as existências que precederam a

última que ele acabou de ter?

"Todo o seu passado se desdobra diante dele como os trechos percorridos pelo viageiro. Mas, como já dissemos, ele não se recorda de todos os seus atos de uma maneira absoluta; lembra-se destes em razão da influência que tiveram para a sua situação atual. Quanto às primeiras existências — aquelas que podemos considerar como a infância do Espírito — essas se perdem no vazio e desaparecem na noite do esquecimento."

309. Como o Espírito considera o corpo que acabara de largar?

"Como uma roupa desagradável ***que o embaraçava***, e fica feliz por estar livrar dela."

309-a. — Que sentimento lhe causa a imagem do seu corpo em decomposição?

"Quase sempre o da indiferença, como por uma coisa com a qual ele não se importa mais."

310. Ao fim de algum tempo, o Espírito reconhecerá os ossos ou outros objetos que lhe tenham pertencido?

"Algumas vezes, dependendo do ponto de vista mais ou menos elevado sob o qual ele considera as coisas terrenas."

311. O respeito que se tem pelas coisas materiais que restam do Espírito atrai a sua atenção para esses objetos e ele vê esse respeito com prazer?

"O Espírito sempre fica grato pela lembrança que se tem dele; as coisas que se conserva dele o trazem à memória, mas é o pensamento que o atrai até vocês, não aqueles objetos."

312. Os Espíritos guardam a lembrança dos sofrimentos que enfrentaram durante sua derradeira existência corporal?

"Frequentemente eles guardam essa lembrança e ela lhes faz sentir melhor o valor da felicidade de que eles podem se deleitar como Espíritos."

313. O homem que foi feliz neste mundo sente falta dos prazeres ao deixar a

Terra?

"Somente os Espíritos inferiores podem sentir saudades dos gozos que se simpatizavam com a impureza de sua natureza e que eles expiam através dos sofrimentos. Para os Espíritos elevados, a felicidade eterna é mil vezes preferível aos prazeres efêmeros da Terra."

Tal como o homem adulto que despreza o que era as delícias de sua infância.

314. Aquele que iniciou grandes projetos com um objetivo útil e que, no outro mundo, vê esses projetos interrompidos pela sua morte, lamenta por eles terem ficado inacabados?

"Não, porque ele vê que outros estão destinados a concluí-los. Ao contrário, ele trata de influenciar outros Espíritos humanos a lhes dar continuidade. Seu objetivo na Terra era o bem da humanidade: o objetivo é o mesmo no mundo dos Espíritos."

315. Aquele que deixou trabalhos de arte ou de literatura conserva, pelas suas obras, o amor que tinha de quando ele estava vivo?

"Segundo sua elevação, ele as aprecia de outro ponto de vista, e não raro ele condena o que mais ele admirava."

316. O Espírito ainda se interessa pelos trabalhos que se fazem na Terra para o progresso das artes e das ciências?

"Isso depende de sua elevação ou da missão que possa vir a cumprir. Muitas vezes, o que lhes parece magnífico vale bem pouco para certos Espíritos; eles admiram esses trabalhos, como o sábio admira a obra de um estudante. Ele examina o que pode prover a elevação dos Espíritos encarnados e seus progressos."

317. Após a morte, os Espíritos conservam o amor à pátria?

"O princípio é sempre o mesmo: para os Espíritos elevados a pátria é o Universo; na Terra, a pátria é onde eles têm mais pessoas simpáticas."

A situação dos Espíritos e sua maneira de ver as coisas variam ao infinito, na

proporção do grau de seu desenvolvimento moral e intelectual. Geralmente, os Espíritos de uma ordem elevada não fazem da Terra senão estadias de curta duração; tudo o que se faz aqui é tão mesquinho em comparação com as grandezas do infinito; as coisas às quais os homens dão mais importância são tão insignificantes aos olhos dos Espíritos que eles aqui encontram poucos atrativos, a menos que tenham sido chamados em vista de contribuírem para o progresso da humanidade. Os Espíritos de uma ordem intermediária passam aqui mais frequentemente, se bem que eles consideram as coisas de um ponto de vista mais alto do que quando encarnados. Os Espíritos vulgares estão aqui de algum modo sedentários e constituem a massa da população ambiente do mundo invisível; eles conservaram mais ou menos as mesmas ideias, os mesmos gostos e as mesmas inclinações que tinham quando sob seu invólucro corpóreo; intrometem-se em nossas reuniões, nossos negócios e divertimentos nos quais tomam parte mais ou menos ativa, segundo seu caráter. Não podendo satisfazer suas próprias paixões, eles gozam daqueles se entregam a essas paixões e os excitam a elas. Nesse contingente, existem os mais sérios que veem e observam para se instruírem e se aperfeiçoarem.

318. As ideias dos Espíritos se modificam no estado espiritual?

"Bastante, sofrem grandes modificações na medida em que o Espírito se desmaterializa; algumas vezes ele pode permanecer longo tempo com as ideias, mas pouco a pouco a influência da matéria diminui e ele vê as coisas mais nitidamente. É então que ele procura os meios de se melhorar."

319. Já que o Espírito viveu a vida espírita antes de sua encarnação, de onde vem o seu espanto ao reingressar no mundo dos Espíritos?

"Isso não é mais do que o efeito do primeiro momento e da perturbação que se segue ao despertamento; mais tarde ele reconhece perfeitamente sua situação, na proporção que lhe vem a lembrança do passado e que se apaga a impressão da vida terrestre." (Ver a questão 163 e seguintes.)

Comemoração dos mortos – Funerais

320. Os Espíritos se sensibilizam com a lembrança daqueles a quem amavam

na Terra?

"Muito mais do que vocês podem acreditar. Essa lembrança aumenta a felicidade deles, se estiverem felizes; se estiverem desgraçados, ela será um reconforto para eles."

321. O dia da comemoração dos mortos tem algo de mais solene para os Espíritos? Eles se preparam para vir ao encontro daqueles que virão rezar sobre seus túmulos?

"Os Espíritos atendem ao apelo do pensamento naquele dia assim como nos outros."

321-a. — Esse dia, para eles, é um dia de reunião junto à sua sepultura?

"Os Espíritos comparecem às sepulturas em maior número nesse dia porque há mais pessoas lhes chamando, porém cada um deles vai lá somente pelos seus amigos, e não pela multidão dos indiferentes."

321-b. — Sob qual forma eles ali comparecem e como nós os veríamos se eles pudessem se tornar visíveis?

"Aquela forma sob a qual eram conhecidos quando estavam vivos."

322. Os Espíritos esquecidos, cujo túmulo ninguém vai visitar, apesar disso comparecem também lá e sofrem um desgosto por não verem nenhum amigo se lembrar deles?

"Que importa a Terra para eles? Só se fica preso a ela pelo coração. Se não existe mais amor, não há mais nada que prenda aí o Espírito: ele tem todo o Universo para ele."

323. A visita ao túmulo produz maior satisfação ao Espírito do que uma prece feita em casa?

"A visita ao túmulo é uma maneira de manifestar que se está pensando no Espírito ausente: é uma representação. Já lhes dissemos que é a prece que santifica o ato da recordação; pouco importa o lugar, se a prece for dita com o coração."

324. Os Espíritos das pessoas às quais se erguem estátuas ou monumentos assistem às inaugurações desse tipo e enxergam isso com prazer?

"Muitos comparecem, quando é possível, mas eles são menos sensíveis à homenagem que se faça a eles do que à lembrança."

325. De onde pode vir a certas pessoas o desejo de serem enterradas num determinado lugar mais do que em outro? Eles voltariam ali com mais vontade após a morte? E essa importância dada a uma coisa material seria um sinal de inferioridade do Espírito?

"Afeição particular do Espírito por determinados lugares; inferioridade moral. Que importa um canto de terra mais que outro para um Espírito elevado? Ele não sabe que sua alma se reunirá àquelas que ele ama, mesmo que seus ossos estejam separados?"

325-a. — A reunião dos despojos mortais de todos os membros de uma família deve ser considerada como uma coisa fútil?

"Não; isso é um costume piedoso e um testemunho de simpatia por aqueles a quem se tem amado. Se essa reunião pouca importa para os Espíritos, ela é útil para os homens: suas recordações ficam mais concentradas."

326. Regressando à vida espiritual, a alma se sensibiliza com as honrarias prestadas aos seus despojos carnais?

"Quando o Espírito já chegou a um certo grau de perfeição, ele não tem mais vaidade terrena e compreende a futilidade de todas essas coisas. Mas fiquem sabendo que frequentemente há Espíritos que, no primeiro momento de sua morte material, experimenta um grande prazer com as honras que lhes tributam, ou se aborrecem com o desprezo por seu envoltório carnal; é que eles ainda conservam alguns dos preconceitos deste mundo."

327. O Espírito assiste ao seu enterro?

"Muito frequentemente, mas algumas vezes ele não se dá conta do que se passa, se ainda estiver em perturbação."

327-a. — Ele fica lisonjeado com a concorrência das pessoas que assistem ao seu enterro?

"Mais ou menos, conforme o sentimento que as motiva."

328. O Espírito daquele que acaba de morrer assiste às reuniões de seus herdeiros?

"Quase sempre. Deus assim o quer para a própria instrução do Espírito e castigo dos culpáveis; é nessa ocasião que se julga o que valiam seus protestos; para ele, todos os sentimentos ficam descobertos e a decepção que lhe causa ver a ganância dos que partilham entre si os seus bens o esclarece acerca dos sentimentos deles. Mas a vez deles também chegará."

329. O respeito instintivo que o homem consagra aos mortos — em todos os tempos e entre todos os povos — é um efeito da intuição que ele tem da existência futura?

"É a consequência natural dessa intuição, sem isso, esse respeito ficaria sem sentido."

CAPÍTULO VII

RETORNO À VIDA CORPORAL

Prelúdio do retorno – União da alma e do corpo – Faculdades morais e intelectuais – Influência do organismo – Deficiência mental, loucura – A infância – Simpatia e antipatia terrenas – Esquecimento do passado

Prelúdio do retorno

330. Os Espíritos sabem em que época eles reencarnarão?

"Eles pressentem isso, como o cego sente o fogo do qual se aproximam. Sabem que devem retomar um corpo, como vocês sabem que tem de morrer um dia, mas sem saber quando será." (Ver a questão 166.)

330-a. — Então, a reencarnação é uma necessidade da vida espírita, como a morte é uma necessidade da vida corporal?

"Perfeitamente; é isso mesmo."

331. Todos os Espíritos se preocupam com a sua reencarnação?

"Há muitos Espíritos que não pensam nisso, que nem sequer a compreendem. Isso depende de sua natureza mais ou menos adiantada. Para alguns, a incerteza quanto ao próprio futuro é uma punição."

332. O Espírito pode apressar ou retardar o momento da sua reencarnação?

"Ele pode adiantar esse momento atraindo-o pela sua vontade; pode igualmente distanciá-lo se recuando diante da prova, pois entre os Espíritos também há covardes e indiferentes, mas ele não procede assim impunemente;

ele sofre por isso, como aquele que recua diante do remédio eficaz que pode curá-lo.”

333. Se um Espírito se encontrasse bastante feliz numa condição mediana entre os Espíritos errantes e não tivesse vontade de elevar-se daquela condição, ele poderia prolongar esse estado indefinidamente?

“Não indefinidamente; o adiantamento é uma necessidade que mais cedo ou mais tarde o Espírito sente. Todos devem se elevar, pois esse é o seu destino.”

334. A união da alma com este ou aquele corpo é predeterminada ou só no último momento é que se faz essa escolha?

“O Espírito é sempre designado de antemão. Ao escolher a prova pela qual queira se submeter, o Espírito pede para encarnar; ora, Deus, que sabe tudo e vê tudo, já sabia e via antecipadamente que tal alma se uniria a tal corpo.”

335. O Espírito tem escolha quanto ao corpo no qual ele deve entrar, ou somente quanto ao gênero de vida que deva lhe servir de prova?

“Ele também pode escolher o corpo, porque as imperfeições desse corpo são para ele provações que lhe ajudarão no seu adiantamento, caso vença os obstáculos que ali encontre. Contudo, a escolha não depende sempre dele; ele pode pedir.”

335-a. — O Espírito, no derradeiro instante, poderia recusar entrar no corpo escolhido por ele?

“Se recusasse, ele sofreria muito mais do que aquele que não tivesse tentando nenhuma prova.”

336. Poderia acontecer de uma criança que devesse nascer não encontrar nenhum Espírito que quisesse se encarnar nela?

“Deus a proveria. Quando uma criança tem que nascer ***com vida***, está sempre predestinada a ter uma alma; nada foi criado sem desígnio.”

337. A união do Espírito com um determinado corpo pode ser imposta por Deus?

"Ela pode ser imposta do mesmo modo que as diferentes provas, principalmente quando o Espírito ainda não está apto a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Como expiação, o Espírito pode ser constrangido a se unir ao corpo de determinada criança que, pelo seu nascimento e pela posição que ocupará no mundo, possa se tornar para ele um instrumento de castigo."

338. Se acontecesse que vários Espíritos se apresentassem para um mesmo corpo destinado a nascer, o que decidiria entre deles?

"Muitos podem pedi-lo, mas é Deus quem julga em tal caso aquele que é o mais capaz de desempenhar a missão destinada para essa criança. Entretanto, como eu já disse, o Espírito é designado antes do instante em que deva se unir ao corpo."

339. O momento da encarnação é acompanhado de uma perturbação semelhante àquela que ocorre na saída do corpo?

"Muito maior e sobretudo mais longa. Pela morte o Espírito sai da escravidão; pelo nascimento, ele entra nela."

340. O instante em que o Espírito deve encarnar é para ele um momento solene? Ele cumpre esse ato como uma coisa séria e importante para ele?

"É como um viajante que embarca para uma travessia perigosa e que não sabe se encontrará a morte nas ondas que ele está enfrentando."

O viajante que embarca sabe a quais perigos ele se expõe, mas não sabe se naufragará. É assim que ocorre com o Espírito: ele conhece o tipo das provas a que se submete, sem saber se sucumbirá.

Da mesma forma que a morte do corpo é uma espécie de renascimento para o Espírito, a reencarnação é para ele uma espécie de morte, ou melhor, de exílio e de clausura. Ele deixa o mundo dos Espíritos pelo mundo corporal, como o homem deixa o mundo corpóreo pelo mundo dos Espíritos. Este sabe que reencarnará, como o homem sabe que morrerá; mas, a exemplo dele, só tem consciência disso

no último instante, quando a hora predestinada tiver chegado. Então, nesse momento supremo, a perturbação se apodera dele igual a um homem que está em agonia, e essa perturbação persiste até que essa nova existência esteja distintamente formada. As proximidades da reencarnação são uma espécie de agonia para o Espírito.

341. A incerteza em que o Espírito se encontra sobre a eventualidade do triunfo das provas que vai suportar na vida é para ele uma causa de ansiedade antes da sua encarnação?

"Uma ansiedade bem grande, pois as provações da sua existência o retardarão ou o adiantarão, conforme ele as tenha suportado bem ou mal."

342. No momento da sua reencarnação o Espírito é acompanhado por outros Espíritos de seus amigos, que venham assistir à sua partida do mundo espírita, como vêm recebê-lo quando ele aí retorna?

"Depende da esfera na qual o Espírito habite. Se já está numa esfera onde reina a afeição, os Espíritos que o amam lhe acompanham até o último momento, encorajando-o, e muitas vezes até lhe seguem na vida."

343. Os Espíritos amigos que nos seguem na vida são por acaso aqueles que vemos em sonho, que nos testemunham seu afeto e que se apresentam a nós com semblantes desconhecidos?

"Muito frequentemente são estes mesmos; eles vêm lhes visitar, como vocês vão visitar um prisioneiro nas grades."

União da alma e do corpo

344. Em que momento a alma se une ao corpo?

"A união começa na concepção, mas só se completa no momento do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar tal corpo se liga a este por um laço fluídico, que vai se estreitando cada vez mais até o momento em que a criança vem à luz; o grito que escapa da criança anuncia que ela faz parte dos viventes e servos de Deus."

345. A união entre o Espírito e o corpo é definitiva desde o momento da concepção? Durante essa primeira fase o Espírito poderia renunciar a habitar o corpo destinado?

"A união é definitiva, no sentido de que outro Espírito não poderia substituir aquele que está designado para tal corpo. Mas, como os laços que o vinculam ao corpo ainda estão muito frágeis, eles são facilmente rompidos e podem se romper pela vontade do Espírito que recua diante da prova que escolheu. Mas então a criança não vive."

346. O que acontece com o Espírito se o corpo que ele escolheu vier a morrer antes de nascer?

"Ele escolhe outro corpo."

346-a. — Qual pode ser a utilidade dessas mortes prematuras?

"São as imperfeições da matéria que na maioria das vezes causa essas mortes."

347. Que utilidade pode haver para o Espírito uma encarnação num corpo que morre poucos dias depois do nascimento?

"O ser não tem consciência bastante desenvolvida da sua existência, então a importância da morte é quase nenhuma; conforme já dissemos, o que ocorre muitas vezes é uma prova para os pais."

348. O Espírito sabe previamente que o corpo que ele escolheu não tem chance de viver?

"Sabe algumas vezes, mas se ele o escolheu por esse motivo, significa que está recuando diante da prova."

349. Quando uma encarnação é perdida para o Espírito, por uma causa qualquer, ela lhe é suprida imediatamente por outra existência?

"Nem sempre imediatamente. O Espírito precisa de tempo para escolher de novo, a menos que a reencarnação instantânea decorra de uma determinação anterior."

350. Uma vez unido ao corpo da criança, quando então já não há como o Espírito voltar atrás, ele alguma vez lamenta a escolha que fez?

"Quer saber se, como homem, o Espírito se queixa da vida que tem? Se ele desejaria que fosse outra? Sim; se lamenta a escolha que fez? Não, pois ele desconhece que ele fez a escolha. Uma vez encarnado, o Espírito não pode lastimar uma escolha de que não tem consciência, mas ele pode achar a carga pesada demais e considerá-la superior às suas forças — é então que ele recorre ao suicídio."

351. No intervalo entre a concepção e o nascimento, o Espírito goza de todas as suas capacidades?

"Mais ou menos, conforme a época, pois ele ainda não está encarnado, mas apenas vinculado. A partir do instante da concepção, a perturbação começa a envolver o Espírito e adverte que chegou o momento de tomar uma nova existência; essa perturbação vai crescendo até o nascimento. Nesse intervalo, seu estado é quase como o de um Espírito encarnado durante o sono do corpo; à medida que a hora do nascimento se aproxima, suas ideias se apagam, assim como a lembrança do passado, do qual ele não tem mais consciência, como homem, logo que entra na vida. Contudo, essa lembrança volta pouco a pouco à sua memória no seu estado de Espírito."

352. No momento do nascimento, O Espírito recobra imediatamente a plenitude das suas faculdades?

"Não, elas se desenvolvem gradualmente com os órgãos. Para o Espírito, é uma existência nova; é preciso que ele aprenda a se servir dos seus instrumentos; as ideias lhe vêm pouco a pouco como a um indivíduo que desperta do sono e que se encontra em uma situação diferente daquela que ocupava na véspera."

353. A união do Espírito e do corpo não estando completa e definitivamente consumada senão depois do nascimento, poderíamos considerar o feto como dotado de uma alma?

"O Espírito que deve animar tal corpo de alguma forma existe fora deste. Então o feto não tem uma alma, propriamente falando, visto que a encarnação

está apenas em via de se realizar. Entretanto, o feto está ligado à alma que deve possuir."

354. Como explicar a vida intrauterina?

"É a da planta que vegeta. A criança vive da vida animal. O homem tem em si mesmo a vida animal e vegetal, que, no nascimento, se completa pela vida espiritual."

355. Existem, como o indica a ciência, crianças que desde o seio materno não nasceram viáveis; e com que objetivo ocorre isso?

"Isso acontece frequentemente e Deus o permite como prova, tanto para os pais quanto para o Espírito designado a ocupar esse lugar."

356. Entre as crianças natimortas haveria algumas que não tenham sido destinadas à encarnação de nenhum Espírito?

"Sim, há algumas que jamais tiveram um Espírito destinado para seu corpo: nada devia se efetuar para eles. É somente então pelos pais que essa criança veio."

356-a. — Um ser dessa natureza pode chegar a nascer?

"Sim, às vezes, mas de fato ele não vive."

356-b. — Toda criança que sobrevive ao seu nascimento obrigatoriamente tem um Espírito encarnado nela?

"O que ela seria se não fosse assim? Não seria um ser humano."

357. Quais são, para o Espírito, as consequências do aborto?

"É uma existência nula a ser recomeçada."

358. O aborto provocado é um crime, qualquer que seja a época da concepção?

"Há crime sempre desde o momento em que vocês transgridem a lei de Deus. A mãe, ou qualquer pessoa, sempre cometerá um crime ao tirar a vida

da criança antes do seu nascimento, pois isso é impedir a alma de passar pelas provas das quais o corpo deveria ser o instrumento."

359. No caso em que a vida da mãe ficaria em perigo com o nascimento da criança, haveria crime em sacrificar a criança para salvar a mãe?

"É preferível sacrificar o ser que ainda não existe ao ser que já existe."

360. Seria racional termos pelo feto as mesmas considerações que temos pelo corpo de uma criança que tenha vivido?

"Vejam em tudo isso a vontade de Deus e sua obra; então, não tratem levianamente as coisas que vocês devem respeitar. Por que não respeitar as obras da criação, que algumas vezes são incompletas por vontade do Criador? Tudo entra nos desígnios de Deus, que ninguém é chamado a julgar."

Faculdades morais e intelectuais

361. De onde vêm ao homem suas qualidades morais, boas ou más?

"São as do Espírito que está encarnado nele; quanto mais esse Espírito for puro, mais o homem será propenso ao bem."

361-a. — Disso resulta que o homem de bem seja a encarnação de um bom Espírito e o homem vicioso seja a encarnação de um Espírito mau?

"Perfeitamente, mas antes diga que é um Espírito imperfeito, pois do contrário nós poderíamos crer em Espíritos sempre maus — o que vocês chamam de demônios."

362. Qual o caráter dos indivíduos nos quais encarnam Espíritos tolos e levianos?

"Extravagantes, travessos e às vezes seres malvados."

363. Os Espíritos têm paixões que não pertençam à humanidade?

"Não, de outro modo eles teriam transmitido essas paixões a vocês."

364. É o mesmo Espírito que dá ao homem as qualidades morais e as da

inteligência?

"Certamente é o mesmo, e isso em razão do grau ao qual ele tenha alcançado. O homem não tem dois Espíritos dentro dele."

365. Por que alguns homens muito inteligentes — o que indica neles um Espírito superior — às vezes são ao mesmo tempo profundamente viciosos?

"É que o Espírito encarnado não é ainda bastante puro, e o homem cede à influência de outros Espíritos mais malvados. O Espírito progride por uma imperceptível marcha crescente, contudo o progresso não se realiza simultaneamente em todos os sentidos; num período ele pode avançar em ciência, noutro em moralidade."

366. Que devemos pensar da opinião dos que pretendem que as diferentes capacidades intelectuais e morais do homem resultam de outros tantos Espíritos diferentes encarnados neles e cada qual tendo uma aptidão especial?

"Refletindo, reconhece-se que essa ideia é absurda. O Espírito deve ter todas as aptidões. Para poder progredir, ele precisa de uma vontade única; se o homem fosse uma mistura de Espíritos, essa vontade não existiria e ele careceria de individualidade, pois, na sua morte, todos aqueles Espíritos formariam como que um bando de pássaros escapados de uma gaiola. O homem quase sempre se queixa de não compreender certas coisas, e é curioso ver como ele multiplica as dificuldades, quando tem ao seu alcance uma explicação muito simples e toda natural. Ainda neste caso toma-se o efeito pela causa, que é fazer com o homem o que os pagãos faziam com Deus. Eles Acreditavam em tantos deuses quanto há de fenômenos no Universo, mas, entre eles, as pessoas sensatas não viam nesses fenômenos mais do que efeitos, tendo como causa um Deus único."

O mundo físico e o mundo moral nos oferecem a este respeito vários pontos de comparação. Acreditava-se na existência múltipla da matéria, enquanto se detinha na aparência dos fenômenos; hoje, compreendemos que esses fenômenos tão variados podem muito bem não ser mais do que modificações de uma matéria elementar única. As diversas faculdades são manifestações de uma mesma causa,

que é a alma, ou do Espírito encarnado, e não de várias almas, como os diferentes sons do órgão[34] são o resultado de uma mesma espécie de ar, e não de tantos tipos de ar quanto haja sons. Dessa teoria decorreria que quando um homem perde ou adquire certas aptidões, certos pendores, isso significaria que outros tantos Espíritos lhe teriam vindo ou o teriam deixado — o que o tornaria um ser múltiplo sem individualidade e, conseguintemente, sem responsabilidade. Além do mais, isso é contradito por numerosíssimos exemplos de manifestações pelas quais os Espíritos provam sua personalidade e sua identidade.

Influência do organismo

367. Unindo-se ao corpo, o Espírito se identifica com a matéria?

"A matéria não é mais do que o envoltório do Espírito, como a roupa é o envoltório do corpo. Unindo-se a este, o Espírito conserva os atributos da natureza espiritual."

368. As faculdades do Espírito são exercidas com toda a liberdade após sua união com o corpo?

"O exercício das habilidades depende dos órgãos que lhes servem de instrumento; elas são enfraquecidas pela grosseria da matéria."

368-a. — De acordo com isso, o envoltório material seria um obstáculo à livre manifestação das faculdades do Espírito, como um vidro opaco se opõe à livre emissão da luz?

"Correto, e bastante opaco."

Podemos ainda comparar a ação da matéria grosseira do corpo sobre o Espírito à ação de uma água lodosa que tira a liberdade dos movimentos do corpo que nela for mergulhado.

---

[34] Órgão: instrumento musical que produz sua sonoridade (variedade de notas musicais) a partir da execução de um teclado e de pedais que controlam a pressão do ar introduzido em diversos tubos. — N. T.

369. O livre exercício das capacidades da alma depende do desenvolvimento dos órgãos?

"Os órgãos são os instrumentos da manifestação das capacidades da alma; essa manifestação fica subordinada ao desenvolvimento e ao grau de perfeição desses mesmos órgãos, como a qualidade de um trabalho depende da qualidade da ferramenta."

370. Da influência dos órgãos podemos induzir uma relação entre o desenvolvimento dos órgãos do cérebro e o das capacidades morais e intelectuais?

"Não confundam o efeito com a causa. O Espírito dispõe sempre das capacidades que lhe são próprias. Ora, não são os órgãos que dão as faculdades, e sim as faculdades que impulsionam o desenvolvimento dos órgãos."

370-a. — Sendo assim, a diversidade das aptidões nos homens deriva unicamente do estado do Espírito?

"Unicamente não é um termo totalmente exato; as qualidades do Espírito — que pode ser mais ou menos adiantado — é o princípio; todavia, devemos levar em conta a influência da matéria, que entrava mais ou menos o exercício de suas faculdades."

Ao encarnar, o Espírito traz certas predisposições, e ao admitirmos para cada uma um órgão correspondente no cérebro, o desenvolvimento desses órgãos será um efeito e não uma causa. Se as faculdades tivessem seu princípio nos órgãos, o indivíduo seria uma máquina sem livre-arbítrio e sem responsabilidade por seus atos. Seríamos obrigados a admitir que os maiores gênios, os sábios, os poetas e os artistas não são gênios já que o acaso lhes deu órgãos especiais, donde se seguiria que, sem esses órgãos, eles não teriam sido talentosos e que o último dos imbecis poderia ter sido um Isaac Newton[35], um Virgílio[36], ou um Rafael[37], se ele fosse provido de certos órgãos; suposição ainda mais absurda quando a aplicarmos às

[35] Isaac Newton (1642-1727): célebre cientista inglês. — N. T.

[36] Virgílio (71 a 19 a. C.): o grande poeta latino, autor do clássico *Eneida* — N. T.

[37] Rafael Sanzio (1483-1520): renomado pintor, escultor e arquiteto italiano. — N. T.

qualidades morais. Assim, segundo esse sistema, são Vicente de Paulo, dotado pela natureza desse ou daquele órgão poderia ser um celerado, e não faltaria ao maior dos celerados mais do que um determinado órgão para ser um são Vicente de Paulo. Admitam, ao contrário, que os órgãos especiais — tanto quanto eles existam — são consequentes, que se desenvolvem pelo exercício da faculdade, como os músculos se desenvolvem pelo movimento, e nada terão de irracional. Façamos uma comparação trivial à força da verdade: por alguns sinais fisionômicos vocês reconhecem o homem viciado na bebida; serão esses sinais que fazem dele um ébrio, ou será a ebriedade que faz nascer nele tais sinais? Podemos dizer que os órgãos recebem a marca das faculdades.

Deficiência mental, loucura

371. A opinião segundo a qual as pessoas com deficiência mental[38] têm uma alma de uma natureza inferior tem algum fundamento?

"Nenhum fundamento. Eles têm uma alma humana, às vezes mais inteligentes do que vocês supõem, mas que sofrem da insuficiência dos meios que tem para se comunicar, como o mudo sofre por não poder falar."

372. Qual o objetivo da Providência ao criar seres infelizes como as pessoas com deficiência mental?

"São Espíritos em punição que habitam corpos de pessoas com deficiência mental. Esses Espíritos sofrem pelo constrangimento que experimentam e da impossibilidade em que estão de se manifestarem mediante órgãos não desenvolvidos ou defeituosos."

372-a. — Então não é certo dizer que os órgãos não têm influência sobre as capacidades?

"Nunca dissemos que os órgãos não têm influência; eles têm uma

[38] "Pessoas com deficiência mental" aqui substitui os termos no texto original *les idiots* (os idiotas) e *les crétins* (os cretinos) que eram tecnicamente usados para designar os portadores de deformações cerebrais e neurológicas que caracterizam tais patologias do tipo oligofrenia (déficit de inteligência), termos esses que depois ganharam uma conotação pejorativa e, aliás, muito inadequadas, razão pela qual nossa tradução se abstém de usá-los. — N. T.

influência muito grande sobre a manifestação das faculdades, porém não produzem as faculdades. Aqui está a diferença. Um bom músico com um instrumento defeituoso não produzirá boa música, mas ele não deixa de ser bom músico."

É preciso distinguir o estado normal do estado patológico. No estado normal, o moral supera o obstáculo que a matéria lhe opõe, mas há casos em que a matéria oferece tal resistência que as manifestações ficam entravadas ou desnaturadas, como nos casos de deficiência mental e de loucura. Esses são casos patológicos e, como nesse estado a alma não goza de toda a sua liberdade, a própria lei humana a isenta da responsabilidade de seus atos.

373. Qual pode ser o mérito da existência para os seres que, como as pessoas com deficiência mental, não podendo fazer nem o bem nem o mal, não conseguem progredir?

"É uma expiação imposta ao abuso que puderam fazer de certas faculdades; é um tempo de suspensão."

373-a. — Sendo assim, o corpo de uma pessoa com deficiência mental pode conter um Espírito que tenha animado um homem sábio numa existência passada?

"Certamente. Às vezes, a genialidade se torna um flagelo quando alguém abusa dela."

A superioridade moral nem sempre está na proporção da superioridade intelectual e os maiores gênios podem ter muito que expiar. Daí, frequentemente, lhes resulta uma existência inferior à que já tiveram e uma causa de sofrimentos. Os entraves que o Espírito prova nessas manifestações são para ele como as algemas que comprimem os movimentos de um homem vigoroso. Podemos dizer que os indivíduos com deficiência mental são estropiados pelo cérebro, como o coxo o é pelas pernas e o cego é pelos olhos.

374. Na condição de Espírito, o indivíduo com deficiência tem consciência do seu estado mental?

"Sim, muito frequentemente; ele compreende que as amarras que entravam sua ascensão são uma prova e uma expiação."

375. Qual é a situação do Espírito na loucura?

"O Espírito, no estado de liberdade, recebe diretamente suas impressões e exerce diretamente sua ação sobre a matéria; quando encarnado, porém, ele se encontra em condições muito diferentes e na necessidade de só o fazer com o auxílio de órgãos especiais. Se uma parte ou o conjunto de tais órgãos for alterado, suas ações ou suas impressões — no que concerne a esses órgãos — ficam interrompidas. Se perde os olhos, fica cego; sem o ouvido, torna-se surdo etc. Imagine agora que o órgão que preside os efeitos da inteligência e da vontade seja parcial ou inteiramente danificado ou modificado, e será fácil para você compreender que o Espírito — não tendo mais a seu serviço senão órgãos incompletos ou desnaturados — deve passar por uma perturbação da qual o Espírito, por si mesmo e no seu foro íntimo, tem perfeita consciência, mas ele não é capaz de deter o curso dessa perturbação."

375-a. — Então, é sempre o corpo e não o Espírito que é desorganizado?

"Exatamente, mas é preciso não perder de vista que, assim como o Espírito atua sobre a matéria, também esta reage sobre ele, dentro de certos limites, e que o Espírito pode se achar momentaneamente afetado pela alteração dos órgãos pelos quais ele se manifesta e recebe suas impressões. Pode acontecer que, a longo prazo, quando a loucura tiver durado muito tempo, a repetição dos mesmos atos acabe por exercer sobre o Espírito uma influência da qual ele não se libertará senão depois de sua completa separação de toda impressão material."

376. Por que a loucura algumas vezes leva alguém ao suicídio?

"O Espírito sofre do constrangimento que experimenta e da impossibilidade em que se acha para se manifestar livremente, por isso procura na morte um meio de quebrar suas amarras."

377. Depois da morte, o Espírito do alienado sente o desarranjo de suas faculdades?

"Pode se ressentir por algum tempo após a morte, até que esteja completamente desligado da matéria, como o indivíduo que desperta se ressente por algum tempo da perturbação em que o sono lhe mergulhou."

378. Como a alteração do cérebro pode reagir sobre o Espírito após a morte?

"Como uma recordação. Um peso aflige o Espírito e, como ele não teve a compreensão de tudo o que se passou durante sua loucura, sempre requer um certo tempo para ele voltar ao normal. É por isso que quanto mais durar a loucura durante a vida, tanto mais durará o embaraço e o constrangimento depois da morte. Livre do corpo, o Espírito se ressente por algum tempo do efeito das suas amarras."

A infância

379. O Espírito que anima o corpo de uma criança é tão desenvolvido quanto o de um adulto?

"Pode até ser mais, se ele tiver progredido mais; a questão é que os órgãos imperfeitos o impedem de se manifestar. Ele age em razão do instrumento pelo qual pode se manifestar."

380. Tirando o obstáculo que a imperfeição dos órgãos impõe à sua livre manifestação, o Espírito numa criança de pouca idade pensa como uma criança ou como um adulto?

"Enquanto criança, é natural que os órgãos da inteligência, não estando desenvolvidos, não possam lhe dar toda a intuição de um adulto; ele tem, de fato, a inteligência bastante limitada, até que a idade tenha amadurecido sua razão. A perturbação que acompanha a encarnação não cessa subitamente no momento do nascimento; ela somente se dissipa gradualmente, com o desenvolvimento dos órgãos."

Uma observação vem apoiar esta resposta: é que os anseios numa criança não têm o caráter dos sonhos de um adulto; seu objeto é quase sempre ingênuo, o que é um indício da natureza das preocupações do Espírito.

381. Com a morte da criança, o Espírito readquire imediatamente seu vigor anterior?

"Assim tem que ser, pois que se vê desembaraçado de seu invólucro corporal. Entretanto, só readquire sua lucidez anterior quando a separação

estiver completa, isto é, quando não existe mais nenhum laço entre o Espírito e o corpo."

382. Durante a infância, o Espírito encarnado sofre do constrangimento que a imperfeição dos órgãos lhe impõe?

"Não; esse estado é uma necessidade, faz parte da natureza e está de acordo com as vistas da Providência. ***É um período de repouso do Espírito***."

383. Qual a utilidade para o Espírito passar pelo estado de infância?

"Encarnando com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito é, durante a infância, mais acessível às impressões que recebe e que podem ajudar no seu adiantamento, para o que devem contribuir aqueles que estão encarregados de sua educação."

384. Por que os primeiros gritos da criança são de choro?

"Para despertar o interesse da mãe e provocar os cuidados que lhe são necessários. Tu não compreendes que se a criança tivesse apenas gritos de alegria — já que ainda não sabe falar — pouco nos preocuparíamos com o que ela precisa? Então, admire em tudo a sabedoria da Providência."

385. De onde vem a mudança que se opera no caráter do indivíduo em certa idade, especialmente ao sair da adolescência? É o Espírito que se modifica?

"É que o Espírito recobra sua natureza e se mostra tal como era.

"Vocês não conhecem o segredo que as crianças escondem na sua inocência; não sabem o que elas são, nem quem elas foram, nem o que serão. Portanto, vocês as amam e as estimam como se elas fossem uma parte de vocês mesmos, a tal ponto que o amor de uma mãe por seus filhos é considerado como o maior amor que uma pessoa pode ter por outra pessoa. De onde vem esse doce afeto, essa terna benevolência que até mesmo os estranhos sentem por uma criança? Vocês sabem? Não; é isso o que eu vou lhes explicar:

"As crianças são os seres que Deus envia para novas existências, e para que elas não possam lhe censurar uma severidade muito grande, ele dá a elas todas as aparências da inocência. Mesmo numa criança de uma natureza má,

encobre-se seus malfeitos com a inconsciência de seus atos. Essa inocência não é uma superioridade real sobre o que elas eram antes; não, é a imagem do que deveriam ser e, se não o são, é só sobre eles que recai o castigo.

"Entretanto, não foi somente por elas que Deus lhes deu esse aspecto de inocência; foi também — e sobretudo — por seus pais, cujo amor é necessário para sua delicadeza, e esse amor ficaria singularmente enfraquecido à vista de um caráter amargo e ranzinza, ao passo que, os pais, pensando que seus filhos são bons e dóceis, eles lhes dedicam toda a sua afeição e os cercam dos mais delicados cuidados. Porém, desde que os filhos não mais precisem dessa proteção e dessa assistência que lhes foram dispensadas durante quinze ou vinte anos, seu caráter real e individual reaparece em toda sua clareza: conservam-se bons, se eram fundamentalmente bons, mas sempre aparecem as características que estavam escondidas pela primeira infância.

"Vocês podem ver que os caminhos de Deus são sempre os melhores e, quando se tem o coração puro, é fácil de conceber a explicação disso.

"Com efeito, imaginem que o Espírito das crianças que nascem entre vocês pode vir de um mundo onde ele adquiriu hábitos muito diferentes; como poderiam querer que fosse no meio de vocês esse novo ser, que vem com paixões totalmente diversas daquelas que vocês possuem, com inclinações e gostos inteiramente opostos aos vossos; como quereriam que ele se incorporasse nas vossas categorias senão como Deus o quis, isto é, passando pelo crivo da infância? Nisso se confundem todas as ideias, todas as características, todas as variedades de seres gerados por essa infinidade de mundos nos quais crescem as criaturas. E vocês mesmos, ao morrerem, irão se achar num tipo de infância no meio de novos irmãos; e na vossa existência nova não terrestre, então ignorarão os hábitos, os costumes, as relações desse mundo novo para vocês; manejarão com dificuldade uma língua a que não estão acostumados a falar, uma língua mais viva do que hoje é o seu pensamento. (Ver a questão 319.)

"A infância tem ainda outra utilidade: os Espíritos não entram na vida corporal a não ser para se aperfeiçoarem, para se melhorarem; a delicadeza da tenra idade os torna flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência e daqueles que devam fazê-los progredir. É nessa fase que se pode reformar seu

caráter e reprimir seus maus pendores. Tal é o dever que Deus confiou aos pais — missão sagrada de que prestarão contas.

"É assim que a infância não só é útil, necessária e indispensável, mas também que ela é a consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo."

Simpatia e antipatia terrenas

386. Dois seres que se conheceram e se amaram podem se reencontrar noutra existência corporal e se reconhecerem?

"Reconhecerem-se não, mas podem ser atraídos um para o outro, e frequentemente as ligações íntimas, fundadas sobre uma sincera afeição, não tem outra causa. Dois seres se aproximam um do outro por circunstâncias aparentemente fortuitas, mas que na realidade resultam da atração de dois Espíritos ***que se procuram por entre a multidão***."

386-a. — Não seria mais agradável para elas se reconhecerem?

"Nem sempre; a recordação das existências passadas teria inconvenientes maiores do que vocês imaginam. Após a morte, eles vão se reconhecer e saberão do tempo que passaram juntos." (Ver a questão 392.)

387. A simpatia tem sempre por princípio um conhecimento anterior?

"Não, dois Espíritos que tenham afinidades procuram-se naturalmente sem que se conheçam como pessoas."

388. Os encontros, que às vezes ocorrerem entre algumas pessoas e que comumente atribuímos ao acaso, não seriam efeito de um tipo de relações simpáticas?

"Há entre os seres pensantes ligações que vocês ainda não conhecem. O magnetismo é o piloto dessa ciência, que vocês compreenderão melhor mais tarde."

389. De onde vem a repulsão instintiva que se experimenta por algumas pessoas à primeira vista?

"São Espíritos antipáticos que se percebem e se reconhecem, sem se falarem."

390. A antipatia instintiva sempre é um sinal de natureza má?

"Dois Espíritos não são necessariamente maus só porque não sejam simpáticos; a antipatia pode brotar de uma falta de semelhança no pensamento, mas na proporção em que eles se elevam essas diferenças diminuem e a antipatia desaparece."

391. A antipatia entre duas pessoas nasce primeiramente naquele que tem o Espírito pior ou naquele que tem o Espírito melhor?

"Tanto num como no outro, porém as causas e os efeitos são diferentes. Um Espírito mal tem antipatia contra qualquer um que o possa julgar e desmascará-lo; ao ver uma pessoa pela primeira vez, ele logo sabe que vai ser desaprovado; seu afastamento se transforma em ódio, em inveja e lhe inspira o desejo de fazer o mal. O bom Espírito sente repulsão pelo mau, por saber que este não o compreenderá e que eles não trazem os mesmos sentimentos. Entretanto, consciente da sua superioridade, não alimenta ódio nem inveja contra o outro; limita-se a evitá-lo e a lamentar por aquele outro."

Esquecimento do passado

392. Por que o Espírito encarnado perde a lembrança do seu passado?

"O homem não pode e nem deve saber tudo. Deus, em sua sabedoria, quer que seja assim. Sem o véu que lhe encobre certas coisas, o homem ficaria ofuscado, como aquele que passa sem transição da escuridão para a claridade. ***Pelo esquecimento do passado ele é mais senhor de si mesmo***."

393. Como o homem pode ser responsável pelos atos e resgatar faltas de que ele não tem lembrança? Como pode aproveitar a experiência adquiridas em

existências caídas no esquecimento? Poderíamos imaginar que as tribulações da vida lhe servissem de lição se ele recordasse daquilo que as tenha ocasionado, mas desde que não se recorda, cada existência para ele é como se fosse a primeira e eis que então está sempre a recomeçar. Como conciliar isto com a justiça de Deus?

"A cada nova existência, o homem tem mais inteligência e pode distinguir melhor o bem e o mal. Onde estaria o mérito se ele recordasse todo o passado? Quando o Espírito volta à sua vida principal (a vida espírita) toda a sua vida passada se desenrola diante de si; ele vê as faltas que cometeu e que são a causa do seu sofrimento, e aquilo que poderia tê-lo impedido de cometer essas faltas; ele reconhece que a situação em que se acha é justa e então busca a existência que poderia reparar aquela que acaba de transcorrer. Escolhe as provas semelhantes àquelas pelas quais passou, ou as lutas que considera apropriadas ao seu adiantamento, e pede aos Espíritos que lhe são superiores que o ajudem nessa nova empreitada que ele encara, pois sabe que o Espírito que lhe for dado por guia nessa outra existência se esforçará para fazê-lo reparar suas faltas, dando-lhe uma espécie de ***intuição*** daquelas que tenha cometido. Essa mesma intuição é o pensamento, o desejo criminoso que frequentemente vem a vocês, e ao qual vocês instintivamente resistem, muitas vezes atribuindo essa resistência aos princípios que receberam de seus pais, quando é a voz da consciência que lhes fala, e essa voz é a recordação do passado, voz que lhes adverte para que não caiam nas faltas que já cometeram. Tendo entrado nessa nova existência, se o Espírito passa por essas provações com coragem e resiste, ele se eleva e sobe na hierarquia dos Espíritos, quando voltar para o meio deles."

Se, durante a vida corpórea, não temos uma lembrança precisa do que fomos e do que fizemos, de bom ou de mau, nas anteriores existências, temos a intuição de tudo isso, e as nossas tendências instintivas são uma reminiscência do nosso passado, as quais nossa consciência — que é o desejo que experimentamos de não cometer as mesmas faltas — nos estimula a resistir.

394. Nos mundos mais avançados que o nosso, onde não se sofre de todas as necessidades físicas e de nossas enfermidades, as pessoas compreendem que

são mais felizes do que nós? A felicidade em geral é relativa; nós a sentimos por comparação com um estado menos feliz. Como em definitivo alguns desses mundos — embora melhores do que o nosso — não estão no estado de perfeição, seus habitantes devem ter motivos de desgostos, do jeito deles. Entre nós, o rico — que não sofre as angústias das necessidades materiais como o pobre — nem por isso tem menos tribulações que tornam a sua vida amarga. Pergunto então, na situação deles, os habitantes desses mundos não se consideram tão infelizes quanto nós e não se lastimam da sua sorte, sem a lembrança de uma existência inferior para servir de comparação?

"A isso é preciso considerar duas respostas diferentes. Há mundos entre os que foram citados, cujos habitantes guardam uma lembrança muito nítida e exata de suas existências passadas; estes, vocês compreendem, podem e sabem apreciar a felicidade de que Deus lhes permite saborear; mas há outros cujos habitantes, achando-se — como disse — em melhores condições do que vocês, não deixam de experimentar grandes desgostos, até mesmo desgraças; estes não apreciam a sua felicidade pela razão mesma de eles não recordarem um estado ainda mais infeliz. Mas se não a apreciam como homens, apreciam como Espíritos."

No esquecimento das existências anteriormente, sobretudo quando foram amarguradas, não há qualquer coisa de providencial e que revela a sabedoria divina? É nos mundos superiores — onde a recordação das existências infelizes já não é mais do que um sonho ruim — que elas se apresentam à memória. Nos mundos inferiores, os infortúnios presentes não seriam agravados pela lembrança de todas as vidas que se tenham sofrido? Vamos concluir daí que tudo o que Deus fez é perfeito e que não nos cabe criticar suas obras, nem dizer como ele deveria ter regulado o Universo.

A reminiscência das nossas individualidades anteriores teria gravíssimas inconveniências; em certos casos, muito nos humilharíamos, e em outros, exaltaria nosso orgulho e como consequência dificultaria nosso livre-arbítrio. Para nos melhorarmos, Deus nos dá exatamente o que nos é necessário e nos é suficiente: a voz da consciência e os pendores instintivos; ele nos priva do que nos prejudicaria. Acrescentemos ainda que se tivéssemos a recordação dos nossos atos pessoais precedentes, igualmente nos recordaríamos dos atos dos outros, e que esse

conhecimento poderia ter os mais desastrosos efeitos para as relações sociais. Nem sempre podendo nos orgulhar do nosso passado, muitas vezes é melhor que um véu seja lançado sobre ele. Isto concorda perfeitamente com a doutrina dos Espíritos quanto aos mundos superiores ao nosso. Nesses mundos, onde só reina o bem, a lembrança do passado nada tem de penosa; eis por que seus habitantes se lembram da sua existência precedente como nós nos lembramos do que fizemos ontem. Quanto à estadia que podemos ter em mundos inferiores, como já dissemos, não passa então de sonho ruim.

395. Podemos ter algumas revelações sobre nossas existências anteriores?

"Nem sempre, contudo muitos sabem o que eles foram e o que faziam; se lhes fosse permitido dizer abertamente, fariam extraordinárias revelações sobre o passado."

396. Algumas pessoas acreditam ter uma vaga recordação de um passado desconhecido que se apresenta a elas como a imagem fugitiva de um sonho, de que em vão se tenta lembrar. Essa ideia não seria apenas uma ilusão?

"Algumas vezes é real, mas frequentemente também não passa de uma mera ilusão contra a qual o homem precisa se colocar em guarda, pois isso pode ser efeito de uma imaginação superexcitada."

397. Nas existências corpóreas de uma natureza mais elevada do que a nossa, a lembrança das existências anteriores é mais precisa?

"Sim, à medida que o corpo é menos material, recorda-se melhor. A recordação do passado é mais clara para aqueles que habitam os mundos de uma ordem superior."

398. Sendo as tendências instintivas uma reminiscência do seu passado, será que, pelo estudo desses pendores, seria possível o homem conhecer as faltas que cometeu?

"Sem dúvida, até um certo ponto. Porém, é preciso levar em conta o melhoramento que pôde se operar no Espírito, e as resoluções que ele tenha tomado no estado errante. A existência atual pode ser muito melhor do que a derradeira."

398-a. — Poderá também ser pior, quer dizer, a pessoa pode cometer numa existência as faltas que não praticou na existência precedente?

"Depende do seu adiantamento. Se não soube resistir às provações, a pessoa pode ser arrastada a novas faltas que são a consequência da posição que tenha escolhido. Mas, em geral, essas faltas significam mais um estacionamento do que um retrocesso, visto que o Espírito pode avançar ou parar, mas não recuar."

399. Sendo as vicissitudes da vida corporal ao mesmo tempo expiação dos erros passados e provações para o futuro, será que da natureza de tais vicissitudes podemos deduzir o gênero da existência anterior?

"Muito comumente isso é possível, porque cada qual é punido por aquilo que pecou. Entretanto, isso não deve ser uma regra absoluta; as tendências instintivas são uma indicação mais segura, pois as provas pelas quais o Espírito passa são tanto pelo futuro quanto pelo passado."

Tendo chegado o fim marcado pela Providência para sua vida errante, o próprio Espírito escolhe as provas às quais deseja se submeter para apressar o seu adiantamento, isto é, o gênero de existência que acredita ser o mais apropriado a lhe fornecer os meios, e essas provas estão sempre em relação com as faltas que ele deve expiar. Se delas triunfar, ele se eleva; se falhar, tem que recomeçar.

O Espírito desfruta sempre do seu livre-arbítrio. Em virtude dessa liberdade é que ele escolhe as provações da vida corporal e, na condição de desencarnado, ele delibera o que fará ou não fará, optando entre o bem e o mal. Negar ao homem o livre-arbítrio seria reduzi-lo à condição de máquina.

Mergulhado na vida corpórea, o Espírito perde momentaneamente a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as cobrisse. Todavia, algumas vezes ele conserva uma vaga consciência dessas vidas e, em certas circunstâncias, elas podem até lhe ser reveladas. Mas isso não acontece senão pela vontade dos Espíritos superiores, que o fazem espontaneamente, com um propósito útil, e jamais para satisfazer uma vã curiosidade.

As existências futuras não podem ser reveladas em nenhum caso, em razão de que elas dependem da maneira como o Espírito cumprirá a existência atual e da escolha futura do Espírito.

O esquecimento das faltas praticadas não é um obstáculo à melhoria do

Espírito, pois se ele não tem uma exata lembrança delas, o conhecimento que tem delas no estado errante e o desejo que concebeu de repará-las o guiam por intuição e lhe dão o pensamento de resistir ao mal; esse pensamento é a voz da consciência, na qual ele é auxiliado pelos Espíritos que o assistem, quando ele escuta as boas inspirações que lhe são sugeridas.

Se o homem não conhece os próprios atos que praticou em suas existências passadas, pode sempre saber qual o gênero das faltas de que se tornou culpado e qual era sua característica predominante. Bastará então ele estudar a si mesmo e poderá julgar o que foi, não pelo que é, mas sim pelas suas tendências.

As vicissitudes da vida corpórea são ao mesmo tempo uma expiação das faltas passadas e provas para o futuro. Elas nos purificam e nos elevam, conforme nós as suportamos com resignação e sem murmúrio.

A natureza das vicissitudes e das provas que sofremos também podem nos esclarecer acerca do que fomos e do que fizemos, bem como, neste mundo, nós julgamos os atos de um culpado pelo castigo que a lei lhe inflige. Assim, um será castigado no seu orgulho pela humilhação de uma existência subalterna; o rico mau e avarento, será castigado pela miséria; aquele que foi cruel para os outros, o será pelas crueldades que ele impôs; o tirano, pela escravidão; o filho mau, pela ingratidão de seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado etc.

CAPÍTULO VIII

EMANCIPAÇÃO DA ALMA

O sono e os sonhos – Visitas espíritas entre pessoas vivas – Transmissão oculta do pensamento – Letargia, catalepsia. Mortes aparentes – Sonambulismo – Êxtase – Segunda vista – Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da segunda vista

O sono e os sonhos

400. O Espírito encarnado permanece de boa vontade no seu envoltório corporal?

"É como se perguntasse se o prisioneiro gosta da prisão. O Espírito encarnado aspira incessantemente por sua libertação, e quanto mais grosseiro for o envoltório, mais o Espírito deseja ficar livre deste."

401. Durante o sono a alma repousa, como o corpo?

"Não, o Espírito jamais fica inativo. Durante o sono, os laços que o prendem ao corpo se afrouxam e como o corpo não precisa dele, o Espírito percorre o espaço e ***entra em contato mais direto com os outros Espíritos***."

402. Como podemos julgar a liberdade do Espírito durante o sono?

"Pelos sonhos. Creia bem que quando o corpo repousa, o Espírito tem mais faculdades do que quando acordado; ele se lembra do passado e algumas vezes prevê o futuro; ele adquire maior poder e pode entrar em comunicação com os demais Espíritos — ***seja neste mundo, seja no outro***. Muitas vezes você diz: 'Tive um sonho estranho, um sonho horrível, mas que não tem nenhuma verossimilhança'. Você está enganado. Frequentemente é uma

recordação dos lugares e das coisas que você viu ou verá em outra existência ou em outro momento. Estando o corpo entorpecido, o Espírito tenta quebrar sua corrente procurando no passado ou no futuro.

"Pobres homens, que mal conhecem os fenômenos mais comuns da vida! Julgam-se muito cultos e as coisas mais simples lhes confundem. A estas perguntas tão infantis: 'O que fazemos quando dormimos? O que são os sonhos?', ficam impotentes.

"O sono liberta parcialmente a alma do corpo. Quando dormimos, ficamos momentaneamente no estado em que nos encontramos de maneira regular depois da morte. Os Espíritos que desencarnam e rapidamente se desprendem da matéria tiveram sonos inteligentes. Esses Espíritos, quando dormem, reintegram-se à sociedade dos outros seres superiores a eles; eles viajam, conversam e se instruem com estes; trabalham até em obras que encontram concluídas ao morrer. Isso deve lhes ensinar mais uma vez a não temer a morte, pois vocês morrem todos os dias — segundo a expressão de um santo.

"Assim é para os Espíritos elevados; porém para a massa dos homens que, na morte, deve passar longas horas nessa perturbação, nessa incerteza de que lhes falaram, estes vão ou em mundos inferiores à Terra — onde velhas afeições os chamam — ou vão buscar prazeres quem sabe ainda mais baixos do que aqueles que têm aqui; eles vão se nutrir de doutrinas ainda mais desprezíveis, mais detestáveis, mais nocivas do que aquelas que professam no meio de vocês. E o que gera a simpatia na Terra não é outra coisa senão o fato de se sentir, ao despertar, ligado pelo coração àqueles com quem acaba de passar oito ou nove horas de ventura ou de prazer. O que também explica essas antipatias invencíveis é que sabemos no íntimo do nosso coração que essas pessoas têm uma consciência diversa da nossa, porque nós as conhecemos sem nunca as ter visto com os olhos. É ainda isso o que explica a indiferença, pois não cuidamos de fazer novos amigos quando sabemos que temos outros que nos amam e que nos estimam. Numa palavra: o sono influi na vida de vocês mais do que imaginam.

"Por causa do sono, os Espíritos encarnados estão sempre em contato com o mundo dos Espíritos, e é por isso que os Espíritos superiores

consentem em encarnar entre vocês sem grande repulsa. Deus quis que durante o contato deles com o vício eles pudessem ir se revigorar na fonte do bem, para não falharem consigo mesmos, aqueles que vieram instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu em direção aos seus amigos do céu; é a recreação depois do trabalho, enquanto esperam a grande libertação, a libertação final que deve devolvê-los ao verdadeiro ambiente deles.

"O sonho é a lembrança do que o vosso Espírito viu durante o sono. Porém, notem que nem sempre vocês estão sonhando, porque vocês nem sempre se lembram do que viram, ou de tudo o que têm visto. É que a vossa alma não está em todo o seu desenvolvimento; muitas vezes é apenas a lembrança da perturbação que acompanha a sua partida ou regresso, à qual se acrescenta aquilo que vocês fizeram ou o que lhes preocupa no estado de vigília; sem isto, como explicariam os sonhos absurdos que tanto os mais cultos quanto os mais simples têm? Os Espíritos malignos também se aproveitam dos sonhos para atormentar as almas fracas e medrosas.

"De resto, muito em breve vocês verão se desenvolver outra espécie de sonhos; ela é tão antiga quanto a que conhecem, embora a ignorem. O sonho de Joana[39], o sonho de Jacó[40], o sonho dos profetas judeus[41] e de alguns adivinhos indianos[42]: esse sonho é a recordação da alma inteiramente desprendida do corpo, a lembrança dessa segunda vida de que há pouco vos falei.

"Tratem de distinguir esses dois tipos de sonhos dentre aqueles de que vocês se lembram; do contrário, cairiam em contradições e em erros que

---

[39] Menção a Joana D'Arc (1412-1431), heroína francesa que, obedecendo às orientações espirituais, guiou, através de sonhos e visões, o falido exército de seu país vitoriosamente contra os invasores ingleses durante a Guerra dos Cem Anos – N. T.

[40] Menção a Jacó (ou Jacob), um dos patriarcas do povo hebreu, que segundo a Bíblia teve a visão, através de sonho, de uma escada ligando a Terra ao céu pela qual subiam e desciam anjos (um provável sinal das reencarnações). – N. T.

[41] Conforme encontramos em diversas passagens bíblicas, tais como no livro de Joel, 2:28 e Atos dos Apóstolos, 2:17, bem como na emblemática história de José do Egito, o interpretador dos sonhos do faraó, contada no livro de Gênesis, a partir do capítulo 30. – N. T.

[42] É bem sabido que a Índia e outras regiões no seu entorno são repletas de uma milenar tradição espiritualista, envolvendo desdobramentos anímicos e, por conseguinte, visões de dimensões espirituais. – N. T.

seriam funestos para vossa fé.”

Os sonhos são o produto da emancipação da alma tornada mais independente pela suspensão da vida ativa e de relação. Daí uma espécie de clarividência indefinida que se estende aos lugares mais distantes ou que nós jamais vimos, e algumas vezes até a outros mundos. Daí também a lembrança que traz de volta à memória os eventos ocorridos na existência presente ou em existências anteriores; a estranheza das imagens curiosas de que se passa ou se passou nos mundos desconhecidos, entremeados de coisas do mundo atual, formam esses conjuntos bizarros e confusos que parecem não ter nenhum sentido nem conexão.

A incoerência dos sonhos ainda se explica pelas lacunas que produz a recordação incompleta daquilo que nos apareceu em sonho. Tal seria como uma narração da qual frases ou trechos tivessem sido truncadas ao acaso: os fragmentos que restassem, sendo reunidos, perderiam toda a significação racional.

403. Por que nem sempre nos lembramos dos sonhos?

“Aquilo que chamam sono é só o repouso do corpo, visto que o Espírito está sempre em atividade; nisso, ele recobra um pouco da sua liberdade e se corresponde com aqueles que lhe são queridos — seja neste mundo, seja em outros. Mas como o corpo é uma matéria pesada e grosseira, este dificilmente conserva as impressões que o Espírito recebeu, porque o Espírito não percebeu pelos órgãos corporais.”

404. Que se deve pensar dos significados atribuídos aos sonhos?

“Os sonhos não são verdadeiros como os ledores da sorte interpretam, pois seria absurdo acreditar que sonhar com tal coisa anunciaria tal outra. São verdadeiros no sentido de que apresentam imagens reais para o Espírito, porém que, frequentemente, não têm nenhuma relação com o que se passa na vida corporal; muitas vezes também, como temos dito, trata-se de uma recordação; enfim, algumas vezes pode ser um pressentimento do futuro, se Deus o permite, ou a visão do que está acontecendo no mesmo momento em outro lugar ao qual a alma está se transportando. Vocês não têm tantos exemplos de pessoas aparecendo em sonho e vindo contar a seus parentes e amigos o que está se passando com elas? Que são essas aparições senão a

alma ou o Espírito dessas pessoas que vêm se comunicar com a vossa alma? Quando vocês têm a certeza de que aquilo que viram realmente aconteceu, isso não é uma prova que a imaginação nada tem com isso, sobretudo se esse fato não tinha passado pelo vosso pensamento enquanto acordado?”

405. Com frequência se vê em sonho coisas que parecem pressentimentos, mas que não se realizam. De onde vêm essas coisas?

“Pode ser que se realizem para o Espírito, senão para o corpo. Quer dizer que o Espírito viu aquilo que desejava, ***porque vai procurá-la***. É preciso não esquecer que durante o sono a alma está sempre mais ou menos sob a influência da matéria e que, por conseguinte, nunca se liberta completamente das ideias terrestres; disso resulta que as preocupações da vigília podem dar àquilo que se vê a aparência do que se deseja, ou do que se teme; é a isso o que realmente podemos chamar um efeito da imaginação. Quando se está seriamente preocupado com uma ideia, atribui-se a ela tudo o que se vê.”

406. Quando vemos em sonho pessoas vivas, que conhecemos bem, a praticarem atos nos quais elas absolutamente não pensam, isso não é efeito de pura imaginação?

“O que você sabe sobre o que elas absolutamente não pensam? O Espírito delas pode vir visitar o teu, como o teu pode visitar o delas, e nem sempre você sabe no que ele pensa. E assim, frequentemente, vocês aplicam às pessoas que conhecem — e de acordo com vossos desejos — o que se passou ou está se passando em outras existências.”

407. É necessário o sono completo para a emancipação do Espírito?

“Não, o Espírito recobra sua liberdade quando os sentidos se entorpecem; para se emancipar, ele se aproveita de todos os instantes de trégua que o corpo lhe concede. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende, e quanto mais fraco for o corpo, mais o Espírito fica livre.”

É assim que a sonolência, ou um simples entorpecimento dos sentidos apresenta muitas vezes as mesmas imagens do sono.

408. Algumas vezes parece que ouvimos em nós mesmos palavras pronunciadas distintamente e que não têm nenhum nexo com o que nos preocupa. De onde vem isso?

"Sim, e até mesmo frases inteiras, principalmente quando os sentidos começam a se entorpecer. Algumas vezes é um eco fraco de um Espírito que quer se comunicar contigo."

409. Doutras vezes, num estado que ainda não é bem o do adormecimento, quando estamos com os olhos fechados, vemos imagens distintas, figuras das quais captamos os mínimos detalhes. É um efeito da visão ou da imaginação?

"Estando o corpo entorpecido, o Espírito procura se desprender: ele se transporta e vê; se o sono fosse completo, isso seria um sonho."

410. Às vezes durante o sono ou adormecimento, temos ideias que nos parecem muito boas e que, apesar dos esforços que façamos para retê-las, apagam-se da memória. Donde vêm essas ideias?

"Elas são o resultado da liberdade do Espírito que se emancipa e que desfruta melhor das suas faculdades durante esse momento. Também são conselhos que frequentemente outros Espíritos dão."

410-a. — Para que servem essas ideias e esses conselhos já que perdemos a lembrança deles e não podemos aproveitá-los?

"Essas ideias pertencem por vezes mais ao mundo dos Espíritos do que ao mundo corporal. Porém o mais frequente é que, se o corpo esquece, o Espírito se lembra, e a ideia retorna na hora necessária como uma inspiração de momento."

411. O Espírito encarnado, nos momentos em que está desprendido da matéria e agindo como Espírito, ele sabe a época da sua morte?

"Muitas vezes ele a pressente; às vezes tem nítida consciência dela, e é isso que, em estado de vigília, lhe dá a sua intuição. Por isso é que algumas pessoas frequentemente preveem sua morte com uma grande exatidão."

412. A atividade do Espírito durante o repouso ou o sono do corpo pode

causar fatiga a este último?

"Pode sim, pois o Espírito está ligado ao corpo, qual o balão preso ao poste. Ora, do mesmo modo como as sacudidas do balão abalam o poste, a atividade do Espírito reage sobre o corpo e pode lhe causar fatiga."

Visitas espíritas entre pessoas vivas

413. Pelo princípio da emancipação da alma durante o sono, parece que temos uma dupla existência simultaneamente: a do corpo, que nos dá a vida de relação exterior; e a da alma, que nos proporciona a vida de relação oculta. Isso está correto?

"No estado de emancipação a vida do corpo cede à vida da alma, contudo, propriamente falando, não há duas existências: são antes duas fases da mesma existência, pois o homem não vive duplamente."

414. Duas pessoas que se conhecem podem se visitar durante o sono?

"Certamente, e muitos daqueles que acreditam não se conhecerem reúnem-se e se falam. Sem suspeitar disso, você pode ter amigos em outro país. O fato de ir ver durante o sono amigos, parentes, conhecidos, pessoas que podem lhe ser úteis, é tão frequente que vocês o fazem quase todas as noites."

415. Qual pode ser a utilidade dessas visitas noturnas se não as recordamos?

"Normalmente fica uma intuição dessas visitas ao acordar, e com frequência essa é a origem de certas ideias que vêm espontaneamente, sem que se possa explicá-las, e que não são outras senão aquelas que se adquire nessas conversas."

416. O homem pode provocar as visitas espíritas por vontade própria? Por exemplo, ele pode dizer ao adormecer: esta noite eu quero me encontrar em Espírito com tal pessoa, conversar com ela e lhe dizer tal coisa?

"O que se passa é o seguinte: a pessoa adormece, seu Espírito desperta e o que ela havia decidido muitas vezes o Espírito está bem longe de seguir,

porque a vida humana pouco interessa ao Espírito quando ele está desprendido da matéria. Assim é para os homens já bastante elevados; os outros passam sua existência espiritual de maneira toda diferente; eles se entregam às suas paixões ou ficam na inatividade. Portanto, pode acontecer que, conforme o motivo a que se propõe, o Espírito vá visitar as pessoas que deseja, mas do fato de ele ter essa vontade enquanto desperto, isso não é uma razão para que ele o faça."

417. Assim, um determinado número de Espíritos encarnados poderia se reunir e formar assembleias?

"Sem nenhuma dúvida. Os laços de amizade — antigos ou recentes — costumam reunir desse modo diversos Espíritos, felizes por estarem juntos."

Pelo termo "antigos", devemos entender os laços de amizade que firmamos em existências anteriores. Ao despertar, guardamos uma intuição das ideias que adquirimos nessas conversas ocultas, mas das quais ignoramos a fonte.

418. Uma pessoa que pensasse que um de seus amigos estivesse morto, sem que assim ele estivesse, poderia encontrar-se com ele em Espírito e saber que este continua vivo? E, nesse caso, essa pessoa poderia ter a intuição disso ao acordar?

"Como Espírito, ela certamente pode vê-lo e saber sua situação. Se não lhe foi imposto como uma prova acreditar na morte de seu amigo, ela terá um pressentimento de sua existência, como poderá ter de sua morte."

Transmissão oculta do pensamento

419. Como pode ser que uma mesma ideia — a de uma descoberta, por exemplo — surja em diversos lugares ao mesmo tempo?

"Já dissemos que durante o sono os Espíritos se comunicam entre si. Pois bem, quando o corpo desperta, o Espírito se lembra do que aprendeu e o homem acredita tê-lo inventado. Assim, muitos podem descobrir a mesma coisa ao mesmo tempo. Quando dizem que uma ideia está no ar, isso é uma

figura de linguagem mais exata do que acreditam; cada um contribui para propagá-la sem suspeitar disso."

Assim, nosso próprio Espírito muitas vezes revela a outros Espíritos — e sem nosso conhecimento — o que constituía o objeto de nossas preocupações quando acordados.

420. Os Espíritos podem se comunicar se o corpo estiver completamente acordado?

"O Espírito não fica confinado no corpo como numa caixa: ele irradia por todos os lados. É por isso que ele pode se comunicar com outros Espíritos, mesmo em estado de vigília, embora o façam mais dificilmente."

421. Como se explica que duas pessoas perfeitamente acordadas tenham às vezes instantaneamente o mesmo pensamento?

"São dois Espíritos simpáticos que se comunicam e reciprocamente veem seu pensamento, mesmo quando o corpo não está dormindo."

Há entre os Espíritos que se reencontram uma comunicação de pensamentos que faz com que duas pessoas se vejam e se compreendam sem precisarem dos sinais exteriores da linguagem. Poderíamos dizer que falam entre si a linguagem dos Espíritos.

Letargia, catalepsia, mortes aparentes

422. Os letárgicos e os catalépticos veem e escutam geralmente o que se passa ao redor deles, mas não podem manifestá-los. É pelos olhos e pelos ouvidos do corpo que veem e escutam?

"Não; é pelo Espírito. O Espírito está consciente, entretanto não pode se comunicar."

422-a. — Por que ele não pode se comunicar?

"O estado do corpo se opõe a isso. Esse estado particular dos órgãos lhes dá a prova de que há no homem outra coisa além do corpo, porque o corpo não funciona mais, e que o Espírito está agindo."

423. Na letargia, o Espírito pode se separar inteiramente do corpo, de maneira a lhe dar todas as aparências da morte e a ele voltar em seguida?

"Na letargia, o corpo não está morto, porque há funções que continuam se realizando. A vitalidade neles está em estado latente, como na crisálida; porém ela não está aniquilada. Ora, o Espírito fica unido ao corpo enquanto este vive; uma vez que os laços sejam rompidos pela morte ***real*** e pela desagregação dos órgãos, a separação fica completa e o Espírito não volta mais ali. Quando um homem que tem as aparências da morte volta à vida, é que a morte não estava completa."

424. Por meio de cuidados dispensados a tempo, pode-se reatar os laços prestes a se romperem e restituir à vida um ser que, por falta de socorro, estaria definitivamente morto?

"Sim, indubitavelmente, e todos os dias vocês têm a prova disso. Em tais casos, o magnetismo muitas vezes é um poderoso mecanismo, porque ele restitui ao corpo o fluido vital que lhe falta e que era insuficiente para manter o funcionamento dos órgãos."

A letargia e a catalepsia têm o mesmo princípio, que é a perda momentânea da sensibilidade e do movimento por uma causa fisiológica ainda inexplicada. Elas diferem uma da outra em que, na letargia, a suspensão das forças vitais é generalizada e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia a paralisação fica localizada e pode afetar uma parte mais ou menos extensa do corpo, de maneira a permitir a inteligência livre se manifestar, o que não permite ser confundida com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é por vezes espontânea, mas pode ser provocada e cessada artificialmente pela ação magnética.

Sonambulismo

425. O sonambulismo natural tem relação com os sonhos? Como explicá-lo?

"É uma independência da alma, mais completa do que no sonho, em que suas capacidades estão mais desenvolvidas; ela tem percepções de que não dispõe no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito.

"No sonambulismo, o Espírito está inteiramente por si mesmo; os órgãos materiais, estando em algum estágio de catalepsia, não recebem mais as impressões ***exteriores***. Esse estado se manifesta principalmente durante o sono; é o momento em que o Espírito pode provisoriamente deixar o corpo, ficando este entregue ao repouso indispensável à matéria. Quando ocorrem os fatos do sonambulismo, é que o Espírito — preocupado com uma coisa ou outra — se lança a uma ação qualquer que requer o uso do seu corpo, do qual ele então se serve de forma semelhante ao uso que se faz de uma mesa ou de outro objeto material no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo da mão de vocês nas comunicações escritas. Nos sonhos dos quais temos consciência, os órgãos — inclusive os da memória — começam a se despertar; recebem imperfeitamente as impressões produzidas por objetos ou causas externas e as comunicam ao Espírito, que, então também ele em repouso, não percebe mais do que sensações confusas e muitas vezes desconexas, e sem nenhuma aparente razão de ser, misturadas que são elas com vagas recordações — seja desta existência, seja de existências anteriores. Fica fácil assim compreender por que os sonâmbulos não guardem nenhuma lembrança e por que os sonhos, dos quais conservamos a memória, as mais das vezes não fazem nenhum sentido. Digo as mais das vezes porque também ocorre que eles sejam a consequência de uma lembrança exata de acontecimentos de uma vida anterior, e algumas vezes até uma espécie de intuição do futuro."

426. O chamado sonambulismo magnético tem alguma relação com o sonambulismo natural?

"É a mesma coisa, exceto que ele é provocado."

427. Qual a natureza do agente chamado fluido magnético?

"Fluido vital; eletricidade animalizada, que são modificações do fluido universal."

428. Qual é a causa da clarividência sonambúlica?

"Já o dissemos: ***é a alma que vê***."

429. Como o sonâmbulo pode ver através dos corpos opacos?

"Só há corpos opacos para os vossos órgãos grosseiros; já dissemos que para o Espírito a matéria não oferece nenhum obstáculo, pois ele a atravessa facilmente. Frequentemente o sonâmbulo lhes diz que vê pela testa, pelo joelho etc., porque vocês, inteiramente presos à matéria, não compreendem que lhe seja possível ver sem o auxílio dos órgãos; ele próprio, pela aspiração que vocês têm, acredita ter necessidade desses órgãos. Porém, se o deixassem livre, ele compreenderia que vê por todas as partes do seu corpo, ou, melhor dizendo, é fora do corpo que ele vê."

430. Já que a clarividência do sonâmbulo é a de sua alma, ou de seu Espírito, por que é que ele não vê tudo e por que ele muitas vezes se engana?

"Primeiramente, não é permitido aos Espíritos imperfeitos ver e conhecer tudo; você sabe bem que eles ainda partilham dos seus erros e preconceitos. Além disso, enquanto estão presos à matéria, eles não dispõem de todas as suas faculdades de Espírito. Deus dá ao homem essa capacidade com um objetivo útil e sério, e não para aprender o que não deva saber. Eis por que os sonâmbulos não podem dizer tudo."

431. Qual a fonte das ideias inatas do sonâmbulo e como ele pode falar com exatidão de coisas que ignora no estado de desperto, coisas que estão até mesmo acima de sua capacidade intelectual?

"Acontece que o sonâmbulo tem mais conhecimentos do que você supõe; eles estão apenas adormecidos, porque seu corpo é bastante imperfeito para que possa se lembrar das coisas. Mas afinal, o que ele é? É um Espírito, como nós, que está encarnado na matéria para cumprir sua missão, e o estado em que ele entra o desperta dessa letargia. Nós já te dissemos repetidamente que vivemos várias vezes: é essa mudança que faz o sonâmbulo perder materialmente o que ele pôde aprender numa existência precedente; ao entrar no estado que você chama de ***transe***, ele se recorda, mas nem sempre de uma maneira completa; ele sabe, mas não poderia dizer de onde ele sabe, nem como possui esses conhecimentos. Passado o transe, toda a lembrança se apaga e volta à obscuridade."

A experiência mostra que os sonâmbulos também recebem comunicações de outros Espíritos que lhes transmitem o que eles devem dizer, e suprem a sua insuficiência. Isto se verifica principalmente nas prescrições médicas: o Espírito do sonâmbulo vê a moléstia e um outro lhe indica o remédio. Essa dupla ação às vezes é evidente e se revela também por essas expressões bastante frequentes: ***eles*** me mandam dizer, ou ***eles*** me proíbem que eu diga coisa. Neste último caso, há sempre perigo em insistir para se obter uma revelação recusada, porque então se dá ensejo a Espíritos levianos que falam de tudo sem escrúpulo e sem se importarem com a verdade.

432. Como explicar a visão à distância em certos sonâmbulos?

"A alma não se transporta durante o sono? É a mesma coisa no sonambulismo."

433. O desenvolvimento maior ou menor da clarividência sonambúlica depende da organização física ou da natureza do Espírito encarnado?

"De uma e da outra: há disposições físicas que permitem ao Espírito se desprender mais ou menos facilmente da matéria."

434. As faculdades das quais o sonâmbulo desfruta são as mesmas que aquelas do Espírito após a morte?

"Somente até certo ponto, pois é preciso levar em conta a influência da matéria à qual ele ainda se acha ligado."

435. O sonâmbulo pode ver os outros Espíritos?

"A maioria deles os vê muito bem, dependendo do grau e da natureza de sua lucidez. Entretanto, algumas vezes eles não percebem de pronto, e os confundem com seres corpóreos. Isso acontece sobretudo com aqueles que não têm nenhum conhecimento do Espiritismo; ainda não compreendem a essência dos Espíritos; isso os espanta, e é por isso que eles creem estar vendo pessoas vivas."

O mesmo efeito se produz no momento da morte com os que ainda se julgam vivos. Nada ao redor deles lhes parece modificado, os Espíritos lhes parecem ter

corpos iguais aos nossos, e eles confundem a aparência de seu próprio corpo com o de um corpo real.

436. Quanto ao sonâmbulo que vê à distância, ele enxerga do ponto onde seu corpo está, ou daquele onde está a sua alma?

"Por que essa pergunta, já que é alma que vê, e não o corpo?"

437. Já que é a alma que se transporta, como o sonâmbulo pode experimentar no seu corpo as sensações de calor ou de frio do lugar onde se encontra sua alma, e que muitas vezes está bem distante do seu corpo?

"A alma não saiu inteiramente do corpo; ela está sempre presa a ele pelo laço que os une; é esse laço que é o condutor das sensações. Quando duas pessoas se comunicam de uma cidade para outra por meio da eletricidade[43], é esta eletricidade que é o laço entre os seus pensamentos. Daí por que as pessoas se comunicam como se estivessem uma ao lado da outra."

438. O uso que um sonâmbulo faz da sua faculdade influencia o estado do seu Espírito depois da morte?

"Bastante, assim como a utilização boa ou má de todas as capacidades que Deus deu ao homem."

Êxtase

439. Que diferença há entre o êxtase e o sonambulismo?

"O êxtase é um sonambulismo mais apurado. A alma do extático fica ainda mais independente."

440. O Espírito do extático penetra realmente nos mundos superiores?

"Sim, ele os vê e compreende a felicidade daqueles que lá habitam, razão pela qual deseja permanecer lá. Porém, há mundos inacessíveis aos Espíritos que ainda não estão suficientemente purificados."

---

[43] Referência ao telégrafo, ou telegrafia, o mais avançado de telecomunicações daquela época (meados do século XIX) — N. T.

441. Quando o extático manifesta o desejo de deixar a Terra, ele fala sinceramente e não é contido pelo instinto de conservação?

"Isso depende do grau de purificação do Espírito: se ele vê sua situação futura melhor do que sua vida presente, então fará esforços para romper os laços que o prendem à Terra."

442. Se deixássemos o extático entregue a si mesmo, sua alma poderia abandonar o corpo definitivamente?

"Sim e ele pode morrer. Por isso é preciso chamá-lo de volta, por tudo o que pode ligá-lo a este mundo, e sobretudo lhe fazendo compreender que se ele quebrasse a corrente que o retém aqui, isso seria o meio verdadeiro de não permanecer lá onde ele vê que seria feliz."

443. Há coisas que o extático alega ver e que são evidentemente produto de uma imaginação impressionada pelas crenças e concepções terrenas. Tudo o que ele vê então não é real?

"Aquilo que o extático vê é real para ele, mas como seu Espírito está sempre sob a influência das ideias terrenas, ele pode ver à sua maneira, ou, melhor dizendo, ele pode descrevê-lo numa linguagem apropriada às suas concepções e ideias com as quais tem sido criado, ou às vossas ideias, a fim de melhor se fazer compreender. É nesse sentido principalmente que ele pode errar."

444. Que grau de confiança podemos depositar nas revelações dos extáticos?

"O extático muito frequentemente pode se enganar sobretudo quando ele pretende penetrar naquilo que deva continuar a ser um mistério para o homem, porque então se deixa levar pelas suas próprias ideias, ou se torna joguete de Espíritos enganadores, ***que se aproveitam de seu entusiasmo*** para lhe fascinar."

445. Quais consequências podemos tirar dos fenômenos do sonambulismo e do êxtase? Não seriam eles uma espécie de iniciação à vida futura?

"Ou para dizer melhor, é a vida passada e a vida futura que o homem entrevê. Estudem esses fenômenos e aí encontrarão a solução de muitos

mistérios que a vossa razão inutilmente procura penetrar."

446. Os fenômenos do sonambulismo e do êxtase poderiam estar de acordo com o materialismo?

"Aquele que estudá-los de boa-fé e sem preconceito não poderá ser nem materialista nem ateu."

Segunda vista

447. O fenômeno designado pelo nome de ***segunda vista***[44] tem alguma relação com o sonho e o sonambulismo?

"Tudo isso não passa de uma coisa só. O que você chama de ***segunda vista*** é ainda o Espírito que está mais liberto, sem que o corpo esteja adormecido. A segunda vista é a visão da alma."

448. A segunda vista é permanente?

"A faculdade é; o exercício não. Nos mundos menos materiais do que o vosso, os Espíritos se desprendem mais facilmente e se põem em comunicação apenas pelo pensamento — porém, sem excluir a linguagem articulada. Assim sendo, a dupla vista é uma faculdade permanente para a maioria dos habitantes daqueles mundos; seu estado normal pode ser comparado ao dos sonâmbulos lúcidos do vosso mundo, e essa também é a razão pela qual eles se manifestam a vocês mais facilmente do que aqueles que estão encarnados nos corpos mais grosseiros."

449. A segunda vista se desenvolve espontaneamente ou pela vontade daquele que é dotado desta faculdade?

"Mais frequentemente ela é espontânea, entretanto a vontade muitas vezes também desempenha um importante papel no seu desenvolvimento. Assim, pegue como exemplo certas pessoas que chamamos leitoras da sorte,

---

[44] Também conhecida por ***dupla vista***, como às vezes Allan Kardec assim se refere — N. T.

algumas das quais dispõem dessa capacidade, e você verá que é a vontade que as ajudam a entrar nessa segunda vista, e no que você chama visão."

450. A segunda vista é suscetível de se desenvolver através do exercício?

"Sim, o trabalho traz sempre o progresso, e o véu que encobre as coisas se desfaz."

450-a. — Essa faculdade tem qualquer relação com a organização física?

"Certamente o organismo desempenha aí o seu papel, e há organismos que são refratários à segunda vista."

451. Por que é que a segunda vista parece hereditária em algumas famílias?

"Pela semelhança do organismo, que se transmite como as outras qualidades físicas, e depois, pelo desenvolvimento da faculdade por uma espécie de educação, que também se transmite de um a outro."

452. É verdade que certas circunstâncias desenvolvem a segunda vista?

"A enfermidade, a proximidade de um perigo ou uma grande comoção podem desenvolvê-la. O corpo às vezes fica num estado particular que permite ao Espírito ver o que vocês não podem ver com os olhos do corpo."

Tempos de crises e de calamidades, fortes emoções, enfim, todas as causas que superexcitam o moral provocam algumas vezes o desenvolvimento da segunda vista. Parece que, diante do perigo, a Providência nos dá o meio de conjurá-lo. Todas as seitas todos os partidos perseguidos oferecem inúmeros exemplos disso.

453. As pessoas dotadas da segunda vista sempre têm consciência disso?

"Nem sempre. Para elas, isso é uma coisa muito natural e muitas delas acreditam que se todo mundo se observasse, todos deveriam ser iguais."

454. Poderíamos atribuir a um tipo de segunda vista a perspicácia de algumas pessoas que, sem ter nada de extraordinário, julgam as coisas com mais precisão do que outras?

"É sempre a alma que irradia mais livremente e que aprecia melhor do que sob o véu da matéria."

454-a. — Em certos casos, essa faculdade pode dar a presciência das coisas?

"Pode sim, bem como pode dar pressentimentos, pois há vários graus nessa faculdade, e a mesma pessoa pode ter todos os graus ou só alguns deles."

Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da segunda vista

455. Os fenômenos do sonambulismo natural se produzem espontaneamente e são independentes de toda causa exterior conhecida, porém em certas pessoas dotadas de um organismo especial, esses fenômenos podem ser provocados artificialmente pela ação do agente magnético.

O estado definido pelo nome ***sonambulismo magnético*** não difere do sonambulismo natural senão por ele ser provocado, enquanto este outro é espontâneo.

O sonambulismo natural é um fato notório que ninguém mais cogita pôr em dúvida, malgrado o aspecto maravilhoso dos fenômenos que ele apresenta. O que o sonambulismo magnético tem então de mais extraordinário ou mais irracional por ele ser produzido artificialmente, como tantas outras coisas? Dizem que os charlatães o têm explorado; mais uma razão para não lhe deixar nas mãos deles. Quando a ciência tiver se apropriado dele, o charlatanismo terá bem menos crédito sobre as pessoas, mas enquanto isso, como o sonambulismo natural ou artificial é um fato, e já que contra fatos não há argumento possível, ele se credencia, não obstante a má vontade de alguns, e isso até mesmo na ciência, onde ele penetra por uma multiplicidade de pequenas portas em vez de passar pela grande. Quando ele lá estiver se firmado, será preciso lhe conceder direito de cidadania.

Para o Espiritismo, o sonambulismo é mais que um fenômeno fisiológico, é uma luz lançada sobre a psicologia; é aí que se pode estudar a alma, porque nele ela se mostra descoberta. Ora, um dos fenômenos pelos quais a alma se caracteriza é o da clarividência independente dos órgãos comuns da vista. Os que contestam esse fato se apoiam em que o sonâmbulo nem sempre vê, e

conforme a vontade do experimentador, como se vê com os olhos. É de se admirar que, sendo os meios diferentes, os efeitos não sejam mais os mesmos? É racional querer efeitos idênticos quando o instrumento não existe mais? A alma tem suas propriedades assim como o olho tem as suas; é preciso julgá-las em si mesmas e não por analogia.

A causa da clarividência do sonambulismo magnético e do sonambulismo natural é igualmente a mesma: ***é um atributo da alma***, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que está em nós, e que não tem limites além daqueles que são assinalados à própria alma. Ele enxerga por toda a parte para onde sua alma possa se transportar, seja qual for a distância.

Na visão à distância, o sonâmbulo não vê as coisas do lugar em que está seu corpo, e sim como por um efeito telescópico. Ele as vê presentes e como se estivesse no lugar onde elas existem, porque sua alma está lá na realidade. É por isso que seu corpo fica como se estivesse aniquilado e parece privado de sensações até o momento em que a alma venha retomar posse dele. Essa separação parcial da alma e do corpo é um estado anormal que pode ter uma duração mais ou menos longa, mas não indefinida; é a causa do cansaço que o corpo sente após certo tempo, principalmente quando a alma se entrega a um trabalho ativo.

Como a visão da alma ou do Espírito não é circunscrito e não tem um ponto determinado, isso é o que explica por que os sonâmbulos não podem lhe assinalar um órgão especial; eles veem porque veem, sem saber nem por que nem como, já que para eles, como Espírito, a vista não tem sede própria. ***Quando eles se voltam ao seu corpo***, essa sede lhes parece estar nos centros onde a atividade vital é maior, principalmente no cérebro, na região epigástrica, ou no órgão que para eles é o ponto de ligação ***mais forte*** entre o Espírito e o corpo.

O poder da lucidez sonambúlica não é indefinido. O Espírito, mesmo completamente liberto do corpo, está limitado em suas faculdades e nos conhecimentos segundo o grau de perfeição ao qual ele atingiu; e mais ainda quando estiver ligado à matéria da qual sofre influência. Tal é a causa pela qual a clarividência sonambúlica não é universal, nem infalível. Muito menos

se pode contar com sua infalibilidade quanto mais se desvia do objetivo proposto pela natureza e quanto mais se faz dela objeto de curiosidade e de ***experimentação***.

No estado de desprendimento em que se encontra o Espírito do sonâmbulo, ele entra em comunicação mais fácil com outros Espíritos ***encarnados*** ou ***não encarnados***; essa comunicação se estabelece pelo contato dos fluidos que compõem os perispíritos e servem de transmissão para o pensamento — como o fio elétrico. Portanto, o sonâmbulo não tem necessidade de que o pensamento seja articulado pela palavra: ele o sente e adivinha; é isso que o torna extremamente impressionável e acessível às influências da atmosfera moral em que se encontra localizado. É também por isso que uma assistência numerosa de espectadores — e sobretudo de curiosos mais ou menos malévolos — prejudica essencialmente o desenvolvimento dessas faculdades que se recolhem, por assim dizer, em si mesmas, e não se desdobram com toda a liberdade como na intimidade e num meio harmônico. ***A presença de pessoas mal-intencionadas ou antipáticas produz sobre o sonâmbulo o efeito do contato da mão sobre a planta sensitiva***.

O sonâmbulo vê às vezes seu próprio Espírito e seu próprio corpo; por assim dizer, são dois seres que representam sua dupla existência — espiritual e corporal — e, portanto, se confundem pelos laços que lhes unem. Nem sempre o sonâmbulo se dá conta dessa situação, e essa ***dualidade*** faz com que frequentemente ele fale de si como se falasse de uma pessoa estranha; é que, às vezes, é o ser corporal que fala ao ser espiritual e, noutras tantas vezes, é o ser espiritual que fala ao ser corporal.

O Espírito adquire um acréscimo de conhecimento e de experiência a cada uma de suas existências corporais. Ele os esquece em parte, durante sua encarnação numa matéria muito grosseira, ***mas sempre se lembra disso como Espírito***. É assim que certos sonâmbulos revelam conhecimentos superiores ao grau da sua instrução e até mesmo de suas aparentes capacidades intelectuais. A inferioridade intelectual e científica do sonâmbulo no estado de vigília não prejudica em nada nos conhecimentos que ele pode revelar no estado lúcido. Conforme as circunstâncias e o objetivo a que se

proponha, ele pode tirá-las de sua própria experiência, na clarividência das coisas presentes ou nos conselhos que recebe de outros Espíritos; mas como seu próprio Espírito pode ser mais ou menos avançado, ele pode então dizer coisas mais ou menos exatas.

Pelos fenômenos do sonambulismo — seja natural, seja magnético — a Providência nos dá a prova irrecusável da existência e da independência da alma, e nos faz assistir ao espetáculo sublime da sua emancipação; com isso, ela nos abre o livro de nossa destinação. Quando o sonâmbulo descreve o que se passa à distância, é evidente que ele vê, mas não pelos olhos do corpo; vê a si mesmo e se sente transportado para lá; há, portanto, algo dele naquele lugar, e esse algo, não sendo seu corpo, só pode ser sua alma ou Espírito. Enquanto o homem se perde nas sutilezas de uma metafísica abstrata e ininteligível para correr em busca das causas de nossa existência moral, Deus coloca diariamente ao alcance dos seus olhos e de suas mãos os meios mais simples e evidentes para o estudo da psicologia experimental.

O êxtase é o estado no qual a independência da alma e do corpo se manifesta de maneira mais sensível e se torna de certo modo palpável.

No sonho e no sonambulismo, a alma percorre os mundos terrestres; no êxtase, ela penetra num mundo desconhecido, naqueles dos Espíritos etéreos com os quais entra em comunicação, sem poder, todavia, ultrapassar certos limites que ela não teria como transpor sem romper totalmente os laços que a prendem ao corpo. Um estado resplandecente completamente novo a envolve, harmonias desconhecidas na Terra a arrebatam, um bem-estar indefinível a penetra: a alma desfruta por antecipação da beatitude celeste, ***e podemos dizer que ela põe um pé sobre o limiar da eternidade***.

No estado de êxtase o aniquilamento do corpo é quase completo; por assim dizer, não há mais do que a vida orgânica, e sente-se que a alma está ligada a ele apenas por um fio que um esforço a mais o romperia sem volta.

Nesse estado, todos os pensamentos terrestres desaparecem para dar lugar ao sentimento puro, que é a própria essência de nosso ser imaterial. Inteiramente devotado a essa contemplação sublime, o extático encara a vida apenas como uma paragem momentânea; para ele, tanto o bem quanto o mal, as alegrias grosseiras e misérias daqui debaixo não passam de incidentes

fúteis de uma viagem da qual ele é feliz por ver o término.

Ocorre com os extáticos assim como com os sonâmbulos: sua lucidez pode ser mais ou menos perfeita e seu próprio Espírito — conforme for mais ou menos elevado — estará também mais ou menos apto a conhecer e a compreender as coisas. Há neles, algumas vezes, mais exaltação do que verdadeira lucidez, ou, para melhor dizer, sua exaltação prejudica sua lucidez. É por isso que suas revelações são frequentemente uma mistura de verdades e de erros, de coisas sublimes e de coisas absurdas, ou até mesmo ridículas. Os Espíritos inferiores se aproveitam muitas vezes dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza quando não se sabe reprimi-la, para dominar o extático, e para efeito eles se revestem aos seus olhos de ***aparências*** que o mantêm nas suas ideias e preconceitos de quando acordado. Isso representa uma dificuldade, mas nem todos são assim; cabe a nós julgarmos friamente e pesarmos suas revelações na balança da razão.

A emancipação da alma se manifesta algumas vezes no estado de vigília e produz o fenômeno conhecido como ***segunda vista***, que dá àqueles que dela são dotados a faculdade de ver, de ouvir e de sentir ***além dos limites de nossos sentidos***. Eles percebem coisas ausentes em toda parte para onde a alma estenda sua ação; eles as veem, por assim dizer, através da visão comum e por uma espécie de miragem.

No momento em que se produz o fenômeno da segunda vista, o estado físico é sensivelmente modificado; o olhar tem qualquer coisa de vago: ele olha sem ver; a fisionomia toda reflete uma espécie de exaltação. Constata-se que os órgãos da visão lhe são estranhos, no que a visão persiste, apesar dos olhos fechados.

Essa faculdade, para aqueles que dela desfrutam, parece tão natural quanto a faculdade de enxergar; é para eles um atributo do seu ser, que não lhes parece excepcional. O esquecimento na maioria das vezes segue essa lucidez passageira, da qual a lembrança, cada vez mais vaga, acaba por desaparecer como a lembrança de um sonho.

A capacidade da segunda vista varia desde a sensação confusa até a percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes. No estado rudimentar, ela dá a certas pessoas o tato, a perspicácia, um tipo de segurança

em seus atos que se pode chamar de ***precisão do golpe de vista moral.*** Mais desenvolvida, ela desperta os pressentimentos; ainda mais desenvolvida, ela mostra eventos ocorridos ou a ponto de ocorrer.

O sonambulismo natural e artificial, assim como o êxtase e a segunda vista, não são mais do que variedades ou modificações de uma mesma causa. Esses fenômenos, do mesmo modo que os sonhos, estão na natureza; eis por que têm existido desde todos os tempos. A história nos mostra que eles foram conhecidos e até mesmo explorados desde a mais alta Antiguidade, e nisso se encontra a explicação de uma diversidade de fatos que os preconceitos fizeram com que fossem vistos como sobrenaturais.

CAPÍTULO IX

INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL

Penetração de nosso pensamento pelos Espíritos – Influência oculta dos Espíritos nos nossos pensamentos e ações – Possessos – Convulsionários – Afeição dos Espíritos por certas pessoas – Anjos guardiões. Espíritos protetores, familiares ou simpáticos – Pressentimentos – Influência dos Espíritos sobre os acontecimentos da vida – Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da natureza – Os Espíritos durante os combates – Pactos – Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros – Bênçãos e maldições

Penetração de nosso pensamento pelos Espíritos

456. Os Espíritos veem tudo o que nós fazemos?

"Eles podem ver, já que vocês estão constantemente rodeados deles. Porém, cada um só vê as coisas nas quais presta atenção, pois para aquelas coisas que são irrelevantes para o Espírito, ele não se ocupa com estas."

457. Os Espíritos podem conhecer nossos pensamentos mais ocultos?

"Muitas vezes eles conhecem o que vocês desejariam ocultar até de vocês mesmos. Nem atos e nem pensamentos podem ser escondidos deles."

457-a. — Assim sendo, seria mais fácil escondermos uma coisa de uma pessoa viva, já que não podemos esconder dessa mesma pessoa depois de sua morte?

"Certamente, e quando se julgam muito bem escondidos, com

frequência vocês têm uma multidão de Espíritos ao vosso lado que os observam.”

458. O que pensam de nós os Espíritos que nos rodeiam e nos observam?

“Isso depende: os Espíritos levianos riem das pequenas travessuras que eles lhes pregam e zombam de vossas impaciências; os Espíritos sérios lamentam vossos reveses e procuram vos ajudar.”

Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos

459. Os Espíritos influenciam nossos pensamentos e nossas ações?

“A esse respeito, a influência deles é maior do que vocês imaginam, pois frequentemente são eles que vos dirigem.”

460. Temos pensamentos que são propriamente nossos e outros que nos são sugeridos?

“Vossa alma é um Espírito que pensa; vocês não ignoram que vários pensamentos lhes venham ao mesmo tempo, sobre um mesmo assunto, e muitas vezes bem contrários uns aos outros. Pois bem! Sempre há neles os vossos e os nossos. É isso o que lhes põe na incerteza, porque vocês têm em vosso íntimo duas ideias que se contradizem.”

461. Como distinguir os pensamentos que são propriamente nossos daqueles que nos são sugeridos?

“Quando um pensamento é sugerido, é como uma voz que lhes fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os de primeiro impulso. De resto, não há grande importância para vocês nessa distinção, e muitas vezes é útil que não saibam distingui-los: assim o homem age mais livremente, e caso decida fazer o bem, ele o fará mais voluntariamente; se tomar o mau caminho, ele só terá mais responsabilidade por isso.”

462. Os homens inteligentes e geniais sempre tiram suas ideias do seu

próprio íntimo?

"Algumas vezes as ideias vêm do próprio Espírito deles, porém tantas outras vezes elas lhes são sugeridas por outros Espíritos que os julgam capazes de compreendê-las e dignos de as transmitir. Quando tais homens não encontram ideias em si mesmos, eles apelam para a inspiração; é uma evocação que eles fazem sem suspeitarem disso."

Se fosse útil que pudéssemos distinguir claramente os nossos próprios pensamentos daqueles que nos são sugeridos, Deus nos teria fornecido tal meio, como nos concedeu o de distinguirmos o dia da noite. Quando uma coisa fica vaga, é que assim deve ser para o nosso bem.

463. Diz-se às vezes que o primeiro impulso é sempre bom. Isso está certo?

"Pode ser bom ou mau conforme a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom naquele que escuta as boas inspirações."

464. Como distinguir se um pensamento sugerido vem de um bom ou de um mau Espírito?

"Estudem o caso: os bons Espíritos só aconselham o bem. Compete a vocês distinguir."

465. Com que objetivo os Espíritos imperfeitos nos induzem ao mal?

"Para vos fazer sofrer igual a eles."

465-a. — Isso diminui os sofrimentos deles?

"Não, mas eles fazem isso por inveja ao ver seres mais felizes."

465-b. — Que tipo de sofrimento eles querem infligir?

"Aqueles que resultam ser de uma ordem inferior e longe de Deus."

466. Por que Deus permite que os Espíritos nos excitem ao mal?

"Os Espíritos imperfeitos são instrumentos destinados a provar a fé e a constância dos homens no bem. Você mesmo, sendo Espírito, deve progredir na ciência do infinito, e é por isso que passa pelas provas do mal para chegar ao bem. Nossa missão consiste em te colocar no bom caminho, e desde que as

más influências atuam sobre ti, é que você as atrai pelo desejo do mal, pois os Espíritos inferiores vêm te auxiliar no mal quando tu tens a vontade de praticá-lo; eles não podem te ajudar no mal senão quando tu desejas o mal. Se você for propenso ao assassínio, pois muito bem: você terá em torno de ti uma nuvem de Espíritos que alimentarão essa ideia em ti; mas você também dispõe de outros que tratarão de te influenciar no bem, o que faz que isso restabeleça a balança e te faça senhor dos teus atos."

É assim que Deus confia à nossa consciência a escolha da rota que devemos seguir e a liberdade de ceder a uma ou à outra das influências contrárias que se exercem sobre nós.

467. Podemos nos livrar da influência dos Espíritos que incitam ao mal?

"Sim, pois eles não se apegam senão àqueles que os solicitam pelos seus desejos ou os atraem pelos seus pensamentos."

468. Quanto aos Espíritos cuja influência é rejeitada pela vontade, estes renunciam às suas tentativas?

"O que você quer que eles façam? Quando não há nada a fazer, eles desistem. Entretanto, ficam esperando o momento favorável, como o gato que espreita o rato."

469. Por qual meio nós podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?

"Praticando o bem e pondo toda a confiança em Deus, rejeitarão a influência dos Espíritos inferiores e anularão o domínio que desejem ter sobre vocês. Guardem-se de atender às sugestões dos Espíritos que suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vocês e que sugerem as paixões más. Desconfiai especialmente dos que exaltam o orgulho, pois que esses atacam pelo lado fraco. Essa é a razão por que Jesus, na oração dominical, lhes ensinou a dizer: Senhor, não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal!"

470. Os Espíritos que procuram nos induzir ao mal e que com isso põem em prova a nossa firmeza no bem, eles receberam uma missão para assim fazer?

E se for uma missão que eles cumprem, eles têm responsabilidade nisso?

"Nenhum Espírito recebe a missão de praticar o mal; quando ele o faz, é por sua própria vontade e, por conta disso, sofre as suas consequências. Deus pode deixá-lo fazer, para lhe experimentar, mas nunca lhe pede o mal, e é a vocês que cabe repulsá-lo."

471. Quando experimentamos um sentimento de angústia, de ansiedade indefinível, ou de satisfação interior, sem causa conhecida, isso decorre unicamente de uma disposição física?

"É quase sempre um efeito das comunicações que vocês têm inconscientemente com os Espíritos, ou que tiveram com eles durante o sono."

472. Os Espíritos que querem nos excitar para o mal se limitam a aproveitar as circunstâncias em que nós nos encontramos ou também podem criar essas circunstâncias?

"Eles se aproveitam das circunstâncias, mas muitas vezes as provocam, levando-os inconscientemente ao objeto de vossa cobiça. Assim, por exemplo, um homem encontra no seu caminho certa soma de dinheiro: não pensem que tenha sido os Espíritos que trouxeram o dinheiro àquele lugar, mas que eles podem inspirar ao homem a ideia de se dirigir até lá e então lhe é sugerida a ideia de se apoderar daquele valor, enquanto outros Espíritos lhe sugerem restituir aquele dinheiro ao seu legítimo dono. É o mesmo que ocorre com todas as demais tentações."

Possessos

473. Um Espírito pode tomar momentaneamente o envoltório de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e agir no lugar daquele que ali está encarnado?

"O Espírito não entra em um corpo como se entra numa casa; ele se assimila com um Espírito encarnado que tenha os mesmos defeitos e as mesmas qualidades, a fim de agir conjuntamente. Contudo, é sempre o

Espírito encarnado quem atua, conforme queira, sobre a matéria da qual está revestido. Um Espírito não pode substituir aquele que já está encarnado, pois o Espírito e o corpo ficam ligados até o período marcado para o término da existência material.” [45]

474. Se não há possessão propriamente dita, quer dizer, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, a alma pode se encontrar na dependência de outro Espírito, de modo a ficar a ele ***subjugada*** ou ***obsidiada*** ao ponto de sua vontade ser paralisada de alguma forma?

“Sim, e esses são os verdadeiros possessos. Mas saibam bem que essa dominação não se efetua nunca sem a participação aquele que a sofre, ***seja por sua fraqueza***, seja pelo seu desejo. Têm-se tomado por possessos muitos epilépticos ou loucos, que tinham mais necessidade de médico do que de exorcismo.”

Na sua acepção comum, a palavra ***possesso*** supõe a existência de demônios,

---

[45] No artigo “Um caso de possessão”, publicado na ***Revista Espírita***, edição de dezembro de 1863, Allan Kardec analisa um grave caso de obsessão e então passa a considerar que um Espírito obsessor possa atuar diretamente sobre sua vítima, como que a possuí-la, uma vez que a vítima não dispunha de forças para resistir ao ataque. Depois, desenvolveu mais ideias sobre essa questão na obra ***A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo***, cap. XIV, do qual extraímos o seguinte recorte (item 47):

> Na obsessão, o Espírito age exteriormente com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com aquele do encarnado; este último fica enlaçado por uma espécie de teia e constrangido a agir contra a sua vontade.
>
> Na possessão, em vez de agir exteriormente, por assim dizer, o Espírito livre substitui o Espírito encarnado; toma o seu corpo como domicílio sem que, no entanto, o encarnado abandone seu corpo definitivamente — o que só acontece na morte. Portanto, a possessão é sempre temporária e intermitente, pois um Espírito desencarnado não pode tomar e ocupar definitivamente o lugar de um Espírito encarnado, visto que a união molecular entre o perispírito e o corpo não pode se efetivar senão no momento da concepção.
>
> Na posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se fosse o seu: fala pela boca dele, vê pelos seus olhos e age com seus braços conforme o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; é este último mesmo quem fala e quem age, e quem o tiver conhecido em vida reconhecerá nele a sua linguagem, a sua voz, os seus gestos e até a expressão da fisionomia.

De fato, o que não se verifica mesmo é a crença vulgar de possessão demoníaca, visto que o demônio (ou diabo) — tal qual sua concepção clássica — não passa de uma figura de linguagem, não validando assim a ideia vulgar de alguém estar realmente *possesso*, *possuído*, *endemoniado.* (Ver a questão 131.) — N. T.

ou seja, de uma categoria de seres maus por natureza, e a coabitação de um desses seres com a alma no corpo de um indivíduo. Já que não há demônios ***nesse sentido***, e que dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não há possessos conforme a ideia associada a essa palavra. O termo ***possesso*** não deve ser entendido senão como a dependência absoluta em que uma alma pode achar-se com relação a Espíritos imperfeitos que a subjugam.[46]

475. Alguém pode por si mesmo afastar os maus Espíritos e se libertar da dominação deles?

"Podemos sempre nos libertar de um jugo quando disso temos uma firme vontade."

476. Mas pode acontecer que a fascinação exercida pelo mau Espírito seja tal que a pessoa subjugada não se aperceba disso, então uma terceira pessoa poderia interromper a sujeição. Nesse caso, que condição ela deve preencher?

"Se for uma pessoa de bem, sua vontade pode ajudar, apelando para o auxílio dos bons Espíritos, porque quanto mais for um ***homem de bem***, maior poder se tem sobre os Espíritos imperfeitos para afastá-los e sobre os bons para atraí-los. Entretanto, essa terceira pessoa será impotente se aquele que estiver ***subjugado*** não se presta a isso; há pessoas que se agradam com uma dependência que satisfaça seus gostos e seus anseios. Em todo o caso, aquele cujo coração não for puro não exercerá nenhuma influência; os bons Espíritos o desprezam e os maus não o temem."

477. As fórmulas de exorcismo têm alguma eficácia sobre os maus Espíritos?

"Nenhuma; quando esses Espíritos veem alguém levar isso a sério, eles riem disso e se obstinam."

478. Há pessoas animadas de boas intenções e que nem por isso deixam de ser obsidiadas. Qual é o melhor meio de se livrar dos Espíritos obsessores?

"Cansar a paciência deles, não dar nenhum valor às suas sugestões, mostrar-lhes que eles perdem tempo. Então, quando eles veem que não podem fazer nada, eles se vão."

---

[46] Ver a nota de rodapé anterior. — N. T.

479. A prece é um meio eficiente para curar a obsessão?

"A prece é um poderoso auxílio em tudo. Mas, creiam bem que não basta murmurar algumas palavras para obter o que se deseja. Deus ampara os que agem, não os que se limitam a pedir. Portanto, é indispensável que, de sua parte, o obsidiado faça o que é necessário para destruir em si mesmo a causa que atrai os maus Espíritos."

480. Que se deve pensar da expulsão dos demônios relatada no Evangelho?

"Isso depende da interpretação. Se chamam de ***demônio*** um Espírito mau que subjuga um indivíduo, quando sua influência for destruída, ele será verdadeiramente expulso. Se vocês atribuem uma moléstia ao demônio, quando vocês tiverem curado a doença, também dirão que expulsaram o demônio. Uma coisa pode ser verdadeira ou falsa de acordo com o sentido relacionado às palavras. As maiores verdades podem parecer absurdas quando se observa apenas a forma e quando se toma a alegoria pela realidade. Compreendam bem isso e guardem-no, pois é de uma aplicação geral."

Convulsionários

481. Os Espíritos desempenham algum papel nos fenômenos que se produzem com os indivíduos designados de convulsionários?

"Sim e um papel muito importante, assim como o magnetismo, que é a causa originária desses fenômenos. Porém, muitas vezes o charlatanismo tem explorado e exagerado esses efeitos, o que os fez cair no ridículo."

481-a. — De que natureza são os Espíritos que geralmente contribuem para esses tipos de fenômenos?

"De natureza pouco elevada. Vocês acham que Espíritos superiores se distraem com coisas desse tipo?"

482. Como o estado anormal dos convulsionários e dos que crisíacos[47] pode

[47] No 'Vocabulário Espírita' contido na obra ***Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas***, Allan Kardec define o crisíaco (*crisiaque*, em francês) como "aquele que se acha

se desenvolver subitamente em toda uma população?

"Efeito das afinidades: as disposições morais se comunicam muito facilmente em determinados casos; vocês não estão tão alheios aos efeitos magnéticos para não compreender isso e a parte que alguns Espíritos devem assumir neles, por simpatia pelos que os provocam."

Entre as faculdades estranhas que notamos nos convulsionários, reconhecemos facilmente algumas de que o sonambulismo e o magnetismo oferecem numerosos exemplos, tais como, dentre outras: a insensibilidade física, a leitura do pensamento, a transmissão simpática de dores etc. Não se pode duvidar que esses crisíacos não estejam numa espécie de estado de sonambulismo desperto, provocado pela influência que eles exercem uns sobre os outros. São ao mesmo tempo magnetizadores e magnetizados, inconscientemente.

483. Qual é a causa da insensibilidade física que se nota tanto em alguns convulsionários quanto em outros indivíduos submetidos às torturas mais atrozes?

"Em alguns é exclusivamente um efeito do magnetismo, que atua sobre o sistema nervoso do mesmo jeito que certas substâncias. Em outros, a exaltação do pensamento enfraquece a sensibilidade, porque a vida parece ser retirada do corpo para se concentrar toda no Espírito. Vocês não sabem que, quando o Espírito está fortemente preocupado com uma coisa, o corpo nada sente, não vê e nem ouve nada?"

A exaltação fanática e o entusiasmo frequentemente oferecem nos suplícios o exemplo de uma calma e de um sangue-frio que não poderiam triunfar sobre uma dor aguda se não admitíssemos que a sensibilidade se encontra neutralizada por uma espécie de efeito anestésico. Sabe-se que no calor do combate a pessoa quase sempre não se apercebe de um ferimento grave, enquanto em circunstâncias comuns um simples arranhão a faz estremecer.

Como esses fenômenos dependem de uma causa física e da ação de certos

---

momentaneamente num estado de crise produzida pela ação magnética", e complementa: "Esta qualificação se dá mais particularmente àqueles nos quais tal estado é espontâneo e acompanhado de uma certa superexcitação nervosa. Em geral os crisíacos gozam de lucidez sonambúlica ou da segunda vista." — N. T.

Espíritos, podemos indagar como pode ter dependido da autoridade lhes deter em alguns casos. A razão disso é simples: a ação dos Espíritos nesses casos é apenas secundária; eles somente se aproveitam de uma disposição natural. A autoridade não suprimia essa disposição, mas a causa que a mantinha e a exaltava; de ativa, ela se torna latente, e teve razão para agir assim, porque o fato resultava em abuso e escândalo. Sabe-se, além disso, que essa intervenção é impotente quando a ação dos Espíritos é direta e espontânea.

Afeição dos Espíritos por certas pessoas

484. Os Espíritos se afeiçoam preferencialmente a determinadas pessoas?

"Os bons Espíritos têm simpatia pelos homens de bem ou suscetíveis de se melhorarem; os Espíritos inferiores simpatizam com os homens viciosos ou que podem assim se tornar. Daí o seu apego, consequência da semelhança de sentimentos."

485. A afeição dos Espíritos por certas pessoas é exclusivamente moral?

"A verdadeira afeição nada tem de carnal, mas quando um Espírito se apega a uma pessoa, nem sempre é por afeição, podendo aí se misturar uma recordação das paixões humanas."

486. Os Espíritos se interessam pelos nossos infortúnios e pela nossa prosperidade? Aqueles que nos querem bem se afligem com os males que sofremos durante a vida?

"Os bons Espíritos fazem todo o bem que é possível e ficam felizes com as vossas alegrias. Eles se afligem com os males quando vocês não os suportam com resignação, porque esses males são sem proveito para vocês; pois então, vocês se assemelham a um doente que rejeita beber o remédio amargo que deve curá-lo."

487. De que mal os Espíritos mais se afligem por nossa causa? Seria o mal físico ou o mal moral?

"Do egoísmo e da dureza dos corações de vocês: disso deriva tudo. Eles

riem de todos esses males imaginários que nascem do orgulho e da ambição, e alegram-se com os que servem para abreviar o vosso tempo de provas."

Sabendo que a vida corporal é apenas transitória e que as suas tribulações que a acompanham são meios de chegarmos a um estado melhor, os Espíritos se afligem pelos nossos males devidos às causas morais que nos distanciam desse objetivo, mais do que pelos sofrimentos físicos que são apenas passageiros.

Os Espíritos pouco se importam com as desgraças que não afetam senão as nossas ideias mundanas, tal como fazemos com as mágoas ingênuas das crianças.

O Espírito que vê nas aflições da vida um meio de avanço para nós considera essas aflições como a crise ocasional que deve salvar o doente. Ele se compadece com os nossos sofrimentos como nos compadecemos com os sofrimentos de um amigo. Porém, enxergando as coisas de um ponto de vista mais justo, ele os aprecia de um modo diferindo do nosso, e enquanto os bons nos levantam nossa coragem no interesse do nosso futuro, os outros nos incitam ao desespero objetivando comprometê-lo.

488. Nossos parentes e amigos que nos antecederam na outra vida têm por nós maior simpatia do que os Espíritos que nos são estranhos?

"Indubitavelmente, e quase sempre eles vos protegem como Espíritos, conforme as capacidades deles."

488-a. — Eles são sensíveis à afeição que lhes conservamos?

"Bastante sensíveis, mas se esquecem dos que se esquecem deles."

Anjos guardiões. Espíritos protetores, familiares ou simpáticos

489. Há Espíritos que se liguem a um indivíduo em particular para protegê-lo?

"Sim, o ***irmão espiritual***, o que vocês chamam de ***o bom Espírito*** ou ***o bom gênio***."

490. O que devemos entender por anjo guardião?

"O Espírito protetor, sendo de uma ordem elevada."

491. Qual é a missão do Espírito protetor?

"A de um pai com relação aos filhos: conduzir o seu protegido ao bom caminho, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições e amparar sua coragem nas provas da vida."

492. O Espírito protetor fica ligado ao indivíduo desde o nascimento deste?

"Desde o nascimento até a morte, e muitas vezes o acompanha depois da morte, durante a vida espírita, e até mesmo nas várias existências corporais, pois essas existências não são mais do que fases curtíssimas em comparação com a vida do Espírito."

493. A missão do Espírito protetor é voluntária ou obrigatória?

"O Espírito é obrigado a velar por vocês desde que tenha aceitado essa tarefa, mas ele pode escolher aqueles que lhe sejam simpáticos. Para alguns, isso é um prazer; para outros, uma missão ou um dever."

493-a. — Ligando-se a uma pessoa, o Espírito deixa de proteger outros indivíduos?

"Não, mas os protege menos exclusivamente."

494. O Espírito protetor fica fatalmente atado ao ser confiado à sua guarda?

"Frequentemente ocorre que alguns Espíritos deixam suas posições para desempenhar diversas missões, mas então se faz uma substituição."

495. O Espírito protetor alguma vez abandona o seu protegido quando este se rebela contra seus conselhos?

"Ele se afasta quando vê que seus conselhos são inúteis e que a vontade de se submeter à influência dos Espíritos inferiores é mais forte. Entretanto, nunca o abandona completamente e sempre se faz ouvir. Então, é o homem quem tapa os ouvidos. Ele então retorna quando que é chamado.

"Há uma doutrina que, pelo seu encanto e doçura, deveria converter os mais incrédulos: é a dos anjos guardiões. Não é uma ideia bastante consoladora pensar que se tem sempre junto de si seres superiores que estão todo o tempo prontos para lhes aconselhar e amparar, para lhes ajudar a

escalar a dura montanha do bem, que são amigos mais certos e mais dedicados que os mais íntimos relacionamentos que se pode ter na Terra? Esses seres aí estão por ordem de Deus; foi Deus quem os colocou perto de vocês e eles aí permanecem por amor a ele, desempenhando junto a vós uma missão bela, mas também penosa. Sim, onde quer que vocês estejam, ele estará convosco: nem nas prisões, nem nos hospitais, nem nos lugares de bandalheira e de solidão, nada vos separa desse amigo a quem não podem ver, mas de quem vossa alma sente os mais doces impulsos e ouve os sábios conselhos.

"Ah, se vocês conhecessem bem esta verdade! Quanto ela vos ajudaria nos momentos de crise! Quantas vezes vos livraria dos maus Espíritos! Mas, no grande dia esse anjo do bem terá muitas vezes que vos dizer: 'Não te aconselhei isto? E tu não o fizeste. Não te mostrei o abismo? E nele tu te precipitaste! Não fiz ecoar na tua consciência a voz da verdade, mas tu não preferiste seguir os conselhos da mentira?' Ah! Interroguem vossos anjos guardiães; estabeleçam entre eles e vocês essa terna intimidade que reina entre os melhores amigos. Não pensem em ocultar nada deles, pois eles têm o olhar de Deus e vocês não podem enganá-los. Pensem no futuro; procurem avançar nesta vida atual; vossas provações serão mais curtas e vossas existências serão mais ditosas. Vamos, homens, coragem! Afastem de uma vez por todas para longe de vocês todos os preconceitos e segundas intenções; entrem na nova senda que se abre diante de vocês; caminhem! Caminhem! Vocês têm guias, sigam a eles: a meta não lhes pode faltar, pois essa meta é o próprio Deus.

"Aos que pensam ser impossível para os Espíritos verdadeiramente elevados se restringirem a uma tarefa tão laboriosa e a todo instante, diremos que nós influenciamos vossas almas mesmo estando vários milhões de léguas distantes de vocês: para nós o espaço não é nada, e mesmo vivendo noutro mundo, nossos Espíritos conservam suas ligações com os Espíritos de vocês. Gozamos de capacidades que vocês não podem compreender, mas fiquem certos de que Deus não nos impôs uma tarefa acima das nossas forças nem vos abandonou a sós na Terra sem amigos e sem amparo. Cada anjo guardião tem o seu protegido, pelo qual ele cuida como um pai vela pelo seu filho:

alegra-se quando o vê no bom caminho e geme quando os seus conselhos são desprezados.

"Não temam por nos incomodar com suas questões. Ao contrário, procurem estar sempre em relação conosco: vocês ficarão mais fortes e mais venturosos. São essas comunicações de cada um com o seu Espírito familiar que fazem com que todos os homens sejam médiuns, médiuns ignorados hoje, mas que se manifestarão mais tarde e que se disseminarão igual um oceano sem margens, para recolher a incredulidade e a ignorância. Homens instruídos, instruam; homens de talento, eduquem vossos irmãos. Não imaginem que obra vocês fazem desse modo: é a obra do Cristo, a que Deus impõe a vocês. Por que Deus lhes concedeu a inteligência e a ciência senão para repartirem com os seus irmãos, para adiantá-los na estrada da alegria e da felicidade eterna?"

SÃO LUÍS, SANTO AGOSTINHO.

A doutrina dos anjos guardiões velando pelos seus protegidos, apesar da distância que separa os mundos, não tem nada que deve surpreender. Ao contrário, é grande e sublime. Não vemos na Terra um pai velar pelo filho, embora esteja longe dele, e lhe auxiliar com seus conselhos por correspondência? O que então haveria de espanto que os Espíritos possam guiar aqueles a quem tomaram sob sua proteção, de um mundo para outro, uma vez que para eles a distância que separa os mundos é menor do que aquela que separa os continentes na Terra? Além disso, eles não dispõem do fluido universal, que entrelaça todos os mundos e os torna solidários, veículo imenso da transmissão dos pensamentos, como o ar é, para nós, o veículo da transmissão do som?

496. O Espírito que abandona o seu protegido, não lhe fazendo mais o bem, pode lhe fazer mal?

"Os bons Espíritos jamais fazem o mal; eles deixam que o façam aqueles que tomam o seu lugar. Vocês então acusam a sorte dos males que lhes oprimem, sendo que é culpa de vocês mesmos."

497. O Espírito protetor pode deixar o seu protegido à mercê de outro Espírito que poderia lhe querer fazer mal?

"Há uma união dos maus Espíritos para neutralizar a ação dos bons, mas

se o protegido assim o quiser ele restituirá toda a força ao seu bom Espírito. O bom Espírito talvez encontre noutro lugar uma boa vontade à qual possa ajudar; ele então a aproveita enquanto aguarda o retorno junto ao seu protegido."

498. Quando o Espírito protetor deixa seu protegido se transviar na vida, é por impotência de sua parte para lutar contra outros Espíritos maldosos?

"Não é porque não possa, mas porque não quer: seu protegido sai das provas mais perfeito e instruído. Ele o auxilia com seus conselhos através dos bons pensamentos que lhe sugere, porém que infelizmente nem sempre são acatados. Não é mais do que a fraqueza, o desleixo ou o orgulho do homem o que dá força aos maus Espíritos; o poder deles sobre vocês vem exatamente do fato de vocês não oporem resistência a eles."

499. O Espírito protetor está constantemente com o seu protegido? Não haveria alguma circunstância em que, sem o abandonar, ele o perca de vista?

"Há circunstâncias em que a presença do Espírito protetor não é necessária junto ao seu protegido."

500. Chega o momento em que o Espírito não precise mais do anjo guardião?

"Sim, quando ele tiver chegado ao grau de poder conduzir a si mesmo, como chega o momento em que o estudante não tem mais precisão do professor. Porém isso não acontece no vosso mundo."

501. Por que a ação dos Espíritos sobre a nossa existência é oculta e por que, quando nos protegem, eles não o fazem de uma maneira ostensiva?

"Se vocês contassem com o apoio deles, não agiriam por si mesmos e o vosso Espírito não progrediria. Para que possa avançar, ele precisa de experiência, e muitas vezes é preciso que a adquira por conta própria; é necessário que exercite suas forças, sem o que, seria como uma criança a quem não deixamos andar sozinha. A ação dos Espíritos que querem bem a vocês é sempre regulada de maneira a lhes deixar o seu livre-arbítrio, pois se vocês não tivessem responsabilidade, não avançariam no caminho que deve lhes conduzir a Deus. Não vendo sua sustentação, o homem se entrega às suas

próprias forças. Entretanto, seu guia cuida dele, e de tempos em tempos clama para que ele tome cuidado com o perigo."

502. O Espírito protetor que consegue trazer o seu protegido para o bom caminho tira algum proveito disso para si mesmo?

"É um mérito que lhe é levado em conta, seja para o seu próprio avanço, seja para sua felicidade. ele fica feliz quando vê seus esforços coroados de sucesso; ele triunfa com isso como um educador triunfa com os bons êxitos do seu aluno."

502-a. — Será ele o responsável se não conseguir isso?

"Não, pois ele fez o que dependia dele."

503. O Espírito protetor que vê seu protegido seguir o mau caminho, malgrado seus avisos, sofre com isso? Para ele, isso não é uma causa de perturbação da sua felicidade?

"Ele sofre com os erros do seu protegido e lamenta por isso. Contudo, tal aflição não tem as angústias da paternidade terrena, porque ele sabe que há remédio para o mal e que o que não se faz hoje será feito amanhã."

504. Poderemos sempre saber o nome do Espírito nosso protetor, ou anjo guardião?

"Como querem saber nomes que não existem para vocês? Supõem então que entre os Espíritos só existem aqueles que vocês conhecem?"

504-a. — Como então o invocar, se o não conhecemos?

"Deem a ele o nome que quiserem — por exemplo, o de um Espírito superior por quem vocês têm simpatia ou veneração — e o vosso Espírito protetor atenderá a esse apelo, pois todos os bons Espíritos são irmãos e se ajudam entre si."

505. Os Espíritos protetores que usam nomes conhecidos sempre são realmente aqueles das personalidades que tiveram esses nomes?

"Não, mas muitas vezes são Espíritos que são simpáticos a tais personalidades e que vêm por ordem delas. Vocês fazem questão de nomes,

então eles tomam um que vos inspire confiança. Quando vocês não podem desempenhar uma missão pessoalmente, vocês então enviam alguém por vocês que aja em vosso nome."

506. Quando estivermos na vida espírita, reconheceremos o nosso Espírito protetor?

"Claro, pois geralmente o conheceram antes estarem encarnados."

507. Todos os Espíritos protetores pertencem à classe dos Espíritos superiores? Poderiam estar entre os medianos? Um pai, por exemplo, poderia se tornar o Espírito protetor de seu filho?

"Pode, porém a proteção pressupõe certo grau de elevação, além de uma capacidade ou uma virtude a mais concedida por Deus. O pai que protege seu filho também pode ser amparado por um Espírito mais elevado."

508. Os Espíritos que deixaram a Terra em boas condições sempre podem proteger aqueles a quem amam e que ainda estão vivos?

"O seu poder é mais ou menos restrito. A situação em que se encontram nem sempre lhes permite inteira liberdade para agir."

509. Quando no estado selvagem ou de inferioridade moral, os homens têm igualmente seus Espíritos protetores e, nesse caso, esses Espíritos são de uma ordem tão elevada quanto aqueles dos homens mais avançados?

"Cada pessoa tem um Espírito que cuida dela, no entanto as missões são relativas ao seu objetivo. Vocês não dão a uma criança que está aprendendo a ler um professor de filosofia. O progresso do Espírito familiar segue o do Espírito protegido. Tendo vocês mesmos um Espírito superior a lhes amparar, vocês também podem se tornar o protetor de um Espírito que lhes seja inferior, e os progressos que vocês o ajudarem a realizar contribuirão para o vosso adiantamento. Deus não pede ao Espírito mais do que é compatível com a sua natureza e com o grau a que já tenha alcançado."

510. Quando reencarna o pai que cuida do filho, ainda continua a cuidar dele?

"Isso é mais difícil. Contudo, num momento de desprendimento, ele roga

a um Espírito simpático que o assista nessa missão. A propósito, os Espíritos não aceitam senão as missões que eles possam cumprir até o fim.

"O Espírito encarnado — sobretudo nos mundos onde a existência é material — fica sujeito demais ao seu corpo para poder estar inteiramente dedicado, quer dizer, para ajudar pessoalmente. É por isso que aqueles que ainda não estão bastante elevados são também assistidos por Espíritos que são superiores a eles, de tal sorte que, por uma circunstância qualquer, um vem a faltar, então será substituído por outro."

511. Além do Espírito protetor, há um mau Espírito ligado a cada indivíduo com vista a induzi-lo ao mal e lhe proporcionar uma ocasião de lutar entre o bem e o mal?

"Ligado, não é o termo. É certo que os Espíritos maldosos procuram desviar do bom caminho, quando encontram ocasião para isso. Mas quando um deles se liga a um indivíduo, ele o faz por si mesmo, porque espera ser ouvido. Então há uma luta entre o bom e o mau, cujo vencedor é aquele a quem a pessoa permita exercer o domínio sobre ela."

512. Podemos ter vários Espíritos protetores?

"Cada indivíduo tem sempre Espíritos simpáticos, mais ou menos elevados, que lhe dedicam afeto e se interessam por ele, como também tem aqueles que o assistem no mal."

513. Os Espíritos simpáticos agem em virtude de uma missão?

"Algumas vezes eles podem ter uma missão temporária, porém o mais comum é que eles sejam solicitados apenas pela similaridade de pensamentos e de sentimentos, tanto no bem como no mal."

513-a. — Não parece resultar daí que os Espíritos simpáticos podem ser bons ou maus?

"Sim, o homem sempre encontra Espíritos que simpatizam com ele, qualquer que seja o seu caráter."

514. Os Espíritos familiares são os mesmos que os Espíritos simpáticos ou

Espíritos protetores?

"Existem vários níveis na proteção e na simpatia; deem a eles os nomes que quiserem. O Espírito familiar é antes de tudo o amigo da casa."

Das explicações acima e das observações feitas sobre a natureza dos Espíritos que se ligam ao homem, podemos deduzir o seguinte:

O Espírito protetor, anjo guardião ou bom gênio é aquele que tem por missão seguir o homem na vida e lhe ajudar a progredir. Ele é sempre de uma natureza superior em relação à do protegido.

Os Espíritos familiares se ligam a determinadas pessoas por laços mais ou menos duráveis com vista a lhes ser úteis, no limite do seu poder — muitas vezes bastante limitado. Eles são bons, mas nalguns casos pouco avançados e até um pouco imprudentes; ocupam-se voluntariamente dos detalhes da vida íntima e não agem senão por ordem ou com permissão dos Espíritos protetores.

Os Espíritos simpáticos são aqueles que atraímos a nós pelas afeições particulares e uma certa semelhança de gostos e de sentimentos, tanto para o bem quanto para o mal. A duração de suas relações é quase sempre subordinada às circunstâncias.

O mau gênio é um Espírito imperfeito ou perverso que se agarra ao indivíduo para desviá-lo do bem, mas age por sua própria iniciativa e não em virtude de uma missão. Sua insistência é em razão do acesso mais ou menos fácil que encontra. O indivíduo está sempre livre para escutar sua voz ou rejeitá-la.

515. O que devemos pensar dessas pessoas que parecem se atar a certos indivíduos para levá-los fatalmente à perdição, ou para guiá-los pelo bom caminho?

"Certas pessoas realmente exercem sobre outras uma espécie de fascinação que parece irresistível. Quando isso ocorre para o mal, são Espíritos maldosos de que outros Espíritos maus se servem para melhor subjugá-las. Deus pode permitir isso para lhes pôr à prova."

516. Nosso bom e nosso mau gênio poderiam encarnar para nos acompanharem na vida de uma maneira mais direta?

"Isso às vezes acontece, contudo muitas vezes também eles entregam essa missão a outros Espíritos encarnados que lhes são simpáticos."

517. Há Espíritos que se apegam a uma família inteira para protegê-la?

"Alguns Espíritos se apegam aos membros de uma mesma família que vivem juntos e que estão unidos pela afeição, mas não acreditem em Espíritos protetores do orgulho das raças."

518. Sendo atraídos a certos indivíduos pelas suas simpatias, os Espíritos são igualmente atraídos às reuniões de indivíduos por motivos particulares?

"Os Espíritos vão preferencialmente aonde estejam seus semelhantes. Lá eles ficam mais à vontade e mais certos de serem ouvidos. O homem atrai para si os Espíritos de acordo com suas tendências — esteja ele sozinho ou forme um corpo coletivo, como uma sociedade, uma cidade ou um povo. Portanto, há sociedades, cidades e povos que são assistidos por Espíritos mais ou menos elevados, segundo o caráter e as paixões que os dominem. Os Espíritos imperfeitos se afastam daqueles que os rejeitam; disso resulta que o aperfeiçoamento moral das ***coletividades*** — como o dos indivíduos — tende a afastar os maus Espíritos e a atrair os bons, que estimulam e alimentam o sentimento do bem nas pessoas, como outros lhes podem lhes insuflar as más paixões."

519. As aglomerações de indivíduos — como as sociedades, as cidades, as nações — têm seus Espíritos protetores especiais?

"Perfeitamente, pois essas reuniões são de individualidades coletivas que caminham para um objetivo comum e que precisam de uma direção superior."

520. Os Espíritos protetores dos povos são de uma natureza mais elevada do que aqueles que se ligam aos indivíduos?

"Tudo é relativo ao grau de adiantamento, tanto dos povos como dos indivíduos."

521. Certos Espíritos podem auxiliar o progresso das artes protegendo aqueles que delas se ocupam?

"Há Espíritos protetores especiais e que auxiliam aqueles que os invocam, quando eles os julgam dignos dessa assistência. Mas, o que querem

que eles façam com os que acreditam ser o que não são? Eles não podem fazer os cegos verem nem os surdos escutarem.”

Os antigos fizeram desses Espíritos divindades especiais; as Musas não eram outras senão a personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como designavam sob o nome de lares e penates[48] os Espíritos protetores da família. Entre os modernos, as artes, as diferentes indústrias, as cidades e os continentes também têm seus patronos protetores, que não são outros senão Espíritos superiores, mas sob outros nomes.

Como cada homem tem seus Espíritos simpáticos, disso resulta que em todas as coletividades a generalidade dos Espíritos simpáticos está em sintonia com a generalidade dos indivíduos; que os Espíritos estranhos são atraídos a elas pela identidade dos gostos e dos pensamentos; numa palavra, que essas reuniões — assim também como os indivíduos — são mais ou menos bem envolvidas, assistidas e influenciadas conforme a natureza dos pensamentos da multidão.

Entre os povos, as causas de atração dos Espíritos são os costumes, os hábitos, o caráter dominante e sobretudo as leis, porque o caráter de uma nação se reflete em suas leis. Os homens que fazem reinar a justiça entre si combatem a influência dos maus Espíritos. Onde quer que as leis consagrem coisas injustas, contrárias à humanidade, os bons Espíritos estão em minoria e a massa dos maus que predomina mantém a nação nas suas ideias e paralisa as boas influências parciais perdidas na multidão, como uma espiga isolada no meio dos espinheiros. Ao estudar os costumes dos povos ou de qualquer reunião de homens, é fácil, portanto, fazer uma ideia da população oculta que se infiltra em seus pensamentos e em suas ações.

Pressentimentos

522. O pressentimento é sempre um aviso do Espírito protetor?

“O pressentimento é o conselho íntimo e oculto de um Espírito que lhes quer bem. Também está na intuição da escolha que se tenha feito; é a voz do instinto. Antes de encarnar, o Espírito tem conhecimento das fases principais

[48] Referência aos deuses Lares e Penates da mitologia romana, devotados especialmente a proteger a casa e sua família. — N. T.

de sua existência, isto é, do gênero das provas nas quais se envolve; quando estas têm um caráter saliente, ele conserva no seu foro íntimo uma espécie de impressão de tais provas e esta impressão, que é a voz do instinto, revelando-se quando o momento se aproxima, torna-se um pressentimento."

523. Os pressentimentos e a voz do instinto sempre têm alguma coisa de vago; o que devemos fazer na incerteza?

"Quando estiver na dúvida, invoque teu bom Espírito, ou ***ore ao nosso mestre supremo, Deus, que ele te enviará um de seus mensageiros, um de nós***."

524. As advertências de nossos Espíritos protetores têm como único objetivo a conduta moral, ou também a conduta a ser seguida nas coisas da vida privada?

"Tudo. Eles tentam fazer vocês viverem o melhor possível, mas quase sempre vocês tapam os ouvidos às boas admoestações e se tornam infelizes por vossa própria falha."

Os Espíritos protetores nos ajudam com seus conselhos mediante a voz da consciência que eles fazem ressoar em nós, mas como nem sempre lhes damos a devida importância, eles nos dão outros conselhos mais diretos, servindo-se de pessoas que nos cercam. Que cada um examine as diversas circunstâncias felizes ou infelizes de sua vida e verá que em tantas ocasiões tem recebido conselhos de que se não aproveitou e que lhe teriam poupado muitos desgostos se os tivessem escutado.

Influência dos Espíritos sobre os acontecimentos da vida

525. Os Espíritos exercem influência sobre os acontecimentos da vida?

"Seguramente, pois eles te aconselham."

525-a. — Eles exercem essa influência por outra forma que não apenas pelos pensamentos que eles sugerem, isto é, eles têm uma ação direta

sobre a realização das coisas?

"Sim, mas eles nunca agem fora das leis da natureza."

Imaginamos erradamente que a ação dos Espíritos não deva se manifestar senão apenas por fenômenos extraordinários; desejaríamos que eles viessem nos ajudar por meio de milagres, e os representamos sempre armados de uma varinha mágica. Mas não é assim. Eis por que sua intervenção nos parece oculta e aquilo que se faz com o auxílio deles nos parece todo natural. Assim, por exemplo, eles provocarão o encontro de duas pessoas que irão parecer encontrar-se por acaso; inspirando a alguém a ideia de passar por determinado lugar; chamando sua atenção sobre certa coisa, então isso deve levar ao resultado que eles queiram obter, de tal modo que o homem, acreditando que segue apenas seu próprio impulso, conserva sempre o seu livre-arbítrio.

526. Como os Espíritos têm uma ação sobre a matéria, podem eles provocar certos efeitos com o objetivo de realizar determinado acontecimento? Por exemplo, um homem deve morrer: ele sobe uma escada, a escada se quebra e o homem é morto. Foram os Espíritos que quebraram a escada para cumprir o destino daquele homem?

"É bem verdade que os Espíritos têm uma ação sobre a matéria, mas para o cumprimento das leis da natureza e não para as derrogar fazendo ocorrer em dado momento um evento inesperado e contrário a essas leis. No exemplo citado, a escada se quebrou porque estava gasta, ou não era forte o bastante para suportar o peso do homem; se era o destino desse homem perecer daquela forma, os Espíritos lhe inspirariam a ideia de subir naquela escada que deveria se romper com o seu peso, e sua morte se daria por um efeito natural e sem que fosse preciso operar um milagre para isso."

527. Tomemos outro exemplo, em que o estado natural da matéria nada tivesse a ver com o caso: um homem deve perecer por um raio; ele se refugia debaixo de uma árvore, um raio cai e ele é morto. Os Espíritos poderiam ter provocado o raio e o direcionar para aquele homem?

"É ainda a mesma coisa. O raio caiu sobre aquela árvore e naquele momento porque estava nas leis da natureza que assim fosse; o raio não foi

direcionado para a árvore porque o homem estava debaixo dela, mas este é que foi inspirado a pensar em se refugiar debaixo de uma árvore sobre a qual o raio deveria cair, pois a árvore não deixaria de ser atingida — quer o homem estivesse ou não debaixo dela."

528. Um homem mal-intencionado dispara contra alguém um tiro, que passa de raspão e não o atinge: poderia um Espírito bondoso ter desviado o projétil?

"Se o indivíduo não deve ser atingido, o Espírito bondoso lhe inspirará a ideia de se desviar, ou então poderá atrapalhar seu inimigo, de modo a fazê-lo mirar mal, pois, uma vez disparado, o tiro segue a linha que deve percorrer."

529. O que devemos pensar das balas encantadas de que falam algumas lendas e que fatalmente atingem o alvo?

"Pura imaginação. O homem gosta do maravilhoso e não se contenta com as maravilhas da natureza."

529-a. — Os Espíritos que dirigem os eventos da vida podem ser contrariados por Espíritos que queiram o contrário?

"O que Deus quer deve acontecer; se há demora ou obstáculos, é por sua vontade."

530. Os Espíritos levianos e brincalhões não podem criar tais pequenos embaraços que vêm atrapalhar nossos projetos e desviar nossas previsões? Noutras palavras, serão eles os autores do que normalmente chamamos de pequenas misérias da vida humana?

"Eles se contentam com esses aborrecimentos que para vocês representam provações destinadas a exercitar a vossa paciência. No entanto, eles se cansam quando veem que nada conseguem. Mas não seria justo e nem exato acusá-los de todas as vossas decepções, das quais vocês mesmos são os principais artífices pelo vosso desleixo. Creiam bem que se a sua louça se quebra, é mais por descuido de vocês do que por culpa dos Espíritos."

530-a. — Os Espíritos que suscitam aborrecimentos agem por conta de uma animosidade pessoal ou atacam ao primeiro que lhes aparece, sem

motivo determinado e unicamente por malícia?

"Por uma coisa e pela outra. Algumas vezes são inimigos que vocês fizeram durante esta vida ou em outra, e que então lhes perseguem. Doutras vezes, não há motivo algum."

531. A malevolência dos seres que nos têm feito o mal na Terra se extingue com sua vida corporal?

"Com frequência eles reconhecem a injustiça deles e o mal que causaram. Mas muitas vezes também eles perseguem vocês com seu rancor, se Deus o permitir, para continuar a lhes experimentar."

531-a. — Podemos pôr fim a isso? Por qual meio?

"Sim. Orando por eles e lhes retribuindo o mal com o bem, eles acabarão compreendendo os próprios erros. Além disso, se soubermos nos colocar acima das suas maquinações, eles cessarão ao ver que eles não ganham nada."

A experiência prova que alguns Espíritos perseguem sua vingança de uma existência a outra, e que assim, cedo ou tarde, expiamos os erros que podemos ter cometido contra alguém.

532. Os Espíritos têm o poder de afastar os males de certas pessoas e de atrair para elas a prosperidade?

"Não inteiramente, pois há males que estão nos decretos da Providência, mas eles amenizam suas dores, dando-lhes paciência e resignação.

"Saibam também que muitas vezes depende de vocês desviarem esses males, ou pelo menos atenuá-los. Deus lhes deu a inteligência para que se sirvam dela e é principalmente por esse meio que os Espíritos vêm lhes socorrer, sugerindo-lhes pensamentos propícios. Mas eles não ajudam senão os que sabem ajudar a si mesmos. Esse é o sentido destas palavras: Busquem e acharão, batam à porta e ela se abrirá para vocês.[49]

"Saibam ainda que aquilo que vos parece um mal nem sempre é mal.

[49] Esse tema foi desenvolvido com mais profundidade no cap. XXV de ***O Evangelho segundo o Espiritismo*** de Allan Kardec — N. T.

Frequentemente, um bem daí deve sair que será muito maior que o mal, e é isso o que vocês não compreendem, porque só pensam no momento presente ou na sua própria pessoa."

533. Os Espíritos podem fazer que se obtenha os dons da fortuna, se forem solicitados com esse objetivo?

"Algumas vezes, como prova, mas quase sempre eles recusam, como negamos a uma criança que faça um pedido sem sentido."

533-a) — São os bons ou os maus Espíritos que concedem esses favores?

"Bons e maus, dependendo da intenção. Na maioria das vezes, entretanto, são os Espíritos que lhes querem lhes arrastar para o mal e que para isso encontram um meio fácil nos prazeres que a riqueza proporciona."

534. Quando os obstáculos parecem vir fatalmente se opor aos nossos projetos, seria por influência de algum Espírito?

"Algumas vezes são os Espíritos, outras vezes — e com mais frequência — é que vocês estão conduzindo mal vossos projetos. A posição e o caráter influenciam bastante. Se teimam em ir por um caminho que não devem seguir, os Espíritos não têm nada a ver com isso; vocês mesmos se constituem seus próprios maus gênios."

535. Quando nos acontece qualquer coisa de bom, é ao nosso Espírito protetor a quem devemos agradecer?

"Agradeçam sobretudo a Deus, pois sem a permissão dele nada se faz; depois, aos bons Espíritos que foram os seus agentes."

535-a. — O que aconteceria se nos esquecêssemos de agradecê-lo?

"Aquilo que acontece com os ingratos."

535-b. — Entretanto, há pessoas que não pedem nem agradecem e às quais tudo dá certo...

"Sim, mas é preciso conferir o final: eles pagarão bem caro essa

felicidade passageira que não merecem, pois quanto mais tenham recebido, mais terão que prestar contas."

Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da natureza

536. Os grandes fenômenos da natureza — aqueles que consideramos como uma perturbação dos elementos — são devidos a causas fortuitas ou, ao contrário, todos eles têm um objetivo providencial?

"Tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus."

536-a. — Esses fenômenos sempre têm o homem como objetivo?

"Certas vezes eles têm uma razão de ser direta para o homem, mas com frequência também eles têm como objetivo somente o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da natureza."

536-b. — Concebemos perfeitamente que a vontade de Deus seja a causa principal, nisto como em todas as coisas. Porém, como sabemos que os Espíritos exercem ação sobre a matéria e que eles são os agentes da vontade de Deus, perguntamos se alguns dentre eles não exerceriam uma influência sobre os elementos para os agitar, acalmar ou direcionar?

"Mas é evidente, nem poderia ser de outro modo. Deus não se lança a uma ação direta sobre a matéria; ele tem seus agentes devotados em todos os graus da escala dos mundos."

537. A mitologia dos antigos se fundava inteiramente em ideias espíritas, com a única diferença de que consideravam os Espíritos como divindades, então eles nos representavam esses deuses ou esses Espíritos com atribuições especiais. Assim, uns eram encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir a vegetação etc. Essa crença é destituída de fundamento?

"Ela é tão pouco destituída de fundamento que ainda está muito aquém da verdade."

537-a. — Pela mesma razão poderia então haver Espíritos habitando o interior da Terra e presidindo aos fenômenos geológicos?

"Esses Espíritos não habitam exatamente a Terra, mas presidem e dirigem segundo suas atribuições. Um dia vocês terão a explicação de todos esses fenômenos e os compreenderão melhor."

538. Os Espíritos que presidem aos fenômenos da natureza formam uma categoria especial no mundo espírita? Seriam seres à parte, ou Espíritos que foram encarnados como nós?

"Que serão ou que já foram."

538-a. — Esses Espíritos pertencem às classes superiores ou às classes inferiores da hierarquia espírita?

"Isso é conforme o seu papel seja mais ou menos material ou inteligente. Uns comandam, outros executam; os que executam as coisas materiais são sempre de uma ordem inferior — tanto entre os Espíritos, quanto entre os homens."

539. Na produção de certos fenômenos — tempestades, por exemplo — é unicamente um Espírito quem atua, ou eles se reúnem em massa?

"Reúnem-se em massas incontáveis."

540. Os Espíritos que exercem uma ação sobre os fenômenos da natureza operam com conhecimento de causa, em virtude do seu livre-arbítrio, ou por uma impulsão instintiva e irrefletida?

"Alguns sim e outros não. Vou fazer uma comparação: imaginem essas infinidades de animais que pouco a pouco fazem sair do mar as ilhas e os arquipélagos: você acredita que não há nisso um objetivo providencial e que essa transformação da superfície do globo não seja necessária para a harmonia geral? Esses, portanto, não são mais do que animais do último grau que realizam essas coisas enquanto suprem suas necessidades e sem desconfiarem que eles sejam instrumentos de Deus. Pois bem! Do mesmo modo, os Espíritos mais atrasados são úteis ao conjunto; enquanto ensaiam para a vida e antes de terem plena consciência de seus atos e de seu livre-

arbítrio, eles atuam sobre determinados fenômenos dos quais são agentes inconscientes. Executam primeiro, e mais tarde, quando sua inteligência estiver mais desenvolvida, eles comandarão e dirigirão as coisas do mundo material; mais tarde ainda, eles poderão dirigir as coisas do mundo moral. É assim que tudo serve e tudo se encaixa na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou pelo átomo; admirável lei de harmonia da qual o Espírito limitado de vocês ainda não pode entender o conjunto."

Os Espíritos durante os combates

541. Durante uma batalha, há Espíritos que auxiliam e apoiam cada lado?

"Sim, e que estimulam sua coragem."

Tal como, no passado, os antigos nos representavam os deuses tomando partido deste ou daquele povo. Esses deuses não eram outros senão os Espíritos representados sob figuras alegóricas.

542. Numa guerra, a justiça está sempre de um lado; como os Espíritos tomam partido a favor daquele que está errado?

"Vocês sabem bem que há Espíritos que só procuram a discórdia e a destruição. Para estes, guerra é guerra: a justiça da causa pouco lhes importa."

543. Alguns Espíritos podem influenciar o general na elaboração de seus planos de campanha?

"Sem dúvida alguma, os Espíritos podem influenciar nesse sentido como com em todas as concepções."

544. Espíritos malvados poderiam lhe suscitar más combinações com o fim de levá-lo à derrota?

"Sim, mas ele não tem o livre-arbítrio? Se seu julgamento não lhe permitir distinguir uma ideia boa de uma falsa ideia, ele sofrerá as consequências, e melhor faria em obedecer do que comandar."

545. Alguma vez, o general pode ser guiado por uma espécie de segunda vista, uma visão intuitiva que lhe mostre de antemão o resultado de seus planos?

"Isso ocorre bastante com o homem de gênio; é o que ele chama de inspiração e faz com que ele aja com uma espécie de certeza. Essa inspiração lhe vem dos Espíritos que o dirigem, e aproveitam as faculdades de que ele é dotado."

546. No tumulto do combate, o que acontece com os Espíritos que sucumbem? Após a morte, eles ainda se interessarem pela batalha?

"Alguns se interessam, outros se afastam dela."

Nos combates, ocorre o mesmo que em todos os casos de morte violenta: no primeiro momento, o Espírito é surpreendido e fica atordoado, e não crê que esteja morto; parece-lhe que ainda toma parte na ação; só pouco a pouco é que a realidade lhe aparece.

547. Os Espíritos que se combatiam enquanto estavam vivos, uma vez mortos, reconhecem-se como inimigos e ainda continuam hostis uns contra os outros?

"O Espírito nesses momentos jamais está de sangue-frio. No primeiro instante ele ainda pode ter ressentimentos contra seu inimigo, e até mesmo persegui-lo. Mas quando suas ideias se restabelecem, ele vê que sua animosidade não tem sentido. Não obstante, ele ainda pode conservar resquícios mais ou menos fortes, conforme o seu caráter."

547-a. — Ele ainda percebe o barulho das armas?

"Sim, perfeitamente."

548. Quanto ao Espírito que assiste de sangue-frio a um combate, como espectador, ele testemunha a separação entre a alma e o corpo? Como esse fenômeno se apresenta a ele?

"Há poucas mortes completamente instantâneas. Na maioria dos casos, o Espírito cujo corpo vem a ser mortalmente ferido não tem consciência disso no momento; quando ele começa a se reconhecer, é então que se pode distinguir o Espírito que se mexe ao lado do cadáver. Isso parece tão natural que a imagem do corpo morto não produz nenhum efeito desagradável. Toda

a vida sendo transportada para o Espírito, somente ele atrai a atenção; é com ele que se conversa ou a ele que se dá ordens.”

Pactos

549. Há algo de verdade nos pactos com os maus Espíritos?

“Não, não há pactos, mas uma natureza maligna simpatizando com os maus Espíritos. Por exemplo: quer atormentar o teu vizinho e não sabe como fazer isso, então chama por Espíritos inferiores que, igual a ti, só querem o mal e que, para te ajudarem, exigem que também sirvas a eles em seus maus propósitos. Mas, não se segue que o teu vizinho não possa se livrar deles por meio de uma conjuração contrária e pela sua vontade. Aquele que procura cometer uma má ação, por isso mesmo, chama os maus Espíritos para lhe ajudar; ele fica então obrigado a servi-los, como eles também o fizeram por ele, pois igualmente precisam dele para o mal que queiram fazer. É somente nisso que consiste o pacto.”

A dependência em que às vezes o homem se encontra de Espíritos inferiores vem de sua entrega aos maus pensamentos que estes lhe sugerem, e não de estipulações quaisquer entre eles e o homem. O pacto, no sentido vulgar referente a essa palavra, é uma alegoria que representa uma má natureza simpatizando com Espíritos malfazejos.

550. Qual é o sentido das lendas fantásticas segundo as quais alguns indivíduos teriam vendido suas almas a Satanás para obterem certos favores?

“Todas as fábulas contêm um ensinamento e um sentido moral; vosso erro é tomá-las ao pé da letra. No caso desta, é uma alegoria que podemos explicar desta maneira: aquele que chama os Espíritos em seu auxílio para obter os dons da riqueza ou qualquer outro favor rebela-se contra a Providência; renuncia à missão que recebeu e às provas que deve suportar neste mundo, e sofrerá as consequências disso na vida futura. Isto não quer dizer que sua alma fique para sempre condenada à desgraça, mas desde que em lugar de se desprender da matéria, mais e mais se ele afunda nela, então

aquilo que tenha tido de prazer na Terra, não terá no mundo dos Espíritos, até que o tenha redimido através de novas provações — talvez maiores e mais penosas. Por seu amor aos gozos materiais, ele se coloca na dependência dos Espíritos impuros; há entre os Espíritos e ele um pacto oculto que o leva à sua ruína, mas que sempre lhe será fácil rompê-lo mediante a assistência dos bons Espíritos, se ele tiver uma vontade firme de assim o fazer."

Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros

551. Um homem mau, com o auxílio de um mau Espírito que lhe seja devotado, pode fazer mal ao seu próximo?

"Não, Deus não o permitiria."

552. O que se deve pensar da crença no poder que certas pessoas teriam de lançar feitiços?

"Determinadas pessoas têm um poder magnético muito grande, do qual elas podem fazer mau uso se o próprio Espírito delas for malvado, e nesse caso elas podem ser ajudadas por outros Espíritos maus. Porém, não acreditem num pretenso poder mágico, que só existe na imaginação de pessoas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras leis da natureza. Os fatos que se costuma citar são fatos naturais mal observados e sobretudo mal compreendidos."

553. Qual pode ser o efeito das fórmulas e práticas com as quais algumas pessoas pretendem dispor da vontade dos Espíritos?

"Esse efeito é o de torná-las ridículas, se forem de boa-fé; no caso contrário, são patifes que merecem um castigo. Todas as fórmulas são charlatanices; não há nenhuma palavra sacramental, nenhum sinal cabalístico, nem talismã que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, pois estes só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais."

553-a. — Mas alguns Espíritos, eles próprios, não ditaram algumas vezes fórmulas cabalísticas?

"Sim, vocês têm Espíritos que vos indicam sinais, palavras bizarras, ou prescrevem certos atos por meio dos quais vocês fazem o que chamam de conjurações. Mas, fiquem bem certos de que são Espíritos que brincam com vocês e abusam da vossa credulidade."

554. Aquele que, com ou sem razão, tem confiança no que ele chama de a virtude de um talismã, por causa dessa confiança, poderia atrair um Espírito, já que é o pensamento que age? O talismã não seria apenas um sinal que o ajuda a direcionar o pensamento?

"É verdade, mas a natureza do Espírito atraído dependa da pureza da intenção e da elevação dos sentimentos. Ora, é raro que aquele que seja bastante bobo para acreditar na virtude de um talismã não tenha um objetivo mais material do que moral; nesse caso, isso demonstra uma pequenez e uma fraqueza de ideias que dão ensejo aos Espíritos imperfeitos e brincalhões."

555. Que significado deve ser atribuído à qualificação de feiticeiro?

"Aqueles a quem chamam de feiticeiros são pessoas, quando de boa-fé, que são dotadas de certas faculdades, como a força magnética ou a segunda vista, e como elas fazem coisas que vocês não compreendem, então vocês as julgam dotadas de uma força sobrenatural. Vossos sábios não passaram muitas vezes por feiticeiros aos olhos dos ignorantes?"

O espiritismo e o magnetismo nos dão a chave de uma imensidade de fenômenos sobre os quais a ignorância teceu uma infinidade de fábulas, em que os fatos são exagerados pela imaginação. O conhecimento lúcido dessas duas ciências — que por assim dizer formam uma única — mostrando a realidade das coisas e a sua verdadeira causa, constitui o melhor preservativo contra as ideias supersticiosas, porque revela o que é possível e o que é impossível, o que está nas leis da natureza e o que não passa de uma crendice ridícula.

556. Algumas pessoas realmente têm o dom de curar pelo simples toque?

"A força magnética pode chegar até aí quando é apoiada à pureza dos sentimentos e um ardente desejo de fazer o bem, porque então os bons Espíritos vêm em sua ajuda. Porém, é preciso desconfiar da maneira pela qual

as coisas são contadas pelas pessoas muito crédulas ou muito entusiastas, sempre dispostas a ver o maravilhoso nas coisas mais simples e mais naturais. Precisamos desconfiar também das narrativas interesseiras da parte das pessoas que exploram a credulidade para o seu proveito próprio.”

Bênçãos e maldições

557. A bênção e a maldição podem atrair o bem e o mal sobre aquele a quem são lançadas?

“Deus não escuta uma maldição injusta, e aquele que a profere é culpado aos seus olhos. Como nós temos dois gênios opostos — o bem e o mal —, pode haver uma influência momentânea, até mesmo sobre a matéria. Mas essa influência só ocorre pela vontade de Deus, e como acréscimo de provação para aquele que a sofre. De resto, com mais frequência, amaldiçoa-se os maus e abençoa-se os bons. Jamais a bênção e a maldição podem desviar a Providência da senda da justiça; ela nunca fere o maldito senão quando ele é mau, e sua proteção nunca cobre senão aquele que a merece.”

CAPÍTULO X

OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS

558. Os Espíritos têm outra coisa a fazer além de seu melhoramento pessoal?

"Eles colaboram com a harmonia do Universo, executando as vontades de Deus, de quem eles são ministros. A vida espírita é uma ocupação contínua, mas que não tem nada de penosa como na Terra, porque não há a fadiga corporal nem as angústias das necessidades."

559. Os Espíritos inferiores e imperfeitos também desempenham alguma função útil no Universo?

"Todos têm deveres a cumprir. O último dos pedreiros também não contribui para a construção do edifício tanto quanto o arquiteto?" (Ver a questão 540.)

560. Cada um dos Espíritos tem atributos especiais?

"Isso quer dizer que todos nós devemos habitar em toda parte e adquirir o conhecimento de todas as coisas presidindo sucessivamente em todos os pontos do Universo. Mas, como é dito no Eclesiastes[50], há tempo para tudo. Assim, tal Espírito cumpre hoje seu destino neste mundo, outro tal o cumprirá ou já o cumpriu em outra época, na terra, na água, no ar etc."

561. As funções que os Espíritos desempenham na ordem das coisas são permanentes para cada um e estão nas atribuições exclusivas de certas

[50] Eclesiastes: um dos livros do Antigo Testamento que compõem a Bíblia. — N. T.

classes?

"Todos devem percorrer os diferentes graus da escala para se aperfeiçoarem. Deus — que é justo — não poderia querer dar a uns a ciência sem trabalho, enquanto outros só a adquirem com sacrifício."

Da mesma maneira, entre os homens, ninguém chega ao supremo grau de habilidade numa arte qualquer sem ter adquirido os conhecimentos necessários na prática dos mínimos detalhes dessa arte.

562. Já não tendo mais nada a adquirir, os Espíritos da ordem mais elevada ficam num repouso absoluto, ou também têm ocupações?

"O que você pretenderia que eles fizessem por toda a eternidade? A ociosidade eterna seria um suplício perpétuo."

562-a. — Qual é o tipo de ocupações dos Espíritos mais elevados?

"Receber diretamente as ordens de Deus, transmiti-las a todo o Universo e velar para que sejam executadas."

563. As ocupações dos Espíritos são incessantes?

"Incessantes sim, se entendermos que o seu pensamento está sempre ativo, porque eles vivem pelo pensamento. Mas não devemos comparar as ocupações dos Espíritos com as ocupações materiais dos homens; essa mesma atividade é uma satisfação, pela consciência que eles têm de serem úteis."

563-a. — Isso é concebível para aos bons Espíritos, mas o mesmo ocorre com os Espíritos inferiores?

"Os Espíritos inferiores têm ocupações apropriadas à sua natureza. Por acaso se confia ao ajudante e ao ignorante os trabalhos do homem inteligente?"

564. Haverá entre os Espíritos os que fiquem ociosos, ou que não se ocupem de alguma coisa útil?

"Há, mas esse estado é temporário e subordinado ao desenvolvimento de suas inteligências. Certamente, assim como entre os homens, há Espíritos que

só vivem para si mesmos. Todavia, essa ociosidade pesa sobre eles e, cedo ou tarde, o desejo de avançar lhes faz experimentar a necessidade da atividade e eles ficam felizes por poderem se tornar úteis. Estamos nos referindo aos Espíritos que chegaram ao ponto de terem consciência de si mesmos e do seu livre-arbítrio, pois em sua origem eles são como crianças que acabam de nascer e que agem mais por instinto do que por uma vontade determinada."

565. Os Espíritos examinam nossos trabalhos de arte e se interessam por eles?

"Eles examinam o que pode provar a elevação dos Espíritos e seus progressos."

566. Um Espírito que teve uma especialidade na Terra — pintor, ou arquiteto, por exemplo — se interessa de preferência pelos trabalhos que foram objeto de sua predileção durante a vida?

"Tudo se confunde num objetivo geral. Se for um Espírito bom, ele se interessará tanto quanto isso lhe permita se ocupar em ajudar as almas a se elevarem para Deus. Além disso, vocês esquecem que um Espírito que praticou uma arte na existência em que o conheceram pode ter praticado outra numa existência diferente, pois é preciso que ele saiba tudo para ser perfeito. Assim, conforme seu grau de adiantamento, pode não haver nenhuma especialidade para ele. Foi o que eu quis significar dizendo que tudo se confunde num objetivo geral. Notem ainda o seguinte: o que é sublime para vocês neste mundo atrasado não passa de infantilidade nos mundos mais adiantados. Como pretendem que os Espíritos que habitam esses mundos, onde existem artes desconhecidas para vocês, admirem o que, para eles, não vai além de uma obra de colegiais? Eu já disse: eles prestam atenção no que pode provar o progresso."

566-a. — Imaginamos que deva ser assim para os Espíritos muito adiantados, mas nos referimos a Espíritos mais comuns e que ainda não se elevaram acima das ideias terrenas...

"Para esses, é diferente. Seu ponto de vista é mais reduzido e eles podem admirar o que vocês mesmos admiram."

567. Os Espíritos algumas vezes se envolvem em nossos ocupações e lazeres?

"Os Espíritos vulgares, como você diz, sim. Estes estão constantemente ao vosso redor e tomam parte — às vezes muito ativa — do que vocês fazem, conforme a natureza deles. E isso é necessário para impulsionar os homens pelas diversas veredas da vida, para excitar ou moderar suas paixões."

Os Espíritos se ocupam das coisas deste mundo dependendo da sua elevação ou de sua inferioridade. Os Espíritos superiores indubitavelmente têm a faculdade de examiná-las nos mínimos detalhes, mas só o fazem na medida em que isso seja útil ao progresso; apenas os Espíritos inferiores dão a essas coisas uma importância relativa às reminiscências que ainda estão presentes na sua memória e às ideias materiais que ainda não foram apagadas.

568. Os Espíritos que têm missões a cumprir desempenham essas suas missões no estado errante ou no estado de encarnação?

"Eles podem desempenhá-las tanto num estado como no outro. Para determinados Espíritos errantes, é uma grande ocupação."

569. Em que consiste as missões de que os Espíritos errantes podem ser encarregados?

"São tão variadas que seria impossível descrevê-las. Muitas delas vocês não podem nem compreender. Os Espíritos executam as vontades de Deus e vocês não podem penetrar todos os seus desígnios."

As missões dos Espíritos sempre têm o bem como objetivo. Quer seja como Espíritos, quer seja como homens, eles estão encarregados de auxiliar o progresso da humanidade, dos povos ou dos indivíduos, num círculo de ideias mais ou menos largo, mais ou menos especial, de preparar os caminhos para certos eventos, de velar pela execução de certas coisas. Alguns têm missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou inteiramente locais, como socorrer os enfermos, os agonizantes, os aflitos, de velar por aqueles de quem se tornaram guias e protetores, de lhes dirigi com seus conselhos ou pelos bons pensamentos que lhes sugerem. Pode-se dizer que há tantos gêneros de missões quanto os tipos de interesses a zelar — seja no mundo físico, seja no mundo moral. O Espírito avança conforme a maneira como ele cumpre sua tarefa.

570. Os Espíritos sempre compreendem os desígnios de que eles estão encarregados de executar?

"Não; há aqueles que são instrumentos cegos, mas outros sabem muito bem com que finalidade agem."

571. Só existem Espíritos elevados entre os que desempenham missões?

"A importância das missões corresponde às capacidades e à elevação do Espírito. O estafeta[51] que leva um despacho também cumpre uma missão, porém não é a de um general."

572. A missão de um Espírito lhe é imposta ou ela depende da vontade dele?

"Ele a pede e fica feliz em obtê-la."

572-a. — Uma mesma missão pode ser solicitada por diversos Espíritos?

"Sim, às vezes há vários candidatos, mas nem todos são aceitos."

573. Em que consiste a missão dos Espíritos encarnados?

"Instruir os homens, auxiliar no seu adiantamento; melhorar suas instituições por meios diretos e materiais. Entretanto, as missões são mais ou menos gerais e importantes. Aquele que cultiva a terra desempenha uma missão, como o que governa ou aquele que educa. Tudo se encadeia na natureza. Ao mesmo tempo em que o Espírito se depura pela encarnação, ele colabora dessa forma para o cumprimento dos propósitos da Providência. Cada qual tem sua missão neste mundo, porque cada um pode ser útil para alguma coisa."

574. Qual pode ser a missão das pessoas voluntariamente inúteis na Terra?

"Há realmente pessoas que não vivem senão para elas mesmas e não sabem se tornar úteis para nada. São pobres que precisam de compaixão, pois expiarão cruelmente sua inutilidade voluntária, e sua punição muitas vezes começa já neste mundo, pelo tédio e desgosto pela vida."

---

[51] Estafeta: antiga designação para aquele que entregava correspondência; mensageiro, entregador, *office-boy*. — N. T.

574-a. — Já que eles tinham escolha, por que preferiram uma vida que não poderia lhes beneficiar em nada?

"Entre os Espíritos também há preguiçosos que recuam diante de uma vida de labor. Deus os permite, contudo eles compreenderão mais tarde, às custas deles mesmos, os inconvenientes de sua inutilidade e serão os primeiros a pedir para compensar o tempo perdido. Talvez também tenham escolhido uma vida mais útil, só que, uma vez no trabalho, eles recuaram e se deixaram levar pelas sugestões dos Espíritos que os induzem à ociosidade."

575. As ocupações comuns nos parecem mais deveres do que missões propriamente ditas. A missão — de acordo com a ideia relacionada a essa palavra — tem um caráter de importância menos exclusivo e, sobretudo, menos pessoal. Deste ponto de vista, como podemos reconhecer que uma pessoa realmente tem uma missão na Terra?

"Pelas grandes coisas que ela realiza, pelo progresso que faz seus semelhantes realizarem."

576. Os indivíduos que trazem uma missão importante foram predestinados a ela antes do seu nascimento e têm conhecimento disso?

"Algumas vezes sim, porém na maioria das vezes eles a ignoram. Ao vir à Terra, eles não trazem mais do que um vago propósito; sua missão se desenha após seu nascimento e conforme as circunstâncias. Deus os leva para a senda onde eles devam cumprir os seus desígnios."

577. Quando um homem faz alguma coisa útil, é sempre em virtude de uma missão anterior e predestinada, ou ele pode receber uma missão não prevista?

"Nem tudo que um homem faz é resultado de uma missão predestinada; muitas vezes, ele é o instrumento do qual um Espírito se serve para executar algo que ele creia que seja útil. Por exemplo, um Espírito julga que seria bom escrever um livro que ele mesmo faria se estivesse encarnado, então ele procura o escritor que seja mais apto a compreender seu pensamento e a executá-lo; ele lhe dá a ideia e o dirige na execução. Logo, esse homem não

veio à Terra com a missão de fazer essa obra. Ocorre o mesmo com alguns trabalhos de arte ou de descobertas. É preciso dizer ainda que durante o sono do corpo o Espírito encarnado se comunica diretamente com o Espírito errante e que eles se entendem sobre a execução."

578. O Espírito, por culpa própria, pode falhar na sua missão?

"Pode sim, se não for um Espírito superior."

578-a. — Quais são as consequências disso para ele?

"Será preciso recomeçar sua tarefa: essa é a sua punição. Também sofrerá as consequências do mal que tenha causado."

579. Visto que o Espírito recebe sua missão de Deus, como pode Deus confiar uma missão importante e de um interesse geral a um Espírito que nela poderia fracassar?

"Deus não sabe se o seu general obterá a vitória ou se será vencido? Ele sabe, estejam certos disso, e seus planos, ***quando são importantes***, não se apoiam naqueles que devam abandonar sua obra no meio do trabalho. Toda a questão para vocês está no conhecimento do futuro que Deus possui, mas que não lhes é permitido saber."

580. O Espírito que encarna para realizar uma missão tem a mesma apreensão que aquele que a realiza como provação?

"Não; ele tem experiência."

581. Os homens que são faróis do gênero humano, que esclarecem com sua genialidade, certamente têm uma missão. Mas entre eles há alguns que se enganam e que, ao lado de grandes verdades, propagam grandes erros. Como devemos considerar a missão deles?

"Como falseadas por eles próprios. Eles estão abaixo da tarefa que empreenderam. Contudo, faz-se necessário levar em conta as circunstâncias. Os homens de gênio tiveram que falar de acordo com o tempo, e um determinado ensinamento que parecia errôneo ou ingênuo numa época adiantada poderia ser suficiente para o seu século."

582. Podemos considerar a paternidade como uma missão?

"É, sem contradição, uma missão. É ao mesmo tempo um grandíssimo dever e que, mais do que o homem pensa, envolve a sua responsabilidade quanto ao futuro. Deus colocou o filho sob a tutela dos pais a fim de que estes o conduzam pela senda do bem, e facilitou a tarefa deles dando à criança um organismo fraco e delicado, que o torna propício a todas as impressões. No entanto, há muitos que se ocupam mais de endireitar as árvores do seu jardim e de fazê-las dar muitos bons frutos do que de endireitar o caráter do seu filho. Se este vier a sucumbir por culpa dos pais, estes arcarão com a punição, e os sofrimentos do filho na vida futura recairão sobre eles, por não terem feito o que dependia deles para seu avanço no curso do bem."

583. Se um filho se transviar, apesar dos cuidados dos seus pais, estes pais serão culpados por isso?

"Não, mas quanto piores forem as disposições do filho, tanto mais pesada será a tarefa e tanto maior será o mérito se os pais conseguirem desviá-lo do caminho errado."

583-a. — Se um filho se torna um bom sujeito, apesar da negligência ou os maus exemplos de seus pais, estes tiram algum proveito disso?

"Deus é justo."

584. Qual pode ser a natureza da missão do conquistador que apenas visa satisfazer à sua ambição e que, para alcançar esse objetivo, não hesita diante de nenhuma das calamidades que provoca na sua trajetória?

"Frequentemente ele não passa de um instrumento de que Deus se serve para a concretização de seus desígnios, e essas calamidades muitas vezes consistem num meio de fazer um povo avançar mais rapidamente."

584-a. — Aquele que é o instrumento dessas calamidades passageiras é estranho ao bem que pode resultar disso, uma vez que só visava um objetivo pessoal; no entanto, ele se aproveitará desse bem?

"Cada um é recompensado conforme suas obras, com o bem que ***quis*** fazer e com a retidão de suas intenções."

Os Espíritos encarnados têm ocupações inerentes à sua existência corporal. No estado errante, ou de desmaterialização, essas ocupações são proporcionais ao grau de seu adiantamento.

Uns percorrem os mundos, instruem-se e se preparam para uma nova encarnação.

Outros, mais avançados, se ocupam do progresso dirigindo os acontecimentos e sugerindo pensamentos propícios; auxiliam os homens de gênio que contribuem para o adiantamento da humanidade.

Outros encarnam com uma missão de progresso.

Outros tomam sob sua tutela os indivíduos, as famílias, as reuniões, as cidades e os povos, dos quais são os anjos guardiões, os gênios protetores e os Espíritos familiares.

Outros, enfim, presidem os fenômenos da natureza, de que são os agentes diretos.

Os Espíritos comuns se envolvem com as nossas ocupações e com os nossos divertimentos.

Os Espíritos impuros ou imperfeitos esperam em sofrimentos e angústias o momento em que agradar a Deus lhes conceder os meios de avançar. Se fazem o mal, é por despeito do bem que ainda não podem desfrutar.

CAPÍTULO XI

OS TRÊS REINOS

Os minerais e as plantas – Os animais e o homem – Metempsicose

Os minerais e as plantas

585. O que acham da divisão da natureza em três reinos, ou melhor, em duas classes: os seres orgânicos e os seres inorgânicos? Segundo alguns, a espécie humana forma uma quarta classe. Qual dessas divisões é preferível?

"Todas elas são boas; isso depende do ponto de vista. Sob o aspecto material, não há mais do que seres orgânicos e inorgânicos; do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus."

De fato, esses quatro graus apresentam características determinadas, embora seus limites pareçam se confundir: a matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica; as plantas, compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade; os animais, constituídos de matéria inerte e dotados de vitalidade, têm além disso uma espécie de inteligência instintiva, limitada, com a consciência de sua existência e de sua individualidade; o homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus.

586. As plantas têm consciência de sua existência?

"Não, elas não pensam; elas nada têm além da vida orgânica."

587. As plantas experimentam sensações? Elas sofrem quando são mutiladas?

"As plantas recebem impressões físicas que atuam sobre a matéria, mas não têm percepções. Por consequência, elas não têm o sentimento da dor."

588. A força que atrai as plantas umas para as outras é independente da vontade delas?

"Sim, pois elas não pensam. É uma força mecânica da matéria que atua sobre a matéria: elas não poderiam se opor a isso."

589. Determinadas plantas — tais como a sensitiva e a dioneia, por exemplo — têm movimentos que denotam uma grande sensibilidade e, em certos casos, um tipo de vontade, como a última, cujos lóbulos apanham a mosca que vem pousar sobre ela para tirar seu suco, e à qual ela parece armar uma armadilha para depois matá-la. Essas plantas são dotadas da faculdade de pensar? Têm uma vontade e formam uma classe intermediária entre a natureza vegetal e a natureza animal? Constituem uma transição de uma para outra?

"Tudo é transição na natureza, pelo mesmo fato de que nada é semelhante e que, no entanto, tudo se conecta. As plantas não pensam e, portanto, não têm vontade. A ostra que se abre e todos os zoófitos não têm pensamento: não há nada mais que um instinto cego e natural."

O organismo humano nos fornece exemplos de movimentos semelhantes sem a participação da vontade, como nas funções digestivas e circulatórias. O piloro se contrai ao contato de certos corpos para lhes negar passagem. Deve ser o mesmo com a sensitiva, cujos movimentos não implicam de nenhum modo a necessidade de uma percepção e, ainda menos, de uma vontade.

590. Não há nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação que as leve a procurar o que lhes possa ser útil e evitar o que possa lhes prejudicar?

"Se preferem, há uma espécie de instinto: isso depende da extensão que se dê a essa palavra. Todavia, é um instinto puramente mecânico. Quando, nas reações químicas, vocês observam dois corpos se reunirem, é que eles se combinam, quer dizer, que há afinidade entre eles. Mas vocês não chamam isso de instinto."

591. Nos mundos superiores, as plantas são de uma natureza mais perfeita, como os outros seres?

"Tudo é mais perfeito, mas as plantas são sempre plantas, como os animais são sempre animais e os homens sempre homens."

Os animais e o homem

592. Se compararmos o homem e os animais, com relação à inteligência, a linha de demarcação parece difícil de ser estabelecida, pois, sob esse aspecto, alguns animais têm uma notória superioridade sobre determinados homens. Essa linha de demarcação pode ser estabelecida de uma maneira precisa?

"Sobre esse ponto vossos filósofos dificilmente estão de acordo. Uns querem que o homem seja um animal e outros que o animal seja um homem. Eles todos estão errados. O homem é um ser à parte que algumas vezes se rebaixa bastante ou pode elevar-se muito alto. Pelo físico, o homem é como os animais, e menos bem provido do que muitos destes. A natureza lhes deu tudo o que o homem é obrigado ***a inventar com a sua inteligência***, para suas necessidades e sua conservação. Seu corpo se destrói como o dos animais, é verdade, mas seu Espírito tem um destino que só ele pode compreender, porque só ele é inteiramente livre. Pobres homens, que se rebaixam mais do que o bruto! Não sabem se distinguir deles? Reconheçam o homem pelo pensamento de Deus."

593. Poderíamos dizer que os animais só agem por instinto?

"Ainda aí há um sistema. É bem verdade que o instinto domina na maioria dos animais, mas você não vê que alguns deles agem com uma vontade determinada? É inteligência, embora limitada."

Além do instinto, não podemos negar que alguns animais têm atos combinados que demonstram uma vontade de agir num sentido determinado e de acordo com as circunstâncias. Há neles, portanto, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício é mais exclusivamente concentrado sobre os meios de satisfazer suas necessidades físicas e de prover sua conservação. Neles, nenhuma criação, nenhum melhoramento; qualquer que seja a arte que admiramos em seus trabalhos, o que eles faziam antigamente eles o fazem hoje, nem melhor nem pior,

segundo as formas e proporções constantes e invariáveis. O filhote, isolado da sua espécie, não deixa de construir seu ninho com o mesmo modelo sem ter recebido o ensinamento. Se alguns são suscetíveis de certa educação, seu desenvolvimento intelectual — sempre restrito em limites estreitos — é devido a ação do homem sobre uma natureza flexível, pois não há nenhum progresso que lhes seja próprio. Mas esse progresso é efêmero e puramente individual, já que o animal entregue a si mesmo não tarda a retornar aos limites traçados pela natureza.

594. Os animais têm alguma linguagem?

"Se você se refere a uma linguagem formada de palavras e de sílabas, não; eles têm um meio de se comunicarem entre si. Eles dizem uns aos outros muito mais coisas do que vocês imaginam. Entretanto, a linguagem deles é, como suas ideias, restrita às suas necessidades."

594-a. — Existem animais que não têm voz; não parece que estes não têm linguagem?

"Eles se compreendem por outros meios. Vocês, humanos, só têm a palavra para se comunicar? E o que dizer dos mudos? Os animais, sendo dotados da vida de relação, possuem seus meios de se prevenirem e de expressarem as sensações que experimentam. Você acredita que os peixes não se entendem entre si? Então, o homem não goza do privilégio exclusivo da linguagem. Porém, a dos animais é instintiva e limitada ao círculo de suas necessidades e ideias, enquanto a do homem é perfectível e se presta a todas as concepções da sua inteligência."

Efetivamente, os peixes, assim como as andorinhas, que emigram em massa e que obedecem ao guia que os conduz, devem ter meios de se advertirem, de se entenderem e se combinarem. Talvez tenham uma vista mais penetrante que lhes permita distinguir os sinais que mutuamente façam. Pode ser também que a água seja um veículo que lhes transmita certas vibrações. Seja como for, é incontestável que eles têm uma maneira de se entenderem, do mesmo modo que todos os animais privados da voz e que fazem trabalhos em comum. Diante disso, é de se admirar que os Espíritos possam se comunicar entre si sem o auxílio da palavra articulada? (Ver questão 282.)

595. Os animais têm o livre-arbítrio dos seus atos?

"Os animais não são simples máquinas, como vocês pensam. Contudo, sua liberdade de ação é limitada às suas necessidades e não se pode comparar com a liberdade do homem. Sendo muito inferiores a este, os animais não têm os mesmos deveres. A liberdade deles fica restrita aos atos da vida material."

596. De onde vem a aptidão de certos animais para imitar a linguagem do homem e por que essa aptidão se revela mais nas aves do que no macaco, por exemplo, cuja conformação tem mais semelhança com a humana?

"Vem da conformação particular dos órgãos da voz, auxiliada pelo instinto de imitação; o macaco imita os gestos e algumas aves imitam a voz."

597. Já que os animais possuem uma inteligência que lhes dá uma certa liberdade de ação, haverá neles algum princípio independente da matéria?

"Há sim, e que sobrevive ao corpo."

597-a. — Esse princípio seria uma alma igual à do homem?

"É também uma alma, se quiserem, ***isso depende do sentido que se der a esta palavra***. Mas ela é inferior à alma do homem. Entre a alma dos animais e a do homem há tanta distância quanto entre a alma do homem e Deus."

598. Após a morte, a alma dos animais conserva sua individualidade e a consciência de si mesma?

"Sua individualidade sim, mas não a consciência do seu ***eu***. A vida inteligente fica em estado latente."

599. A alma dos bichos tem a chance de escolher encarnar mais num animal do que noutro?

"Não, pois ele não tem o livre-arbítrio."

600. Sobrevivendo ao corpo, a alma do animal depois da morte fica num estado errante, como a alma do homem?

"Fica num tipo de erraticidade, pois ela não está mais unida ao corpo, mas não é um ***Espírito errante***. O Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; o dos animais não têm essa mesma faculdade. A consciência de si próprio é o que constitui o principal atributo do Espírito. Após sua morte, o Espírito do animal é classificado pelos Espíritos a quem cabe essa tarefa e utilizado quase imediatamente: ele não tem tempo de se relacionar com outras criaturas."

601. Os animais estão sujeitos a uma lei progressiva, como os homens?

"Sim; isso é porque nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são, dispondo de meios de comunicação mais desenvolvidos. Porém, eles são sempre inferiores e submissos ao homem; para este, os animais são servidores inteligentes."

Não há nada de extraordinário nisso. Suponhamos os nossos animais mais inteligentes (o cão, o elefante, o cavalo) com uma conformação apropriada para trabalhos manuais: o que eles não poderiam fazer sob a direção do homem?

602. Os animais progridem por ato de sua própria vontade, assim como os homens, ou pela força das coisas?

"Pela força das coisas, porque para eles não há expiação."

603. Nos mundos superiores, os animais conhecem Deus?

"Não. Para eles, o homem é um deus, como outrora os Espíritos eram deuses para o homem."

604. Os animais, mesmo aperfeiçoados nos mundos superiores, sendo sempre inferiores ao homem, disso resultaria que Deus tenha criado seres intelectuais perpetuamente destinados à inferioridade, o que parece em desacordo com a unidade de vistas e de progresso que se revela em todas as suas obras.

"Tudo se encadeia na natureza por elos que vocês ainda não podem compreender, e as coisas aparentemente mais dispares têm pontos de contato que o homem nunca chegará a entender no seu estado atual. Ele pode vislumbrá-los por um esforço de sua inteligência, mas somente quando essa

inteligência tiver adquirido todo o seu desenvolvimento e estiver livre dos preconceitos do orgulho e da ignorância é que ela conseguirá ver claramente na obra de Deus. Até lá, suas ideias limitadas lhe farão observar as coisas por um ponto de vista mesquinho e restrito. Saiba bem que Deus não pode se contradizer, e que tudo na natureza se harmoniza através das leis gerais que não se desviam jamais da sublime sabedoria do Criador."

604-a. — Então a inteligência é uma propriedade comum, um ponto de contato entre a alma dos animais e a do homem?

"Sim, porém os animais não têm mais do que a inteligência da vida material; no homem, a inteligência produz a vida moral."

605. Se considerássemos todos os pontos de contato entre o homem e os animais, não poderíamos pensar que o homem possui duas almas: a alma animal e a alma espírita, e que, se não tivesse essa última, ele poderia viver como o bruto? Dizendo de outro modo, que o animal é um ser semelhante ao homem, sem a alma espírita? Isso não significaria que os bons e os maus instintos do homem seriam o efeito da predominância de uma dessas duas almas?

"Não, o homem não tem duas almas, mas o corpo tem seus instintos, que são o resultado da sensação dos órgãos. Não há mais do que uma dupla natureza no homem: a natureza animal e a natureza espiritual. Pelo seu corpo, ele participa da natureza dos animais e de seus instintos; por sua alma, participa da natureza dos Espíritos."

605-a. — Assim, além de suas próprias imperfeições, de que o Espírito deve se despojar, ele ainda tem que lutar contra a influência da matéria?

"Exato, e quanto mais inferior ele for, mais fortes são os laços entre o Espírito e a matéria. Vocês não enxergam isso? O homem não tem duas almas; a alma é sempre única em cada ser. A alma do animal e a do homem são distintas uma da outra, a tal ponto que a alma de um não pode animar o corpo criado para o outro. Contudo, se o homem não tem alma animal que por suas paixões o iguale aos animais, ele tem seu corpo que às vezes o rebaixa até o nível deles, pois seu corpo é um ser dotado

de vitalidade que tem instintos, porém ininteligentes e restritos aos cuidados de sua conservação."

Encarnando no corpo do homem, o Espírito traz nele o princípio intelectual e moral que o torna superior aos animais. As duas naturezas existentes no homem dão às suas paixões duas fontes diferentes: umas vêm dos instintos da natureza animal; as outras vêm das impurezas do Espírito do qual é a encarnação, e que simpatiza mais ou menos com a grosseria dos apetites animais. Em se purificando, o Espírito liberta-se pouco a pouco da influência da matéria. Sob essa influência, ele se aproxima do bruto; desgarrando-se dessa influência, ele se eleva à sua verdadeira destinação.

606. De onde os animais tiram o princípio inteligente que constitui a espécie particular da alma de que eles são dotados?

"Do elemento inteligente universal."

606-a. — Então a inteligência do homem e a dos animais emanam de um único princípio?

"Sem dúvida alguma, porém no homem a inteligência recebeu uma elaboração que a eleva acima daquela que anima o bruto."

607. Foi dito (ver questão 190) que a alma do homem, na sua origem, corresponde ao estado da infância da vida corporal, que sua inteligência mal está desabrochando e que ela se ensaia para a vida. Onde o Espírito realiza essa primeira fase?

"Numa série de existências que antecedem o período que vocês chamam de humanidade."

607-a. — A alma não pareceria assim ter sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação?

"Já não dissemos que tudo se encadeia na natureza e tende para a unidade? É nesses seres — que vocês estão longe de conhecer inteiramente — que o princípio inteligente se elabora, pouco a pouco se individualiza e se ensaia para a vida, conforme temos dito. De certo modo, é um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do

qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna ***Espírito***. É então que começa para ele o período da humanização, e com ele a consciência do seu futuro, o discernimento do bem e do mal, e a responsabilidade dos seus atos. Logo após o período da infância vem o da adolescência, depois a juventude e enfim a idade madura. De resto, não há nessa origem nada que deva humilhar o homem. Os grandes sábios ficariam humilhados por terem sido fetos informes no seio de sua mãe? Se há alguma coisa que deva lhes humilhar é sua inferioridade perante Deus e sua impotência para sondar a profundeza dos seus desígnios e a sabedoria das leis que regem a harmonia do Universo. Reconheçam a grandeza de Deus nessa admirável harmonia que faz com que tudo seja solidário na natureza. Acreditar que Deus tenha feito alguma coisa sem um objetivo e criado seres inteligentes sem futuro, isso seria blasfemar sua bondade, que se estende sobre todas as suas criaturas."

607-b. — Esse período de humanidade começa na Terra?

"A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana; o período da humanização começa geralmente em mundos ainda mais inferiores. Isso, entretanto, não constitui uma regra absoluta e pode ser que um Espírito, desde o seu princípio humano, esteja apto a viver na Terra. Tal caso não é frequente, seria antes uma exceção."

608. Após a morte, o Espírito do homem tem consciência das existências que antecederam para ele o período de humanidade?

"Não, pois nesse período é que apenas começa para ele sua vida de Espírito, e é mesmo difícil que se lembre de suas primeiras existências como homem, como é absolutamente difícil que o homem se lembre mais dos primeiros tempos de sua infância e ainda menos do tempo em que passou no ventre materno. Eis por que os Espíritos lhes dizem que eles não sabem como começaram." (Ver a questão 78.)

609. Uma vez adentrado no período da humanidade, o Espírito conserva

traços do que ele era anteriormente? Quer dizer, traços do estado em que se achava no período que poderíamos chamar pré-humano?

"Depende da distância que separe os dois períodos e o progresso realizado. Durante algumas gerações, ele pode conservar um reflexo mais ou menos acentuado do estado primitivo, pois nada na Natureza se faz por transição brusca; há sempre anéis que ligam as extremidades da cadeia dos seres e dos eventos. No entanto, esses traços se apagam com o desenvolvimento do livre-arbítrio. Os primeiros progressos se realizam lentamente porque ainda não estão orientados pela vontade; eles seguem uma progressão mais rápida à medida que o Espírito adquire uma consciência mais perfeita de si mesmo."

610. Os Espíritos que têm dito que o homem é um ser à parte na ordem da criação então se enganaram?

"Não, mas a questão não tinha sido desenvolvida, e além do mais há coisas que não podem vir senão no seu tempo. De fato, o homem é um ser à parte, visto que ele tem faculdades que o distinguem de todos os outros e tem uma outra destinação. A espécie humana é a que Deus escolheu para a encarnação dos seres ***que podem conhecê-lo***."

Metempsicose

611. A comunhão da origem no princípio inteligente dos seres vivos não constitui a consagração da doutrina da metempsicose?

"Duas coisas podem ter a mesma origem e não se assemelharem em nada mais tarde. Quem reconheceria a árvore, suas folhas, suas flores e seus frutos no gérmen informe contido na semente de onde ela surgiu? Do momento em que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período da humanização, já não guarda relação com o seu estado primitivo e já não é mais a alma das feras, como a árvore já não é mais a semente. De animal só há no homem o corpo e as paixões que nascem da influência do corpo e do instinto de conservação inerente à matéria. Portanto,

não se pode dizer que tal homem seja a encarnação do Espírito de tal animal, e por isso a metempsicose — tal como se entende — não é verdadeira."

612. O Espírito que animou o corpo de um homem poderia encarnar num animal?

"Isso seria retrogradar, e o Espírito não retrocede. O rio não retorna à sua nascente." (Ver a questão 118.)

613. Por mais errônea que seja a ideia ligada à metempsicose, ela não seria o resultado do sentimento intuitivo das diferentes existências do homem?

"Esse sentimento intuitivo se encontra nessa crença como em muitas outras, mas, como a maioria de suas ideias intuitivas, o homem a desnaturou."

A metempsicose seria verdadeira se a entendêssemos como sendo a progressão da alma de um estado inferior a um estado superior em que ela adquirisse desenvolvimentos que transformassem sua natureza. Porém, ela é falsa no sentido de transmigração direta do animal para o homem e vice-versa — o que implicaria na ideia de retrogradação ou de fusão. Ora, essa fusão não poderia acontecer entre seres corporais de duas espécies, pois seria um indício de que elas estariam em graus não assimiláveis e que deveria acontecer o mesmo com os Espíritos que as animam. Se o mesmo Espírito pudesse lhes animar alternativamente, disso resultaria uma identidade de natureza que se traduziria na possibilidade da reprodução material. A reencarnação ensinada pelos Espíritos está fundada, ao contrário, sobre a marcha ascendente da natureza e sobre a progressão do homem em sua própria espécie, o que não tira nada de sua dignidade. O que o rebaixa é o mau uso que ele faz das faculdades que Deus lhe deu para o seu adiantamento. Seja como for, a antiguidade e a universalidade da doutrina da metempsicose — assim como os homens eminentes que a professaram — provam que o princípio da reencarnação tem suas raízes na própria natureza; esses são, portanto, argumentos bem mais a seu favor do que contrários.

O ponto de partida do Espírito é uma dessas questões que se ligam ao princípio das coisas e fazem parte dos segredos de Deus. Não é dado ao homem conhecê-los de uma maneira absoluta e, a esse respeito, não se pode fazer mais do que suposições, construir teorias mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos

estão longe de conhecer tudo; sobre o que não sabem eles podem também ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas.

É assim, por exemplo, que nem todos pensam a mesma coisa sobre as relações existentes entre o homem e os animais. Segundo alguns, o Espírito só alcança o período humano após ter sido elaborado e individualizado nos diferentes graus dos seres inferiores da Criação; segundo outros, o Espírito do homem teria sempre pertencido à raça humana, sem passar pela experiência animal. O primeiro desses sistemas tem a vantagem de dar um objetivo ao futuro dos animais, que formariam assim os primeiros anéis da cadeia dos seres pensantes; o segundo está mais de acordo com a dignidade do homem e pode se resumir no seguinte modo:

As diferentes espécies de animais não procedem ***intelectualmente*** umas das outras pelo caminho da progressão; assim, o espírito da ostra não se torna sucessivamente o do peixe, do pássaro, do quadrúpede e do quadrúmano; cada espécie constitui um tipo ***absoluto***, física e moralmente, da qual cada indivíduo tira na fonte universal a soma do princípio inteligente que lhe é necessário, segundo a perfeição de seus órgãos e a obra que deve cumprir nos fenômenos da natureza, e que, em sua morte, ele retorna à massa. As espécies dos mundos mais avançados que o nosso (Veja a questão 188) são igualmente raças distintas, apropriadas às necessidades desses mundos e ao grau de adiantamento dos homens dos quais eles são auxiliares, mas que absolutamente não procedem daqueles da Terra, espiritualmente falando. Não ocorre o mesmo com o homem: do ponto de vista físico, evidentemente ele forma um anel da cadeia dos seres vivos, mas do ponto de vista moral, entre o animal e o homem existe uma solução de continuidade; o homem possui nele próprio a alma ou Espírito, a centelha divina que lhe dá o sentido moral e um valor intelectual que falta aos animais; é nele o ser principal, preexistindo e sobrevivendo ao corpo nele conservando sua individualidade? Qual é a origem do Espírito? Onde está seu ponto de partida? Ele se forma do princípio inteligente individualizado? Está aí um mistério que seria inútil tentar penetrar e sobre o qual, como temos dito, não se pode construir mais do que hipóteses. O que é consistente e resulta ao mesmo tempo do raciocínio e da experiência é a sobrevivência do Espírito, a conservação de sua individualidade após a morte, sua faculdade progressiva, seu estado feliz ou infeliz proporcionalmente ao seu adiantamento no caminho do bem e de todas as verdades morais que são a consequência desse princípio. Quanto às relações misteriosas que existem entre o homem e os animais, está aí — nós o repetimos — o segredo de Deus, como muitas

outras coisas cujo conhecimento ***atual*** não importa ao nosso adiantamento e nas quais seria inútil insistir.

LIVRO TERCEIRO

LEIS MORAIS

I - LEI DIVINA OU NATURAL
II - LEI DE ADORAÇÃO
III - LEI DO TRABALHO
IV - LEI DE REPRODUÇÃO
V - LEI DE CONSERVAÇÃO
VI - LEI DE DESTRUIÇÃO
VII - LEI DE SOCIEDADE
VIII - LEI DO PROGRESSO
IX - LEI DE IGUALDADE
X - LEI DE LIBERDADE
XI - LEI DE JUSTIÇA, DE AMOR E DE CARIDADE
XII - PERFEIÇÃO MORAL

CAPÍTULO PRIMEIRO

LEI DIVINA OU NATURAL

Características da lei natural – Fonte e conhecimento da lei natural – O bem e o mal – Divisão da lei natural

Características da lei natural

614. Que se deve entender por lei natural?

"A lei natural é a lei de Deus. É a única verdadeira para a felicidade do homem. Ela lhe indica o que deve fazer ou deixar de fazer, e o homem só é infeliz porque se afasta dela."

615. A lei de Deus é eterna?

"Ela é eterna e imutável como o próprio Deus."

616. Deus poderia ter prescrito aos homens em certa época o que lhes proibiu em outra?

"Deus não pode se enganar; os homens é que são obrigados a modificar suas leis, por elas serem imperfeitas, mas as leis de Deus são perfeitas. A harmonia que reina no universo material e no universo moral é fundada sobre as leis que Deus estabeleceu para toda a eternidade."

617. Quais objetivos as leis divinas visam? Elas se referem a alguma outra coisa além da conduta moral?

"Todas as leis da natureza são leis divinas, pois Deus é o autor de todas as coisas. O sábio estuda as leis da matéria, o homem de bem estuda as da alma e as pratica."

617-a. — É permitido ao homem se aprofundar nas leis da matéria e nas da alma?

"Sim, ***mas uma única existência não é o suficiente***."

De fato, o que são alguns anos para se adquirir tudo o que constitui o ser perfeito, se considerarmos apenas a distância que separa o selvagem do homem civilizado? A existência mais longa possível é insuficiente, e com mais forte razão quando ela é abreviada, como se dá com um grande número.

Entre as leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: são as leis físicas, cujo estudo é do domínio da ciência.

As outras concernem especialmente ao homem em si mesmo e nas suas relações com Deus e com seus semelhantes. Elas compreendem as regras da vida do corpo, assim como as da vida da alma: são as leis morais.

618. As leis divinas são as mesmas para todos os mundos?

"A razão diz que elas devem ser apropriadas à natureza de cada mundo e adequadas ao grau de avanço dos seres que os habitam."

Conhecimento da lei natural

619. Deus concedeu a todos os homens os meios de conhecerem sua lei?

"Todos podem conhecê-la, mas nem todos a compreendem. Aqueles que melhor a compreendem são os homens de bem e aqueles que a querem procurar. Entretanto, todos a compreenderão um dia, pois é preciso que o progresso se cumpra."

A justiça das diversas encarnações do homem é uma consequência deste princípio, pois a cada nova existência sua inteligência fica mais desenvolvida e ele compreende melhor o que é bom e o que é mau. Se tudo tivesse que se realizar para ele numa só existência, qual seria a sorte de tantos milhões de seres que morrem todos os dias no embrutecimento da selvageria ou nas trevas da ignorância, sem que dependesse deles se instruírem? (Ver questões 171 a 222.)

620. Antes de se unir ao corpo, a alma compreende a lei de Deus melhor do

que depois de sua encarnação?

"Ela a compreende de acordo com o grau de perfeição ao qual tenha chegado e conserva dela a memória intuitiva após sua união com o corpo. Porém os maus instintos do homem geralmente fazem-no esquecê-la."

621. Onde está escrita a lei de Deus?

"Na consciência."

621-a. — Já que o homem traz em sua consciência a lei de Deus, que necessidade haveria de ela lhe ser revelada?

"Ele a esqueceu e desprezou: Deus quis que ela lhe fosse lembrada."

622. Deus deu a determinados homens a missão de revelar sua lei?

"Sim, certamente. Em todos os tempos certos homens receberam essa missão. São Espíritos superiores encarnados com a finalidade de fazer a humanidade avançar."

623. Aqueles que têm pretendido instruir os homens na lei de Deus não têm se enganado algumas vezes, e muitas vezes não os transviaram por meio de falsos princípios?

"Aqueles que não eram inspirados por Deus e que, por ambição, concederam a si mesmos uma missão que eles não tinham, estes certamente puderam transviar os homens. Entretanto, como eram definitivamente homens de gênio, mesmo entre os erros que ensinaram encontram-se muitas vezes grandes verdades."

624. Qual a característica do verdadeiro profeta?

"O verdadeiro profeta é um homem de bem inspirado por Deus. Podemos reconhecê-lo pelas suas palavras e pelas suas ações. Deus não pode se servir da boca do mentiroso para ensinar a verdade."

625. Qual o tipo mais perfeito que Deus ofertou ao homem para lhe servir de guia e de modelo?

"Observem Jesus."

Jesus é para o homem o tipo da perfeição moral à qual a humanidade pode

aspirar na Terra. Deus nos oferece Jesus como o modelo mais perfeito, e a doutrina que este ensinou é a mais pura expressão da lei de Deus, porque ele era animado do espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu na Terra.

Se alguns daqueles que têm pretendido instruir o homem na lei de Deus às vezes o transviaram com falsos princípios, isso foi porque eles mesmos se deixarem ser dominados pelos sentimentos muito terrenos e por terem confundido as leis que regem as condições da vida da alma com as que regem a vida do corpo. Muitos têm dado como leis divinas aquilo que não passa de leis humanas criadas para servir às paixões e dominar os homens.

626. As leis divinas e naturais foram reveladas aos homens apenas por Jesus? Antes dele, eles não tiveram conhecimento dessas leis a não ser por intuição?

"Já não dissemos que elas estão escritas por toda parte? Todos os homens que meditaram sobre a sabedoria puderam então compreendê-las e ensiná-las, desde os séculos mais remotos. Pelos seus ensinamentos, mesmo incompletos, eles prepararam o solo para receber a semente. Estando as leis divinas escritas no livro da natureza, o homem pôde conhecê-las desde que a desejou procurar. Por isso é que os preceitos que elas consagram foram proclamados em todos os tempos pelos homens de bem, e é também por isso que elementos delas se encontram — embora incompletos ou adulterados pela ignorância e a superstição — na doutrina moral de todos os povos saídos da barbárie."

627. Uma vez que Jesus ensinou as verdadeiras leis de Deus, qual é a utilidade do ensino dado pelos Espíritos? Eles têm mais alguma coisa a nos ensinar?

"A palavra de Jesus era frequentemente alegórica e em parábolas, porque ele falava de acordo com a época e o lugar. É preciso agora que a verdade seja compreensível para todo o mundo. É preciso também explicar e desenvolver essas leis, já que há tão poucas pessoas que as entendem e ainda menos as que as praticam. Nossa missão é a de abrir os olhos e os ouvidos para confundir os orgulhosos e desmascarar os hipócritas: aqueles que tomam as aparências da virtude e da religião para ocultarem suas torpezas. O ensinamento dos Espíritos deve ser claro e inequívoco, a fim de que ninguém possa alegar ignorância, e cada um possa julgá-lo e apreciá-lo com a sua razão.

Estamos encarregados de preparar o reino do bem anunciado por Jesus; eis por que não é preciso cada um interpretar a lei de Deus ao critério de suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei repleta de amor e de caridade."

628. Por que a verdade nem sempre esteve ao alcance de todo o mundo?

"É necessário que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz: é preciso se habituar a ela pouco a pouco, senão ela alucina.

"Nunca ocorreu que Deus permitisse ao homem receber comunicações tão completas e tão instrutivas como as que lhe é dado receber hoje. Como vocês bem sabem, havia nos tempos antigos alguns indivíduos que estavam em poder do que consideravam como uma ciência sagrada e da qual eles faziam mistério aos profanos, segundo eles. Vocês devem compreender que, pelo que conhecem agora das leis que regem esses fenômenos, esses indivíduos não recebiam mais do que algumas verdades esparsas no meio de um conjunto equivocado e, na maior parte do tempo, simbólico. Não obstante, não há para o homem estudioso nenhum sistema filosófico antigo, nenhuma tradição, nenhuma religião a negligenciar, pois tudo contém sementes de grandes verdades que — ainda que pareçam contraditórias umas com as outros, esparsas que estão em meio a acessórios sem fundamento — são muito fáceis de entender, graças à chave que o Espiritismo vos dá para uma multidão de coisas que puderam, até aqui, parecer sem razão para vocês e que, hoje, a realidade vos é demonstrada de uma maneira irrecusável. Portanto, não deixem de tirar dessas matérias os objetos de estudo; eles são muito ricos e podem contribuir significativamente para vossa instrução."

O bem e o mal

629. Que definição podemos dar da moral?

"A moral é a regra para se conduzir bem, quer dizer, a distinção entre o bem e o mal. Ela está fundamentada na observância da lei de Deus. O homem se conduz bem quando faz tudo pelo bem de todos, porque assim ele cumpre a lei de Deus."

630. Como podemos distinguir o bem e o mal?

"O bem é tudo o que está em conformidade com a lei de Deus, e o mal é tudo o que se afasta dela. Assim, fazer o bem é estar conforme à lei de Deus; fazer o mal é infringir essa lei."

631. O homem tem os meios de distinguir por si mesmo aquilo que é bom daquilo que é mau?

"Sim, quando ele crê em Deus e quando o quer saber. Deus lhe deu a inteligência para discernir um do outro."

632. Estando sujeito ao erro, o homem não poderia se enganar na apreciação do bem e do mal e crer que faz o bem quando na realidade pratica o mal?

"Jesus vos disse: vejam o que gostariam que fizessem ou não fizessem a vocês: isso é tudo. Vocês não se enganarão mais."

633. A regra do bem e do mal — que poderíamos chamar de ***reciprocidade*** ou de ***solidariedade*** — não pode se aplicar à conduta pessoal do homem para consigo mesmo. Encontra ele, na lei natural, a regra dessa conduta e um guia seguro?

"Quando vocês comem demais isso vos faz mal. Pois bem! É que Deus vos dá a medida daquilo de que precisam. Quando a ultrapassam, são punidos. Ocorre o mesmo em tudo. A lei natural traça para o homem o limite de suas necessidades; quando a ultrapassa, ele é punido pelo sofrimento. Se, em todas as coisas, o homem escutasse aquela voz que lhe diz ***basta***, ele evitaria a maior parte dos males dos quais ele culpa a natureza."

634. Por que o mal está na natureza das coisas? Eu falo do mal moral. Deus não poderia ter criado a humanidade em condições melhores?

"Nós já te dissemos isso: os Espíritos foram criados simples e ignorantes (Ver a questão 115). Deus deixa ao homem a escolha do caminho. Tanto pior para ele se toma o mau: sua peregrinação será mais longa. Se não existissem montanhas, o homem não poderia compreender que se pode subir e descer, e se não existissem rochas, ele não compreenderia que há corpos duros. É preciso que o Espírito adquira experiência, e por isso é preciso que ele

conheça o bem e o mal. Eis por que acontece a união do Espírito com o corpo.” (Ver a questão 119.)

635. As diferentes posições sociais criam necessidades novas que não são as mesmas para todos os homens. A lei natural não parece assim não ser uma regra uniforme?

“Essas diferentes posições fazem parte da natureza e seguem a lei do progresso. Isso não impede a unidade da lei natural, que se aplica a tudo.”

As condições de existência do homem mudam mediante os tempos e os lugares; disso resulta para ele as diferentes necessidades e as posições sociais apropriadas a essas necessidades. Já que essa diversidade faz parte da ordem das coisas, ela está em conformidade com a lei de Deus, e essa lei não é, por isso, menos uma em seu princípio. Cabe à razão distinguir as necessidades reais das necessidades factícias ou convencionais.

636. O bem e o mal são absolutos para todas as pessoas?

“A lei de Deus é a mesma para todos, porém o mal depende sobretudo da vontade que se tenha de praticá-lo. O bem é sempre o bem e o mal é sempre o mal, qualquer que seja a posição da pessoa; a diferença está no grau de responsabilidade.”

637. O selvagem que cede ao seu instinto, alimentando-se de carne humana, é culpado?

“Eu já disse que o mal depende da vontade. Pois bem! Tanto mais culpado é o homem, quanto mais ele sabe o que faz.”

As circunstâncias dão ao bem e ao mal uma gravidade relativa. O homem muitas vezes comete faltas que, por serem consequência da posição ou do lugar na sociedade, não são menos repreensíveis. Mas, sua responsabilidade é proporcional aos meios de que ele dispõe para compreender o bem e o mal. É assim que o homem esclarecido que comete uma simples injustiça é — aos olhos de Deus — mais culpável do que o selvagem ignorante que se entrega aos seus instintos.

638. O mal às vezes parece ser uma consequência da força das coisas. Tal é,

por exemplo, em certos casos, a necessidade de destruição, até mesmo a do seu semelhante. Poderíamos dizer que aí houve prevaricação à lei de Deus?

"Isso não deixa de ser o mal, apesar de necessário. Entretanto, essa necessidade desaparece à medida que a alma se depura, passando de uma existência para outra. Então, o homem se torna mais culpado quando comete o mal, porque melhor o compreende."

639. O mal que cometemos muitas vezes não é o resultado da posição em que as outras pessoas nos colocam? E nesses casos, quem são os mais culpáveis?

"O mal recai sobre aquele que o causou. Sendo assim, aquele que é conduzido ao mal pela posição em que seus semelhantes o colocam tem menos culpa do que aqueles que o causaram, porque cada um carrega a pena, não somente pelo mal que fez, mas pelo mal que ele tenha provocado."

640. Aquele que não pratica o mal, mas que se beneficia do mal praticado por outro alguém, é culpado no mesmo grau?

"É como se ele o cometesse. Aproveitar-se do mal é participar dele. Talvez ele tivesse recuado diante da ação, mas desde que, achando-o feito, tira proveito dele, é que então ele aprova esse mal e que o teria feito, se ele pudesse ***ou tivesse ousado***."

641. Desejar o mal é tão repreensível quanto fazê-lo?

"Depende: há virtude em resistir voluntariamente ao mal que se deseja praticar, sobretudo quando há possibilidade de satisfazer esse desejo; se não o pratica apenas por falta de ocasião, então é culpado."

642. Basta apenas não fazer o mal para ser agradável a Deus e assegurar sua posição futura?

"Não; é preciso fazer o bem no limite de suas forças, pois cada qual responderá por todo o mal que provocou ***por causa do bem que não fez***."

643. Há pessoas que, por sua posição, não tenha possibilidade de fazer o bem?

"Não há ninguém que não possa fazer o bem: somente o egoísta nunca encontra ocasião de praticá-lo. Basta estar em relação com outras pessoas

para encontrar ocasião de fazer o bem, e cada dia da vida oferece essa ocasião a quem não estiver cego pelo egoísmo, pois fazer o bem não consiste unicamente em ser caridoso, mas em ser útil na medida do possível, todas as vezes que a sua cooperação possa ser necessária."

644. O meio onde certos homens vivem não é a causa principal de muitos dos seus vícios e crimes?

"Sim, mas isso também é uma prova escolhida pelo Espírito no estado de liberdade; ele quis se expor à tentação para ter o mérito da resistência."

645. Quando o homem está de algum modo mergulhado na atmosfera do vício, o mal não se torna para ele um arrastamento quase irresistível?

"Arrastamento, sim; irresistível, não; pois mesmo dentro dessa atmosfera de vício às vezes você encontra grandes virtudes. São Espíritos que tiveram a força de resistir e que, ao mesmo tempo, tiveram como missão exercer uma boa influência sobre os seus semelhantes."

646. O mérito do bem que fazemos está subordinado a determinadas condições? Dito de outro modo, existem diferentes graus no mérito do bem?

"O mérito do bem está na dificuldade; não há nenhum merecimento em fazer o bem sem sacrifício e quando não custa nada. Deus leva mais em conta o pobre que reparte o seu único pedaço de pão do que o rico que apenas dá do seu supérfluo. Jesus assim o disse a propósito do óbolo da viúva."

Divisão da lei natural

647. Toda a lei de Deus está contida no mandamento do amor ao próximo, ensinado por Jesus?

"Certamente esse mandamento contém todos os deveres dos homens uns para com os outros, mas é preciso lhe mostrar a sua aplicação, do contrário eles o negligenciarão como o fazem hoje. Ademais, a lei natural abrange todas as circunstâncias da vida, e esse mandamento é apenas uma

parte dela. Os homens necessitam de regras precisas; os preceitos gerais e muito vagos deixam muitas portas abertas à interpretação.”

648. O que vocês pensam da divisão da lei natural em dez partes, compreendendo as leis sobre ***adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade*** e, por fim, a ***de justiça, amor e caridade***?

“Essa divisão da lei de Deus em dez partes é a de Moisés, e pode abranger todas as circunstâncias da vida — o que é essencial. Portanto, você pode adotá-la, sem que por isso ela tenha nada de absoluto, assim como todos os demais sistemas de classificação, que dependem do ponto de vista sob o qual se considere uma coisa. A última lei é a mais importante; é por ela que o homem pode avançar mais na vida espiritual, porque ela resume todas as outras.”

CAPÍTULO II

LEI DE ADORAÇÃO

Objetivo da adoração – Adoração exterior – Vida contemplativa – A prece – Politeísmo – Sacrifícios

Objetivo da adoração

649. Em que consiste a adoração?

"É a elevação do pensamento em direção a Deus. Pela adoração a pessoa aproxima de Deus a sua alma."

650. A oração é o resultado de um sentimento inato ou produto de um ensino?

"Sentimento inato, como o da existência de Deus. A consciência da sua fraqueza leva o homem a se curvar diante daquele que o pode proteger."

651. Terá existido povos desprovidos de todo sentimento de adoração?

"Não, jamais existiu um povo ateu. Todos compreendem que há acima de tudo um ser supremo."

652. Podemos considerar a adoração como tendo sua fonte na lei natural?

"A adoração está na lei natural, pois ela é o resultado de um sentimento inato no homem. Por essa razão é que a encontramos em todos os povos, embora sob formas diferentes."

Adoração exterior

653. A adoração tem necessidade de manifestações exteriores?

"A verdadeira adoração está no coração. Em todas as vossas ações,

lembrem-se sempre de que um senhor vos observa.”

653-a. — A adoração exterior é útil?

“Sim, se não for uma vã simulação. É sempre útil dar um bom exemplo, mas aqueles que o fazem somente por afetação e amor-próprio, e cuja conduta desmente sua aparente piedade, estes dão um exemplo antes mau do que bom e causam mais danos do que pensam.”

654. Deus tem preferência pelos que o adoram desta ou daquela maneira?

“Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, aos que acreditam honrá-lo por meio de cerimônias que não os tornam melhores para com os seus semelhantes.

“Todos os homens são irmãos e filhos de Deus; ele chama para si todos os que seguem suas leis — qualquer que seja a forma pela qual se exprimam.

“Aquele que só tem a aparência externa da piedade é um hipócrita. Aquele em quem a adoração não passa de fingimento e está em contradição com a sua conduta, este dá mau exemplo.

“Aquele que faz da adoração do Cristo uma profissão e que é orgulhoso, invejoso e ciumento, que é duro e implacável para com os outros, ou ambicioso pelos bens deste mundo, eu lhes digo que a religião está nos seus lábios e não no coração. Deus, que vê tudo, dirá: aquele que conhece a verdade é cem vezes mais culpável do mal que faz do que o ignorante selvagem do deserto, e será tratado consequentemente no dia da justiça. Se um cego vos derruba ao passar, vocês o desculparão; se é um homem que enxerga claramente, vocês se queixarão e com razão.

“Então, não perguntem se há alguma forma de adoração mais conveniente, porque isso equivaleria a perguntar se é mais agradável a Deus ser adorado num idioma do que noutro. Mais uma vez vos digo: os cânticos não chegam a ele senão pela porta do coração.”

655. É reprovável praticar uma religião em que não se acredita no fundo d’alma, quando se faz isso só por respeito humano e para não escandalizar os que pensam de outra forma?

“Nisto, como em muitas outras coisas, a intenção é a regra. Aquele que

não tenha em vista senão respeitar as crenças de outros, este não procede mal; ele se comporta melhor do que alguém que os ridicularizasse, porque então faltaria com a caridade. Mas aquele que pratica por interesse e por ambição torna-se desprezível aos olhos de Deus e dos homens. Deus não pode ter como agradáveis aqueles que têm a aparência de ser humilde diante dele tão somente para receberem a aprovação dos homens."

656. A adoração coletiva é preferível à adoração individual?

"Pessoas reunidas por uma comunhão de pensamentos e de sentimentos têm mais força para atrair os bons Espíritos. É o mesmo que se dá quando se reúnem para adorar a Deus. Todavia, não creiam por isso que a adoração particular seja menos eficaz, pois cada um pode adorar Deus pensando nele."

Vida contemplativa

657. As pessoas que se entregam à vida contemplativa, não fazendo nenhum mal e não pensando senão em Deus, têm algum mérito aos seus olhos?

"Nenhum, porque se não fazem o mal também não fazem o bem, e se tornam inúteis. Além disso, não fazer o bem já é um mal. Deus quer que pensemos nele, mas não quer que só pensemos nele, uma vez que ele deu ao homem deveres a cumprir na Terra. Quem passa todo o tempo na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque sua vida está toda individualizada e inútil à humanidade, e Deus lhe pedirá contas do bem que não tenha feito." (Ver a questão 640.)

A prece

658. A prece é agradável a Deus?

"A prece sempre é agradável a Deus quando ditada pelo coração, pois a intenção é tudo para ele, e a prece de coração é preferível àquela que você pode ler — por mais bela que seja — se for lida mais com os lábios do que com o pensamento. A prece é agradável a Deus quando dita com fé, fervor e

sinceridade, mas não creiam que ele fique tocado com a da pessoa vã, orgulhosa e egoísta — a menos que isso signifique de sua parte um ato de sincero arrependimento e de verdadeira humildade."

659. Qual é a característica geral da prece?

"A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele, é se aproximar dele, é se colocar em comunicação com ele. Pela prece nós podemos nos propor três coisas: louvar, pedir e agradecer."

660. A prece torna o indivíduo melhor?

"Sim, porque aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo. Este é um socorro que jamais é recusado quando é feito com sinceridade."

660-a. — Como é que certas pessoas que rezam bastante sejam, apesar disso, de um péssimo caráter, ciumentas, invejosas, desagradáveis, carentes de benevolência e de indulgência e até mesmo viciosas?

"O essencial não é rezar muito, mas rezar bem. Essas pessoas creem que todo o mérito está na demora da prece e fecham os olhos para os próprios defeitos. A prece é para eles uma ocupação, um emprego do tempo, porém nunca ***uma reflexão sobre si mesmo***. Não é o remédio que seja ineficaz; é a maneira como ele é utilizado."

661. Poderemos utilmente pedir a Deus que perdoe as nossas faltas?

"Deus sabe discernir o bem e o mal: a prece não esconde as faltas. Aquele que pede perdão a Deus por seus erros não o obtém a não ser mudando de conduta. As boas ações são a melhor das preces, porque os atos valem mais que as palavras."

662. Podemos orar utilmente pelos outros?

"O Espírito de quem ora age por sua vontade de fazer o bem. Pela prece ele atrai os bons Espíritos, que se associam ao bem que ele deseja fazer."

Nós possuímos em nós mesmos, através do pensamento e da vontade, um poder de ação que se estende muito além dos limites da nossa esfera corporal. A prece em favor dos outros é um ato dessa vontade. Se ela for ardente e sincera,

pode atrair em auxílio os bons Espíritos a fim de sugerir ao favorecido bons pensamentos e de lhe dar a força que necessite para o corpo e para a alma. Mas ainda assim, a prece de coração é tudo; a dos lábios não vale nada.

663. As preces que fizermos por nós mesmos podem mudar a natureza das nossas provações e desviar seu curso?

"As vossas provações estão nas mãos de Deus e há algumas que devem ser suportadas até o fim, mas então Deus sempre leva em conta a resignação. A prece traz para junto de vocês os bons Espíritos que vos dão a força para suportá-las com coragem, e elas vos parecem menos duras. Já dissemos: a prece nunca é inútil quando é benfeita, porque ela dá força — o que já é um grande resultado. Ajuda-te e o céu te ajudará — você conhece isso.[52] Aliás, Deus não pode mudar a ordem da natureza pela vontade de cada um, porque aquilo que é um grande mal — segundo o vosso ponto de vista mesquinho e o da vossa vida efêmera — é muitas vezes um grande bem na ordem geral do Universo. E quantos males há dos quais o homem é o próprio autor, por causa de sua imprevidência ou por suas faltas! Ele é punido naquilo que pecou. Entretanto, os pedidos justos frequentemente são atendidos mais do que supõem. Vocês acreditam que Deus não lhes tem escutado por ele não ter feito um milagre por vocês, enquanto ele lhes ajuda por meios tão naturais que parecem o efeito do acaso ou da força das coisas; muitas vezes também — muitas vezes mesmo — ele lhes suscita o pensamento necessário para que, por vocês mesmos, saiam das dificuldades."

664. Será útil rezarmos pelos mortos e pelos Espíritos sofredores? E nesse caso, como nossas orações podem proporcionar alívio e abreviar seus sofrimentos? Teriam elas o poder de abrandar a justiça de Deus?

"A oração não pode ter por efeito mudar os desígnios de Deus, mas a alma por quem se reza experimenta com isso um alívio, porque isso é um testemunho de interesse que alguém tem por ele, e que o infeliz sempre fica reconfortado quando encontra almas caridosas que se compadecem de suas dores. Por outro lado, pela prece nós o estimulamos ao arrependimento e ao

[52] Esse tema está muito bem desenvolvido no capítulo XXV da obra ***O Evangelho segundo o Espiritismo***, também de Allan Kardec. — N. T.

desejo de fazer o que é necessário para ser feliz. É nesse sentido que podemos abreviar sua pena, se, por sua vez, ele colaborar com boa vontade. Esse desejo de melhoramento, despertado pela prece, atrai para junto do Espírito sofredor Espíritos melhores, que vem para o esclarecer, consolar e lhe dar esperança. Jesus orava pelas ovelhas desgarradas, mostrando-lhes desse modo que se tornariam culpados se não fizessem o mesmo pelos que mais necessitam das suas preces."

665. Que pensar da opinião que rejeita a prece em favor dos mortos, por ela não estar recomendada no Evangelho?

"O Cristo disse aos homens: Amem-se uns aos outros. Essa recomendação inclui a de se empregar todos os meios possíveis para lhes demonstrar afeição, sem entrar em detalhes sobre a maneira de atender a esse objetivo. Se é verdade que nada pode impedir o Criador de aplicar a justiça — da qual ele é a própria imagem, para todas as ações do Espírito — não é menos verdadeiro que a prece que vocês lhe dirigem em favor daquele que lhes inspira afeição é para ele um testemunho da lembrança, que só pode contribuir para aliviar seus sofrimentos e lhe consolar. Desde que ele demonstre o menor arrependimento — e ***só*** então — ele será socorrido; mas ele nunca ignora que uma alma simpática se ocupou dele e fica com o agradável pensamento de que aquela intercessão lhe foi útil. Resulta disso necessariamente de sua parte um sentimento de reconhecimento e afeição por aquele que lhe deu essa prova de interesse ou piedade. Por consequência, o amor que o Cristo recomendou aos homens só aumentou entre eles. Ambos, com isso, obedeceram à lei de amor e de união de todos os seres, lei divina que deve conduzir à unidade — objetivo e finalidade do Espírito." [53]

666. Podemos orar aos Espíritos?

"Pode-se orar aos bons Espíritos como sendo os mensageiros de Deus e os executores das vontades dele, mas o poder destes está na relação de sua superioridade e decorre sempre do senhor de todas as coisas, sem cuja

[53] Resposta dada pelo Espírito do Sr. Monod, pastor protestante de Paris, morto em abril de 1856. A resposta anterior, n° 664, é do Espírito de são Luís.

permissão nada se faz. Eis por que as orações que se lhes são dirigidas não são eficazes senão se forem bem-aceitas por Deus.”

Politeísmo

667. Por que o politeísmo é uma das crenças mais antigas e mais generalizadas, conquanto ela seja falsa?

“A compreensão de um Deus único não poderia existir no homem senão como resultado do desenvolvimento de suas ideias. Na sua ignorância, sendo incapaz de conceber um ser imaterial, sem forma determinada, agindo sobre a matéria, o homem deu a Deus os atributos da natureza corpórea, isto é, uma forma e uma figura, e desde então tudo o que parecia ultrapassar as proporções da inteligência comum era para ele uma divindade. Tudo o que não compreendia devia ser obra de uma força sobrenatural, e daí até acreditar em tantas potências distintas quantos efeitos ele observasse era só um passo. Em todos os tempos, porém, existiram homens instruídos que compreenderam a impossibilidade dessa multiplicidade de poderes a governar o mundo, sem uma direção superior, e que se elevaram à concepção de um Deus único.”

668. Será que os fenômenos espíritas — sendo produzidos em todos os tempos e conhecidos desde as primeiras épocas do mundo — não podem ter contribuído para se acreditar na pluralidade dos deuses?

“Sem dúvida, pois os homens chamando de ***deus*** tudo o que era sobre-humano, os Espíritos eram para eles deuses, e é por isso que quando um homem se distinguia entre os outros pelas suas ações, pela sua genialidade ou por um poder oculto incompreendido pelo ignorante, então faziam dele um deus e lhe rendiam culto após sua morte.” (Ver a questão 603.)

Entre os antigos, a palavra ***deus*** tinha uma significação muito ampla. Não era uma personificação do senhor da natureza — como nos nossos dias; era uma qualificação genérica dada a todo ser colocado além das condições da humanidade. Como as manifestações espíritas lhes havia revelado a existência de seres incorpóreos que atuavam como força da natureza, eles eram chamados ***deuses***,

como nós os chamamos ***Espíritos***. É uma simples questão de palavras, com a diferença de que em sua ignorância — mantida de propósito por aqueles que tinham interesse nisso — eles ergueram templos e altares bastante lucrativos, enquanto para nós eles são simples criaturas, como nós, mais ou menos perfeitas, sem o seu corpo terrestre. Se estudarmos com cuidado os diversos atributos das divindades pagãs, reconheceremos sem dificuldade todos aqueles atributos dos nossos Espíritos em todos os graus da escala espírita, o seu estado físico nos mundos superiores, todas as propriedades do perispírito e o papel que desempenham nas coisas da Terra.

O cristianismo, vindo esclarecer o mundo com sua luz divina, não podia destruir uma coisa que está na natureza, mas fez com que se direcionasse a adoração para aquele a quem ela pertence. Quanto aos Espíritos, sua lembrança se perpetuou sob diversos nomes, conforme os povos, e suas manifestações — que jamais cessaram — foram diversamente interpretadas e muitas vezes exploradas sob o domínio do mistério; enquanto a religião via fenômenos miraculosos, os incrédulos viam neles charlatanismo. Hoje, graças aos estudos mais sérios, feitos à plena luz, o espiritismo — livre das ideias supersticiosas que o obscureceram durante séculos — nos revela um dos maiores e mais sublimes princípios da natureza.

Sacrifícios

669. A utilização de sacrifícios humanos vem da mais alta Antiguidade. Como o homem pôde ser levado a acreditar que coisas desse tipo pudessem ser agradáveis a Deus?

"Primeiramente, porque ele não compreendia Deus como sendo a fonte da bondade; nos povos primitivos, a matéria impera sobre o espírito; eles se entregam aos instintos do bruto e é por isso que geralmente eles são cruéis, pois o senso moral ainda não está desenvolvido neles. Em segundo lugar, os homens primitivos deviam acreditar naturalmente que uma criatura animada tinha muito mais valor aos olhos de Deus do que um corpo material. Foi isto que os levou primeiro a imolarem os animais e mais tarde os humanos. Depois, em conformidade com sua falsa crença, eles pensavam que o valor do sacrifício era proporcional à importância da vítima. Na vida material, tal como

vocês a praticam normalmente, se vocês oferecem um presente a alguém, sempre escolhem o de um valor tanto maior quanto mais afeto e consideração vocês dediquem a essa pessoa. Assim devia ser dos homens ignorantes para com Deus."

669-a. — Então os sacrifícios de animais vieram antes dos sacrifícios humanos?

"Sobre isso não há dúvida."

669-b. — De acordo com essa explicação, os sacrifícios humanos não surgiram de um sentimento de crueldade?

"Não; surgiram de uma ideia falsa de ser agradável a Deus. Vejam Abraão[54]. Posteriormente, os homens abusaram dessas práticas imolando seus inimigos — até mesmo os inimigos pessoais. Deus, aliás, nunca exigiu sacrifícios, nem os de animais e muito menos os de pessoas; ele não pode ser honrado através da destruição inútil de suas próprias criaturas."

670. Será que os sacrifícios humanos feitos com intenção piedosa algumas vezes puderam ser agradáveis a Deus?

"Não, jamais. Mas Deus julga a intenção. Como eram ignorantes, os homens podiam crer que faziam um ato louvável imolando um de seus semelhantes e nesse caso Deus só considerava o pensamento e não o feito. Em se melhorando, os homens tiveram que reconhecer seu erro e reprovar tais sacrifícios, que não podiam fazer parte do ideal de espíritos esclarecidos. Digo esclarecidos porque os espíritos estavam então envolvidos pelo véu material; através do livre-arbítrio eles podiam ter uma percepção de sua origem e de sua finalidade, e muitos já compreendiam por intuição o mal que praticavam, embora não o deixassem de fazer para satisfazer suas paixões."

671. Que devemos pensar das ditas guerras santas? O sentimento que leva

[54] Abraão, segundo a tradição bíblica, foi o patriarca judeu que se propôs a sacrificar Isaac, seu filho, como prova de obediência a Deus, sendo então impedido, por uma intervenção espiritual, de realizar tal sacrifício (ver no livro da Gênesis, 22). – N. T.

pessoas fanáticas a exterminar o máximo possível aqueles que não compartilham de suas crenças, para serem agradáveis a Deus, não parece ter a mesma origem que aquela que antigamente os incitava a sacrificar os seus semelhantes?

"Estão possuídos pelos maus Espíritos e, ao fazerem guerra com seus semelhantes, eles vão contra a vontade de Deus, que diz que devemos amar seu irmão como a si mesmo. Todas as religiões, ou melhor, todos os povos, adoram um mesmo Deus — tenha ele um nome ou outro. Por que fazer uma guerra de extermínio apenas pelo fato de sua religião ser diferente ou de ela ainda não ter alcançado o progresso da religião dos povos esclarecidos? Os povos são desculpáveis por não acreditarem na palavra daquele que era animado pelo Espírito de Deus e enviado por ele, principalmente quando não o viram e não foram testemunhas de seus atos; e como querem que eles acreditem nessa palavra de paz, quando pretendem lhes impor essa palavra com a espada na mão? Eles devem se esclarecer, e nós devemos procurar lhes ensinar a doutrina pela persuasão e pela doçura, e não pela força e pelo sangue. A maioria de vocês não acredita nas comunicações que temos com alguns mortais; como querem então que estranhos acreditem na vossa palavra, quando seus atos desmentem a doutrina que pregam?"

672. A oferenda de frutos da terra feita a Deus tinha mais mérito, aos olhos dele, do que o sacrifício dos animais?

"Já lhes respondi dizendo que Deus julga a intenção, e que o fato tinha pouca importância para ele. Evidentemente, era mais agradável a Deus ver se oferecer frutos da terra em vez do sangue das vítimas. Como temos dito e sempre repetiremos, a prece expressa do fundo do coração é cem vezes mais agradável a Deus do que todas as oferendas que vocês poderiam lhe render. Enfatizo que a intenção é tudo, e que o fato não vale nada."

673. Não haveria um meio de tornar essas oferendas mais agradáveis a Deus dedicando-as ao alívio daqueles que passam necessidade, e nesse caso, o sacrifício de animais — quando feito com um objetivo útil — não seria meritório, ao passo que era abusivo quando não servia para nada ou só tinha

proveito para pessoas que não necessitavam de nada? Não haveria alguma coisa de verdadeiramente piedoso em consagrar aos pobres as primícias dos bens que Deus nos concedeu na Terra?

"Deus abençoa sempre os que fazem o bem. Amparar os pobres e aflitos é o melhor meio de honrá-lo. Não quero dizer com isso que ele desaprove as cerimônias que vocês fazem para orar a ele, mas há muito dinheiro que poderia ser empregado mais utilmente do que como tem sido gasto. Deus aprecia a simplicidade em todas as coisas. O homem que se apega às exterioridades e não ao coração é um espírito de vistas estreitas. Julguem, vocês, se Deus deve se importar mais com a forma do que com a essência."

CAPÍTULO III

LEI DO TRABALHO

Necessidade do trabalho – Limite do trabalho. Repouso

Necessidade do trabalho

674. A necessidade do trabalho é uma lei da natureza?

"O trabalho é uma lei da natureza, por isso mesmo constitui uma necessidade, e a civilização obriga o homem a trabalhar mais porque ela aumenta suas necessidades e seus prazeres."

675. Devemos entender como trabalho apenas as ocupações materiais?

"Não; o Espírito trabalha tanto quanto o corpo. Toda ocupação útil é um trabalho."

676. Por que o trabalho é imposto ao homem?

"É uma consequência da sua natureza corporal. Consiste numa expiação e ao mesmo tempo num meio de aperfeiçoar sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria na infância da inteligência. É por isso que sua nutrição, sua segurança e seu bem-estar devem depender do seu trabalho e da sua atividade. Àquele que é muito fraco de corpo, Deus deu a inteligência para o suprir. Mas é sempre um trabalho."

677. Por que a natureza provê por si mesma todas as carências dos animais?

"Tudo na natureza trabalha. Os animais trabalham, como tu, mas o trabalho deles, bem como a inteligência, está limitado ao cuidado da própria conservação. Eis por que neles o trabalho não lhes resulta progresso,

enquanto no homem o trabalho tem um duplo objetivo: a conservação do corpo e o desenvolvimento do pensamento — que também é uma necessidade e que o eleva acima de si mesmo. Quando digo que o trabalho dos animais está limitado ao cuidado da própria conservação, refiro-me à finalidade a que eles se propõem, ao trabalharem. Entretanto, sem saberem disso e em tudo provendo suas necessidades materiais, eles se tornam agentes que colaboram com os desígnios do Criador, e seu trabalho não contribui menos para o objetivo final da natureza, se bem que muito frequentemente vocês não percebem o resultado imediato."

678. Nos mundos mais aperfeiçoados, o homem está sujeito à mesma necessidade de trabalho?

"A natureza do trabalho é relativa à natureza das necessidades: quanto menos as necessidades são materiais, menos material é o trabalho. Porém não creiam por isso que o homem fique inativo e inútil: a desocupação seria um suplício, em vez de ser um benefício."

679. O homem que possui bens suficientes para assegurar sua sobrevivência está isento da lei do trabalho?

"Do trabalho material talvez, mas não da obrigação de se tornar útil, conforme seus meios, nem de aperfeiçoar sua inteligência ou a dos outros — o que também é trabalho. Aquele a quem Deus confiou recursos suficientes para lhe assegurar a sobrevivência certamente não está constrangido a se sustentar com o suor do seu rosto, mas a obrigação de ser útil aos seus semelhantes é tanto maior para ele quanto a parte que lhe foi dada antecipadamente lhe proporciona a ocasião de fazer o bem."

680. Não há homens que estão na impossibilidade de trabalhar no que quer que seja e, portanto, sua existência é inútil?

"Deus é justo: ele não condena senão aquele cuja existência estiver voluntariamente inútil, pois tal indivíduo vive às custas do trabalho dos outros. Ele quer que cada um se torne útil, de acordo com as suas faculdades." (Ver a questão 643.)

681. A lei da natureza impõe aos filhos a obrigação de trabalharem pelos pais?

"Certamente, como os pais devem trabalhar para seus filhos. Foi por isso que Deus fez do amor filial e do amor paterno um sentimento natural, a fim de que por essa afeição recíproca os membros de uma família fossem conduzidos a se ajudarem mutuamente — o que muito frequentemente é ignorado na vossa sociedade atual." (Ver questão 205.)

Limite do trabalho – Repouso

682. Sendo o repouso uma necessidade após o trabalho, ele é uma lei da natureza?

"Sem dúvida, o repouso serve para a reparação das forças do corpo e também é necessário para dar um pouco mais de liberdade à inteligência para se elevar acima da matéria."

683. Qual é o limite do trabalho?

"O limite das forças. Além disso, Deus deixa o homem livre."

684. O que pensar daqueles que abusam de sua autoridade para impor aos seus subordinados um trabalho excessivo?

"Isso é uma das piores ações. Todo aquele que tem o poder de comandar é responsável pelo excesso de trabalho que impõe aos seus subordinados, pois assim este transgride a lei de Deus." (Ver a questão 273.)

685. O homem tem o direito ao repouso na sua velhice?

"Sim, ele não é obrigado ao trabalho senão conforme suas forças."

685-a. — Mas que recurso tem o idoso que precisa trabalhar para viver e não o pode?

"O forte deve trabalhar para o fraco. Na falta da família, a sociedade deve tomar o lugar dela: esta é a lei de caridade."

Não basta dizer ao homem que ele deve trabalhar, é preciso ainda que aquele cuja existência depende do seu trabalho encontre com o que se ocupar — e isso é o

que nem sempre acontece. Quando a falta de trabalho se generaliza, ela assume as proporções de um flagelo, como a miséria. A ciência econômica procura o remédio no equilíbrio entre a produção e o consumo, mas esse equilíbrio — supondo que seja possível — sempre terá intermitências, e durante esses intervalos o trabalhador não pode deixar de viver. Há um elemento que costuma não ser ponderado e sem o qual a ciência econômica não passa de uma teoria: é a ***educação***; não a educação intelectual, mas a educação moral; não ainda aquela educação moral dos livros, mas a que consiste na ***arte de formar o caráter***, aquela que ***cria os hábitos***: porque ***educação é o conjunto dos hábitos adquiridos***. Quando pensamos na massa de indivíduos lançados todos os dias na torrente da população, sem princípios nem freios e entregues aos próprios instintos, devemos nos espantar com as consequências desastrosas que disso decorrem? Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem trará no mundo os hábitos ***de ordem e de previdência*** para si mesmo e para os seus, ***de respeito pelo que é respeitável***, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que somente uma educação ***bem conduzida*** pode curar; aí está o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, a garantia da segurança de ***todos***.

CAPÍTULO IV

LEI DE REPRODUÇÃO

População do globo – Sucessão e aperfeiçoamento das raças – Obstáculos à reprodução – Casamento e celibato – Poligamia

População do globo

686. A reprodução dos seres vivos é uma lei da natureza?

"Isso é evidente. Sem a reprodução, o mundo corporal pereceria."

687. Se a população seguir sempre a progressão crescente que vemos, chegará um momento em que ela se tornará excessiva na Terra?

"Não; para isso Deus provê e mantém sempre o equilíbrio. Ele não faz nada de inútil. O homem que não vê além de um canto do quadro da natureza não consegue imaginar a harmonia do conjunto."

Sucessão e aperfeiçoamento das raças

688. Há, neste momento, raças humanas que evidentemente diminuem. Virá um momento em que elas terão desaparecido da Terra?

"Isso é verdade, mas é que outras raças tomam o lugar delas, como outras um dia substituirão a de vocês."

689. Os homens atuais formam uma criação nova ou são descendentes aperfeiçoados dos seres primitivos?

"São os mesmos Espíritos que ***voltaram*** para se aperfeiçoar em novos corpos, mas que ainda estão longe da perfeição. Assim, a raça humana atual —

que, pelo seu aumento, tende a invadir toda a Terra e a substituir as raças que se acabam — terá seu período de decrescimento e de desaparição. Outras raças mais aperfeiçoadas a substituirão, que descenderão da raça atual, como os homens civilizados de hoje descendem dos seres brutos e selvagens dos tempos primitivos."

690. Do ponto de vista puramente físico, os corpos da raça atual são de uma criação especial ou procedem dos corpos primitivos, mediante reprodução?

"A origem das raças se perde na noite dos tempos, mas como pertencem todas à grande família humana, qualquer que tenha sido o tronco primitivo de cada uma, elas puderam se aliar entre si e produzir tipos novos."

691. Qual é, do ponto de vista físico, a característica distintiva e dominante das raças primitivas?

"Desenvolvimento da força bruta às custas da força intelectual; agora é o contrário: o homem faz mais pela inteligência do que pela força do corpo e, portanto, faz cem vezes mais, porque soube tirar proveito das forças da natureza — o que os animais não fazem."

692. O aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela ciência é contrário à lei da natureza? Seria mais conforme a essa lei deixar as coisas seguirem seu curso normal?

"Devemos fazer tudo para chegar à perfeição, e o próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para alcançar esses objetivos. Sendo a perfeição a meta para a qual tende a natureza, favorecer essa perfeição é corresponder àqueles propósitos."

692-a. — Mas o homem geralmente é movido em seus esforços para o melhoramento das raças apenas por um sentimento pessoal e não têm outro objetivo senão o aumento dos seus prazeres. Isso não diminui o seu mérito?

"Que importa que o seu mérito seja nulo, desde que o progresso se realize? Cabe a ele tornar seu trabalho meritório pela intenção. Além do

mais, por esse trabalho ele exercita e desenvolve sua inteligência, e sob esse aspecto é que ele tira maior proveito disso.”

Obstáculos à reprodução

693. As leis e os costumes humanos que têm por objetivo ou por efeito criar obstáculos à reprodução são contrários à lei da natureza?

“Tudo que entrava a natureza em sua marcha é contrário à lei geral.”

693-a. — Entretanto, há espécies de seres vivos, animais e plantas, cuja reprodução indefinida seria prejudicial a outras espécies, e da qual o próprio homem logo seria vítima. Cometeria ele um ato repreensível ao impedir essa reprodução?

“Deus dá ao homem, acima de todos os seres vivos, um poder de que ele deve usar para o bem, sem abusar. Ele pode regular a reprodução de acordo com as necessidades; não deve obstruí-la sem necessidade. A ação inteligente do homem é um contrapeso estabelecido por Deus para restabelecer o equilíbrio entre as forças da natureza, e é isso também que o distingue dos animais, porque ele age com conhecimento de causa. Mas até os animais também contribuem para esse equilíbrio, pois o instinto de destruição que lhes foi dado faz com que, cuidando da própria conservação, eles impeçam o desenvolvimento excessivo — e talvez perigoso — das espécies animais e vegetais de que se nutrem.”

694. O que devemos pensar das práticas que têm por efeito dificultar a reprodução com intenção de satisfazer à sensualidade?

“Isso prova a predominância do corpo sobre a alma e o quanto esse indivíduo está preso à matéria.”

Casamento e celibato

695. O casamento, isto é, a união permanente de dois seres, é contrário à lei

da natureza?

"O casamento é um progresso na marcha da humanidade."

696. Que seria o efeito da abolição do casamento sobre a sociedade humana?

"Isso seria o retorno à vida dos animais."

A união livre e fortuita dos sexos é o estado de natureza. O casamento é um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se encontra em todos os povos — conquanto em condições diversas. A abolição do casamento seria então o regresso à infância da humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes.

697. A indissolubilidade absoluta do casamento faz parte da lei da natureza, ou somente na lei humana?

"É uma lei humana, muito contrária à da natureza. Mas os homens podem modificar suas leis; somente as da natureza são imutáveis."

698. O celibato voluntário é um estado de perfeição meritório perante Deus?

"Não, e aqueles que assim vivem por egoísmo desagradam a Deus e enganam todo o mundo."

699. Da parte de certas pessoas, o celibato não é um sacrifício com o objetivo de se dedicarem mais inteiramente ao serviço da humanidade?

"Isso é muito diferente. Eu disse: por egoísmo. Todo sacrifício pessoal é meritório quando feito para o bem. Quanto maior o sacrifício, maior o mérito."

Deus não pode se contradizer, nem achar mau aquilo que ele próprio tenha feito. Portanto, nenhum mérito pode haver na violação da sua lei. Mas se o celibato, em si mesmo, não é um estado meritório, outro tanto não se dá quando constitui — pela renúncia às alegrias da família — um sacrifício praticado em prol da humanidade. Com vistas ao bem ***e sem segundas intenções de egoísmo***, todo sacrifício pessoal eleva o homem acima da sua condição material.

Poligamia

700. A igualdade numérica que existe aproximadamente entre os sexos é um indício da proporção segundo a qual eles devam estar unidos?

"Sim, pois tudo na natureza tem uma finalidade."

701. Qual das duas, a poligamia ou a monogamia, está mais de acordo com lei da natureza?

"A poligamia é uma lei humana cuja abolição marca um progresso social. O casamento — em harmonia com os propósitos de Deus — deve estar fundado na afeição dos seres que se unem. Com a poligamia, não há afeto real: há apenas sensualidade."

Se a poligamia estivesse em conformidade com a lei da natureza, ela deveria ser universal — o que seria materialmente impossível, visto a igualdade numérica dos sexos.

A poligamia deve ser considerada como uma prática ou uma legislação particular apropriada a certos costumes e que o aperfeiçoamento social pouco a pouco faz desaparecer.

CAPÍTULO V

LEI DE CONSERVAÇÃO

Instinto de conservação – Meios de conservação – Gozo dos bens terrestres – O necessário e o supérfluo – Privações voluntárias. Mortificações

Instinto de conservação

702. O instinto de conservação é uma lei da natureza?

"Sem dúvida. Ele é dado a todos os seres vivos, qualquer que seja o grau de sua inteligência. Em alguns, é puramente mecânico; noutros, é racional."

703. Com qual finalidade Deus deu a todos os seres vivos o instinto de conservação?

"Porque todos devem contribuir com os desígnios da Providência. Por isso foi que Deus lhes deu a necessidade de viver. Ademais, a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres. Eles o sentem instintivamente, sem se darem conta disso."

Meios de conservação

704. Tendo dado ao homem a necessidade de viver, Deus sempre lhe forneceu os meios para isso?

"Sim, e se o homem não os encontra é que não os compreende. Deus não poderia dar ao homem a necessidade de viver sem lhe fornecer os meios para isso, e é por essa razão que ele faz a terra produzir o suficiente para prover o

necessário a todos os seus habitantes, pois só o necessário é útil; nunca o supérfluo.”

705. Por que a terra nem sempre produz o suficiente para fornecer o necessário ao homem?

“É porque o homem a despreza, ingrato! No entanto, ela é uma excelente mãe. Com frequência, também, ele acusa a natureza por aquilo que é o fruto de sua imperícia ou desleixo. A terra produziria sempre o necessário se o homem soubesse se contentar com isso. Se ela não satisfaz a todas as carências, é que o homem emprega no supérfluo o que poderia ser utilizado no necessário. Vejam o árabe no deserto: ele sempre encontra como sobreviver, pois não cria necessidades fictícias. Porém, quando a metade da produção é desperdiçada para satisfazer fantasias, o homem deve se surpreender ao não encontrar nada no dia seguinte? E terá razão de se queixar por estar desprovido quando vem a época da escassez? Na verdade, eu vos digo que não é a natureza que é imprevidente, mas é o homem que não sabe se regrar.”

706. Devemos entender como bens da Terra somente os produtos do solo?

“O solo é a fonte primordial de onde emanam todos os outros recursos, pois, em definitivo, esses recursos não são mais do que simples transformações dos produtos do solo. Eis por que é preciso entender como bens da Terra tudo aquilo de que o homem pode desfrutar neste mundo.”

707. Os meios de subsistência muitas vezes fazem falta para certos indivíduos, mesmo ao redor de abundância que os rodeia. A que devemos atribuir isso?

“Ao egoísmo dos homens, que nem sempre fazem o que deveriam fazer, e depois, com muito mais frequência, a si mesmos. Busquem e encontrarão: estas palavras não querem dizer que basta olhar para a terra para encontrar o que se deseje, mas que é preciso procurá-lo com ardor e perseverança, e não com moleza, sem se deixar desanimar diante dos obstáculos, que muitas vezes não são senão meios para pôr à prova a vossa constância, a vossa paciência e a vossa firmeza.” (Ver a questão 534.)

Se a civilização multiplica as necessidades, ela também multiplica as fontes de trabalho e os meios de sobreviver. Mas é preciso convir que sob esse aspecto ainda resta muito a fazer. Quando ela tiver cumprido sua obra, ninguém poderá se queixar de que lhe falta o necessário, a não ser por sua própria culpa. O infortúnio, para muitos, decorre de eles se lançarem por um caminho que não é aquele que a natureza lhes traçou. É então que lhes falta a inteligência para terem êxito. Há lugar ao sol para todos, porém com a condição de cada um tomar o seu lugar, e não o dos outros. A natureza não poderia ser responsável pelos vícios de organização social e nem pelas consequências da ambição e do amor-próprio.

Entretanto, seria preciso ser cego para não reconhecer o progresso que se realizou sob esse aspecto entre os povos mais avançados. Graças aos louváveis esforços que a filantropia e a ciência juntas não cessam de fazer pelo melhoramento da condição material dos homens, e apesar do aumento incessante das populações, a insuficiência da produção é atenuada, pelo menos em grande parte, e os anos mais calamitosos nada têm de comparável àqueles de outrora; a higiene pública — esse elemento tão essencial para a força e a saúde, desconhecida de nossos pais — agora é objeto de solicitude esclarecida; o infortúnio e o sofrimento encontram lugares de refúgio; em toda parte a ciência é posta em contribuição para aumentar o bem-estar. Isso quer dizer que já alcançamos a perfeição? Oh, é certo que não! Mas o que já foi feito dá a medida do que podemos fazer com perseverança, se o homem for bastante sábio para procurar sua felicidade nas coisas positivas e sérias, e não nas utopias que o fazem recuar em vez de progredir.

708. Não há situações em que os meios de subsistência não dependam absolutamente da vontade do homem e em que a privação da mais urgente necessidade seja uma consequência da força das coisas?

"Isso é uma prova — muitas vezes cruel — que o indivíduo deve sofrer e à qual ele sabia que estaria exposto. Seu mérito consiste na submissão à vontade de Deus, se a sua inteligência não lhe fornece nenhum meio de sair dessa dificuldade. Caso a morte deva alcançá-lo, cabe a ele recebê-la sem murmurar, compreendendo que a hora da verdadeira libertação chegou e que ***o desespero no derradeiro momento pode lhe fazer perder o fruto da sua resignação***."

709. Aqueles que em certas situações críticas se viram forçados a sacrificar seus semelhantes, para se alimentarem deles, cometeram um crime? Se houver aí um crime, ele será atenuado pela necessidade de viver que o instinto de conservação lhes dá?

"Já respondi quando disse que há mais mérito em sofrer todas as provações da vida com coragem e abnegação. Em tal caso, há um homicídio e crime de lesa-natureza, falta que deve ser duplamente punida."

710. Nos mundos onde a organização é mais apurada, os seres vivos têm necessidade de alimentação?

"Têm, mas seus alimentos estão de acordo com a sua natureza. Esses alimentos não seriam bastante substanciosos para os estômagos grosseiros de vocês; assim como eles não poderiam digerir vossos alimentos."

Gozo dos bens terrestres

711. O uso dos bens da Terra é um direito para todos os homens?

"Esse direito é a consequência da necessidade de viver. Deus não poderia impor um dever sem dar o meio de realizá-lo."

712. Com que objetivo Deus colocou um atrativo no gozo dos bens materiais?

"É para instigar o homem ao cumprimento da sua missão e para experimentá-lo pela tentação."

712-a. — Qual é a finalidade dessa tentação?

"Desenvolver sua razão, que deve preservá-lo dos excessos."

Se o homem só fosse excitado ao uso dos bens da Terra em vista da utilidade, sua indiferença poderia comprometer a harmonia do Universo: Deus lhe deu o atrativo do prazer para que o ajude no cumprimento dos desígnios da Providência. Mas por esse mesmo atrativo Deus quis, por outro lado, prová-lo pela tentação que o arrasta para o abuso do qual sua razão deve defendê-lo.

713. Os prazeres têm seus limites traçados pela natureza?

"Sim, para vos indicar a extensão do necessário. Contudo, pelos seus

excessos vocês chegam à saciedade e daí se punem a si mesmos.”

714. O que pensar do indivíduo que procura no excesso de todos os tipos um refinamento para seus gozos?

“Pobre criatura, de quem é preciso ter pena e não invejar, pois está bem perto da morte!”

714-a. — É da morte física ou da morte moral que ele se aproxima?

“Das duas.”

O homem que busca nos excessos de todo gênero um requinte de prazer coloca-se abaixo do bruto, pois o bruto sabe se deter com a satisfação do necessário. Ele abdica da razão que Deus lhe deu como guia, e quanto maiores forem seus excessos, mais ele confere à sua natureza animal o domínio sobre a sua natureza espiritual. As doenças, as enfermidades e até a morte, que são a consequência do abuso, são ao mesmo tempo a punição pela transgressão da lei de Deus.

O necessário e o supérfluo

715. Como o homem pode conhecer o limite do necessário?

“O sábio o conhece por intuição; muitos o conhecem por experiência e às suas próprias custas.”

716. A natureza não traçou o limite das nossas necessidades pelo nosso próprio organismo?

“Sim, mas o homem é insaciável. A natureza traçou o limite das suas necessidades, porém os vícios têm alterado a sua constituição e criado para ele necessidades que não são reais.”

717. O que pensar dos que monopolizam os bens da Terra para se proporcionarem o supérfluo em prejuízo daqueles a quem falta o necessário?

“Desrespeitam a lei de Deus e terão que responder pelas privações que eles ocasionaram.”

O limite entre o necessário e o supérfluo nada tem de absoluto. A civilização criou necessidades que o selvagem ignora e os Espíritos que ditaram esses preceitos não pretendem que o homem civilizado deva viver como o selvagem. Tudo é relativo e cabe à razão colocar cada coisa em seu lugar. A civilização desenvolve o senso moral e ao mesmo tempo o sentimento de caridade que leva os homens a se prestarem mútuo apoio. Os que vivem às custas das privações dos outros exploram os benefícios da civilização em seu proveito. Eles não têm da civilização mais do que o verniz, como há gente que da religião só têm a máscara.

Privações voluntárias – Mortificações

718. A lei de conservação nos obriga a prover às necessidades do corpo?

"Sim, pois sem força e saúde o trabalho é impossível."

719. O homem é censurável por procurar seu bem-estar?

"O bem-estar é um desejo natural; Deus só proíbe o abuso, pois o abuso é contrário à conservação. Ele não criminaliza a procura do bem-estar, se esse bem-estar não for adquirido às custas de ninguém e se não venha a enfraquecer nem as vossas forças morais nem as vossas forças físicas."

720. As privações voluntárias, com o objetivo de uma expiação igualmente voluntária, têm algum mérito aos olhos de Deus?

"Façam o bem aos outros e terão muito mais mérito."

720-a. — Haveria privações voluntárias que sejam meritórias?

"Sim, a privação dos gozos inúteis, porque ela desprende o homem da matéria e eleva sua alma. O que é meritório é resistir à tentação que incita aos excessos ou ao gozo das coisas inúteis; é tirar do necessário para dar aos que não têm o suficiente. Se a privação não passar de uma vã simulação, será uma zombaria."

721. A vida de mortificações ascéticas[55] tem sido praticada desde a

[55] Ascético: qualidade de quem pratica o ascetismo, a ideia de rígida disciplina das necessidades físicas, além de recolhimento social para uma vida mística e contemplativa. — N. T.

Antiguidade e entre diferentes povos. Ela é meritória sob algum ponto de vista?

"Perguntem a ***quem*** ela serve e vocês terão a resposta. Se ela serve somente para quem a pratica e o impede de fazer o bem, é egoísmo — seja qual for o pretexto com que a enfeitem. Privar a si mesmo e trabalhar para os outros, esta é a verdadeira mortificação, segundo a caridade cristã."

722. A abstenção de certos alimentos, prescrita em diversos povos, está fundada na razão?

"Tudo de que a pessoa pode se nutrir sem prejuízo para sua saúde é permitido, mas alguns legisladores puderam interditar certos alimentos com um objetivo útil, e para darem maior autoridade às suas leis eles as apresentaram como vindas de Deus."

723. O consumo de carne animal, para o homem, é contrário à lei da natureza?

"Na vossa organização física a carne alimenta a carne, de outro modo o homem perece. A lei de conservação impõe ao homem um dever de manter suas forças e sua saúde para cumprir a lei do trabalho. Logo, ele tem que se nutrir conforme seu organismo o requer."

724. A abstenção de carne animal ou de outra alimentação qualquer, como expiação, é meritória?

"Sim, se nos privarmos em benefício dos outros, mas Deus não pode ver uma mortificação quando não há privação ***séria e útil***. Por isso é que dissemos que aqueles que se privam só de aparências são hipócritas." (Ver a questão 720.)

725. O que pensar das mutilações feitas no corpo do homem ou dos animais?

"Para que serve tal pergunta? Portanto, indaguem-se mais uma vez se algo assim é útil. Aquilo que for inútil não pode ser agradável a Deus, e o que for prejudicial sempre lhe será desagradável. Pois então, fiquem sabendo que Deus só é sensível aos sentimentos que elevam a alma na direção dele. É praticando a lei divina que vocês poderão se libertar de vossa matéria terrena — e não a violentando."

726. Se os sofrimentos deste mundo nos elevam pela maneira como os suportarmos, nós nos elevamos por aqueles que criamos voluntariamente?

"Os únicos sofrimentos que nos elevam são os sofrimentos naturais, pois eles vêm de Deus; os sofrimentos voluntários de nada servem, quando eles não servem de nada para o bem dos outros. Você acredita que os que abreviam a vida mediante rigores sobre-humanos — como o fazem os bonzos[56], os faquires[57] e alguns fanáticos de várias seitas — avançam no seu caminho? Por que em vez disso não trabalham pelo bem de seus semelhantes? Que vistam o indigente, que consolem aquele que chora, que trabalhem pelo que está enfermo, que sofram privações para o alívio dos infelizes, e então suas vidas serão úteis e agradáveis a Deus. Quando, nos sofrimentos voluntários que uma pessoa suporta, ela tem em vista apenas a si próprio, isso é egoísmo; quando ela sofre pelos outros, isso é por caridade: estes são os preceitos do Cristo."

727. Se não devemos criar sofrimentos voluntários que não tenha nenhuma utilidade para os outros, deveremos cuidar de nos preservar daqueles sofrimentos que prevemos ou que nos ameacem?

"O instinto de conservação foi dado a todos os seres contra os perigos e os sofrimentos. Fustiguem o vosso espírito e não o vosso corpo, mortifiquem vosso orgulho, sufoquem vosso egoísmo semelhante a uma serpente que lhes devora o coração, e vocês farão muito mais pelo seu avanço do que por meio de rigores que já não são mais deste século."

---

[56] Bonzos: monges do budismo, habituados a martírios e suplícios — N. T.

[57] Faquires: aqueles que se deixam mutilar ou se submetem a jejuns extremos, exibindo-se para provar o domínio e a insensibilidade da dor sobre o corpo. — N. T.

CAPÍTULO VI

LEI DE DESTRUIÇÃO

Destruição necessária e destruição abusiva – Flagelos destruidores – Guerras – Assassinato – Crueldade – Duelo – Pena de morte

Destruição necessária e destruição abusiva

728. A destruição é uma lei da natureza?

"É preciso que tudo se destrua para renascer e se regenerar, pois o que vocês chamam de destruição não é senão uma transformação que tem por finalidade a renovação e melhoria dos seres vivos."

728-a. — O instinto de destruição teria sido dado aos seres vivos por desígnios providenciais?

"As criaturas de Deus são instrumentos de que ele utiliza para chegar aos seus objetivos. Para se nutrirem, os seres vivos se destroem reciprocamente, e isso com a uma dupla finalidade de manter o equilíbrio na reprodução — que poderia tornar-se excessiva — e de aproveitar os despojos do invólucro exterior. Mas é apenas esse invólucro que é destruído, e esse invólucro não passa de um acessório, e não a parte essencial do ser pensante; a parte essencial é o princípio inteligente, que não é destrutível, e que se elabora através das diversas metamorfoses pelas quais passa."

729. Se a destruição se faz necessária para a regeneração dos seres, por que a natureza os cerca de meios de preservação e de conservação?

"A fim de que a destruição não se dê antes do devido tempo. Toda

destruição antecipada entrava o desenvolvimento do princípio inteligente. Foi por isso que Deus deu a cada ser a necessidade de viver e de se reproduzir."

730. Uma vez que a morte deve nos conduzir a uma vida melhor, que nos livra dos males deste mundo, e que assim ela deva ser mais desejada do que temida, por que o homem tem um horror instintivo dela que o faz temê-la?

"Nós já dissemos: o homem deve procurar prolongar sua vida para cumprir a sua tarefa. Eis por que Deus lhe deu o instinto de conservação, e esse instinto o sustenta nas provações; sem isso, ele muito frequentemente se entregaria ao desânimo. A voz íntima que o faz repulsar a morte lhe diz que ele ainda pode realizar alguma coisa pelo seu avanço. Quando algum perigo o ameaça, é uma advertência para que ele aproveite a oportunidade que Deus lhe concede. Mas, sendo ingrato, o homem muitas vezes rende mais graças à sua estrela[58] do que ao seu Criador."

731. Por que, ao lado dos meios de conservação, a natureza colocou ao mesmo tempo os agentes destruidores?

"É o remédio ao lado do mal. Já o dissemos: é para manter o equilíbrio e servir de contrapeso."

732. A necessidade de destruição é a mesma em todos os mundos?

"Ela é proporcional ao estado mais ou menos material dos mundos e cessa com um estado físico e moral mais apurados. Nos mundos mais adiantados do que o de vocês, as condições de existência são bem diferentes."

733. A necessidade da destruição sempre existirá entre os homens da Terra?

"A necessidade de destruição se enfraquece no homem à medida que o Espírito se impõe sobre a matéria. Por isso é que vocês enxergam o horror à destruição após o desenvolvimento intelectual e moral."

---

58 Referência à antiga crença supersticiosa a respeito de uma influência mística, geralmente positiva, que determinasse a sorte de certas pessoas (aquelas que teriam "nascido sob uma boa estrela", ou "nascido com uma estrela da sorte"). Tal influência é refutada no capítulo X: *Lei de Liberdade*, logo a seguir neste livro, especialmente na questão 867. — N. T.

734. No seu estágio atual, o homem tem direito ilimitado de destruição sobre os animais?

"Esse direito está regulado pela necessidade de prover à sua nutrição e à sua segurança; o abuso jamais constituiu um direito."

735. O que devemos pensar da destruição que ultrapassa os limites das necessidades e da segurança? O da caça, por exemplo, quando ela não tem outra finalidade senão o prazer de destruir sem utilidade?

"Predominância da brutalidade sobre a natureza espiritual. Toda destruição que excede os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus. Os animais só destroem para suas próprias carências, enquanto o homem — que tem o livre-arbítrio — destrói sem precisar. Ele terá que prestar contas do abuso da liberdade que lhe foi concedida, pois foram aos maus instintos que ele então cedeu."

736. Os povos que têm um excessivo escrúpulo quanto à destruição dos animais terão um merecimento especial?

"É um excesso num sentimento louvável em si mesmo, mas que se torna abusivo e o seu mérito fica neutralizado por abusos de muitos outros tipos. Neles, há mais temor supersticioso do que verdadeira bondade."

Flagelos destruidores

737. Com que objetivo Deus fere a humanidade com flagelos destruidores?

"Para fazê-la progredir mais depressa. Já não dissemos que a destruição é necessária para a regeneração moral dos Espíritos, que em cada nova existência alcançam um novo grau de perfeição? É preciso observar o objetivo para ponderar os resultados. Vocês só os apreciam do seu ponto de vista pessoal, e daí chamam de flagelos pelo prejuízo que eles causam. Mas essas convulsões são quase sempre necessárias para fazer as coisas chegarem mais rapidamente a uma ordem melhor e para realizar em apenas alguns anos o que exigiria muitos séculos." (Ver a questão 744.)

738. Para o melhoramento da humanidade, Deus não poderia empregar outros recursos em vez dos flagelos destruidores?

"Sim, e ele os emprega todos os dias, já que deu a cada qual os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. É o homem que não aproveita esses meios; é preciso castigá-lo em seu orgulho e fazê-lo sentir sua fraqueza."

738-a. — Mas nesses flagelos o homem de bem sucumbe tanto quanto o perverso; é justo isso?

"Durante a vida, o homem relaciona tudo ao seu corpo, mas depois da morte ele pensa de maneira diferente, e como temos dito, a vida do corpo é uma coisa bem pequena. Um século no vosso mundo é ***um relâmpago na eternidade***. Logo, os sofrimentos do que vocês chamam de alguns dias ou de alguns meses não duram nada; é um ensinamento para vocês, e que lhes servirá no futuro. Os Espíritos — eis o mundo real — preexistem e sobrevivem a tudo (Ver a questão 85); são esses os filhos de Deus e o propósito de toda a sua solicitude; os corpos são meros disfarces sob os quais eles aparecem no mundo. Nas grandes calamidades que dizimam os homens, é semelhante a um exército que, durante a guerra, vê seus uniformes gastos, rotos ou perdidos. O general se preocupa mais com seus soldados do que com suas fardas."

738-b. — Mas nem por isso as vítimas desses flagelos deixam de serem vítimas.

"Se considerassem a vida como ela é e quão pouca coisa ela significa com relação ao infinito, menos importância lhe dariam. Essas vítimas encontrarão em outra existência uma ampla compensação pelos seus sofrimentos — se souberem suportá-los sem murmurar."

Que a morte chegue por um flagelo ou por uma causa comum, ninguém por isso deixa de morrer quando soar a hora da partida. A única diferença é que um número maior parte de uma só vez.

Se pudéssemos nos elevar pelo pensamento de maneira a alcançar a humanidade e a abrangê-la completamente, esses flagelos tão terríveis não nos pareceriam mais do que tempestades passageiras na destinação do mundo.

739. Os flagelos destruidores têm uma utilidade do ponto de vista físico, malgrado os males que eles ocasionam?

"Têm. Muitas vezes eles mudam a estrutura de uma região, mas o benefício que disso resulta geralmente só é percebido pelas gerações futuras."

740. Para o homem, os flagelos não seriam igualmente provas morais que o colocam diante das mais duras necessidades?

"Os flagelos são provações que fornecem ao homem a ocasião de exercitar sua inteligência, de mostrar sua paciência e sua resignação ante a vontade de Deus, e o permitem lhe manifestar seus sentimentos de abnegação, de desprendimento e de amor ao próximo — se não for dominado pelo egoísmo."

741. É permitido ao homem combater os flagelos que o afligem?

"Em parte, sim, mas não como geralmente se entende. Muitos flagelos resultam da imprevidência do homem; na medida em que adquire conhecimentos e experiência ele pode combatê-los, isto é, preveni-los, se souber procurar as causas. Contudo, entre os males que afligem a humanidade há alguns de caráter geral que estão nos decretos da Providência e dos quais cada indivíduo recebe mais ou menos o contragolpe; a esses o homem nada pode opor, a não ser sua resignação ante a vontade de Deus. E ainda, às vezes esses mesmos males são agravados pela vossa indolência."

Entre os flagelos destruidores, naturais e independentes do homem, deve-se colocar na primeira linha a peste, a fome, as inundações, as intempéries fatais às produções da terra. Mas, através da ciência, nos trabalhos de arte, no aperfeiçoamento da agricultura, na rotatividade da exploração do solo e nas irrigações, no estudo das condições higiênicas, o homem não encontrou os meios de neutralizar ou pelo menos de atenuar consideravelmente os desastres? Certas regiões, antigamente assoladas por terríveis flagelos, não estão preservadas hoje? O que o homem não fará então pelo seu bem-estar material quando souber aproveitar todos os recursos de sua inteligência e quando, aos cuidados de sua conservação pessoal, souber aliar o sentimento da verdadeira caridade para com seus semelhantes? (Ver a questão 707.)

Guerras

742. Qual é a causa que leva o homem à guerra?

"Predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual, e satisfação das paixões. No estado de barbárie, os povos só conhecem a lei do mais forte. É por isso que para eles a guerra é uma situação normal. À medida que o homem progride, a guerra se torna menos frequente, porque ele evita as suas causas, e quando ela é necessária, ele sabe lhe adicionar humanismo."

743. Algum dia a guerra desaparecerá da face da Terra?

"Sim, quando os indivíduos compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Então, todos os povos serão irmãos."

744. Qual seria o objetivo da Providência tornando a guerra necessária?

"A liberdade e o progresso."

744-a. — Se a guerra deve ter por efeito chegar à liberdade, como se explica que ela geralmente tenha por fim e por resultado a escravidão?

"Escravidão momentânea, para ***esmagar*** os povos, a fim de fazê-los avançar mais depressa."

745. O que pensar daquele que suscita a guerra em proveito próprio?

"Este é o verdadeiro culpado, e para ele serão necessárias ***muitas existências*** para expiar todas as mortes de que ele tenha sido responsável, pois ele responderá por cada homem cuja morte tenha causado para satisfazer a sua ambição."

Assassinato

746. Aos olhos de Deus, o assassinato é um crime?

"Sim, um grande crime, pois que aquele que tira a vida do seu semelhante corta ***uma vida de expiação ou de missão***, e aí é que está o mal."

747. O assassínio sempre tem o mesmo grau de culpabilidade?

"Já o temos dito: Deus é justo, e julga mais a intenção do que o ato."

748. Deus perdoa o assassinato em caso de legítima defesa?

"Somente a necessidade pode desculpá-lo. Mas, caso se possa preservar a própria vida sem atentar contra a do seu agressor, assim devemos fazer."

749. O homem é culpável pelos homicídios que comete durante uma guerra?

"Não, quando ele for forçado pelas circunstâncias, mas será culpado pelas crueldades que cometa, ao passo que se levará em conta também a sua indulgência."

750. O que é mais culpável aos olhos de Deus: o parricídio ou o infanticídio?

"Todos os dois são igualmente condenáveis, pois todo crime é um crime."

751. Como se explica que em alguns povos, já adiantados do ponto de vista intelectual, o infanticídio faça parte dos costumes e seja aceito pela legislação?

"O desenvolvimento intelectual não implica a necessidade do bem. Um Espírito superior em inteligência pode ser malvado; é aquele que já viveu muito, mas sem se melhorar: ele apenas sabe."

Crueldade

752. Pode-se relacionar o sentimento de crueldade ao instinto de destruição?

"É o instinto de destruição no que tem de pior, pois se a destruição algumas vezes é uma necessidade, a crueldade jamais o é; ela é sempre o resultado de uma natureza má."

753. De onde vem que a crueldade seja a característica predominante dos povos primitivos?

"Nos povos chamados primitivos, a matéria prevalece sobre o Espírito; eles se entregam aos instintos da brutalidade e, como não experimentam outras necessidades fora as da vida do corpo, eles pensam somente na sua conservação pessoal, e é isso o que geralmente os torna cruéis. Além do mais, os povos cujo desenvolvimento é imperfeito estão sob o império de Espíritos também imperfeitos que lhes são simpáticos, até que os povos mais adiantados venham destruir ou enfraquecer essa influência."

754. A crueldade não decorre da ausência de senso moral?

"Digam que o senso moral não está desenvolvimento, mas não digam que está ausente, pois ele existe em todos os homens; é esse senso moral que fará dos seres cruéis mais tarde seres bons e humanos. Portanto, ele existe no selvagem, embora exista como o princípio do perfume está no gérmen de uma flor antes que esta desabroche."

Todas as faculdades existem no homem em estado rudimentar ou latente. Elas se desenvolvem conforme as circunstâncias lhes sejam mais ou menos favoráveis. O desenvolvimento excessivo de umas detém ou neutraliza o desabrochar das outras. A superexcitação dos instintos materiais abafa — por assim dizer — o senso moral, como o desenrolar do senso moral enfraquece pouco a pouco as faculdades puramente animais.

755. Como pode ser que no meio da mais avançada civilização se encontrem seres às vezes tão cruéis quanto os selvagens?

"Do mesmo modo que numa árvore carregada de bons frutos se encontre rebentos defeituosos. Eles são — como queiram — selvagens que só têm da civilização o exterior, lobos perdidos em meio de cordeiros. Os Espíritos de uma ordem inferior e muito atrasados podem encarnar entre homens adiantados na esperança de também se adiantarem. Mas, se a prova for pesada demais, a natureza primitiva o dominará."

756. A sociedade dos homens de bem algum dia será expurgada dos maus indivíduos?

"A humanidade progride, então esses homens dominados pelo instinto do mal e que se acham deslocados entre as pessoas de bem desaparecerão paulatinamente, como o grão imperfeito se separa do bom depois que este é selecionado, mas para renascer em outro corpo. E como eles terão mais experiência, então compreenderão melhor o bem e o mal. Você vê um exemplo disso nas plantas e nos animais que o homem tem conseguido aperfeiçoar, e nos quais desenvolve novas qualidades. Pois bem, só ao fim de várias gerações é que o aperfeiçoamento se torna completo. Essa é a imagem das diversas existências do homem."

Duelo

757. O duelo pode ser considerado como um caso de legítima defesa?

"Não; trata-se de um assassínio e um costume absurdo, digno dos bárbaros. Com uma civilização mais adiantada e ***mais moral*** o homem compreenderá que o duelo é tão ridículo quanto os combates que outrora eram considerados como o juízo de Deus."

758. O duelo pode ser considerado como um assassinato da parte daquele que, conhecendo a sua própria fraqueza, está quase certo de que morrerá?

"É um suicídio."

758-a. — E quando as chances forem iguais, será assassinato ou suicídio?

"Um e outro."

Em todos os casos — inclusive naquele em que as probabilidades sejam idênticas — o duelista é culpado primeiramente porque atenta friamente e de propósito deliberado contra a vida de seu semelhante; em segundo lugar porque ele expõe inutilmente sua própria vida sem proveito para ninguém.

759. Qual o valor do que chamamos de ***ponto de honra*** em matéria de duelo?

"Orgulho e vaidade: duas chagas da humanidade."

759-a. — Porém, não há casos em que a honra se acha verdadeiramente comprometida e em que uma recusa seria covardia?

"Isso depende dos hábitos e costumes; cada país e cada século têm uma maneira de ver diferente a esse respeito. Quando os homens forem melhores e estiverem mais adiantados em moral eles compreenderão que o verdadeiro ponto de honra está acima das paixões terrenas e que não é matando e nem se deixando matar que se reparar uma questão."

Há mais grandeza e verdadeira honra em se confessar culpado, se estiver errado, ou em perdoar, se estiver com a razão. E em todos os casos desprezar os insultos que não podem nos atingir.

Pena de morte

760. A pena de morte desaparecerá algum dia da legislação humana?

"A pena de morte desaparecerá incontestavelmente, e sua eliminação marcará um progresso na humanidade. Quando os homens estiverem mais esclarecidos a pena de morte será completamente abolida na Terra; os homens não precisarão mais serem julgados pelos homens. Refiro-me a uma época ainda muito distante de vocês."

Sem dúvida, o progresso social ainda deixa muito a desejar, mas seríamos injustos com a sociedade moderna se não víssemos nela um progresso nas restrições postas à pena de morte nos povos mais adiantados, e na natureza dos crimes aos quais se limita a sua aplicação. Se compararmos as garantias com que, entre esses mesmos povos, a justiça se esforça para cercar o acusado, a humanidade com que ela usa em favor dele — até mesmo quando o reconhece culpado —, com o que se praticava em tempos que ainda não vão muito longe, não poderemos negar a via do progresso pela qual a humanidade está marchando.

761. A lei de conservação confere ao indivíduo o direito de preservar a própria vida. Não estaria ele fazendo uso desse direito quando elimina da sociedade um membro perigoso?

"Há outros meios de se preservar do perigo sem matar. É preciso, aliás, abrir ao criminoso a porta do arrependimento — e não a fechar."

762. Se a pena de morte pode ser banida das sociedades civilizadas, não teria sido ela uma necessidade em épocas menos adiantadas?

"Necessidade não é o termo; o homem julga uma coisa necessária sempre quando não descobre nada melhor. À proporção que ele se instrui, então compreende melhor o que é justo ou injusto, e repudia os excessos cometidos nos tempos de ignorância em nome da justiça."

763. A restrição dos casos em que a pena de morte é aplicada significa um indício de progresso na civilização?

"Você pode duvidar disso? Teu Espírito não se revolta ao ler o relato das carnificinas humanas que se faziam outrora em nome da justiça e, não raro,

em honra da Divindade? Das torturas que se infligiam ao condenado e até mesmo ao mero acusado, para lhe arrancar — pelo excesso de sofrimentos — a confissão de um crime que muitas vezes ele não tinha cometido? Pois bem! Se você tivesse vivido nessas épocas, teria achado tudo isso natural e talvez você mesmo, como juiz, tivesse feito tanto quanto. Assim é que aquilo que parecia justo numa determinada época parecerá bárbaro em outra. Só as leis divinas são eternas; as leis humanas mudam mediante o progresso; elas continuarão a mudar até que sejam postas em harmonia com as leis divinas."

764. Disse Jesus: ***Quem matou com a espada morrerá pela espada***. Estas palavras não significam a consagração da pena de talião?[59] E assim, a morte infligida ao homicida não é uma aplicação dessa pena?

"Tomem cuidado! Vocês têm-se enganado a respeito dessas palavras ***assim como acerca de muitas outras***. A pena de talião é a justiça de Deus; é ele quem a aplica. Todos vocês sofrem essa pena a cada instante, pois são punidos por aquilo que tenham pecado — nesta vida ***ou em outra***. Aquele que tenha feito seus semelhantes sofrerem ficará numa posição em que ele próprio sofrerá o mesmo que tenha causado. Este é o sentido das palavras de Jesus, que vos disse também: Perdoem vossos inimigos. E vos ensinou a pedir a Deus que perdoe as vossas ofensas conforme vocês também tenham perdoado, isto é, ***na mesma proporção*** em que perdoaram. Entendam bem!"

765. O que se deve pensar da pena de morte infligida em nome de Deus?

"É o homem tomar o lugar de Deus na justiça. Os que assim procedem mostram o quanto eles estão longe de compreender Deus e que muito ainda têm o que expiar. A pena de morte é um crime quando aplicada em nome de Deus, e aqueles que a infligem ficam responsabilizados por ela como em outros tantos assassinatos."

---

[59] Pena ou lei de talião (do latim *talis* = tal, o mesmo, idêntico): condenação imposta a uma pessoa proporcionalmente ao dano que tenha causado a alguém. — N. T.

CAPÍTULO VII

LEI DE SOCIEDADE

Necessidade da vida social – Vida de isolamento. Voto de silêncio – Laços de família

Necessidade da vida social

766. A vida social faz parte da natureza?

"Certamente. Deus fez o homem para viver em sociedade, e não lhe deu inutilmente a palavra e todas as outras faculdades necessárias ao relacionamento social."

767. O isolamento absoluto é contrário à lei da natureza?

"Sim, pois os homens buscam instintivamente a sociedade e todos devem colaborar para o progresso auxiliando-se mutuamente."

768. Buscando a sociedade, o homem não faz mais do que obedecer a um sentimento pessoal, ou nesse sentimento há alguma finalidade providencial mais geral?

"O homem deve progredir; isolado ele não consegue porque não tem todas as faculdades; ele precisa do contato com os outros indivíduos. No isolamento, ele se embrutece e atrofia."

Nenhum homem tem as faculdades completas e é pela união social que eles se completam uns aos outros, assegurando-lhes o bem-estar e o progresso. Por isso é que, tendo necessidade uns dos outros, eles são feitos para viverem em sociedade e não isolados.

Vida de isolamento. Voto de silêncio

769. Compreendemos que, como princípio geral, a vida social faça parte da natureza, mas como todos os gostos também estão na natureza, por que seria condenável o do afastamento absoluto se o homem aí encontra sua satisfação?

"Satisfação de egoísta. Também há homens que experimentam satisfação na embriaguez. Você aprova isso? Deus não pode ter como agradável uma vida pela qual as pessoas condenam a si mesma a não ser útil a ninguém."

770. O que pensar dos que vivem na reclusão absoluta para fugir do contato pernicioso do mundo?

"Duplo egoísmo."

770-a. — Mas se esse retraimento tiver por pretensão uma expiação, impondo-se uma privação penosa, isso não seria meritório?

"Fazer mais o bem do que se tem feito de mau — eis a melhor expiação. Ao evitar um mal a pessoa cai em outro, pois esquece a lei de amor e de caridade."

771. Que pensar dos que fogem do mundo para se devotarem ao socorro dos infelizes?

"Estes se elevam ao se rebaixarem. Eles têm o duplo mérito de se colocarem acima dos prazeres materiais e de fazerem o bem pelo cumprimento da lei do trabalho."

771-a. — E aqueles que procuram no retiro a tranquilidade que certos trabalhos requerem?

"Isso não é um retraimento absoluto do egoísta; eles não se isolam da sociedade, pois trabalham para ela."

772. O que pensar do voto de silêncio prescrito por determinadas seitas, desde a mais remota antiguidade?

"Perguntem antes a vocês mesmos se a palavra faz parte da natureza e por que Deus a deu ao homem. Deus condena o abuso e não o uso das faculdades que vos concedeu. Entretanto, o silêncio é útil, pois no silêncio

vocês se recolhem; teu espírito se torna mais livre e pode entrar em comunicação conosco. Mas o ***voto*** de silêncio é uma tolice. Sem dúvida, aqueles que observam essas privações voluntárias como atos de virtude têm uma boa intenção, porém se enganam porque não entendem suficientemente as verdadeiras leis de Deus."

O voto de silêncio absoluto — do mesmo modo que o voto de isolamento — priva o indivíduo das relações sociais que lhe podem fornecer as ocasiões de fazer o bem e de cumprir a lei do progresso.

Laços de família

773. Por que nos animais os pais e os filhos não se reconhecem mais a partir de quando estes últimos não precisam mais de cuidados?

"Os animais vivem da vida material e não da vida moral. A ternura da mãe pelos filhos tem por princípio o instinto de conservação dos seres aos quais ela deu à luz. Desde quando esses seres podem cuidar de si mesmos, a tarefa dela termina e a natureza não lhe pede mais nada. É por isso que ela os abandona para se ocupar com os recém-nascidos."

774. Há pessoas que deduzem, do abandono das crias dos animais pelos seus progenitores, que, entre os homens, os laços de família não são mais do que um resultado dos costumes sociais, e não uma lei da natureza. O que devemos pensar disso?

"O homem tem outro destino que não o dos animais. Por que então querer sempre compará-lo com eles? Existe no homem outra coisa além das necessidades físicas: existe a necessidade de progredir. Os laços sociais são necessários ao progresso e os laços de família reforçam os laços sociais. Eis por que os laços de família constituem uma lei da natureza. Deus quis que dessa forma os homens aprendessem a se amarem como irmãos." (Ver a questão 205.)

775. Para a sociedade, qual seria o efeito do relaxamento dos laços de família?

"Um recrudescimento do egoísmo."

CAPÍTULO VIII

LEI DO PROGRESSO

Estado de natureza – Marcha do progresso – Povos degenerados – Civilização – Progresso da legislação humana – Influência do espiritismo sobre o progresso

Estado de natureza

776. O estado de natureza e a lei natural significam a mesma coisa?

"Não, o estado de natureza é o estado primitivo. A civilização é incompatível com o estado de natureza, ao passo que a lei natural contribui para o progresso da humanidade."

O estado de natureza é a infância da humanidade e o ponto de partida do seu desenvolvimento intelectual e moral. Sendo perfectível e trazendo em si a semente do seu aperfeiçoamento, o homem não está destinado a viver perpetuamente no estado de natureza, como não está destinado a viver eternamente na infância. O estado de natureza é transitório e o homem sai desse estágio pelo progresso e pela civilização. A lei natural, ao contrário, rege a humanidade inteira e o homem se aperfeiçoa à medida que a compreende melhor e pratica melhor essa lei.[60]

777. No estado de natureza, tendo menos necessidades, o homem não passa por todas as tribulações que ele cria para si mesmo quando num estágio mais avançado. O que pensar da opinião dos que consideram esse estado como

---

[60] Estado de natureza é uma teoria que tem sido trabalhada por muitos filósofos (por exemplo: Thomas Hobbes, John Locke, Montesquieu, Jean-Jacques Rousseau e David Hume) e basicamente se refere a um estágio da vida humana e das condições naturais de vida anterior às organizações sociais, analisando aí o caráter original (bom ou mau) do homem e, por conseguinte, as influências (boas ou más) da sociedade para cada indivíduo. — N. T.

sendo o da mais perfeita felicidade na Terra?

"O que pretende?! Isso é a felicidade do bruto. Há pessoas que não concebem outro tipo de felicidade. Isso é ser feliz à maneira dos animais. As crianças também são mais felizes do que os homens feitos."

778. O homem pode retrogradar para o estado de natureza?

"Não, o homem deve progredir sem cessar e não pode retroceder ao estado de infância. Se ele progride, é porque Deus assim o quer; pensar que ele possa declinar à sua condição primitiva seria negar a lei do progresso."

Marcha do progresso

779. O homem possui em si mesmo a força progressiva ou o progresso não passa do resultado de um ensinamento?

"O homem se desenvolve por si mesmo naturalmente, mas nem todos progridem simultaneamente e do mesmo modo. Acontece então que os mais adiantados ajudam no progresso dos outros através do contato social."

780. O progresso moral sempre acompanha o progresso intelectual?

"O progresso moral é a consequência do progresso intelectual, mas nem sempre o segue ***imediatamente***." (Ver as questões 192 e 365.)

780-a. — Como é que o progresso intelectual pode conduzir ao progresso moral?

"Fazendo que se compreenda o bem e o mal: desde então o homem pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio segue o desenvolvimento da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos."

780-b. — Como se explica então que os povos mais esclarecidos sejam normalmente os mais pervertidos também?

"O progresso completo é o objetivo, porém os povos, assim como os indivíduos, só alcançam o progresso passo a passo. Enquanto o senso moral não estiver totalmente desenvolvido neles, pode mesmo acontecer que eles se sirvam da própria inteligência para praticar o mal. A moral e

a inteligência são duas forças que só se equilibram ao longo do tempo.” (Ver as questões 365 e 751.)

781. É dado ao homem o poder de deter a marcha do progresso?

“Não, mas algumas vezes o de entravá-la.”

781-a. — O que pensar dos homens que tentam parar a marcha do progresso e fazer a humanidade retroceder?

“Pobres seres que Deus castigará. Eles serão arrastados pela torrente que pretendem deter.”

Sendo o progresso uma condição da natureza humana, não está ao alcance de ninguém se opor a ele. É uma ***força viva*** que as más leis podem retardar, mas não sufocar. Quando essas leis se tornam incompatíveis com o progresso, ele as despedaça juntamente com todos os que tentam mantê-las, e assim será até que o homem tenha colocado suas leis em concordância com a justiça divina, que quer o bem para todos, e não as leis feitas para os fortes em detrimento dos fracos.

782. Não há homens que de boa-fé dificultam o progresso, acreditando favorecê-lo, porque o veem pelo ponto de vista deles, e muitas vezes onde não há progresso?

“É uma pequena pedra colocada debaixo da roda de um grande veículo e que não o impedem de avançar.”

783. O aperfeiçoamento da humanidade segue sempre uma marcha progressiva e lenta?

“Há o progresso regular e lento, que resulta das circunstâncias, mas quando um povo não avança rápido o suficiente, então, de tempos em tempos, Deus lhe sujeita a um abalo físico ou moral que lhe transforma.”

O homem não pode ficar perpetuamente na ignorância, porque deve chegar ao objetivo marcado pela Providência. Ele se instrui pela força das coisas. As revoluções morais — como as revoluções sociais — se infiltram pouco a pouco nas ideias; elas germinam durante os séculos; depois irrompem subitamente e fazem desmoronar o edifício carcomido do passado, que deixou de estar em harmonia com as necessidades subsequentes e com as novas aspirações.

Quase sempre o homem só percebe nessas comoções a desordem e a confusão momentânea que o ferem nos seus interesses materiais, mas aquele que eleva o pensamento acima da própria personalidade então admira os desígnios da Providência, que do mal faz sair o benefício. É uma tempestade, uma tormenta que purifica a atmosfera depois de a ter perturbado.

784. A perversidade do homem é muito grande; então, não parece que ele está regredindo em vez de avançar, pelo menos do ponto de vista moral?

"Engana-se! Observe bem o quadro geral e você verá que ele avança, pois compreende melhor o que é mal, e que dia a dia ele está reformando seus abusos. É preciso o excesso do mal para fazer compreender a necessidade do bem e das reformas."

785. Qual é o maior obstáculo ao progresso?

"O orgulho e o egoísmo. Refiro-me ao progresso moral, pois o progresso intelectual caminha sempre, e este — à primeira vista — parece até duplicar a atividade daqueles vícios ao desenvolver a ambição e o amor às riquezas, que por sua vez excitam o homem às pesquisas, esclarecendo o seu Espírito. É desta forma que tudo se relaciona no mundo moral, como no mundo físico, e que do próprio mal pode sair o bem. Mas, esse estado de coisas dura pouco tempo e mudará na proporção em que o homem compreenda melhor que, além do gozo dos bens terrenos, existe uma felicidade infinitamente maior e infinitamente mais duradoura." (Ver: *Egoísmo*, cap. XII)

Há duas espécies de progresso que se apoiam mutuamente e que, entretanto, não caminham lado a lado: o progresso intelectual e o progresso moral. Entre os povos civilizados o primeiro recebe neste século todos os incentivos desejáveis e, com isso, atingiu um grau até hoje desconhecido. Falta outro tanto para que o segundo tipo de progresso esteja no mesmo nível, mas, no entanto, se compararmos os nossos costumes sociais aos de alguns séculos atrás, teríamos que ser cegos para negar o progresso. Por que então a marcha ascendente deveria se atrasar mais para a moral do que para a inteligência? Por que entre o século XIX e o século XXIV não haveria tanta diferença como houve entre os séculos XIV e XIX? Duvidar disso será pretender que a humanidade tenha atingido o apogeu da

perfeição — o que seria absurdo — ou que ela não é perfectível moralmente — o que está desmentido pela experiência.

Povos degenerados

786. A História nos mostra uma porção de povos que, depois de abalos que os revolveram, eles recaíram na barbárie. Onde está o progresso nesse caso?

"Quando tua casa ameaça ruir, você a derruba para reerguer outra mais sólida e mais cômoda. Não obstante, até que ela seja reconstruída, há perturbações e confusões na tua morada.

"Entenda também o seguinte: você era pobre e habitava um casebre, então se torna rico e deixa aquele lugar para habitar um palácio. Depois, um pobre coitado — como era você — vem tomar o teu lugar naquele teu casebre, e ainda assim ele fica muito contente, porque antes ele não tinha abrigo. Pois bem! Aprenda então que os Espíritos que estão encarnados nesse povo degenerado não são mais aqueles que o constituíam no tempo do seu esplendor; os de então, que eram avançados, foram para habitações mais perfeitas e progrediram, enquanto os outros menos adiantados tomaram o deles, que um dia eles também deixarão."

787. Por sua natureza, não há raças relutantes ao progresso?

"Há sim, mas a cada dia estes vão se aniquilando ***corporalmente***."

787-a. — Qual será a sorte futura das almas que animam essas raças?

"Como todas as demais, elas chegarão à perfeição passando por outras existências. Deus não deserda ninguém."

787-b. — Sendo assim, os homens mais civilizados podem ter sido selvagens e antropófagos[61]?

"Você mesmo foi um, mais de uma vez, antes de ser o que agora é."

---

[61] Antropófago: canibal, aquele que se alimenta de carne humana; aqui colocado para dar ênfase ao estágio de selvageria e primitivismo. — N. T.

788. Os povos são individualidades coletivas que, como os indivíduos, passam pela infância, pela idade madura e pela decrepitude. Essa verdade constatada pela História não pode nos fazer supor que os povos mais avançados deste século terão seu declínio e sua extinção, como os de antigamente?

"Os povos que apenas vivem a vida do corpo, aqueles cuja grandeza está fundada só na força e na extensão territorial, estes nascem, crescem e morrem, porque a força de um povo se exaure como a de um homem; aqueles cujas leis egoísticas contrastam com o progresso das luzes e com a caridade, estes morrem, porque a luz mata as trevas e a caridade mata o egoísmo. Mas para os povos, como para os indivíduos, há a vida da alma. Aqueles cujas leis se harmonizam com as leis eternas do Criador viverão e serão o farol dos outros povos."

789. Algum dia o progresso reunirá todos os povos da Terra numa só nação?

"Numa nação única, não. Isso é impossível, pois da diversidade dos climas nascem costumes e carências diferentes que constituem as nacionalidades; é por isso que elas sempre precisarão de leis apropriadas a esses costumes e necessidades. Entretanto, a caridade desconhece limites e não faz distinção de cor entre os homens. Quando a lei de Deus em toda parte servir de base à lei humana, os povos praticarão entre si a caridade, como os indivíduos, um para com o outro. Então eles viverão felizes e em paz, porque nenhum procurará causar dano ao seu vizinho, nem viver às custas dele."

A humanidade progride a partir dos indivíduos que se aperfeiçoam pouco a pouco e se esclarecem; então, quando estes prevalecem em número, tomam a frente e conduzem os demais. De tempos em tempos surgem entre eles os homens de gênio que dão um impulso, depois surgem homens com autoridade — instrumentos de Deus — que em poucos anos fazem a humanidade avançar muitos séculos.

O progresso dos povos também ressalta a justiça da reencarnação. Os homens de bem empregam louváveis esforços para fazer uma nação avançar moral e intelectualmente; a nação transformada será mais feliz — seja neste mundo, seja no outro. Entretanto, durante sua marcha lenta através dos séculos, milhares de indivíduos morrem a cada dia. Então, qual é o destino de todos que sucumbem no

percurso? Sua inferioridade relativa os priva da felicidade reservada aos que chegam por último? Ou melhor, sua felicidade é relativa? A justiça divina não poderia consagrar tal injustiça, logo, pela pluralidade das existências, o direito à felicidade é o mesmo para todos, porque ninguém é deserdado do progresso; aqueles que viveram no tempo da barbárie podem voltar no tempo da civilização, no mesmo povo ou em outro, resultando disso que todos tiram proveito da marcha ascendente.

Mas o sistema da unicidade das existências apresenta ainda outra dificuldade: de acordo com essa teoria, a alma seria criada no momento do nascimento; assim, se um homem é mais avançado que outro, é porque Deus criou para ele uma alma mais avançada. Por que esse favorecimento? Que mérito tem alguém que não viveu mais do que outro — às vezes viveu até menos — para ser dotado de uma alma superior? Mas esta não é a principal dificuldade: uma nação passa, em mil anos, da barbárie à civilização. Se os homens vivessem ali mil anos, poderíamos conceber que nesse intervalo eles tivessem tempo de progredir, mas todos os dias morre gente de todas as idades, e os homens se renovam sem parar, de tal modo que diariamente os vemos aparecer e desaparecer. Decorridos os mil anos, não há mais vestígios dos antigos habitantes; a nação, de barbárie em que se encontrava, se torna civilizada: quem progrediu? Foram os indivíduos, outrora bárbaros? Mas eles estão mortos há muito tempo. São os recém-chegados? Mas se a alma deles é criada no momento do nascimento, essas almas não existiam na época da barbárie, e então é preciso admitir que ***os esforços que se fazem para civilizar um povo têm o poder não de melhorar almas imperfeitas, mas de fazer com que Deus crie almas mais perfeitas.***

Comparemos essa teoria do progresso com aquela que é dada pelos Espíritos: as almas vindas na época da civilização tiveram sua infância, como todas as outras, mas ***elas já tinham vivido***, e vieram adiantadas por um progresso anterior; elas vêm atraídas a um meio que lhes é simpático e que está condicionado com o seu estado atual, de modo que os cuidados dados à civilização de um povo não têm por objetivo criar no futuro almas mais perfeitas, mas sim atrair aquelas que já progrediram — tenham elas já vivido nesse mesmo povo na época da barbárie ou tenham elas vindo de outro lugar. Aqui está também a solução do progresso de toda a humanidade. Quando todos os povos atingirem o mesmo nível no sentimento do bem, a Terra será o ponto de encontro apenas dos bons Espíritos, que viverão entre si numa união fraterna, enquanto os maus — sendo rejeitados e

deslocados daqui — irão procurar nos mundos inferiores o ambiente que lhes convier, até que se tornem dignos de virem ao nosso mundo renovado. A teoria comum tem ainda essa consequência: que os trabalhos de aperfeiçoamento social não beneficiam senão as gerações presentes e futuras, e seu resultado é nulo para as gerações passadas, que cometeram o erro de vir muito cedo e que se tornam o que podem, sobrecarregadas como estão de seus atos de barbárie. De acordo com a doutrina dos Espíritos, os progressos posteriores servem igualmente para essas gerações passadas que voltam a viver em melhores condições e podem assim se aperfeiçoar no meio da civilização. (Veja a questão 222.)

Civilização

790. A civilização é um progresso ou, conforme alguns filósofos, uma decadência da humanidade?

"Um progresso incompleto. O homem não passa subitamente da infância à maturidade."

790-a. — Seria racional condenar a civilização?

"Condenem antes os que abusam dela, e não a obra de Deus."

791. Algum dia a civilização se purificará a tal ponto a fazer desaparecer os males que ela tenha produzido?

"Sim, quando a moral estiver tão desenvolvida quanto à inteligência. O fruto não pode vir antes da flor."

792. Por que a civilização não realiza imediatamente todo o bem que ela poderia produzir?

"Porque as pessoas ainda não estão aptas e dispostas a obter esse bem."

792-a. — Não seria também porque, criando outras necessidades, ela suscita novas paixões?

"Sim, e porque nem todas as faculdades do Espírito progridem simultaneamente; é preciso tempo para tudo. Vocês não podem esperar frutos perfeitos de uma civilização incompleta." (Ver questões 751 e 780.)

793. Por quais indícios podemos reconhecer uma civilização completa?

"Vocês a reconhecerão pelo desenvolvimento moral. Vocês se consideram muito avançados, porque fizeram grandes descobertas e maravilhosas invenções, e porque estão mais bem alojados e mais bem vestidos do que os selvagens. Porém, não terão verdadeiramente o direito de se dizerem civilizados senão quando tiverem banido da vossa sociedade os vícios que a desonram, e quando viverem entre si como irmãos, praticando a caridade cristã; até lá, vocês não serão mais do que povos esclarecidos, não tendo percorrido a primeira fase da civilização."

Como todas as coisas, a civilização tem seus graus. Uma civilização incompleta apresenta um estado de transição que gera males específicos, desconhecidos no estado primitivo. Mas nem por isso constitui menos um progresso natural, necessário, que traz consigo o remédio para o mal que causa. À medida que a civilização se aperfeiçoa ela faz cessar alguns dos males que gerou, e esses males desaparecerão com o progresso moral.

De dois povos que chegaram ao ápice da escala social, somente pode se dizer o mais civilizado — na legítima definição do termo — aquele no qual exista menos egoísmo, cobiça e orgulho; no qual os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; no qual a inteligência possa se desenvolver com maior liberdade; no qual haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; no qual os preconceitos de casta e de nascimento estejam menos enraizados, pois esses preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor ao próximo; no qual as leis não consagrem nenhum privilégio e sejam as mesmas tanto para o último quanto para o primeiro; no qual a justiça seja exercida com menos parcialidade; no qual o fraco encontre sempre amparo contra o forte; no qual a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam mais respeitadas; no qual exista o mínimo de desgraçados e enfim, no qual todo homem de boa vontade esteja seguro de lhe não faltar o necessário.

Progresso da legislação humana

794. A sociedade poderia ser regida unicamente pelas leis naturais, sem o auxílio das leis humanas?

"Poderia, se todos compreendessem bem as leis naturais, e se os homens

tivessem vontade de as praticar, elas bastariam. Contudo, a sociedade tem suas exigências, então precisa de leis particulares."

795. Qual é a causa da instabilidade das leis humanas?

"Nos tempos de barbárie, eram os mais fortes quem fazia as leis e eles as faziam para si. Era necessário modificá-las à medida que as pessoas compreendiam melhor a justiça. As leis humanas ficam mais estáveis na proporção em que elas se aproximam da verdadeira justiça, isto é, na medida em que elas são feitas para todos e que se identificam com a lei natural."

A civilização criou para o homem novas necessidades, e essas necessidades são relativas à posição social em que se vive. Foi preciso regular os direitos e os deveres dessa posição através de leis humanas. Mas sob a influência de suas paixões, o homem frequentemente criou direitos e deveres imaginários que a lei natural condena e que os povos apagam de seus códigos à medida que progridem. A lei natural é imutável e é a mesma para todos; a lei humana é variável e progressiva; na infância das sociedades, ela só pôde consagrar o direito dos mais fortes.

796. A severidade das leis penais não constitui uma necessidade no estado atual da sociedade?

"Uma sociedade depravada certamente carece de leis mais severas. Infelizmente essas leis se destinam mais a punir o mal depois de feito do que a secar sua fonte. Só a educação poderá reformar os homens, e então eles não precisarão mais de leis tão rigorosas."

797. Como o homem poderá ser levado a reformar suas leis?

"Isso ocorre naturalmente pela força das coisas e pela influência das pessoas de bem que o conduzem na senda do progresso. Muitas dessas leis o homem já reformou, e outras tantas ele reformará. Podem esperar!"

Influência do espiritismo sobre o progresso

798. O espiritismo se tornará crença comum, ou ficará sendo a crença de

algumas pessoas?

"Certamente ele se tornará uma crença geral e marcará uma nova era na história da humanidade, porque faz parte da natureza e chegou o tempo em que ele deve ocupar o lugar entre os conhecimentos humanos. No entanto, ele terá que travar grandes lutas, mais ainda contra o interesse do que contra a convicção, pois não há como esconder que haja pessoas interessadas em combatê-lo — umas por orgulho, outras por causas puramente materiais. Porém os contraditores, ficando cada vez mais isolados, serão forçados a pensar como os demais, sob pena de se tornarem ridículos."

As ideias não se transformam senão com o tempo, e nunca subitamente. De geração em geração elas se enfraquecem e acabam por desaparecer pouco a pouco com aqueles que as professavam, e que são substituídos por outros indivíduos imbuídos de novos princípios, como sucede com as ideias políticas. Vejam o paganismo: não há mais ninguém hoje que professe as ideias religiosas dos tempos pagãos; entretanto, vários séculos após o advento do cristianismo, elas ainda tinham deixado traços que somente a renovação completa das raças conseguiu apagar. Assim será com o espiritismo: ele já fez bastante progresso, mas ainda haverá por duas ou três gerações um fermento de incredulidade que só será dissipado com o tempo. Sua marcha, todavia, será mais rápida do que a do cristianismo, porque o próprio cristianismo é quem lhe abre o caminho e lhe serve de apoio. O cristianismo tinha o que destruir; o Espiritismo só tem o que edificar.

799. De que maneira o espiritismo pode contribuir com o progresso?

"Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade; ele faz os homens compreenderem onde está o seu verdadeiro interesse. Quando a vida futura deixar de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que é capaz de preparar o seu destino por meio do presente. Destruindo os preconceitos de seitas, castas e cores, ele ensina aos homens a grande solidariedade que os deve unir como irmãos."

800. Não será de temer que o espiritismo não consiga triunfar sobre a indiferença dos homens e o apego deles às coisas materiais?

"Seria conhecer bem pouco os homens pensar que uma causa qualquer possa transformá-los como que por encanto. As ideias se modificam pouco a

pouco conforme os indivíduos, e gerações são necessárias para apagar completamente os vestígios dos velhos hábitos. Portanto, a transformação não se pode operar a não ser com o tempo, gradualmente, passo a passo. Para cada geração uma parte do véu se dissolve; o espiritismo vem rasgá-lo de uma vez. Entretanto, esperando que ele tivesse por efeito apenas corrigir um único defeito no homem, isso já seria um passo que ele o faria dar, e por isso mesmo um grande bem, pois esse primeiro passo tornaria os outros mais fáceis."

801. Por que os Espíritos não ensinaram em todos os tempos o que eles estão ensinando hoje?

"Vocês não ensinam às crianças o que ensinam aos adultos, nem dão ao recém-nascido uma refeição que ele não poderia digerir; cada coisa tem seu tempo. Eles ensinaram muitas coisas que os homens não compreenderam ou adulteraram, mas que eles podem compreender agora. Através dos seus ensinamentos, mesmo ainda incompletos, eles prepararam o terreno para receber a semente que vai hoje frutificar."

802. Já que o Espiritismo deve marcar um progresso da humanidade, por que os Espíritos não apressam esse progresso por meio de manifestações tão generalizadas e patentes que a convicção fosse levada até aos mais incrédulos?

"Vocês desejariam milagres, mas Deus os semeia de mão cheia bem diante dos vossos passos, e vocês ainda têm pessoas que os negam. Será que o próprio Cristo conseguiu convencer os contemporâneos dele através dos prodígios que ele operou? Vocês não veem homens atualmente negarem os fatos mais patentes que se passam sob seus olhos? Não há os que dizem que não acreditariam mesmo se eles vissem? Não, não é por meio de prodígios que Deus quer conduzir os homens; em sua bondade, ele quer deixar para vocês o mérito de se convencerem pela razão."

CAPÍTULO IX

LEI DE IGUALDADE

Igualdade natural – Desigualdade das aptidões – Desigualdades sociais – Desigualdades das riquezas – Provas da riqueza e da miséria – Igualdade dos direitos do homem e da mulher – Igualdade perante o túmulo

Igualdade natural

803. Todos os homens são iguais perante Deus?

"Sim, todos tendem para o mesmo objetivo, e Deus fez suas leis para todo mundo. Vocês dizem frequentemente: 'O Sol brilha para todos', e com isso vocês afirmam uma verdade maior e mais geral do que pensam."

Todos os homens estão submetidos às mesmas leis da natureza. Todos nascem igualmente fracos, estão sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói igual ao do pobre. Deus não deu superioridade natural a nenhum homem — nem pelo nascimento, nem pela morte: todos são iguais diante dele.

Desigualdade das aptidões

804. Por que Deus não deu as mesmas aptidões a todos os homens?

"Deus criou todos os Espíritos iguais, mas cada um destes viveu há mais ou menos tempo, e consequentemente uns têm mais aquisições do que outros. A diferença consiste no grau de sua experiência e da sua vontade — que é o livre-arbítrio. Por isso, uns se aperfeiçoam mais rapidamente, o que lhes dá

aptidões diversas. A variedade de aptidões é necessária para que cada um possa contribuir com os desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais: o que um não faz, o outro realiza. Assim é que cada qual tem seu papel útil. Como todos os mundos são ***solidários entre si***, torna-se necessário que os habitantes dos mundos superiores — que, na sua maioria, foram criados antes do vosso — venham aí habitar para vos dar o exemplo." (Ver a questão 361.)

805. Passando de um mundo superior para outro inferior, o Espírito conserva integralmente as faculdades adquiridas?

"Sim, já dissemos que o Espírito que progrediu não recua mais. Ele pode escolher, no estado de Espírito livre, um corpo mais grosseiro, ou uma posição mais precária do que aquelas que já teve, porém tudo isso para lhe servir de ensinamento e ajudá-lo a progredir." (Ver a questão 180.)

Sendo assim, a diferença de aptidões entre os homens não tem a ver com a natureza íntima da sua criação, mas com o grau de aperfeiçoamento ao qual tenham chegado os Espíritos encarnados nesses homens. Portanto, Deus não criou a desigualdade das faculdades; ele permitiu que os diversos graus de desenvolvimento estivessem em contato a fim de que os mais adiantados pudessem auxiliar o progresso dos mais atrasados, e também para que os homens, necessitando uns dos outros, compreendessem a lei de caridade que os deve unir.

Desigualdades sociais

806. A desigualdade das condições sociais é uma lei da natureza?

"Não, ela é uma obra do homem e não de Deus."

806-a. — Essa desigualdade desaparecerá algum dia?

"Nada há de eterno além das leis de Deus. Você não vê essa desigualdade diminuir pouco a pouco, dia a dia? Ela desaparecerá juntamente com a predominância do orgulho e do egoísmo; restará apenas a desigualdade do merecimento. Dia virá em que os membros da

grande família dos filhos de Deus não mais se considerarão como sendo de sangue mais ou menos puro. Só o Espírito é mais ou menos puro, e isso não depende da posição social."

807. O que pensar das pessoas que abusam da superioridade de sua posição social para oprimir os fracos em proveito próprio?

"Essas pessoas merecem o anátema! Ai deles! Eles serão oprimidos por sua vez, e ***renascerão*** numa existência em que sofrerão tudo o que tiverem feito sofrer." (Ver a questão 684.)

Desigualdade das riquezas

808. A desigualdade das riquezas não tem sua origem na desigualdade das aptidões que dá a uns mais meios de aquisição do que a outros?

"Sim e não. E quanto à trapaça e o roubo, o que você diz disso?"

808-a. — A riqueza hereditária não seria então fruto das más paixões?

"O que você sabe sobre isso? Retorne à origem dessa riqueza e você verá se ela é sempre pura. Você sabe se no princípio ela não foi fruto de uma espoliação ou de uma injustiça? Mas, mesmo sem falar da origem — que pode ser má —, você acredita que a cobiça dos bens, mesmo a melhor aquisição, os desejos secretos de possuí-la o mais depressa possível, sejam de sentimentos louváveis? É isso o que Deus julga e te asseguramos que o julgamento dele é mais severo que o dos homens."

809. Se uma riqueza foi mal adquirida na origem, aqueles que a herdarem mais tarde terão alguma responsabilidade por isso?

"Sem dúvida eles não são responsáveis pelo mal que outros tenham feito, tampouco quando eles o desconhecem. Mas fiquem sabendo que muitas vezes uma fortuna só chega a um homem para lhe proporcionar a oportunidade de reparar uma injustiça. Feliz dele, se assim o compreende! Se ele a fizer em nome daquele que cometeu a injustiça, a reparação será levada em conta para os dois, pois frequentemente é este último quem a provoca."

810. Sem nos afastarmos da legalidade, podemos nos dispor dos bens de uma maneira mais ou menos equitativa. Somos responsáveis, depois da morte, pelo uso que tenhamos feitos dos nossos bens?

"Toda ação produz seus frutos; os frutos das boas ações são doces e os das outras ações são sempre amargos — ***sempre***, entendam bem isso."

811. Seria possível e já existiu alguma vez a igualdade absoluta das riquezas?

"Não, ela não é possível. A diversidade das aptidões e das índoles se opõem a isso."

811-a. — No entanto, há homens que creem que esse é o remédio para os males da sociedade. O que os Espíritos pensam disso?

"São sistemáticos ou ambiciosos cheios de inveja; eles não compreendem que a igualdade com a qual sonham seria logo rompida pela força das coisas. Combatam o egoísmo — que é a vossa chaga social — e não procurem quimeras."

812. Já que a igualdade das riquezas não é possível, ocorre o mesmo com o bem-estar?

"Não, mas o bem-estar é relativo e todos poderiam desfrutar dele se todos se entendessem bem, porque o verdadeiro bem-estar consiste na utilização do seu tempo conforme lhe convenha, e não na execução de trabalhos pelos quais não se tem nenhum prazer. E como cada um tem aptidões diferentes, nenhum trabalho útil restaria por fazer. O equilíbrio existe em tudo; é o homem quem quer perturbá-lo."

812-a. — Será possível que todos se entendam?

"Os homens se entenderão quando praticarem a lei de justiça."

813. Há pessoas que caem no infortúnio e na miséria por sua própria culpa. A sociedade não pode ser responsabilizada por isso?

"Sim. Já dissemos que a sociedade muitas vezes é a causa primordial desses males. Além disso, ela não deve velar pela educação moral das pessoas? Quase sempre é a má-educação quem distorce seu julgamento ao invés de sufocar as tendências perniciosas das pessoas." (Ver a questão 685.)

Provas da riqueza e da miséria

814. Por que Deus deu a uns as riquezas e o poder, e a outros a miséria?

"Para experimentar cada pessoa de uma maneira diferente. Além do mais, como vocês sabem, essas provações são escolhidas pelos próprios Espíritos, e nisso muitas vezes eles fracassam."

815. Qual das duas provas é a mais difícil para o homem: a da desgraça ou a da riqueza?

"Tanto uma quanto a outra. A miséria provoca ***queixas*** contra a Providência; a riqueza excita a todos os excessos."

816. Se os ricos têm mais tentações, por outro lado também não dispõem de mais meios de fazer o bem?

"Mas é justamente isso o que ele nem sempre faz; então se torna egoísta, orgulhoso e insaciável; suas necessidades aumentam com sua fortuna e ele jamais acredita possuir o bastante para si mesmo."

A elevação neste mundo e sua autoridade sobre os seus semelhantes são provas tão grandes e tão escorregadias quanto a desgraça, porque, quanto mais a pessoa é rica e poderosa, ***mais obrigações ela tem a cumprir*** e maiores são as oportunidades de fazer o bem e o mal. Deus prova o pobre pela resignação e o rico pelo emprego que faz dos seus bens e do seu poder.

A riqueza e o poder fazem nascer todas as paixões que nos prendem à matéria e nos afastam da perfeição espiritual. Foi por isso que Jesus disse: "Em verdade vos digo que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus." (Ver a questão 266.)

Igualdade dos direitos do homem e da mulher

817. O homem e a mulher são iguais perante Deus e têm os mesmos direitos?

"Deus não concedeu a todos os dois a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir?"

818. De onde provém a inferioridade moral da mulher em certos países?

"Da dominação injusta e cruel que o homem tem exercido sobre ela. É um resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza. Entre homens moralmente pouco avançados no ponto de vista moral, a força impõe o direito."

819. Com que objetivo a mulher é mais fraca fisicamente do que o homem?

"Para designar a ela funções específicas. O homem destina-se para os trabalhos rudes, por ser o mais forte; a mulher destina-se para os trabalhos leves; e ambos para se ajudarem mutuamente a suportar as provas de uma vida cheia de amargura."

820. A fragilidade física da mulher não a coloca naturalmente sob a dependência do homem?

"A uns, Deus deu a força para proteger o fraco, e não para escravizá-lo."

Deus apropriou o organismo de cada ser às funções que ele deve desempenhar. Se ele deu à mulher uma menor força física, deu-lhe ao mesmo tempo uma maior sensibilidade em relação com a delicadeza das funções maternais e com a fragilidade dos seres confiados aos seus cuidados.

821. As funções para as quais a mulher está destinada pela natureza têm uma importância tão grande quanto aquelas reservadas para o homem?

"Sim, e até maior; é ela quem lhe dá as primeiras noções da vida."

822. Sendo iguais perante a lei de Deus, todos devem ser iguais também perante as leis humanas?

"Este é o primeiro princípio de justiça: Não façam aos outros aquilo que não gostariam que eles fizessem a vocês."

822-a. — De acordo com isso, para ser perfeitamente justa, a legislação deve consagrar a igualdade dos direitos entre o homem e a mulher?

"Dos direitos, sim; das funções, não. É preciso que cada um tenha um lugar designado: que o homem se ocupe do exterior e a mulher cuide do interior; cada um conforme sua aptidão. A lei humana, para ser

equânime, deve garantir a igualdade dos direitos entre o homem e a mulher; todo privilégio concedido a um ou ao outro é contrário à justiça. ***A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização***, enquanto a dominação sobre ela marcha com a barbárie. Os sexos, aliás, só existem pela organização física; como os Espíritos podem tomar um e o outro, não há nenhuma diferença entre eles nesse aspecto, e, portanto, eles devem gozar dos mesmos direitos."

Igualdade perante o túmulo

823. Donde vem o desejo de perpetuar a própria memória através dos monumentos fúnebres?

"Último ato de orgulho."

823-a. — Mas a suntuosidade dos monumentos fúnebres geralmente não vem mais dos parentes que desejam honorificar a memória do defunto, mais até do que da vontade do próprio falecido?

"Orgulho dos parentes que querem glorificar a si mesmos. Ah, sim! Nem sempre é pelo morto que se fazem todas essas demonstrações: é por amor-próprio e para o mundo, bem como para ostentação da sua riqueza. Porventura você acredita que a lembrança de um ente querido dure menos no coração do pobre, só porque este não pode colocar mais do que uma flor sobre o túmulo? Acredita que o mármore salva do esquecimento aquele que foi inútil na Terra?"

824. Então vocês reprovam de um modo absoluto a pompa dos funerais?

"Não; quando ela honra a memória de um homem de bem, então ela é justa e é um bom exemplo."

O túmulo é o ponto de encontro de todos os homens; nele terminam impiedosamente todas as distinções humanas. É em vão que os ricos tentam perpetuar a própria memória através de faustosos monumentos: o tempo os destruirá, como o corpo; assim o quer a natureza. A lembrança das suas boas e suas

más ações será menos perecível do que o seu túmulo; a pompa dos funerais não o limpará das suas torpezas e nem o fará subir sequer um degrau na hierarquia espiritual. (Ver a questão 320 e as seguintes.)

CAPÍTULO X

LEI DE LIBERDADE

Liberdade natural – Escravidão – Liberdade de pensamento – Liberdade de consciência – Livre-arbítrio – Fatalidade – Conhecimento do futuro – Resumo teórico da motivação das ações humanas

Liberdade natural

825. Haverá posições no mundo em que o homem possa se orgulhar de desfrutar de uma absoluta liberdade?

"Não, porque todos vocês precisam uns dos outros — desde os pequenos até os grandes."

826. Qual seria a condição para o homem gozar de uma liberdade absoluta?

"A do eremita no deserto. ***Desde que haja dois homens juntos, eles têm direitos a respeitar e por isso não têm mais liberdade absoluta***."

827. A obrigação de respeitar os direitos alheios tira do homem o direito de pertencer a si mesmo?

"De modo algum, pois este é um direito que ele tem por natureza."

828. Como conciliar as opiniões liberais de certos homens com o despotismo que eles mesmos costumam exercer no seu lar e sobre os seus subordinados?

"Eles têm o conhecimento da lei natural, mas é contrabalançado pelo orgulho e pelo egoísmo. Quando seus princípios não são uma comédia bem encenada por interesses, eles compreendem aquilo que se deve fazer, mas eles não o fazem."

828-a. — Os princípios que eles professaram neste mundo lhes serão levados em conta na outra vida?

"Quanto mais inteligência a pessoa tem para compreender um princípio, tanto menos desculpável ela é por não o aplicar a si mesma. Eu vos digo, na verdade, que a pessoa simples, porém sincera, está mais avançada no caminho de Deus do que aquela que pretenda parecer o que não é."

Escravidão

829. Há homens que estejam naturalmente destinados a serem uma propriedade de outros homens?

"Toda sujeição absoluta de um homem a outro homem é contrária à lei de Deus. A escravidão é um abuso da força; ela desaparece com o progresso como gradativamente desaparecerão todos os abusos."

A lei humana que consagra a escravidão é uma lei contra a natureza, pois ela assemelha o homem ao bruto e o degrada moral e fisicamente.

830. Quando a escravidão faz parte dos costumes de um povo, os que se aproveitam dela são condenáveis, já que eles não fazem mais do que seguir uma prática que lhes pareça natural?

"O mal é sempre o mal, e todos os vossos sofismas não farão com que uma má ação se torne boa. Contudo, a responsabilidade do mal é relativa aos meios que se tenha para compreendê-lo. Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de uma violação da lei da natureza, mas nisso — como em todas as coisas — a culpabilidade é relativa. Sendo a escravidão introduzida nos costumes de determinados povos, o homem pôde se aproveitar dela de boa-fé e como de uma coisa que lhe parecia natural. Entretanto, desde que a sua razão — mais desenvolvida e sobretudo esclarecida pelas luzes do cristianismo — lhe mostrou no escravo seu semelhante perante Deus, ele não tem mais nenhuma desculpa."

831. A desigualdade natural das aptidões não coloca determinadas raças

humanas sob a dependência das raças mais inteligentes?

"Sim, mas para elevar essas raças, e não para embrutecê-las ainda mais pela escravização. Durante um longo tempo, os homens consideram algumas raças humanas como animais de trabalho munidos de braços e mãos que eles se julgaram no direito de vender como bestas de carga. Consideram-se de um sangue mais puro. Insensatos, que só veem a matéria! Não é o sangue que seja mais ou menos puro, e sim o Espírito." (Ver as questões 361 a 803.)

832. Há homens que tratam seus escravos com bondade; que não lhes deixam faltar nada e pensam que a liberdade os exporia a maiores privações. O que os Espíritos dizem disso?

"Eu digo que estes cuidam melhor dos próprios interesses; eles também têm um grande cuidado com seus bois e seus cavalos, a fim de tirar mais proveito deles no mercado. Não são tão culpados assim quanto aqueles que maltratam seus escravos, mas nem por isso deixam de usá-los como uma mercadoria, ao lhes privar do direito de se pertencerem."

Liberdade de pensamento

833. Há no homem alguma coisa que escape a todo constrangimento e pela qual ele goze de absoluta liberdade?

"É pelo pensamento que o homem goza de uma liberdade ilimitada, pois o pensamento não conhece entraves. Podemos deter a sua expansão, porém não o aniquilar."

834. O homem é responsável pelo seu pensamento?

"Ele é responsável perante Deus; somente Deus, podendo conhecer os pensamentos do homem, condena-os ou os absolve segundo a sua justiça."

Liberdade de consciência

835. A liberdade de consciência é uma consequência da liberdade de

pensamento?

"A consciência é um pensamento íntimo que pertence ao homem, como todos os outros pensamentos."

836. O homem tem o direito de pôr obstáculos à liberdade de consciência?

"Não mais do que à liberdade de pensar, pois só a Deus pertence o direito de julgar a consciência. Se os homens regulam por suas leis as relações de homem para homem, Deus, pelas leis da natureza, regula as relações do homem com Deus."

837. Qual é o resultado dos entraves colocados à liberdade de consciência?

"Constranger os homens a agirem de modo diferente de como pensam — o que é fazer deles hipócritas. A liberdade de consciência é uma das características da verdadeira civilização e do progresso."

838. Toda crença é respeitável, mesmo que ela seja notoriamente falsa?

"Toda crença é respeitável quando ela é sincera e conduz à prática do bem. As crenças condenáveis são aquelas que conduzem ao mal."

839. Somos repreensíveis por escandalizar na sua crença aquele que não pensa igualmente a nós?

"Isso é faltar com a caridade e atentar contra a liberdade de pensamento."

840. Seria atentar contra a liberdade de consciência pôr limites às crenças capazes de perturbar a sociedade?

"Podemos reprimir os atos, mas a crença íntima é inacessível."

Reprimir os atos exteriores de uma crença — quando esses atos acarretam qualquer prejuízo a terceiros — não é atentar contra a liberdade de consciência, pois essa repressão deixa a essa crença sua inteira liberdade.

841. Em respeito à liberdade de consciência, devemos deixar se propagar doutrinas perniciosas, ou bem poderíamos — sem atentar contra aquela

liberdade — procurar trazer ao caminho da verdade os que se transviaram por falsos princípios?

"Certamente que podemos e até devemos fazer isso; mas ensinem, a exemplo de Jesus, ***pela doçura e pela persuasão***, e não da força — o que seria pior do que a crença daquele a quem desejaríamos convencer. Se há alguma coisa que seja permitido impor é o bem e a fraternidade. Mas nós não cremos que o melhor meio de os convencer seja agir com violência: a convicção não se impõe."

842. Como todas as doutrinas têm a pretensão de ser a única expressão da verdade, por quais sinais poderíamos reconhecer aquela que tem o direito de se apresentar como tal?

"Essa crença será aquela que fizer mais pessoas de bem e menos hipócritas, isto é, praticando a lei de amor e de caridade na sua maior pureza e na sua mais ampla aplicação. Por esse sinal vocês reconhecerão que uma doutrina é boa, visto que toda doutrina que tiver por efeito semear a desunião e estabelecer uma separação entre os filhos de Deus não pode deixar de ser falsa e perniciosa."

Livre-arbítrio

843. O homem tem o livre-arbítrio de seus atos?

"Já que ele tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de agir. Sem o livre-arbítrio, o homem seria uma máquina."

844. O homem desfruta do livre-arbítrio desde o seu nascimento?

"Há liberdade de agir desde que haja vontade de agir. Nas primeiras fases da vida a liberdade é quase nula; ela se desenvolve e muda de objeto com as faculdades. A criança, tendo pensamentos relativos às necessidades de sua idade, então aplica o seu livre-arbítrio às coisas que lhe são necessárias."

845. As predisposições instintivas que o homem já traz consigo ao nascer não

constituem um obstáculo ao exercício do livre-arbítrio?

"As predisposições instintivas são as do Espírito antes da sua encarnação; conforme ele seja mais ou menos avançado, essas predisposições podem arrastá-lo à atos repreensíveis, e nisso ele será auxiliado pelos Espíritos que simpatizam com essas disposições. Mas não há arrastamento irresistível quando se tem a vontade de resistir. Lembrem-se de que querer é poder." (Ver a questão 361.)

846. O organismo exerce alguma influência sobre os atos da vida? E, se ele tiver uma influência, ela não seria com prejuízo do livre-arbítrio?

"O Espírito certamente é influenciado pela matéria, que pode embaraçá-lo nas suas manifestações. Eis por que, nos mundos onde os corpos são menos materiais do que na Terra, as capacidades se desdobram com mais liberdade. Porém, o instrumento não dá a capacidade. De resto, é preciso distinguir as faculdades morais das faculdades intelectuais: se um homem tem o instinto de assassínio, indubitavelmente é seu próprio Espírito quem possui e lhe dá esse instinto, e não os seus órgãos. Aquele que nulifica o seu pensamento para se ocupar só com a matéria então se torna semelhante ao bruto, e ainda pior do que este, pois não cuida mais de se precaver contra o mal, e nisto é que ele se torna faltoso, visto que procede assim por vontade própria." (Ver as questões 367 e seguintes: *Influência do organismo*.)

847. A aberração[62] das faculdades tira o livre-arbítrio do homem?

"Aquele cuja inteligência está perturbada por uma causa qualquer não é mais senhor do seu pensamento, e desde então já não tem mais liberdade. Essa aberração constitui muitas vezes uma punição para o Espírito que, numa outra existência, possa ter sido fútil e orgulhoso, ou tenha feito mau uso de suas faculdades. Ele pode renascer no corpo de um idiota, como o déspota no corpo de um escravo e o mau rico no de um mendigo. Assim o Espírito sofre desse constrangimento, do qual ele tem perfeita consciência. Está aí a ação da matéria." (Ver as questões 371 e seguintes.)

---

[62] Considere-se *aberração* aqui no sentido do desarranjo mental, de desvio ou alteração da capacidade de o indivíduo raciocinar com lucidez por conta de uma influência material que afete o cérebro (que é o órgão pelo qual o Espírito encarnado processa sua inteligência). — N. T.

848. A aberração das faculdades intelectuais causada pela embriaguez serve de desculpa para os atos repreensíveis?

"Não, porque o bêbado se privou voluntariamente da sua razão para satisfazer paixões brutais; em vez de uma falta, ele comete duas."

849. Qual é a aptidão predominante no homem em estado de selvageria: o instinto ou o livre-arbítrio?

"É o instinto — o que não o impede de agir com total liberdade em certas circunstâncias. Mas, como a criança, o homem aplica essa liberdade às suas necessidades e ela se desenvolve com a inteligência. Consequentemente, como você é mais esclarecido do que um selvagem, você é — mais do que ele — ainda mais responsável pelo que você faz."

850. A posição social às vezes não constitui um obstáculo à inteira liberdade dos atos?

"Sem dúvidas, o mundo tem suas exigências. Deus é justo: ele leva em conta tudo, entretanto ele vos deixa a responsabilidade do pouco esforço que vocês fazem para superar os obstáculos."

Fatalidade

851. Há fatalidade nos acontecimentos da vida, conforme o sentido que se dá a esta palavra? Quer dizer: todos os eventos são predeterminados? E neste caso, o que vem a ser do livre-arbítrio?

"A fatalidade não existe a não ser na escolha que o Espírito fez para passar por esta ou aquela prova ao encarnar. Escolhendo-a, ele traçou para si uma espécie de destino, que é a própria consequência da posição em que ele se encontra colocado. Refiro-me às provações físicas, pois pelo que toca às provações morais e às tentações, o Espírito — conservando seu livre-arbítrio quanto ao bem e ao mal — é sempre senhor de si para ceder ou para resistir. Ao vê-lo fraquejar, um bom Espírito pode vir em seu auxílio, mas não pode influir sobre ele de maneira a controlar sua vontade. Um Espírito mau — isto

é, inferior — em lhe mostrando e exagerando um perigo físico, poderá abalá-lo e o amedrontar. Mas a vontade do Espírito encarnado nem por isso deixa de estar livre de todo entrave."

852. Há pessoas que parecem perseguidas por uma fatalidade, independente da sua maneira de agir. O insucesso não estaria no seu destino?

"Talvez sejam provas que eles devam sofrer e que eles escolheram. Todavia, ainda mais uma vez vocês põem na conta do destino o que na maioria das vezes é apenas a consequência das vossas próprias falhas. Em meio aos males que te afligem, cuide para que a tua consciência esteja pura e já será bem consolado."

As ideias corretas ou falsas que fazemos das coisas nos fazem vencer ou fracassar, de acordo com o nosso caráter e a nossa posição social. Achamos mais simples e menos humilhante para o nosso orgulho atribuir nossos insucessos à sorte ou ao destino, em vez de atribuir à nossa própria culpa. Se a influência dos Espíritos algumas vezes contribui para isso, sempre podemos nos livrar dessa influência repelindo as ideias que eles nos sugerem, quando elas forem negativas.

853. Algumas pessoas só escapam de um perigo mortal para cair em outro. Parece que elas não podiam escapar da morte. Não há fatalidade nisso?

"No verdadeiro sentido da palavra, não há nada de fatal senão o instante da morte; quando esse momento chega — seja de uma forma, seja de doutra — vocês não conseguem escapar."

853-a. — Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, nós não morremos se a nossa hora ainda não tiver chegado?

"Não, não morrerão, e vocês têm milhares de exemplos disso. Porém, quando a hora da tua partida chegar, nada poderá te livrar da morte. Deus sabe de antemão de qual gênero de morte você partirá deste mundo, e muitas vezes o teu Espírito também sabe, porque isso te foi revelado quando fez a escolha dessa ou daquela existência."

854. Da infalibilidade da hora da morte, resulta que as precauções que

tomemos para evitá-la sejam inúteis?

"Não, pois as precauções que vocês tomam lhes são sugeridas com o objetivo de evitarem a morte que lhes ameaça; elas constituem um dos meios para que não ocorra."

855. Qual é a finalidade da Providência em nos faz correr perigos que não devem ter sequência?

"Quando a tua vida é posta em perigo, isso é uma advertência que você mesmo desejou a fim de te desviar do mal e te tornar melhor. Ao escapar desse perigo — ainda sob a impressão do risco que correu — você pensa mais ou menos seriamente em se melhorar, conforme a ação mais ou menos forte dos bons Espíritos. Sobrevindo o Espírito mau (digo mau, subentendendo o mal que ainda existe nele) você pensa que escapará do mesmo modo de outros perigos, e novamente deixa tuas paixões se desencadeiem. Por meio dos perigos que vocês correm, Deus vos faz lembrar a fraqueza e a fragilidade da vossa existência. Se examinarmos a causa e a natureza do perigo, veremos que suas consequências quase sempre tiveram a punição de uma falta cometida ou de ***um dever negligenciado***. Deus assim vos admoesta a refletirem sobre si mesmos e a se emendarem." (Ver as questões 526 a 532.)

856. O Espírito sabe antecipadamente o tipo de morte pelo qual deve passar?

"Ele sabe que o tipo de vida que escolheu o expõe a morrer mais desta do que daquela maneira. Mas sabe igualmente quais as lutas que ele terá de enfrentar para evitá-la e que, se Deus o permitir, não cairá."

857. Há pessoas que afrontam os perigos dos combates com aquele convencimento de que sua hora ainda não chegou. Há algum fundamento nessa confiança?

"Muitas vezes o homem tem o pressentimento do seu fim, como pode ter o de que ainda não morrerá. Esse pressentimento lhe vem dos seus Espíritos protetores, que querem adverti-lo para que esteja pronto a partir, ou fortalecem a sua coragem nos momentos em que lhe é mais necessária. Pode lhe surgir também da intuição que ele tem da existência que escolheu, ou da missão que aceitou, e que ele sabe que deve cumprir." (Questões 411 a 522.)

858. De onde vem que aqueles que pressentem a própria morte geralmente a temem menos do que os outros?

"É o homem que teme a morte, e não o Espírito. Quem a pressente pensa mais como Espírito do que como homem: ele compreende sua libertação, então a espera."

859. Se a morte não pode ser evitada quando ela tem de ocorrer, acontece o mesmo com todos os acidentes que nos vêm no decorrer da vida?

"Esses acidentes frequentemente são coisas bastante pequenas para que nós possamos vos prevenir deles e algumas vezes fazer que os evitem dirigindo o vosso pensamento, pois não gostamos de sofrimento material. Mas isso tem pouca importância para a vida que vocês escolheram. A fatalidade, verdadeiramente, só existe na hora em que devem aparecer e desaparecer deste mundo."

859-a. — Há fatos que devam acontecer e que a vontade dos Espíritos não possa evitar?

"Há sim, mas que, na condição de Espírito, você viu e pressentiu enquanto fazia a tua escolha. Entretanto, não pensem que tudo o que se passa esteja escrito, como costumam dizer; com frequência, os eventos são a consequência de uma coisa que você praticou por um ato da tua livre vontade, de tal modo que se você não tivesse praticado tal coisa o acontecimento não teria ocorrido. Se você queima o dedo — o que não é nada —, isso é a consequência da tua imprudência e efeito da matéria. Somente os grandes sofrimentos — os fatos graves e capazes de influenciar a moral — são previstos por Deus, porque eles são úteis à tua depuração e à tua instrução."

860. O homem, por sua vontade e por suas ações, pode fazer com que os acontecimentos que deveriam ocorrer não se realizem, e vice-versa?

"Pode, se esse aparente desvio puder se encaixar na vida que ele escolheu. Depois, para fazer o bem — como deve ser e como é o único objetivo da vida — ele pode impedir o mal, sobretudo aquele que possa contribuir para um mal maior."

861. Ao escolher a sua existência, o homem que comete um assassinato sabia que se tornaria um assassino?

"Não; a pessoa sabe que, escolhendo uma vida de lutas, existe a ***chance*** de matar um de seus semelhantes, mas ela ignora se fará isso, visto que quase sempre já existe nela uma deliberação antes de cometer o crime. Ora, aquele que decide sobre uma coisa é sempre livre para fazê-la ou não. Se o Espírito soubesse previamente que, como homem, teria que cometer um crime, é porque ele estaria predestinado a isso. Contudo, fiquem sabendo que não há ninguém predestinado ao crime e que todo crime — como qualquer outro ato — é sempre a ação da vontade e do livre-arbítrio.

"E mais, vocês sempre confundem duas coisas bem distintas: os eventos materiais da vida e os atos da vida moral. Se algumas vezes há fatalidade, é só nesses eventos materiais cuja causa está acima de vocês e que são independentes da vossa vontade. Quanto aos atos da vida moral, estes emanam sempre do próprio homem que, por isso, invariavelmente dispõem da liberdade de escolher. Para esses atos, portanto, ***jamais*** há fatalidade."

862. Existem pessoas para as quais nada dá certo, e que um mau gênio parece perseguir em todos os empreendimentos. Não podemos chamar a isso de fatalidade?

"Pode ser uma fatalidade, se assim quiser chamar, mas ela decorre da escolha do gênero da existência, porque essas pessoas quiseram ser testadas por uma vida de decepções, a fim de exercitarem a paciência e a resignação. Entretanto, não creiam que essa fatalidade seja absoluta; ela resulta muitas vezes do caminho falso que tais pessoas tomam, e que não está em concordância com sua inteligência e suas aptidões. Quem quiser atravessar um rio a nado sem saber nadar tem grandes probabilidades de se afogar. O mesmo se passa com a maioria dos acontecimentos da vida. Se o homem só tentasse coisas compatíveis com suas faculdades ele quase sempre triunfaria. O que o põe a perder são o seu amor-próprio e a sua ambição, que o desviam da sua senda e o fazem tomar como uma vocação o desejo de satisfazer certas paixões. Ele fracassa por culpa própria, mas em vez de atribuir o insucesso a si mesmo ele gosta mais de acusar a sua estrela. Tal pessoa seria um bom

operário a ganhar honestamente a vida, mas virou um poeta ruim e morrerá de fome. Haveria lugar no mundo para todos se cada um soubesse colocar-se no seu lugar."

863. Os costumes sociais por vezes não obrigam o homem a seguir um determinado caminho em vez de outro, e ele não fica submetido ao controle da opinião geral na escolha de suas ocupações? O que chamamos de respeito humano não constitui um obstáculo ao exercício do livre-arbítrio?

"São os homens que fazem os costumes sociais, e não Deus. Se eles se submetem a esses costumes, é porque isso lhes convêm, e isso também é um ato do seu livre-arbítrio, pois, se quisessem, eles poderiam se libertar disso. Por que então se queixam? Não são os costumes sociais a quem eles devem acusar, mas sim ao tolo orgulho que lhes fez preferir morrer de fome a renunciar. Ninguém leva em conta o sacrifício feito à opinião geral, ao passo que Deus levará em conta o sacrifício de própria vaidade. Isto não quer dizer que se deva afrontar essa opinião sem necessidade — como certas pessoas que têm mais originalidade do que verdadeira filosofia. Há tanta irracionalidade em deixar-se ser apontado ou considerado como um animal exótico quanto há de sabedoria em descer voluntariamente e sem murmúrios, quando não se pode manter-se no alto da escala."

864. Se há pessoas às quais a sorte é contrária, outras parecem ser favorecidas, pois tudo dá certo para elas. A que isso se deve?

"Geralmente é porque essas pessoas sabem se orientar melhor, mas isso também pode ser um gênero de prova: o sucesso lhes embriaga, elas confiam no seu destino e muitas vezes pagam mais tarde esse mesmo sucesso com cruéis reveses que bem poderiam evitar com a prudência."

865. Como explicar a sorte que favorece algumas pessoas nas circunstâncias em que nada tem a ver nem com a vontade nem com a inteligência? Por exemplo, no jogo.

"Alguns Espíritos escolheram previamente determinados tipos de prazer, e com isso, a sorte que os favorece é uma tentação. Aquele que ganha

como homem perde como Espírito: é uma provação para o seu orgulho e para a sua cupidez.”

866. A fatalidade que parece dirigir os destinos materiais de nossa vida seriam então o efeito do nosso livre-arbítrio?

“Você mesmo escolheu a tua provação: quanto mais dura ela for e melhor a suportar, mais você se elevará. Os que passam a vida na abundância e na prosperidade humana são Espíritos covardes que permanecem estacionários. Assim, o número dos desafortunados supera e muito o dos felizes deste mundo, uma vez que a maioria dos Espíritos procura as provas que lhe sejam mais proveitosas. Eles veem perfeitamente bem a futilidade das vossas grandezas e prazeres. Aliás, a vida mais prazerosa é sempre agitada, sempre perturbada — nem que fosse apenas pela ausência da dor.” (Ver questão 525 e seguintes.)

867. Donde vem a expressão: nascer sob uma boa estrela?

“Antiga superstição que ligava as estrelas ao destino de cada pessoa, uma alegoria que alguns fazem a tolice de levar ao pé da letra.”

Conhecimento do futuro

868. O futuro pode ser revelado ao homem?

“Em princípio, o futuro é oculto ao homem e só em casos raros e excepcionais Deus permite sua revelação.”

869. Com que objetivo o futuro é escondido do homem?

“Se o homem conhecesse o futuro, ele descuidaria do presente e não atuaria com a mesma liberdade, porque seria dominado pela ideia de que, se uma coisa deve acontecer, é inútil se ocupar com ela, ou então procuraria entravá-la. Deus não quis que fosse assim a fim de que cada um contribua para a realização das coisas, ***até mesmo daquelas a que desejaria opor-se***. Assim, normalmente você mesmo prepara — sem saber disso — os acontecimentos que virão no curso da tua vida.”

870. Já que é útil que o futuro fique oculto, por que às vezes Deus permite a sua revelação?

"Deus permite essa revelação quando esse conhecimento prévio deva facilitar a realização de uma coisa, ao invés de entravá-la, levando o homem a agir de modo diferente de como ele faria sem essa revelação. E também, em muitos casos isso é uma prova. A perspectiva de um acontecimento pode despertar pensamentos mais ou menos bons. Por exemplo: se a pessoa receberá uma herança com a qual não contava, ela poderá ser levada pelo sentimento da cobiça, pela euforia de aumentar seus gozos terrenos, pela ânsia de possuir mais depressa a herança, desejando talvez a morte daquele que deva lhe passar sua fortuna. Ou então, essa perspectiva despertará nessa pessoa bons sentimentos e pensamentos generosos. Se a previsão não se cumprir, aí será outra prova: a prova de como ela suportará a decepção. Mas nem por isso a pessoa terá menos mérito ou demérito dos pensamentos bons ou maus que a crença naquele acontecimento fez nascer nela."

871. Já que Deus sabe tudo, ele também sabe se um homem vai ou não sucumbir em uma determinada prova. Assim sendo, qual é a necessidade dessa provação, haja vista que ela não pode acrescentar nada ao que Deus já sabe a respeito desse homem?

"Da mesma forma caberia perguntar por que Deus não criou o homem perfeito e acabado (Ver a questão 119); por que o homem tem que passar pela infância antes de chegar à condição de adulto. (Questão 379.) A prova não tem por finalidade esclarecer Deus sobre o mérito do homem, pois Deus sabe perfeitamente o que ele vale; a finalidade é dar ao homem toda a responsabilidade da sua ação, uma vez que ele está livre para realizá-la ou não. Como o homem tem a escolha do bem e do mal, a provação tem por efeito colocá-lo em luta contra as tentações do mal e lhe conferir todo o mérito da resistência. Ora, embora Deus saiba muito bem de antemão se o homem triunfará ou não, ele não pode, em sua justiça, nem o punir e o nem recompensar por um ato que ainda não tenha se concretizado." (Questão 258.)

Assim acontece entre os homens. Por mais capaz que seja um estudante, qualquer certeza que se tenha de vê-lo triunfar não confere a ele nenhuma

graduação sem exame, ou seja, sem prova; do mesmo modo, o juiz não condena um acusado senão por um ato consumado, e não pela previsão que ele possa ou deva consumar esse ato.

Quanto mais refletimos sobre as consequências que resultariam para a pessoa o conhecimento do futuro, mais nós vemos o quanto a Providência foi sábia em escondê-la do homem. A certeza de um acontecimento feliz o mergulharia na inércia e a certeza de um acontecimento infeliz, no desencorajamento; nos dois casos, suas forças seriam paralisadas. Por isso o futuro é apenas revelado ao homem como ***um objetivo*** que ele deve atingir por esforços próprios, mas sem conhecer o processo pelo qual deva passar para atingi-lo. O conhecimento de todos os incidentes do trajeto diminuiria sua iniciativa e o uso de seu livre-arbítrio; ele se deixaria levar pela ladeira fatal dos eventos sem exercer suas capacidades. Quando o sucesso de uma coisa é garantido, ninguém se preocupa mais com ela.

Resumo teórico da motivação das ações humanas

872. A questão do livre-arbítrio pode ser resumida assim: o homem não é fatalmente conduzido ao mal; os atos que ele pratica não estavam escritos antecipadamente; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Como prova e expiação, ele pode escolher uma existência em que terá arrastamentos para o crime — seja pelo meio onde ele se encontre, seja pelas circunstâncias que surjam —, mas ele sempre está livre para agir ou não. Logo, o livre-arbítrio existe no estado de Espírito — na escolha da existência e das provas — e no estado corporal — na capacidade de ceder ou de resistir aos arrastamentos aos quais estamos voluntariamente submetidos. Cabe à educação combater essas más tendências; ela o fará utilmente quando estiver baseada no estudo aprofundado da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral poderemos modificá-la, como modificamos a inteligência através da instrução, e a saúde através da higiene.

O Espírito, desagarrado da matéria e no estado errante, faz a escolha de suas existências corporais futuras de acordo com o grau de perfeição a que tenha chegado, e, como dissemos, é nisso que consiste principalmente o seu

livre-arbítrio. Essa liberdade não é anulada pela encarnação; se ele cede à influência da matéria, é porque fracassa nas próprias provas que ele escolheu, e para ajudá-lo a superá-las é que ele pode evocar a assistência de Deus e dos bons Espíritos. (Veja a questão 337.)

Sem o livre-arbítrio, o homem não teria culpa no mal nem mérito no bem, e isso é tão conhecido que, no mundo, sempre proporcionamos a censura ou elogio à intenção, quer dizer, à vontade; portanto, quem diz vontade diz liberdade. Então o homem não pode procurar uma desculpa para seus erros em seu organismo, sem abdicar da sua razão e da sua condição de ser humano, para se igualar ao ser bruto. Se seu organismo fosse responsável pelo mal, assim também seria pelo bem. Mas quando o homem faz o bem ele tem muito cuidado para fazer disso um mérito, e não cuida para gratificar seus órgãos — o que atesta que, apesar da opinião de alguns sistemáticos, ele não renuncia instintivamente ao mais belo dos privilégios de sua espécie: a liberdade de pensar.

A fatalidade, tal como se entende vulgarmente, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os acontecimentos da vida, qualquer que seja a sua importância. Se assim fosse a ordem das coisas, o homem seria uma máquina sem vontade. Para que lhe serviria sua inteligência, uma vez que em todos os atos ele seria invariavelmente dominado pelo poder do destino? Uma doutrina assim, se fosse verdadeira, seria a destruição de toda a liberdade moral; não haveria mais responsabilidade para o homem e, por consequência, nem o bem, nem o mal, nem os crimes, nem as virtudes. Deus, soberanamente justo, não poderia castigar sua criatura por faltas que não dependeram dela e nem a recompensar pelas virtudes das quais ela não teria o mérito. Uma lei assim, por outro lado, seria a negação da lei do progresso, pois o homem que esperasse tudo do destino não tentaria nada para melhorar sua posição, já que não conseguiria mudá-la nem para melhor nem para pior.

Portanto, a fatalidade não é uma palavra vã; ela existe na posição que o homem ocupa na Terra e nas funções que aí cumpre, por consequência do gênero de existência que seu Espírito escolheu como ***prova, expiação*** ou ***missão***. Ele sofre fatalmente todas as vicissitudes dessa existência e todas as ***tendências*** boas ou más que lhe são próprias; porém, aí termina a fatalidade,

porque depende da sua vontade ceder ou não a essas tendências. ***O detalhe dos acontecimentos depende das circunstâncias que ele mesmo provoca por seus atos*** e sobre as quais os Espíritos podem influenciar pelos pensamentos que eles sugerem. (Veja a questão 459.)

A fatalidade está então nos eventos que se apresentam, posto que eles são a sequência da escolha da existência feita pelo Espírito. Ela pode deixar de ser o resultado desses eventos, pois pode depender do homem modificar sua direção através da sua prudência; ***ela nunca está nos atos da vida moral***.

É na morte que o homem fica — de uma maneira absoluta — submetido à inexorável lei da fatalidade, pois ele não pode escapar nem da sentença que fixa o término de sua existência nem do gênero de morte que deve interromper o seu curso.

Segundo a doutrina comum, o homem possuiria todos os seus instintos em si mesmo; eles procederiam seja do seu próprio organismo físico — pelo qual ele não seria ser responsável — seja da sua própria natureza — na qual ele pode procurar uma desculpa, aos seus próprios olhos, dizendo que não é sua culpa já que foi criado assim. A doutrina espírita é evidentemente mais moral: ela admite no homem o livre-arbítrio em toda sua plenitude e, ao lhe dizer que se ele faz o mal, ele cede a uma má sugestão exterior, deixa-lhe toda a responsabilidade, uma vez que ela reconhece nele o poder de resistir — o que evidentemente é mais fácil do que se ele tivesse que lutar contra a sua própria natureza. Desse modo, segundo a doutrina espírita, não há sedução irresistível: o homem sempre pode fechar os ouvidos à voz oculta que o convida ao mal em seu foro íntimo, assim como pode fechá-los à voz material de alguém que lhe fala; ele pode fazer isso por sua vontade, pedindo a Deus a força necessária e rogando nesse sentido a assistência dos bons Espíritos. É o que Jesus nos ensina na sublime prece da ***Oração dominical***, quando ele nos faz dizer: “Não nos deixe cair em tentação, mas livra-nos do mal.”

Essa teoria da causa excitante dos nossos atos ressalta evidentemente de todo o ensinamento dado pelos Espíritos. Não somente ela é sublime em moralidade como acrescentaremos que ela eleva o homem a seus próprios olhos; ela mostra-o livre para repelir um domínio obsessor, assim como para fechar sua casa aos importunos. Não é mais uma máquina agindo por um

impulso independente de sua vontade, mas é um ser racional, que escuta, que julga e que decide livremente um entre dois conselhos. Malgrado isso, acrescentamos que o homem não está privado de sua iniciativa; ele não age menos pelo seu próprio impulso, já que definitivamente ele é apenas um Espírito encarnado que conserva sob a sua vestimenta corporal as qualidades e os defeitos que ele tinha como Espírito. As faltas que cometemos têm então a sua origem primordial na imperfeição de nosso próprio Espírito, que ainda não atingiu a superioridade moral que terá um dia, mas que nem por isso tem menos livre-arbítrio. A vida corporal lhe é dada para se purgar de suas imperfeições através das provas que ele experimenta, e são precisamente essas imperfeições que o tornam mais frágil e mais acessível às sugestões dos outros Espíritos imperfeitos, que se aproveitam delas para tentar fazê-lo fracassar na luta que empreendeu. Se sair vencedor dessa luta, então se eleva; se tombar, permanece o que era — nem pior, nem melhor: é uma prova que terá de recomeçar, e isso pode durar um longo tempo assim. Quanto mais ele se depura, mais seus pontos fracos diminuem e menos dá lugar àqueles que procuram incitá-lo ao mal; sua força moral cresce na proporção de sua elevação, e os maus Espíritos se afastam dele.

Todos os Espíritos, mais ou menos bons, enquanto estão encarnados, constituem a espécie humana, e como a Terra é um dos mundos menos avançados, nela se encontram mais Espíritos maus do que bons. Eis por que encontramos aqui tanta perversidade. Portanto, façamos todos os esforços para não voltarmos aqui após essa instância, e para merecermos ir repousar num mundo melhor, num desses mundos privilegiados onde o bem reina absoluto, e onde nos lembraremos de nossa passagem por aqui apenas como um exílio temporário.

CAPÍTULO XI

LEI DE JUSTIÇA, DE AMOR E DE CARIDADE

Justiça e direitos naturais – Direito de propriedade. Roubo – Caridade e amor ao próximo – Amor materno e filial

Justiça e direitos naturais

873. O sentimento de justiça faz parte da natureza ou é o resultado de ideias adquiridas?

"Tanto faz parte da natureza que vocês se revoltam só de pensar em uma injustiça. O progresso moral sem dúvidas desenvolve esse sentimento, mas não o dá: foi Deus quem o colocou no coração do homem. É por isso que vocês geralmente encontram mais nos homens simples e primitivos as noções mais exatas de justiça, e não naqueles que têm muito conhecimento."

874. Se a justiça é uma lei da natureza, como se explica que os homens a entendam de maneiras tão diferentes, e que um ache justo aquilo que parece injusto a outro?

"É que muitas vezes se mistura esse sentimento de justiça com paixões que o alteram — como na maior parte dos outros sentimentos naturais — e então fazem ver as coisas sob um falso ponto de vista."

875. Como podemos definir a justiça?

"Justiça consiste no respeito aos direitos de cada um."

875-a. — O que é que determina esses direitos?

"Os direitos são determinados por duas coisas: a lei humana e a lei

natural. Como os homens fizeram leis apropriadas aos seus costumes e ao seu caráter, essas leis estabeleceram direitos que puderam variar com o progresso das luzes. Vejam se hoje as vossas leis — sem serem perfeitas — consagram os mesmos direitos que as da Idade Média: aqueles direitos obsoletos, que agora parecem monstruosos, pareciam justos e naturais naquela época. Então, o direito estabelecido pelos homens nem sempre está conforme a justiça. Além disso, ele não regula mais do que algumas relações sociais, ao passo que, na vida particular, há uma série de atos que são exclusivamente da competência do tribunal da consciência."

876. Fora o direito consagrado pela lei humana, qual é a base da justiça fundada na lei natural?

"O Cristo já vos disse: ***Querer para os outros aquilo que vocês querem para si mesmos***. Deus depositou no coração do homem a regra de toda a verdadeira justiça pelo desejo de cada um de ver os seus direitos respeitados. Na dúvida do que deva fazer com relação ao seu semelhante em qualquer circunstância, que o homem se pergunte o que ele desejaria que lhe fizessem em uma circunstância similar: Deus não poderia lhe dar um guia mais seguro do que a própria consciência."

O critério da verdadeira justiça, de fato, é querer para os outros o que se desejaria para si mesmo, e não esse: querer para si o que se desejaria para os outros — o que não é exatamente a mesma coisa. Como não é natural desejar o mal para si, tomando o seu desejo pessoal como norma ou ponto de partida, estaremos sempre certos de jamais desejar senão o bem para o próximo. Em todos os tempos e em todas as crenças, o homem sempre tem procurado fazer prevalecer o seu direito pessoal; ***o sublime da religião cristã foi tomar o direito pessoal por base do direito do próximo***.

877. A necessidade para o homem de viver em sociedade lhe impõe obrigações particulares?

"Sim, e a primeira de todas é respeitar os direitos dos seus semelhantes; aquele que respeitar esses direitos será sempre justo. No vosso mundo, onde

tantos homens não praticam a lei de justiça, cada um usa de represálias, e essa é a causa da perturbação e da confusão da vossa sociedade. A vida social concede direitos e impõe deveres recíprocos."

878. Podendo o homem se enganar quanto à extensão do seu direito, o que é que pode lhe fazer conhecer o limite desse direito?

"O limite do direito que ele reconhece para seus semelhantes com relação a ele nas mesmas circunstâncias e reciprocamente."

878-a. — Mas se cada um atribuir para si os direitos do seu semelhante, o que será da subordinação aos superiores? Isso não seria a anarquia de todos os poderes?

"Os direitos naturais são os mesmos para todos os homens, desde o menor até o maior. Deus não fez uns de barro mais puro do que os outros, e todos são iguais perante ele. Esses direitos são eternos; os que o homem estabeleceu perecem com as suas instituições. De resto, cada um sente bem a sua força ou a sua fraqueza e saberá sempre ter um tipo de deferência para com os que o mereçam por sua virtude e sua sabedoria. É importante acentuar isto, para que aqueles que se julgam superiores conheçam seus deveres para merecer essas deferências. A subordinação não ficará comprometida quando a autoridade for deferida à sabedoria."

879. Qual seria o caráter do homem que praticasse a justiça em toda a sua pureza?

"O verdadeiro justo, a exemplo de Jesus, pois assim praticaria o amor ao próximo e à caridade, sem os quais não há verdadeira justiça."

Direito de propriedade. Roubo

880. Qual o primeiro de todos os direitos naturais do homem?

"O de viver. Por isso é que ninguém tem o direito de atentar contra a

vida do seu semelhante, nem de fazer o que possa comprometer a sua existência corporal.”

881. O direito de viver dá ao homem o direito de acumular os bens de que necessite para viver e repousar quando não puder mais trabalhar?

“Dá sim, mas ele deve fazer isso em família, como a abelha, por meio de um trabalho honesto, e não acumular como um egoísta. Até mesmo certos animais lhe dão o exemplo da previdência.”

882. Teria o homem o direito de defender aquilo que ele tenha conseguido juntar pelo seu trabalho?

“Disse Deus: ‘Não roubarás’, não disse? E Jesus: ‘É preciso dar a César o que pertence a César!’, não foi isso?’"

O que o homem ajunta mediante um trabalho ***honesto*** constitui uma legítima propriedade que ele tem o direito de defender, pois a propriedade que é fruto do trabalho é um direito natural tão sagrado quanto o de trabalhar e o de viver.

883. O desejo de possuir faz parte da natureza?

“Sim; mas quando for somente para si mesmo e para a sua satisfação pessoal, isso é egoísmo.”

883-a. — Entretanto, o desejo de possuir não seria legítimo, visto que aquele que tem do que viver não é um fardo para ninguém?

“Há pessoas insaciáveis e que acumulam bens sem utilidade para ninguém, ou para saciar suas paixões. Você acha que isso seja bem-visto por Deus? Aquele que, ao contrário, junta através do seu trabalho, tendo em vista ajudar os seus semelhantes, este sim pratica a lei de amor e de caridade, e o seu trabalho é abençoado por Deus.”

884. Qual é a característica da legítima propriedade?

“Não há propriedade legítima a não ser aquela que foi adquirida sem prejuízo para os outros.” (Ver a questão 808.)

A lei de amor e de justiça nos proíbe de fazermos aos outros aquilo que não queremos que eles nos façam, por isso mesmo condena todos os meios de

aquisição que sejam contrários a essa lei.

885. O direito de propriedade é limitado?

"Sem dúvida, tudo o que é adquirido legalmente é uma propriedade, porém, como temos dito, a legislação dos homens — por ser imperfeita — consagra muitos direitos convencionais que a justiça natural reprova. Daí por que eles reformam suas leis à medida que o progresso se efetua e que eles compreendem melhor a justiça. O que em um século parece perfeito poderá parecer bárbaro no século seguinte." (Ver a questão 795.)

Caridade e amor ao próximo

886. Qual é o verdadeiro sentido da palavra ***caridade*** como Jesus a entendia?

"Benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias e perdão das ofensas."

O amor e a caridade representam o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é lhe fazer todo o bem que esteja ao nosso alcance e que desejaríamos que fosse feito a nós mesmos. Tal é o sentido destas palavras de Jesus: ***Amem-se uns aos outros como irmãos***.

Segundo Jesus, a caridade não se restringe à esmola; ela abrange todas as relações que nós temos com os nossos semelhantes — sejam eles inferiores, iguais ou superiores a nós. Ela nos ordena a indulgência, porque dela nós mesmos temos necessidade; ela nos proíbe de humilhar os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer. Quando uma pessoa rica se apresenta, tem-se para ela todo respeito e todas as atenções; quando se trata de um pobre, parece que não precisamos nos importar com ela. Quanto mais lamentável seja a posição dela, mais ainda se deve — ao contrário — temer aumentar o infortúnio dela pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar a pessoa inferior aos seus próprios olhos, diminuindo a distância entre eles.

887. Jesus também disse: ***Amem até os vossos inimigos***. Ora, o amor aos inimigos não seria contrário às nossas tendências naturais? E a inimizade não

vem de uma falta de simpatia entre os Espíritos?

"Indubitavelmente, não se pode ter pelos inimigos um amor terno e apaixonado; não foi isso o que Jesus quis dizer. Amar os inimigos é lhes perdoar e lhes retribuir o mal com o bem. Dessa forma, nós nos tornamos superiores aos inimigos; já pela vingança, nós nos colocamos abaixo deles."

888. O que pensar da esmola?

"O homem reduzido a pedir esmola se degrada moral e fisicamente: ele se embrutece. Numa sociedade baseada na lei de Deus e na justiça, a vida dos ***fracos*** deve ser amparada sem humilhação para eles, e deve assegurar a existência daqueles que não podem trabalhar, sem deixar as suas vidas ***à mercê do acaso*** e da boa vontade."

888-a. — Os Espíritos reprovam a esmola?

"Não; não é a esmola que seja reprovável, mas é a maneira como ela costuma ser dada. O homem de bem, que compreende a caridade conforme Jesus, vai ao encontro do pobre sem esperar que este lhe estenda a mão.

"A verdadeira caridade é sempre bondosa e benévola; está tanto na maneira como no ato. Um serviço prestado com delicadeza dobra o valor; se for com arrogância, a necessidade pode o fazer aceitar, mas o coração fica pouco tocado por isso.

"Lembrem-se também de que, aos olhos de Deus, a ostentação tira o mérito do benefício. Disse Jesus: Que a tua mão esquerda não saiba o que a mão direita der. Nisso ele vos ensina a não manchar a caridade com o orgulho.

"É preciso distinguir a esmola propriamente dita da beneficência. Nem sempre o mais necessitado é o que pede; o temor de uma humilhação detém o verdadeiro pobre, que muitas vezes sofre sem se queixar. É a esse é que o homem verdadeiramente humano sabe ir procurar sem ostentação.

"Amem-se uns aos outros, eis toda a lei, lei divina pela qual Deus governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e

organizados. A atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

"Não esqueçam jamais que o Espírito — qualquer que seja o grau de seu adiantamento e sua situação na reencarnação ou na erraticidade — está ***sempre*** colocado entre um superior que o guia e aperfeiçoa, e um inferior para com quem ele tem os mesmos deveres a cumprir. Então, sejam caridosos, não somente com essa caridade que vos leva a tirar do bolso o óbolo que vocês dão friamente àquele que ousa lhes pedir, mas sigam além ao encontro das misérias ocultas. Sejam indulgentes com os defeitos dos vossos semelhantes; em lugar de desprezar a ignorância e o vício, instruam e moralizem a todos; sejam brandos e benevolentes para com tudo o que vos seja inferior; sejam os mesmos para com os seres mais ínfimos da criação e terão obedecido à lei de Deus."

SÃO VICENTE DE PAULO

889. Não há homens reduzidos à mendicância por sua própria culpa?

"Sem dúvida; mas se uma boa educação moral tivesse lhes ensinado a praticar a lei de Deus, eles não teriam caído nos excessos que causam a perdição deles. É principalmente disso que depende a melhoria do vosso globo." (Ver a questão 707.)

Amor materno e filial

890. O amor materno é uma virtude ou um sentimento instintivo comum aos homens e aos animais?

"Uma coisa e outra. A natureza deu à mãe o amor aos seus filhos no interesse da conservação deles; porém, no animal esse amor fica limitado às necessidades materiais: ele acaba quando os cuidados se tornam inúteis; no homem ele persiste por toda a vida e contém um devotamento e uma abnegação que são virtudes; sobrevive até mesmo à morte e acompanha o filho no além-túmulo. Vocês bem podem ver que há nele outra coisa do que há nos animais." (Ver as questões 205 a 385.)

891. Já que o amor materno faz parte da natureza, por que existem mães que odeiam os filhos e isso às vezes desde o nascimento destes?

"Às vezes é uma prova escolhida pelo Espírito do filho, ou uma expiação se ele mesmo foi um mau pai, ou uma mãe malvada, ou ainda um mau filho noutra existência (Ver a questão 392). Em todos os casos a mãe malvada não pode deixar de ser animada por um Espírito malvado que procura atrapalhar o Espírito do filho a fim de que ele falhe na prova que desejou; mas essa violação das leis da natureza não ficará impune e o Espírito do filho será recompensado pelos obstáculos que tenha superado."

892. Quando os pais têm filhos que lhes causam desgostos, eles não são desculpáveis por não terem pelos filhos a mesma ternura que teriam em caso contrário?

"Não, porque esse é um encargo que lhes é confiado e a missão deles consiste em fazer todos os esforços para reconduzir os filhos ao bem (Ver as questões 582 a 583). Porém, muitas vezes esses desgostos são a consequência do mau costume que os pais deixaram que seus filhos seguissem desde o berço. Então, eles colhem o que plantaram."

CAPÍTULO XII

PERFEIÇÃO MORAL

As virtudes e os vícios – Paixões – O egoísmo – Características do homem de bem – Conhecimento de si mesmo

As virtudes e os vícios

893. Qual é a mais meritória de todas as virtudes?

"Todas as virtudes têm seu mérito, porque todas são sinais de progresso no caminho do bem. Há virtude todas as vezes que há resistência voluntária à tentação das más tendências. Todavia, a sublimação da virtude consiste no sacrifício do interesse pessoal em favor do bem ao próximo sem segundas intenções. A mais meritória é aquela que está fundada na mais desinteressada caridade."

894. Há pessoas que fazem o bem por um movimento espontâneo, sem que tenham que vencer nenhum sentimento contrário. Elas têm tanto mérito quanto os que têm que lutar contra sua própria natureza e que a superam?

"Quanto aos que não têm que lutar, é que neles o progresso já está realizado: esses lutaram no passado e triunfaram. Por isso é que os bons sentimentos não lhe custam nenhum esforço e suas ações parecem muito simples: o bem se tornou um hábito para eles. devemos então lhes honorificar como velhos guerreiros que conquistaram seus status.

"Como vocês ainda estão longe da perfeição, tais exemplos espantam pelo contraste, e vocês tanto mais os admiram quanto mais raros eles sejam. Mas saibam bem que nos mundos mais adiantados do que o vosso, o que é uma exceção entre vocês é a regra. O sentimento do bem lá é espontâneo, por

toda a parte, porque esses mundos só são habitados por bons Espíritos, e uma única intenção maligna seria uma exceção monstruosa. Eis por que lá os homens são felizes. Acontecerá o mesmo na Terra quando a humanidade for transformada, e quando ela compreender e praticar a caridade na sua verdadeira acepção."

895. Fora os defeitos e os vícios com os quais ninguém se confundiria, qual é o sinal mais característico da imperfeição?

"O interesse pessoal. As qualidades morais são muitas vezes como o douramento colocado num objeto de cobre e que não resiste à pedra de toque. Um homem pode possuir qualidades reais que — para o mundo — fazem dele um homem de bem, mas essas qualidades, ainda que representem um progresso, nem sempre suportam certas provas e às vezes basta tocar a corda do interesse pessoal para colocar o fundo a descoberto. O verdadeiro desinteresse é mesmo uma coisa tão rara na Terra que o admiramos como um fenômeno quando ele se apresenta.

"O apego às coisas materiais é um sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais o homem se agarrar aos bens deste mundo, menos ele compreende a sua destinação; no sentido contrário, pelo desinteresse ele demonstra que encara o futuro de um ponto mais elevado."

896. Há pessoas desinteressadas, mas sem discernimento, que desperdiçam seus recursos sem proveito real, por falta de como dar um emprego razoável a esses bens. Essas pessoas têm algum merecimento?

"Eles têm o mérito do desinteresse, porém não o do bem que poderiam fazer. O desinteresse é uma virtude, o desperdício irrefletido sempre é no mínimo uma falta de juízo. A fortuna não é dada mais a uns para ser dispersada ao vento do que a outros para ser enterrada num cofre; a fortuna é um depósito do qual eles terão de prestar contas, porque terão de responder por todo o bem que podiam fazer e não fizeram, por todas as lágrimas que podiam ter enxugado com o dinheiro que eles deram aos que dele não tinham necessidade."

897. Aquele que faz o bem, sem visar recompensa na Terra, mas na esperança

de ser recompensado na outra vida, e para que sua posição lá seja melhor, é repreensível? Esse pensamento lhe prejudica no seu progresso?

"Devemos fazer o bem por caridade, isto é, com desinteresse."

897-a. — Não obstante, cada um tem o desejo muito natural de progredir para sair da situação penosa desta vida. Os próprios Espíritos nos ensinam a praticar o bem com esse objetivo. Então, seria um mal pensarmos que, praticando o bem, podemos esperar coisa melhor do que temos na Terra?

"Certamente que não, mas aquele que faz o bem sem segundas intenções e apenas pelo prazer de ser agradável a Deus e ao seu próximo que sofre, este já está num certo grau de avanço que lhe permitirá alcançar a felicidade muito mais depressa do que seu irmão que, mais materialista, faz o bem por interesse e não é motivado pelo ardor natural do seu coração." (Ver a questão 894.)

897-b. — Não há aqui uma distinção a fazer entre o bem que se pode fazer ao próximo e o cuidado que se tem para corrigir os próprios defeitos? Nós concebemos que fazer o bem com o pensamento que será contabilizado na outra vida é algo pouco meritório, mas emendar-se, vencer as paixões, corrigir seu caráter em vista de se aproximar dos bons Espíritos e de se elevar seria igualmente um sinal de inferioridade?

"Não, não! Quando dizemos: fazer o bem, queremos dizer: ser caridoso. Aquele que calcula o que cada uma de suas boas ações possa lhe render na vida futura, tanto quanto na vida terrena, este procede como egoísta. Todavia, não há nenhum egoísmo no homem em se melhorar visando se aproximar de Deus, pois esse é o objetivo para o qual cada um deve tender."

898. Sendo a vida corpórea não mais que uma estadia temporária neste mundo, e devendo o nosso futuro ser a nossa principal preocupação, será útil nos esforçarmos para adquirir conhecimentos científicos que só se referem às coisas e necessidades materiais?

"Sem dúvidas. Primeiramente, isso põe vocês em condições de auxiliar

os irmãos; depois, o vosso Espírito subirá mais depressa se já houver progredido em inteligência. No intervalo das encarnações vocês aprenderão em uma hora o que demoraria anos na Terra. Nenhum conhecimento é inútil; todos contribuem mais ou menos para o progresso, porque o Espírito perfeito deve saber tudo, e como o progresso deve se efetuar em todos os sentidos, todas as ideias adquiridas ajudam o desenvolvimento do Espírito."

899. De dois homens ricos, um nasceu na opulência e nunca conheceu a necessidade; o outro deve sua fortuna ao próprio trabalho. Todos os dois empregam seus bens exclusivamente para a satisfação pessoal: qual é o mais culpável?

"Aquele que conheceu os sofrimentos: ele sabe o que é sofrer, conhece a dor que ele não alivia, mas como acontece muito frequentemente, ele nem se lembra dela."

900. Aquele que acumula bens sem parar e sem beneficiar a ninguém, este achará uma desculpa válida na ideia de que acumula para deixar mais aos seus herdeiros?

"É um compromisso com a má consciência."

901. Entre dois mesquinhos, o primeiro se priva do necessário e morre de necessidade sobre o seu tesouro; o segundo só é avarento para os outros, mas é esbanjador para si mesmo: enquanto recua diante do mais breve sacrifício para prestar um serviço ou fazer uma coisa útil, nada lhe custa para satisfazer seus gostos e paixões. Peça-lhe um favor e ele sempre se perturba; quando quer realizar uma fantasia, ele tem sempre o bastante. Qual é o mais culpável e qual deles ficará em pior situação no mundo dos Espíritos?

"O que esbanja: este é mais egoísta do que avarento; o outro já recebeu uma parte da sua punição."

902. Será reprovável cobiçar riqueza, quando for pelo desejo de fazer o bem?

"O sentimento é louvável, não há dúvidas, quando ele é puro. Mas, será que esse desejo sempre é bastante desinteressado e não esconde nenhum interesse pessoal? Será que a primeira pessoa a quem se deseja fazer o bem não é a si mesmo?"

903. Será culpável estudar os defeitos alheios?

"Se for para criticar e expor os defeitos alheios, isso é muito culpável, porque é faltar com a caridade; se for para tirar proveito pessoal e para você mesmo evitar esses erros, então isso às vezes pode ser útil. Mas, é importante não esquecer que a indulgência para com os defeitos dos outros é uma das virtudes contidas na caridade. Antes de fazerem aos outros uma reprovação pelas imperfeições deles, vejam se não podem dizer o mesmo de vocês mesmos. Portanto, tratem de ter as qualidades opostas aos defeitos que criticam nos outros, pois esse é o meio de se tornarem superiores. Se os censuram por serem avarentos, sejam generosos; por eles serem orgulhosos, sejam humildes e modestos; por eles serem agressivos, sejam dóceis; de eles agirem com mesquinhez, sejam grandes em todas as vossas ações. Numa palavra: façam de uma maneira que não se possa vos aplicar estas palavras de Jesus: Vê o cisco no olho do seu vizinho e não vê a trave no seu próprio."

904. Será culpável examinar e revelar as chagas da sociedade?

"Depende do sentimento que o leva a fazer isso. Se o escritor nada objetiva além de produzir escândalo, é só um gozo pessoal que ele procura para si mesmo apresentando quadros que muitas vezes são antes mais um mau do que um bom exemplo. O Espírito aprecia isso, mas pode ser punido por esse tipo de prazer que ele tem em revelar o mal."

904-a. — Nesse caso, como julgar a pureza das intenções e a sinceridade do escritor?

"Nem sempre isso é útil. Se ele escreve boas coisas, façam bom proveito delas; se escreve coisas más, é uma questão de consciência que diz respeito a ele. De resto, se o escritor quiser provar sua sinceridade, cabe-lhe apoiar o preceito pelo seu próprio exemplo."

905. Alguns autores têm publicado obras belíssimas e de grande moral, contribuindo assim para o progresso da humanidade, mas das quais eles mesmos não aproveitaram. Será levado em consideração, como Espíritos, o bem que suas obras fizeram?

"A moral sem as ações é como a semente sem o trabalho. De que lhes

serve a semente se vocês não a fazem frutificar para se alimentarem? Esses homens são mais culpáveis, porque eles tinham inteligência para entender. Ao não praticar as máximas que eles ditaram aos outros, eles renunciaram a colher os seus frutos."

906. Aquele que faz bem pode ser repreendido por ter consciência disso e por admiti-lo para si mesmo?

"Já que ele pode ter consciência do mal que faz, ele deve também ter consciência do bem, a fim de saber se age bem ou mal. Ponderando todas as suas ações na balança da lei de Deus e principalmente naquela lei de justiça, de amor e de caridade, é que ele poderá dizer a si mesmo se suas ações são boas ou más, aprová-las ou desaprová-las. Portanto, ele não pode ser repreendido por reconhecer que venceu suas más tendências e de estar satisfeito com isso, desde que não se envaideça, porque então cairá em outro erro." (Ver a questão 919.)

Paixões

907. Como o princípio das paixões está na natureza, ele é mau em si mesmo?

"Não; a paixão está no excesso unido à vontade, pois o princípio foi dado ao homem para o bem, e as paixões podem levá-lo a grandes realizações; é o abuso que se faz das paixões que causa o mal."

908. Como definir o limite em que as paixões deixam de ser boas ou más?

"As paixões são como um cavalo, que é útil quando é dominado e que se torna perigoso quando é ele quem domina. Reconhece-se então que uma paixão se torna perniciosa do momento em que vocês deixam de poder governá-la e que ela tem como resultado um prejuízo qualquer para vocês mesmos ou para outrem."

As paixões são alavancas que multiplicam dez vezes as forças do homem e o ajudam na realização dos desígnios da Providência. Entretanto se, ao invés de dirigi-las, o homem se deixa dirigir por elas, ele tomba no excesso, e até mesmo a

força que em sua mão poderia fazer o bem recai sobre ele e o esmaga.

Todas as paixões têm seu princípio num sentimento ou necessidade natural. Portanto, o princípio das paixões não é um mal, uma vez que repousa sobre uma das condições providenciais de nossa existência. A paixão propriamente dita é o exagero de uma necessidade ou de um sentimento; está no excesso e não na causa; e esse excesso torna-se um mau quando tem por consequência um mal qualquer.

Toda paixão que aproxima o homem da natureza animal o afasta de sua natureza espiritual.

Todo sentimento que eleva o homem acima da natureza animal revela a predominância do Espírito sobre a matéria e o aproxima da perfeição.

909. O homem sempre poderia vencer suas más inclinações pelos seus esforços?

"Sim, e algumas vezes com poucos esforços; o que lhe falta é vontade. Ah, quão pouco de vocês fazem esforços para vencer suas más tendências!"

910. O homem pode encontrar nos Espíritos uma assistência eficaz para superar suas paixões?

"Se pedir a Deus e ao seu bom gênio com sinceridade, os bons Espíritos certamente virão em seu auxílio, pois essa é a missão deles." (Ver questão 459.)

911. Existem paixões tão fortes e tão irresistíveis que a vontade seja impotente para superá-las?

"Há muitas pessoas que falam: ***eu quero***, mas cuja vontade fica só nos lábios; elas querem, mas ficam bem contentes que isso não se realize. Quando a pessoa acredita que não pode vencer as suas paixões, é que seu Espírito se deleita com elas por causa de sua inferioridade. Aquele que procura reprimir suas paixões compreende a sua natureza espiritual. Para ele, vencê-las é uma vitória do Espírito sobre a matéria."

912. Qual é a maneira mais eficaz de combater a predominância da natureza corporal?

"Praticar a abnegação de si mesmo."

O egoísmo

913. Dentre os vícios, qual é o que podemos considerar como radical?

"Já dissemos muitas vezes: é o ***egoísmo***. Daí deriva todo o mal. Estudem todos os vícios e vocês verão que no fundo de tudo há egoísmo. Por mais que lutem contra eles, vocês não chegarão a extirpar os vícios enquanto não atacarem o mal pela raiz, enquanto não destruírem a causa. Então, dediquem todos os esforços para esse efeito, pois aí é que está a verdadeira chaga da sociedade. Quem quiser se aproximar da perfeição moral, já desde esta vida, deve extirpar do seu coração todo sentimento de egoísmo, porque o egoísmo é incompatível com a justiça, com o amor e com a caridade e neutraliza todas as outras qualidades."

914. Sendo o egoísmo fundado sobre o sentimento do interesse pessoal, parece bem difícil eliminá-lo inteiramente do coração do homem. Poderíamos conseguir isso?

"À medida que os homens se esclarecem acerca das coisas espirituais, eles dão menos valor às coisas materiais. Depois, é necessário reformar as instituições humanas que o entretêm e o excitam. Isso depende da educação."

915. Por ser inerente à espécie humana, o egoísmo não seria sempre um obstáculo ao reino do bem absoluto na Terra?

"É certo que o egoísmo é o vosso maior mal, porém ele se prende à inferioridade dos Espíritos encarnados na Terra, e não propriamente à humanidade. Ora, purificando-se através das sucessivas encarnações, os Espíritos abandonam o egoísmo como abandonam suas outras impurezas. Será que não existirá na Terra nenhum homem desprovido de egoísmo e praticante da caridade? Há muito mais homens assim do que pensam — embora vocês conheçam poucos deles, porque a virtude não procura a claridade do dia. Desde que haja um destes homens, por que não haveria dez? Havendo dez, por que não haveria mil, e assim por diante?"

916. Longe de diminuir, o egoísmo cresce com a civilização, que parece até

excitá-lo e mantê-lo. Como a causa poderia destruir o efeito?

"Quanto maior é o mal, mais ele se torna aterrorizante. Era preciso que o egoísmo produzisse muito mal para fazer que se compreenda a necessidade de extirpá-lo. Quando os homens tiverem se depurado do egoísmo que os domina eles viverão como irmãos, sem se fazerem mal algum, auxiliando-se reciprocamente pelo sentimento mútuo da ***solidariedade***. Então, o forte será o amparo e não o opressor do fraco, e não veremos mais homens carentes do necessário, porque todos praticarão a lei de justiça. Esse é o reino do bem que os Espíritos estão encarregados de preparar." (Ver a questão 784.)

917. Qual é o modo de destruir o egoísmo?

"De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de se desenraizar é o egoísmo, porque ele deriva da influência da matéria, da qual o homem — ***ainda muito próximo de sua origem*** — não pôde se libertar, e para essa influência tudo contribui para mantê-la: as leis, a organização social e a educação de vocês. O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material e, sobretudo, com a inteligência que o espiritismo vos oferece sobre o vosso estado futuro ***real***, e não desnaturado por ficções alegóricas; o espiritismo bem compreendido, quando for identificado com os costumes e as crenças, então transformará os hábitos, as práticas e as relações sociais. O egoísmo se fundamenta na importância da personalidade. Ora, o espiritismo — bem compreendido, repito — faz ver as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece, de algum modo, diante da imensidade. Destruindo essa importância, ou pelo menos mostrando-a como ela é, o espiritismo necessariamente combate o egoísmo.

"A mágoa que o homem experimenta do egoísmo dos outros é o que muitas vezes o torna propriamente um egoísta, por sentir a necessidade de colocar-se na defensiva. Ao notar que os outros pensam em si próprios e não nele, então ele é levado a se preocupar consigo mais do que com os outros. Que o princípio da caridade e da fraternidade seja a base das instituições sociais, das relações ***legais*** de povo para povo e de homem para homem, e cada um pensará menos em si mesmo ao ver que os outros pensaram nele. Ele sentirá a influência moralizadora do exemplo e do contato. Na presença desse

extravasamento de egoísmo, é preciso uma verdadeira virtude para fazer abnegação da sua personalidade em favor dos outros, que geralmente não sabem agradecer. É principalmente para os que possuem essa virtude que o reino dos céus está aberto, a esses sobretudo é que está reservada a felicidade dos eleitos, pois em verdade vos digo que, no dia da justiça, quem tiver pensado exclusivamente em si mesmo será deixado de lado e sofrerá pelo seu abandono.” (Ver a questão 785.)

FÉNELON

De fato, esforços louváveis estão sendo feitos para o avanço da humanidade; encorajam-se, estimulam-se, honram-se os bons sentimentos mais do que em qualquer outra época e, entretanto, o verme roedor do egoísmo continua sempre sendo a praga social. É um mal real que recai sobre todo o mundo, do qual cada um é mais ou menos vítima. É preciso então combatê-lo como se combate uma doença epidêmica. Para isso, deve-se proceder à maneira dos médicos: remontar à origem. Que procuremos assim em todas as partes da organização social, desde a família até os povos, desde o barraco até os palácios, todas as causas, todas as influências ostensivas ou escondidas que excitam, que mantêm e que desenvolvem o sentimento do egoísmo. Uma vez conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo; restará simplesmente combatê-las, senão todas de uma vez, pelo menos parcialmente, e pouco a pouco o veneno será eliminado. A cura poderá ser demorada, porque as causas são numerosas, mas ela não é impossível. Isso não acontecerá de fato se o mal não for atacado pela raiz — ou seja, pela educação; não essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas a que tende a fazer homens de bem. Quando bem assimilada, a educação é a chave do progresso moral; quando conhecermos a arte de manejar as índoles como conhecemos a de manejar as inteligências, poderemos endireitá-las, como endireitamos as plantas novas; mas essa arte exige muito tato, muita experiência e uma profunda observação; é um grave erro acreditar que basta ter a ciência para exercê-la com proveito. Quem acompanha tanto o filho do rico como o do pobre desde o instante do nascimento e que observa todas as influências perniciosas que reagem sobre ele — por consequência da fraqueza, do desleixo e da ignorância daqueles que o dirigem — e quantas vezes os meios empregados para moralizá-lo levam ao erro, não pode se espantar em encontrar no mundo tantos transviados. Façamos pela moral tanto quanto temos feito pela inteligência e veremos que, se existem naturezas

refratárias, há — mais do que se pensa — aquelas que pedem apenas uma boa semeadura para produzir bons frutos. (Veja a questão 872.)

O homem deseja ser feliz e esse sentimento é natural; por isso ele trabalha sem parar para melhorar sua posição na Terra; ele procura a causa de seus males a fim de remediá-los. Quando ele compreender bem que o egoísmo é uma dessas causas, aquela que gera o orgulho, a ambição, a cobiça, inveja, ódio e o ciúme, do qual a cada instante ele fica magoado, que traz a perturbação a todas as relações sociais, que provoca as desavenças, que destrói a confiança, que o obriga a se manter constantemente na defensiva contra seu vizinho, que enfim, faz do amigo um inimigo, então ele compreenderá também que esse vício é incompatível com sua própria felicidade — e nós ainda acrescentamos: é incompatível com sua própria segurança. E quanto mais ele sofrer com isso, mais sentirá a necessidade de combatê-lo, assim como combate a peste, os animais nocivos e todos os outros flagelos; ele será levado a agir assim pelo seu próprio interesse. (Ver questão 784.)

O egoísmo é a fonte de todos os vícios, assim como a caridade é a fonte de todas as virtudes; destruir um e desenvolver o outro, esse deve ser o objetivo de todos os esforços do homem, se ele quiser assegurar sua felicidade — tanto aqui na Terra quanto no porvir.

Características do homem de bem

918. Por quais sinais podemos reconhecer em um homem o progresso real que deve elevar o seu Espírito na hierarquia espírita?

"O Espírito prova a sua elevação quando todos os atos de sua vida corporal representam a prática da lei de Deus e quando ele compreende por antecipação a vida espiritual."

O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade na sua maior pureza. Se interrogar a própria consciência sobre os atos praticados, ele se perguntará se não transgrediu essa lei, se não fez o mal, se fez todo o bem ***que podia***, se ninguém tem de que se queixar dele, enfim se ele fez aos outros tudo aquilo que desejaria que os outros lhe fizessem.

Penetrado do sentimento de caridade e de amor ao próximo, o homem faz o bem pelo bem sem esperar nenhum retorno, e sacrifica seus interesses pela justiça.

Ele é bondoso, humanitário e benevolente para com todos, porque vê irmãos

em todos os homens, sem distinção de raças nem de crenças.

Se Deus lhe concedeu o poder e a riqueza, ele considera essas coisas como UM DEPÓSITO, do qual ele deve usar para o bem. Não se envaidece delas, por saber que se Deus lhe deu essas coisas, ele também lhe pode retirá-las.

Se as circunstâncias sociais colocaram outros homens sob a sua dependência, ele os trata com bondade e complacência, porque são seus iguais perante Deus. Ele usa da sua autoridade para levantar o moral deles, e não para esmagá-los com o seu orgulho.

Ele é indulgente para com as fraquezas alheias, pois sabe que também precisa da indulgência dos outros e se lembra destas palavras do Cristo: ***Que aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra***.

Ele não é vingativo; a exemplo de Jesus, ele perdoa as ofensas para só se lembrar das benfeitorias, porque sabe que ***ele será perdoado conforme também tenha perdoado***.

Enfim, ele respeita nos seus semelhantes todos os direitos que as leis da natureza lhes concedem, como ele gostaria que todos respeitassem os seus.

Conhecimento de si mesmo

919. Qual é a maneira prática e mais eficaz para se melhorar nesta vida e para resistir à atração do mal?

"Um sábio da antiguidade já vos disse: ***Conheça a ti mesmo***."

919-a. — Nós conhecemos toda a sabedoria desta máxima, porém a dificuldade está precisamente em cada um conhecer a si mesmo. Qual é o meio de chegar a isso?

"Façam o que eu mesmo fazia na minha vida na Terra: ao fim da jornada, eu interrogava a minha consciência, revistando tudo que havia feito e me perguntava se não havia faltado com algum dever, se ninguém teve motivo para se queixar de mim. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que havia em mim para ser reformado. Aquele que a cada noite recordasse todas as suas ações do dia e indagasse a si mesmo o que fez de bem ou de mal, rogando a Deus e ao seu anjo da guarda para o esclarecer, este adquiriria uma grande força para se aperfeiçoar,

porque — acreditem em mim — Deus o ajudaria. Portanto, façam perguntas, e se interroguem sobre o que fizeram e com que objetivo agiram em tal circunstância: se fizeram alguma coisa que vocês condenariam da parte de outrem; se fizeram um ato que não ousariam expor. Perguntem ainda mais isso: Se agradasse a Deus me chamar neste momento, será que eu teria que temer o olhar de alguém, ao reentrar no mundo dos Espíritos onde nada fica escondido? Examinem o que vocês puderam ter feito contra Deus, depois contra o próximo e, finalmente, contra vocês mesmos. As respostas serão ou um repouso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado.

"O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do melhoramento individual. Mas vocês dirão: como julgar a si mesmo? Não teríamos aí a ilusão do amor-próprio para suavizar as faltas e torná-las desculpáveis? O avarento se considera apenas econômico e previdente; o orgulhoso acha que têm apenas dignidade. Isto é bem verdade, mas vocês dispõem de um meio de verificação que não pode vos iludir: quando estiverem indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, perguntem-se como vocês a qualificariam se tal ato fosse praticado por outra pessoa; se o condenariam nos outros. Esse ato não poderia ser mais legítimo em vocês, pois Deus não usa duas medidas para a justiça. Procurem também saber o que os seus semelhantes pensam disso e não desprezem a opinião dos inimigos, pois estes não têm nenhum interesse em mascarar a verdade, e Deus muitas vezes os coloca ao lado de vocês como um espelho para vos advertir com mais franqueza do que um amigo o faria. Que aquele que tenha o desejo sério de se melhorar então explore a sua consciência a fim de arrancar de si os maus pendores, bem como arranca as ervas daninhas do seu jardim; que ele faça o balancete da sua jornada moral como o comerciante faz o de suas perdas e seus lucros, e eu vos asseguro que o balancete moral lhe trará mais que o outro. Se puder se dizer que o seu dia foi bom, poderá dormir em paz e aguardar sem receio o despertar na outra vida.

"Então, formulem para vocês mesmos questões nítidas e precisas, e não temam em multiplicá-las: bem podemos dedicar alguns minutos

para conquistar uma felicidade eterna. Vocês não trabalham todos os dias com o propósito de juntar bens que lhes garantam repouso na velhice? Esse repouso não é o objetivo de todos os vossos desejos e o objetivo que vos faz suportar fadigas e privações temporárias? Pois bem! O que seria esse repouso de alguns dias perturbado pelas enfermidades do corpo, em comparação com aquele que espera o homem de bem? Não vale a pena fazer alguns esforços por este repouso? Sabemos que há gente falando que o presente é concreto e o futuro é incerto; ora, esta é exatamente a ideia que estamos encarregados de apagar em vocês, visto que desejamos vos fazer compreender esse futuro, de modo a não restar nenhuma dúvida na vossa alma. Por isso foi que primeiro chamamos a vossa atenção por meio de fenômenos da natureza capazes de tocar os vossos sentidos, e agora vos damos instruções que cada um de vocês está encarregado de compartilhar. Com este objetivo é que ditamos o Livro dos Espíritos."

SANTO AGOSTINHO

Muitos erros que cometemos passam despercebidos por nós. Com efeito, seguindo o conselho de santo Agostinho, se interrogarmos mais frequentemente nossa consciência, nós veremos quantas vezes falhamos sem perceber, por não escrutinarmos a natureza e a motivação de nossos atos. A forma interrogativa tem algo mais preciso do que uma máxima que geralmente não aplicamos a nós mesmos. Ela exige respostas categóricas — por um sim ou um não — que não deixam alternativa; são tantos argumentos pessoais, e pela soma das respostas pode-se supor a soma do bem e do mal que está em nós.

LIVRO QUARTO

ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

I - SOFRIMENTOS E PRAZERES TERRENOS
II - SOFRIMENTOS E PRAZERES FUTUROS

CAPÍTULO PRIMEIRO

SOFRIMENTOS E PRAZERES TERRENOS

Felicidade e infelicidade relativas – Perda de pessoas amadas – Decepções. Ingratidão. Afeições rompidas – Uniões antipáticas – Temor da morte – Desgosto da vida. Suicídio

Felicidade e infelicidade relativas

920. O homem pode gozar na Terra de uma completa felicidade?

"Não, já que a vida lhe foi dada como prova ou expiação. Porém, depende dele suavizar seus males e ser tão feliz quanto possível na Terra."

921. Compreendemos que o homem será feliz na Terra quando a humanidade estiver transformada. Mas enquanto isso, cada um pode assegurar uma felicidade relativa?

"Quase sempre o homem é o artesão da sua própria infelicidade. Praticando a lei de Deus, ele se poupa de muitos males e obtém para si mesmo uma felicidade tão grande quanto a sua existência grosseira o permitir."

O homem que está bem convencido de sua destinação futura não vê na vida corporal mais do que uma estação temporária. Para ele, é como uma parada momentânea numa hospedaria precária; ele se consola facilmente de alguns aborrecimentos passageiros de uma viagem que deve conduzi-lo a uma posição tanto melhor quanto ele tenha cuidado melhor dos preparativos.

Somos punidos já desde esta vida pela infração às leis da existência corpórea, sofrendo os males consequentes dessas mesmas infrações e dos nossos próprios excessos. Se voltarmos pouco a pouco à origem do que chamamos nossas desgraças terrenas, então veremos que na maioria dos casos elas são a sequência de um primeiro desvio do caminho certo. Por esse desvio nós enveredamos por uma via errada e, de consequência em consequência, caímos no infortúnio.

922. A felicidade terrena é relativa à posição de cada um. O que basta para a felicidade de um constitui a desgraça de outro. Haveria, porém, alguma medida de felicidade comum a todos os homens?

"Com relação à vida material, é a posse do necessário; para a vida moral, a boa consciência e a fé no futuro."

923. O que seria supérfluo para um não se tornaria necessário para outro e, reciprocamente, segunda a posição?

"Sim, de acordo com as vossas ideias materialistas, vossos preconceitos, vossa ambição e todas as vossas travessuras ridículas, cujo futuro fará justiça quando vocês compreenderem a verdade. Sem dúvidas, aquele que tinha cinquenta mil livre de renda e se encontra reduzido a dez mil então se considera muito desgraçado por não poder mais manter tão grande pose e conservar o que ele chama de sua classe, ter cavalos, criados, satisfazer a todas as suas paixões etc. Ele acredita que lhe falta o necessário. Mas francamente, você o considera digno de lástima, enquanto ao lado dele há tantos outros morrendo de fome e de frio, sem um abrigo onde repousar a cabeça? O sábio, para ser feliz, olha para baixo dele, e não para cima — a não ser para elevar sua alma ao infinito." (Ver a questão 715.)

924. Há males que não dependem da maneira de agir do homem e que atingem até mesmo os mais justos. Há algum meio de se preservar deles?

"O homem deve se resignar e sofrer ***sem murmurar***, se quiser progredir. Todavia, ele sempre possui uma consolação na própria consciência que lhe dá a esperança de um futuro melhor — se ele fizer o que é preciso para obtê-lo."

925. Por que Deus favorece com os dons da riqueza determinadas pessoas que não parecem tê-los merecido?

"Isso é um favor aos olhos daqueles que não veem mais do que o presente, mas fiquem sabendo bem que a bonança geralmente é um teste mais perigoso do que a miséria." (Ver as questões 814 e seguintes.)

926. Ao criar necessidades extras, a civilização não seria uma fonte de novas aflições?

"Os males deste mundo estão na proporção das necessidades ***fictícias*** que vocês criam para si. Aquele que sabe limitar seus desejos e olha sem inveja para o que esteja acima dele se previne de muitos desenganos nesta vida. O mais rico é aquele que tem menos necessidades.

"Vocês invejam os prazeres daqueles que lhes parecem ser as pessoas felizes do mundo. Mas por acaso vocês sabem o que está reservado para eles? Se os seus deleites são todos pessoais, eles são egoístas, e então o reverso virá. Antes, tenham pena deles! Algumas vezes Deus permite que o homem mau prospere, porém a felicidade dele não é de se invejar, pois será paga com lágrimas amargas. Quando a pessoa justa é infeliz, isso representa uma prova que lhe será levada em conta se ela a suportar com coragem. Lembrem-se destas palavras de Jesus: Bem-aventurados os que sofrem, pois estes serão consolados."

927. Certamente, o supérfluo não é indispensável à felicidade, mas o mesmo não acontece com o necessário. Ora, a desgraça daqueles que estão privados do necessário não é real?

"O homem não é verdadeiramente infeliz senão quando sofre da falta do necessário à vida e à saúde do corpo. Essa privação talvez seja por sua culpa, então ele só tem que se queixar de si mesmo; se for por culpa dos outros, a responsabilidade recairá sobre aquele que a causou."

928. Pela especialidade das aptidões naturais, Deus indica evidentemente nossa vocação neste mundo. Muitos dos males não vêm por não seguirmos essa vocação?

"É verdade, e com frequência são os pais que, por orgulho ou avareza,

fazem os filhos saírem da via traçada pela natureza, e por esse deslocamento comprometem a felicidade deles. Eles serão responsáveis por isso.”

928-a. — Sendo assim, seria justo que o filho de um homem altamente posicionado no mundo fabricasse tamancos, por exemplo, se a sua aptidão fosse para isso?

“Cuidado para não cair no absurdo, nem exagerar em coisa alguma: a civilização tem suas exigências. Por que o filho de um homem altamente posicionado — como você diz — teria que fabricar tamancos se ele pode fazer outra coisa? Ele poderá sempre se tornar útil na medida de suas capacidades, desde que não sejam aplicadas no sentido contrário. Assim, por exemplo, em vez de mau advogado, talvez ele desse um bom mecânico etc.”

O deslocamento dos homens para fora de sua esfera intelectual seguramente é uma das causas mais frequentes da decepção. A inaptidão para a carreira abraçada é uma fonte inesgotável de reveses; depois, o orgulho, vindo se juntar a isso, impede o homem fracassado de procurar recursos numa profissão mais humilde e lhe mostra o suicídio como remédio supremo para escapar do que ele acredita ser uma humilhação. ***Se uma educação moral o tivesse elevado acima dos tolos preconceitos do orgulho, ele jamais seria apanhado de surpresa.***

929. Há pessoas que, sendo carentes de todos os recursos — mesmo quando reina a abundância ao seu redor —, não têm outra coisa além da morte como perspectiva. Que direção elas devem seguir? Deixar-se morrer de fome?

“Nunca se deve ter a ideia de se entregar para morrer de fome. Sempre encontraríamos um jeito de nos alimentarmos se o orgulho não se impusesse entre a necessidade e o trabalho. Costuma-se dizer: não existe profissão humilhante; não é o estado que desonra o homem, mas cada um diz isso para os outros, e não para si mesmo.”

930. É evidente que sem os preconceitos sociais, pelos quais o homem se deixa dominar, sempre se acha um trabalho qualquer que pudesse ajudar a viver, ainda que deslocando-se da sua posição. Mas entre os que não têm preconceitos, ou que os põem de lado, não existem pessoas que estão na

impossibilidade de sustentar suas necessidades em consequência de doenças ou outras causas independentes da vontade delas?

"Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo, ninguém deve morrer de fome."

Com uma organização social sábia e previdente, o homem só sentirá falta do necessário por sua própria culpa. Porém, suas próprias faltas são frequentemente o resultado do meio onde esteja colocado. Quando praticar a lei de Deus, ele terá uma ordem social fundada na justiça e na solidariedade, e ele mesmo também será melhor. (Ver a questão 793.)

931. Por que na sociedade as classes sofredoras são mais numerosas do que as classes abastadas?

"Nenhuma delas é perfeitamente feliz, e o que julgam ser a felicidade muitas vezes esconde aflições pungentes; o sofrimento está por toda parte. Entretanto, para responder ao teu pensamento, direi que as classes a que chama sofredoras são mais numerosas porque a Terra é um lugar de expiação. Quando o homem tiver feito dela a morada do bem e dos Espíritos bons, ele não será mais infeliz e ela será para ele o paraíso terrestre."

932. Por que no mundo os maus geralmente superam os bons em influência?

"Por causa da fraqueza dos bons. Os maus são intrigantes e audaciosos; os bons são tímidos. Quando os bons quiserem, eles prevalecerão sobre os demais."

933. Se o homem quase sempre é o autor dos seus sofrimentos materiais, será também o autor de seus sofrimentos morais?

"Ainda mais, pois os sofrimentos materiais por vezes são independentes da vontade; mas o orgulho ferido, a ambição frustrada, a ansiedade da avareza, a inveja, o ciúme e, em suma, todas as paixões são torturas da alma.

"Inveja e ciúme! Felizes aqueles que não conhecem estes dois vermes roedores! Com a inveja e o ciúme, não há paz nem repouso possíveis para os que sofrem desses males: os objetos de sua cobiça, do seu ódio e do seu despeito se levantam diante dele como fantasmas que não lhe dão tréguas e o perseguem até durante o sono. O invejoso e o ciumento vivem num estado de

contínua febre. Esta é uma situação desejável? Vocês não compreendem que com as suas paixões o homem cria para si mesmo suplícios voluntários e que a Terra se torna um verdadeiro inferno para ele?”

Várias expressões retratam energicamente os efeitos de certas paixões. Dizemos: estar inchado de orgulho, morrer de inveja, secar de ciúme ou de decepção, perder o apetite etc. Esse quadro não deixa de ser verdadeiro. Algumas vezes até o ciúme não tem objetivo determinado. Existem pessoas naturalmente ciumentas de tudo que se eleva e de tudo e sai do comum — mesmo que não tenham nenhum interesse direto nisso, mas unicamente porque eles não conseguem o mesmo. Tudo o que parece estar acima do horizonte lhes ofusca, e se estivessem em maioria na sociedade, eles desejariam rebaixar tudo a seu nível. É o ciúme aliado à mediocridade.

O homem muitas vezes é infeliz apenas pela importância que dá às coisas deste mundo; é a vaidade, a ambição e a cobiça frustradas que fazem sua infelicidade. Se ele se coloca acima do círculo estreito da vida material e se ele eleva seus pensamentos ao infinito — que é a sua destinação —, as contingências da humanidade então lhe parecem mesquinhas e infantis, como as tristezas de uma criança que se aflige com a perda de um brinquedo do qual ele fazia sua felicidade suprema.

Aquele que vê felicidade apenas na satisfação do orgulho e dos apetites grosseiros fica infeliz quando não os pode satisfazer; enquanto aquele que não se interessa pelo supérfluo fica feliz com o que os outros consideram como calamidade.

Estamos falamos do homem civilizado, porque o selvagem — por ter necessidades mais limitadas — não tem os mesmos motivos para cobiça e angústias: sua maneira de ver as coisas é completamente diferente. Na condição de civilização, o homem raciocina sobre sua infelicidade e a analisa; é por isso que se sente mais afetado por ela; mas ele também pode raciocinar e analisar os meios de consolação. Essa consolação está ***no sentimento cristão, que dá a esperança de um futuro melhor, e no Espiritismo, que dá a certeza desse futuro.***

Perda de pessoas amadas

934. A perda de pessoas queridas não é uma daquelas que nos causam uma

dor tanto mais legítima quanto essa perda é irreparável e independente da nossa vontade?

"Essa fonte de dor atinge tanto o rico como o pobre: é uma prova ou expiação, e a lei comum. Mas é uma consolação poder se comunicar com os amigos pelos meios que vocês têm, ***enquanto esperam que tenham outros mais diretos e mais acessíveis aos seus sentidos***."

935. O que pensar da opinião das pessoas que consideram as comunicações do além-túmulo como uma profanação?

"Não pode haver profanação nisso quando houver recolhimento e quando a evocação for feita com respeito e praticidade. O que prova isso é que os Espíritos que vos dedicam afeição vêm com satisfação e se sentem felizes pela vossa lembrança e por se comunicarem convosco. Haveria profanação se isso fosse feito levianamente."

A possibilidade de entrar em comunicação com os Espíritos é uma consolação muito doce, porque nos proporciona o meio de conversarmos com os nossos parentes e amigos que deixaram a Terra antes de nós. Através da evocação, então os trazemos para perto de nossa presença; eles ficam do nosso lado, nos ouvem e nos respondem. Por assim dizer, não resta mais separação entre eles e nós. Eles nos auxiliam com seus conselhos, testemunham seu afeto e o contentamento que experimentam com a nossa lembrança. Para nós é uma satisfação vê-los felizes e aprendermos ***por intermédio deles mesmos*** sobre os detalhes da sua nova existência e adquirirmos a certeza de um dia nos juntarmos a eles.

936. Como as dores inconsoláveis dos sobreviventes na Terra afetam os Espíritos por quem esses sobreviventes sofrem?

"O Espírito é sensível à lembrança e ao pesar daqueles que ele amou; mas uma dor incessante e desarrazoada o afeta penosamente, porque ele vê nessa dor excessiva uma falta de fé no futuro e falta de confiança em Deus, e como consequência um obstáculo ao adiantamento e talvez ao reencontro."

Estando o Espírito mais feliz do que na Terra, lamentar pela vida dele é lamentar que ele esteja feliz. Dois amigos são prisioneiros e estão enfiados na mesma cela; ambos devem obter a liberdade um dia, mas um deles a obtém antes.

Seria caridoso para aquele que fica sentir-se infeliz por seu amigo ter sido libertado antes dele? Não seria mais egoísmo do que afeição de sua parte querer que o outro compartilhasse do seu cativeiro e dos seus sofrimentos por tanto tempo quanto ele? O mesmo acontece com dois seres que se amam na Terra: aquele que parte é o primeiro a se libertar, e nós devemos felicitá-lo por isso, aguardando com paciência o momento em que lá estaremos quando chegar a nossa hora.

Sobre esse assunto, faremos outra comparação. Vocês têm um amigo por perto e que está numa situação bastante penosa; sua saúde ou seu interesse exige que ele vá a outro país onde ficará melhor sob todos os aspectos. Momentaneamente, ele não estará mais por perto, mas vocês estarão sempre em correspondência com ele: a separação será apenas física. Será que vocês ficariam aborrecidos com esse afastamento, já que é para o bem dele?

A doutrina espírita — pelas provas concretas que apresenta da vida futura, da presença em torno de nós daqueles que amamos, da continuidade de sua afeição e da dedicação deles por nós, pelas relações que nos permitem ter com eles — nos oferece uma suprema consolação para uma das causas mais legítimas da dor. Com o espiritismo não há mais solidão, não há mais abandono; o homem mais isolado tem sempre amigos perto de si com quem pode se comunicar.

Nós suportamos impacientemente as tribulações da vida, e elas nos parecem tão intoleráveis que nem entendemos como possamos suportá-las. No entanto, se as suportarmos com coragem, se soubermos impor silêncio aos nossos murmúrios, então nos felicitaremos por isso quando estivermos fora desta prisão terrestre, assim como o paciente sofredor se felicita quando fica curado por ter se resignado a um tratamento doloroso.

Decepções. Ingratidão. Afeições rompidas

937. As decepções pelas quais a ingratidão e a fragilidade dos laços da amizade nos fazem passar não são uma fonte de amarguras também para o homem de coração?

"São sim, mas nós vos ensinamos a ter pena dos ingratos e dos amigos infiéis: eles serão mais infelizes do que vocês. A ingratidão é filha do egoísmo, e o egoísta encontrará mais tarde corações insensíveis como o dele próprio foi

insensível. Recordem-se de todos os que têm feito o bem mais do que vocês, os que valeram melhor do que vocês, e que foram pagos com a ingratidão. Recordem-se que o próprio Jesus foi injuriado e menosprezado quando esteve neste mundo, sendo tratado como trapaceiro e impostor, e não se admirem de que o mesmo lhes aconteça. Que o bem que fizerem seja a vossa recompensa na Terra, e não reparem no que dizem aqueles que por vós foram beneficiados. A ingratidão é um teste para a vossa persistência em fazer o bem; isso será levado em conta e os que forem ingratos serão tanto mais punidos quanto maior tenha sido a ingratidão deles."

938. As decepções provocadas pela ingratidão não fazem o coração endurecer e se fechar à sensibilidade?

"Isso seria um erro, pois — como dizem — o homem de coração está sempre feliz pelo bem que faz. Ele sabe que, se esse bem for esquecido nesta vida, será lembrado em outra, e que o ingrato terá vergonha e remorsos da sua ingratidão."

938-a. — Esse pensamento não impede seu coração de ficar magoado. Portanto, isso não poderia fazer nascer nele a ideia de que ele seria mais feliz se fosse menos sensível?

"Sim, se ele preferir a felicidade do egoísta — uma triste felicidade, esta! Que ele saiba então que os amigos ingratos que o abandonam não são dignos de sua amizade e que ele se enganou sobre eles; desde então ele não deve se lamentar. Mais tarde, encontrará outros que o compreenderão melhor. Tenham dó daqueles que têm por vocês um mau comportamento que vocês não tenham merecido, porque haverá para eles uma triste recompensa. Mas não se aflijam com isso: essa é a maneira de vos colocar acima deles."

A natureza deu ao homem a necessidade de amar e de ser amado. Um dos maiores prazeres que lhe são concedidos na Terra é o de encontrar corações que simpatizem com o seu. Assim, ela lhe dá as premissas da felicidade que o aguarda no mundo dos Espíritos perfeitos, onde tudo é amor e benevolência: esse é um júbilo que é negado ao egoísta.

Uniões antipáticas

939. Uma vez que os Espíritos simpáticos são induzidos a se unirem, como é que entre os encarnados frequentemente só existe afeição de um lado e que o mais sincero amor seja acolhido com indiferença e até com repulsa? Como é que, em outra situação, a mais viva afeição de dois seres pode se transformar em antipatia e às vezes até em ódio?

"Você não entende, mas isso é uma punição — se bem que passageira. Além do mais, quantos não são os que acreditam amar perdidamente, porque apenas julgam pelas aparências, e quando são obrigados a viver com a outra pessoa, não tardam a reconhecer que não era mais do que um encantamento físico! Não basta uma pessoa estar enamorada por alguém que lhe agrada e em quem supõem belas qualidades; é vivendo realmente com ela que poderá conhecê-la. Quantos também não há nessas uniões em que a princípio parecem que não devem ser simpáticos, mas quando um e o outro tiverem se estudado e se conhecido bem eles acabam se amando com um amor carinhoso e duradouro, porque esse amor se fundamenta no afeto! Importa não esquecer que é o Espírito quem ama, e não o corpo, e quando a ilusão material é dissipada, o Espírito vê a realidade.

"Há duas classes de afeições: a do corpo e a da alma, e muitas vezes uma é confundida com a outra. A afeição da alma — quando pura e simpática — é duradoura; já a afeição do corpo é perecível. Daí por que tantas vezes aqueles que achavam que se amavam com um amor eterno passam a se odiar quando a ilusão acaba."

940. A falta de simpatia entre os seres destinados a viver juntos não é também uma fonte de sofrimentos tanto mais amarga quanto mais eles envenenam toda a existência?

"Muito amarga, de fato. Porém, essa é uma das infelicidades das quais vocês frequentemente são a causa principal. Para começar, são as leis humanas que estão erradas, pois por acaso você acredita que Deus te constranja a ficar junto com quem te desagrada? E mais: nessas uniões vocês normalmente buscam a satisfação do orgulho e da ambição, mais do que a

felicidade de um afeto mútuo; então vocês sofrem as consequências dos próprios preconceitos.”

940-a. — Mas nesse caso, não há quase sempre uma vítima inocente?

“Há, e isso é uma dura expiação para ela. Mas, a responsabilidade da sua desgraça recairá sobre aquele que tiver causado essa desgraça. Se a luz da verdade tiver penetrado sua alma, essa pessoa colocará sua consolação em sua fé no futuro. De resto, à medida que os preconceitos se enfraquecerem, as causas desses infortúnios particulares também desaparecerão.”

Temor da morte

941. Para muitas pessoas, o temor da morte é uma causa de perplexidade. De onde vem esse temor, já que elas têm o futuro diante de si?

“É um erro elas terem esse medo. Mas o que você quer?! Procura-se convencê-las desde crianças de que existe um inferno e um paraíso, e que é mais certo irem para o inferno, porque lhe dizem que aquilo que faz parte da natureza é um pecado mortal para a alma: então, quando se tornam adultas, se tiverem um pouco de discernimento, elas não podem admitir isso, e se tornam ateias ou materialistas. É assim que se conduzem as pessoas a crer que além da vida presente não há mais nada. Quanto àqueles que persistirem em suas crenças de infância, estes temerão esse fogo eterno que deve lhes queimar sem lhes consumir.

“A morte não inspira nenhum temor ao justo, porque com ***a fé*** ele tem a certeza do futuro; ***a esperança*** lhe faz contar com uma vida melhor, e ***a caridade*** que praticou lhe dá a segurança de que não encontrará no mundo para onde vai nenhum ser do qual deva temer o olhar.” (Ver a questão 730.)

O homem carnal — aquele que está mais preso à vida corpórea do que à vida espiritual — tem seus sofrimentos e prazeres materiais na Terra, e sua felicidade consiste na satisfação fugaz de todos os seus desejos. Sua alma, constantemente preocupada e afetada pelas vicissitudes da vida, conserva-se em perpétuas

ansiedades e torturas. A morte o apavora, porque ele duvida do futuro e porque tem de deixar neste mundo todas as suas afeições e esperanças.

O homem moral — aquele que se colocou acima das necessidades factícias criadas pelas paixões — experimenta já neste mundo os prazeres desconhecidos pelo homem material. A moderação de seus desejos dá calma e serenidade ao seu Espírito. Ditoso pelo bem que faz, não há decepções para ele, e as contrariedades deslizam por sobre a sua alma sem deixar nenhuma impressão dolorosa.

942. Algumas pessoas não vão achar um pouco banais esses conselhos para ser feliz na Terra? Elas não verão nisso o que chamam de clichês, verdades batidas? E não vão falar que o segredo para ser feliz é definitivamente saber suportar sua infelicidade?

"Há quem diga isso — e muitos. Estes se parecem com determinados enfermos a quem o médico prescreve a dieta: eles desejariam ser curados, mas sem remédios e continuando a se dar indigestões."

Desgosto da vida. Suicídio

943. Donde nasce o desgosto da vida que se apodera de certos indivíduos sem motivos plausíveis?

"Efeito da ociosidade, da falta de fé e muitas vezes do fastio.

"Para aquele que exerce suas faculdades com objetivo útil e ***de acordo com as suas aptidões naturais***, o trabalho nada tem de árido e a vida passa mais rapidamente. Ele suporta as atribulações com tanto mais paciência e resignação quanto mais ele age em vista da felicidade mais sólida e mais durável que o aguarda."

944. O homem tem o direito de se desfazer da própria vida?

"Não; só Deus tem esse direito. O suicídio voluntário é uma transgressão dessa lei."

944-a. — O suicídio não é sempre voluntário?

"O louco que se mata não sabe o que faz."

945. Que pensar do suicídio que tem como causa o desgosto da vida?

"Insensatos! Por que não trabalhavam? A existência não teria sido tão pesada para vocês."

946. O que pensar do suicídio que tem como objetivo fugir das misérias e decepções deste mundo?

"Pobres Espíritos que não têm a coragem de suportar as misérias da existência! Deus ajuda aos que sofrem, e não aqueles que não têm força nem coragem. As dificuldades da vida são provas ou expiações, e felizes são os que as suportam sem se lastimar, porque estes serão recompensados! Mas ao contrário, ai daqueles que esperam sua salvação daquilo que — na sua impiedade — chamam de acaso ou de fortuna! Para me servir da linguagem deles, o acaso ou a fortuna de fato podem favorecê-los por um momento, mas para lhes fazer sentir mais tarde e mais cruelmente o vazio dessas palavras."

946-a. — Aqueles que conduzirem o desgraçado a esse ato de desespero sofrerão as consequências de tal ato?

"Oh, ai desses infelizes! ***Responderão como que por homicídio."***

947. O indivíduo que está lutando contra a miséria e que se deixa morrer de desespero pode ser considerado um suicida?

"É um suicida, mas os que o levaram a isso ou que poderiam impedi-lo são mais culpados, e a indulgência o aguarda. No entanto, não acreditem que ele seja inteiramente absolvido se lhe faltaram firmeza e perseverança, e se ele não usou de toda a sua inteligência para sair das dificuldades. Infeliz dele principalmente se seu desespero brotou do orgulho; quero dizer, se ele é desses homens em quem o orgulho paralisa os recursos da inteligência, que se envergonhariam por depender do trabalho de suas mãos, e que prefeririam antes morrer de fome a renunciar ao que eles chamam de sua posição social! Não haveria cem vezes mais grandeza e dignidade em lutar contra a adversidade do que enfrentar a crítica de um mundo fútil e egoísta que não tem boa vontade senão para com aqueles a quem nada falta e lhes dá as costas quando vocês precisam dele? Sacrificar a vida em consideração a esse mundo é uma coisa estúpida, porque ele não tem nenhuma consideração por isso."

948. O suicídio que tem como objetivo escapar da vergonha de uma ação má é tão repreensível quanto aquele causado pelo desespero?

"O suicídio não apaga a falta; ao contrário, em vez de uma haverá duas. Já que se teve coragem de fazer o mal, é preciso ter a de sofrer as consequências. Deus julga, e conforme a causa às vezes ele pode diminuir o seu rigor."

949. O suicídio é desculpável quando tem por objetivo impedir que a vergonha recaia sobre filhos ou sobre a sua família?

"A pessoa que assim procede não faz bem, mas ela pensa que faz e Deus leva isso em conta, pois é uma expiação que ela impõe a si mesmo. A intenção atenua o seu erro, entretanto nem por isso ela deixa de cometê-lo. Em suma, eliminem da vossa sociedade os abusos e os preconceitos e vocês não terão mais desses suicídios."

Aquele que tira a própria vida para escapar da vergonha de uma má ação prova que tem mais estima pelos homens do que por Deus, pois vai entrar na vida espiritual carregado de suas iniquidades, tendo se privado dos meios de repará-las durante a sua vida. Deus é normalmente menos inexorável do que os homens; ele perdoa o arrependimento sincero e leva em conta a nossa reparação. O suicídio não resolve nada.

950. Que pensar daquele que se mata na esperança de chegar mais depressa a uma vida melhor?

"Outra loucura! Que ele faça o bem e estará mais seguro de alcançar isso, pois ele retarda a sua entrada num mundo melhor e ele próprio pedirá para vir ***completar essa vida*** que ele interrompeu por uma ideia falsa. Um erro — seja qual for — jamais abre o santuário dos eleitos."

951. O sacrifício da própria vida às vezes não é meritório quando tem por objetivo salvar a vida de outro, ou ser útil aos seus semelhantes?

"Isso é sublime, conforme a intenção, e o sacrifício da sua vida não constitui um suicídio. Mas Deus se opõe a todo sacrifício inútil e não o pode ver com satisfação se esse sacrifício estiver manchado de orgulho. Um sacrifício não será meritório a não ser pelo desinteresse, e quem o faz muitas vezes guarda segundas intenções que diminui o seu valor aos olhos de Deus."

Todo sacrifício feito às custas de sua própria felicidade é um ato soberanamente meritório perante Deus, pois é a prática da lei de caridade. Ora, sendo a vida o bem terreno ao qual o homem atribui maior apreço, aquele que renuncia à vida pelo bem de seus semelhantes não comete nenhum atentado: é um sacrifício que ele realiza. Mas, antes de realizá-lo, a pessoa deve refletir se sua vida não pode ser mais útil do que a sua morte.

952. O homem que falece vitimado pelo abuso de paixões que ele sabia que apressariam o seu fim, mas às quais ele não tem mais o poder de resistir por ter se habituado a fazer delas verdadeiras necessidades físicas, comete suicídio?

"É um suicídio moral. Vocês não percebem que o homem é duplamente culpado nesse caso? Nele há então falta de coragem e bestialidade, além de ter esquecido de Deus."

952-a. — Ele será mais ou será menos culpado do que aquele que se mata por desespero?

"É mais culpado, porque tem tempo para refletir sobre o seu suicídio; naquele que o faz instantaneamente, muitas vezes há uma espécie de desorientação que se aproxima da loucura. O outro será muito mais punido, porque as penas são sempre proporcionadas à consciência que se tem das faltas cometidas."

953. Quando uma pessoa vê diante dela uma morte inevitável e horrível, ela será culpada por abreviar de alguns instantes os seus sofrimentos por uma morte voluntária?

"É sempre culpado aquele que não aguardar o término fixado por Deus. Aliás, quem poderá garantir que, apesar das aparências, o fim tenha chegado, e que ele não possa receber um socorro inesperado no derradeiro momento?"

953-a. — Nós admitimos que em circunstâncias comuns o suicídio seja condenável, mas estamos supondo o caso em que a morte é inevitável e em que a vida seja encurtada por apenas alguns instantes...

"Isso sempre é uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador."

953-b. — Nesse caso, quais as consequências de tal ato?

"Uma expiação proporcional à gravidade do erro, segundo as circunstâncias — como sempre."

954. Uma imprudência que comprometa a vida sem necessidade seria repreensível?

"Não há culpa se não há intenção ou consciência real de fazer o mal."

955. As mulheres que em determinados países se queimam voluntariamente sobre o corpo do marido podem ser consideradas como suicidas e sofrem as consequências disso?

"Elas obedecem a um preconceito e por vezes mais à força do que por vontade própria. Elas creem cumprir um dever e essa não é a característica do suicídio. Sua escusa está na falta de formação moral da maioria delas e na sua ignorância. Esses costumes bárbaros e estúpidos sumirão com a civilização."

956. Aquele que, não podendo suportar a perda de pessoas queridas, se mata na esperança de ir se juntar a elas, atingem esse objetivo?

"O resultado é completamente o oposto do que esperam: ao invés de ficarem reunidos com as pessoas de sua afeição, acabam se afastando delas por mais tempo, porque Deus não pode recompensar um ato de covardia e o insulto feito a ele ao duvidarem de sua providência. Eles pagarão esse instante de loucura com desgostos maiores do que os que eles pensavam abreviar, e não terão mais, para lhes recompensar, a satisfação que esperavam." (Ver as questões 934 e seguintes.)

957. Em geral, quais as consequências do suicídio sobre o estado do Espírito?

"As consequências do suicídio são muito diversas. Não há punições determinadas, e em todos os casos elas são sempre relativas às causas que o produziram. Contudo, há uma consequência da qual o suicida não pode escapar: é ***o desapontamento***. De resto, o destino não é o mesmo para todos; ele depende das circunstâncias. Alguns expiam sua falta imediatamente e outros expiam numa nova existência, que será pior do que aquela cujo curso eles interromperam."

A observação mostra que realmente as consequências do suicídio nem sempre são as mesmas. Mas existem algumas que são comuns a todos os casos de morte violenta a em consequência da interrupção brusca da vida. Antes de tudo, é a persistência mais prolongada e mais tenaz do liame que une o Espírito e o corpo, estando esse laço quase sempre na plenitude da sua força no momento em que é quebrado, enquanto na morte natural ele se enfraquece gradualmente e muitas vezes é rompido antes que a vida seja completamente extinta. As consequências dessa situação são o prolongamento da perturbação espiritual mais a ilusão que, durante um tempo mais ou menos longo, faz o Espírito acreditar que ainda faz parte dos vivos. (Veja as questões 155 e 165)

A afinidade que persiste entre o Espírito e o corpo produz em alguns suicidas uma espécie de repercussão do estado do corpo sobre o Espírito, que então ressente — a contragosto — os efeitos da decomposição, e experimenta uma sensação cheia de angústias e de horror, e esse estado pode persistir tanto tempo quanto deveria durar a vida que eles interromperam. Esse efeito não é geral, mas em nenhum caso o suicida fica isento das consequências de sua falta de coragem, e cedo ou tarde ele expia seu erro de uma maneira ou de outra. É assim que alguns Espíritos, que haviam sido bastante infelizes na Terra, disseram ser suicidas na sua existência anterior, e estar voluntariamente submetidos a novas provações para tentar suportá-las com mais resignação. Em outros, é um tipo de apego à matéria da qual em vão eles procuram se desprender para voar rumo a mundos melhores, mas cujo acesso está interditado para eles. Na maioria, permanece o remorso por ter feito uma coisa inútil, uma vez que só se colhe decepção.

A religião, a moral e todas as filosofias condenam o suicídio como algo contrário à lei da natureza. Todos nos dizem, em princípio, que ninguém tem o direito de abreviar voluntariamente sua vida, mas por que não temos esse direito? Por que não somos livres para colocar um fim aos nossos sofrimentos? Estava reservado ao espiritismo demonstrar, pelo exemplo daqueles que sucumbiram, que não é apenas uma falta como infração a uma lei moral — uma consideração que pouco importa para certos indivíduos —, mas que é um ato estúpido, já que não se ganha, ao contrário do que se pensa. Não é a teoria que nos ensina, mas os fatos que ele coloca diante de nossos olhos.

CAPÍTULO II

SOFRIMENTOS E PRAZERES FUTUROS

O nada. A vida futura – Intuição das penas e recompensas futuras – Intervenção de Deus nas penas e recompensas – Natureza dos sofrimentos e prazeres futuros – Sofrimentos temporários – Expiação e arrependimento – Duração das penas futuras – Ressurreição da carne – Paraíso, inferno e purgatório

O nada. A vida futura

958. Por que o homem tem instintivamente horror ao nada?

"Porque o nada não existe."

959. De onde vem ao homem o sentimento instintivo da vida futura?

"Já dissemos isso: antes da encarnação o Espírito conhecia todas essas coisas, e a alma guarda uma vaga lembrança do que sabe e do que viu no estado espiritual." (Ver a questão 393.)

Em todos os tempos o homem se preocupou com o seu futuro além-túmulo e isso é bastante natural. Qualquer que seja a importância que atribua à vida presente, ele não pode deixar de considerar o quanto ela é curta e sobretudo precária, porque pode ela ser interrompida a qualquer momento, e ele nunca está seguro do dia de amanhã. O que acontece após o instante fatal? A questão é grave, pois não se trata de alguns anos, e sim da eternidade. Quem precisa passar longos anos num país estrangeiro se preocupa com a posição que ocupará lá. Então, como não poderíamos nos preocupar com a vida que teremos ao deixar este mundo, já

que é para sempre?

A ideia do nada tem qualquer coisa que repugna à razão. O homem mais despreocupado durante a vida, quando chega o momento supremo, pergunta-se o que vai ser dele, e involuntariamente fica esperançoso.

Acreditar em Deus sem admitir a vida futura seria um contrassenso. O sentimento de uma existência melhor está no íntimo de todos os homens; Deus não o colocou aí em vão.

A vida futura significa a conservação de nossa individualidade após a morte; o que de fato nos importaria sobreviver ao nosso corpo se nossa essência moral tivesse que se perder no oceano do infinito? As consequências para nós seriam as mesmas que o nada.

Intuição das penas e recompensas futuras

960. De onde vem a crença, que está presente em todos os povos, das penas e recompensas porvindouras?

"É sempre a mesma coisa: pressentimento da realidade trazido ao homem pelo Espírito nele encarnado. Então, saibam bem, não é em vão que uma voz interior vos fala; o erro de vocês consiste em não a escutarem bastante. Se pensassem nisso o suficiente, vocês se tornariam melhores."

961. No momento da morte, qual é o sentimento que domina a maioria dos homens: a dúvida, o temor ou a esperança?

"A dúvida, para os céticos endurecidos; o temor, para os culpados; a esperança, para os homens de bem."

962. Por que existem céticos, posto que a alma traz ao homem o sentimento das coisas espirituais?

"Existem menos deles do que se pensa. Muitos se fazem de Espíritos fortes durante a vida por orgulho, mas no momento da morte eles deixam de ser tão fanfarrões."

A consequência da vida futura é a responsabilidade dos nossos atos. A razão e a justiça nos dizem que, na partilha da felicidade à qual todos aspiram, os bons e os

maus não podem ser confundidos. Deus não pode querer que uns gozem sem sacrifício dos bens que os outros só alcançam com esforço e perseverança.

A ideia de que Deus nos dá de sua justiça e de sua bondade mediante a sabedoria de suas leis não nos permite acreditar que o justo e o mau estejam na mesma categoria a seus olhos, nem duvidar de que estes recebam, algum dia, um a recompensa e o outro o castigo, pelo bem ou pelo mal que eles tenham feito. Por isso é que o sentimento inato que nós temos da justiça nos dá a intuição das penas e recompensas futuras.

Intervenção de Deus nas penas e recompensas

963. Deus se ocupa pessoalmente com cada homem? Ele não é grande demais e nós muito pequeninos para que cada indivíduo em particular tenha alguma importância a seus olhos?

"Deus se ocupa com todos os seres que ele criou, por mais pequeninos que eles sejam. Nada é tão pouco para a sua bondade."

964. Deus tem necessidade de se ocupar com cada um dos nossos atos para nos recompensar ou nos punir? A maioria deles não é insignificante para ele?

"Deus tem suas leis que regem todas as vossas ações; se as violarem, a culpa será de vocês. É fora de dúvida que quando um homem comete um excesso, Deus não emite um julgamento contra ele para lhe dizer, por exemplo: Você foi guloso, vou te punir. Ele traçou um limite; as enfermidades e muitas vezes a morte são a consequência dos excessos. Eis aí a punição: ela é o resultado da infração à lei. É assim em tudo."

Todas as nossas ações estão subordinadas às leis de Deus; não há nenhuma — ***por mais insignificante que nos pareça*** — que não possa ser uma violação. Se sofrermos as consequências dessa violação, não devemos nos queixar senão de nós mesmos, que então nos tornamos os próprios autores de nossa felicidade ou de nossa posterior infelicidade.

Essa verdade torna-se sensível pelo seguinte apólogo:

"Um pai dá a seu filho a educação e a instrução, ou seja, os meios de saber se conduzir. Concede-lhe um campo para cultivar e lhe diz: 'Eis a regra a seguir e

todos os instrumentos necessários para tornar esse campo fértil e prover tua existência. Eu te dei a instrução para compreender essa regra: se a seguir, teu campo produzirá bastante e te proporcionará o repouso para teus dias de velhice; caso contrário, não produzirá nada e você morrerá de fome'. Dito isso, o pai deixa o filho agir por vontade própria.

Não é certo que esse campo produzirá de acordo com os cuidados dados à cultura, e que toda negligência será em detrimento da colheita? Portanto, em sua velhice o filho será feliz ou infeliz conforme tenha seguido ou não a regra traçada por seu pai. Deus é ainda mais previdente, porque nos adverte a cada instante se fazemos o bem ou o mal: ele envia os Espíritos para nos inspirar, mas nós não os escutamos. Há ainda essa diferença: Deus sempre dá ao homem um recurso nas suas novas existências para reparar seus erros passados, enquanto o filho de quem falamos não conta mais com isso se tiver empregado mal o seu tempo.

Natureza dos sofrimentos e prazeres futuros

965. Os sofrimentos e os prazeres da alma após a morte têm alguma coisa de material?

"Eles não podem ser materiais, pois a alma não é matéria — assim diz o bom senso. Esses sofrimentos e prazeres nada têm de carnal, entretanto eles são mil vezes mais vívidos do que os que vocês experimentam na Terra, porque o Espírito, uma vez desprendido, fica mais sensível; a matéria não enfraquece as sensações espirituais." (Ver as questões 237 a 257.)

966. Por que o homem faz uma ideia às vezes tão grosseira e absurda dos sofrimentos e prazeres da vida futura?

"Inteligência que ainda não está bastante desenvolvida. Por acaso a criança entende as coisas como o adulto? Além do mais, isso depende também do que lhe foi ensinado: aí é que há necessidade de uma reforma.

"A vossa linguagem é incompleta demais para exprimir o que está fora de vocês; era preciso então fazer comparações, e essas são as imagens e representações que vocês tomaram como se fosse a realidade. No entanto, à medida que o homem se instrui, seu pensamento vai compreendendo as coisas que a sua linguagem não pode expressar."

967. No que consiste a felicidade dos bons Espíritos?

"Consiste em conhecer todas as coisas; não sentir ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição e nem qualquer uma das paixões que fazem mal aos homens. O amor que os une é para eles a fonte de uma suprema felicidade. Eles não experimentam nem necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material; são felizes pelo bem que eles fazem. Ademais, a felicidade dos Espíritos é sempre proporcional à elevação de cada um. É certo que somente os Espíritos puros desfrutam da felicidade suprema, mas nem todos os outros são infelizes; entre os maus e os perfeitos há uma infinidade de graus em que os prazeres são relativos ao estado moral. Os que já estão bastante avançados compreendem o júbilo daqueles que chegaram antes deles: eles os inspiram. Mas essa aspiração significa para eles uma causa de emulação, e não de ciúme; eles sabem que depende deles alcançá-la e trabalham para tal objetivo, porém com a calma da consciência tranquila, e ficam felizes por não terem que sofrer aquilo que os maus sofrem."

968. Vocês colocam a ausência das necessidades materiais entre as condições da felicidade dos bons Espíritos, mas a satisfação dessas necessidades não representa para o homem uma fonte de prazeres?

"Sim, os prazeres do selvagem, e quando não podem satisfazer a essas necessidades, isso se torna uma tortura."

969. Como deve ser entendido quando se diz que os Espíritos puros estão reunidos no seio de Deus e ocupados a cantar seus louvores?

"É uma alegoria que esboça o conhecimento que eles têm das perfeições de Deus, porque o veem e o compreendem, mas que não se pode tomar ao pé da letra — como tantas coisas. Desde o grão de areia, tudo na natureza canta, isto é, proclama o poder, a sabedoria e a bondade de Deus. Todavia, não creiam que os Espíritos bem-aventurados estejam em contemplação por toda a eternidade; isso seria uma ventura estúpida e monótona. Seria também a felicidade do egoísta, pois sua existência seria uma inutilidade sem fim. Eles não têm mais as tribulações da vida corpórea: só isso já é uma recompensa. E tema mais: como dissemos, eles conhecem e sabem todas as coisas;

aproveitam a inteligência que adquiriram para auxiliar o progresso dos outros Espíritos: essa é a ocupação deles, e ao mesmo tempo um deleite.”

970. Em que consistem os sofrimentos dos Espíritos inferiores?

“Eles são tão variados quanto as causas que os produzem, e são proporcionados ao grau de inferioridade, como são os júbilos em relação ao grau de superioridade. Podem se resumir assim: invejar tudo o que lhes falta para ser feliz e não o obter; ver a felicidade e não poder alcançá-la; mágoa, ciúme, raiva e desespero pelo que os impede de serem ditosos. E mais: remorso e uma ansiedade moral indefinível. Eles têm o desejo de todas as alegrias e não podem as satisfazer, e isso é o que lhes tortura.”

971. A influência que os Espíritos exercem uns sobre os outros é sempre boa?

“Sempre boa da parte dos bons Espíritos — isso é óbvio. Já os Espíritos perversos, esses procuram desviar da senda do bem e do arrependimento aqueles que lhes parecem suscetíveis de se deixarem levar, e que muitas vezes eles arrastaram ao mal durante a vida.”

971-a. — Assim, a morte não nos livra da tentação?

“Não, mas a ação dos maus Espíritos é bem menor sobre os outros Espíritos — já que eles não têm o recurso das paixões materiais — do que sobre os homens.” (Ver a questão 996.)

972. Como os Espíritos maus fazem para tentar os outros Espíritos, já que eles não têm o auxílio das paixões?

“Se as paixões não existem materialmente, existem de fato no pensamento dos Espíritos atrasados. Os maus mantêm esses pensamentos levando suas vítimas aos lugares onde encontram o espetáculo daquelas paixões e de tudo o que possa lhes excitar.”

972-a. — Mas de que servem essas paixões se elas já não têm mais o objeto real?

“É exatamente esse o suplício deles: o avarento vê o ouro que não pode possuir; o devasso vê orgias às quais não pode participar; o orgulhoso vê honras que lhe causam inveja e das quais não pode gozar.”

973. Quais os maiores sofrimentos que os Espíritos maus possam suportar?

"Não há descrição possível das torturas morais que constituem a punição de certos crimes; mesmo aquele que as sofre teria dificuldade em vos dar uma ideia. Porém, seguramente a mais horrorosa é pensar que estão condenados sem perdão."

O homem faz dos sofrimentos e dos prazeres da alma após a morte uma ideia mais ou menos elevada, conforme o estágio da sua inteligência. Quanto mais desenvolvido ele for, mais essa ideia se depura e mais se desprende da matéria: ele compreende as coisas sob um ponto de vista mais racional, e para de levar ao pé da letra as representações de uma linguagem figurada. A razão mais esclarecida, nos ensina que a alma é um ser todo espiritual, nos diz por isso mesmo que ela não pode ser afetada pelas impressões que agem sobre a matéria. Mas isso não quer dizer que seja isento de sofrimentos nem que não receba a punição de suas faltas (Ver a questão 237.)

As comunicações espíritas têm como resultado nos mostrar o estado futuro da alma — não como uma teoria, mas como uma realidade, colocando sob os nossos olhos todas as peripécias da vida além-túmulo, mostrando-as ao mesmo tempo como consequências perfeitamente lógicas da vida terrestre, e, embora livres do aparato fantástico criado pela imaginação dos homens, essas consequências não são menos penosas para aqueles que fizeram um mau uso de suas faculdades. A diversidade dessas consequências é infinita, mas, de modo geral, podemos dizer: cada um é punido por aquilo que pecou. É assim que uns são punidos pela visão incessante do mal que fizeram e outros pelos desgostos, medo, vergonha, dúvida, isolamento, trevas, separação dos seres queridos etc.

974. De onde vem a doutrina do fogo eterno?

"Imagem, semelhante a tantas outras, tomada como realidade."

974-a. — Mas esse temor não pode ter um bom resultado?

"Vejam então se esse temor refreia tanta gente — mesmo entre os que o ensinam. Se vocês ensinarem coisas que mais tarde a razão venha a rejeitar, então causarão uma impressão que não será nem duradoura nem salutar."

Sendo impotente para descrever com sua linguagem a natureza desses

sofrimentos, o homem não encontrou comparação mais enérgica do que a do fogo, pois para ele o fogo é o tipo do tormento mais cruel e o símbolo da ação mais enérgica. É por isso que a crença no fogo eterno data da mais alta antiguidade, e os povos modernos a herdaram dos povos antigos. É por isso também que o homem diz, na sua linguagem figurada: o fogo das paixões; queimar de amor, de ciúme etc.

975. Os Espíritos inferiores compreendem a felicidade do justo?

"Sim, e isso é o que lhes atormenta, porque compreendem que estão privados dessa felicidade pela própria culpa: é por isso que o Espírito, liberto da matéria, anseia por uma nova existência corporal, pois cada existência — ***se for bem empregada*** — pode abreviar a duração desse tormento. É então que ele faz a escolha das provas pelas quais poderá expiar suas faltas. Porque, saibam bem, o Espírito sofre por todo o mal que fez ou de que ele tenha sido a causa voluntária, por todo o bem que podia fazer e não fez ***e por todo o mal que resulta do bem que não tenha feito***.

"O Espírito errante já não tem mais véu; ***é como se ele saísse do nevoeiro*** e visse aquilo que o afasta da felicidade. Então ele sofre mais, porque compreende o quanto foi culpado. Para ele, ***não há mais ilusões****:* ele vê a realidade das coisas."

No estado errante, o Espírito abarca por um lado todas as suas existências passadas e por outro vê o futuro prometido, e avalia o que lhe falta para alcançá-lo. Tal como um viajante que chega ao cume de uma montanha, enxerga o caminho já percorrido e o que lhe resta a percorrer para chegar ao seu objetivo.

976. A visão dos Espíritos que sofrem não é uma causa de aflição para os Espíritos bons? E nesse caso, como fica a felicidade destes se essa felicidade for perturbada?

"Isso não é motivo de aflição, porque eles sabem que o mal terá fim. Auxiliam os outros a se melhorarem e lhes estendem as mãos: essa é a ocupação deles — e uma alegria quando são bem-sucedidos."

976-a. — Isto é concebível da parte de Espíritos estranhos ou indiferentes. Mas a cena das tristezas e dos sofrimentos daqueles a quem

eles amaram na Terra não perturba a sua felicidade?

"Se eles não vissem esses sofrimentos, aí é que eles seriam estranhos a vocês depois da morte. Ora, a religião vos diz que as almas veem vocês, mas consideram vossas aflições sob outro ponto de vista: sabem que esses sofrimentos são úteis ao vosso adiantamento — se vocês o suportarem com resignação. Então, as almas se afligem muito mais com a falta de coragem que vos retarda do que com os sofrimentos que eles mesmos sabem que são apenas passageiros."

977. Como os Espíritos não podem esconder seus pensamentos uns dos outros, e como todos os atos da vida são conhecidos, isso significa que o culpado esteja na presença constante de sua vítima?

"Isso não poderia ser de outro modo — assim diz o bom senso."

977-a. — Essa exibição de todos os nossos atos repreensíveis e a presença constante dos que foram vítimas desses atos seria um castigo para o culpado?

"Maior do que se pensa, mas somente até que o culpado tenha expiado suas faltas — seja como Espírito, seja como homem em novas existências corpóreas."

Quando nós mesmos estivermos no mundo dos Espíritos, estando aberto todo o nosso passado, o bem e o mal que fazemos ficarão igualmente descobertos. Será em vão que aquele que praticou o mal queira escapar do olhar de suas vítimas: a presença inevitável destas será para cada qual um castigo e um remorso incessante, até que tenha expiado seus erros. Já o homem de bem, ao contrário, em toda parte encontrará unicamente olhares amigos e benevolentes.

Para o ímpio, não existe tormento maior na Terra do que a presença de suas vítimas — razão pela qual ele as evita sem cessar. Que será dele quando a ilusão das paixões for dissipada e ele compreender o mal que fez, vendo seus atos mais secretos revelados, sua hipocrisia desmascarada, e não puder se esconder da vista deles? Enquanto a alma do homem perverso fica presa à vergonha, ao pesar e ao remorso, a alma do justo desfruta de uma perfeita serenidade.

978. A lembrança das faltas que a alma pôde cometer, quando ainda era

imperfeita, não perturba a sua felicidade mesmo depois de ela já ter se purificado?

"Não, porque ela resgatou suas faltas e saiu vitoriosa das provações às quais foi submetida ***nesse objetivo***."

979. As provas que restam a cumprir para completar sua purificação não constituem para a alma uma penosa apreensão que perturba sua felicidade?

"Para a alma que ainda está maculada, sim. É por isso que ela não pode gozar de uma felicidade perfeita, até que esteja completamente pura. Entretanto, para aquela que já se elevou, pensar nas provas que lhes resta cumprir nada tem de doloroso."

A alma que chegou a um certo grau de pureza já se deleita da felicidade; um sentimento de grata satisfação a penetra e ela fica feliz por tudo o que vê e por tudo o que a cerca. O véu se eleva sobre os mistérios e as maravilhas da criação, e as perfeições divinas lhe aparecem em todo o seu esplendor.

980. O laço de simpatia que une os Espíritos da mesma ordem representa para eles uma fonte de felicidade?

"A união dos Espíritos que simpatizam ***com o bem*** representa para eles um dos maiores prazeres, porque não temem ver essa união perturbada pelo egoísmo. No mundo completamente espiritual, eles formam as famílias com o mesmo sentimento, e é nisso que consiste a felicidade espiritual, assim como na Terra vocês se ajuntam por categorias e sentem prazer quando estão reunidos. A afeição pura e sincera que eles sentem e da qual são o objeto significa uma fonte de exultação, pois aí não há falsos amigos nem hipócritas."

O homem prova na Terra das primícias dessa felicidade quando reencontra as almas com as quais pode se misturar numa união pura e santa. Em uma vida mais apurada, esse prazer será inefável e sem limites, porque aí ele só encontrará almas simpáticas ***que o egoísmo não terá tornado frias***, e porque tudo é amor na natureza: o egoísmo é que o mata.

981. Para a futura situação do Espírito, haverá uma diferença entre aquele que em vida temia a morte e aquele outro que a encarava com indiferença e

até mesmo com alegria?

"A diferença pode ser muito grande, entretanto ela frequentemente acaba diante das causas que determinam esse temor ou esse desejo. Tanto quem a tema quanto quem a deseje pode estar movido por sentimentos bem diferentes, e são esses sentimentos que influem na situação do Espírito. É evidente que, por exemplo, naquele que deseja a morte unicamente por que vê nela o fim de suas tribulações, isso representa uma espécie de murmúrio contra a Providência e contra as provas que deva suportar."

982. Será necessário professar o espiritismo e crer nas manifestações espirituais para assegurar nossa sorte na vida futura?

"Se fosse assim, todos os que não acreditam ou que não tiveram nem a oportunidade de se esclarecer estariam deserdados — o que seria um absurdo. Só o bem garante a sorte vindoura. Ora, o bem é sempre o bem, qualquer que seja o caminho que conduza a ele." (Ver as questões 165 a 799.)

A crença no espiritismo nos ajuda a melhorar a nós mesmos ao fixar as ideias sobre certos pontos do futuro; apressa o avanço dos indivíduos e das massas, porque permite que se dê conta do que nós seremos um dia; é um ponto de apoio, uma luz que nos guia. O espiritismo nos ensina a suportarmos as provas com paciência e resignação; ele afasta os atos que possam retardar a felicidade futura; é assim que ele contribui para essa felicidade, mas não diz que sem ele não se possa alcançá-la.

Sofrimentos temporários

983. Não é verdade que o Espírito que expia suas faltas numa nova existência tem sofrimentos materiais? Então, seria correto dizer que depois da morte só existe para a alma sofrimentos morais?

"É bem verdade que quando a alma está reencarnada as tribulações da vida são para ela um sofrimento; mas só o corpo sofre materialmente.

"Normalmente vocês dizem de alguém que está morto que ele não tem mais o que sofrer, mas isso nem sempre é verdade. Como Espírito ele não tem mais dores físicas, porém, de acordo com as faltas que tenha cometido, ele

pode estar sujeito a dores morais mais agudas e talvez ainda mais infeliz numa nova existência. O rico mau terá que pedir esmola e sofrerá todas as privações próprias da miséria; o orgulhoso, terá todas as humilhações; aquele que abusa de sua autoridade e trata os seus subordinados com desprezo e dureza se verá forçado a obedecer a um patrão mais duro do que ele foi. Todas as penas e tribulações da vida são expiações dos erros de outra existência, quando não são a consequência dos erros da vida atual. Vocês compreenderão bem isso logo que saírem daqui. (Ver questões 273, 393 e 399.)

"O homem que se considera feliz na Terra — porque pode satisfazer às suas paixões — é aquele que emprega menos esforços para se melhorar. Muitas vezes, ele expia já desde a vida atual essa felicidade efêmera, mas certamente expiará noutra existência tão material quanto aquela."

984. As dificuldades da vida são sempre a punição das faltas atuais?

"Já dissemos que não: são provas impostas por Deus, ou escolhidas por vocês mesmos na condição de Espíritos, antes de encarnarem para reparar as faltas cometidas em outra existência, isso porque jamais a infração das leis de Deus — e sobretudo da lei de justiça — fica impune; se não for punida nesta vida, será necessariamente em outra. Eis por que aquele que parece justo aos vossos olhos às vezes encontra-se atingido pelo próprio passado." (Ver a questão 393.)

985. A reencarnação da alma num mundo menos grosseiro é uma recompensa?

"É a consequência de sua depuração, pois na medida em que vão se depurando, os Espíritos passam a encarnar em mundos cada vez mais perfeitos, até que tenham se desprendido totalmente da matéria e estejam limpos de todas as suas impurezas, para aproveitarem eternamente a felicidade dos Espíritos puros no seio de Deus."

Nos mundos onde a existência é menos material do que neste, as necessidades são menos rudes e os sofrimentos físicos são menos agudos. Lá, os homens não conhecem mais as paixões más que nos mundos inferiores os fazem inimigos uns dos outros. Não tendo nenhum motivo de ódio ou de ciúme, eles vivem mutuamente em paz, porque praticam a lei de justiça, de amor e de caridade.

Não conhecem mais os problemas e preocupações que brotam da inveja, do orgulho e do egoísmo, e que causam o tormento da nossa existência terrestre (Ver as questões de 172 a 182.)

986. O Espírito que já progrediu em sua existência terrena pode reencarnar alguma vez no mesmo mundo?

"Sim, se não pôde completar sua missão e se ele mesmo puder pedir para concluí-la numa nova existência. Mas então, isso não será mais uma expiação para ele." (Ver a questão 173.)

987. O que acontece ao homem que, sem fazer o mal, também nada faz para libertar-se da influência da matéria?

"Como ele não dá nenhum passo rumo à perfeição, tem que recomeçar uma existência de natureza idêntica àquela que deixou; ele fica estacionário, podendo assim prolongar os sofrimentos da expiação."

988. Tem gente cuja vida flui numa calma perfeita e que, não precisando fazer nada por si mesmas, estão livres de preocupações. Essa existência ditosa é uma prova de que eles não têm nada a expiar de uma existência anterior?

"Você conhece muito bem essas pessoas? Se pensa que as conhece, você se engana; quase sempre a calma não é mais do que aparente. Talvez elas tenham escolhido tal existência, mas quando a deixarem eles perceberão que não lhes serviu para progredirem, e então, como os preguiçosos, eles lamentarão o tempo perdido. Saibam bem que o Espírito não pode adquirir conhecimentos e se elevar senão pela atividade; se ele adormece na indolência, ele não progride. Assemelha-se àquele que — segundo os costumes humanos — precisa trabalhar e que vai passear ou se deitar, com a intenção de não fazer nada. ***Fiquem sabendo também que cada um terá que prestar contas da inutilidade voluntária da sua existência; essa inutilidade é sempre fatal à felicidade futura***. A soma dessa felicidade futura corresponde à soma do bem que cada um tenha feito; a da infelicidade está na proporção do mal e dos infelizes a quem fizeram mal."

989. Tem pessoas que, sem serem realmente más, fazem todos os que as

cercam infelizes, por seu caráter: qual é a consequência disso para elas?

"Certamente essas pessoas não são boas, e expiarão tendo em vista aqueles a quem infelicitaram, e isso será para elas como uma reprovação. Depois, noutra existência, sofrerão aquilo que fizeram os outros sofrerem."

Expiação e arrependimento

990. O arrependimento ocorre no estado corporal ou no estado espiritual?

"No estado espiritual, mas também pode ocorrer no estado corporal quando se compreende bem a diferença entre o bem e o mal."

991. Qual é a consequência do arrependimento no estado espiritual?

"O desejo de uma nova encarnação para se purificar. O Espírito compreende as imperfeições que o privam de ser feliz e por isso almeja uma nova existência na qual possa reparar suas faltas." (Ver as questões 332 e 975.)

992. Que é a consequência do arrependimento no estado corporal?

"Avançar ***já desde a vida atual***, se tiver tempo de reparar suas faltas. Quando a consciência faz uma reprovação e mostra uma imperfeição, a pessoa sempre pode se melhorar."

993. Não há pessoas que só têm o instinto do mal e são inacessíveis ao arrependimento?

"Já dissemos que todo Espírito deve progredir sem cessar. Aquele que nesta vida só tem o instinto do mal terá o do bem noutra vida, ***e é para isso que ele renasce várias vezes***, pois é preciso que todos avancem e atinjam a meta — alguns num período mais curto e outros num tempo mais longo, conforme o próprio desejo deles. Aquele que só tem o instinto do bem já se purificou, pois pode ter tido o do mal em uma existência anterior." (Ver a questão 804.)

994. O homem perverso, que não reconheceu seus erros durante sua vida sempre os reconhece depois da morte?

"Sim, sempre os reconhece e então sofre mais, porque ***ele sente todo o***

mal que praticou ou do qual foi a causa voluntária. Contudo, o arrependimento nem sempre é imediato: há Espíritos que se obstinam no mau caminho apesar dos seus sofrimentos, porém cedo ou tarde eles reconhecerão a senda falsa na qual entraram — e o arrependimento virá. É para esse esclarecimento que os bons Espíritos trabalham, e para a qual vocês mesmos podem trabalhar."

995. Há Espíritos que, sem serem maus, sejam indiferentes ao seu destino?

"Há Espíritos que não se preocupam com nada de útil: eles ficam na expectativa, mas nesse caso eles sofrem proporcionalmente, e como deve haver progresso em tudo, esse progresso neles se manifesta pela dor."

995-a. — Eles não têm o desejo de abreviar seus sofrimentos?

"Sem dúvida que desejam, mas eles não têm energia o bastante para quererem o que poderia lhes aliviar. Não é que muitos entre vocês preferem morrer de miséria a trabalhar?"

996. Já que os Espíritos enxergam o mal que resulta para eles das suas imperfeições, como se explica que haja os que agravam sua situação e prolongam seu estado de inferioridade fazendo o mal como Espíritos, afastando os homens do bom caminho?

"Fazem assim aqueles cujo arrependimento é tardio. O Espírito que se arrepende pode depois se deixar arrastar de novo para o caminho do mal por outros Espíritos ainda mais atrasados." (Ver a questão 971.)

997. Vemos Espíritos de uma notória inferioridade acessíveis aos bons sentimentos e tocados pelas preces que fazemos por eles. Como é que outros Espíritos — que deveríamos considerar mais esclarecidos — demonstram um endurecimento e um cinismo tais que nada consegue vencer?

"A prece só tem efeito em favor do Espírito que se arrepende. Com relação aos que, possuídos pelo orgulho, se revoltam contra Deus e persistem nos seus delírios, exagerando-os ainda mais, como o fazem os Espíritos infelizes, sobre estes a oração nada pode fazer, nem poderá, a não ser no dia

em que um clarão de arrependimento se manifeste neles.” (Ver a questão 664.)

Não devemos perder de vista que o Espírito não se transforma subitamente após a morte do corpo. Se sua vida foi repreensível, é porque ele era imperfeito. Ora, a morte não o torna imediatamente perfeito; ele pode persistir nos seus erros, em suas falsas opiniões, em seus preconceitos, até que tenha sido esclarecido pelo estudo, pela reflexão e pelo sofrimento.

998. A expiação se realiza no estado corporal ou no estado espiritual?

“A expiação se realiza durante a existência corporal, mediante as provas às quais o Espírito é submetido, e na vida espiritual, pelos sofrimentos morais inerentes ao estado de inferioridade do Espírito.”

999. O arrependimento sincero durante a vida é suficiente para extinguir as faltas e fazer alguém encontrar graça diante de Deus?

“O arrependimento ajuda para a melhoria do Espírito, mas o passado deve ser expiado.”

999-a. — De acordo com isso, se um criminoso dissesse que, já que de qualquer forma ele tem que reparar seu passado, então ele não precisa se arrepender: o que isso resultaria para ele?

“Se ele se endurecer no pensamento do mal, sua expiação será mais longa e mais dolorosa.”

1000. Nós podemos já desde esta vida resgatar as nossas faltas?

“Sim, reparando os erros. Mas não pensem que os resgatarão através de algumas privações infantis ou fazendo doações depois da sua morte, quando não precisam de mais nada. Deus não dá valor a um arrependimento estéril, sempre fácil e que não custa além do esforço de bater no peito. A perda de um dedo mínimo enquanto presta um serviço apaga mais faltas do que o suplício da carne suportado a anos sem outro propósito além do ***individual***. (Ver a questão 726.)

“O mal nunca é reparado a não ser pelo bem, e a reparação não tem nenhum mérito se ela não atingir o homem ***no seu orgulho e nos seus interesses materiais***.

“De que lhe serve, para sua justificação, restituir após a morte os bens

mal adquiridos, já que ele os tornou inúteis e tirou todo o proveito deles?

"De que lhe serve a privação de alguns gozos fúteis e de algumas coisas supérfluas, se o dano que ele causou a alguém permanece o mesmo?

"De que lhe serve, enfim, humilhar-se diante de Deus, se ele conserva o seu orgulho perante os homens?" (Ver as questões 720 e 721.)

1001. Não haveria nenhum mérito em assegurarmos, para depois de nossa morte, uma destinação útil aos bens que possuímos?

"Nenhum mérito não é o caso; isso sempre vale mais do que nada. Mas o mal é que aquele não doa nada senão depois da sua morte quase sempre é mais egoísta do que generoso: ele quer ter a honra do bem sem fazer sacrifício. Aquele que se priva na vida tem duplo proveito: o mérito do sacrifício e o prazer de ver a quem ele fez feliz. Mas lá está o egoísmo a lhe dizer: O que você dá é o que você tira dos seus gozos. E, como o egoísmo fala mais alto do que o desinteresse e a caridade, ele guarda o que possui sob o pretexto das necessidades pessoais e das exigências da sua posição! Ah! Tenham pena daquele que não conhece o prazer de compartilhar; este está verdadeiramente deserdado de uma das mais puras e mais suaves alegrias. Deus, ao submetê-lo à prova da riqueza — tão escorregadia e perigosa para o seu futuro —, quis lhe conceder como compensação a felicidade da generosidade de que ele pode saborear já neste mundo." (Ver a questão 814.)

1002. O que deve fazer aquele que, à beira da morte, reconhece suas faltas, mas já não tem tempo para repará-las? Nesse caso, basta se arrepender?

"O arrependimento apressa a sua reabilitação, mas não o absolve. Ele não tem diante de si o futuro que jamais fica fechado para ele?"

Duração das penas futuras

1003. A duração dos sofrimentos do culpado na vida futura é arbitrária ou está sujeita a uma lei qualquer?

"Deus nunca age por capricho, e tudo no Universo é regido por leis nas quais se revelam a sua sabedoria e a sua bondade."

1004. No que está baseada a duração dos sofrimentos do culpado?

"No tempo necessário para sua melhoria. Sendo o estado de sofrimento ou de felicidade proporcional ao grau de purificação do Espírito, a duração e a natureza dos seus sofrimentos dependem do tempo que ele gaste para se melhorar. À medida que ele progride e que seus sentimentos se depuram, seus sofrimentos diminuem e mudam de natureza."

SÃO LUÍS

1005. Para o Espírito sofredor, o tempo parece mais longo ou menos longo do que quando ele estava vivo?

"Parece um pouco mais longo: o sono não existe para ele. Só para os Espíritos que já chegaram a um determinado grau de purificação é que o tempo — por assim dizer — se apaga diante do infinito." (Ver a questão 240.)

1006. A duração dos sofrimentos do Espírito pode ser eterna?

"Poderia, sem dúvida, se o Espírito fosse eternamente mau, quer dizer, se ele jamais se arrependesse nem se melhorasse, então sofreria infinitamente. Mas Deus não criou os seres para que eles ficassem destinados ao mal perpetuamente. Ele os criou simples e ignorantes, e todos devem progredir em um tempo mais ou menos longo conforme a vontade de cada um. A vontade pode ser mais ou menos tardia, como há crianças mais ou menos precoces, porém cedo ou tarde essa vontade vem, pela irresistível necessidade que o Espírito sente de sair da sua inferioridade e de se tornar feliz. A lei que rege a duração das penas é então eminentemente sábia e benevolente, pois condiciona essa duração aos esforços do Espírito; ela jamais tira o seu livre-arbítrio: se o Espírito fizer mau uso disso, ele sofrerá as consequências."

SÃO LUÍS

1007. Há Espíritos que nunca se arrependem?

"Existem aqueles cujo arrependimento é muito tardio, mas supor que eles jamais se melhorarão seria negar a lei do progresso e dizer que a criança não pode se tornar um adulto."

SÃO LUÍS

1008. A duração das penas depende sempre da vontade do Espírito? Não haveria algumas que lhe fossem impostas por um tempo determinado?

"Sim, as penas podem ser impostas ao Espírito por um determinado tempo, mas Deus — que só quer o bem de suas criaturas — acolhe sempre o arrependimento, e o desejo de se melhorar nunca é estéril."

SÃO LUÍS

1009. De acordo com isso, as penas impostas jamais seriam pela eternidade?

"Interroguem o vosso bom senso e a vossa razão, e perguntem a si mesmos: uma condenação perpétua por causa de alguns momentos de erro não seria a negação da bondade de Deus? De fato, o que é a duração da vida, mesmo uma de cem anos, em comparação com a eternidade? Eternidade! Vocês compreendem bem essa palavra? Sofrimentos, torturas infinitas, sem esperança, por causa de algumas faltas! A consciência de vocês não repulsa uma ideia dessa? Que os antigos tenham visto no senhor do universo um Deus terrível, ciumento e vingativo, isso é concebível: na sua ignorância eles atribuíam à divindade as paixões dos homens. Porém, esse não é o Deus dos cristãos, que coloca na classe das virtudes primordiais o amor, a caridade, a misericórdia e o esquecimento das ofensas: poderia faltar nele próprio as qualidades das quais ele fez um dever? Não haveria contradição em lhe atribuir a bondade infinita e também a vingança infinita? Vocês dizem que antes de tudo ele é justo e que o homem não compreende sua justiça, mas a justiça não exclui a bondade, e ele não seria bom se condenasse aos mais horríveis e perpétuos sofrimentos a maior parte de suas criaturas. Poderia ele fazer da justiça uma obrigação para os seus filhos se não lhes tivesse dado os meios de compreendê-la? Aliás, a sublimidade da justiça, unida à bondade, não está em fazer com que a duração dos sofrimentos dependa dos esforços que o culpado faça para se melhorar? Eis a verdade destas palavras: A cada um segundo suas obras."

SANTO AGOSTINHO

"Esforcem-se, por todos os meios que puderem, em combater e destruir a ideia das penas eternas — um pensamento blasfemo contra a justiça e a bondade de Deus, e a fonte mais fecunda da incredulidade, do materialismo e

da indiferença que tem invadido as multidões desde que a sua inteligência começou a se desenvolver. O Espírito — prestes a se esclarecer, ou ainda mesmo grosseiro — logo compreendeu a monstruosa injustiça; sua razão a rejeita e então ele raramente deixa de confundir na mesma rejeição a pena que o revolta e o Deus a quem ele atribui essa lei. Daí os males inumeráveis que vieram fundar sobre vocês e para os quais nós viemos trazer o remédio. A tarefa que nós vos assinalamos será tão mais fácil que todas as autoridades sobre as quais se apoiam os defensores dessa crença têm evitado se pronunciar formalmente. Nem os concílios, nem os Pais da Igreja resolveram essa questão. Mesmo de acordo com os próprios evangelistas, e tomando ao pé da letra as palavras simbólicas do Cristo, se ele ameaçou os culpados com um fogo que não se apaga, com um fogo eterno, não há absolutamente nada nessas palavras que prove que ele os tenha condenado ***eternamente***.

"Pobres ovelhas desgarradas, saibam deixar vir até vocês o bom Pastor que, longe de querer vos banir para sempre da sua presença, vem pessoalmente ao encontro de vocês para reconduzi-los ao rebanho. Filhos pródigos, deixem o vosso exílio voluntário; voltem seus passos à morada paternal: o pai lhes estende os braços e se mostra sempre pronto a festejar vosso retorno à família."

LAMENNAIS

"Guerras de palavras! Guerras de palavras! Já não fizeram derramar sangue o suficiente? Será preciso ainda reacender as fogueiras? Discute-se sobre as palavras: eternidade das penas, eternidade dos castigos; vocês não devem saber que o que entendem hoje por ***eternidade*** os antigos não entendiam como vocês? Que o teólogo consulte as fontes e, assim como vocês todos, ele descobrirá que o texto hebreu não dava o mesmo significado às palavras que os gregos, os latinos e os modernos traduziram como ***penas sem fim*** e ***irremissíveis***. Eternidade dos castigos corresponde à eternidade do mal. Sim, enquanto o mal existir entre os homens, os sofrimentos subsistirão; é no sentido relativo que devemos interpretar os textos sagrados. Portanto, a eternidade das condenações é apenas relativa, e não absoluta. Quando chegar o dia em que todos os homens se revestirem — pelo arrependimento — da

túnica da inocência, não haverá mais gemidos nem ranger de dentes. A razão humana é limitada, é bem verdade, mas tal como ela é, já consiste num presente de Deus, e com essa ajuda da razão, não existe uma única pessoa de boa-fé que compreenda de outra maneira a eternidade dos castigos! Eternidade dos castigos! O quê? Seria preciso então admitir que o mal fosse eterno! Somente Deus é eterno, e ele não poderia ter criado o mal eterno, sem o que seria preciso lhe arrancar o mais magnífico dos seus atributos: o poder soberano, porque não seria soberanamente poderoso aquele que pudesse criar um elemento destruidor de suas obras. Humanidade, humanidade! Não mergulhe mais teu olhar sombrio nas profundezas da Terra para procurar lá castigos. Chore, espere, expie e busque refúgio no pensamento de um Deus infinitamente amoroso, absolutamente poderoso e essencialmente justo."

PLATÃO

"Gravitar para a unidade divina: esta é a meta da humanidade. Para alcançá-la, três coisas são necessárias: justiça, amor e ciência; três coisas são opostas e contrárias a isso: ignorância, ódio e injustiça. Pois bem! Eu vos digo, em verdade, que vocês falseiam esses princípios fundamentais comprometendo a ideia de Deus pelo exagero de sua severidade; vocês a comprometem duplamente ao deixar penetrar no Espírito da criatura a ideia de que ela mesma possui mais clemência, mansuetude, amor e verdadeira justiça do que não as atribuem ao ser infinito. Vocês destroem até mesmo a ideia de inferno ao torná-lo ridículo e inadmissível às crenças humanas, como é para o vosso coração o horrendo espetáculo das execuções, das fogueiras e das torturas da Idade Média! Mas o quê? Será que agora, quando a era das represálias cegas foi banida pela legislação humana, é que esperam mantê-la no ideal? Ah, acreditem, acreditem em mim, irmãos em Deus e em Jesus Cristo, acreditem em mim ou se resignem a deixar perecer em vossas mãos todos os dogmas em vez de modificá-los, ou então vivifiquem, abrindo-os aos eflúvios benéficos que os Bons derramam neles neste momento. A ideia de inferno, com suas fornalhas ardentes, com suas caldeiras fervilhantes, poderia ser tolerada, quer dizer, perdoável num século de ferro; mas em pleno século dezenove, isso não é mais do que um fantasma, quando muito para

amedrontar criancinhas, e no qual elas mesmas não acreditam mais depois que crescem. Ao persistir nessa mitologia assustadora, vocês incentivam a incredulidade — a mãe de toda desorganização social. Pois eu tremo ao ver toda uma ordem social abalada e ruindo sobre suas bases por falta de sanção penal. Homens de fé ardente e vívida, vanguardeiros do dia da luz, mãos à obra! Não para manter fábulas velhas e desde então sem crédito, mas para reavivar, revivificar a verdadeira sanção penal, sob as formas de acordo com os costumes, os sentimentos e as luzes da vossa época.

"Quem é, de fato, o culpado? É aquele que, por um desvio, por um falso movimento da alma, se afasta do objetivo da criação — que consiste no culto harmonioso do belo, do bem, idealizados pelo exemplo humano, pelo Homem-Deus, por Jesus Cristo.

"O que é o castigo? A consequência natural, derivada desse falso movimento; uma soma de dores necessárias para fazê-lo desgostar da sua deformidade, pela experimentação do seu sofrimento. O castigo é o aguilhão que excita a alma, pela amargura, a se curvar sobre si mesma e retornar ao terreno da salvação. O objetivo do castigo não é outro que a reabilitação, a redenção. Querer que o castigo seja eterno, por uma falta que não é eterna, é negar toda a sua razão de ser.

"Ah, eu lhes digo em verdade: parem! parem de colocar, na sua eternidade, o bem — a essência do Criador — em paralelo com o mal — a essência da criatura; isso seria criar uma penalidade injustificável. Ao contrário, afirmem a amortização gradual dos castigos e das penalidades através das transmigrações, e com a razão unida ao sentimento, vocês consagrarão a unidade divina."

PAULO, APÓSTOLO

Querem estimular o homem ao bem e desviá-lo do mal pela isca das recompensas e pelo pavor dos castigos, mas se esses castigos são apresentados de maneira que a razão se recuse a acreditar neles, então eles não terão nenhuma influência. Longe disso, tudo será rejeitado: a forma e a essência. Que, ao contrário, o futuro seja apresentado de uma maneira lógica e então ele não será mais rejeitado. O espiritismo lhe dá essa explicação.

A doutrina da eternidade das penas no sentido absoluto faz do ser supremo

um Deus implacável. Seria lógico dizer de um soberano que ele é muito bom, muito benevolente e indulgente, que ele deseja apenas a felicidade daqueles que o cercam, mas ao mesmo tempo dizer que ele é ciumento, vingativo, inflexível em seu rigor, e que pune com extremo castigo três quartas partes dos seus súditos por uma ofensa ou uma infração às suas leis, mesmo aqueles que erraram por não ter conhecimento dessas leis? Isso não seria uma contradição? Ora, Deus poderia ser menos bondoso do que um homem poderia ser?

Outra contradição se apresenta aqui: já que Deus sabe tudo, ele também sabia que ao criar uma alma ela fracassaria; portanto, desde sua formação ela ficaria destinada à desgraça eterna: isso é plausível e racional? Com a doutrina das penas relativas, tudo se justifica: Deus sabia, sem dúvida, que a alma falharia, mas lhe dá os meios para se iluminar por sua própria experiência, mediante suas próprias faltas; é necessário que ela expie seus erros para melhor se fortalecer no bem, mas a porta da esperança não lhe é fechada para sempre, e Deus faz depender o momento da sua libertação dos esforços que ela faça para chegar lá. Isso é o que todos podem compreender e que a lógica mais meticulosa pode admitir. Se as penas futuras tivessem sido apresentadas sob esse ponto de vista, haveria bem menos céticos.

A palavra ***eterno*** é normalmente empregada na língua popular como uma figura de linguagem, para designar uma coisa de longa duração e da qual não se prevê o fim — embora se saiba muito bem que esse fim existe. Dizemos, por exemplo, os gelos eternos das altas montanhas, dos polos, embora de um lado saibamos que o mundo físico pode ter um fim, e de outro, que o estado dessas regiões pode mudar por causa do deslocamento normal do eixo da Terra ou por um cataclismo. Nesse caso, a palavra eterno não quer dizer então perpétuo, até o infinito. Quando sofremos com uma longa doença, dizemos que nosso mal é eterno. Logo, o que há de estranho que esses Espíritos que sofrem há anos, séculos e até mesmo há milhares de anos, também digam dessa mesma forma? Não esqueçamos sobretudo que, como sua inferioridade não lhes permite ver a extremidade do trajeto, eles acreditam sofrer para sempre, e isso para eles é uma punição.

Quanto ao mais, a doutrina do fogo, das fornalhas e torturas, emprestadas do Tártaro[63] do paganismo, hoje está completamente abandonada pela alta teologia, e só nas escolas é que esses pavorosos quadros alegóricos ainda são apresentados

[63] Tártaro: segundo a mitologia grega, o lugar mais profundo do submundo de Hades (espécie de inferno), onde são aprisionados os deuses inferiores dentre os maiores pecadores. – N. T.

como verdades concretas por alguns homens mais zelosos do que esclarecidos, e isso é um grave erro, porque as jovens imaginações — libertando-se de seus terrores — poderão aumentar o número de incrédulos. A teologia reconhece hoje que a palavra ***fogo*** é usada no sentido figurado e deve ser entendida como um fogo moral. (Veja a questão 974.) Aqueles que, como nós, acompanharam através das comunicações espíritas as peripécias da vida e os sofrimentos do além-túmulo puderam então se convencer de que, por não ter nada de material, elas não são menos pungentes. Com relação até a sua duração, certos teólogos começam a admiti-las no sentido restrito indicado acima e pensam que, de fato, a palavra ***eterno*** pode se referir aos castigos em si mesmos, como consequência de uma lei imutável, e não à sua aplicação para cada indivíduo. No dia em que a religião admitir essa interpretação, assim como outras tantas que são igualmente a consequência do progresso das luzes, ela reunirá bem mais ovelhas desgarradas.

Ressurreição da carne

1010. O dogma da ressurreição da carne é a consagração do dogma da reencarnação ensinada pelos Espíritos?

"Como querem que seja de outro modo? Esse dogma se confirma com estas palavras assim como com tantas outras que só parecem irrazoáveis aos olhos de algumas pessoas porque as tomam ao pé da letra, e por isso elas conduzem à incredulidade. Todavia, ofereçam uma interpretação lógica e aqueles a quem chamam livres pensadores lhes admitirão sem dificuldades, precisamente porque eles refletem. Portanto, não se enganem, esses livres pensadores não pedem nada mais do que acreditar. Eles têm sede de futuro, como os outros, ou talvez mais, porém não podem admitir o que é contestado pela ciência. A doutrina da pluralidade das existências está de acordo com a justiça de Deus; só ela pode explicar o que sem ela é inexplicável. Como pretendem vocês que esse princípio não estivesse na própria religião?"

1011.[64] Assim sendo, pelo dogma da ressurreição da carne, a própria Igreja

[64] Na obra original, esta questão não está numerada, mas colocada numa disposição que sugere ser uma pergunta complementar à da questão 1010, o que corresponderia ao item 1010-a,

ensina a doutrina da reencarnação?

"Isso é evidente. Aliás, essa doutrina decorre de muitas coisas que têm passado despercebidas e que não tardarão para serem compreendidas nesse sentido: em breve se reconhecerá que o espiritismo ressalta a cada passo do próprio texto das Escrituras sagradas. Portanto, os Espíritos não vêm subverter a religião — como alguns falam; eles vêm, ao contrário, confirmá-la e sancioná-la através de provas irrecusáveis. Porém, como chegou a hora de não mais empregarmos a linguagem figurada, eles se exprimem sem alegorias e dão às coisas um sentido claro e preciso que não possa estar sujeito a qualquer interpretação falsa. Eis por que, em pouco tempo, vocês terão mais pessoas sinceramente religiosas e crentes do que as que têm hoje."

SÃO LUÍS

A ciência demonstra efetivamente a impossibilidade da ressurreição conforme a ideia vulgar. Se os restos do corpo humano se conservassem homogêneos — estivessem eles dispersos e reduzidos a pó —, ainda se conceberia sua reunião em um determinado momento; mas as coisas não se passam assim. O corpo é formado de elementos diversos: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono etc. Pela decomposição, esses elementos se dispersam, mas para servir à formação de novos corpos, de tal sorte que uma mesma molécula — de carbono, por exemplo — terá entrado na composição de vários milhares de corpos diferentes (falamos unicamente dos corpos humanos, sem contar todos os corpos dos animais); que um determinado indivíduo talvez tenha em seu corpo moléculas que já pertenceram a homens dos tempos primitivos; que essas mesmas moléculas orgânicas que vocês absorvem nos alimentos possivelmente provêm do corpo de tal outro indivíduo que vocês conhecessem, e assim por diante. Sendo a matéria em quantidade definida e suas transformações também incontáveis, como poderia cada um desses corpos se reconstituir com os mesmos elementos? Existe aí uma impossibilidade material. Racionalmente, não se pode então admitir a ressurreição da carne senão como uma figura simbólica do fenômeno da reencarnação, e então não há mais nada que choque a razão, nada que esteja em contradição com os dados da ciência.

É verdade que, segundo o dogma, essa ressurreição não se dará antes do fim

---

conforme o padrão que adotamos nesta tradução. No entanto, a questão seguinte pulou para o número 1012; por conta disso, enumeramos esta pergunta como sendo a questão 1011. — N. T.

dos tempos, ao passo que segundo a doutrina espírita ela ocorre todos os dias. Mas não há ainda nesse quadro do julgamento final uma grande e bela imagem a esconder sob o véu da alegoria uma dessas verdades imutáveis que não encontram mais céticos desde que ela seja reapresentada com a sua verdadeira significação? Que todos queiram meditar bem sobre a teoria espírita quanto ao futuro das almas e quanto ao destino seguinte às diferentes provas que elas devam cumprir, e então todos verão que, exceção feita à simultaneidade, o julgamento que as condena ou as absolve não é uma ficção — como pensam os incrédulos. Notemos ainda mais que essa teoria é a consequência natural da pluralidade dos mundos, hoje perfeitamente admitida, enquanto segundo a doutrina do juízo final a Terra é considerada o único mundo habitado.

Paraíso, inferno e purgatório

1012. Existe um lugar circunscrito no Universo reservado às penas e recompensas dos Espíritos, conforme seus méritos?

"Já respondemos a esta pergunta. As penas e as recompensas são inerentes ao grau de perfeição dos Espíritos: cada qual tira de si mesmo o princípio de sua própria felicidade ou infelicidade. E como eles estão por toda parte, não há nenhum lugar circunscrito ou fechado que esteja reservado a uns ou a outros. Quanto aos Espíritos encarnados, esses são mais ou menos felizes ou desgraçados conforme o mundo onde eles habitam seja mais ou menos avançado."

1012-a. — De acordo com o que foi dito, o inferno e o paraíso não existiriam, tais como o homem os representa?

"Não são mais do que alegorias: por toda parte há Espíritos felizes e infelizes. Entretanto, como também já dissemos, os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia; mas eles podem se reunir onde bem queiram — quando se trata de Espíritos perfeitos."

A localização absoluta dos recintos para as penas e recompensas só existe na imaginação do homem; ela provém da sua tendência a ***materializar*** e a ***circunscrever*** as coisas cuja essência infinita ele não pode compreender.

1013. O que se deve entender por ***purgatório***?

"Dores físicas e morais: é o tempo da expiação. É quase sempre na Terra que vocês fazem o vosso purgatório e que Deus vos obriga a expiar as faltas de vocês."

O que o homem chama ***purgatório*** é igualmente uma alegoria pela qual devemos entender, não um lugar determinado, mas o estado dos Espíritos imperfeitos que estão em expiação até a purificação completa, que deve elevá-los à classe dos Espíritos bem-aventurados. Como essa purificação se opera em diversas encarnações, o purgatório consiste nas provas da vida corporal.

1014. Como é que alguns Espíritos — cuja linguagem revela a superioridade deles — tenham respondido a pessoas muito sérias, a respeito do inferno e do purgatório, segundo as ideias que vulgarmente se faz desses lugares?

"Eles falam uma linguagem compreendida pelas pessoas que os interrogam. Quando essas pessoas se mostram imbuídas de certas ideias, eles evitam chocá-las muito bruscamente a fim de não ferir suas convicções. Se um Espírito, sem precauções oratórias, dissesse a um muçulmano que Maomé não teria sido um profeta, ele seria muito mal recebido."

1014-a. — Compreendemos que assim possa ser da parte dos Espíritos que querem nos instruir. Porém, como se explica que os Espíritos interrogados sobre sua situação tenham respondido que eles sofriam as torturas do inferno ou do purgatório?

"Enquanto inferiores e não completamente desmaterializados, eles conservam uma parte de suas ideias terrenas e dão suas impressões pelos termos que lhes são familiares. Eles se encontram num ambiente que mal lhes permite sondar o futuro — o que é a causa de muitos Espíritos errantes, ou recém-desencarnados, falarem como se fossem encarnados. ***Inferno*** pode ser traduzido como uma vida de provações extremamente dolorosa, com a ***incerteza*** de haver outra melhor; ***purgatório***, traduz-se como uma vida também de provações, mas com a consciência de um futuro melhor. Quando você experimenta uma grande dor, você não costuma dizer que sofre como um condenado? Tudo isso são apenas palavras, e sempre ditas num sentido figurado."

1015. O que devemos entender por uma alma em pena[65]?

"Uma alma errante e sofredora, incerta de seu futuro e à qual vocês podem proporcionar um alívio, que muitas vezes ela solicita ao virem se comunicar convosco." (Ver a questão 664.)

1016. Em que sentido devemos entender a palavra ***céu***?

"Você acredita que seja um lugar, como os Campos Elísios[66] dos antigos, onde todos os bons Espíritos estão amontoados desordenadamente, sem outra preocupação além da de gozar de uma felicidade passiva durante a toda a eternidade? Não; o céu é o espaço universal: são os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores onde os Espíritos desfrutam plenamente de suas faculdades, sem as tribulações da vida material, nem as angústias inerentes à inferioridade."

1017. Alguns Espíritos têm dito que habitam o quarto céu, ou o quinto céu etc. O que eles queriam dizer com isso?

"Vocês lhes perguntam em qual céu eles habitam, porque vocês têm a ideia de vários céus dispostos como os andares de uma casa; então eles vos respondem de acordo com a vossa linguagem. Mas, para eles, estas palavras — quarto céu, quinto céu... — exprimem diferentes estágios de purificação, e por conseguinte, de felicidade. É exatamente como quando se pergunta a um Espírito se ele está no inferno: se ele estiver infeliz, dirá sim, porque para ele ***inferno*** é sinônimo de sofrimento. Mas ele sabe muito bem que não é uma fornalha. Um pagão diria que ele estaria no ***Tártaro***."

O mesmo acontece com muitas outras expressões análogas, tais como: cidade das flores, cidade dos eleitos, primeira, segunda ou terceira esfera etc., que não passam de alegorias usadas por certos Espíritos — seja como símbolos, seja

---

[65] A ideia de *alma penada* (*alma em pena*, ou a *alma a penar*) faz parte do folclore popular como sendo um tipo de fantasma que vem assombrar e atormentar as pessoas justamente porque essa mesma alma está em sofrimento, às vezes desorientada por não ter encontrado a luz da sua salvação. Por sua vez, o Espiritismo redefine a situação dessa alma errante conforme as respostas contidas nesta obra. — N. T.

[66] Na mitologia grega, os Campos Elísios formam o paraíso onde, após a morte, repousam ao lado dos deuses as almas dos homens virtuosos (heróis, sacerdotes, poetas...). — N. T.

algumas vezes por ignorância da realidade das coisas e até mesmo das mais simples noções científicas.

Segundo a ideia restrita que se fazia antigamente dos lugares de sofrimentos e de recompensas — e principalmente na opinião de que a Terra era o centro do Universo, de que o céu formava uma abóbada e que havia uma região de estrelas — colocava-se ***o céu em cima e o inferno embaixo***. Daí as expressões: subir ao céu, estar no mais alto dos céus, estar precipitado nos infernos. Hoje, que a ciência demonstrou que a Terra não passa de um dos menores planetas entre milhões de outros, sem importância especial; que a ciência traçou a história da formação da terra e descreveu sua constituição e provou que o espaço é infinito, que não há nem alto nem baixo no Universo, então se faz necessário renunciar à ideia de situar o céu acima das nuvens e o inferno nos lugares baixos. Quanto ao purgatório, nenhum lugar foi designado para ele. Sobre todas essas coisas, estava reservado ao espiritismo dar a explicação mais racional, a mais grandiosa e ao mesmo tempo a mais consoladora para a humanidade. Assim, podemos dizer que trazemos em nós mesmos o nosso inferno e nosso paraíso. Quanto ao purgatório, nós o encontramos em nossa encarnação, em nossas vidas corporais ou físicas.

1018. Em que sentido devemos entender estas palavras do Cristo: Meu reino não é deste mundo?

"Respondendo assim, o Cristo falava num sentido figurado, querendo dizer que ele não reina senão sobre os corações puros e desinteressados. Ele está onde quer que o amor do bem domine. Mas os homens ávidos pelas coisas deste mundo e apegados aos bens da Terra não estão com ele."

1019. O reinado do bem algum dia poderá ser implantado na Terra?

"O bem reinará sobre a Terra quando, entre os Espíritos que vierem habitá-la, os bons predominarem sobre os maus; então eles farão reinar aqui o amor e a justiça — que são a fonte do bem e da felicidade. É pelo progresso moral e pela prática das leis de Deus que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e que dela afastará os maus; entretanto, os maus só a deixarão quando o homem tiver banido daqui o orgulho e o egoísmo.

"A transformação da humanidade foi predita e vocês estão alcançando esse momento que é acelerado por todos os homens que ajudam o progresso.

Essa transformação se cumprirá pela encarnação de Espíritos melhores que constituirão sobre a Terra uma nova geração. Então os Espíritos dos maus, que a morte ceifa a cada dia, e todos aqueles que tentam deter a marcha das coisas serão excluídos da Terra, porque ficariam deslocados entre os homens de bem dos quais eles perturbariam a felicidade. Eles irão para mundos novos, menos avançados, desempenhar missões ***penosas*** em que poderão trabalhar para o seu próprio adiantamento, ao mesmo tempo em que trabalharão para o avanço de seus irmãos ainda mais atrasados. Nessa exclusão da Terra transformada, vocês não percebem a sublime alegoria do ***Paraíso perdido***? E na vinda do homem à Terra em semelhantes condições e trazendo em si mesmo a semente de suas paixões e os traços de sua inferioridade primitiva, vocês não veem a alegoria não menos sublime do ***pecado original***? Considerado sob esse ponto de vista, o pecado original se refere à natureza ainda imperfeita do homem, que assim é responsável por ele próprio e por suas próprias faltas, e não pelas faltas de seus pais.

Todos vocês, homens de fé e de boa vontade, trabalhem então com zelo e coragem na grande obra da regeneração, pois vocês recolherão cem vezes mais o grão que tiverem semeado. Infelizes aqueles que fecham os olhos à luz, pois eles preparam para si longos séculos de trevas e decepções; infelizes os que colocam todas as suas alegrias nos bens deste mundo, pois eles sofrerão mais privações do que os prazeres de que já tiverem desfrutado; infelizes são principalmente os egoístas, porque não encontrarão ninguém para ajudá-los a carregar o fardo de suas misérias."

SÃO LUÍS

CONCLUSÃO

I

Aquele que conhecesse do magnetismo terrestre somente o jogo dos patinhos imantados, que se movimentam na água de uma bacia, dificilmente poderia compreender que esse brinquedo contém o segredo do mecanismo do Universo e dos movimentos dos planetas. O mesmo acontece com quem só conhece do espiritismo o movimento das mesas; ele vê apenas um divertimento, um passatempo da sociedade, e não compreende que esse fenômeno tão simples e tão comum, conhecido da Antiguidade e até mesmo dos povos semisselvagens, possa ter alguma ligação com as questões mais sérias para a ordem social. De fato, para o observador superficial, que relação uma mesa que se move pode ter com a moral e com o futuro da humanidade? Mas qualquer um que refletir há de se lembrar que da simples panela que ferve e cuja tampa se ergue — panela essa que ferve desde toda a Antiguidade — saiu o possante motor com o qual o homem transpõe o espaço e supera as distâncias. Pois bem! Vocês, que não creem em nada fora do mundo material, saibam então que dessa mesa que se move e provoca vossos risos gozadores saiu toda uma ciência assim como a solução dos problemas que nenhuma outra filosofia ainda não pôde resolver. Apelo a todos os adversários de boa-fé e lhes adjuro a confessarem se vocês se deram ao trabalho de estudar o que criticam, pois em boa lógica a crítica não tem valor senão quando aquele que critica conhece aquilo de que fala. Zombar de uma coisa que não se conhece, sobre o que não se pesquisou com o critério do observador conscienciosо, isso não é criticar, é dar prova de leviandade e fazer uma pobre ideia de seu próprio julgamento. Seguramente, se tivéssemos apresentado essa filosofia

como sendo a obra de um cérebro humano, ela teria encontrado menos desprezo e receberia as honras do exame daqueles que pretendem dirigir a opinião pública; mas ela vem dos Espíritos; que absurdo! É com muito custo se lhe dispensam um de seus olhares; julgam-na apenas pelo título, como o macaco da fábula julgou a noz pela casca. Ignorem sua origem, como queiram: suponham que este ***livro*** seja obra de um homem e digam de vossa alma e consciência, após tê-la lido ***seriamente***, se vocês encontram nele motivo para zombaria.

II

O espiritismo é o antagonista mais terrível do materialismo, então não é de se admirar que ele tenha os materialistas como adversários. Mas como o materialismo é uma doutrina que poucos se atrevem a confessar (prova de que aqueles que a professam não estão bem seguros de suas convicções e que são dominados por sua consciência) eles se cobrem com o manto da razão e da ciência, e — que coisa bizarra! — os mais céticos falam até mesmo em nome da religião, que também não conhecem e não compreendem melhor do que o espiritismo. Seu alvo de ataque se concentra principalmente no ***maravilhoso*** e no ***sobrenatural***, que eles não admitem: de acordo com eles, o espiritismo, sendo fundado no maravilhoso, não passa de uma suposição ridícula. Não pensam que, ao fazer o julgamento do maravilhoso e do sobrenatural sem restrições, eles também julgam a religião. De fato, a religião se fundamenta na revelação e nos milagres; ora, o que é a revelação senão comunicações extra-humanas? Desde Moisés, todos os autores sagrados têm falado nesses tipos de comunicações. O que são os milagres senão fatos maravilhosos e sobrenaturais por excelência, uma vez que, no sentido litúrgico, eles são derrogações das leis da natureza? Portanto, ao rejeitarem o maravilhoso e o sobrenatural, eles rejeitam as próprias bases de toda religião. Mas não é sob esse ponto de vista que devemos encarar a questão: o espiritismo não tem que examinar se existem ou não milagres, isto é, se em certos casos Deus pôde derrogar as leis eternas que regem o Universo; o

espiritismo dá toda a liberdade de crença em relação a isso; ele diz e prova que os fenômenos sobre os quais ele se apoia nada têm de sobrenatural, a não ser a aparência. Esses fenômenos não parecem naturais aos olhos de certas pessoas porque são incomuns e estão fora dos fatos conhecidos; mas não são mais sobrenaturais do que todos os fenômenos dos quais a ciência atualmente nos dá a solução e que pareciam maravilhosos numa outra época. Todos os fenômenos espíritas — ***sem exceção*** — são a consequência das leis gerais: esses fenômenos nos revelam uma das potências da natureza — potência desconhecida, ou melhor, incompreendida até os nossos dias, mas que a observação demonstra estarem na ordem das coisas. Logo, o espiritismo se fundamenta menos no maravilhoso e no sobrenatural do que a própria religião; aqueles que o atacam nesse quesito é porque então não o conhecem, e ainda que fossem os homens mais sábios, nós lhes diríamos: se a vossa ciência, que vos ensinou tanta coisa, não ensinou que o domínio da natureza é infinito, então vós não sois mais do que meio sábios.

III

Conforme dizem, vocês desejam curar o vosso século de uma mania que ameaça invadir o mundo. Então gostariam mais que o mundo fosse invadido pela incredulidade que vocês procuram propagar? Não é por causa da ausência de toda crença que se deve atribuir o relaxamento dos laços de família e a maior parte das desordens que minam a sociedade? Ao demonstrar a existência e a imortalidade da alma, o espiritismo reanima a fé no futuro, reergue as coragens abatidas, faz suportar com resignação as dificuldades da vida. Vocês ousariam chamar isso um mal? Duas doutrinas se apresentam: uma que nega o futuro e a outra que proclama e prova o futuro; uma que nada explica e a outra que explica tudo e por isso mesmo se dirige à razão; uma é a sanção do egoísmo e a outra dá uma base à justiça, à caridade e ao amor de seus semelhantes; a primeira mostra apenas o presente e aniquila toda a esperança, enquanto a segunda consola e mostra o vasto campo do futuro. Qual delas é a mais perniciosa?

Certas pessoas — e dentre as mais descrentes — proclama-se apóstolos da fraternidade e do progresso; mas a fraternidade pressupõe o desinteresse e a renúncia da personalidade. Com a verdadeira fraternidade, o orgulho é uma anomalia. Com que direito vocês impõe um sacrifício àquele a quem vocês falam que quando ele estiver morto tudo estará acabado para ele, e que amanhã talvez ele não seja nada mais do que uma velha máquina desmantelada e jogada fora? Que razão ele teria para impor a si mesmo uma privação qualquer? Não é mais natural que, durante os breves instantes que vocês lhe concedem, ele procure viver o melhor possível? Daí vem o desejo de possuir bastante para melhor desfrutar; desse desejo nasce a inveja contra os que possuem mais que ele, e dessa inveja até a vontade de tomar o que eles têm, não falta mais do que um passo. O que pode detê-lo? A lei? Mas a lei não abrange todos os casos. Dirão que é a consciência e o sentimento do dever? Mas no que vocês baseiam o sentimento do dever? Esse sentimento teria uma razão de ser com a crença de que tudo termina com a vida? Com essa crença, apenas uma máxima é racional: cada um por si; as ideias de fraternidade, de consciência, de dever, de humanidade e até mesmo de progresso não passam de palavras vãs. Ah, vocês que proclamam tais doutrinas, vocês não sabem todo o mal que fazem à sociedade, nem por quantos crimes vocês assumem a responsabilidade! Mas o que falo sobre responsabilidade? Para o cético, isso não existe, ele não presta homenagem a não ser à matéria.

IV

O progresso da humanidade tem seu princípio na aplicação da lei de justiça, de amor e de caridade. Essa lei está fundada na certeza do futuro: se vocês tirarem essa certeza, tirarão também a sua pedra fundamental. Dessa lei derivam todas as outras, porque ela contém todas as condições da felicidade do homem. Exclusivamente ela pode curar as chagas da sociedade, e, comparando as épocas e ***os povos***, o homem pode julgar quanto sua condição melhora à medida que essa lei é mais bem compreendida e mais bem praticada. Se sua aplicação parcial e incompleta já produz um bem real, o

que não acontecerá quando ela for a base de todas as suas instituições sociais! Isso é possível? Perfeitamente, porque se alguém já deu dez passos, pode dar vinte, e assim por diante. Portanto, podemos julgar o futuro pelo passado. Já vimos pouco a pouco se extinguirem as antipatias de um povo a outro; as barreiras que os separam diminuem mediante a civilização; eles se dão as mãos de um extremo a outro do mundo; uma justiça maior preside as leis internacionais; as guerras tornam-se cada vez mais raras e elas não excluem os sentimentos humanitários; a uniformidade se estabelece nas relações; as discriminações de raças e de castas se apagam, e os homens de crenças diversas fazem calar os preconceitos de seitas para se unirem na adoração a um Deus único. Falamos dos povos que marcham à frente da civilização. (Ver as questões de 789 a 793.) Apesar de todos esses aspectos, ainda estamos longe da perfeição, e ainda existem muitas ruínas velhas a serem abatidas até que tenham desaparecido os últimos vestígios da barbárie. Mas essas ruínas poderão continuar contra a força irresistível do progresso e contra essa força viva que é em si mesma uma lei da natureza? Se a presente geração é mais avançada do que a passada, por que aquela que nos sucederá não será mais avançada do que a nossa? Ela assim será pela força das coisas; inicialmente porque com as gerações se extinguem dia a dia alguns campeões dos velhos abusos, e assim a sociedade se forma pouco a pouco de elementos novos que estão livres de velhos preconceitos; em segundo lugar porque o homem, desejando o progresso, estuda os obstáculos e se põe a removê-los. Desde então que o movimento progressivo é incontestável, o progresso a vir não seria duvidoso. O homem quer ser feliz, e isso faz parte da natureza; portanto, ele procura o progresso apenas para aumentar sua felicidade — sem o que o progresso não teria sentido. De que serviria o progresso para ele, se isso não melhorasse a sua posição? Mas, quando tiver desfrutado o máximo de todos os prazeres que o progresso intelectual lhe pode proporcionar, ele perceberá que não tem a felicidade completa e reconhecerá que essa felicidade é irrealizável sem a segurança dos relacionamentos sociais. E essa segurança ele só pode encontrar no progresso moral. Então, pelas circunstâncias, ele mesmo conduzirá o progresso nesse sentido, e o espiritismo lhe oferecerá a mais poderosa alavanca para atingir esse objetivo.

V

Aqueles que dizem que as crenças espíritas ameaçam invadir o mundo acabam proclamando assim a força dessas crenças, porque uma ideia sem fundamento e destituída de lógica não poderia se tornar universal. Portanto, se o espiritismo se espalha por toda parte e se ele é seguido principalmente nas classes instruídas — como todos reconhecem — é que ele tem um fundo de verdade. Contra essa tendência todos os esforços de seus detratores serão inúteis, e a prova disso é que até mesmo o ridículo com que procuram lhe cobrir, longe de deter sua marcha, parece ter dado uma nova vida para ele. Esse resultado justifica plenamente o que nos dizem repetidas vezes os Espíritos: "Não se inquietem com a oposição; tudo o que fizerem contra vai retornar a vosso favor, e ***os vossos maiores adversários servirão à vossa causa, mesmo sem querer.*** Contra a vontade de Deus, a má vontade dos homens não poderia prevalecer."

Com o espiritismo, a humanidade deve entrar numa nova fase: a do progresso moral, que é sua consequência inevitável. Por isso, deixem de se espantar com a rapidez com que as ideias espíritas se propagam; a causa disso está na satisfação que elas proporcionam a todos os que nelas se aprofundam e que nelas veem algo mais do que um fútil passatempo. Ora, como o homem quer sua felicidade antes de tudo, não é de estranhar que ele se apegue a uma ideia que torne as pessoas felizes.

O desenvolvimento dessas ideias apresenta três períodos distintos: o primeiro é o da curiosidade provocada pela estranheza dos fenômenos que se produziram; o segundo, do raciocínio e da filosofia; o terceiro é o da aplicação e das consequências. O período da curiosidade já passou; a curiosidade não dura mais do que um breve momento: uma vez satisfeita, largamos esse propósito e passamos a outro. O mesmo não acontece com o que se refere ao pensamento sério e ao raciocínio. O segundo período começou, e o terceiro seguirá inevitavelmente. O espiritismo progrediu sobretudo depois de ter sido mais bem compreendido na sua essência, desde que percebemos o seu alcance, pois ele toca no ponto mais sensível do homem: o de sua felicidade — até mesmo neste mundo; aí está a causa de sua propagação, o segredo da

força que o fará triunfar. Ele torna felizes aqueles que o compreendem, enquanto sua influência se estende sobre as multidões. Até mesmo aquele que nunca testemunhou nenhum fenômeno físico das manifestações se diz: além desses fenômenos, existe a filosofia; essa filosofia me explica o que NENHUMA outra havia me explicado; nela eu encontro — só pelo raciocínio — uma demonstração ***racional*** dos problemas que interessam no mais alto grau ao meu futuro; ela me proporciona a calma, a segurança e a confiança; ela me livra do tormento da incerteza e, ao lado disso, a questão dos fatos materiais passa a ser secundária. Vocês todos que atacam essa filosofia, querem um meio de combatê-la com sucesso? Aqui está: substituam-na por algo melhor; encontrem uma solução MAIS FILOSÓFICA a todas as questões que ela resolveu; ofereçam ao homem OUTRA CERTEZA que o torne mais feliz, e compreendam bem o alcance dessa palavra ***certeza*** — já que o homem não aceita como ***certo*** senão o que lhe pareça ***lógico***. Não se contentem em dizer: isto não é assim, isto é mais fácil; mas provem, não por uma negação, e sim por meio de fatos, que isso não é real, nunca foi e não PODE ser; se não é, digam sobretudo o que poderia ser em seu lugar; provem enfim que as consequências do espiritismo não tornam os homens melhores e, portanto, mais felizes, pela prática da mais pura moral evangélica — moral que é bastante louvada, mas pouco praticada. Quando vocês tiverem feito isso, terão o direito de atacá-lo. O espiritismo é forte porque se apoia nas próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras, e principalmente porque ele mostra essas penas e essas recompensas como consequências naturais da vida terrestre, e que nada no quadro que ele oferece do futuro pode ser recusado pela razão mais exigente. Vocês, cuja doutrina inteira consiste na negação do porvir, que compensação vocês oferecem aos sofrimentos aqui da Terra? Vocês se apoiam na incredulidade, o espiritismo se apoia na confiança em Deus; enquanto ele convida os homens à felicidade, à esperança e à verdadeira fraternidade, vocês oferecem o NADA como perspectiva e o EGOÍSMO como consolação. Ele explica tudo e vocês não explicam nada; ele prova pelos fatos e vocês não provam nada: como querem comparar essas duas doutrinas?

VI

Seria fazer uma ideia muito falsa do espiritismo acreditar que ele extraia sua força da prática das manifestações materiais, e que impedindo essas manifestações fosse possível miná-lo em sua base. Sua força está na filosofia, no apelo que ele dá à razão e ao bom senso. Na Antiguidade ele era objeto de estudos misteriosos, cuidadosamente escondidos do povo comum; hoje, não há mais segredos para ninguém: ele fala uma linguagem clara, sem ambiguidade. Nele não há nada de místico, nada de alegorias passíveis de falsas interpretações: ele quer ser compreendido por todos, pois chegou a hora de revelar a verdade aos homens. Longe de se opor à difusão da luz, ele a deseja para todo o mundo; não exige uma crença cega e quer que se saiba por que se crê; ao se apoiar na razão, ele será sempre mais forte do que aqueles que se apoiam no nada. Os entraves que tentarem antepor à liberdade das manifestações poderiam sufocá-las? Não, pois elas produziriam o efeito de todas as perseguições: o de estimular a curiosidade e o desejo de conhecer o que fosse proibido. Por outro lado, se as manifestações espíritas fossem privilégio de um único homem, ninguém duvida que, pondo esse homem de lado, seria possível pôr fim às manifestações. Mas infelizmente para os adversários, as manifestações estão à disposição de todos e são utilizadas tanto pelos mais simples quanto pelos maiores, desde o palácio até o casebre. Pode-se proibir seu exercício público, mas sabemos precisamente que não é em público que elas se produzem melhor: é na intimidade. Ora, como cada um pode ser um médium, quem poderia impedir uma família no seu lar, um indivíduo no silêncio de seu gabinete ou o prisioneiro sob as grades de ter comunicação com os Espíritos, à contragosto e até diante dos esbirros?[67] Se as manifestações podem ser interditadas num país, poder-se-ia impedi-las nos países vizinhos ou no mundo inteiro, uma vez que não há um país, em nenhum dos continentes, onde não haja médiuns? Para encarcerar todos os médiuns seria preciso prender a metade da população humana. E mesmo que conseguissem queimar todos os livros espíritas — o que não seria muito fácil

[67] Esbirro: oficial do tribunal na Idade Média encarregado das funções mais grosseiras. — N. T.

— ainda assim no dia seguinte esses livros seriam reproduzidos, porque sua fonte é inatacável e porque não se pode nem prender nem queimar os Espíritos, que são seus verdadeiros autores.

O espiritismo não é obra de um homem; ninguém pode dizer que é o seu criador, porque ele é tão antigo quanto a criação; encontra-se por toda parte, em todas as religiões e na religião católica mais ainda, e com mais autoridade do que em tantas outras, porque nela se encontra o princípio de tudo: os Espíritos de todos os graus, suas relações ocultas e patentes com os homens, os anjos guardiões, a reencarnação, a emancipação da alma durante a vida, a dupla vista, as visões, as manifestações de todos os tipos, as aparições e até mesmo as aparições tangíveis. Com relação aos demônios, eles não são outra coisa senão Espíritos maus — exceção feita à crença de que teriam sido destinados ao mal por toda a eternidade, enquanto o caminho do progresso estaria livre para os Espíritos. Entre eles, só existe a diferença de nome.

O que a ciência espírita moderna faz? Ela reúne num só corpo o que estava esparso; explica em termos próprios o que estava somente em linguagem alegórica; elimina o que a superstição e a ignorância geraram para deixar apenas a realidade e o positivo: eis o seu papel. Mas o papel de fundadora não lhe cabe: ela mostra o que é, ela coordena, mas não cria nada, pois seus fundamentos pertencem a todos os tempos e a todos os lugares. Quem então ousaria se acreditar forte o suficiente para abafá-la sob os sarcasmos e até mesmo com perseguição? Se a condenarem num lugar, ela renasce em outros, no próprio terreno de onde a baniram, porque ela faz parte da natureza e não é possível o homem anular uma força da natureza, nem opor seu ***veto*** aos decretos de Deus.

Afinal, que interesse haveria em entravar a propagação das ideias espíritas? É bem verdade que essas ideias se levantam contra os abusos que brotam do orgulho e do egoísmo, mas esses abusos — dos quais alguns se aproveitam — prejudicam a coletividade. Portanto, ele tem a seu favor a coletividade, e só terá como adversários sérios aqueles que estão interessados em manter esses abusos. Por sua influência, ao contrário, essas ideias — tornando os homens melhores uns para com os outros, menos ávidos de interesses materiais e mais resignados aos decretos da Providência — são

uma garantia de ordem e de tranquilidade.

VII

O espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, os princípios de filosofia e de moral que delas decorrem, e a aplicação desses princípios; daí as três classes, ou melhor, as três graduações entre os seus adeptos: 1ª) os que acreditam nas manifestações e se limitam em constatá-las: para eles, trata-se de uma ciência experimental; 2ª) os que compreendem suas consequências morais; 3ª) os que praticam, ou se esforçam para praticar essa moral. Qualquer que seja o ponto de vista — científico ou moral — sob o qual se encare esses fenômenos estranhos, cada um deles significa que é uma ordem de ideias totalmente nova que surge, cujas consequências não podem ser senão uma profunda modificação no estado da humanidade, e cada qual compreende também que essa modificação só pode acontecer no sentido do bem.

Quanto aos adversários, podemos classificá-los também em três categorias: — 1ª) aqueles que negam sistematicamente tudo o que é novo ou que não vem deles, e que dele falam sem conhecimento de causa. A essa classe pertencem todos os que não admitem nada fora do testemunho dos sentidos; não viram nada, nada querem ver e muito menos se aprofundar a respeito. Ficariam até mesmo aborrecidos se vissem as coisas muito claramente, com medo de serem forçados a admitir que não têm razão. Para eles, o espiritismo é uma quimera, uma loucura, uma utopia; ele não existe: está dito tudo. São os incrédulos partidários. Ao lado deles nós podemos colocar aqueles que não se dignam em dar aos fatos a mínima atenção, nem por desencargo de consciência, a fim de poderem dizer: Eu quis ver e não vi nada. Eles não compreendem que seja preciso mais de meia hora para se dar conta de toda uma ciência. — 2ª) Aqueles que, sabendo muito bem o que pensar da realidade dos fatos, mesmo assim os combatem por motivos de interesse pessoal. Para eles, o espiritismo existe, mas eles têm medo de suas consequências e então o atacam como a um inimigo. — 3ª) Aqueles que

encontram na moral espírita uma censura muito severa aos seus atos e às suas tendências. O espiritismo levado a sério os incomodaria; eles nem o rejeitam nem o aprovam: preferem fechar os olhos. Os primeiros são dominados pelo orgulho e pela presunção; os da segunda ordem, pela ambição; os terceiros, pelo egoísmo. Concebemos que essas causas de oposição, não tendo nada de consistente, devem desaparecer com o tempo, pois em vão procuraríamos uma quarta classe de antagonistas, a que se apoiaria sobre provas contrárias concretas, e atestando um estudo conscienciosо e laborioso da questão; como todos se opõem apenas à negação, nenhum contém uma demonstração séria e irrefutável.

Seria esperar demais da natureza humana acreditar que ela pudesse se transformar subitamente através das ideias espíritas. A ação dessas ideias não é claramente nem a mesma e nem no mesmo grau em todos aqueles que as professam. Mas seja qual for o resultado, por pequeno que seja, é sempre um melhoramento, ainda que fosse para dar a prova da existência de um mundo extracorpóreo — o que implica a negação das doutrinas materialistas. Isso é a própria consequência da observação dos fatos, mas para aqueles que compreendem o espiritismo filosófico e veem nele além dos fenômenos mais ou menos curiosos, ele tem outros efeitos: o primeiro e o mais generalizado é de desenvolver o sentimento religioso até mesmo naquele que, sem ser materialista, sente apenas indiferença pelas coisas espirituais. Disso resulta para ele o desprezo da morte; não nos referimos a desejar a morte, longe disso, porque o espírita defenderá sua vida como qualquer pessoa, mas uma indiferença que faz aceitar — sem queixas e sem lamentos — uma morte inevitável, como uma coisa antes feliz do que temível, pela certeza do estágio que lhe sucede. O segundo efeito, quase tão comum quanto o primeiro, é a resignação nas dificuldades da vida. O espiritismo faz ver as coisas de tão alto que a vida terrestre perde três quartas partes da sua importância, e o homem não se aflige tanto com as tribulações que o acompanham: daí, quanto mais coragem nas aflições, mais moderação nos desejos; daí também o afastamento do pensamento de abreviar seus dias, porque a ciência espírita ensina que, pelo suicídio, sempre se perde o que se queria ganhar. A certeza de um futuro que depende de nós tornar feliz e a possibilidade de estabelecer

relacionamentos com os seres queridos oferecem ao espírita uma consolação suprema. Seu horizonte se agiganta até o infinito pelo espetáculo incessante que ele tem da vida de além-túmulo, da qual ele pode sondar os mistérios profundos. O terceiro efeito é estimular no homem a indulgência para com os defeitos alheios. Mas é preciso dizer claramente que o princípio egoísta e tudo que dele decorre são o que existe de mais obstinado no homem e, por isso, o mais difícil de ser arrancado pela raiz. Faz-se sacrifícios voluntariamente, contanto que nada lhes custem e principalmente não os privem de nada; o dinheiro ainda é um atrativo irresistível para a maioria das pessoas, e bem poucos compreendem a palavra supérfluo, quando se trata de sua pessoa. Assim, a renúncia da individualidade é o sinal do mais eminente progresso.

VIII

Algumas pessoas perguntam: os Espíritos nos ensinam uma moral nova, ou seja, algo superior ao que o Cristo ensinou? Se essa moral for a mesma do Evangelho, então para que serve o espiritismo? Esse raciocínio curiosamente se assemelha ao do califa Omar referindo-se à biblioteca de Alexandria, dizendo: “Se ela não tiver nada mais do que já existe no Alcorão, então ela é inútil e, portanto, deve ser queimada; se tiver outra coisa, ela é má e, portanto, deve ser queimada do mesmo jeito.” Não, o espiritismo não contém uma moral diferente daquela de Jesus; mas, por nossa vez, perguntaremos: antes de Cristo, os homens não tinham a lei dada por Deus a Moisés? Sua doutrina não está presente no Decálogo? Por isso, irão dizer que a moral de Jesus era inútil? Perguntaremos ainda àqueles que negam a utilidade da moral espírita, por que a do Cristo é tão pouco praticada e por que aqueles mesmos que proclamam justamente sua sublimidade são os primeiros a violar a primeira de suas leis: ***a caridade universal***. Os Espíritos vêm não apenas confirmá-la, mas mostram sua utilidade prática; eles tornam compreensíveis e patentes as verdades que tinham sido ensinadas apenas sob uma forma alegórica; e, ao lado da moral, eles vêm especificar os problemas mais abstratos da psicologia.

Jesus veio mostrar aos homens a rota do verdadeiro bem; por que então

Deus — que o enviou para fazer lembrar sua lei desprezada — não enviaria hoje os Espíritos a fim de a lembrarem novamente, e com mais precisão, já que a esqueceram para tudo sacrificar ao orgulho e à cobiça? Quem ousaria impor limites ao poder de Deus e lhe traçar seus desígnios? Quem nos diz que — como afirmam os Espíritos — os tempos preditos já não se cumpriram e que nós não chegamos ao tempo em que as verdades mal compreendidas ou falsamente interpretadas devam ser ostensivamente reveladas ao gênero humano para apressar seu avanço? Não há algo de providencial nessas manifestações que se produzem simultaneamente em todos os pontos do globo? Não é apenas um único homem ou um profeta que vem nos advertir: a luz surge de todas as partes; é um mundo totalmente novo que se desdobra aos nossos olhos. Assim como a invenção do microscópio nos revelou o mundo dos seres infinitamente pequenos que desconhecíamos, e assim como a invenção do telescópio nos revelou milhares de mundos que também não conhecíamos, as comunicações espíritas nos revelam o mundo invisível que nos cerca, nos cutuca sem cessar e ocultamente participam do que nós fazemos. Mais algum tempo e a existência desse mundo — que é aquele que nos espera — também será tão incontestável quanto o mundo microscópico e dos globos perdidos no espaço. Então, de nada valeria nos terem feito conhecer todo um mundo e de nos ter iniciado nos mistérios da vida além-túmulo? É verdade que essas descobertas — se é que podemos lhes dar esse nome — contrariam de certo modo certas ideias preconcebidas, mas não é que todas as grandes descobertas científicas também não modificaram e até desarrumaram as ideias mais consagradas? E não foi necessário que o nosso amor-próprio se curvasse diante da evidência? O mesmo acontecerá com relação ao espiritismo, e em pouco tempo ele terá direito à cidadania entre os conhecimentos humanos.

As comunicações com os seres do além-túmulo tiveram como resultado nos fazer compreender a vida futura, nos fazer vê-la, nos apresentar aos sofrimentos e aos prazeres que nos esperam conforme nossos méritos, e por isso mesmo encaminhar ao ***espiritualismo*** aqueles que não viam em nós nada mais que a matéria, que uma máquina organizada. Também tivemos razão em dizer que o espiritismo matou o materialismo pelos fatos. Se ele

tivesse produzido apenas esse resultado, a sociedade já lhe deveria tal reconhecimento; porém ele faz mais do que isso: ele mostra os inevitáveis efeitos do mal e, consequentemente, a necessidade do bem. O número daqueles que ele conduziu a sentimentos melhores, nos quais ele neutralizou as más tendências e desviou do mal é maior do que se pode imaginar — e cresce todos os dias. É para estes que o futuro deixou de ser vago; isso não é mais uma simples esperança: é uma verdade que se compreende e que se explica quando ***vemos*** e ***ouvimos*** aqueles que nos deixaram, a se lamentar ou a se felicitar pelo que fizeram na Terra. Quem é testemunha disso se põe a refletir, e sente a necessidade de se conhecer, de se julgar e de se corrigir.

IX

Os adversários do espiritismo não deixaram de se armar contra ele com algumas divergências de opiniões sobre determinados pontos da Doutrina. Não é de admirar que no início de uma ciência — quando as observações ainda estão incompletas e que cada um a encara sob o seu ponto de vista — sistemas contraditórios pudessem se produzir. Mas hoje três quartas partes desses sistemas já tombaram diante de um estudo mais aprofundado, a começar pelo que atribuía todas as comunicações ao Espírito do mal, como se fosse impossível a Deus enviar bons Espíritos aos homens: um sistema absurdo, pois é desmentido pelos fatos; um sistema ímpio, porque é a negação do poder e da bondade do Criador. Os Espíritos sempre nos aconselharam a não nos inquietarmos com essas divergências, pois a unidade se faria: ora, a unidade já está feita sobre a maioria dos pontos, e as divergências tendem a desaparecer a cada dia. Fez-se uma questão: Esperando que a união se faça, sobre o que o homem imparcial e desinteressado pode se basear para formar um julgamento? — E aqui está a resposta:

“A luz mais pura não é obscurecida por nenhuma nuvem; o diamante sem mancha é aquele que tem mais valor. Portanto, julguem os Espíritos pela pureza dos seus ensinamentos. Não esqueçam que entre os Espíritos existem aqueles que ainda não se livraram das ideias da vida terrestre; saibam

distingui-los por sua linguagem; julguem pelo conjunto do que eles dizem; vejam se existe um encadeamento lógico em suas ideias; se nada nelas detecta ignorância, orgulho ou malevolência; resumindo, se suas palavras trazem sempre a marca da sabedoria que detecta a verdadeira superioridade. Se o vosso mundo fosse inacessível ao erro, ele seria perfeito — e ele está longe disso. Vocês ainda estão nele para aprender a distinguir o erro da verdade; faltam-lhes as lições da experiência para exercerem o vosso julgamento e vos fazer avançar. A unidade se fará do lado em que o bem nunca for misturado com o mal; é desse lado que os homens se reunirão pela força das coisas, porque eles reconhecerão que deste lado está a verdade.

"Aliás, que importam algumas dissidências, que estão mais na forma do que na essência?! Notem que os princípios fundamentais por toda parte são os mesmos e devem vos unir por um pensamento comum: o amor a Deus e à prática do bem. Então, seja qual for o modo de progresso que se supõe, ou as condições normais de existência futura, o objetivo final é o mesmo: fazer o bem. Ora, não há duas maneiras de fazer isso."

Se entre os adeptos do espiritismo existem aqueles que diferem de opinião sobre alguns pontos da teoria, todos concordam sobre os pontos fundamentais. Portanto, há uma unidade, exceto da parte dos que, em número muito pequeno, não admitem ainda a intervenção dos Espíritos nas manifestações, e que as atribuem ou a causas puramente físicas — o que é contrário a este axioma: Todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente — ou as atribuem a um reflexo do nosso próprio pensamento — o que é desmentido pelos fatos. Os outros pontos são apenas secundários e não comprometem em nada as bases fundamentais. Com isso, pode haver escolas que procurem se esclarecer sobre as partes ainda controvertidas da ciência, mas não deve haver seitas rivais umas das outras. Não haveria antagonismo a não ser entre aqueles que queiram o bem e aqueles que fariam ou desejariam o mal: ora, não existe um espírita sincero e compenetrado dos grandes ensinamentos morais ensinados pelos Espíritos que possa querer o mal nem desejar o mal ao seu próximo, sem distinção de opinião. Se uma dessas escolas estiver no erro, cedo ou tarde a luz se fará para ela, desde que ela busque essa luz de boa-fé e sem preconceito. Enquanto isso, todas têm um

laço comum que deve uni-las em um mesmo pensamento: todas elas têm um mesmo objetivo. Então, pouco importa o trajeto, uma vez que esse trajeto conduz a esse objetivo. Nenhuma dessas escolas espíritas deve se impor pelo constrangimento material ou moral, e estaria no caminho falso apenas aquela que lançasse anátema à outra, porque ela agiria evidentemente sob a influência de maus Espíritos. A razão deve ser o supremo argumento, e a moderação assegurará o triunfo da verdade melhor do que as críticas envenenadas pela inveja e pelo ciúme. Os bons Espíritos ensinam apenas a união e o amor ao próximo, pois um pensamento maldoso ou contrário à caridade nunca poderia vir de uma fonte pura. E para concluirmos, ouçamos sobre este assunto os conselhos do Espírito de santo Agostinho:

"Por muito tempo os homens lutaram entre si e remeteram anátema uns contra os outros em nome de um Deus de paz e de misericórdia — e Deus se ofende com tal sacrilégio. O espiritismo é o laço que um dia os unirá, porque lhes mostrará onde está a verdade e onde está o erro. Mas por muito tempo ainda haverá escribas e fariseus que o negarão — como negaram o Cristo. Querem saber então sob a influência de quais Espíritos estão as diversas seitas que dividiram entre si o mundo? Julguem-nas por suas obras e por seus princípios. Jamais os bons Espíritos foram os instigadores do mal; jamais eles aconselharam nem legitimaram o assassinato e a violência; jamais incitaram os ódios das partes, nem a sede das riquezas e das honras, nem a avidez dos bens da Terra. Somente aqueles que são bons, humanos e benevolentes para com todos são seus preferidos, e estes são também os preferidos de Jesus, porque eles seguem o caminho que ele lhes indicou para chegar até ele."

SANTO AGOSTINHO

Participe do curso online

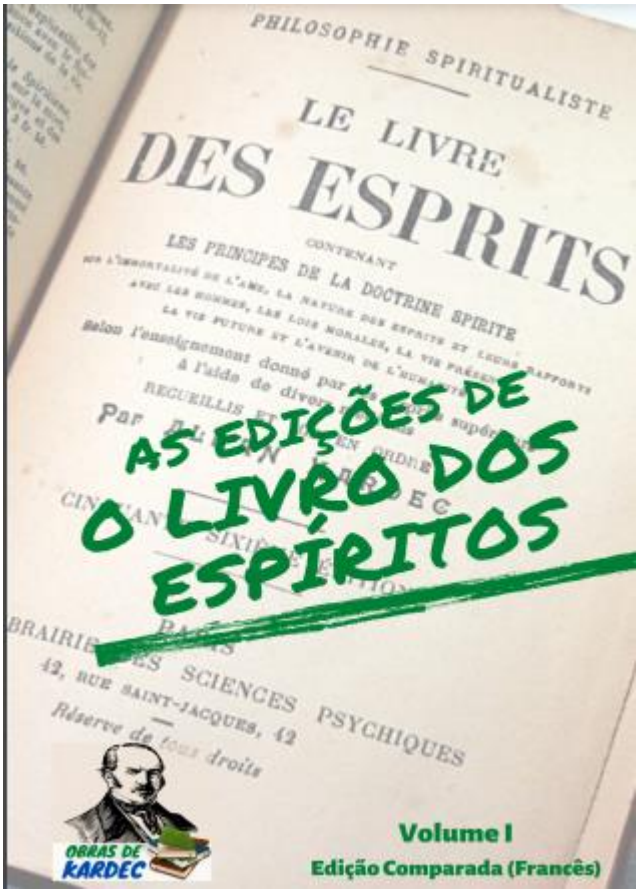
KLE – Estudo de *O Livro dos Espíritos*

promovido pela

PEADE – Plataforma de Estudos Avançados da Doutrina Espírita

www.luzespirita.org.br/peade/

Para os mais estudiosos e demais interessados em conhecer e fazer uma comparação entre as várias edições do conteúdo de ***O Livro dos Espíritos***, nós sugerimos o ebook seguinte:



Download gratuito disponível pelo link:
www.obrasdekardec.com.br/ebooks

Confira também esta obra:
Manual de Consultas: traduções de O Livro dos Espíritos,
copilado por **José Nunes Pereira Sobrinho:**

Download gratuito disponível pelo link:
www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=200

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br